ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO DIRECTOR

DR. MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA

Litterarum seu librorum negotium concludimus humanis esse vitam.

(PHILOBIBLION. CAP. XVI)

1908

VOLUME XXX

SUMMARIO:

—Introducção.

I.—Historia ou Annaes dos Feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 por Jeanne de Laet, Director da mesma Companhia. Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Livros I-IV. 1

II.—«Yêterê,» o «Stammvater» dos Indios Maynas. Esboço ethnologico-linguistico de Rodolpho R. Schuller. 167

III.—Memoria sobre o Estado Actual da Capitania de Minas Geraes por José Eloi Ottoni. 301

IV.—A Bibliotheca Nacional em 1907. Relatorio. 319

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional

1912

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO

DO DIRECTOR

DR. MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.

(PHILOBIBLION. CAP. XVI)

1908

VOLUME XXX

SUMMARIO:

« Introducção. . . . . .

I.—Historia ou Annaes dos Feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636 por Joannes de Laet, Director da mesma Companhia. Traducção dos Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Livros I-IV. 1

II.—«Yñeryo,» o «Stammvater» dos Indios Maynas. Esboço ethnologico-linguistico de Rodolpho R. Schuller. 167

III.—Memoria sobre o Estado Actual da Capitania de Minas Geraes por José Eloi Ottoni. 301

IV.—A Bibliotheca Nacional em 1907. Relatorio. 319

RIO DE JANEIRO

Officinas Graphicas da Bibliotheca Nacional

1912

INTRODUCÇÃO

Repositorio de informações da maior importancia para o estudo da historia do primeiro periodo do dominio hollandez no Brasil, a *Historie ofte Iaerlijck Verhael van de verrichtinghen der Geoctroyeerde West-Indische Compagnie, zedert haer begin tot het eynde van't jaer sesthien-hondert ses-en-dertich*, de João de Laet, publicada em Leyde em 1644, é a principal fonte a que têm ido buscar subsidios os que têm escripto sobre o assumpto.

Baseada em documentos compulsados pelo auctor, cuja qualidade de Director da Companhia das Indias Occidentaes o indicava como quem melhor pudesse escrever-lhe a historia, a obra de Laet impõe-se como uma relação fidedigna dos acontecimentos de que foi theatro o Brasil hollandez, como uma descripção minuciosa dos feitos da Companhia até 1636. Áquella qualidade alliava o auctor a de experimentado escriptor, que já em 1625 havia dado á publicidade uma obra notavel, *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van Westindien*, da qual deu em 1630 nova edição augmentada e em 1633 a traducção que fez para o latim—sob o titulo—*Novus orbis seu descriptionis Indiæ Occidentalis libri XVIII*.

Dos treze livros em que se divide a *Historie ofte Iaerlijck Verhael* foram traduzidos para o portuguez os quatro primeiros pelo Dr. José Hygino Duarte Pereira, publicados por José de Vasconcellos sob o titulo: *Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de 1636*... Pernambuco. Typ. do Jornal do Recife. 1874.

A traducção ficou interrompida e na parte não traduzida estavam exactamente os livros que mais de perto nos interessava conhecer. Completou-a o Dr. Pedro Souto Maior em desempenho do encargo que lhe fora commettido por esta Bibliotheca, traduzindo assim as seguintes partes componentes da obra de Laet:—Ás Nobres e Altas Potencias os Senhores Estados da Hollanda e Frisia Occidental (Dedicatoria), Privilegio (Licença para a publicação da obra), Privilegio concedido pelas Nobres e Altas Potencias os Senhores Estados Geraes á Companhia das Indias Occidentaes em data de 3 de Junho de 1621, com a ampliação do mesmo e o accordo entre os Directores e principaes accionistas da Companhia, Nomes dos Snrs. Directores que serviram desde o principio da Companhia até ao fim do anno de 1636, Advertencia, Livros 5º a 13º, Supplementos aos livros 2º e 6º, Breve Noticia e Indice das cousas principaes.

Devidamente auctorisada a reeditar os livros 1º a 4º traduzidos pelo Dr. José Hygino, a Bibliotheca Nacional ficou habilitada a publicar a traducção integral daquella obra, o que agora inicia e concluirá proximamente.

Contribuiu para o presente volume com um curioso trabalho inedito o reputado philologo e americanista Dr. Rodolpho R. Schuller.

A proposito da lenda cosmogonica dos indios Maynas, a que se referiu o Padre Francisco de Figueroa na sua *Relacion de las misiones de la Compañia de Jesús en el pais de los Maynas* e segundo a qual «Yñerre» é o creador do mundo e ao mesmo tempo o tronco d'onde provem a tribu, o Dr. Schuller compara vocabulos de diversas linguas americanas, principalmente nomes de parentesco, com o fim de demonstrar analogias e affinidades existentes entre os varios grupos linguisticos e d'ahi concluir que as diversas tribus das regiões centraes e septentrionaes da America do Sul constituem uma unidade homogenea linguistica e ethnologica.

Na «Memoria sobre o estado actual da Capitania de Minas Geraes» que em 1798 compoz José Eloy Ottoni, estuda este as causas que naquella epoca contribuiam para a decadencia da

Capitania e a da industria da extracção do ouro e, examinando os meios propostos como mais efficazes para a solução do problema, suggere ideias e lembra providencias que se lhe afiguram de molde a animar a população do paiz e a restabelecer a perdida prosperidade.

As difficuldades resultantes da transferencia da Bibliotheca para o novo edificio que lhe foi destinado, da installação de novos serviços e da remodelação por que passou o estabelecimento explicam a demora com que apparece o presente volume dos nossos Annaes. Normalisada porem a situação da Bibliotheca e melhor apparelhadas as suas officinas graphicas, é de esperar que dentro em breve estejam em dia as suas publicações e passem a sahir com regularidade.

M. C.

HISTORIA OU ANNAES

DOS FEITOS DA

Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes

desde o seu começo até ao fim do anno de 1636

POR

Joannes de Laet

Director da mesma Companhia

Tradução dos Drs. José Hygino Duarte Pereira
e Pedro Souto Maior

A's Nobres e Altas Potencias os Senhores Estados da Hollanda e Frisia Occidental.

Mui Nobres e Poderosos Senhores.

A maior parte dos recursos com que o Rei da Hespanha por tantos annos perturbou a paz de todo o mundo, especialmente da christandade, e hostilizou tão gravemente estas Provincias-Unidas veio-lhe principalmente das suas riquissimas possessões da America. E' notorio que daquelles paizes elle tem retirado annualmente enormes riquezas em ouro e prata. Aquillo que outros reis e potentados em varias occasiões e com o intuito de o guerrear pretenderam e não conseguiram fazer, fizeram as Provincias Unidas, apezar de virem por ultimo, não sendo ellas do numero dos inimigos que menos lhe embaraçaram e desfalcaram as rendas.

Desde que foi fundada e começou a funccionar a Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes, começou-se a notar quanto tem diminuido os cabedaes e as rendas daquelle rei e quanto tem decrescido o seu antigo poder. E' actualmente manifesta a fraqueza daquelle grande reino, corpo cujos braços já pendem inertes, abatido por um tão fraco adversario. Deixou-se dominar pelo medo um potentado que a todos os outros inspirava terror. Esta breve relação dos feitos annuaes da Companhia das Indias Occidentaes, que submetto a Vossas Nobres e Altas Potencias, será disto um attestado. A conquista de tão vastas e ricas regiões tomadas ao rei da Hespanha, a perda de enormes thesouros, a captura e destruição de muitos navios, a occupação e arrazamento de muitas praças fortes, tudo realisado por uma fraca Companhia mostra sufficientemente quanto se teria conseguido com maiores recursos.

Deixo á sabedoria de Vossas Nobres e Altas Potencias considerar o interesse que lhes deve inspirar esta Companhia e a conveniencia de a auxiliar constantemente, impedindo que ella se dissolva ou se entibie por deficiencia de meios, porquanto ao inimigo capital de Vossas Altas e Nobres Potencias e de vossos subditos não haveria noticia mais agradavel do que ver destruido

aquelle obstaculo. Não ha afinal meio mais expedito e seguro de chamar o inimigo á razão do que guerreal-o continuamente na America e assim supprimir a fonte de suas melhores rendas, para o que não faltarão á Companhia zelo e capacidade, bastando que o governo se digne de lhe dar a mão.

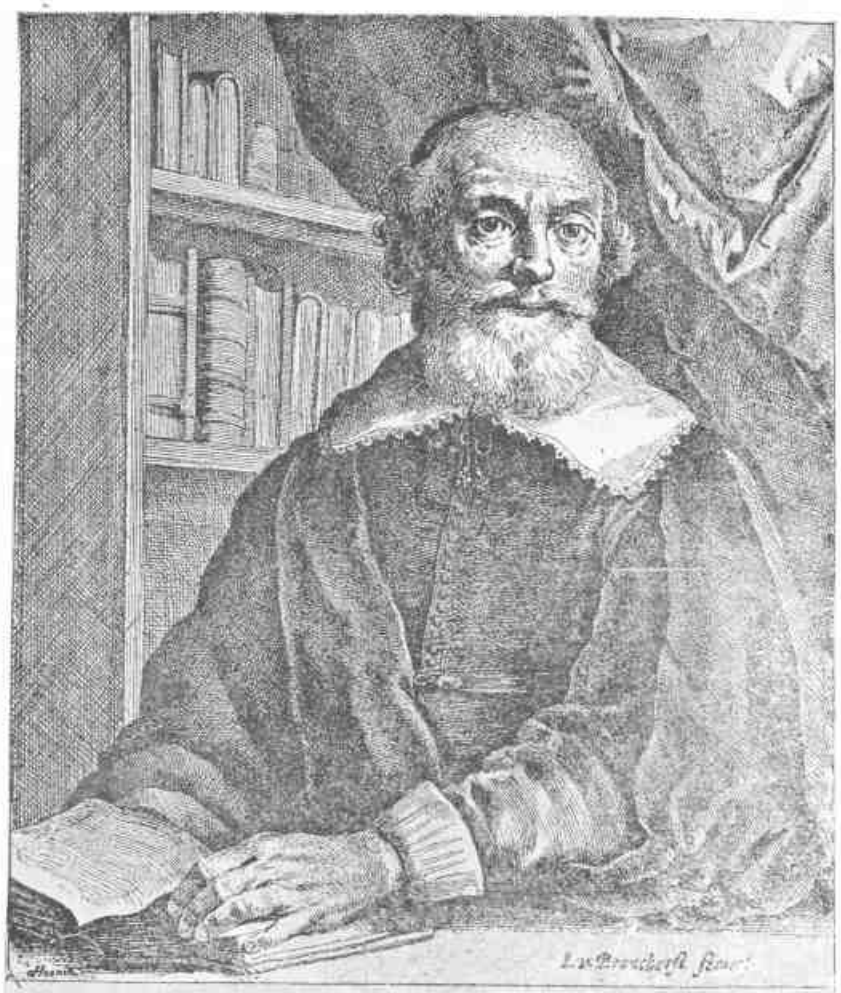
Ha ainda a referir maiores acções que com o auxilio divino foram praticadas nos annos seguintes, das quaes farei outra narração si este modesto trabalho for agradavel a Vossas Nobres e Altas Potencias.

Deus Todo Poderoso, que com a sua graça tem por longos annos defendido e coberto de bençãos este Estado, ha de abençoar cada vez mais o governo de Vossas Nobres e Altas Potencias, como incessantemente lhe roga

De Vossas Nobres e Altas Potencias o humilde servo

JOANNES DE LAET

Em Leyde, aos 8 de Setembro do anno de 1644.



JOANNES DE LAET ANTWERPIANUS.
Anno. Ætatis. lx. cIↃIↃcxlii.

PRIVILEGIO

Os Estados da Hollanda e da Frisia Occidental, pela presente deram e dão licença e concessão a Johan de Laet, morador em Leyde, para que, durante o prazo dos 12 seguintes annos, só elle possa no territorio da Hollanda e Frisia Occidental mandar imprimir e publicar a obra intitulada «Annaes dos Feitos da Companhia das Indias Occidentaes», confida em 13 livros e ornada com diversas gravuras para intelligencia da mesma obra ou Historia.

E prohibimos a todos e a cada um dos habitantes destes paizes que façam imprimir e publicar directa ou indirectamente, no todo ou em parte, em grande ou pequeno formato e em qualquer lingua, ou que a tragam impressa de qualquer outra parte para os nossos territorios da Hollanda e Frisia Occidental a fim de ser vendida ou publicada, sob pena de confiscação de taes exemplares impressos ou livros, alem do pagamento de uma somma de 300 libras flamengas, da qual se applicará uma terça parte em beneficio do official que intentar o processo, outra em favor dos pobres e a restante em beneficio do mencionado Johan de Laet.

E para que o supplicante possa gosar esta nossa licença e concessão, etc.

Dado em Haya sob o nosso grande sello aqui appenso aos 29 de Julho do anno de Nosso Senhor de 1644.

I. DE WASSENAER VT.

Por autorisação dos Estados

H. VAN BEAUMONT

PRIVILEGIO

CONCEDIDO PELAS NOBRES E ALTAS POTENCIAS OS SENHORES ESTADOS GERAES

Á

Companhia das Indias Occidendaes em data de 3 de Junho de 1621

COM A AMPLIAÇÃO DO MESMO E O ACCORDO ENTRE OS DIRECTORES E PRINCIPAES ACCIONISTAS DA COMPANHIA, FEITO COM APPROVAÇÃO DOS DITOS ESTADOS GERAES.

Os Estados Geraes dos Paizes Baixos Unidos a todos que virem ou ouvirem a presente, salve. Fazemos saber: que considerando que o progresso deste paiz e a prosperidade dos seus habitantes consiste principalmente na navegação e commercio, que de tempos immemoriaes se têm estendido a todos os paizes e reinos;

E como desejamos não só que esses habitantes conservem a navegação, o commercio e as profissões que já exercem, mas tambem que augmentem o trafico tanto quanto possivel, especialmente em conformidade dos tratados, allianças, pactos e ajustes que se têm feito sobre o commercio e navegação com outros principes, republicas e povos, que entendemos devem ser pontualmente mantidos e observados em todas as suas partes, e achando por experiencia que sem o auxilio, assistencia e meios de uma Companhia Geral não podem ser levados a effeito, defendidos e mantidos efficazmente nas regiões abaixo mencionadas devido ao grande risco da pirataria, extorsões, etc, a que tão grandes viagens estão sujeitas:

Resolvemos, portanto, attendendo a varias e differentes razões e considerações solidas, após madura deliberação e por motivos urgentes, que a navegação, trafico e commercio nas regiões das Indias Occidentaes e Africa e outras que vão designadas abaixo, não seja feita por outra forma a não ser pelo esforço unido e geral dos commerciantes e habitantes deste paiz, e para esse fim seja organisada uma Companhia Geral, a qual por especial affeição ao bem publico e para conservar os habitantes no bom commercio e prosperidade, manteremos e fortaleceremos com o nosso auxilio, favor e assistencia, para tudo quanto o estado e grandezas presentes de qualquer forma puderem permittir, e provel-a-hemos para isso com a conveniente concessão e com os privilegios e exempções que se seguem:

I. Dentro do prazo de 24 annos nenhum habitante dos Paizes Baixos Unidos ou do estrangeiro poderá, a não ser em nome desta Companhia Unida, negociar ou navegar nas costas e paizes da Africa, desde o Tropico de Cancer até ao Cabo de Bôa Esperança, nem nos paizes da America ou Indias Occidentaes, a começar da extremidade Sul da Terra Nova, pelos estreitos de Magalhães, le Maire ou outras passagens e estreitos proximos até ao Estreito de Anjan, tanto no mar do Norte como no mar do Sul, nem em algumas ilhas situadas de um e d'outro lado e entre ambos, e juntamente nas terras Austraes ou do Sul, que se estendem entre ambos os meridianos e attingem a Leste o Cabo da Bôa Esperança e a Oeste a extremidade oriental da Nova Guiné, inclusive.

E qualquer que, sem consentimento da Companhia, continuar a navegar ou a negociar em algum logar dentro dos supra mencionados limites concedidos á Companhia, soffrerá a pena de confiscação de suas fazendas, assim como dos navios que forem encontrados a commerciar nas costas e regiões já mencionadas, os quaes immediatamente e em qualquer logar podem ser atacados, capturados e confiscados por parte da Companhia e guardados pela mesma em seu beneficio.

E no caso em que taes navios ou fazendas tenham sido vendidos ou tenham entrado em outros paizes ou portos, os armadores e coparticipantes nos lucros podem ser executados pelo valor dos mesmos navios e fazendas, exceptuando-se apenas os que partiram ou foram despachados deste ou de outros paizes para alguma das referidas costas antes da data deste privilegio, os quaes terão licença de continuar o seu trafico até a venda das suas fazendas e voltar para este paiz ou para qualquer outro logar até expirar o seu privilegio (si tiveram algum anteriormente) e não por mais tempo, comtanto que depois do 1º de Julho de 1621, dia do inicio do presente, a ninguem será permittido expedir navio algum ou fazendas para as regiões comprehendidas neste privilegio, visto que antes dessa data a Companhia não estará ainda funccionando; mas devemos prover, como convém, contra os que deliberadamente procurarem, em prejuizo do bem geral, frustrar esta nossa bôa intenção, ficando comprehendido que o trafico do sal em Punta del Rey será continuado de accordo com as condições e instrucções dadas por nós ou com as que dermos mais tarde, sem ficar sujeito de forma alguma ao presente privilegio.

II. Além disso a referida Companhia em nosso nome e autoridade pode fazer contractos, pactos e allianças com os principes e naturaes dos paizes comprehendidos dentro dos limites já mencionados, e igualmente alli construir algumas fortalezas ou fortificações, admittir gente de guerra, nomear governadores e funccionarios de justica e outros, para todos os serviços necessarios á conservação das praças, manutenção da ordem e policia, distribuição de justiça e desenvolvimento do commercio, deportar e demittir os funccionarios e collocar outros em seu logar, segundo achar conveniente ás circumstancias, e além disso prover de população as regiões ferteis e deshabitadas e fazer tudo que for util ao paiz e o que o interesse e o adiantamento do commercio exigirem.

E a Companhia communicar-nos-ha e enviará taes contractos e allianças ao passo que os for effectuando com os principes e nações e ao mesmo tempo nos fará conhecer o estado das fortalezas e fortificações que levantar e o das colonisações que emprehender.

III. No caso de ser escolhido pela Companhia um Governador Geral, poderá este tomar conta do cargo, si tiverem nossa approvação as instrucções por ella formuladas. E além disso taes Governadores Geraes, assim como outros Vice-Governadores, *Commandeurs* e Officiaes, têm de prestar juramento de fidelidade a nós e á Companhia.

IV. E si a Companhia em algum dos referidos logares, com a apparencia de amisade, for illudida ou maltratada ou, adiantando dinheiro ou mercadorias, não se lhe fizer a restituição ou o pagamento, poderá fazer reparar os damnos, segundo as circumstancias do facto e pelos meios da maior equidade.

V. E como para o estabelecimento, segurança e defesa desse commercio, será preciso empregar tropas, proveremos a Companhia, segundo a situação do paiz e as circumstancias, de soldados e officiaes para o campo e para fortificações, tanto quanto necessario, com a condição de serem pagos e mantidos pela Companhia.

VI. Officiaes e soldados, além do juramento que fizerem a nós e á S.ª Ex.ª, devem tambem jurar que obedecerão á Companhia e farão prosperar os seus negocios tanto quanto as suas forças permittirem.

VII. Os prebostes da Companhia podem prender em terra os soldados e outros militares, que estiverem a serviço da mesma e embarcar os presos, em qualquer cidade, praça ou jurisdicção dos paizes em que forem encontrados, devendo igualmente os prebostes informar a respeito desses factos aos officiaes e magistrados das cidades e logares em que taes factos se derem.

VIII. Não lançaremos mão de navio algum, canhões ou munições da Companhia sem o seu consentimento.

IX. Além disso damos licença, privilegiamos e concedemos, como fazemos por meio desta, que ella possa passar com todos os seus navios e fazendas, livres de direitos em qualquer das Provincias Unidas, e que gose da mesma liberdade attribuida aos habitantes livres das cidades deste paiz, apezar de fazerem parte da Companhia pessoas que não gosam daquelle direito.

X. Todas as fazendas que a Companhia, durante os oito annos proximos vindouros, mandar para as regiões das Indias Occidentaes e Africa e outras comprehendidas nos referidos limites, assim como as que ella trouxer de lá, serão livres dos direitos de importação e exportação, ficando entendido que si, terminado o prazo de oito annos, o estado e a situação do paiz não permittirem a sua prorogação por mais alguns annos, as mesmas fazendas ou tambem as mercadorias vindas depois disso, das regiões mencionadas neste privilegio e as exportadas daqui para lá não serão oneradas por nós durante todo o prazo deste privilegio com tributos mais elevados do que os actuaes, a não ser que tenhamos novamente de fazer uma guerra, e nesse caso todas as referidas fazendas e mercadorias não serão oneradas mais do que foram na ultima tabella para tempo de guerra.

XI. E para que a Companhia se organise com um bom governo, para o maior interesse e satisfação de todos os co-participantes, ordenamos que o mesmo governo se componha de cinco camaras de Directores, a saber: uma de Amsterdam, que terá 4/9 partes da administração; uma da Zelandia, com 2/9; uma da Mosa com 1/9; uma da Hollanda Septentrional com 1/9; uma quinta da Frisia e Groninga com 1/9, nas condições determinadas no Registo das nossas resoluções e no acto que neste sentido se passou. As outras provincias devem ter tantos Directores distribuidos pelas mencionadas Camaras quantos cem mil florins houverem fornecido á Companhia.

XII. A Camara de Amsterdam compor-se-ha de 20 Directores, a da Zelandia de 12; as da Mosa e da Hollanda Septentrional de 14 cada uma, e as da Frisia e Groninga de 14 Directores, a não ser que depois se julgue necessario maior numero de pessôas na direcção, e nesse caso poderá esse numero ser augmentado com o conhecimento dos XIX e com a nossa approvação e não d'outra forma.

XIII. Os Estados das Provincias Unidas serão autorisados, tanto pelos deputados ordinarios provinciaes, como pelos Magistrados das cidades das mesmas provincias, a estabelecer regulamentos sobre o registo dos co-participantes e igualmente sobre a eleição dos Directores, segundo acharem conveniente e conforme a constituição das suas provincias, comtanto que não possa ser eleito Director da Camara de Amsterdam quem não tenha por sua conta na Companhia uma parte de 6,000 fl. no minimo, da Camara da Zelandia, sem que tenha empregado a somma de 4,000 fl. e das Camaras da Mosa, da Hollanda Sepetentrional e da Frisia e Groninga sem a somma de 4,000 fl.

XIV. Os primeiros Directores devem servir pelo prazo de seis annos e, terminado o mesmo, deve substituir-se por meio de sorteio uma terça parte daquelles, dous annos depois outra terça parte e d'ahi a dous annos os restantes, e assim successivamente se vão retirando os mais antigos no serviço.

E em logar dos que sahirem ou fallecerem antes ou depois ou deixarem os cargos por qualquer outro motivo, os Directores existentes e os que se retirarem, juntamente com os principaes co-participantes que quizerem vir pessoalmente e á sua custa, nomearão tres pessôas, dentre as quaes as respectivas Provincias, deputados ou magistrados devem fazer a escolha do novo Director e assim preencher successivamente os logares vagos. E devem ser considerados principaes co-participantes os que tiverem por sua conta empregado capital equivalente ao dos respectivos Directores.

XV. Deve fazer-se a conta da equipagem e apparelhamento dos navios e seus accessorios, tres mezes após a partida e dahi a um mez deve ser-nos enviada uma copia, assim como á respectiva Camara. E as Camaras devem mandar-nos e umas ás outras o calculo dos retornos e das vendas dos mesmos (todas as vezes que acharmos conveniente ou for requisitado pelas Camaras).

XVI. Todos os 6 annos deve fazer-se um balanço geral de todos os equipamentos e retornos, assim como dos lucros e perdas da Companhia, separando-se a conta dos negocios da que se referir á guerra, e essas contas devem ser feitas em publico depois da previa affixação de editaes, afim de

que possam comparecer as pessôas interessadas em ouvir a leitura do balanço. Si antes de expirar o setimo anno se não fizer o balanço pela forma referida, serão confiscadas as remunerações dos Directores e convertidas em beneficio dos pobres, continuando do mesmo modo a obrigação de dar o balanço como anteriormente, dentro do prazo e sob as penas que por nós forem estatuidas contra os remissos. E tambem devem ser feitas as partilhas dos lucros dos negocios, sempre que se achar que haja 10 % de lucro.

XVII. Ninguem poderá durante o prazo deste privilegio retirar dessa Companhia o capital ou dinheiro que houver applicado, assim como não poderá entrar nenhum novo co-participante. Si ao expirar o prazo de 24 annos for conveniente que a Companhia continue, ou que se organise uma outra, deve ser feito um balanço final e avaliação, dando-se-nos disso conhecimento, de tudo que pertencer á Companhia, como tambem das despezas necessarias feitas pela mesma. Depois do referido balanço e avaliação poderá cada um retirar o seu dinheiro ou continuar a applicar o capital no todo ou em parte. Nesse caso a Companhia que se seguir tomará a seu cargo a somma, que for achada segundo o balanço e avaliação, e pagará aos co-participantes, que não quizerem continuar, o seu contingente, nos prazos que os XIX acharem mais conveniente e com o nosso conhecimento.

XVIII. Sempre que fôr necessario reunir uma Assembléa Geral das referidas Camaras, deverá funccionar com XIX pessoas, oito das quaes da Camara de Amsterdam, quatro da da Zelandia e duas de cada uma das Camaras da Mosa, Hollanda Septentrional e Frisia e Groninga, ficando bem entendido que a decima nona pessôa e quantas mais em qualquer tempo acharmos convenientes terão poderes por nós conferidos para ajudar a dirigir da melhor forma na Assembléa os negocios da Companhia.

XIX. Pela Assembléa Geral das referidas Camaras devem ser tratadas e resolvidas todas as questões relativas á Companhia, ficando entendido que nas questões de guerra as resoluções tomadas devem ser submettidas á nossa approvação.

XX. Uma vez convocada a Assembléa Geral, reunir-se-ha para resolver quando e quantos navios se devem equipar e mandar a cada região e a respeito de tudo quanto for relativo á Companhia, sem que nenhuma das Camaras possa proceder de modo contrario ás referidas resoluções geraes, antes devendo observal-as e leval-as a effeito.

E si alguma Camara fôr encontrada em inobservancia ou em contravenção das resoluções geraes, autorisamos a Assembléa a fazel-a immediatamente reparar taes faltas, no que a auxiliaremos, si nol-o requerer.

XXI. A Assembléa Geral reunir-se-ha nos primeiros seis annos na cidade de Amsterdam e nos dous seguintes na Zelandia e assim por diante alternadamente nas duas cidades.

XXII. Os Directores que viajarem em commissão por conta da Companhia, seja para a referida Assembléa ou para outra parte, terão para sua manutenção quatro florins por dia, alem do dinheiro para a viagem, ficando bem entendido que os que viajarem de uma cidade para outra, para frequentar

as Camaras como Directores e Governadores não receberão nenhuma diaria ou dinheiro para a viagem por conta da Companhia.

XXIII. Si acontecer que na dita Assembléa Geral sobrevenha alguma questão importante, sobre a qual não possam os respectivos membros chegar a um accordo ou que achem difficil resolver, deve a mesma ser entregue á nossa decisão e o que resolvermos será cumprido.

XXIV. Todos os habitantes das Provincias Unidas e de outros paizes devem ser avisados por meio de editaes dentro do prazo de um mez a contar da data deste privilegio, de que dentro do prazo de cinco mezes, a começar de primeiro de Julho deste anno de 1621 serão acceitos os capitaes que quizerem empregar na Companhia e podem fazel-o em tres termos, a saber: uma terça parte ao fim dos referidos cinco mezes e as outras duas nos tres annos que se seguirem. Si a Assembléa Geral achar que esses termos devam ser prolongados, os co-participantes serão igualmente avisados por meio de editaes.

XXV. Os navios, voltando de viagem, devem ir para os portos donde partiram e, si por motivo do mau tempo e do vento, os que houverem sahido de uma provincia arribarem noutra, como os de Amsterdam ou da Hollanda Septentrional na Zelandia ou na Mosa, e os da Zelandia na Hollanda, ou os da Frisia e Groninga em um outro ponto, apezar disso cada Camara conservará a administração e direcção dos navios que houver expedido e mercadorias transportadas e poderá remettel-as e fazel-as seguir para os logares, donde os navios partiram, quer pelos mesmos, quer por outros, mas os Directores da respectiva Camara são obrigados a ir ter aos logares, onde se acharem os navios ou mercadorias e não poderão fazer-se representar por agentes. No caso de não poderem elles fazer a viagem, os Directores da Camara do logar a que aportarem os navios encarregar-se-hão da sua administração.

XXVI. Quando uma Camara houver recebido das regiões comprehendidas nos referidos limites mercadorias ou retornos de que alguma outra não esteja provida, será obrigada a attender ao pedido desta, segundo as circumstancias, e a mandar-lhe a fazenda e fornecer-lhe mais si a tiver vendido toda.

Si os Directores das Camaras necessitarem quer para a equipagem, quer para outro mister, de pessoas de outras cidades onde haja Camaras ou Directores, poderão requisital-as dos Directores da Companhia sem que para isso recorram a agentes.

XXVII. E si alguma Provincia achar conveniente nomear um agente para arrecadar os tributos dos seus habitantes, recolher o producto a alguma Camara e promover o pagamento dos lucros a Camara deverá permittir-lhe o accesso e informal-o do estado da receita e despeza, das dividas activas e passivas, comtanto que as quantias trazidas por tal agente montem pelo menos a 50.000 florins.

XXVIII. Os Directores deverão perceber das expedições, dos retornos e das presas uma gratificação de 1 % e do ouro e da prata apenas 1/2 %, gratificação que será distribuida do seguinte modo: 4/9 á Camara de Amsterdam; 2/9 á Camara da Zelandia; 1/9 á da Mosa; 1/9 á da Hollanda Septentrional e 1/9 á Frisia e Groninga.

XXIX. Deve ficar entendido que os Directores não terão senão uma vez gratificação pelos canhões e pelo valor dos navios. Alem disso não perceberão gratificação pelos navios, canhões, etc, que fornecermos á Companhia, nem pelos capitaes que levantarem para a mesma, nem pelos beneficios feitos ás mercadorias; não poderão igualmente levar á cargo da Companhia salarios, despezas de viagem ou manutenção daquelles que forem encarregados de promover a expedição de navios e comprar as mercadorias para esse fim necessarias.

XXX. Os ordenados dos guarda-livros e dos caixeiros devem ser pagos pelas gratificações dos Directores

XXXI. Os Directores não poderão fornecer ou vender á Companhia navios, mercadorias ou fazendas, que lhes pertençam no todo ou em parte, nem comprar ou mandar comprar mercadorias ou generos da Companhia, directa ou indirectamente nem ter nellas porção ou parte, e, provado que tenham feito o contrario, perderão as suas gratificações de um anno em beneficio dos pobres, e serão demittidos de seus cargos.

XXXII. Logo que recebam mercadorias e generos são os Directores obrigados a publical-o por editaes afim de que todos possam ter conhecimento, antes que se proceda á venda final.

XXXIII. Si acontecer que algum dos Directores de algumas das Camaras chegue a tal estado que não possa dar conta de seus encargos em relação á administração e que dahi possa sobrevir algum damno, deve o valor deste ser descontado do dinheiro que taes Directores tiverem na Companhia, o qual garante especialmente a sua administração. Isto da mesma fórma terá logar a respeito de todos os co-participantes, que por motivo de compra de fazendas ou de quaesquer outros artigos possão ser devedores da Companhia.

As suas dividas devem ser calculadas com toda a clareza, servindo de garantia o capital com que entraram desde o principio, d'ahi se deduzindo no encontro de contas o que deverem á Companhia.

XXXIV. Os Directores das respectivas Camaras são responsaveis pelos seus caixeiros e guarda-livros.

XXXV. Todas as mercadorias da Companhia, que tiverem de ser negociadas a peso, devem ser vendidas pela medida de Amsterdam, e poderão ser pesadas a bordo dos navios ou nos armazens sem pagar cisas, imposto ou direito de balança, mas sempre que forem alienadas pagarão direitos como as outras fazendas sujeitas á balança.

XXXVI. Não se poderão prender ou inquietar as pessôas dos Directores, nem occupar os seus bens para se lhes tomar conta da administração da Companhia, nem tambem para o pagamento dos vencimentos ou salarios de pessôas que elles tiverem empregado em serviço da Companhia, devendo accional-os perante os juizes ordinarios aquelles que a isso se julgarem com direito.

XXXVII. Quando qualquer navio voltar da viagem, os Generaes ou *Commandeurs* de esquadras, navios ou navio devera, dentro de 10 dias após a chegada, vir dar-nos noticia dos successos da sua viagem e entregar-nos um relatorio por escripto, si o assumpto assim o exigir.

XXXVIII. Si succeder (o que de forma alguma esperamos) que a navegação, o commercio ou o trafico da Companhia, sejam embaraçados por alguem, contra o direito commum, ou seja prejudicado de qualquer maneira o teor dos referidos tratados, allianças e accordos, poderá ella defender-se, de conformidade com as instrucções que daremos.

XXXIX. Já promettemos e agora ratificamos que manteremos e defenderemos a Companhia contra quem quer que seja na livre navegação e trafico e para esse fim, em auxilio da mesma, entraremos com uma somma de um millião de florins, a ser paga em cinco annos, sendo fornecidos os primeiros duzentos mil florins logo que os co-participantes fizerem a primeira entrada, ficando entendido que participaremos dos lucros e dos riscos na razão da metade desse millião de florins, do mesmo modo que os outros co-participantes.

XL. E no caso em que por serios e duradouros obstaculos oppostos á referida navegação e trafico se chegue a declarar a guerra, dar-lhe-hemos, conforme o permittir a situação do paiz, dentro dos limites estabelecidos á Companhia, o auxilio de 16 navios de guerra, com o porte minimo de 150 lastos, e 4 yachts bem veleiros de 40 lastos pelo menos, convenientemente tripulados e providos, alem do mais, de canhões de bronze e outros, e da quantidade necessaria de munições, duplo cordame, corredio e fixo, velame, cabos, ancoras e outros objectos de que convem prover as grandes expedições.

Está entendido que taes navios serão tripulados, aprovisionados e mantidos á custa da Companhia e que esta é obrigada a accrescentar outros 16 navios de guerra e 4 yachts, tripulados e providos como aquelles, para serem utilisados do mesmo modo na defesa do trafico e em feitos de guerra. Todos os navios de guerra e tambem os mercantes, os quaes devem ser equipados e tripulados convenientemente, estarão sob o commando de um almirante, que nomearemos com o previo parecer da Assembléa Geral, e obedecerão ás nossas ordens e ás resoluções da Companhia, para, sendo necessario, serem juntamente utilisados na guerra, não devendo entretanto os navios mercantes arriscar a carga sem necessidade.

XLI. No caso de succeder que este paiz fique sensivelmente alliviado dos seus encargos e que a Companhia seja arrastada a uma onerosa guerra, augmentaremos o subsidio, como já promettemos e agora reiteramos, tanto quanto o estado do paiz o permittir e as circumstancias da Companhia o exigirem.

XLII. Ordenamos alem disso que em caso de guerra a Companhia ou os que lhe prestarem auxilio possam dentro dos referidos limites, fazer presas ao inimigo ou tambem aos piratas; assim como que fiquem á disposição dos Directores da Companhia as fazendas que forem apprehendidas por força dos nossos regulamentos, depois de descontadas todas as despezas necessarias, bem como o damno que a Companhia possa ter soffrido na captura de cada presa e igualmente os direitos de S.ª Ex.ª como almirante, em conformidade com a nossa resolução de 1 de Abril de 1602, ficando a decima parte para os officiaes, marinheiros e soldados que tenham tomado a presa, comtanto que se faça para isso uma conta á parte e differente das contas dos negocios e

do trafico e que o producto das presas seja empregado na equipagem dos navios e no pagamento das tropas, fortificações, guarnições e outras dependencias da guerra e defesa por mar e por terra, sem que d'ahi se faça distribuição alguma, a não ser que se eleve tanto o producto que sem prejudicar a defesa e depois de pagas as despezas da Guerra se possa apurar uma somma consideravel que deverá ser distribuida á parte e differentemente dos quinhões do commercio. A distribuição deve ser feita de modo que caiba uma decima parte ao Erario dos Paizes Baixos Unidos e o resto se destine aos co-participantes da Companhia, na razão do capital empregado por cada um.

XLIII. Devem porem todas as presas e fazendas apprehendidas por força dos regulamentos ser examinadas pela Judicatura do Conselho do Almirantado nos logares para onde forem levadas, afim de que dellas tome conhecimento e profira sentença sobre a sua legalidade, ficando entregue á Companhia a administração das fazendas arrecadadas, emquanto o processo estiver pendente e feito o competente inventario, salvo o caso de revisão por sentença do Almirantado daquellas que forem condemnadas, de conformidade com as instrucções dadas ao mesmo, ficando sub-entendido que o Commissario das vendas e outros officiaes do Almirantado, não têm o direito de gosar nem podem pretender cousa alguma das presas que forem feitas em beneficio da Companhia, da qual não são empregados.

XLIV. Os Directores da Companhia devem prometter e jurar solennemente que procederão com lealdade na sua administração, que darão bôa e recta conta da sua gerencia, que em tudo procurarão o maximo interesse da Companhia, e se esforçarão por defendel-a dos damnos, tanto quanto possivel, que na distribuição dos lucros não farão mais vantagens aos maiores que aos menores dos co-participantes, que na cobrança e recebimento das dividas activas não favorecerão a uns mais do que a outros, que só levarão á sua conta e só continuarão a receber durante a sua directoria as quantias que são ordenadas por este privilegio e finalmente que observarão e manterão na altura de suas forças todos e cada um dos pontos e artigos mencionados neste, naquillo que lhes competir.

XLV. Todas estas vantagens, franquias e isenções assim como o mencionado auxilio, que á Companhia em todos os precedentes pontos e artigos já demos, outorgamos, promettemos e garantimos com bom conhecimento de causa, por este reiteramos, promettendo deixal-a gosar de taes favores tranquilla e pacificamente.

Ordenamos tambem que as ditas concessões sejam mantidas e observadas por todas as autoridades, officiaes e subditos dos Paizes Baixos sem em nada as contrariarem directa ou indirectamente, tanto no interior, como no exterior, sob pena de serem por isso castigados na pessoa e bens como perturbadores do bem estar do paiz e transgressores das nossas ordens.

Promettemos alem disso, que manteremos e sustentaremos a Companhia na posse deste nosso privilegio, em todos os tratados de pazes, allianças e accôrdos com os principes, reinos e nações visinhas, nada se podendo fazer ou negociar que possa affectar a integridade do mesmo.

Mandamos e ordenamos muito expressamente a todos os Governadores, Autoridades Judiciarias, Magistrados e Habitantes dos Paizes Baixos que deixem que a Companhia e os seus Directores gosem tranquilla e pacificamente da plena effectividade desta outorga, concessão e privilegio, ficando revogadas todas as disposições em contrario.

E para que ninguem pretenda ignoral-o, ordenamos que sejam todos notificados do teor deste privilegio, por publicação ou pela affixação de editaes, como cumpre, pois o julgamos de utilidade publica.

Dado sob o nosso grande sello, rubrica e assignatura do Official dos Registos em Haya, aos 3 de Junho de 1621. Estava rubricado: *I. Magnus v.t* Abaixo se lia: Por ordem das Nobres e Altas Potencias os Senhores Estados Geraes. Assignado, *C. Aerssen*. Estava appenso o sello de lacre vermelho preso a um cordão de seda branca.

O referido privilegio foi ampliado em 24 de Março e em 10 de Junho de 1622 pelas Nobres e Altas Potencias os Senhores Estados Geraes, na parte relativa ao commercio do sal nas Indias Occidentaes e em alguns outros pontos publicando-se na ultima daquellas datas uma ordenança e a 13 de Fevereiro de 1623 um acto de ampliação, como se segue:

EXTRACTO DA ORDENANÇA DE 10 DE JUNHO DE 1622

Os Estados Geraes dos Paizes Baixos Unidos a todos que esta virem e ouvirem ler, salve. Como depois de madura reflexão do Conselho decidimos para a prosperidade destas provincias e o bem estar dos seus bons habitantes, autorisar uma companhia de commercio e navegação para as Indias Occidentaes, Africa e outros logares designados na nossa ordenança de 9 de Junho de 1621, com prohibição a qualquer habitante ou filho deste paiz de negociar ou navegar para aquelles logares dentro do prazo de 24 annos, a contar do 1º de Julho seguinte, tendo declarado no privilegio concedido á referida Companhia, que era permittida, pelo Regulamento estabelecido ou outro que se viesse a expedir, a navegação para buscar sal em Punta del Rey, e como, reflectindo depois sobre a questão, achamos util e necessario ao paiz e á prosperidade da Companhia Privilegiada incorporar á mesma Companhia a dita navegação:

Persistindo portanto na nossa ordenança anterior de 9 de Junho, interdizemos e prohibimos nesta que qualquer natural ou habitante deste paiz, dentro do prazo de 24 annos, navegue directa ou indirectamente dos Paizes Baixos ou de outros reinos ou paizes, para fazer o commercio de sal de Punta del Rey, a não ser em nome e por meio da Companhia, e queremos e ordenamos que todos os outros naturaes e habitantes que proseguirem nesse

commercio ou forem descobertos como o tendo feito, soffram a pena da confiscação dos seus navios e fazendas, sendo apprehendidos immediatamente e confiscados pela Companhia em seu beneficio. Si taes navios e fazendas houverem sido vendidos depois ou levados para outros paizes ou portos, ordenamos e estatuimos por esta, como já o fizemos, que os seus armadores e compartes, que residirem neste paiz ou aqui possuirem bens, sejam processados e executados pelo valor daquelles.

Feito e resolvido na Assembléa dos Estados Geraes em Haya aos 10 de Junho do anno de Nosso Senhor de 1622. Rubricado:—*N. Van der Meer* cl. Em baixo: Por autorisação dos Snrs. Estados Geraes.—Assignado, *C. Aerssen*.

ACTO DE AMPLIAÇÃO DE 13 DE FEVEREIRO DE 1623

Os Estados Geraes dos Paizes Baixos Unidos a todos que o presente virem e ouvirem ler, salve: Fazemos saber: Que tendo ouvido na nossa Assembléa de 24 de Março do anno passado de 1622 o que foi exposto pelos Snrs. Estados da Hollanda e Frisia Occidental, por intermedio de certos deputados extraordinarios, isto é, que para mais desenvolver a Companhia das Indias Occidentaes, se tornava necessario e se devia incluir no Privilegio da Companhia, o commercio do sal em Punta del Rey, que fôra excluido delle, ficando livre do monopolio o commercio do sal nos paizes que não estiverem dentro dos limites do mesmo Privilegio; tambem era necessario que os principaes coparticipantes da Companhia pudessem apresentar uma lista triplice, da qual fossem eleitos os Directores; assim como que as cidades, onde não houvesse Camaras, contribuindo com cem mil florins ou mais das suas communas sob o mesmo nome, pudesse nomear do modo já referido, um Director por cada 100 mil florins, para servir na Camara a que preferissem levar o seu capital, e tendo-nos solicitado que ampliassemos o Privilegio da Companhia das Indias Occidentaes, incluindo no mesmo os referidos pontos: declaramos e consentimos, depois de bem e maduramente reflectir, que o commercio do sal em Punta del Rey fique comprehendido, como fizemos comprehender no dito Privilegio da Companhia das Indias Occidentaes, nas condições e conforme as penas nelle estabelecidas.

E sobre os outros dous pontos declaramos, que por força do artigo 13 do Privilegio, aos coparticipantes da Hollanda e da Frisia Occidental, assim como aos das outras Provincias, fica livre fazer a nomeação dos Directores da maneira referida, para o melhor serviço e progresso da Companhia. Igualmente concedemos e consentimos que as cidades, onde não haja Camaras, que concorram com cem mil florins ou mais das suas communas, possam nomear um Director por cada cem mil florins, mediante indicação dos principaes coparticipantes e para funccionar na Camara a que lhes aprouver empregar os seus capitaes.

Solicitados pelos Directores da Companhia das Indias Occidentaes para mandar expedir o competente decreto, rubricado, assignado e sellado com o

nosso grande sello, segundo cumpre, fizemos, em observação da nossa resolução tomada em 24 de Março, expedir este decreto, promettendo manter e fazel-o vigorar bem e firmemente e ordenando a todos que se regulem por elle.

Feito na nossa Assembléa, sob o nosso grande sello, rubrica e assignatura de nosso Official do Registo, em Haya, aos 13 de Fevereiro de 1623. Estava rubricado *I. Magnus* vt.

Abaixo se lia: Por autorisação dos Senhores Estados Geraes. Assignado — *C. Aerssen*. Estava apenso um sello de lacre encarnado preso a um cordão de seda branca.

ACCORDO

FEITO ENTRE OS DIRECTORES E PRINCIPAES COPARTICIPANTES DA COMPANHIA DAS INDIAS OCCIDENTAES, COM A APPROVAÇÃO DAS NOBRES E ALTAS POTENCIAS OS SENHORES ESTADOS GERAES

Os Estados Geraes dos Paizes Baixos Unidos a todos que o presente virem, salve. Fazemos saber: Que pela exposição que nos foi feita por alguns deputados dos principaes coparticipantes da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes pertencentes á Camara de Amsterdam, fizeram estes varias reuniões no Collegio dos Directores, assim como conferenciaram muitas vezes com os committentes, afim de ser em tempo estabelecido um regimento, a contento dos bons coparticipantes, para que pudessem mais depressa regular os negocios e com mais resultado promovel-os e encarreiral-os, solicitando, para algumas medidas que propuzeram, a nossa approvação em forma de ampliação do privilegio, ou de outro modo por meio de uma ordem da Camara particular de Amsterdam ou como fosse de nosso aviso.

Antes de resolvermos, achamos conveniente mandar copia da proposta ás respectivas Camaras da Companhia, para que a examinassem detidamente, e communicassem aos principaes coparticipantes plenamente encarregados e autorisados a vir conferenciar sobre esses pontos e o que mais pudesse servir para a prosperidade de uma empreza tão necessaria, e assim praticamente chegar a um accordo final que obtivesse a nossa sancção.

E os Deputados das respectivas Camaras, Directores e principaes coparticipantes compareceram em numero competente, e com a assistencia, pareceres e intervenção dos nossos commissarios, após varias conferencias, communicações e deliberações, com os Directores e principaes coparticipantes accommodaram-se e concordaram nos seguintes artigos, sem prejuizo das provincias e respectivas cidades e no interesse da Companhia:

1º Nenhuma alteração, extensão ou interpretação do Privilegio ou de suas dependencias poderá ser requerida pelos Directores nem pelos principaes coparticipantes ou outro qualquer, a não ser depois de convocação, communicação e approvação da maioria dos Directores e principaes coparticipantes, que estiverem presentes na Assembléa.

2º Em todas as Assembléas a que assistirem juntamente Directores e principaes coparticipantes ou somente os ultimos sem os Directores, sempre que se realizarem as nomeações, deputações e eleições com um nome de cada vez, deverá ser dar o voto em cedulas fechadas entregues em mão do presidente, ou por qualquer outro processo de escrutinio secreto.

3º A Companhia não poderá levantar nenhum emprestimo a juros ou acceitar deposito, a não ser com aviso e consentimento da maioria dos Directores e principaes coparticipantes, podendo entretanto, cada uma das respectivas Camaras no caso de necessidade, tomar emprestado de uma vez até uma vigesima parte do capital nella empregado, sem que possa fazer outros emprestimos emquanto o primeiro não estiver amortizado.

4º. Todas as contas mencionadas no artigo XV do privilegio deverão ser feitas em estylo commercial e prestadas aos commissarios nomeados pelos principaes coparticipantes e admittidos sob juramento, dentro do prazo comprehendido no referido artigo XV. Esses commissarios deverão communicar um resumo daquellas contas aos outros principaes coparticipantes e serão obrigados por juramento a não descobrir e a manter secreto tudo sobre que os Directores devam guardar segredo. E'-lhes extensiva dentro do prazo de dous annos a prohibição que o artigo XXXI do Privilegio faz aos Directores, relativamente a compras e vendas.

5º. Esses representantes deverão ter e exercer em nome dos principaes coparticipantes, o direito dado e concedido aos agentes pelo artigo XXVII, e alem disso poderão consultar para esse fim os livros, facturas e outros documentos que desejarem e examinar as mercadorias e as cartas referentes ao commercio.

6º. Os primeiros dous logares de Directores que vagarem em Amsterdam, assim como os dous primeiros da Zelandia e o primeiro na Camara da Mosa, deverão ser successivamente supplidos e preenchidos pelos principaes coparticipantes das respectivas Camaras, por maioria absoluta de votos. Os nomeados prestarão o mesmo juramento, e exercerão a administração como os outros Directores, e terão de communicar aos principaes coparticipantes o que lhes interessar, defender o seu direito na Assembléa dos Directores, o convocal-os segundo as circumstancias e serão por sua natureza demissiveis e responsaveis para com estes. Os demais Directores de cada uma das Camaras serão eleitos conforme determina o Privilegio, ou como estiver estabelecido nas respectivas Provincias ou venha a sel-o para o futuro. Serão commissionados por provisão dous dos principaes coparticipantes de cada uma das Camaras de Amsterdam e Zelandia e um da Camara de Mosa, alem dos mencionados nos artigos precedentes, para provisoriamente defenderem os interesses dos mesmos, até que haja uma ou duas vagas.

7º. Quando os XIX se reunirem em Assembléa, os principaes coparticipantes da Camara de Amsterdam poderão eleger um dos referidos Directores ou commissarios provisorios para ser um dos oito Directores que terão de comparecer á mesma Assembléa, por parte daquella Camara, assim como os principaes coparticipantes da Zelandia poderão escolher um dos dous

Directores ou commissarios provisorios nomeados por elles, para ser um dos quatro Directores que terão de comparecer por parte de sua Camara á Assembléa dos XIX. E poderão além disso os principaes coparticipantes de cada uma das Camaras de Amsterdam e da Zelandia eleger um dos commissarios juramentados mencionados nos artigos 4º e 5º, para auxiliar os respectivos deputados, na referida Assembléa dos XIX, sem que tenham entretanto o direito de voto. E afim de que as outras Camaras tenham sciencia das questões que possam ser tratadas na mesma Assembléa, tanto quanto as suas resoluções puderem ser objecto de communicação, deverá o auxiliar da Camara de Amsterdam avisar do occorrido na Assembléa aos principaes coparticipantes da Hollanda Septentrional e da Groninga, e o da Camara da Zelandia aos da Mosa.

8º. Depois deste accordo ninguem poderá ser eleito Director, estando a serviço da Companhia das Indias Orientaes. Não poderão ser Directores numa mesma Camara pae e filho nem irmãos germanos ou unilateraes. Os Directores não deverão gosar de emolumentos, a não ser que estejam no effectivo serviço da Companhia.

9º. Como é preciso para satisfazer a todos que se prolongue o prazo para subscripção e collocação de capital na Companhia a contento dos habitantes e dos estrangeiros, fica prorogado o prazo para aquelle até o ultimo de Agosto e para estes até o ultimo de Outubro vindouros *(stylo novo)*, publicando-se para esse fim editaes. Depois desse dia ninguem poderá ser acceito ou admittido na Companhia. No 1º dia de Novembro deverão as Camaras encerrar a subscripção e oito dias depois enviarão umas ás outras, copias das respectivas listas ficando entendido que deverão proseguir os equipamentos começados para o serviço da Companhia, e que aquelles que anteriormente forneceram os seus capitaes e devem ainda fornecer, perceberão juros á discreção dos XIX.

10º. Quanto ao balanço geral, e á substituição do terço dos Directores, a que se referem os antigos XVI e XIV do Privilegio, achou-se necessario, para manter bôa ordem e uniformidade em todas as Camaras, que o balanço geral tenha logar seis annos após a data do Privilegio, 3 de Junho de 1621, *(stylo novo)* e se faça em publico, segundo o costume do commercio, com a assistencia dos representantes dos principaes coparticipantes das respectivas Camaras, e que assim por diante se faça successivamente cada seis annos o balanço geral. Mas deverá a Assembléa dos XIX regular a continuação dos balanços geraes, afim de que os Directores que se retirem possam deixar o cargo com as suas contas em ordem. A mudança do terço dos Directores, deverá ter logar seis annos depois do dia 3 de Junho de 1623, e assim por diante successivamente cada dous annos, *conforme o privilegio.*

11º. Não gosará dos direitos de principal coparticipante quem não tiver entrado para a Companhia desde o principio ou não for conhecido nos seus livros como tendo subscripto, ha dous annos ou mais, por sua propria conta, tanto quanto um Director deve ter na respectiva Camara, segundo o Privilegio, exceptuando-se os filhos e todos os outros herdeiros, que immediatamente

depois da successão inscreverem em seu nome a totalidade da somma respectiva.

12º. Si sobrevierem algumas questões das quaes possam surgir processos em prejuizo da Companhia, os Directores deverão esforçar-se por todos meios para os terminar de modo amigavel, sendo possivel, e, senão o fôr, communicar a *questão aos principaes coparticipantes*, para com o parecer geral, fazer-se o que convier mais ao serviço da Companhia.

Assim é que, tendo examinado os referidos artigos, e reflectido sobre elles e desejando a união e bôas relações entre os Directores e os principaes coparticipantes e ao mesmo tempo a prosperidade da Companhia das Indias Occidentaes, achamos conveniente, com o conselho do Snr. Principe de Orange, acceital-os e approval-os, querendo que os mesmos sejam observados e obedecidos pelos Directores, coparticipantes e por qualquer pessoa a quem forem apresentados juntamente com os artigos do Privilegio, como se estivessem insertos nelle; pois achamos que convêm ao serviço da Companhia.

Dado sob o nosso grande sello, rubrica e assignatura do nosso Official do Registo, em Haya, aos 21 de Junho de 1623.

Rubricado:—*N. van Bouckhorst* v^t.

Abaixo se lia: Por autorisação dos referidos Estados Geraes. Assignado. —*C. Aersen.*

Estava appenso um sello de lacre vermelho, preso a um cordão de seda branca.

Nomes dos Snrs. Directores que serviram desde o principio da Companhia até ao fim do anno de 1636

Na Camara de Amsterdam.

Os Srs.

Jacob Gerritsz. Hoing, *Burgomestre.*
Jonas Wilsz. *Burgomestre.*
Jan Gijsbertsz de Vries, *Escabino.*
Jacob Pietersz. *Camara Alta.*
Albert Coenraets Burgh. *Escabino.*
Adriaen Krom-hout.
Reynier Reael.
Cornelis Bicker.
Joris Adriaensz.
Hendrick Hamel.
Pieter Beltens.
Elias Pels.
Guilliam Bartilotti.
Samuel Godijn.
Hendrick Broen.
Gommer Spranger.
Samuel Blommaert.
Hans vander Merckt.
Rombout Jacobsz.
Eduard Becker.
Guilliam van Everwijn, *por parte de Gueldria.*
Mathens Joyen, *por Harlem.*
Willem van Moerberghen, *Escabino.* } *por Leyde*
Joannes de Laet. }
Johan Uyttewael. } *pela Provincia de Utrecht.*
Olivier Uyttenhove. }
Ir. Johan van Hemart, *por Deventer.*
Kiliaen van Renselaer. } *principaes Coparticipantes e*
Pieter Ranst. } *Directores.*
Simon van der Does, *Escabino.*
Marcus van Valckenburgh.

Carel Looten, *Principal coparticipante e Director.*
Michiel Pauw Heere van Achthienhoven.
Jaques de la Mijne.
Jehan Gras.
Abraham Oyens.
Warner Ernst van Bassen, *Escabino.*
Pieter Evertz Hulft.
Willem Bruyn.
Dirck Cornelisz. van Swanenburgh, *por Utrecht.*
Johan van Harinck-houck.
Nicolaes van Sitterich.
Mathias van Ceulen, *Principal Coparticipante e Director.*
Toussain Blanche.
Abraham Spiers.
Jaques Beurse.
Marcus de Vogelaer.
Daniel van Lieberghen.
Jacob Reepe-maker.
Jehan Raye, *Principal Coparticipante e Director.*
Mr. Gijsbert van Hemart, *por Deventer.*
Pieter Jansz. Blaeuwen-haen. *por Deventer.*
Matheus de Pauw, *por Utrecht.*
Pieter Varleth, *por Utrecht.*
Cornelis van Wyckersfloot, *por Utrecht.*
Dirck van Helsdingh, *por Utrecht.*
Jacob de Key, *por Harlem.*
Mr. Jacob van Broekhoven, *por Leyde.*
Mr. Johan Panhuysen, *por Leyde.*
Johan Wenholt Bartels, *por Gueldria.*
Eduard Man.
Ferdinando Schuylenburgh.
Frederick de Vries.
Johan Bartringh.
Johan van Gheel.
Abraham de Visscher.

Na Camara da Zelandia.

Os Srs.

Joos vander Hooghen. *Burgomestre.* } *por Middelburgo.*
Mr. Symon Schotte. }
Rogier Cobbert, *por Flessinga.*
Antonio Godijn. } *por Middelburgo.*
Pieter Beurdt. }

Adriaen de Ketelaer, *por Flessinga.*
Abraham Droogh-broodt, *por Middelburgo.*
Adriaen Velters, *por Ter-Veere.*
Pieter Muenix
Galeynten Haeff. } *por Middelburgo.*
WillemSnellen, *por Flessinga.*
Jeremias Waelens, *por Thoolen.*
Pieter Boudaen Courten, *por Middelburgo.*
Mr. Joh Porrenaer, *por Flessinga.*
Pieter van Essen
Jan Velinx. } *principaes Coparticipantes e Directores, por Middelburgo.*
Christoffel Barents, *por Ter-Veere.*
Mr. Symon van Beaumont.
Jean vander Poorten.
Woulter Teunemans.
Jan de Moor.
Abraham van Pere.
Bouwen Melssen Schot.
Jehan vander Merckt.
Cornelis Coornne.
Cornelis Claesz. Elfsdijck.
Pieter vande Velde.
Jehan Gijsselingh.
Abraham Bisschop.
Pieter Joosten Duyvelaer.
Steven Becker.
Pieter Alleman.
Abraham Schooren.
Nicolaes Velinx.
Cornelis Lampsens.
Hendrick Liens.
Pauwels Jansz. Serooskercke.
Jan Louijs.
Nicolaes Swancke.
David Taetse.

Na Camara da Mosa.

Os Srs:
Cornelis van Terensteyn.
Mr. Jacob de Witte.
Michiel Pompé. } *por Dordrecht.*
Cornelis Nicolay.

Wijnandt Jansz. Rutgers.
Dirck vander Haeghe.
Johan vander Mast.
Arendt Martensz.
Roeloff Francken.
Cornelis van Beveren.
por Dordrecht.

Os Srs.
Philips Doublet.
Hendrick van Milligen.
Jacob Hoghenhoeck.
Geerard van Fockenstaert.
Pieter Antheunisz. vanden Heuvel.
Adriaen vander Goes.
Adriaen Pierterssons.
Mr. Johan de Voocht.
Mr. Willem Schade.
Arendt Jacobsz. vander Graeff.
por Delft.

Os Srs.
Cornelis Claesz. van Driel.
Jacob Velthuysen.
Dirck Pietersz. van Veen.
Henrick Nobel.
Johan Robberts.
Hendrick van Eek.
Thomas Varver.
Adriaen vander Dusse.
Sarich Haiwijck.
por parte de Rotterdam.

Pela Camara da Hollanda Septentrional.

Os Srs.
Ir Floris van Teylinghen, *Burgomestre.*
Gerrit Jansz. vander Nieuwburgh, *Burgomestre.*
Pieter Willemsz. Kessel.
por Alemaer.

Olfert Barentsz., *Burgomestre.*
Ir. Johan van Forcest.
Claes Willemsz. Crap, *Burgomestre.*
Frederick Broecker.
por Hoorn.

Gerrit Jacobsz. Trompet, *Burgomestre.*
Cornelis Pietersz. Lantman, *Burgomestre.*
Jacob Menten.
Pieter Hardebol.
} *por Enchuysen.*

Boudewijn Heynsz, *Burgomestre.*
Jacob Pieter Mieuses.
} *por Edam.*

Claes Symonsz. Dolphijn, *por Monnickendam.*

Willem Dircksz. Everhart, *Burgomestre.*
Pieter Nanninghs, *Burgomestre.*
} *por Medenblick.*

Marten Boudewijnsz, *Burgomestre de Edam.*
Cornelis Mathijsz. Schaghen, *Burgomestre de Medenblick.*
Claes Jacobsz. Roch, *de Hoorn.*
Jan Jansz. Sus, *de Hoorn.*
Meyndert Thomasz., *de Enchuysen.*
Adriaen Cornelisz. Schagen, *de Alcmaer.*
Jacob Volckertsz, *de Enchuysen.*
Cornelis Sweerssz, *de Enchuysen.*
Pieter Huygh, *de Enchuysen.*
Pieter Claesz. Teenghs, *de Edam.*
Jan van Neck, *Burgomestre em Hoorn.*
Symon Maertsz. Lievens, *Burgomestre em Medenblick.*
Dirck Codde vander Burgh, *por Enchuysen.*
Pieter Pauw, *de Alcmaer.*
Pieter Dircksz. Ben, *Burgomestre em Hoorn.*
Dr. Johan Gerritsz. Juel, *de Hoorn.*
Mr. Allert de Groot, *de Hoorn.*
Mr. Pauwels Swanenburgh, *de Alcmaer.*
Claes Adriaensz. Clock, *de Hoorn.*
Pieter Claesz. Bosch-schieter, *Burgomestre de Edam.*
Dirck Willemsz. Everhart, *de Medenblick.*
Sasker Cornelisz. Schagen, *de Medenblick.*
Jacob Schagen Hooghlandt.
Dirck Jacobsz. Haghen, *de Monnickendam.*

Na Camara da Groninga.

Os Srs.
Jochim Altingh. *Burgomestre.*
Ir. Johan Seckinghe.
Ir. Onno Tamminga.
Ir. Reint Rengers.
Ir. Edzard Jacob Clandt.
Ir. Diderich Scharff.

Bartolt Wicheringhe, *Conseltheiro.*
Ir. Christoffer van Eussum.
Hillebrandt Gruys, *Conseltheiro.*
Albert Wifrinck, *Conseltheiro.* »
Joost van Cleve, *Conseltheiro.* »
Nicolaus Mulerius, *Professor.*
Sr. Willem van Vyrssen.
Sr. Baerent Jansz.
Hendrick Schonenburgh, *Conseltheiro.*
Hugo van Nyeveen, *Burgomestre.*
Ir. Albert Conders.
Pieter Isebrandts, *Conseltheiro.*
Ir. Sygert Syghers.
Hendrick van Royen.
Ir. Rempt Jensema.
Ir. Johan Herenken.
Ir. Barent Conders.
Sr. Folckert Folckertsz.
Bernhard Julsingh, *Burgomestre.*
Ir. Lambert van Starkenborgh.
Sr. Tobias Iddekingha.
Pieter Eyssinghe, *Burgomestre.*
Edzard Rengers. *Conseltheiro.*
Ir. Evert Leeuwe.

HISTORIE

Ofte

Iaerlijck Verhael

Van de

Verrichtinghen der Geoctroyeerde

West-Indiſche Compagnie,

Sedert haer Begin / tot het eynde van 't jaer
ſesthien-hondert ſes-en-dertich;

Begrepen in Derthien Boecken,

Ende met verſcheyden koperen Platen verciert:

Beſchreven door

IOANNES DE LAET
Bewint-hebber der ſelver Compagnie.

TOT LEYDEN,
By Bonaventuer ende Abraham Elſevier, ANNO 1644.
Met Privilegie.

ADVERTENCIA

Como houvesse grande numero de diarios e o tempo, devido a muitas outras occupações, me fosse tão curto, não pude tudo referir na Historia que se vae ler. Algumas vezes tambem pelas falhas que se encontram em varios escriptos não me foi possivel fazer um registro tão completo e exacto como desejara e o leitor talvez esperasse.

Pode sobretudo haver succedido que fossem omittidos os nomes de algumas pessoas que houvessem estado durante esses annos a serviço da Companhia e alguns feitos praticados pelas mesmas ou que não fossem estes descriptos minuciosamente.

Qualquer que se encontre nesse caso, queira acreditar que não o fiz propositalmente nem para desmerecer o seu valor e as suas virtudes, mas sim por falta de dados.

Peço portanto a todos que notarem uma tal omissão na leitura desta Historia o favor de a indicar e de me fornecer as suas memorias ou diarios, para que mais tarde me possa lembrar e inclúa as informações nos devidos logares, o que será um serviço a mim e ao publico, ajudando me assim a completar esta Historia.

Posso entretanto assegurar ao leitor que tudo, quanto mencionei, extrahi das notas dos que exerceram alguma jurisdicção ou intervenção nas operações terrestres e maritimas.

Finalmente, como uns foram mais diligentes do que outros no indicar a situação e altura dos logares, procurei referir todas as observações, para que dahi possa ser organizada uma descripção completa. Si alguem me indicar algum engano ou me fornecer novos dados, encontrar-me-ha sempre prompto a dar disso noticia com a competente declaração do seu nome.

SUMMARIO DO LIVRO PRIMEIRO

Introducção a estes Annaes e intentos do author. Deliberação e resolução tomada sobre a interpreza contra a Bahia de Todos os Santos. Descripção da armada apparelhada para este effeito. Viagem de Philips van Zuylen com um navio e dous hyates á costa d'Africa. Os hyates tomam um pequeno navio diante de Cacheu, mettem a pique um barco, incendiam dous. Reunem-se ao *Commandeur* em Serra Leôa. 1624. Procede-se na narração da viagem da armada destinada á Bahia. O coronel Dorth descahe para Serra Leôa; o almirante com os mais navios vem ter a S. Vicente, uma das ilhas do Cabo Verde onde os nossos refrescam. D'aqui partem a 26 de Março. Descripção da Bahia de Todos os Santos, e lugares adjacentes. Cidade de S. Salvador. A armada avista a costa do Brazil. Acerca-se da Bahia. Ordem do combate assentada em conselho. A armada entra a Bahia. O vice-almirante Pieter Pietersz. Heyn approxima-se da bateria levantada na plata-forma, e dos navios portuguezes. Destes alguns são incendiados, os mais são levados pelos nossos. Tomam a plata-forma á escala vista; encravam a artilheria, e tornam-se aos navios. Numero de homens d'arma validos; desembarcam na bahia de areia. Ordem em que marcham. Chegam com pequena opposição ao suburbio. O inimigo abandona á noite a cidade, e foge para os bosques e lugares vizinhos. Os nossos entram a cidade; prendem o governador, que ficára só, e dão-se ao saco das casas. O vice-almirante vem da banda do mar á cidade. O inimigo abandona os seus fortes sem queimar cartucho. Disposição da cidade. O almirante põe termo ao saco, e manda arrecadar as fazendas estragadas. Despojos encontrados, assim nos armazens, como nos navios tomados. O Sr. van Dorth, depois de ter andado divagando, chega á Bahia, e dá providencias acerca da disciplina militar e defensa da cidade; convida os Portuguezes a se tornarem ás suas casas. Acertam de entrar na Bahia alguns navios, que são tomados pelos nossos. O inimigo chega-se á cidade pela calada da noite. O governador, tendo sahido para fóra das muralhas, é sorprendido e morto pelos indigenas. Occupa o seu lugar o sargento-mor Albert Schouten. São tomados tres navios do inimigo. O almirante Jacob Willekens torna á Republica. O vice-almirante Piefer Pietersz. Heyn parte para Angola. Irregularidades havidas na Bahia. Descripção dos apprestos, que se faziam na Republica. Viagens do *Wind-Hond*. Continuação da excursão de Pieter Schouten. Chega ao cabo Caldera. Procura entrar em Maracaybo, mas é contrariado pelo vento. Dirige-se a Hispaniola, e depois á Jamaica. Chega a ilha de Pinos, e faz a travessia do Yucatan. Saqueia Sisal, e toma um barco vasio. Passa-se a Cuba, onde toma alguns pequenos barcos. Avista a

frota hespanhola, e bate-se com alguns dos navios della. Navega para Tortugas, e depois para Florida. Chega ás Bermudas. Envia um navio á Republica, e volta com o *Trouwe* para as ilhas. Surge nas Virgens. Chega a Dominica, depois de algumas divagações, e finalmente a S. Vicente. No entretanto o *Eendracht* toma um rico navio de Honduras, mas sossobra nas aguas de Tortugas, passando-se a gente para a sua presa, que segue para Zelandia. Continuação da viagem de Philips van Zuylen. Acerca-se do cabo Negro. Todos os navios reunem-se a elle. Obtem refrescos de alguns Portuguezes. Toma um navio de Pernambuco com mercadorias, uma fusta com vinhos, e um pequeno navio com farinha. Segue para Loanda, e de caminho toma muitos patachos. Surge no porto de S. Paulo, bate-se com onze navios, dos quaes toma dous que são resgatados. Partido d'aqui, toma mais alguns navios, e entre outros um de pôpa quadrada, e ainda outros dous. Torna a Loanda, e trata com os de Congo. Pieter Pietersz. Heyn aqui encontra-se com elle. Descripção da viagem de Heyn. Toma um navio carregado de vinho das Canarias. Desce sobre o cabo de S. Agostinho. Chega a Angola, e entra no porto de Loanda, onde toma alguns navios. Manda dous hyates a Benguela, que a não encontram, e reunem-se ao almirante. Este parte para o rio de Congo.

LIVRO PRIMEIRO

1623

Entre as acções illustres, que este Estado das Provincias Unidas tem praticado em nossos dias, com o fim de manter a verdadeira Religião, e defender a nossa liberdade contra o rei de Hespanha, nos pareceram mui dignos de nota os feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes; a qual, sem accarretar grandes onus á Republica, (1) dispondo das poucas forças que lhe proporcionavam as contribuições (2) de um pequeno numero de cidadãos deste Estado, sabio-se tão bem com o seu intento, que abateu o orgulho de Hespanha, e causou assombro ao mundo inteiro; e claramente mostrou como se podia offender este poderoso inimigo com as proprias armas delle, tomando ou inutilisando as suas riquezas da America, com as quaes, por dilatados annos, elle tem vexado e trazido em continuo desassocego a toda a christandade.

Demais disto, entendemos que estes honrados feitos, praticados a bem da nossa cara patria pela Companhia das Indias Occidentaes, não podiam, não deviam ser calados aos vindouros; e que nos não podia ser levado a mal, a nós que temos estado desde o começo ao serviço da Companhia, que temos

(1) «Os Estados obrigaram-se a pagar annualmente á Companhia, durante cinco annos, a somma de 200,000 florins, e na razão de metade desta somma compartilhariam os lucros da Companhia. No caso de achar-se esta empenhada em alguma guerra importante, o Estado poria á sua disposição 16 navios grandes de guerra e 4 hyates, com a condição de ser equipada pela Companhia uma armada da mesma força.» — (*Netscher.*)

(2) «A Companhia começou com o capital de fl. 7,108,161, que subiu em breve a fl. 18,000,000 e foi dividido em acções de 6,000 florins. Compunha-se de 5 camaras ou secções que entraram na Companhia na seguinte proporção: a camara de Amsterdam na razão de 4/9, a de Zelandia na de 2/9 a do Mosa (Rotterdam), o districto do Norte (Hoorn e Frisia), e a cidade e paiz de Groninga, cada uma na proporção de 1/9.» — (*Netscher.*)

assistido a todos os conselhos em que se trataram negocios graves, e em ditos conselhos tomado parte, que temos lido e examinado todos os diarios, cartas e mais papeis, que nos não podia ser levado a mal, dizemos, o emprehender a narração de taes feitos, e expor a respeito delles a pura verdade (que nos é bem conhecida) em differentes livros dispostos pela serie dos annos; ficando assim colleccionados os materiaes, que, para o futuro, serão aproveitados e utilisados por escriptores, que, com mais habil penna que a nossa, tratarão o assumpto, como elle ha mister, e farão um quadro digno de ser apresentado aos olhos do mundo.

Pareceu-nos tambem, e convieram commosco os nossos amigos, que a *Descripção da America ou Novo Mundo*, obra que annos atraz publicámos, requeria o presente trabalho como uma continuação necessaria; visto como as numerosas viagens posteriores, o descobrimento de varias regiões, e as explorações feitas por mar e por terra, assim pelas frotas, como pelos soldados da Companhia, derramam nova luz sobre aquellas partes do mundo modernamente descobertas, e augmentam a somma dos nossos conhecimentos, como ver-se-ha no decurso deste trabalho.

Não nos occuparemos com a instituição da Companhia; não diremos que tempo levou a amadurecer a idéa da sua creação; não fallaremos dos que a aconselharam, nem dos que se lhe oppuzeram, nem emfim mencionaremos as difficuldades que surgiram, quando se quiz instituil-a, quando se tractou de haver os meios necessarios para a realização de obra de tanta magnitude, e por tanto tempo esperada; o que tudo tem melhor cabida na historia geral deste Estado. Tambem não trataremos da organisação e administração da Companhia, que dá sufficientemente a conhecer a carta de outorga e privilegio que se dignaram de conceder aos seus subditos S. A. Potencias os Senhores Estados-Geraes das Provincias-Unidas (1). Emfim não faremos menção de muitas deliberações tomadas sobre varios negocios, algumas, das quaes ainda não foram postas por obra, sendo por isso inopportuno e inconveniente o declaral-as. Tencionamos presentemente referir sómente o que a Companhia emprehendeu, e por força das armas effectuou, por mar e por terra, contra o rei de

(1) Não será talvez fóra de proposito, para dar uma idéa generica do governo de então das Provincias-Unidas, transcrever o seguinte trecho da *Historia Unicersal* de Cantu:

«A *republica comprehendia então* (1600) *sete provincias* confederadas e soberanas, desiguaes em extensão, forças e encargos, mas não em direitos, pois tinha cada uma dellas um voto nos estados geraes, como se chamava a assembléa de Haya, para onde podia enviar tantos deputados quantos lhe aprouvesse. Estes porém não eram representantes, e de cada vez deviam receber um mandado especial dos estados de sua provincia, o que occasionava lentidões e fazia impossivel o segredo. Dos encargos publicos carregava a Hollanda com a quinquagesima parte, escolhia sempre entre os seus deputados o advogado, chamado grão pensionario, que era considerado o primeiro personagem da União, pelo menos depois do Stathouder.

«A soberania não residia pois nos estados-geraes, mas nos eleitores, que de cada vez outorgavam ao Stathouder, alma do governo, os direitos, que era chamado a exercer. Mas posteriormente a Leicester, e até 1747, não houve mais Stathouder geral. Mauricio de Nassau, que administrou a republica durante trinta e oito annos, e depois delle seus successores, apenas tomaram para si o titulo de capitães e almirantes geraes da União.»—(N. do Trad).

Hespanha e seus subditos, nas vastas, desertas, e riquissimas terras da America e Africa, e principalmente na afamada provincia do Brazil, onde a Companhia acabou por fazer assento, substituindo-se aos seus inimigos; e não nos envolveremos com o trafico e a navegação, que ella tem, desde o seu começo, promovido para as terras auriferas de Guiné, ambos os continentes da America, e ilhas ainda não conquistadas e occupadas pelo inimigo, a não ser de passagem, e quando o commercio estiver ligado á guerra.

Esforçar-nos hemos por só escrever a verdade, e não calaremos de industria o que soubermos que o é. Contaremos singelamente as acções e omissões daquelles que estiveram ao serviço da Companhia, para que os leitores ajuizem delles, conforme o real merecimento de suas pessoas; o que porém com tanta mais descripção devem fazer, quanto nem sempre se deve carregar áquelles, que tiveram parte nos acontecimentos, o mallogro da empreza, assim como succede, pelo contrario, que o bom exito de outras independe inteiramente da habilidade ou do valor dos homens. Em casos taes cumpre levantarmos os olhos para o céo, e louvarmos aquella Divina Providencia, que se tem maravilhosamente revelado em todos os nossos negocios, ora obstando commettimentos, que pareciam sabiamente combinados, ora tirando a bom fim outros, de que cousa alguma se esperava. A Deus sómente é devida a principal honra, a elle que foi propicio ás armas da Companhia, e abençoou os seus minguados recursos, permittindo-lhe reparar os passados damnos com prosperos e novos casos, e, contra o juizo e a expectação de todos, fazer grandes cousas em proveito deste Estado com pequenos meios.

Para isto, com o seu patrocinio e suas mercês, tambem contribuiram muito S. A. Potencias; e houvesse Deus permittido que se instituisse esta Companhia, não em uma epocha, em que os dinheiros publicos se achavam distribuidos com uma guerra quasi que em nossas fronteiras, com contribuições e soccorros concedidos a amigos e alliados, mas em uma epocha em que ella pudesse ser melhor dotada e mais efficazmente auxiliada, quem sabe que outras emprezas de maior alcance não se houveram planeado e effectuado ?!

O Principe Mauricio de gloriosa memoria (para quem foi motivo de jubilo a instituição da Companhia, e o ver, antes de deixar o mundo, os seus primeiros trabalhos), o S. Alteza o actual Principe de Orange, com os seus bons conselhos, incitamentos e favores, foram tambem parte para aquelle resultado.

Os heroes, que com esforço e felicidade pozeram por obra a empreza, acharão, nos devidos lugares, mencionados os seus nomes, e honrados com louvores os seus feitos.

Finalmente os vindouros, quando já se não fizerem ouvir a inveja e a malevolencia, hão de julgar e reconhecer que a Companhia grandes cousas fez a bem do Estado, e talvez mais do que della se esperára, ou se podia requerer; pois, si considerarmos os seus haveres obtidos dos proprios membros, e os compararmos com o colossal poder do rei de Hespanha, com o qual ella, sem ter respeito á sua fraqueza, sem medir as suas forças, ousou corajosamente arcar, veremos que os seus recursos, os seus meios de acção não são dignos de menção.

Mas, pois havemos de ter occasião de tratar deste assumpto mais larga e opportunamente, si Deus conceder-nos tempo para levar ao cabo a presente obra, que fenece no anno de 1637 (não tencionamos por ora ir além), nada mais diremos a este respeito, e entramos em materia, e neste livro faremos relação do que se emprehendeu e fez nos annos de 1623 e 1624.

Tendo sido providenciado devidamente o commercio de Guiné, e outros logares d'Africa e America, os directores, que então administravam a Companhia, entraram a deliberar a que empreza poriam mãos, por melhor debellar os inimigos do Estado; pois bem sabiam que não satisfaziam os votos dos leaes habitantes das Provincias-Unidas, nem correspondiam á geral expectação de grandes cousas, com promover unicamente aquelle trafico, que anteriormente já era feito por outros. Além disto, não se devia esperar obter de prompto grandes lucros e proveitos do commercio com selvagens, ainda não reduzidos á obediencia pelo rei de Hespanha, (exceptuando o commercio de Guiné, cujas vantagens eram de todos conhecidas): estas barbaras gentes de pouco careciam, como machados, facas, coraes e quejandas bagatellas; e por não estarem dispostas a andar vestidas, não se lhes podiam levar as mercadorias fabricadas no paiz ou para elle trazidas; e as que entre ellas e dellas se obtivessem em retorno, como madeiras, tintas e cousas semelhantes, eram taes que antes encheriam o mercado, que enriqueceriam o paiz. E posto pensassem que não só se não devia dar de mão áquelle commercio, mas antes de algum modo augmental-o e engrossal-o, todavia bem comprehendiam que lhes cumpria metter hombros a alguma empreza, com que ou forçassem os Hespanhoes e Portuguezes a negociarem e assentarem pazes com os nossos, ou, si a isto se recusassem, os privassem dos seus lucros, e no logar dellos estabelecessem os nacionaes, afim de que a nossa patria lograsse por sua vez os proveitos, que os seus inimigos tinham tido por tantos annos nas regiões mencionadas e em outras partes. E a este effeito eram os directores particularmente incitados pelo governo, com razão persuadido que todos os esforços empregados dentro do paiz, ainda quando bem succedidos, não eram por si sós cabaes a pôr o desejado termo a tão duradoura guerra, e que necessario se fazia cortar á Hespanha o nervo, por assim dizer, de suas rendas annuaes, e com o tempo estancar as fontes, donde o sangue e a vida se derramam naquelle grande corpo; e foi para conseguir isto mesmo que avisados governadores deste Estado desejaram e aconselharam por tanto tempo se levantasse a Companhia, creada finalmente pelos actuaes. E com quanto os directores não se illudissem sobre a gravidade da empreza, e soubessem que conjurariam e desafiariam contra si as forças de um Principe poderosissimo, todavia, considerando que de um ou de outro modo a luta se travaria, ainda quando elles cuidadosamente evitassem medir-se com o rei de Hespanha, não se deixaram amedrontar; mas antes, com verem que eram veleiros os navios neerlandezes, numerosos, bravos e experimentados os nossos marinheiros, encheram-se da esperança de fazer cousas uteis e proveitosas, e quiçá grandiosas, tanto mais quanto estavam em parte bem informados, e de dia para dia mais se esclareciam, acerca das regiões da America onde o rei de Hespanha

se achava forte, e onde fraco. Assim que, era agora quasi a sua unica preoccupação determinar que ponto devia ser preferido para começar: muito havia que escolher em tão vastas regiões, e consideravam-se difficeis de serem emcetadas muitas das principaes praças.

Pouco antes de resolvida e assentada a instituição da Companhia, Suas Altas Potencias os Senhores Estados-Geraes, com a approvação de Sua Alteza Serenissima o Principe Mauricio, de gloriosa memoria, haviam depachado a frota Nassauw (1) ao mando do almirante L' Hermite, custeada em parte pelo governo, e em parte pela Companhia das Indias Orientaes, sendo tido muito em segredo entre alguns membros do governo, como cumpria, o destino que levava a dita frota. Não desagradaria ao governo que a Companhia das Indias Occidentaes, estipuladas certas condições, com elle se associasse, e compartilhasse as despezas da empreza, ou pelo menos a continuasse e concluisse; e neste sentido fez-lhe proposições, sendo então declarado tambem a alguns dos directores qual o destino daquella frota. Pareceu em geral aos directores que se não deviam envolver n'este negocio, que muito caro lhes sahiria; por quanto a frota, em consequencia de haver perdido a estação favoravel, estivera muito tempo retida nos portos destas Provincias, e isto dera lugar a que alguns inquirissem das cousas desta expedição, e suspeitassem onde se tinha a mira.

Receiavam pois os directores que o inimigo tambem tivesse tido faro dos planos do governo. Nada obstante, muitos estavam dispostos a que a Companhia tomasse parte na obra começada, e proseguisse nella, de modo que ficou quasi assentado que a frota, que se estava fazendo prestes, seguisse na esteira da primeira. Outros, pelo contrario, tinham semelhante opinião por inopportuna e nociva; porque não devia a Companhia, no seu primeiro passo, arriscar o melhor dos seus recursos e a parte exactamente mais disponivel em uma empreza toda de incertezas, de cujos resultados, ainda no caso mais favoravel, mal poder-se hia ter noticia dentro em dous annos, e sem embargo d'isto a Companhia teria de mandar logo novos auxilios; e mais util ao estado e accommodado ás forças da Companhia lhes parecia tentar alguma empreza em partes menos alongadas. Em lugares remotos, o mais certo era que a tentativa

(1) «Esta frota, forte de 11 navios, partio em Abril de 1623 de Goerée. Suas cartas de commissão, que só no mar deviam ser abertas, ordenavam que fossem em demanda da frota de prata hespanhola, e della se apoderassem, ou que tentassem um commettimento no Chile, ou ainda que capturassem os galeões hespanhoes ricamente carregados, que se dirigiam todos os annos de Manilha a Panamá Primeiramente libertaram alguns escravos das mãos dos piratas argelinos que encontraram em caminho, e depois de uma navegação pouco favoravel de nove mezes, durante a qual tiveram de lutar a nordo com o escorbuto e outras doenças, chegaram ao estreito Lemaire, que, desde o seu descobrimento, não tinha sido transposto por nenhum navegante hollandez. Fizeram no Chile e no Perú varios assaltos que não tiveram bom exito: estavam mui bem guardados os lugares de alguma importancia na costa, e era aguardada a chegada da nossa frota. Conseguiram somente assenhorear-se de Guayaquil, que foi incendiada. Algum tempo depois, morreu o almirante L'Hermite que foi succedido pelo celebre e bravo Witte Corneliszoon de With. Em Janeiro de 1625, este chegou com a frota nos Ladrões, e voltou ao Texel em Junho de 1625.»—(*Netscher*)

falhasse, e em outros mais proximos, poderia ser repelida; e si, por um lado, era mais para temer-se, n'este caso, a resistencia do inimigo, a Companhia, por outro lado, seria tambem mais prompta em remetter soccorros, e assim refrescaria os nossos com reforços. Os que eram deste parecer insistiam particularmente em que os nossos navios, permanecendo no Oceano Atlantico, poderiam talvez no espaço de um anno percorrer as costas da America a começar do Brazil, e o commettimento, que em um ponto fosse arduo, seria mais facilmente effectuado em outro, e em todo o caso a Companhia indemnisar-se-hia, em grande parte, dos seus gastos, e com isto metteria um grande medo ao rei de Hespanha, e obrigal-o-hia a fazer enormes e inevitaveis despezas; pois forçoso lhe seria augmentar e reparar as suas fortificações, e reforçar consideravelmente as suas armadas. E si a Companhia não obtivesse d'este modo grandes lucros, nem por isso a posição do inimigo seria menos embaraçosa, nem achar-se-hia elle menos enfraquecido.

Aceito afinal este parecer, resolveu a Assembléa dos XIX que fosse accommettida a Bahia de Todos os Santos, e se fizesse toda a diligencia por tomal-a. A eleição desta praça foi determinada não só porque a sua situação proporcionava facil entrada aos navios, podendo d'ahi sahirem commodamente a accommetter de improviso todas as outras partes da America e ilhas, mas tambem porque os nossos ter-se-hiam de haver, não com Hespanhóes, e sim com Portuguezes, que eram menos temidos, e considerados mais faceis de ser attrahidos á nossa amizade ou forçados a acceital-a; e ainda e principalmente por causa do assucar e do páo brazil, generos que se tinham por muitos vantajosos e appropriados no commercio d'estas provincias; e finalmente por outras razões, que de industria calaremos, por não declaral-as inopportunamente, e assim avisar o inimigo daquillo de que elle ha de acautelar-se. Sendo esta deliberação levada pelos deputados da Assembléa dos XIX ao conhecimento de Suas Altas Potencias e de Sua Alteza o Principe d'Orange, mereceu a approvação e assentimento delles.

A Companhia já tinha quasi inteiramente apparelhados, e providos do necessario, vinte e tres navios grandes e tres byates. A camara de Amsterdam, pelas suas quatro nonas partes, concorrêra com os seguintes navios: *Hollandia*, do porte de trezentos lastos (1), guarnecido com seis peças de bronze e vinte e duas de ferro, e com cento e dezoito marinheiros, e com soldados; *Zeelandia*, de igual numero de lastos, com doze peças de bronze e vinte e quatro de ferro, com cento e treze marinheiros e com soldados; *Provincia de Utrecht*, duzentos e cincoenta lastos, duas peças de bronze e dezoito de ferro, oitenta e nove marinheiros e com soldados. Estes tres navios eram proprios da Companhia. Havia mais os seguintes fretados: *de Eendracht* (Concordia), duzentos e cincoenta lastos, vinte colubrinas (2), quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; *St. Christoffel* (S. Christovão), duzentos e cincoenta

(1) Peso de duas toneladas ou 4,000 libras.—(N. do Trad.).

(2) *Goetelingen* é a antiga denominação hollandeza das peças de ferro fundido, que atiravam balas de 2 1/2, 3, 4, 6, ou 8 libras; as grandes boccas de fogo eram de 8 a 12 libras, e as de bronze de 18 a 24 (*de Jonge*, 1, p. 398, citado por *Netscher*).—(N. do Trad.)

lastos, dezoito colubrinas, quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; *de Hope* (Esperança), duzentos lastos, dezoito colubrinas, quarenta marinheiros e cincoenta soldados; *Nassauw*, cento e noventa lastos, dezesseis colubrinas, quarenta marinheiros e cincoenta soldados; *de Vier Heyms Kinderen* (os quatro filhos de Aymon), duzentos e quarenta lastos, dezesete colubrinas, quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; mais um navio de cento e oitenta lastos, dezeseis colubrinas, quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; *Overyssel*, duzentos lastos, dezeseis colubrinas, quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; *den Haen* (Gallo), duzentos e cincoenta lastos, dezoito colubrinas, quarenta marinheiros e cincoenta soldados. A camara de Zelandia, pelas suas duas nonas partes, aprestára os seguintes navios: *den Tyger* (Tigre), trezentos e cincoenta lastos, seis peças de bronze e vinte de ferro, cem marinheiros e cento e cincoenta soldados; *t'Gulde Zee-Paert* (Cavallo marinho de ouro), trezentos lastos, dezoito colubrinas, cincoenta marinheiros e cento e vinte cinco soldados; *Post Paert* (Cavallo de posta), sessenta lastos, oito colubrinas, quarenta marinheiros, e vinte e cinco soldados. A camara de Mosa, aprestára os seguintes: *Neptunus*, duzentos e trinta lastos, seis peças de bronze e vinte e duas de ferro, cento e oitenta e sete homens: *Oraguien-Boom* (Laranjeira), duzentos lastos, dois falconetes de bronze, dezeseis colubrinas, quarenta e tres marinheiros e cincoenta soldados: o hyate *Zee-Jaeger* (Caçador do mar), setenta lastos, dez colubrinas, cincoenta e dois homens; o hyate *Haes-Windt* (Lebreiro), sessenta e cinco lastos, dez colubrinas, e cincoenta e um homens. A camara do districto do Norte equipára os seguintes: *Samson* (Samsão), trezentos lastos, quatro peças de bronze e trinta de ferro, cento e dez marinheiros, e igual numero de soldados; e os seguintes fretados: *de Oude Roode Leeuw* (o Velho Leão vermelho), trezentos lastos, dezoito colubrinas, quarenta e dous marinheiros, e cincoenta soldados: *Oraguien-Boom* (Laranjeira), duzentos e cincoenta lastos, quatorze colubrinas, quarenta e dous marinheiros, e cincoenta soldados.

A camara de *Stadt-en-Lande* ou Groninga fizera prestes os seguintes: *Groeningen* (Groninga), trezentos lastos, oito peças de bronze e dezesseis de ferro, noventa e oito marinheiros, e cento e cincoenta soldados; *de Sterre* (Estrella) fretado, trezentos lastos, vinte colubrinas, quarenta marinheiros, e cincoenta soldados; o hyate *de Vos* (Raposa), cento e vinte lastos, doze colubrinas, trinta e cinco marinheiros e cincoenta soldados; e mais o navio *St. Marten* (S. Martinho).

A' frota, assim guarnecida de gente mui luzida, e provida dos necessarios bastimentos, e toda a sorte de munições de guerra, foi posto por almirante o honrado Jacob Willekens de Amsterdam, e por *vice-almirante* o bravo marinheiro Pieter Pieterez. Heyn de Rotterdam; para coronel da tropa e governador da futura conquista foi escolhido o mui nobre *Jonck-Heer* (1) Johan van Dorth, senhor de Horst e Pesh, que honradamente exercéra, assim nestas Provincias,

(1) Gentil-Homem, titulo que em Hollanda é devido aos da pequena nobreza.—(N. do Trad).

como em outras partes, cargos politicos e militares. Como com o apercebimento desta frota consumio-se quasi todo este anno de 1623, reservamos para depois o que temos que dizer a respeito della, e vamos primeiramente occupar-nos com a excursão de uma flotilha, enviada este mesmo anno pela Companhia á costa de Angola e outras partes d' Africa, comprehendidas nos limites do seu privilegio.

Esta flotilha compunha-se do navio *den Dolphijn* (Golphinho), cento e oitenta lastos, vinte e quatro colubrinas, e seis pedreiros (1), oitenta e tres homens, capitão Thomas Sickes; o hyate *de Thonijn* (Atum), sessenta lastos, oito colubrinas, trinta e dous homens, capitão Bruyn Volkerszoon; e o hyate *de Bruyn-Visch* (Porco do mar), sessenta lastos, oito colubrinas, vinte e sete homens, capitão Cornelis Haringh. Todos tres foram apercebidos pela camara de Amsterdam. O bravo Philips van Zuylen, que já havia navegado por essas costas d'Africa, e bem as conhecia, era o *Commandeur* (2). De conserva com esta flotilha ia o navio *de Swarte Leeuw* (Leão negro), destinado ao commercio do Cabo Verde. O *Dolphijn* era a almiranta, o *Swarte Leeuw* a vice-almiranta, e o *Bruyn-Visch* a sota-almiranta.

Estes navios largaram do Texel a 22 de Septembro. A 12 de Outubro avistaram a ilha Lançarote, e entre 27 e 28 passaram o tropico de Cancer. A 30 estavam acercados do cabo Branco, e o montaram cosidos com elle, encostando-se ao vento, que era sudoeste. Aproximaram-se do cabo até as cinco braças; bom fundo. Ao meio-dia, tinham a altura de 20° 50'; depois do meio dia foram entrando com vento do mar, e surgiram á noite obra de quatro leguas para dentro do cabo. E' este cabo mui escarpado, e como talhado a machado, e lança de si uma restinga de areia. Ao dia seguinte deitaram as chalupas e bateis ao mar não só para irem á pesca, como tambem para investigarem todas as angras e enseadas da costa a ver si deparavam algum navio inimigo, pois delles muitos costumam ir pescar a estas paragens; nesta occasião porém não havia nenhum, pelo que os nossos seguiram d'aqui. A 4 de Novembro descahiram para dentro ou para o norte do Cabo Verde, mas á noite aproximaram-se delle, navegaram até á ilha que demora em face do mesmo cabo, e ahi surgiram. Ao dia seguinte fundearam diante de Refrisco (Rufisco?), aldeia de negros na costa d'Africa, onde ha resgate.

Neste interim morreu Cornelis Haringh, capitão do *Bruyn-Visch*, e foi succedido por Jochem Gijsen. A 12 separaram-se os tres navios do *Swarte Leeuw*, e proseguiram em sua derrota. A 14, tendo de novo tocado na costa d'Africa, foram-na costeando ao rumo do sul; e neste mesmo rumo corre aqui a costa. Ao meio-dia eram na altura de 12°30'. Com vento noroeste navegaram ao sul e ao sul quarta a sudoeste, e á tardinha viram quebrarem-se as ondas sobre um parcel, que está um pedaço ao mar, e ao norte delle um grande boqueirão ou embocadura; além da arrebentação, ao sul, avistaram um

(1) Peças de artilheria que atiram pedras, em vez de balas».—(N. do Trad.).

(2) Official que commanda uma esquadra ou flotilha».—(N. do Trad.).

cabo. Suppuzeram ser o cabo Roxo e o rio de Cacheu. Surgiram em cinco braças, fundo de barro, ficando o dito cabo ao sul quarta a sudeste com elles; e apartado obra de quatro a cinco leguas. Estavam a uma boa legua da costa, e na altura de 13°17' ao norte da linha. Do norte até áquella bocca é tudo mui baixo na borda do mar, bem como a terra que cerca a mesma bocca, e assim continúa até ás proximidades do cabo. E porque os nossos não conhecessem bem estes lugares, o *Commandeur* mandou os dous hyates e o batel grande áquella embuccadura para saberem ao certo o que era. Na noite seguinte tornou o batel: remontára o rio um bom pedaço, e os nossos viram que elle tem umas tres barras. A primeira, que é a maior, pegada á margem septentrional, corre a lesnordeste, mui larga na entrada com a profundidade de tres a quatro braças; ao sul desta fica a segunda, que corre primeiro ao sul, depois a sussueste, e fazendo uma curva vai ter ao grosso do rio. As entradas deste rio não são boas; deveis esperar a prêa-mar, porque a maré cresce bem uma braça. Os negros, que moram nas suas vizinhanças, tão depressa deram fé do batel, acudiram de varios recantos em muitas canoas, bem armados com formosas azagaias, arcos e setas; mas, como viram que os nossos estavam de sobreaviso, não accommetteram o batel. Os nossos não poderam entendel-os nem mover nenhum delles a passar-se ao batel, para ser interrogado mais de perto. O *Commandeur*, não satisfeito com estes informes, e desejando saber ao certo si aquelle era ou não o rio Cacheu, determinou que fossem os hyates ao rio, e o subissem, juntamente com o batel grande de novo bem guarnecido, e lhes recommendou que se guardassem cautelosamente das manhas dos Portuguezes e dos negros. A 16 os hyates entraram no rio ao longo de sua ponta septentrional, e delle sahiram a 19, e rodeando o parcel ao sul (o qual sahe ao mar obra de legua e meia ao rumo de oeste quarta a sudoeste e oéssudoeste), tornaram ao navio grande. Declararam haver subido o rio algumas sete ou oito leguas, seguindo geralmente o rumo de leste quarta a nordeste e lesnordeste, sem depararem navio algum; mas havia tantas sinuosidades e arroios, que vinte e cinco barcos, que no rio estivessem, poderiam esconder-se aos nossos. Não viram aldeias, nem povoado algum de Portuguezes ou Hespanhoes. Os negros vieram á falla, mas nem os nossos os entenderam, nem elles aos nossos. A terra é formosa, abundante de tamareiras, produz muito arroz e milho, mas viram pouco gado. D'aqui concluiram os nossos que não era aquelle o rio Cacheu, mas sim o de S. Domingos (1), que Direk van Huyter menciona no seu livro—*Guia da navegação*.

Vendo pois o *Commandeur* que nada tinha que fazer aqui, mandou que os hyates passassem por entre os baixos de S. Pedro ou do Rio Grande, a ver si havia algum resgate, e sondar a profundidade daquella passagem, indo ter com elle em Serra Leôa. Os hyates navegaram pouco mais ou menos para a terra, para tocar de passagem em um logarejo, onde ha resgate, tres leguas ao norte do Cabo Rôxo. No mesmo dia o *Commandeur* levou ancora, e a 24

(1) S. *Domingos* é outra denominação do mesmo rio de Cacheu.»—(N. do Trad).

chegou ao sul da ilha mais occidental dos Idolos. Em breve avistou a terra firme, e surto junto della um barco. Estavam os nossos na altura de 8°30' á banda do norte; e como o navio grande não podesse acercar-se do barco pela pouca profundidade, o *Commandeur* mandou a elle o batel e a pequena chalupa de arenques, bem providos de gente; mas foi em vão, porque o barco refugiou-se no rio, e sobrevindo a noite, os nossos não ousaram perseguil-o. Viram que este rio tinha uns cinco ou seis formosos galhos, que podiam ser entrados, e que a maré cresce nelle obra de braça e meia. A 26 o *Commandeur* fundeou em Serra Leôa, onde encontrou navios inglezes e francezes. Obteve do governador dos negros, mediante um insignificante presente, licença para traficar, e fazer lenha e aguada.

Neste entretanto os dous hyates entraram no verdadeiro rio de Cachéu, e subiram no até ao povoado, que ahi teem os Portuguezes; mas antes disto, haviam tomado um pequeno navio, mettido no fundo um barco, e queimado dous que estavam descarregados. Depois de atirarem contra a povoação quarenta ou cincoenta tiros de peça, não tendo forças bastantes para assaltal-a, os nossos desceram o rio, e a 15 de Dezembro reuniram-se ao *Commandeur* com o naviosinho tomado, que foi provido de gente e de um capitão. Trouxeram tambem um alguazil portuguez, que resgatou-se por sessenta barras de ferro. O *Commandeur* permaneceu aqui algum tempo, afim de refrescar os seus, e prover-se de agua e lenha, e negociou neste entretanto com os negros, dentes de elephante e certa madeira vermelha, que dá nesta região, e é trazida em quantidade ao nosso mercado. Este anno não navegou mais, e pois aqui o deixaremos tomar pouso, e passaremos a narrar o que se passou no anno seguinte de 1624.

1624

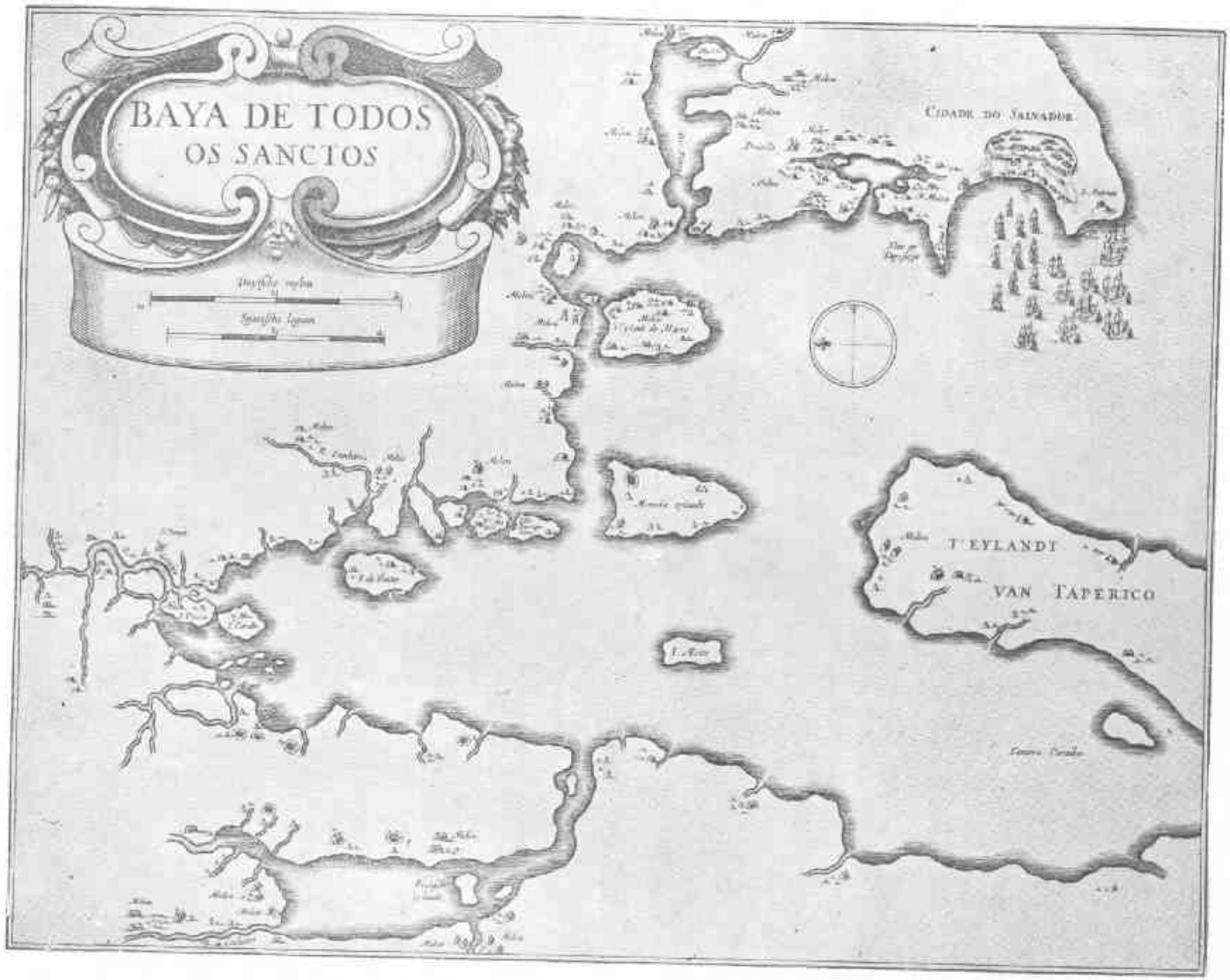
Ficou dito que a Companhia das Indias Occidentaes havia apparelhado o anno passado uma grande frota, bem guarnecida de gente, e bem provida de toda a sorte de munições de guerra, e lhe dera por almirante Jacob Willekens. A 21 e 22 de Dezembro do dito anno partiram do Texel e do Ems desenove navios desta frota com a almiranta; a 23 partiram do Mosa um navio e dois hyates; a 25 de Janeiro deste anno de 1624 largou a vice-almiranta do porto de Goerée; e finalmente a 26 seguiram de Zelandia dous navios e um hyate; ao todo vinte e seis velas entre navios e hyates. Os naviõs e hyates, que largaram de Texel e do Ems, navegaram com ventos favoraveis, e avançaram tão rapidamente, que a 28 do mesmo mez estavam todos reunidos na ilha de S. Vicente, uma das do Cabo Verde, situada em altura de 17° e alguns minutos de lat. sept., com excepção do navio *Hollandia*, em que ia o senhor Van Dorth, que não podendo alcançar dita ilha, escorreu-a, e foi aportar em Serra Leôa. O almirante permaneceu n'esta ilha até 26 de Março a ver si reunia toda a frota. Neste interim foram chegando os navios, que partiram depois d'elle, e

actualmente tinha em sua conserva toda a frota, com excepção do navio *Hollandia*, do qual todo este tempo não houve noticia alguma. Obtiveram-se aqui bons refrescos, como peixe, muitas cabras, laranjas e limões, e isto foi havido não só nesta ilha de S. Vicente, como na visinha de S. Antonio. As chalupas, que haviam sido levadas em peças, foram concertadas; prepararam-se gabiões e outras cousas necessarias; instruio-se e exercitou-se a tropa. O almirante, tendo aguardado por tanto tempo a vinda do coronel, e não sabendo onde elle parava, e achando-se tudo a pique, determinou não perder mais tempo, e proseguir na sua derrota, e no dia já indicado fez-se á vela de S. Vicente com todas as chalupas aqui ajustadas. A 21 de Abril chegou a altura de 6º ao sul da linha; e neste mesmo dia mandou chamar a seu bordo todos os officiaes, que formavam o conselho secreto, para, de conformidade com as ordens que lhe tinham sido dadas, mostrar as instrucções secretas, que estavam selladas em seu poder, e que deviam ser abertas nesta altura. Das instrucções vio-se que queriam os XIX fosse accommettida a Bahia de Todos os Santos, e se envidassem esforços por tomal-a. A' uma voz compromettêram-se os officiaes superiores a dar cumprimento a esta ordem fiel e valorosamente, e a empenhar todos os seus esforços, para que os intentos da Companhia se realisassem em proveito della e em bem da patria. Deliberaram tambem sobre os meios de execução e a ordem, que teriam no commettimento. Mas convém que não procedamos na narração desta expedição, sem primeiro fazer uma breve descripção da praça.

Esta capitania do Brazil, que é de todas a principal, chamam commummente Bahia de Todos os Santos; em seu meio está situada, em altura de 13º ao sul da equinocial, trinta leguas hespanholas ao norte da capitania dos Illheos, e obra de cem das mesmas leguas ao meio-dia da de Pernambuco. A bahia, de que esta capitania houve o nome, é mui grande e espaçosa, e divide-se em muitas ensciadas, onde ha tambem algumas pequenas ilhas. Abre-se ao sul, e prolonga-se ao norte; tem de largo perto de duas leguas e meia, em partes doze braças de fundo, e em outras até dezoito seguramente; varios rios se vêm metter nella, e pois é uma das mais capazes das que ha em toda esta região do Brazil. A ilha maior e mais afastada, que está a um tempo diante e dentro da bahia, tem o nome de Taparica; vindo do mar em fóra vos fica esta ilha á esquerda, e á direita o continente do Brazil, tendo a bahia de largo nesta parte perto de tres leguas. A terra firme, que fica á direita, faz uma ponta romba, em que ha um forte chamado de Santo Antonio, e em uma ensciadasinha, que termina ao norte em um pequeno cabo, estava a cidade antiga, que chamam agora Villa Velha; do qual cabo encurva-se a terra firme, e faz a modo de uma meia lua, que acaba em uma pequena lingua de terra com uma ponta delgada, que entra bastante pela bahia. Pouco mais ou menos no meio desta curva levanta-se a cabeça desta capitania, chamada S. Salvador, e na ponta delgada está a fortaleza Tapagipe, apartada cousa de duas leguas da ponta da ilha de Taparica. Desta ponta de Tapagipe a terra escolhe-se primeiramente algum tanto para leste, a bahia alarga-se, e mette-se pela terra por uma estreita bocca, e faz mais para dentro um grande

lagamar, que se derramaem dous seios, um ao norte, outro ao sul. Da bocca deste lagamar ate á foz do rio Pitanga lança-se a terra ao norte: este rio Pitanga corre leste oeste, é de largura arrazoada, e recolhe em si alguns ribeiros. Assim ás margens destes, como ás do rio Pitanga, ha muitos engenhos de assucar. Da foz deste rio a terra arruma-se ainda ao norte por espaço de uma legua pouco mais ou menos, e então volta-se ao oeste, fazendo um cotovello onde ha uma ilhotai, e por espaço de algumas duas leguas corre quasi direitamente ao oeste até uma ponta romba. Quasi no meio deste espaço demora uma ilha de grandeza arrazoada, que chamam Maré, apartada da terra firme obra de meia legua, com uma legua talvez de comprido, e por ser deste comprimento vem a ficar atravessada defronte da bocca do rio Pitanga; contra a banda do norte desta ilha desce um ribeiro da terra firme. Confronte a sobredita ponta romba, para o sul, jaz tambem uma ilha arrazoada, e seguramente tão grande, como a anterior, e disposta quasi em triangulo; os nossos a chamam ilha dos Monges. Desta ponta romba da terra tirada ao oeste, volta-se ella de novo ao norte, retrahindo-se bastante sobre si. Ao começo desta volta, e em sua continuação ha algumas ilhotas, umas mui chegadas á terra, e outras mais apartadas della; a primeira, que é a que fica mais ao sul, e está junto da ponta, chamam Birapebiara (Bimbarra), a seguinte Porto Madero, os nomes das outras nos são desconhecidos; defronte da quarta, que é oblonga, e demora na curvatura, sahe um ribeiro. Por traz desta mesma ilheta lança-se a terra ao oeste, fazendo uma ponta romba, pegada com a qual, para oeste, ha uma ilhasinha de tamanho regular, e oblonga, que chamam ilha das Fontes. Junto desta ponta desagua o rio Tambaria, que vem do norte, fazendo uma curva aberta ao oeste. Da bocca deste rio a terra firme arruma-se ao noroeste, e faz dous pequenos seios até á bocca do rio Geresipe (ou como outros dizem, Seregipe), que vem da terra firme direitamente do norte, arrazoadamente largo em sua foz, e tem aste si uma ilhasinha, que chamam Caraibe, e na bocca mais duas, das quaes a mais afastada tem o nome de Pijeca; estas ilhasinhas dividem o rio em dous. Da bocca deste rio, que é o que fica mais para dentro desta grande bahia, a terra volta-se ao sul, fazendo varias curvas (onde desaguam alguns ribeiros), até á bocca do rio Cachoeira, que desce do noroeste, e se abre a leste; é mui largo e amplo, contém algumas ilhasinhas, e recolhe em si muitos corregos, e as margens tem muitos engenhos. De través com a bocca deste rio fica a pequena ilha Meve (Medo). A costa arruma se agora ao sul, e em face della, para leste, fica a grande ilha Taparica, lançada ao comprido. Com o que acima fica, temos escripto bastante desta bahia.

A cabeça da capitania é chamada S. Salvador, está sita no meio daquella meia lua, que já advertimos, á banda nordeste da bahia. Foi edificada por Thomas de Souza em uma colina elevada; está cingida de uma muralha, e contém formosos edificios. A colina, em que assenta a cidade, é, do lado da bahia, mui escarpada, e está coberta de mato e capoeiras; através este matagal fizeram-se duas abertas ou claros, por onde todas as mercadorias pesadas são içadas e arriadas, por meio de dous grandes guindastes, ao longo de dous trilhos de madeira grandes e inclinados, e estes declives tem de altura acima


BAYA DE TODOS
OS SANCTOS
CIDADE DO SALVADOR
T'EYLANDT
VAN TAPERICO

do nivel do mar obra de cem braças. Abaixo da colina, na praia, ha muitos armazens. Alem do forte de Santo Antonio e do grande castello de Tapagipe, havia, para defensa do porto diante da cidade, dous pequenos castellos de pedra, levantados de muito tempo, um á sombra da cidade, junto daquelles trilhos de madeira, com o nome de S. Philippe, o outro entre este e o grande castello de Tapagipe. O governador mandou construir mais um forte ou plataforma triangular em frente dos armazens, o qual é de pedra, e se alça acima d'agua, mas não estava de todo acabado, quando os nossos aqui chegaram. Esta capitania pertence ao mesmo rei de Hespanha, que nella tem um governador. E' séde da Real Audiencia, onde sobem por appellação todos os feitos processados no Brazil. Aqui reside tambem o bispo do Brazil; e os jesuitas tem um excellente collegio. Finalmente ha nesta capitania muitos engenhos, que fabricam optimo assucar e em quantidade. Voltemos agora á nossa armada.

Da altura de 6º ao sul da linha, onde se achavam os nossos aos 21 de Abril, como atraz dissemos, governaram direitamente para as costas do Brazil, e a 4 de Maio houveram vista della na altura de 14º ao sul da linha; e com quanto, nesta quadra do anno, em que cursa nessas costas a monção costumada, devessem encontrar ventos sudestes, e as aguas correndo ao norte (1), foram entretanto detidos por calmarias e ventos contrarios, pelo que não poderam antes do dia 8 tomar a verdadeira altura da bocca da bahia. Tendo porém alcançado agora esta altura, lançaram ancoras ao mar, arredados da costa obra de nove leguas, por não serem vistos intempestivamente do inimigo, e começaram de aprestar e ordenar as cousas, segundo o modo que haviam anteriormente assentado. Fôra determinado em conselho geral que todos os homens d'armas se passassem para quatro navios grossos e um hyate, que dariam fundo diante da ensciadazinha, em que está o castello de Santo Antonio, ao passo que os mais navios, com a almiranta e vice-almiranta, entrariam pela bahia dentro, não só para distrahir a attenção do inimigo, e dar-lhe que fazer a um tempo em varios lugares, mas tambem e particularmente para tolher que os navios inimigos, que estivessem surtos diante da cidade, podessem navegar. Para dar desembarque á tropa foram determinadas as sete chalupas; e para que o inimigo não adivasse com o destino daquelles quatro navios, os arraes das chalupas tiveram ordem de manter companhia com a armada, até que no mastaréo de velacho da almiranta fosse içado um galhardete; a este signal as chalupas dirigir-se-hiam de voga arrancada para os quatro navios, e dariam desembarque á tropa na bahia de areia, que fica para dentro da primeira ponta de Santo Antonio, e está apartada da cidade obra de uma legua ao sudeste. Havia, é certo, no castello de Santo Antonio cousa de quatro peças de bronze, mas estavam assestadas tão alto, que nenhum damno podiam fazer aos navios que entrassem. Quando veio ao outro dia, toda a armada endireitou para a bahia pelas nove horas da manhã, e por volta de meio-dia

(1) Na costa do Brazil cursam os ventos nordestes, e lesnordestes do mez de Setembro até Março, e correm as aguas pela costa ao sul; do mez de Março até Agosto cursam os ventos suestes, lessuestes e susuestes, e correm as aguas ao norte. (*Roteiro de Manuel Pimentel*).

era chegada assim naquella bahia de areia, como diante da cidade. Tanto que o inimigo vio os nossos navios montando a ponta, começou de jogar a sua artilheria grossa com furia contra elles, já do castello de S. Philippe ao sudoeste da cidade, onde havia tres peças de bronze, já do grande forte de Tapagipé, onde havia quatro, já particularmente de uma bateria em frente da cidade, collocada na plata-fórma, que fóra recentemente construida de brancas pedras de cantaria acima d'agua sobre uma lagem, na qual havia oito peças de bronze e duas ou tres de ferro. Nada obstante, os nossos foram caminhando intrepidamente por diante, occupando cada um o seu posto. Faremos primeiramente relação do que fizeram os navios, do combate no mar.

O vice-almirante Pieter Pietersz. Heyn com os navios *Gelderlandt, Groeninghen e Nassauw*, acercou-se, até á distancia de um tiro de mosquete, daquella bateria nova e dos navios portuguezes, que em numero de quinze entre grandes e pequenos estavam cosidos com a praia, com o forte de S. Philippe a bombordo. Como os combatentes estavam mui chegados uns aos outros, aqui travou-se uma renhida peleja, que durou quasi até ás sete da noite. Vendo o vice-almirante que com tiros não adiantava grande cousa, e que entretanto os nossos navios iam recebendo grande damno do inimigo, principalmente o *Groeninghen*, que estava mais proximo delles, e tão varado de balas, que não tardaria a ficar reduzido á ultima extremidade, (pois só lhe restavam cincoenta homens validos, por haver perdido em viagem alguns trinta, e estarem outros tantos doentes), assentou de mandar guarnecer tres bateis, cada um com vinte marinheiros, e remettel-os contra os navios contrarios, para o effeito de escalal-os, e si possivel fosse, tomal-os e trazel-os. Este intento lhe sahio as mil maravilhas, pois os Portuguezes, em vendo que os nossos iam sobre si com tanta bizarria, sem tardança abandonaram os seus navios, e deitaram fogo ao maior, cujo incendio, se communicando a outros tres os devorou inteiramente, e por isso os nossos só poderam salvar oito dos navios do inimigo, e os levaram para a armada. Neste combate, entre outros, perdeu a vida o capitão do navio *Groeninghen*, Andries Nieuw-Kerck, chamado o *Paciente*, bom capitão e soldado valente; elle e os seus se houveram mui galhardamente. O almirante, vice-almirante e officiaes do conselho, que os acompanhavam, como observassem o desanimo e a precipitada fugida dos inimigos, e tomassem isto em consideração, depois de deliberarem entre si, entenderam que deviam tirar proveito daquelle ensejo; pelo que mandaram que immediatamente quatorze bateis fossem guarnecidos cada um com vinte marinheiros bem armados, e capitaneados pelo vice-almirante fossem ter á sobredita plata-forma (cujos tiros incessantes faziam grande estrago nos navios), e, si possivel fossem, a escalassem. O vice-almirante, apezar do fogo bem nutrido da bateria, bem como do da praia, deu cumprimento a esta ordem com tanta presteza e tanto denodo, que primeiro o seu corneta (1),

(1) Em cada navio havia um corneta, que, na occasião de manobra e durante o combate, estava sempre ao lado do capitão para dar os signaes. Parece que naquella epocha ligava-se

depois elle, e em seguida a sua gente sucessivamente saltaram na plata-fórma. Feito atrevido e heroico! A muralha elevava-se acima d'agua obra de oito ou novo pés, e era defendida, segundo a geral estimação, por quinhentos ou seiscentos homens, e sem embargo disto, os nossos a galgaram, ajudando se dos hombros uns dos outros, e dos croques dos bateis. Com verem isto, os Portuguezes desanimados abandonam a plata-forma, e a nado vão procurar guarida na cidade, deixando alguns mortos. Mas, pois esta plata-fórma triangular estava, do lado da praia, em aberto e sem resguardo algum, os de terra entraram a atirar vivamente com os seus mosquetes contra os nossos; o vice-almirante, querendo tolhel-os que não atirassem, mandou voltar duas peças e fazer fogo contra elles, que tambem estavam a descoberto. Com quanto deste modo afrouxassem os tiros do inimigo, e muito crescesse o temor entre os que estavam na praia, todavia o vice-almirante não teve por avisado permanecer neste lugar por mais tempo, tanto mais quanto sobreviera a noite, a gente estava mui afrontada, e começava a escassear a polvora; pareceu-lhes pois mais conveniente encravar a artilheria, por não se utilisar della o inimigo, e tornar-se aos navios com os seus que, depois de recuperadas as forças com o descanço da noite, concluiriam ao seguinte dia a obra começada. Neste ultimo combate, que durou uma hora pouco mais ou menos, morreram somente quatro dos nossos, e entre elles aquelle corneta do vice-almirante, e foram feridos oito ou dez; é incerto o numero dos mortos do inimigo, mas é de crer que foi grande. Deixemos agora descançar por um pouco o almirante e sua gente, e passemos a narrar o que neste interim a tropa fez em terra.

Mal foi içado o galhardete ao mastaréo de velacho da almiranta, largaram a grão pressa as sete chalupas em demanda dos navios e do hyate, que levavam a tropa. Ao todo não havia mais de mil e duzentos soldados válidos, que na ausencia do seu coronel, eram capitaneados pelo sargento-mór Allert Schouten; a estes juntaram-se duzentos e quarenta marinheiros, a quem foram commettidas as peçasinhas de campanha, as victualhas e munições de guerra. Toda esta gente desembarcou das chalupas na angra ou enseiada arenosa, onde cada qual juntou-se á sua bandeira, e em seguida abalaram na seguinte ordem, de antemão determinada pela sorte. Na vanguarda ia o capitão Helmondt com cincoenta ou sessenta arcabuzeiros; seguia-o parte da companhia do coronel commandada por La Main, seu tenente; após vinham o sargento-mór Allert Schouten com sua companhia, e o tenente de Helmondt com parte da outra; seguia-se o capitão Basseveldt com sua companhia; e no couce marchava a maruja com os falconetes, alviões, enxadas, machados, munições e mais cousas necessarias. Na retaguarda desfilavam com suas companhias os capitães Kijf, Ysenach, Willem Schouten, e Bourgeois van Mollingen, Dirck Pietersz. Colver e Dirck de Ruyter, que já haviam estado no Brazil, e conheciam mui bem os caminhos e avenidas, que conduziam á

---

muita importancia a esta funcção, pois vemos no *Gesch. Neilert. Zeewezen.* de M. de Jonge, que o salario de um corneta era 20 fl. por mez, o que naquelle tempo era uma paga consideravel.—(*Netscher*).

cidade, guiavam a tropa por um estreito caminho. Nestes lugares bem podia o inimigo com pouca gente tolher-nos o passo, pôr-nos em grande embaraço, e fazer-nos muito mal; mas tamanho era o desanimo dos Portuguezes, que não ousavam siquer de encarar com os nossos. Assim, como os nossos se embarcavam nas chalupas, viram um grupo de homens armados de mosquetes, arcos e azagaias, e um official a cavallo a divagarem a tôa pela praia, mas tanto que a nossa gente poz pé em terra, aquelle ajuntamento dispersou-se e desappareceu. Indo os nossos pelo caminho, que dissemos, chegaram primeiramente a um grande corpo de guarda, abandonado do inimigo, e em seguida dirigiram-se ao suburbio, onde a principio encontraram alguma resistencia, perdendo ahi as vidas alguns dos nossos, e entre outros um tenente; e facilmente se houvera desordenado a tropa, si a não contivera o *major* Schouten. No entretanto anoitecera, e forçoso foi pernoitarem aqui, e esperarem a seguinte manhã. Os da cidade, com verem a audacia dos nossos, assim no mar como em terra, estavam de todo em todo esmorecidos, e porque temiam que houvesse ainda maior pôder de gente, que a que tinham visto, não ousaram aguardar o dia seguinte, antes, aproveitando-se das sombras da noite, abandonaram tudo, e em grande confusão fugiram da cidade para acoutar-se nas mattas e lugares vizinhos. O bispo D. Marco Teixera, como ao depois se soube, foi o primeiro a dar ás de Villa Diogo com alguns seiscentos homens; porém o governador D. Diego Mendoza de Furtado, «não querendo ser cumplice, como dizia, em tão vergonhosa fugida, nem infiel ao seu rei,» deixou-se ficar na cidade quasi só com seu filho e alguns domesticos (1), como si com este malentendido orgulho fizera algum serviço ao seu rei. Ignorando os nossos estas occurencias, em rompendo o dia, abalaram em direcção á porta da cidade, com as duas peças de campanha, dispostos a deital-a por terra: mas chegados a ella, souberam por um Portuguez, que com bandeira de paz se apresentára na muralha, que a cidade fôra abandonada dos habitantes, e que portanto podiam os nossos entral-a sem queimar cartucho. Não o poderam os nossos crer, e por temerem que se lhes ordenava com isto alguma cilada, aberta a porta, foram entrando a cidade em ordem de batalha, e assim foram ter á *praça do mercado*; mas, pois não encontraram resistencia em parte alguma, nem deram fé de gente inimiga, a não ser o governador, que juzeram a bom recado, metteram a cidade a saco, e com infracção da disciplina militar arrombaram todas as casas, escriptorios e armazens, e tirado o que lhes convinha, tudo o mais estragaram e destruiram miseravelmente.

Desde manhã mui cedo, sahio da armada o vice-almirante com os seus marinheiros para accommetter a cidade pela banda do mar, mas, sendo em terra, não deparou inimigo algum, e subindo a colinaem demanda da cidade, vio que os nossos já eram alli chegados, pelo que deu-se pressa em ser com elles.

---

(1) *Achavam-se* ao lado do governador em Palacio, quando foi preso, e com elle, além do seu filho Antonio de Mendonça, o sargento mór da cidade Francisco de Almeida, o ouvidor geral Pedro Cusqueiro e o capitão Lourenço de Brito. *Historia das Lidas* etc.—*Verdhagen*).

1 De Stad Rijs alwaer de Soldaten aen Land gaen worden
2 Een ruyme wijde deur by deur gaende in de Stadt
3 Een Corps de guarde alle groot waeckt hebt voor den Vyand deur vreese verdegen
4 Een groote ruyme plaets alwaer Aen de Soldaten in slach orden stellen, wanneer sy voort na de voor Stadt, daer sy comen te voorts vinden doch haer saeck vervolmaeckt connen doen te stellen
5 Een Capelleken tegens de Stadt
6 De voor Stadt daer de Soldaten by resse maeckt hebben
7 Een Poort aen 't Zuyt eynde vande Stadt, daer veel Soldaten resse maeckten
8 Een hare schoone Battery leggende die vande voorst stadt beheen daer sy veel Aen een Rang schoo en waren mede daer sy tegheen 24 groote Stucken gestaen en ingeladen sijn het selve
9 Een seer diepe Rivier is vande hare mede gheheel gheset word
10 Een groot Dick hoge daer veel Canon tegens aen staen word
11 Pijl schoorsche de hare aen Land gaen sijnde gemaeckt ende in brand gestoken
12 Het fort aen hare Casteele daer een ingle ende een groote Battery word gemaeckt S Philippe
13 Een groote wijde ende diepe Rivier daer men alle swaere dingen ingha neer groote schepen sonder planck kan worden gemaeckt ende bemant tot tegende vaeren bequaem
14 Een Casteel leggende tegens Noort ende vande Stadt
15 Wijnsser van S. Francisco alwaer de kloosters haer Collatie hebben
16 Een andere hoge
17 Een andere hoge
18 Een seer hooghe Rotse
19 De groote Marckt
20 Een Witte hoge
21 Het hoge vande Gouverneur
22 Seer Vruchtbare daer die vande Stadt haer verfrisschinge halen
A Schip de Zampan
B Schip de Een de guarnicie leggen voeren de water plaets naer Aende B gheseyt sijnde daer die worden vande Casteelen die daer omtrent sijn die hare hebben, ende sy schieten op de Casteelen ende al insgelijcx als de Stadt al naer verweert.

Desmaiára o inimigo por forma tal, que largára os mesmos fortes. O maior, que é o de Tapagipe, ainda atirára pela manhã um ou dous tiros, mas, como souberam os que o guarneciam fóra a cidade abandonada, puzeram-se tambem em fugida, antes que os fossemos de lá expellir. E' esta cidade uma das mais antigas e afamadas de todo o Brazil, e, segundo a grossura da terra, está mui bem e sumptuosamente edificada, comprehendendo em seu circuito cousa de mil e quatrocentas casas, além de varios conventos, um de minoritas, outro de carmelitas, e um terceiro de benedictinos. Tem tambem um excellente collegio dos jesuitas, duas igrejas parochiaes, a maior das quaes estava inacabada. Tem duas portas, uma da banda oriental, por onde entraram os nossos, e outra da banda occidental. Ao tempo da chegada dos nossos havia na cidade, além dos paisanos ou burguezes, moradores e escravos, mais de mil e seiscentos homens d'armas, entre Portuguezes e indigenas, dos quaes quinhentos e cincoenta com sete capitães compunham a guarnição ordinaria, os mais, tanto que se propalou o boato da ida dos nossos (pois parece que della tiveram noticia, ou a suspeitaram, depois que o navio *Hollandia*, que capturára um navio de Angola, e o largára, appareceu na costa) acudiram ás pressas do campo capitaneados por oito cabos, bem como a gente, que os jesuitas arrebanharam. E como era esta cidade uma riquissima praça, e o governador prohibira que, sob pena de castigos corporaes, nenhum morador levasse para fóra suas fazendas, fazendo fundamento que assim tolheria que não fugissem, e entretanto fugiram á noite inopinadamente, vieram a cahir nas mãos dos nossos soldados, como é bem de crer, grossos e copiosos despojos.

Informado o almirante da conquista da praça e desregrado saco, a que se deram soldados e marinheiros, logo ordenou aos commissarios e seus ajudantes que se passassem á cidade sem detença, arrecadassem e registrassem os bens, que nella andavam malbaratados. Chegados á cidade, contemplaram elles um enormissimo estrago, causado de pura malicia da soldadesca, pois estavam as fazendas espalhadas por toda a parte, calcadas aos pés, como si foram lixo; arrecadaram muita lã, sêda, linho e outras mercadorias, e as depositaram no collegio dos jesuitas.

Da cidade, fortes e seus arredores recolheram vinte e tres peças de bronze e vinte e seis de ferro. Nos navios tomados encontraram passante de mil e quatrocentas caixas de assucar, algum melaço e couros. Havia mais quatro navios mui chegados á terra, dous dos quaes continham pouco mais ou menos quatrocentas pipas de vinho; o terceiro estava carregado de farinha, vinho e bolacha, e destinava-se para Angola; o quarto continha somente sal. Nos armazens sitos á praia foi encontrada não pequena quantidade de assucar, e segundo calcularam, cousa de duas mil e quinhentas caixas, e tambem uma porção de tabaco. Da ilha de Taparica tiraram algumas cento e quarenta pipas de oleo de baleia.

O Sr. van Dorth, coronel da tropa, e governador da praça que ia ser conquistada, como atraz dissemos, apartara-se perto de S. Vicente da armada, e tomara porto em Serra Leôa. Daqui fez-se á vela a 5 de Março, e no

ultimo deste mez era em altura de 6° 45' ao sul da equinocial. E porque nem anteriormente, nem nesta paragem topara navio algum, seguio sua derrota, vindo a avistar a 10 de Abril em altura de 14°20', terras do Brazil ao sul. Ao seguinte dia surgiu em vinte e cinco braças, obra de legua e meia da costa, e duas leguas e meia do morro de S. Paulo, que ficava ao norno-roeste com elle. Soube por alguns selvagens, que vieram a bordo, que estava diante do rio Boypeva (1). Este lugar tem faceis conhecenças: a terra é geralmente da mesma elevação, excepto da banda do sul, onde é mui alta, e em cima tem uma matta pequena e espessa; na ponta de Boypeba ha uma grande arvore, que ao longe parece uma torre sem grimpa; entre esta arvore e a matta, e mais chegadas a esta, se veem tres arvores, da mesma grossura e altura; tudo o mais é terra baixa até a ponta Morro de S. Paulo, que é tambem da mesma elevação que a terra grossa em que está aquella matta. No dito morro ha ainda um convento de paredes brancas, e pois é tambem mui facil de conhecer. Ao meio-dia era o coronel em altura de 13°35' ao sul da equinocial. Desde os 14° até esta paragem encontra-se geralmente bom ancoradouro, duas até tres leguas apartado da costa. A 13 de Abril o coronel tomou um navio com negros, o qual vinha de Angola em demanda da Bahia; ficou com o capitão, e largou o navio com os negros, por não saber quão uteis estes lhe podiam ser. De novo deu fundo em distancia de uma legua do morro de S. Paulo, donde avistava a ponta meridional de Taparica. Do morro de S. Paulo até a ilha Taparica a terra firme incurva-se, e nesta curva, segundo dizem os moradores, ha um baixo perigoso. Este seio ou curva começa na ponta meridional de Taparica, e termina na dos Castelhanos, que fica duas leguas ao sul de Boypeba; é junto de S. Paulo que o baixo é maior. No seio ao norte do rio Tinharé ha tambem uns baixos, que saem ao mar bem uma legua; os Portuguezes dão-lhe o nome de baixos de Jaguaribe. O rio de Tinharé desembocca ao lado noroeste do morro de S. Paulo; na bocca tem de fundo seis ou sete braças, e para dentro ainda é mais fundo, segundo dizem os indigenas. Quem está surto no morro de S. Paulo em vinte e seis braças, vê por cima da ponta de Taparica um monte redondo, e ao mar deste outro algum tanto menor, que é terra da Bahia. O Sr. van Dorth, não tendo nova da frota, esteve a cruzar nesta paragem a ver se topava o almirante com os seus navios. A 20 avistou uma ilhasinha, obra de duas leguas ao ossueste comsigo, algum tanto mettida na curva, que da ponta dos Castelhanos corre até a de Camamú. Esta ilhazinha está apartada obra de uma legua da ponta de Camamú, onde desce um ribeiro. Toda esta curva é circumdada de terras baixas, e não tem ancoradouro capaz. Da ponta de Camamú torna a terra a levantar-se. O coronel era então em altura de 13°51', leste oeste com a ponta de Camamú. Ao outro dia vio a ponta do rio das Contas, ao sudoeste comsigo, a qual apresentou-se-lhe com dous montes altos, chegados um ao outro; entre elles desagua o ribeiro. Para o sul a terra continúa levantada. Era em 14°, e não encontrou ancoradouro capaz; e por não ser

(1) Deve ser ilha de Boypeba. (N. do Trad.)

visto sobre a costa intempestivamente, carregou mais para o sul, sendo a 26 nas cercanias da ponta da Lagoa, que é um monte alto, e sai do mar a cavalleiro de terras baixas. E' visto ao longe pouco mais ou menos na altura de 14°30'. Depois de divagar assim até 10 de Maio, sem haver nova da armada, determinou o coronel endireitar para a Bahia sem mais detença; e, quando veio o seguinte dia, nella entrou, e encontrou toda a armada, e ordenadas as cousas até então da maneira que dissemos.

Depois que o almirante dera as bôas vindas ao Sr. van Dorth, e com elle praticara acerca do actual estado das cousas, dirigio-se o coronel com a sua gente para a cidade, onde foi seu primeiro cuidado chamar os soldados á ordem, sujeitando-os á disciplina militar. Observada cuidadosamente a disposição da cidade, ordenou algumas fortificações necessarias (1), e que se lhes desse o andamento, que possivel fosse. Em obediencia ás ordens da metropole, mandou lançar poclamações, annunciando que todos os paisanos ou burguezes e moradores da cidade que se exilaram, e andavam fugitivos, uma vez que estivessem a obediencia de Suas Altas Potencias os Senhores Estados Geraes das Provincias-Unidas, e prestassem o costumado juramento de fidelidade, assim a elles, como á Companhia das Indias Occidentaes, poderiam voltar a seu salvo á cidade e entrar na posse de suas casas e terras, gozando as mesmas immunidades e isempções que tinham sob o governo de El-Rei de Hespanha, e, em nome daquelles Altos Senhores e de S. A. o Serenissimo Principe de Orange, bem como no da Companhia, lhes promettia defendel-os e guardal-os contra toda a violencia da parte do inimigo. Estas promessas e seguranças induziram alguns poucos Portuguezes a se tornarem á cidade, porém a mór parte e os mais abastados foram retidos, e, de médo do bispo, não ousaram aventurar-se, e mais por se não fiarem dos nossos, a quem não tinham por bastante fortes para livral-os das mãos poderosas do rei de Hespanha. No entretanto conservava-se o bispo nas vizinhanças da cidade, e fazia-se forte, procurando disfarçar sua vergonhosa fuga, cuja culpa lançava ao governador prisioneiro.

Em quanto assim andavam os nossos occupados, acertava de entrar na bahia, de quando em quando, um ou outro navio portuguez, que os nossos apresavam, e nomeadamente os seguintes: a 22 de Maio, um navio de Lisboa do porte de sessenta lastos, carregado de azeite, farinha, bolacha e outras mercadorias, que, segundo a estimação dos nossos, valiam trinta mil ducados; a 27 um naviozinho vindo do Rio de Janeiro e Espirito-Santo, no qual se

(1) A muita facilidade encontrada pelo inimigo em assenhorear-se da cidade não o fez adormecer, nem descuidar-se de prover sem demora a augmentar a sua defensa, afim de resistir aos que, em tão grande numero, a tinham abandonado, e podiam, cobrando brios, procurar recuperal-a. Tratou logo de entrincheirar-se cavando fossos, levantando parapeitos, construindo baterias e plata-fórmas, e artilhando-as convenientemente. Reforçou os parapeitos com pentes e palissadas, e accumulou nas entradas infinidades de estrepes. E todo o systema de defensa ganhou muito, amparado por uma especie de lagoa invadeavel que engenhou do lado da terra, represando ahi as aguas correntes, por meio de um dique levantado defronte do convento de S. Francisco, e defendido por uma bateria. (*Historias das Lutas* etc.—*Varnhagem*).

achavam dez jesuitas com o seu provincial, dous frades franciscanos e dous benedictinos; continha mais sete mil piastras (*Realen van achten*), e quarenta caixas de assucar: a 29 um barco com vinte e seis caixas de assucar; no dia 1º de Julho um navio procedente de Angola com duzentos e vinte negros. E porque bem viam os nossos que, em quanto não se propalasse geralmente a nova da conquista da praça, mais navios entrariam na bahia, mantiveram fóra da barra e em suas cercanias, dous navios, um hyate e duas chalupas de vela, de vigia aos navios e barcos inimigos, que demandassem terra. A 4 o navio *Vos*, estando bem carregado, foi expedido para a Republica, onde trazia a bôa nova da conquista da cidade de S. Salvador e fortes adjacentes. No mesmo dia ia a entrar na bahia um navio procedente de Portugal, mas os tripolantes, entendendo que os nossos eram senhores da cidade, deram com elle na praia, e depois de pôr-lhe fogo, fugiram para o interior da terra. Porém a 11 entrou outro carregado de vinho, e foi tomado pelos nossos.

A' noite do seguinte dia, o governador, tencionando fazer um salto no morro de S. Paulo em certo sitio, que observara, mandou embarcarem-se quatrocentos homens, entre soldados e marinheiros, em dous hyates e quatro chalupas; mas terçou-lhe tão mal o tempo, que teve de adiar a empreza, e recolher-se á bahia.

Neste interim, o inimigo, que parece ter tido noticia da expedição do governador, pelas duas horas da madrugada chegou-se ás muralhas da cidade com um grande numero de soldados, negros e indigenas. As sentinellas deram fé delles, e atiraram, com que tomou a cidade um grande rebate. Não se retiraram porém os inimigos, antes entraram a atirar furiosos com arcabuzes e arcos, sendo correspondidos pelos mosquetes e artilheria grossa dos nossos. Este combate durou até depois do meio-dia. A este tempo tornava o governador da sua mallograda expedição, e, ouvindo os tiros, sahio em terra com a sua gente entre o forte de Santo Antonio e a cidade, fazendo tenção de sorprender o inimigo pela retaguarda; mas este, sabendo da sua chegada, poz-se em fugida, e deixou no campo oito ou nove mortos. Dos nossos morreram tambem dous ou trez.

A 17, depois do meio-dia, sahio da cidade o governador com alguns cincoenta homens, assim de pé como de cavallo, para visitar pessoalmente e observar mais de perto os caminhos e sitios vizinhos, pelo fundamento que fazia de não encontrar então inimigos por esses lugares. Mas, como cavalgasse um pouco á parte dos seus, ainda não se havia afastado das muralhas mais de um tiro de colubrina, e ja os indigenas, que estavam escondidos nos bosques e nos mattos, surdiam inopinadamente, e com flechas e armas de arremesso assim mal feriram o valente cabo, que cahio do cavallo, e logo elles lhe cortaram a cabeça, e offenderam o corpo horrorosamente. Chegada á cidade a nova deste inesperado e triste caso, sahiram os negros, que estavam ao nosso serviço, e não somente tomaram o cadaver áquelles barbaros, como impediram que acabassem miseravelmente ás mãos delles os que a companhavam o coronel. Grande perda foi á Companhia a deste valoroso e experimentado chefe, particularmente pelo grande respeito e autoridade de

sua pessoa, e isto em uma conjunctura em que mui necessario eram o seu bom juizo e predominio. Foi succedido pelo major Allert Schouten, a quem succedeu tambem no posto de major seu irmão Willem Schouten.

A 20 cahiu ainda em poder dos nossos um navio com vinhos de Hespanha, e ao seguinte dia outro com vinhos das Canarias. A 28 mais outro de Cabo-Verde, estava em lastro, e guarnecido com dez peçazinhas. Assim que, os navios inimigos ignoravam ainda haver-se rendido a praça aos nossos.

No fim deste mez veio á cidade, da parte do bispo e outros chefes, um portuguez de nome Almeida para fazer com os nossos um accôrdo razoavel, mas em breve retirou-se sem se haver resolvido cousa alguma. No começo de Julho os navios *Hoen*, *Rendrecht*, *Oragnien-Boom* de Rotterdam, *Oragnien-Boom* de Hoorn, que tinham de seguir para a Republica, foram carregados de assucar, couros e tabaco, e partiram a 21, trazendo os principaes prisioneiros, como o governador da praça, seu filho, o sargento-mór e outros. A 28 partio tambem o almirante Jacob Willekens com o seu navio e mais dez mercantes, que seguiam viagem para as ilhas das Indias Occidentaes, e depois se tornariam para a Republica. Na entrada de Agosto tornou á cidade o dito Almeida, blasonando que tinha plenos poderes para fazer com os nossos um pacto sobre a liberdade do commercio interno entre os nossos e os portuguezes, o que não passava de pura manha; pois ás occultas trazia o perdão dos portuguezes que residiam entre os nossos, e tambem dos negros, que eram na cidade, e secretamente lhes indicava de que modo nos haviam de abandonar; porém esta traição foi opportunamente descoberta, e presos Almeida e seus cumplices. A 5 partio o vice-almirante Pieter Pietersz. Heyn para Angola e costa d'Africa com os trez navios *Neptunus*, *Hollandia*, *Gelderlandt* e o hyate *Zee-Jaeghor*; no diante nos occuparemos com esta viagem.

Anoja e enfastia narrar o que se passou posteriormente na Bahia; diremos em substancia que, depois da morte do governador o Sr. van Dorth, os negocios correram alli mui descuidada e irreligiosamente. O novo coronel Allert Schouten não teve muito em respeito o prover a cidade das fortificações, que requeria, e tendo morrido tambem, ainda menos olhou por ellas seu irmão Willem Schouten, que se entregou a todos os desregramentos, e não só não promovia as obras necessarias, como até recusava aos soldados, que queriam trabalhar, as remunerações, que lhes eram devidas.

No mez de Outubro entrou na bahia, e cahio em poder dos nossos D. Francisco de Sarmiento, governador que fôra do Chile; com escala pelo Rio da Prata e de Janeiro demandava Hespanha em um navio, que levava um grosso cabedal, pois montava a cento e cincoenta e oito mil florins, assim em prata amoedada, como em barra, além do que foi subtrahido e furtado por alguns officiaes. Um tal Tjarck Sibransz. tomou uma fartadella nestes despojos; outros officiaes apossaram-se de custosas joias de ouro. Em vez de remetterem este thesouro aos seus amos como lhes cumpria, conservaram-no na terra, até que emfim chegou a armada hespanhola, cercou-os, e retomou tudo, salvo alguns pequenos valores, que foram subtrahidos.

Sabida na Republica a noticia da feliz tomada da cidade de S. Salvador, e o que ainda alli cumpria fazer-se, bem comprehenderam os directores que o rei de Hespanha empenharia as suas ultimas fôrças por reliaver a praça; e porque tivessem recebido informações de Hespanha e outros lugares, como neste reino e no de Portugal se activava o apresto de uma armada mui poderosa, que com a maior brevidade seria expedida ao mando e direcção de D. Frederico de Toledo, deram-se pressa em ter conselho sobre o que deviam fazer para bem resistir a ella e segurar a praça, e assentaram em equipar um grande numero de navios, assim providos de gente e das cousas necessarias, que nada lhe faltasse.

A Assembléa dos XIX dividio os aprestos desta armada entre as camaras do seguinte modo. A camara de Amsterdam aprestaria oito navios e dois hyates, a saber: o navio *Hollandschen Thuyn* (Jardim hollandez), trezentos e cincoenta lastos, quatro peças de bronze, vinte e seis de ferro e dez pedreiros, e cem marinheiros; o navio *Haertem*, duzentos e oitenta lastos, duas peças de bronze e vinte e duas de ferro, oito pedreiros e oitenta marinheiros; o navio *Leyden*, duzentos e trinta lastos, duas peças de bronze, vinte e duas de ferro, oito pedreiros e setenta e cinco marinheiros; o navio *Swarte Leeuw*, cento e oitenta lastos, vinte e quatro colubrinas, quatro pedreiros, setenta marinheiros; o hyate *Windt-Hondt*, cincoenta lastos, dez colubrinas, trinta e cinco marinheiros; o hyate *Huese* (Lebre), sessenta lastos, dez colubrinas e quarenta marinheiros. Estes eram proprios da Companhia. Ser-lhes-hiam accrescentados os quatro seguintes fretados: *S. Jacob*, duzentos lastos, deze colubrinas, vinte e cinco marinheiros; *Eendracht*, cento e setenta e cinco lastos, dezesseis colubrinas, trinta marinheiros; (em cada um destes dous navios a Companhia poria setenta e cinco homens, ao todo cento e cincoenta, comprehendidos entre elles muitos artistas, como carpinteiros, ferreiros etc.); o navio *Jonas*, cento e setenta e cinco lastos, quatorze colubrinas, trinta e cinco marinheiros; o navio *Croonemburgh*, cento e setenta e cinco lastos, quatorze colubrinas, trinta e cinco marinheiros. Continham pois estes navios seiscentos e setenta e cinco marinheiros, aos quaes se juntariam seiscentos soldados, divididos em quatro bandeiras. A camara de Zelandia faria prestes quatro navios e um hyate, a saber: o navio *Middelburgh*, duzentos e cincoenta lastos, seis peças de bronze, vinte de ferro, dous pedreiros, cento e vinte e nove marinheiros; o navio *Vlissingen* (Flessinga), duzentos lastos, vinte colubrinas, cento e treze marinheiros; o hyate *Armuyden*, noventa lastos, dez colubrinas, cincoenta e quatro marinheiros. Estes eram proprios. Contribuiria mais com os dous seguintes fretados: *Koningiane Hester* (Rainha Esther), duzentos lastos, dezesseis colubrinas, trinta e cinco marinheiros; o navio *Neptunus*, cento e quarenta lastos, quatorze colubrinas, trinta e cinco marinheiros. Levavam pois estes navios trezentos e sessenta e seis marinheiros, e mais trezentos soldados divididos em duas companhias. A camara de Mosa armaria um navio e dous hyates, a saber: o navio *Dordrechet*, duzentos lastos, duas peças de bronze, vinte de ferro e dez pedreiros, sessenta marinheiros; o hyate *David*,

sessenta lastos, quatorze colubrinas, seis pedreiros, quarenta e dous marinheiros: o hyate *Zee-paerdt* (Cavallo-marinho), cincoenta lastos, quarenta marinheiros. Assim levavam estes navios cento e quarenta e dous marinheiros, e mais uma companhia de cento e cincoenta soldados. A camara do districto do Norte faria prestes dous navios e um hyate: o navio *Ouden Engel Gobriel* (Velho anjo Gabriel), cento e sessenta lastos, quatorze colubrinas, oito pedreiros, setenta e seis marinheiros; o navio *Hoope*, duzentos e cincoenta lastos, dezesseis colubrinas, trinta e dous marinheiros; o hyate *Oudevaer* (Patriarcha), noventa lastos, duas peças de bronze, doze de ferro, seis pedreiros, sessenta marinheiros. Levavam pois estes navios cento e sessenta e oito marinheiros, e mais uma companhia de cento e cincoenta soldados. A camara de Groninga apparelharia os seguintes: o navio *Omlandia*, duzentos e cincoenta lastos, duas peças de bronze, vinte e quatro de ferro, cem marinheiros; o navio *Gulde Meulem* (Moinho de ouro), duzentos lastos, seis peças de bronze, dezesseis de ferro, seis pedreiros, cento e quinze marinheiros; o navio *Dolphyn*, cento e quinze lastos, duas peças de bronze, dezesseis de ferro, oito pedreiros, setenta e seis marinheiros; o hyate *Vos*, setenta lastos, doze colubrinas, cincoenta marinheiros. Levavam estes navios trezentos e quarenta marinheiros, e mais uma companhia de cento e cincoenta soldados. Assim que, compunha-se esta armada de dezoito navios e sete hyates, contendo mil seiscentos e noventa marinheiros e mil trezentos e cincoenta soldados. Ia por almirante o bravo Jan Dircksz. Lam.

E porque os boatos dos grandes aprestos, que se faziam em Hespanha e Portugal, tomavam vulto de dia para dia, a Companhia apparelhou mais uma lustrosa armada. A camara de Amsterdam concorreu com os seguintes vasos: o navio *Roode Leeuw* duzentos e cincoenta lastos, duas peças de bronze, vinte e quatro de ferro, noventa e quatro marinheiros, cincoenta e um soldados; o navio *Witte Leeuw* (Leão branco), duzentos e cincoenta lastos, duas peças de bronze, vinte e quatro de ferro, cento e quatro marinheiros, quarenta e seis soldados; o navio *Blauwe Leeuw* (Leão Azul), duzentos e vinte lastos, duas peças de bronze, vinte e duas de ferro, noventa e cinco marinheiros, trinta e nove soldados; o navio *Geele Sonne* (Sol amarello), cento e cincoenta lastos, quatro peças de bronze, vinte de ferro, noventa e dous marinheiros, trinta e nove soldados; o navio *Gulde Valck* (Falcão de ouro), cento e sessenta lastos, quatro peças de bronze, vinte de ferro, oitenta e seis marinheiros, sessenta e cinco soldados; o navio *Post-Paerdt* (Cavallo de posta), cem lastos, quatorze colubrinas, cincoenta e sete marinheiros, vinte soldados; o navio *Nieuw-Nederlandt* (Nova-Neerlandia), cem lastos, quatorze colubrinas, cincoenta e quatro marinheiros, vinte e quatro soldados; o hyate *Duyfken* (Pombinha), trinta e seis lastos, oito colubrinas, trinta e dous marinheiros. Havia pois nestes sete navios e um hyate seiscentos e quatorze marinheiros, e duzentos e oitenta e quatro soldados. A camara de Zelandia contribuio com o navio *Hoope*, duzentos e cincoenta lastos, seis peças de bronze, vinte de ferro, cento e cincoenta e tres marinheiros, quarenta soldados; o navio *Goude Sonne* (Sol de ouro), cento e sessenta lastos,

dezoito colubrinas, cento e doze marinheiros, quarenta soldados; o navio *Neptunus*, pertencente á Republica, duzentos lastos, quatro peças de bronze, vinte de ferro, cento e cinco marinheiros, quarenta soldados; o *Kleynen Tyger* (Tigrezinho), tambem pertencente á Republica, cento e vinte lastos, dezoito colubrinas, setenta e cinco marinheiros, quarenta soldados; o hyate *West-cappel*, sessenta lastos, dez colubrinas, quarenta marinheiros. Assim havia nestes navios quatrocentos e oitenta e cinco marinheiros, e cento e sessenta soldados. A camara do Mosa contribuio com o navio *Oraguien-Boom* (Laranjeira), duzentos lastos, duas peças de bronze, dezoito de ferro, cento e vinte marinheiros, quarenta soldados; o navio *Uytrecht*, trezentos lastos, quatro peças de bronze, vinte e seis de ferro, cento e vinte marinheiros, quarenta soldados. Assim estes dous navios continham cento e quarenta marinheiros e oitenta soldados. A camara do districto do Norte forneceu o navio *Medenblick*, duzentos e setenta lastos, oito peças de bronze, vinte e quatro de ferro, noventa e dous marinheiros, trinta e quatro soldados. Assim que, havia nestes quatorze navios e dous hyates mil quatrocentos e trinta e um marinheiros, quinhentos e cincoenta e oito soldados. Foi nomeado por general (1) o bravo Bouduwijn Hendricksz., burgomestre de Edam, e por almirante Andries Veron.

Este mesmo anno a Companhia expedio para as costas de Hespanha mais uma frota, ao mando de Hendrick Jacobsz. Kat, a qual se compunha dos seguintes navios: da parte da camara de Amsterdam, o navio *Zulphen*, cento e setenta lastos, quatro peças de bronze e vinte e quatro de ferro, cento e cinco marinheiros; o hyate *Schildt-padde* (Tartaruga), quatro colubrinas, vinte e dous marinheiros, e o hyate *Windt-hondt*, oitenta lastos, dez colubrinas, cincoenta e dous marinheiros. Da parte da camara de Zelandia, o hyate *Trouwe* cincoenta lastos, oito colubrinas, cincoenta e seis marinheiros; o hyate *Bracke* (Braço), trinta lastos, seis colubrinas, trinta e nove marinheiros. Da parte da camara do districto do Norte, o navio *Oraguien-Boom*, trezentos lastos, quatro peças de bronze, de vinte e quatro libras de bala, vinte e nove de ferro, noventa e nove marinheiros, quarenta e quatro soldados. Da parte da camara de Groninga, o navio *Griffoen* (Grypho), trezentos lastos, quatro peças de bronze, vinte e seis de ferro, cento e dezesseis marinheiros. A mór parte destes navios largaram no mez de Junho.

As duas armadas, de que acima fallámos, destinadas á Bahia, foram apparelhadas com tal presteza, que antes do fim deste anno estavam de verga

(1) Quando a Companhia das Indias Occidentaes equipava uma grande armada, dava de ordinario ao commandante em chefe o titulo de *General*, que tinha ás suas ordens um almirante e um vice-almirante. Em cada esquadra da Companhia, por pouco numerosa que fosse, um dos capitães de navio tinha o titulo de *Commandeur* ou almirante, e outro o de vice-almirante. Estes titulos dados pela Companhia, com approvação dos Estados-Geraes, eram inteiramente independentes dos postos conferidos em patente dos Estados-Geraes aos Officiaes, que estavam ao serviço do Almirantado do Estado. Veremos, por exemplo, que Piet Heyn, varias vezes honrado com titulo de General e Almirante pela Companhia, foi nomeado em 1628 Tenente-Almirante ao serviço do Estado. (*Netscher*).

d'alto; mas foram por muito tempo retidas nos portos, por lhes não servirem os ventos, como diremos ao diante. Somente o *Windt-houdt*, mandado com antecedencia a avisar aos da Bahia dos aprestos, que se fizeram na Republica por segural-os, fez-se ao mar a 24 de Outubro.

A 22 de Novembro este hyate era em altura de 5º ao norte da linha. Ao seguinte dia viram uma vela, que tomaram sobre a noite; era um barco portuguez com carga de farinha, bolacha, sal, e algumas mercadorias. A 8 de Dezembro o *Windt-Houdt* entrou na Bahia. A 26 do mesmo mez ahi entrara tambem o navio *S. Jacob* com outro, que tomára, procedente de S. Thomé, carregado de assucar e uma porção de dentes de elephante.

Temos escripto bastante do que este anno se fez na Bahia de Todos os Santos, e em suas aguas; passaremos agora a dar vazão do que succedeu em outros lugares, e começaremos pela expedição do bravo Pieter Schouten, de cuja viagem faremos relação circumstanciada, tendo á vista o Diario escripto por elle mesmo.

Este *Commandeur* foi enviado pela camara de Zelandia ás Indias Occidentaes com os seguintes navios: *Hoope*, duzentos e vinte lastos, quatro peças de bronze, dezesseis de ferro, oito pedreiros, cento e trinta homens, treze aprendizes, capitão Willem Jacobsz.; o navio *Eendracht*, cento e cincoenta lastos, quatorze colubrinas, noventa e cinco homens, capitão Hillebrandt Jansz.; e o hyate *Trouwe*, sessenta lastos, oito colubrinas, vinte e quatro homens, capitão Hendrick Worst. O *Commandeur* Pieter Schouten a 26 de Janeiro largou de Zelandia com estes navios; e levou tão boa carreira, que, ao romper do dia 15 de Março, houve vista da ilha Barbadas, obra de sete leguas ao sul quarta a sudoeste comsigo, a qual ilha está situada aos 13º de lat. sept. Governou ao oesnoroeste e nordeste quarta a oeste; antes do meio-dia avistou Santa Luzia (que primeiramente se mostra com dous altos montes, dos quaes o maior é o mais meridional) ao oeste quarta a noroeste comsigo. Calculou demorar esta ilha apartada da Grã-Canaria novecentas e trinta e quatro leguas. Como o *Trouwe* se havia desgarrado, dirigio-se o *Commandeur* para a dita ilha, onde esperava encontral-o. Sobre a noite fez o caminho do norte para Matinino (Martinica), que está apartada de Santa Luzia obra de seis leguas, e pairou toda a noite. A seguinte manhã navegou acercado da ponta sudeste de Santa Luzia, e por volta do meio-dia deu fundo em cinco bracas, em uma bahia grande e funda. O fundo desta bahia é sujo, e deve-se ter cautela ao surgirem os navios. A' tarde vieram a bordo alguns selvagens, que disseram não ter noticia de navios hespanhoes, com que elle resolveu seguir no *Trouwe* para Guadalupe, assim para haver nova dos navios hespanhoes, como para tomar algumas peças de artilheria de um navio hespanhol, sossobrado em Marigalante, as quaes alli estavam enterradas; e mandou que o *Hoope* e *Eendracht* se fossem a S. Vicente para se limpar e serem ajustados os quartos das chalupas com a maior brevidade. A 29 tocou o *Commandeur* em Guadalupe, e recolheu immediatamente tres selvagens, para lhe mostrarem as peças; mas os selvagens, que o anno passado deram noticia dellas, haviam partido para a terra firme, como quasi todos os

selvagens dessas ilhas. Fundeado o *Trouwe* em Marigalante, os nossos dirigiram-se no batel ao lugar, em que suppunham os selvagens estarem as peças, mas, como estes não se lembravam bem do sitio, os nossos as não encontraram, e se tornaram aos navios, depois de consumirem dous dias nesta busca. Levantou pois ancora o *Commandeur*, e a 20 chegou a S. Vicente. Estiveram os nossos aqui occupados em limpar os navios, e ajustar as peças das chalupas até ao dia 12 de Abril, que foi quando o *Commandeur* levou ancora, e deitou caminho primeiramente do susudoeste, e depois mais para o sul. A' manhã do seguinte dia era junto de Granada; soube pelos selvagens que não estivera ahi nenhum navio hespanhol, com que seguio para a ilhá Branca. Assentaram os nossos que de Granada a Testigos ha vinte e duas leguas pela derrota do oessudoeste; de Testigos a Margarita dezoito, pela mesma derrota; e da ponta mais occidental de Margarita á ilha Branca quatorze, pela derrota do norte. A 15 surgiram em dez braças, da banda oessudoeste, diante de uma bahia de areia, e em distancia de um tiro de mosquete pouco mais ou menos da praia. Para tomar terra, haveis de montar a ponta occidental á bolina, e chegado a ella, para surgir á terra, quanto mais perto melhor, pois o fundo é sujo e em rampa, e róe facilmente os proizes. Aqui se deteve o *Commandeur* até ao dia 19, para ordenar todas as cousas, e sendo noite cerrada se fez á vela, caminho do susudoeste.

Ao meio-dia do seguinte dia tinha ao lado Tortuga, que está apartada da ilha Branca obra de dezesseis leguas: governou no sudoeste quarta ao sul; á noite tempo de calmaria com uma aragem do oeste. Navegou ao sul para o cabo Caldera (de la corderai, que é a ponta oriental das terras altas, e está apartado de Tortuga, segundo calculou, quinze leguas ao sudoeste quarta a oeste. A' manhã do dia 21 tinha este cabo Caldera cousa de quatro leguas ao oessudoeste; governou ao noroeste, por se afastar de terra. Ao meio dia o farilhão, que fica cousa de seis leguas ao norte do dito cabo, estava apartado delle obra de uma legua ao nordeste; continuou a navegar ao noroeste quarta ao norte. O *Commandeur* mandou á terra a chalupa *Liefde* com vinte e cinco homens. Sobre a noite Craques (Caracas?) estava obra de dez leguas ao sudoeste com elle; calculou estar apartado do cabo Caldera quinze leguas pela derrota do oeste; governou ao oeste quarta a noroeste: durante toda a noite vento moderado. Ao outro dia pela manhã distava de terra somente cousa de seis leguas. Governou ao rumo do oeste quarta a noroeste e oesnoroeste de longo das terras altas, e não tardou em perder a vista dellas ao sul, mas, por volta do meio-dia se aproximou outra vez da costa, que se mostrou com duas pontas, como uma ilha grande, e por não se acercar della menos de seis leguas, navegou ao noroeste quarta a oeste, e ao noroeste, e findo o quarto da prima, fez o caminho do norte com as velas bambas. Ao romper do dia 23 governou ao noroeste quarta a oeste, e pela manhã era uma ilha cousa de tres leguas a lesnordeste comsigo. Calculou ter caminhado do cabo Caldera algumas quatorze leguas. Durante uma hora pouco mais ou menos caminhou ao sul, e por esta derrota foi ver outra vez a terra firme, que é arrazoadamente levantada, e tem duas ou tres serras, ao oeste das quaes se

faz rasa, e arruma-se ao noroeste. Governou ao noroeste de longo destas terras baixas, e depois do meio-dia avistou um golpho grande, onde não vio terra, e aquella perto de que navegava, era mais grossa que a passada, e corria ao norte. Navegou contra esta e á noite parou. Ao outro dia notou que as aguas o apanharam muito para o noroeste, e que a terra contra que navegára á noite era a ilha Aruba. Esta ilha tem um monte da banda occidental e terras accidentadas, e arruma-se ao nornordeste e susudoeste, apartada não mais de seis leguas do cabo Roman (S. Romão). Por respeito da calmaria, não póde chegar ao cabo antes da noite, e ahi pairou. Encontrámos assentado nos papeis dos nossos que, por espaço de quinze ou dezesseis leguas a sótavento do cabo, as terras são baixas na borda do mar, e arrumam-se ao nornoroeste e susudeste, e que não ha nestas cercanias terras altas, a não ser uma serra alta com um pico que está bem seis leguas dentro no sertão. A 25 entrou o *Commandeur* no golpho, onde encontrou a chalupa, e deram os navios fundo juntamente obra de sete leguas para dentro do cabo. Sem detença o *Commandeur* mandou fazer prestes o hyate, tres chalupas e um batel, em que foram mettidos cento e vinte homens, que ainda á tarde deste dia navegaram algumas cinco leguas ao rumo do sul e sul quarta a sudeste, e ancoraram á noite. Ao romper do dia tornaram elles a dar a vela, e tendo navegado pouco mais ou menos meia hora, viram um baixo, que deita ao oeste, apartado obra de um tiro de colubrina de uma ponta baixa; caminharam quasi duas leguas para baixo deste baixo, ao rumo pouco mais ou menos do sul quarta a sudeste, até que se emparelharam com a outra terra, que corre ao oeste, e assim foram ver uma grande bahia, que se prolonga a lessudeste: mas como o homem, que estava no mastaréo, disse avistar as terras do interior desta bahia, e que ella se prolongava a leste, não poderam crer que estivessem diante da entrada de Maracaybo, e por isso navegaram ao rumo do oeste quarta a sudeste escorrendo a costa de perto, pois faziam conta que logo encontrariam a entrada procurada, que as cartas figuram ao sul. Assim foram caminhando de longo de terras baixas, arrumadas geralmente ao oeste, e que cousa de quatro leguas dentro no sertão se levantam, seguindo o mesmo rumo. A' tarde calcularam haver navegado com vento em pópa bem quatorze leguas, e não viam ante si senão terras baixas, arrumadas ao oeste; puzeram ao sul comsigo o remate occidental das terras altas do interior, e na esperança de encontrar a dita entrada estiveram á capa toda a noite com tormenta e tempo tão máo, que as chalupas e o batel correram grão perigo de ser submergidas. Ao romper do sol, como quasi toda a bolacha estava mollhada, e não era de crer que encontrassem a entrada tão longe do cabo, entraram a bordejar por se fazerem na volta do leste. Nas primeiras vinte e quatro horas venceram cousa de tres leguas, caminhando perto de terra, mas não viram gente; nas segundas vinte e quatro horas venceram obra de cinco, e então pela manhã viram gente em terra, e para lá mandaram dous dos seus, com quem os de terra não quizeram vir á falla. No entretanto saltou com elles uma tormenta, que os forçou a surgirem depois do meio-dia junto de terra em duas braças, fundo

bom (1). A' meia noite acalmado um pouco o tempo, se fizeram á vela, e poderam navegar ao nornordeste, e depois mais para leste. Ao outro dia porém tornou-se o tempo tão máo, que tiveram de dar fundo depois do meio-dia; á meia-noite acalmou o tempo, e poderam navegar, como anteriormente. A 30 por volta da meianoite chegaram aos navios. O *Commandeur*, não satisfeito com estas noticias, proveu novamente as chalupas e o batel, em que poz mais gente e o seu piloto, e os mandou outra vez a observar mais cuidadosamente a bahia oriental, em que atraz se falla, e passou-se á terra fronteira aos navios com dezoito homens armados. Encontrou elle em terra uma salina, muitas lebres ,coelhos, veados, e vestigios recentes de homens e cavallos. Ao seguinte dia tornaram os nossos a sahir em terra; apanharam muitos peixes, mas não virão ninguem. Depois do meio-dia, o *Trouwe* e as chalupas voltaram de sua viagem, e referio a gente que não lhe fôra possivel percorrer aquella bahia, por amor de um vento teso, que soprava della, e que entendiam ser aquella bocca a entrada de Maracaybo; estiveram tambem em terra, e encontraram salinas, bem como vestigios de homens e cavallos. O *Commandeur*, tirando d'aqui que já era sabida do inimigo a presença dos nossos nestes lugares, determinou seguir para Hispaniola.

A 6 deste mez de Maio descahio sobre o porto Jaquimo (achamos notado nos papeis dos nossos que do cabo Roman á ilhazinha Beata ha cento e vinte e quatro leguas pela derrota do noroeste quarta a norte). Ao outro dia o *Commandeur* deu fundo junto da ilha Vacca com os seus navios, excepto o *Eendracht*, que apartara-se delle. Refrescada algum tanto a companhia, e limpos os navios, o *Commandeur* partio sobre a tarde de 10 em demanda do cabo Tiburon (Tubarão), onde chegou ao outro dia, e encontrou o *Eendracht*. A 14, feita a aguada, deu á vela caminho do oessudoeste. Sobre a tarde de 15, avistou terra, mas a não pôde bem reconhecer, pelo que esteve á capa toda a noite. Quando veio ao outro dia, achava-se perto de terra, e avistou um barcozinho fundeado obra de sete leguas a leste do porto de Jamaica, o qual foi trazido pelas chalupas; vio tambem alguns cavalleiros hespanhoes, que a galope caminhavam para oeste, com que entendendo que estava descoberto, e servindo-lhe o tempo e o vento, assentou de, quanto antes, navegar em demanda do porto, antes que chegasse lá a noticia de que o inimigo era na costa. De caminho avistou diante de si uma pequena vela, que os navios tentaram seguir, mas sobrevelo uma tal calmaria, que em seis horas não venceram duas leguas, e não poderam vingar a que os distanceava da bahia. Vio o *Commandeur* que os Hespanhoes faziam signaes de fôgo em terra, e por isso entendeu que era visto, e nada mais tinha que fazer alli. As melhores conhecenças deste porto de Jamaica, a juizo dos nossos, são as seguintes: vindo de leste em demanda de Jamaica, haveis de ver na borda do mar tres ou quatro fendas brancas, pegadas umas ás outras, e duas leguas ao oeste dellas uma ponta comprida e baixa, coberta de

(1) Aqui os ventos cursam sempre ao longo de terra, e não mudam mais de um ou dous rumos. (*N. do Aut.*).

arvoredo, a qual está apartada seis leguas da bocca do porto; vereis ao noroeste quarta a oeste uma serra, cujo remate oriental costeareis de perto, e o montareis, e entrando para dentro delle haveis de encontrar muitas ilhotas e caios, que todas deixareis a bombordo, e a estibordo uma ponta de areia comprida e baixa, tendo em cima algum matto, e como fordes junto desta ponta, o porto se abrirá primeiramente a leste e depois ao norte. A quadra mais azada para fazer alguma tomadia neste porto é na entrada de Junho; mas haveis de vir sem ser sentido, e á noite remar para terra em chalupas. A povoação está arredada do riba-mar obra de uma legua. Ao pôr do sol o *Commandeur* se fez na volta do mar, isso até meia-noite pouco mais ou menos, quando botou caminho pela derrota do oeste quarta a noroeste. A seguinte manhã mandou as chalupas escorrerem a costa; dellas voltaram a noite sem haver dado fé de cousa alguma, e ao outro dia outras duas; a 19 foi encontrada a ultima na ponta Negrilho. Esta chalupa encontrára tres Hespanhoes em um barquinho, que os nossos largaram, mas ao outro dia o tornaram a encontrar, e houveram delle trinta couros e meio lasto de carne secca. A 22 viram as Caymães, e sobre a tarde acercaram-se da do meio. Calculou o *Commandeur* que a mais oriental demora arredada da ponta de Negrilho cousa de vinte e oito leguas. Mandou a ella uma chalupa para virar tartarugas, e ao seguinte dia deu fundo da banda noroeste, e recolheu a bordo a chalupa com muitas tartarugas. Todas estas ilhas são mui baixas e quasi rasas com o mar. A' manhã de 26 a ilha de Pinos estava apartada delle duas leguas. Todo este dia navegou do longo della debaixo de chuva; e sobre a tarde a ponta occidental da ilha era ao nornordeste com sigo, em distancia de obra de quatro leguas. Ao outro dia tempo mui securo, que não lhe permittio ver terra. Como o anno não estava mui adiantado, se determinou o *Commandeur* a passar-se ao Yucatan, e navegou pela derrota do oeste, e oeste quarta a sudoeste. A' tarde melhorou o tempo, mas á noite fez-se peior que dantes, e durante ella correu o *Commandeur* ao rumo do oeste e oeste quarta a noroeste. Pela manhã levantou-se o tempo; caminho ao ossudoeste. Por volta do meio-dia tomou sonda de trinta e seis braças, duas horas depois de vinte e quatro. Avistou o cabo Cotoche, cousa de quatro leguas ao oeste comsigo, o qual cabo é mui baixo, e se faz como umas ilhazinhas de areia. Sobre a tarde tinha, uma legua atraz de si, a ilhazinha, que este cabo faz. O *Commandeur* metteu gente na chalupa grande e no barcozinho tomado, e com o *Trouwe* os mandou correr a costa a ver si no Novilho ou no rio dos Lagartos estavam surtos alguns barcos, e elle mesmo com os seus navios se fez ao mar por dez e doze braças dagua, para não ser visto de terra. A' noite passou o baixo, que está apartado de terra obra de duas leguas, onde encontrou somente cinco braças; este baixo demora cousa de quatro leguas ao oeste do cabo, e se estende algumas duas leguas; é pedregoso. Ao romper do dia estava tres leguas afastado de terra, em dez braças d'agua. Ao meio-dia o tempo estava claro, e pôde ver o *Trouwe* e as chalupas na costa, os quaes, antes de meia-noite tornaram aos navios, e a sua gente, nem diante do rio dos Lagartos, que é um lugar onde os habitantes

de Valladolid embarcam os seus generos (Valladolid é uma cidadezinha sita vinte e quatro leguas dentro no sertão), nem diante do Novilho (collina doze leguas ao oeste do cabo), vira barco algum. O *Commandeur* mandou-os logo para Silan, que está doze leguas mais ao oeste e é onde os habitantes de Merida embarcam suas fazendas, e em seguida para Sisal, dezesseis leguas mais avante. A' noite calmaria, pelo que os navios não avançaram muito.

A 30 perdeu Silan de vista, e sobre a tarde as chalupas trouxeram um barco vazio: haviam saqueiado Silan, mas com pouco proveito. O *Commandeur* correu ao longo da costa, por quatro braças d'agua, em demanda de Sisal, navegando as chalupas perto de terra para reconhecer o lugar, e avisar os navios com um fanal. Referem os nossos que os indios, que moram nestes sitios, são mui simplos; todos os que habitam na costa desde o cabo Cotoche até S. Juan de Ulua pagam mensalmente por cabeça uma piastra aos Hespanhoes, e neste districto ha passante de trezentos mil. Ao outro dia, duas horas antes do romper do sol, divisaram os nossos uma luz em terra; *fundearam, e nas chalupas e bateis dirigiram-se para lá; chegados á terra* houveram ás mãos dous Hespanhoes, que lhes disseram que em Sisal estavam á carga duas galeras. Como este lugar era mais tres leguas ao oeste, seguiram nos barcos, mas, sendo chegados, só encontraram uma galera, ainda vazia, que a outra, *já tendo tomado a sua carga*, sahira pela antemanhã; os moradores tambem se haviam posto em salvo, levando as fazendas que poderam, de maneira que os nossos só encontraram duas caixinhas de assucar e duas colubrinas, que embarcaram. Este povoado constava unicamente de doze ou quatorze casas, uma igrejinha e uma torre alta de madeira; os nossos o saquearam, e puzeram-lhe fogo. Depois viram uma vela, que surdira debaixo do vento; o *Commandeur* mandou a ella um barco e a chalupa, mas toda noite soprou um vento muito forte. No 1º de Junho o *Commandeur* encontrou-se com o barco e a chalupa, que, além do hyate, deram caça a um navio mui carregado; este, por alijar-se, deitou ao mar muitas mercadorias, e assim se escapou. Os nossos queimaram os dous barcos tomados, e deixaram ir por agua abaixo a chalupa grande, que estava de agua aberta e inservivel. Caminhou o *Commandeur* ao norte quarta a noroeste; mas, como a 3 foi servido de um vento mais do mar, governou de novo para as terras do Yucatan, e foi aportar abaixo de Sisal. Trabalhou por fazer-se na volta de leste bordejando. A 8 viu as Mesas de Contreras quatro leguas ao oeste do Novilho ou daquella collina redonda. A 12 o *Commandeur*, como calculava ter ao lado o cabo Cotoche, resolveu atravessar para Cuba.

Entre o cabo Cotoche e aquelle monte ha dezesseis leguas (cinco leguas a leste do dito monte ha uma baixia, que deita muito ao mar); entre o monte e o rio dos Lagartos ha doze leguas: o fundo por aqui é igual, com tres braças d'agua em o comprimento de um cabo a partir da praia. Este rio dos Lagartos desagua em uma bahia, onde ha uma atalaia ou torre de vigia. D'aqui até Silan ha dezoito leguas, e tres leguas a barlavento de Silan ha um pequeno rio de agua doce. Em Silan ha tambem uma atalaia, e diante deste lugar dous ou tres bancos de areia. Como houverdes posto a cidade

ao sul quarta a sudoeste comvosco, governai para dentro, caminhando contra a atalaia, e no canal não encontrareis menos de oito pés d'agua. De Silan até Sisal ha vinte leguas; e tres ou quatro leguas a barlavento ha muitas colinas cobertas de arvoredo. De Sisal em vante vê-se sómente uma colina, e de Sisal á ponta de Pedra ha seis leguas. Assim que, toda esta costa do cabo Cotoche ate á ponta de Pedra tem de extensão vinte e seis leguas.

A 15 era o *Commandeur* em 22º 45', e apartou-se de sua conserva o *Eendracht*, que em toda a viagem não se lhe fez mais encontradiço. Ao outro dia altura de 23º 20'. A 18 sentio um cheiro agradavel vindo de terra, mas ainda a não vio; á noite tempo máo com trovões, relampagos e chuva. Ao seguinte dia 22º 51' de altura; não vio terra, ainda que sentisse outra vez aquelle cheiro. A 21 vio os Orgãos mais occidentaes, e a 24 a Corôa (monte conhecido de Cuba) era ao sussudoeste com elle, em distancia de cinco leguas, e pairou. Ao seguinte dia muito bom tempo; á tarde avistou a Mesa de Marien obra de cinco leguas ao sudeste comsigo, e assim achava-se agora em uma paragem accommodada para vigiar os navios inimigos. O *Trouwe* e o barco, que levavam a costa por mão, deram na praia com dous barcos do inimigo, mas não poderam chegar junto delles, por causa da arrebentação. Cruzaram aqui com bom tempo. A 6 de Julho reunio-se o *Trouwe* aos nossos, e trouxe um barco tomado com carga de tartarugas. A 8 tomaram mais um barco com peixe secco, e tirado delle o que lhes convinha metteram-no a pique. Pelos tripolantes soube o *Commandeur* que a frota hespanhola ainda não havia chegado em Havana; e começando a sentir-se desfallecido d'agua, determinou seguir para a bahia da Matança, onde entrou a 11, e fez aguada, mas d'agua apenas arrazoadamente doce. Ao seguinte dia avistou um navio hespanhol grosso diante da bahia, o qual dando com os nossos, ficou de fora. Os nossos trabalharam por sahir átoa, como sahiram a 13, e ao longo da costa seguiram para Havana. Cumpre avisar que não é muito seguro metteram-se os navios nesta bahia, pois podem ser cercados pelos Hespanhoes, por não ser facil a sahida. Chegado cousa de duas leguas a leste della, o *Commandeur* vio á noite que o *Trouwe*, que ia adiante, fazia repetidos signaes de fogo. O *Commandeur* respondeu lhe, mas, como estava acima do vento, não pôde acercar-se delle. Ao outro dia vio uma vela a sotavento, e pouco depois mais quatro ou cinco, que á vista representavam ser mui grossas, e ainda quatro ou cinco a barlavento, tres das quaes, navegando por um só rumo, se enviaram a elle. O *Commandeur*, não querendo ser envolvido por esta frota, virou para acostar o barco, e tomar-lhe a gente; mas primeiro que isto fizesse, já os navios hespanhoes eram com elle em distancia de não mais de uma legua. O navio, que vinha na frente, do porte de trezentos lastos, conforme se pôde ver, arvorara a sua bandeira, e navegava directamente nas aguas dos nossos. Acompanhou o *Commandeur* cousa de tres horas, mas, vendo que não lhe levava vantagem, depois do meio-dia virou de bordo em demanda de terra. O *Commandeur*, tendo-o a sotavento, virou tambem. Ao pôr do sol, o *Commandeur* vio a sotavento

sete navios pesados, mas sobre a noite já não avistou os que estavam a barlavento, nem tambem o *Trouwe*. Navegou toda a noite a leste quarta a nordeste com tempo mui máo, que manteve-se a 15. Ao meio-dia fez o caminho do sul com a vela ré, e logo depois vio o cabo dos Martyres, o que foi contra os seus calculos, pois não fazia tenção de alongar-se de Cuba mais de doze leguas, pelo que deu todas as velas por aproximar-se de Havana. Este cabo dos Martyres está em altura de 25º Ao seguinte dia estava cinco leguas a leste de Havana, e com pequenas velas caminhou ao oesnoroeste; sobrevelo calmaria. Por volta de meia-noite avistou uma vela, que, encostando-se ao vento, atravessava diante de si para a costa. Deram dous tiros contra os nossos; mas, como os nossos tinham desferrado maior numero de velas, logo a passaram. O navio hespanhol *fazia* repetidos *signaes de fogo*, com que dava a entender que outros navios o acompanhavam, e perseguio o *Commandeur*, navegando em sua esteira, em distancia de menos de um tiro de colubrina. O *Commandeur*, vendo adiante a sotavento mais tres ou quatro fogos, com o proposito de desapregar-se do primeiro navio, que o acompanhava, virou de bordo, mas, em se acercando do vaso inimigo, assim se fez o vento teso, que quasi se abalroaram pelos gurupés, e não foi pequeno o trabalho que os nossos tiveram, por desabordarem seu navio, carregando a sotavento. Atiraram oito ou nove tiros de peça, e deram algumas descargas de mosquete, mas não feriram ninguem. Fixas as amuras, o nosso navio afastou-se do inimigo, que tambem mudou de bordo, fazendo sempre os seus signaes; e assim o *Commandeur* não se pôde alongar muito do navio hespanhol, de que, ao romper do dia, não distava mais de um tiro de colubrina. Os mais navios grossos o perseguiam tambem, navegando meia legua atraz. O navio, que seguia mais de perto o *Commandeur*, era do porte de duzentos lastos, e mui veleiro. Elle e os mais deram caça ao *Commandeur* durante tres horas, mas, desenganando-se de que não o alcançavam, viraram de bordo em demanda da costa. O *Commandeur*, navegou a noite para Tortugas, esperando encontrar um ou outro navio, pois contra aquella frota não havia probabilidade de ser bem succedido. A 18, ao romper do sol, não vio mais navio algum.

Ao outro dia era o *Commandeur* em altura de 24º 5'; e a 20, ao romper do dia, estava junto do remate occidental dos Martyres. Afastando-se de terra, notou varios redemoinhos das correntes, e muito sargaço, que é uma planta, que flutua no mar. Ao meio-dia 24º 40' de altura, o que mostrava que as aguas o botavam muito para o estreito de Bahama. O *Commandeur*, considerando que nestas paragens não faria muitas prêsas, e tendo necessidade d'agua, assentou de fazer-se na volta da Florida. A 21 estava outra vez junto do cabo dos Martyres em altura de 25º 15'. D'aqui a terra arruma-se mais para o norte. O espaço, que percorreu ao longo da costa, e della apartado obra de uma legua, é todo limpo. Ao meio-dia ficava-lhe ao lado a extremidade septentrional dos Martyres, que uma larga zona d'agua separa da terra firme; altura 25º 45'. Navegou de longo da costa pela derrota do norte quarta a nordeste. Ao seguinte dia encontrou o *Trouwe* que, havia tres dias.

alli se achava, e surgiram em altura de 28° 5', e fizeram aguada. Os indios desta região são mui disformes; vieram a bordo, trazendo uma pouca de ambar amarello para commutar por machados e facas, mas viram os nossos que o seu ambar era falso. Traziam nos braços pedacinhos de ouro verdadeiro. Tende cautela com esta gente, que é traiçoeira e mui enganadora: sabem dar brilho ao cobre, e vendem-no por ouro, e misturam o ambar com gomma e outras substancias sem valor. A 25 o *Commandeur* fez-se á vela, com o proposito de voltar ás ilhas Caraibas, onde se demoraria algum tempo, a ver si deparava melhor fortuna, pois que até então muito a seu pezar pouco havia feito. Passou-se ao *Trouwe*, e tendo navegado de conserva com o *Hoope* até aos 30°, mandou-o via da Republica e mudando a sua derrota, trabalhou por *fazer-se na volta* do sul; descahio porem sobre os 32 e mais grãos, com o que veio a haver vista da Bermuda aos 8 dias de Agosto, a qual ilha estava a leste comsigo. Ao outro dia lá foi ter em procura de um mastro, e foi bem recebido do governador; meteu o navio no porto, poz-lhe um mastro novo, e limpou-o. Partio a 25, e depois de haver passado muitas tormentas, a 9 de Setembro houve vista de terra em altura de 16° 50', a qual era uma pequena ilha. Ao outro dia vio uma maior, que suppoz ser Antigua; em alguns dias de tormenta trabalhou por montal-a, o que não foi sem grande perigo, e veio a reconhecer que era Desejada. A 16 tomou porto em Nieves com o *Trouwe* e o barco. No barco passou-se a S. Christovão afim de mandar os selvagens prepararem *cassavi* (1), de modo que, quando o hyate ahi chegou a 21, achou provisão de *cassavi* para tres mezes. A 27 fez-se á vela, e á seguinte manhã tinha Sabá ao lado; governou ao noroeste quarta ao oeste. A' manhã de 29 vio Virgem Gorda; calculou demorar esta ilha obra de vinte e cinco leguas ao noroeste de S. Christovão. Singrou ao longo das Virgens para as Passagens, que são as mais occidentaes destas illiazinhas, e surgio em uma bahia capaz. A' noite saltou com os nossos um vento tão teso, que partio-se o cabo, e desaferraram as ancoras. Estiveram em apertadissimo lance. Ao romper do dia seguinte força foi cortarem o mastro grande, com o que se mantiveram as ancoras algum tempo, mas, enrijando o vento, garraram outra vez; cortaram o mastro de traquete e os gurupés, e ainda assim foram garrando a pouco e pouco. Estavam então em dezeseis braças d'agua. Era tal a negridão do tempo, que não viam, e tal a furia do vento, que, fallando aos ouvidos, mal se podiam entender; o mar empolado os

---

(1) *Estas regiões (do Oyapok) abundam em varias cousas necessarias á vida*; em vez de trigo, os selvagens usam commummente do *cassavi*, que se faz de certas raizes, em que atrás se falla; joeiram-nas sobre uma pedra preparada para este effeito, e extrahem o summo, que crú é perigoso e peçonhento, mas cosido com pimenta do Brazil ou Axi sabe bem ao paladar. Com esta farinha fazem pães ou pasteis, que cosem em cima de uma pedra, e são de um sabor agradavel, e quasi como o do pão de cevada, mas melhor. Fazem tambem diversas beberagens desse *cassavi*, uma das quaes chamam *Passiawe*, que se conserva em bom estado cinco dias, outra tem nome *Parawaw*, e dura dez dias; esta é mui forte, e se faz de varios modos, mas o melhor é o que usam os Yaios e Arwacas. (*Historia do Novo Mundo, Joannes de Laet*.)

elevava ás alturas. Por volta das onze horas, o tempo começou a abonançar e clarear. Viram terra a sotavento, e parceis de ambos os lados em distancia de menos de um tiro de colubrina. No dia 1º de Outubro poderam devassar com a vista toda a bahia grande, mas não viram o barco, e o batel fôra arrebatado muito para atráz, e estava virado. Tres homens tentaram ir buscal-o, mas o não conseguiram, e com difficuldade poderam ser recolhidos no navio, que se poz a andar o melhor que póde. Foi este á entrada da bahia pequena, donde havia sido impellido; viram fluctuante a pequena boia de sua ancora de reserva, depois que fundearam na bahia grande. Avistaram a alguns da companhia em uma ilhota, mas por falta de batel os não poderam soccorrer; consumiram a noite em construir com fragmentos um batelzinho de nove pés pouco mais ou menos de comprimento, e tres de largura. Quando vieram ao outro dia, levaram para bordo neste batelzinho primeiramente quatro pessoas, e depois mais seis, que estavam em um outro lugar. Estavam estes naufragos desnudados, e feridos em varias partes de seus corpos. O barco havia batido á noite contra os rochedos, e se fizera em pedaços, e foi ao fundo, e os naufragos procuraram salvar as vidas, ajudando-se de um ou outro fragmento. O *Commandeur* procurou por toda a parte o seu massame e cordoalhas, mas, além da sua ancora de reserva, pouca cousa achou. Soprando agora (4 de Outubro) vento de noroeste, o *Commandeur* sahiu desta bahia, mareando as velas ré e de traquete, e quasi toda a noite navegou pela derrota de leste quarta a sudeste e lessudeste. A' seguinte manhã avistou a ilha S. Martim, e não achando madeira capaz para um gurupés, partio a 19. Com grande trabalho chegou a 11 á ponta sudoeste de S. Christovão, e ao outro dia pela manhã ao porto. Nesta ilha refez-se de batel, e partio a 13 de Novembro. O vento o contrariou tanto outra vez, que, sendo chegado a 19 em Dominica não pôde surgir sinão a 22. Neste entretanto chegaram a esta ilha dous navios francezes de Havre de Grâce, cujos capitães conheciam o *Commandeur*, e lhe deram toda a ajuda e assistencia. Deu querena ao seu navio, e reparou os mastros, com o que andou occupado até 24 de Dezembro, que foi quando tornou á sua viagem, e deitou caminho de S. Vicente. Surgio nesta ilha ao seguinte dia, e pelo seu mastro novo estar mui fraco, poz outro, o que o trouxe occupado até aos 6 dias de Janeiro. Deixaremos o *Commandeur* tomar pouso por algum tempo, e faremos breve relação do que passou com o vice-almirante em sua tornada no *Eendracht*.

O vice-almirante, tendo-se despedido do *Commandeur*, como se atrás disse, encontrou na altura do cabo de S. Antão dous navios hespanhoes, procedentes de Honduras, e tomou um delles algum tanto alongado de terra. Pela nossa gente não ser mui pratica nestas partes, as correntes metteram o *Eendracht* e sua prêsa muito para dentro do Golpho do Mexico. Trabalharam por fazer-se na volta de leste, e succedeu irem ter ás aguas das Tortugas, onde o *Eendracht* sossobrou em um baixo; mas como o navio hespanhol estava bem apparelhado, a nossa gente passou-se para elle, e ficou bem acondicionada. Trouxeram-no á Zelandia, onde chegaram a 13 de Setembro deste anno. O navio hespanhol tinha o nome de *S. Juan Baptista*, e continha a

seguinte carga: mil e seiscentas caixas de indigo, tres mil couros, uma grande quantidade de salsaparrilha, algumas caixinhas com prata, e alguns vasos com cusfoso balsamo. Estava guarnecido, além de outras, com oito peças de bronze, em que se viam gravadas as armas do rei de Hespanha.

O anno passado deixámos o *Commandeur* Philips van Zuylen em Serra Leôa com os navios *Dolphijn*, *Thuijn* e *Bruyn-Visch*: vamos referir agora o que elle fez este anno de 1624. Feito trato de alguns dentes de elephante e de madeira vermelha, e bem providos os seus navios de agua e lenha, o *Commandeur* partio aos 4 dias de Janeiro com os seus tres navios e o barco tomado á vista de Cacheu. Caminhou primeiramente ao rumo do noroeste para fazer-se ao mar, e depois ao do sul e sudeste, e por esta derrota foi ter ao meio-dia de 11 aos 6 gr. e 58 min. Foi incommodado juntamente de muitas calmarias e travados, com que só a 29 passou a equinocial. Ao outro dia apartaram-se do navio grosso os dous hyates e o barco tomado. A 14 de Fevereiro era o *Commandeur* em altura de 1º 15' á banda do sul. Trabalhou por tomar a illia de Martim Vaz, mas a não descobrio. Navegando sempre para o sul, aos 7 dias de Março achava-se aos 30º á banda do sul, e fazendo-se então na volta de leste e norte, era a 25 em altura de 14º 15' á banda do sul. Ao meio-dia avistou a costa d'Africa, que estaria apartada delle dez leguas. A' tarde cousa de meia legua o separava da costa, e não tomou sonda com oitenta braças de linha. A 27 altura de 15º 37', dez braças d'agua em distancia de um tiro de peça da costa. A terra, obra de tres leguas ao norte do cabo Negro, é alta e assentada. Ao outro dia surgio mesmo ao norte do cabo mencionado. O *Commandeur* sahio em terra em procura d'agua, mas a não encontrou: a terra é escalvada sem verdura alguma. Neste cabo, bem como algumas leguas ao sul, deixou cartas e signaes que avisariam os hyates, si acertassem de tomar terra neste lugar. Sahio no seu navio, caminhando de longo da costa pela derrota do nornordeste, indo o batel adiante para observar os sitios de boa disposição. Depois do meio-dia descobrio uma bella bahia, atras de uma ponta inclinada; entrou-a, e surgio em sete braças e meia, fundo bom, á sombra de terra levantada. Ao meio-dia era a altura 14º 55'. Saltaram os nossos em terra, acharam agua doce em um pantano estagnado, e um ribeiro corrente, e lugar mui accomodado para ajustarem os quartos das chalupas. Os negros, moradores destes arredores, eram mui esquivos, nem os nossos lhes poderam entender a lingua. O capitão Thomas Sickes, a 9 de Abril, fez uma entrada com quarenta homens, e a tarde volton com duas vaccas. De caminho a nossa gente comeu de certa fructazinha a modo de avelã, com o que os mais delles se sentiram muito molestados, pois os fez lançar muito, e lhes relaxou tambem o ventre. A 11 os dous hyates e o barco juntaram-se ao *Commandeur* nesta bahia, que houve nome *Vliegen Baye* (bahia das Moscas). O *Commandeur*, tendo assim reunido os seus navios, quando veio ao outro dia, partio, e navegou pela derrota do norte quarta a nordeste, correndo a costa. A 13 surgio outra vez em uma bahia, que houve nome *Roode Baye* (bahia Vermelha), por respeito da côr ruiva do fundo. Sahiram em terra ao seguinte dia, e só mui dentro della foram encontrar agua

doce. Altura 14º 45' á banda do sul. A 15 o *Commandeur* tornou á sua viagem, correndo a costa ao rumo do nordeste e nornordeste. Encontrou uma enseiada grande, onde não pôde tomar sonda junto da costa; altura 13º 35'. Tendo-se mettido muito por esta enseiada, sem encontrar fundo, seguio de longo da costa ao rumo do norte, em demanda de outra bahia. A terra é nesta parte bastante alta e negra. Depois de navegar cousa de cinco leguas, á tarde chegou a uma ponta negra e inclinada, em face da qual ha dous parceis, e depois a outras duas pontas, mas sem dar com fundo, e por isso força foi estar á capa durante a noite. Ao meio-dia do seguinte dia altura 13º 8'. A' tarde acercou-se de outra ponta baixa, que deita muitos parceis; montou-a á bolina, entrou em uma mui formosa bahia, surgio em quinze braças, fundo de areia, em distancia de um tiro de peça de terra, á qual bahia deu nome *Schoone Baye* (bahia Formosa). Ao outro dia puxaram para terra o barco para ser concertado, por estar de agua aberta, e pescaram bonitos peixes. A gente da terra lançára-se a monte, pelo que os nossos não poderam vir a falla com os moradores. Proveram-se de agua e lenha. A 27, avistada uma vela estrangeira, foram em seu encalço o *Bruyn-Visch* e o barco. A 30 appareceu outra vela, lançaram-se a ella o *Commandeur* e o *Thonijn*, mas a não alcançaram. Ao outro dia voltou o *Bruyn-Visch*; tambem não tomára a vela, e apartara-se do barco. Seguiram juntamente para a costa. A 2 de Maio altura de 12º 13'. Ouviram um tiro de canhão, mas não deram fé de navio algum. Depois do meio-dia o *Commandeur* chegou a uma ponta baixa em rampa, onde suppunha encontrar a bahia das Vaccas. Ao sul havia uma ponta baixa em face daquella outra, que sahe ao mar obra de tres leguas, e entre ellas demora uma bahiazinha verdejante, cujas pontas são baixas; ao norte a costa é levantada e escarpada. Seguio o *Commandeur* para a ponta, e della aproximou-se até ás seis braças, fundo de boa tença, na qual ponta ha um especie de sombreiro, por onde é facil de conhecer. Montada a ponta, entrou em espaçosa bahia, que á banda oriental tem terras baixas com arvores verdejantes, e vio um povoado de casas altas e bonitas, em frente do qual surgio em tres braças, fundo de boa tença. Ao outro dia, mandou um batel á terra para saber que especie de gente alli morava. Uma hora depois tornou o batel, trazendo um alferes portuguez, enviado pelo capitão da povoação, para o effeito de nos assegurar que queria ter trato amigavel comnosco. O alferes contou que, tempos atrás, o rei de Hespanha mandara a este lugar um governador; mas o capitão, ajudado dos seus soldados, que fariam numero de setenta, lançára mão delle, pois os tratava tyrannicamente, e o remettera, pouco mais ou menos oito mezes atrás, para Loanda. Queixou-se de que, em todo o tempo que alli se achavam, não haviam recebido os seus soldos, e por isso buscavam modo de retirar-se. Havia em terra quatro trincheiras, cada uma com tres ou quatro peças. Foram elles que deram o tiro, de que atraz se fallou, quando avistaram os nossos navios, suppondo que era o Governador, que vinha tomar emenda de seu levantamento. Contou mais que algumas pessoas fizeram crer ao rei de Hespanha que nas cercanias deste lugar havia uma rica mina de cobre, e que tal era a razão de nelle se haver posto

guarnição, mas que essas minas jaziam algumas quinze ou dezesseis leguas mais para baixo, e não estavam exploradas. O alferes ficou a bordo em segurança da nossa gente, que fôra á terra; o mesmo capitão á tarde veio a bordo, e prometteu-nos todo o gasalhado, pelo que o *Commandeur* o deixou tornar-se á terra. Com pouco dinheiro houveram refrescos, e muito boa agua, que o capitão mandou os seus negros trazerem á praia. Os soldados tinham falta de tudo, e particularmente de vestidos. Por elles soube o *Commandeur* que na bahia de S. Francisco, algumas cinco leguas acima desta, havia um monte de sal, assim abundante de sal gemma, que todos os navios da Europa o não poderiam transportar; que este sal era mui appetecido em Loanda, posto não fosse tão bom como o de Portugal. Denominaram esta bahia dos Touros; a das Vaccas está cousa de tres leguas mais acima. Altura 12° 20'. Em terra havia muito gado, mas não couros seccos. A 11 o *Commandeur* mandou o hyate *Bruyn-Visch* procurar o outro hyate e o barco tomado, e de caminho informar-se da situação daquelle sal; mas sobre a tarde tornaram o *Thonijn* e o barco, que haviam tomado um navio procedente de Pernambuco, carregado de toda a sorte de mercadorias. Mandou o *Commandeur* que os dous hyates e as duas velas tomadas se fossem a uma bahia, que demora quatro leguas abaixo desta, para fazer concertos e tomar agua; seguio-os tambem no seu navio, e a 13 ancoraram todos em dita bahia. Ao outro dia viram duas velas estrangeiras no mar, á qual se foram os dous hyates e a presa antiga. No entretanto seguio o *Commandeur* no seu navio, acompanhado da ultima presa, para a bahia de Catambala (Catumbela), onde a 15 os hyates se juntaram com elle. Haviam rendido uma fusta, que tomára carga de vinho na ilha da Palma, e um naviozinho com carga de farinha, que partira de S. Paulo em demanda da Bahia, onde os nossos estiveram. Esta bahia de Catambala é mui formosa, surge-se nella como em rio morto; está situada na altura de 12° 15'. A 22 mandou o naviozinho carregado de farinha e outros generos á bahia dos Touros para mantimento do capitão, que em retorno lhe forneceria doze cabeças de gado, seis carneiros, dous porcos, gallinhas e outros refrescos. Poz um capitão na fusta *S. Juan Baptista*, e esbulhou o naviozinho tomado em Cacheu, porque fazia muita agua, e já se não podia ter boiante. Mandou para baixo a sobredita fusta com todas as mercadorias, a cargo do commissario Adriaen Vrancken, para o effeito de serem vendidas; partio ella na entrada de Junho. A 5 o *Commandeur* fez-se tambem á vela, caminho direito de Loanda. A 7 estava junto do cabo S. Braz em altura de 10° 31'. Este cabo é alto e inclinado, de longe parece talhado a pique; um pouco ao norte delle ha um farilhão alto, negro e pontudo. Ao seguinte dia o *Commandeur* estaria duas leguas arredado da costa; a terra era igual e não levantada. Vio uma grande enseiada, e para o norte, ao longe, terras baixas com quebradas. Ao meio-dia 10° 18' de altura. Depois do meio-dia, chegou ao rio de Tongo; a 19 ao cabo Ledo, que é escarpado. Aqui tomaram os nossos um patacho vasio, procedente de S. Paulo com quatro Portuguezes e dez negros; foi queimado. A' tarde era o *Commandeur* junto do rio de Coanza, onde foram tomados tres patachos, e varados dous na costa, que

se fizeram em pedaços. A 10 era perto da ponta de Palmeirinha, obra de uma legua ao sul della, e ahi surgio. Os nossos tomaram mais um patacho por meio da chalupa, a fusta rendeu outro, que perdeu-se indo de encontro á costa. Depois do meio-dia metteram a pique dous dos patachos tomados, e em um outro botaram todos os Portuguezes doentes, que não podiam prestar serviço. O *Commandeur* partio direitamente para Loanda, governando primeiramente ao norte, por evitar os baixos de Corymba, e depois ao nornordeste. Ao seguinte dia deu fundo arredado duas leguas da costa, e ainda não avistou S. Paulo, nem sua ponta septentrional. A 17 endireitou para o porto de S. Paulo, mas este dia não pôde entrar. Ao seguinte entraram o *Dolphijn*, *Bruyn-Visch* e *S. Juan*, surgindo em distancia de mais de um tiro de peça dos navios. A 14 veio ter com elles o *Thonijn*, acompanhado de um patacho que tomára, e foi queimado á vista da cidade. Eis que uma armada de onze navios vem sobre elles pelo canal, encostando-se ao vento, e isto vendo os nossos levantam juntamente as ancoras, e se enviam a elles. Salvaram-se uns aos outros galhardamente; mas durou pouco a briga, que logo os nossos levaram vantagem aos contrarios. Queimaram quatro dos navios delles; de si vararam-se na praia a almiranta, vice-almiranta e mais outro navio inimigo; os nossos deram com um outro em secco, e conservaram dous para serem resgatados. Ao outro dia os nossos foram ter á almiranta, vice almiranta e sota-almiranta encalhadas, e ás pressas pozeram lhes fogo, apesar dos tiros amiudados que o inimigo fazia dos mesmos navios. A' tarde tres bateis bem guarnecidos vogaram para o quarto navio encalhado, que foi entrado á viva força, mas, logo após a entrada dos nossos, acudiram os de terra bravamente, e atiraram com tanta furia, que força foi abandonarem o navio, sem ter havido tempo ou conjuncção de queimal-o. Aqui perdemos tres homens, e foram feridos sete, entre os quaes o *Commandeur*. Houveram os nossos ás mãos alguns Portuguezes, mas não tantos, como deviam ter aprisionado segundo o numero dos navios tomados, pois a mor parte dos inimigos se puzeram em fugida. E como encalhou um dos nossos patachos, em que estavam tres dos nossos, e que foram levados presos a Loanda, o *Commandeur* propoz trocal-os por tres vezes outros tantos Portuguezes; mas o governador e o bispo não estiveram por isso, e exigiram por aquelles tres homens todos os prisioneiros Portuguezes e os negros, além dos dous navios, que estavam em nosso poder. A 18 um destes navios foi resgatado por mil oitocentos e sessenta e seis florins, somma que logo foi paga em ouro e prata; e pouco depois o outro por mil novecentos e trinta e oito florins. Dos navios destruidos na bahia houvemos oito peças de artilheria, que foram postas nos hyates, quatro em cada um. No canal e em frente da cidade havia ainda, entre navios e barcos, algumas vinte velas; como porém não tinham os nossos um piloto pratico deste porto, era perigosissimo melhorarem para dentro delle por essas areias e baixos, e além disto os Portuguezes haviam levantado na praia duas baterias; assim o *Commandeur* não achou prudente expor a tamanho perigo os seus navios. A 25 soube elle de um Francez que se passara para os nossos, que o novo governador N. de Sousa (Fernão de Souza) estava

surto com tres navios diante dos baixos de Corymba, ou barra meridional de Loanda. Para lá mandou o *Commandeur* primeiro os dous hyates; seguiram depois a fusta e as chalupas, e deram fundo por fóra da ponta septentrional da ilha de Loanda em vinte braças, fundo de areia.

Esta ilha de Loanda tem de comprido obra de cinco leguas, e arruma-se geralmente sudoeste nordeste; é baixa; tem um convento, e uma alfandega ou casa em que se despacham escravos, além de uma aldeia de negros. Não havia d'antes na ilha fortificação alguma, mas, por nosso respeito, levantaram uma bateria com seis peças junto da casa dos despachos sobre o canal.

A' tarde de 26 o *Commandeur* juntou-se com os hyates, que estavam surtos em dezesseis braças diante da barra meridional ou de Corymba, e surgio em quarenta, porque o vento do mar refrescou, e lhe não permittio ir mais para cima. Os tres navios do inimigo, em que se fallou, estavam quasi de todo descarregados, e haviam sido rebocados para dentro dos baixos, e por ser esta navegação para piloto de barra, não pôde o *Commandeur* ir-se a elles. Os de Loanda levantaram mais uma bateria com oito ou dez peças na ponta meridional da barra, por junto da qual se havia de passar. O navio do governador tinha dezesseis peças, e oito cada um dos outros dous, e muita gente; claro está que era perigosissimo ir buscal-os lá dentro, onde estavam. Ao outro dia aproximaram-se algum tanto os nossos navios. A 28 o novo governador mandou-nos pelo seu secretario os nossos tres homens prêsos, e em troca foram-lhe entregues vinte Portuguezes. Na entrada de Julho o *Commandeur* deu á vela com os seus navios, servido de um vento terra, para navegar um pouco mais para cima, e governou ao sudoeste. Os baixos de Corymba não precisam de muitas indicações: demoram junto da ponta septentrional da barra do sul, e á noite nada tendes que temer, si não passardes das trinta e cinco braças; e para entrar na barra do sul, ide buscar a ponta meridional da terra firme, e entrai navegando perto della. Ahi é que pozeram uma bateria, assim como outra na terra firme sobre a barra. A' noite o *Commandeur* surgio em trinta e duas braças, duas leguas escassas acima dos baixos de Corymba. Aqui vendeu ao proprietario o navio *S. Juan* por mil duzentos e cincoenta cruzados, tres florins cada moeda, e começou-se a descarregal-o. A 3 avistou uma vela ao mar; deram-lhe caça os dous hyates e a chalupa, que ao outro dia a trouxeram: era um pataxo do porte de quarenta e cinco toneis, procedente de Ilheos, com carga de farinha, *cimbe* (?) e uma pouca de arroz. Pelos tripolantes soube o *Commandeur* que habitavam em Ilheos algumas oitenta familias portuguezas; que havia lá um fortim como quatro peças, e nos seus arredores quatro engenhos. Haveis de entrar por entre duas ilhotas; a barra é estreita, e nas marés ordinarias tem somente quatorze palmos d'agua; está em altura, de 14° 1/2. Tomaram-lhe o arroz, cimbes, e uma porção de farinha para seus negros, e largaram o naviozinho. A 9 o *Commandeur* se foi pela derrota do sudoeste, e tomou um navio de pôpa quadrada com varanda coberta, chamado, *S. Francisco*, do porte de oitenta lastos, com tres colubrinas, quatro

pedreiros, oito mosquetes, cuja gente se puzera em salvo, e por isso não póde elle saber donde vinha. Levaram-no os nossos tres leguas acima da barra de Corymba, onde surgiram. O *Commandeur* poveu este navio de um capitão, oito homens e quatro negros. Depois pairou. A 25 tomou um naviozinho hespanhol, chamado *Santo Antonio e S. Lucas*, do porte de trinta e cinco lastos, com duas colubrinas, quatro pedreiros e vinte e tres homens; vinha de Cadix, com carga de dous mil e trezentos *peruleeren* (que são vasos de terra de vinte ou vinte e quatro pintas) de vinho, vinte e duas pipas de vinho, quarenta pequenos vasos de azeite, e trezentos de azeitonas. Ao seguinte dia outro navio de forma neerlandeza, chamado *Nossa Senhora da Conceição*, com dous pedreiros, e vinte e oito homens, e carga de mil e oitocentos *peruleeren*, e vinte e duas pipas de vinho, quatro barricas de farinha, duzentos pequenos vasos de azeitonas, cem de alcaparras, duas caixas de estanho com setenta e tres peças de tafetá chinez sem lustre e outras cousas. Tiveram tambem estes navios capitães e tripulação. No dia 1º de Agosto o resto dos Portuguezes prisioneiros foram despedidos em um batel velho, e a 3 o *Commandeur* com seus navios fez-se á vela, caminhando para baixo primeiramente ao rumo do norte, e depois ao nordeste. A 8 era a altura 6º 8' á banda do sul; a terra, que avistava, estava coberta de arvoredo, e era escarpada na borda do mar. A' tarde surgio, e estava a ponta meridional do rio de Congo (a qual ponta chamam os nossos do Velho Padrão) obra de duas leguas ao nornoroeste consigo. Ao outro dia entraram os navios, excepto o *Dolphijn* e o navio tomado *S. Francisco*, por amor de uma correnteza que os botava para fóra; só a 18 entrou o *Commandeur* no *Dolphijn*, e o *S. Francisco* tomou porto em Loango. Neste rio deu fundo o *Commandeur* e teve trato com os habitantes. A 14 de Setembro foi o *Commandeur* convidado a sahir em terra, e recebido com muito gasalhado pelo Conde de Soubo, cujos conselheiros tambem foram honradamente tratados pelos nossos. Deiveram-se os nossos navios neste rio, dando uma vista ora a Loango, ora a Marcenda, e mais outros lugares, e sahindo de quando em quando um hyate ao mar para vigiar os navios inimigos, mas não fizeram mais tomadia alguma. A 6 de Dezembro o almirante Pieter Pietersz. Heyn chegou com tres navios grossos diante deste rio, de cuja viagem daremos razão, tanto que acabarmos com as cousas desta flotilha. O *Commandeur*, tendo entre os seus alguns insubordinados, a quem mal podia conter, e mais estando muito desfallecido de gente, pela muita que ultimamente lhe havia morrido, passou os alevantados para o navio do vice-almirante, onde foram castigados, e delle recebeu refresco de gente, com o que se findou o anno.

Como deixamos contado, o vice-almirante Pieter Pietersz. Heyn partio da Bahia com seus quatro navios a 6 de Agosto. Ao dia seguinte, quando havia quasi perdido a vista da costa, avistou uma vela estrangeira para o lado de terra; deram-lhe os nossos caça, e ao outro dia a tomaram. Continha sómente duas colubrinas, e vinte homens, e estava carregada de cento e dez pipas de vinho das Canarias, trinta toneis grandes com farinha, vinte e seis quartões de azeite, e algumas poucas mercadorias. Por ser mui veleiro

este naviozinho, o vice-almirante o proveu de gente, e o levou comsigo. Depois surgio perto do morro de S. Paulo. A 11 tornou á sua viagem, mas, por amor de um vento rijo, mal podendo apartar-se de terra, e menos caminhar para o sul, deu volta para o norte, com o que a 22 veio a surgir obra de dez leguas ao norte de Pernambuco, e quatro arredado de terra, em altura de 7º 15'. Resolveu deter se alguns dias nestas paragens para andar de vigia aos navios, que sahissem do porto de Pernambuco; mas, sendo passadas as marés de aguas vivas, e não convindo esperar as seguintes por demoradas, na entrada de Setembro tornou á sua viagem para Angola. A 6 tornou a avistar o cabo de Santo Agostinho, e então começou a avançar para o sul. A 22 era em altura de 22º 15'; a 30 em 26º 40', e em distancia de duzentas e trinta leguas a leste do meridiano do cabo de Santo Agostinho, segundo os pontos dos pilotos. A 9 de Outubro era em altura de 36º, e por isso ao outro dia chamou a seu bordo todos os pilotos, e averiguou que os seus pontos differiam em longitude, os que estavam mais adiantados dos que o estavam menos bem noventa leguas. O vice-almirante, tendo respeito a esta differença, caminhou pela derrota do nordeste e nordeste quarta a leste, e assim descendo para o norte, a 21 era em altura de 15º 15'. A 23 houve vista da costa de Angola pouco mais ou menos na altura de 14º 25', terra grossa e avermelhada, e seguio correndo a costa, que aqui está lançada ao norte quarta a nordeste, e sul quarta a sudoeste. Perdeu a vista de terra com tempo de calmaria, mas a tornou a ver a 26, e a escorreu. Dos 11º até o cabo Braz, de uma ponta a outra, a costa arruma-se ao norte quarta a noroeste, e sul quarta a sudeste. Este cabo Braz está situado em altura de 10º 30'. Delle até ao cabo Ledo a costa corre nornoroeste e sussudeste; o cabo Ledo demora em 8º 50'. Do cabo Ledo até á ponta de Palmeirinha a costa tira ao noroeste quarta a norte e sudeste quarta a sul, (salvas os arcos ou enseiadas). A ilha de Loanda corre nordeste quarta a norte e sudeste quarta a sul, com o comprimento de sete leguas; é mui baixa, e tem a ponta do norte em 8º 45' á banda do sul. A 30, obra de meia legua de Loanda, avistou a lessudeste uma vela arrazoadamente grande, que trabalhava por entrar no porto, como entrou, mas não pôde ir surgir diante da cidade de S. Paulo, por causa dos baixos, contra os quaes caminhou o mais que pôde, para se pôr ao abrigo da artilheria da cidade. Havia alli mais quatro naviozinhos carregados de negros, de tres dos quaes foram desembarcados os escravos. O vice-almirante logo entrou no seu navio, seguido dos outros, mas, antes que estes se juntassem com elle, já havia tomado todos os navios inimigos, apezar de atirarem vivamente contra elle; os tiros, porém, pouco acertavam, porque o tempo escurecêra. O navio, que entrára antes delle, vinha de Sevilha, com carga de vinho e azeite, os mais não continham senão agua e favas para os negros, e uma pouca de peixe secco. Ao outro dia, por melhor retirarem os navios tomados, entraram os nossos a descarregal-os, e baldear as fazendas para os seus navios; mas, por causa do vivo fogo de tres baterias inimigas contra os nossos navios, fogo correspondido por estes, não poderam sahir este dia com suas tomadias. Vendo o vice-almirante que as cousas

desta praça estavam dispostas mui differentemente do que anteriormente lhe haviam dito, entendeu que com tão poucas forças, como as que tinha, não podia fazer proveito em accommetter a praça (1). E' que navios nossos aqui estiveram anteriormente, como deixamos narrado, e por gracejo a gente delles ameaçára os Portuguezes, dizendo que em breve viria armada mais grossa, que lhes tomaria a cidade; por isso o governador, ultimamente chegado de Portugal, fortificára bastante a praça, e bem assim a praia, com palissadas desde a cidade até á extremidade dos baixos, e pozera duas baterias na entrada do canal, além de uma terceira junto ao penedo, onde os navios vão ancorar. Esta tinha seis peças; a segunda chamada Santa Cruz, tambem tinha seis, e estava collocada junto do canal, por onde se ha de entrar; a terceira com cinco peças dominava tambem o canal, e estava junto da cidade, e defronte da ilha, para guardar o passo, que ha entre a ilha e o baixo. Na ilha havia ainda uma pequena bateria com duas peças; e além disto tinha o governador começado a prover a cidade de novas obras. Diante della estavam surtos bem vinte e cinco navios, quatro dos quaes estavam artilhados, um com oito peças, dous com seis, e o quarto com tres. Tambem havia na cidade muita gente, e ainda mais fôra apellidada, pois, dias antes, tinham sabido que a Bahia se rendêra aos nossos. Isto em parte visto, em parte sabido por informações, que tivera dos prisioneiros, o vice-almirante teve conselho sobre o que devia fazer, e, pois não eram cabaes as forças para assaltar a cidade, assentou-se que com cinco bateis e tres esquifes bem guarnecidos se fossem aos navios, que estavam surtos dentro no porto, e lhes pozessem fogo. Sendo noite, por não serem sentidos do inimigo, os mesmos officiaes acompanharam a nossa gente; mas encontraram pouca agua, do que se causou encalhar um, depois outro batel, e levaram tanto tempo em pol-os a nado, que sobreveio a luz do dia, primeiro que se chegassem aos navios contrarios, e entrou o inimigo a varejal os com sua artilheria, e assim os forçou a retrocederem. Ao outro dia o inimigo metteu a pique no canal um naviozinho. Só no dia 3 de Novembro é que os nossos retiraram os navios tomados, e os levaram para a ilha, assim para se pôrem fôra do alcance da artilheria inimiga, como para limparem um pouco os seus navios. O vice-almirante, vendo que neste lugar nada mais tinha que fazer, e sabendo que em Benguela estavam os Portuguezes muito fracos, determinou, por não perder tempo, que os dous hyates *Zee-Jaegher* e *Meermiane*, e a chalupa *Haes*, ao mando do capitão do *Hollandia*, Willem Jansz, alli fossem ter.

Partio este capitão no dia 6 sobre a tarde, e muito trabalho teve primeiro que montasse a ilha, com o que gastou bem quatro vezes vinte e quatro horas. Desde o dia 12 até ao dia 17 foi um continuo labutar, ora bordejando, ora fundeado, por esguardarem os bordos. A' manhã deste dia 17 estava o capitão junto de uma ponta escarpada e soberba sobre o mar, e acalmando

(1) Vastos eram os projectos da Companhia das Indias Occidentaes; queria assenhorear-se de Loanda, e assim d'um golpe assegurar o supprimento de negros ás suas proprias conquistas no Brazil, fechando aos Portuguezes o seu mercado costumado. *Southey.*

o tempo, surgio. Nenhuma noticia tinha colhido accrca da situação de Benguela; encontrava-a no mapa em altura de 10° 50', e no mapa portuguez mais para o norte; e porque calculava estar em 11° á banda do sul, teve conselho com os seus, que unanimemente votaram fossem á terra os dous bateis, a ver se obtinham informações. Sendo em terra os dous bateis deram fé de alguns negros, que estavam no alto de um monte; com bandeira de paz foram ter ao sopé deste monte, mas nem os negros quizeram descer nem os nossos os poderam entender; de sorte que não houveram noticia alguma. Viram sómente uma casinha no monte, com uma cruz por cima, e suppuzeram que por alli seria Benguela, mas para o norte fazia-se uma curva, que não dava lugar a crer que houvessem alli aldeias ou lugares habitados; pelo que foram em conselho que caminhassem mais para o sul. A ponta mencionada é mui facil de conhecer-se, pois levanta-se a prumo, como uma parede de pedra e cal, e é arrazoadamente grossa; podeis navegar tão chegado a ella, que alcanceis a terra com um tiro de pedra; tem dez e doze braças de fundo.

De 17 até 20 navegaram para cima, bordejando terra á terra; e porque não podiam avançar mais para o sul, foram accordes em mandar de novo á terra os bateis para haver informação; os bateis porém não poderam tomar terra em parte alguma, pela furia com que o mar quebrava. Vogaram bem legua e meia de longo da costa, fazendo conta que encontrariam Benguela, porque suppunham que este lugar demorava entre os 11 1/2 e 12 1/2 gr. A 21 deram á vela para o norte, visitando todas as enseiadas, navegando tão chegados á terra, que um tiro de mosquete a alcançaria; mas desde os 11 1/2 gr. não depararam povoado algum, nem lugar accommodado para os bateis tomarem terra. Viram pela praia muitos negros. Depois do meio-dia tornaram áquella ponta empinada, que está em altura de 11° passaram-se á terra, tiveram pratica com os negros por um negro lingua, que tinham comsigo. Os de terra não sabiam de Benguela alguma, e declararam que o seu chefe lhes prohibira tratar com estrangeiros, e assim tornaram os nossos a bordo tão adiantados, como d'antes. Ao outro dia caminharam, observando as enseiadas, terra á terra, mas não descobriram sitio algum habitado. Ao meio-dia surgiram diante de um grande valle; os bateis se foram á terra, e caminharam de longo della bem uma legua; mas em parte alguma deram com um sitio capaz para desembarque, pela arrebentação e grossura do mar, e por isso o *Commandeur* determinou que os hyates navegassem de novo para o sul. A 23, vento do oeste; navegaram até ás duas horas; á tarde o tempo acalmou, e surgiram em vinte e seis braças. A 24 surgiram em altura de 11 1/2 gr. Cumpre advertir que, de ordinario todos os dias ao meio-dia, corsa o vento oeste, que pelas tres da tarde salta para o sudoeste; vento de terra poucas vezes tiveram, menos do sul, e este as mais das vezes escasso. Ao outro dia fizeram se algum tanto ao largo, por melhor aproveitarem o vento do mar; mas, tendo-se affastado algum tanto da costa, notaram que as aguas corriam tesas ao norte, como commummente se observa nestas paragens, e tanto que se perde o fundo, mal se póde caminhar ao sul. Avançariam este dia obra de uma legua. A 27 surgiram para dentro de uma ponta baixa, situada

em 12 gr. escassos Ao outro dia foram nos bateis á terra, mas a arrebentação não lhes permittio tomal-a. Acudiram á praia alguns trinta negros, que batiam a um tempo as mãos, se accoravam, e tornaram a bater as palmas, levantando as mãos acima das cabeças. Indicaram aos nossos uma certa ponta, para onde deviam remar. Os nossos lá foram ter, e encontraram uma formosa angra com muitos lugares accommodados para desembarque; seguiram pois para a praia, e lançaram a fateixa ao mar. Viram na praia bem cem negros, mas, como não se fiavam delles, mandaram seu negro sahir em terra com uma corda atada ao corpo, e algumas amostras de mercadorias, para serem commutadas por refrescos. O negro deixou-se ficar com agua pelos joelhos; veio ter com elle um dos de terra, e estiveram praticando muito tempo; o de terra volveu ao seu bando, e depois de se entenderem uns com os outros, tornou o mesmo negro, acompanhado de outro, armado de arco e seta, os quaes sem mais detença procuraram agarrar o nosso lingua. Vendo isto, grita o *Commandeur* aos seus, que estavam na distancia junto do cabo da fateixa, que o colhessem; mas, pois por descuido estava o cabo solto, os negros, valendo-se da corda, puxaram o batel para si. Os nossos cortam a corda, começam a colher o cabo, mas este prendêra-se em uma pedra, com o que ficaram de través com a praia. Os negros espediram temerosamente as suas setas, que cahiam como saraiva, e logo ficaram feridos nove dos nossos, que tambem os salvaram com os tiros de tres pedreiros e de alguns mosquetes, com o que deitaram por terra alguns negros, ficando os mais envoltos na fumaça. No entretanto foi colhido o cabo, apanharam tres remos na agua, e safaram-se com o adjutorio divino. O *Commandeur*, um capitão militar, e mais outro receberam cada um tres feridas. Fincaram-se tantas setas no batel, algumas das quaes o atravessaram com as pontas, que impediam remar. Como o praso marcado ao *Commandeur* estava esgotado, e não pôde elle haver nova alguma, governou de novo para o norte para se juntar com o vice-almirante, como na entrada de Dezembro se juntou no cabo Ledo, onde elle estava surto.

Havia muitos doentes na frota, e falta dos necessarios refrescos, pelo que se determinou o vice-almirante a seguir para o rio de Congo. A 6 os hyates fundearam no Padrão, e a 8 e a 9 os navios grossos. De Loanda até ao rio de Congo, o surgidouro é bom ao longo da costa. Na altura de 8º a terra é grossa e dobrada com muito arvoredo e areaes brancos, e a espaços tem pequenas angras. Dos 8º até 7º a costa escorre ao norte quarta a noroeste e sul quarta a sudeste, terra igual com muito arvoredo; uma grande legua da costa ha fundo de treze até dezesete braças. Dos 7º até 6 1/2 a costa arruma-se ao noroeste quarta a norte e sudeste quarta a sul. Dos 6 1/2 até 6º a costa escorre norte e sul até a ponta do Padrão, que é a ponta meridional do rio de Congo, em altura de 6º 5'. Aqui o vice-almirante, como atrás se disse, encontrou o *Commandeur* Philips van Zuylen, em cujos navios poz as cousas em ordem. Depois mandou uma embaixada ao Conde de Sonho, que móra quatro leguas acima da bocca do rio, bem como presentes a elle, aos seus dous irmãos, a sua mulher e alguns officiaes. O palacio do conde não levava

vantagem a alguma das nossas estrebarias. Foram os embaixadores apresentados tambem á Condessa, que é irmã do rei de Congo: estava ataviada com louçainha de muitas cadeias de ouro, mas as suas damas (em numero seguramente de cem) não traziam senão uns vestidos do entre casco de arvores entretecidos a modo de mosqueta. A condessa vestia á portugueza, as outras mulheres traziam os vestidos até acima dos peitos, e coraes ao pescoço.

Annos atrás fôra entregue ao principe Mauricio de gloriosa memoria uma carta escripta em nome do conde de Sonho, na qual lhe pedia ajuda e assistencia, com protesto de obrigar-se por ella e pagar as custas. Declararam os nossos que vinham a este effeito, e lhes requereram os supprisse com os necessarios meios; porém o conde respondeu que não sabia cousa alguma a tal respeito, que semelhante carta havia de ter sido escripta por alguns mercadores, que as suas guerras raras vezes duravam mais de dous ou tres mezes, e de ordinario um só combate lhes punha termo, que, em taes condições, requerer auxilio da Hollanda, era uma cousa alheia de toda a razão; sómente declarava que si, a requerimento seu, os navios, que andavam pelas cercanias de Loanda, viessem em seu auxilio, os havia de recompensar, mas que até então não havia chamado nenhum, e portanto não estava obrigado a pagamento algum. Os nossos embaixadores, considerando que devia de ser assim, como o conde dizia, encommendaram-lhe os nossos toneis de aguada, e se despediram delle. O resto do anno foi consumido em commutar refrescos, e prover os navios de agua e lenha.

FIM DO PRIMEIRO LIVRO.

SUMMARIO DO SEGUNDO LIVRO

O Almirante Pieter Pietersz. Heyn parte da costa d'Africa, e aporta na ilha de Anno Bom, onde refresca. Segue para a costa do Brazil, e toma terra no Espirito-Santo, onde faz um sallo. Fraqueza de sua gente. E' forçado a retroceder sem ter feito cousa alguma. Manda os hyates e bateis subirem o rio. Dos bateis perde-se um. Limpa os seus navios. Parte para o Rio de Janeiro. Toma um navio com 135 caixas de assucar. Segue para a Bahia, e encontra a cidade de S. Salvador sitiada pelos Hespanhoes. Dá volta para Pernambuco, e não deparando alli ensejo algum, parte para a ilha de Fernando de Noronha. Disposição desta ilha. Parte o almirante via da Republica, onde chega em Julho. Continuação da viagem de Pieter Schouten. Chega a Mona. Visita os portos e ancoradouros da ilha Hespanhola. Faz uma entrada em Laguna, onde toma alguns couros e uma pouca de cassia. Parte para Alcahaya, onde colhe mais cassia. Depois de tocar em outros lugares, volta ao porto Francez. Disposição deste porto. Faz-se na volta da Republica em Abril. Sahem ao mar as armadas do almirante Lam e do general Boudewijn Hendricksz. Parte a armada hespanhola a cargo de D. Frederico de Toledo. Suas forças. Chega a Santiago, e segue para a Bahia, onde entra. Põe cêrco á cidade. Os nossos fazem uma sortida, e matam alguns officiaes e soldados. D. Frederico augmenta os seus quarteis. O nosso coronel é desenidado, desprezado, e emfim deposto pela sua gente, que faz eleição de outro para substituil-o. Negociam com o inimigo, convem nas condições, e entregam a praça. Partida do Texel do general Boudewijn. Navios que o acompanham. Chega ás costas do Brazil. Encontra-se com elle o hyate *Voshen*, que tomára dous navios, e depois os perdêra; dá nova como a armada hespanhola estava surta na Bahia. O general encontra a cidade tomada. Contempla a armada hespanhola, mas entendendo que nada poderia fazer, faz-se ao mar. E' seguido da frota hespanhola. Navega para o morro de S. Paulo, que manda observar. Falta d'agua; muitos adoecem. Toma um barco costeiro. Dá volta para o norte. Chega a Parahyba, onde procura entrar. O navio do almirante Veron encalha em um banco. O general segue com a armada para a bahia da Traição. Disposição desta bahia. Faz uma excursão por terra e outra por agua. Os indigenas destas partes alliam-se com os nossos. Brigam com os Portuguezes, e os derrotam. Visitam o rio Mamanguape. Fazem outras entradas no sertão. Deliberam sobre o que deviam fazer ulteriormente, e resolvem partir. Divide-se a armada. O *Voshen* fica na costa do Brazil: o que fez. Toma um naviozinho com carga de vinhos, e depois mais dous. Continuação da viagem do general Boudewijn Hendricksz. Chega a Bekia e S.

Vicente. Parte, e dá-lhe um grande temporal. Chega á ilha Virgem Gorda, que manda observar. Perde-se o navio *Vissingher*. O general entra em Porto Rico. Fogem os da cidade; os nossos a tomam, e fazem-se senhores da illhazinha. Cêrco e bombardeio do castello. Intimam ao inimigo que se renda, mas debalde. Sortidas do inimigo. Os nossos perdem gente e bateis. Não podendo render o castello, o general resolve partir. Os nossos embarcam-se, incendiam a cidade e os navios inimigos. Sahem todos os navios, menos o *Medenblick*, que perde-se. O General segue para a extremidade occidental da ilha. Um naviozinho hespanhol tomado. Alguns navios são mandados a S. Domingo, e dous com despojos á Republica. A armada parte. Um barco tomado. Volta ao porto de S. Francisco na extremidade occidental de Porto Rico. Continuação da viagem do almirante Veron. Reina a dysenteria entre a companhia. Não póde avançar para o sul. Chega a Serra Leôa, onde encontra o almirante Lam. Partem para a costa de Guiné. Mallogro da interpresa contra o castello da Mina. A armada surge, e refresca no rio Gabão até o fim deste anno.

LIVRO SEGUNDO

1625

O almirante Pieter Pietersz. Heyn, que deixamos o anno passado no rio de Congo, partio com todos os navios aos 2 dias do mez de Janeiro deste anno, e depois de andar divagando por algum tempo por respeito das correntes e ventos, quando veio ao dia 7 do mesmo mez, amanheceu obra de quatro leguas ao norte do porto de Loango, que está situado em altura de 4° 37'. São faceis as conhecenças deste lugar: ha ao sul delle moutas, que de longe semelham pequenos castellos, e quatro leguas ao norte veem-se duas colinas, que chamam *Mamas ou Tetas de Mulher*. Ao outro dia juntaram-se com elle ás chalupas, que anteriormente haviam sido mandadas sahir do rio em procura de refrescos; poucos trouxeram para tanta gente, pelo que ordenou o almirante que os navios andassem espalhados por essas costas até ao dia 18 do corrente mez, com fundamento que toparíam navios portuguezes. O *Mercurio* seguiria adiante, e surgiria em altura de 1° 40', na qual altura a pouco e pouco se juntariam todos os navios para de conserva irem tomar a ilha de Anno Bom, onde se procurariam refrescos. Mas, reconsiderando a sua ordem, o almirante communicou aos navios por cartas datadas do dia 14 que não convinha avançassem para o norte além dos 2 gr., para o effeito de irem buscar com mais segurança a ilha de Anno Bom. Com quasi todos os navios tomou o almirante esta ilha aos 19 dias, e o navio *Hollandia* a 29, e nella encontraram muitos refrescos. Esta ilha, segundo observou Willem Jansz., demora em altura de 1° 30'; tem muitos porcos, laranjas, limões, e muito boa agua. O governador tractou os nossos com amizade, ainda que com medo, depois que soube que aquelles navios haviam tomado parte na rendição da Bahia. Tendo bem refrescada a sua gente, se determinou o almirante a fazer a travessia da costa do Brazil, assim para andar ás prêsas pelas capitanias do Rio de Janeiro e Espirito-Santo, donde lhe constava partirem na primavera alguns navios, com

carga de assucar e outros fructos da terra, como tambem e principalmente para voltar á Bahia a ver si lá tinham necessidade dos seus serviços. Partio da ilha de Anno Bom a 2 de Fevereiro. Pelas muitas calmarias e ventos variaveis, que o molestaram, andou muito tempo retido pelos 2 gr. de latitude meridional. A 17 foi servido pela primeira vez de um vento fresco do sudeste; era em altura de 6° 8', e no ultimo do mez em 15 1/2 gr. A 3 de Março, sendo chegado quasi em altura de 19°, assentou de seguir para o Espirito Santo, onde faria um salto. A 9 houve vista da costa do Brazil, da qual estava apartado obra de quatro leguas; tomou sonda em dezoito braças; ao sudoeste terra mui grossa, ao noroeste baixa e assentada: ao meio dia altura de 1° 48' de lat. mer. Ao outro dia avistou a serra do Mestre Alvaro (1), mas, vendo que *não podia entrar no rio com dia*, fez-se algum tanto ao largo, por não ser visto dos de terra. Ao romper do dia 11 estava apartado legua e meia do rio, e, como os navios estavam algum tanto espalhados, esperou-os até ao meio-dia, quando levantou-se o vento sudoeste: foi navegando de longo da costa até que abrio-se o rio, e endireitou então para elle. Não encontrou o almirante fundo menor de dezenove pés entre as ilhotas, que é onde ha mais agua, e ainda se póde aproveitar da maré de aguas vivas, que aqui as occasiona a lua ao rumo do sudoeste. Sobre a noite foi empecido pela maré vazante, e teve de surgir em seis braças. Ao outro dia juntou o conselho, e nelle assentou-se a ordem, que teriam na facção contra a cidadezinha do Espirito Santo. O mais das forças consistia em marinheiros, pouco feitos a jornadas, e não costumados a guardar ordenança militar; tendo conta com este inconveniente, resolveu-se que os marinheiros fossem divididos em tres companhias, e, como desembarcassem, assim se ordenassem as fileiras, que caminhassem dous marinheiros ladeados de dous soldados. Ao meio-dia melhorou o almirante para dentro do rio com vento do mar, navegou tanto avante como a praça, e surgiu um tiro de fronda da praia, ficando os navios dispostos um atraz do outro, de maneira que podessem jogar contra a praça toda a artilheria de uma banda. Mettida a gente nos bateis, largaram estes para a náo almirante, donde seguiram todos os nossos juntos para terra, e aqui se puzeram em ordem de batalha. Mas, como havia pouco espaço para arruinar toda a gente, o almirante avançou um pouco com oito ou dez fileiras. Os habitantes desta praça, informados da chegada dos nossos, se haviam aperceibido para resistir, e assestaram um morteiro de bronze contra o caminho, que os nossos tinham de enfiar, e deram-lhe fogo, tanto que nos poderam alcançar. Vendo isto, salta o almirante para o lado, amparando-se atraz de uma casa, e apenas sôa o tiro, apresenta-se de novamente, animando a sua gente a dar bravamente sobre o inimigo; mas, pois os officiaes e particularmente os capitães ainda não estavam na frente, nem as fileiras se achavam dispostas, segundo a ordem

(1) E' uma montanha quasi circular, vistosa, e a mais alta da costa, perto de tres leguas afastada da praia, em partes esculpida e de rochedos, n'outras povoada de mattas com grandes pedaços cultivados..... E' onde se criam as arvores do melhor balsamo, que sahe da provincia. Fica entre os rios Carahype, e o dos Reis Magos; e teve um vulcão na antiguidade.—*Ayres do Casal.*—(N. do Trad.)

determinada, estando quasi todos os marinheiros adiante, já estes não attendiam ás vozes, e entraram a cuidar em si, receiosos da artilheria. O almirante trabalhou com elles que avançassem, mas embalde, que o mêdo lhes ia lavrando pelos peitos. Voltaram costas em grande confusão, e recolheram-se aos navios com perda de oito homens, e outros tantos feridos (1). Na fugida alguns lançaram de si as armas. Não obstante o mallogro do accommettimento, ao outro dia o almirante mandou os dous hyates, duas chalupas e dous bateis subirem o rio, a ver si topavam nelle navios ou barcos, e ao mesmo tempo entrou a atirar sem parar com suas peças grossas contra a cidadezinha, cujos moradores lhe responderam bravamente com tiros de mosquetes. A 15 voltaram os hyates com perda de um batel, em que havia vinte e cinco homens e quatro pedreiros. O caso foi este: tendo subido o rio obra de duas leguas e meia, acharam um barco que esbulharam e queimaram; as chalupas e os bateis continuaram a navegar para diante, mas, acalmando o tempo, não poderam aquellas proseguir; seguiram pois sómente os bateis, e ao montar de uma ponta foi um delles assaltado por tres canôas, cuja gente o tomou e matou os nossos marinheiros, pelo que retrocedeu o outro batel. O almirante, conjecturando que alguns dos seus estivessem presos, mandou recado ao governador que os soltasse, mas este respondeu-lhe que os indigenas haviam morto toda a nossa gente, e espedaçado o batel. A 18 os navios desceram para um monte que, pela sua fórma, chamam *Pão de Assucar*, e ás pressas os limparam um pouco. A 21 as chalupas e pequenos bateis foram mandados procurar as maiores profundidades do rio, e balizal-as; acharam que o maior fundo, que tem o canal, é treze pés. Sahiram os navios, navegando perto da margem meridional e em distancia de obra de um tiro de fronda do parcel, que está pegado com a dita margem meridional, ao passo que quando entraram, caminharam de longo da margem septentrional. Este rio corre geralmente leste oeste, encolhendo se e bojando até ao Pão de Assucar; aqui alarga-se arrumando-se ao lesnordeste para o lado da cidadezinha, que demora apartada da barra obra de legua e meia. Na margem septentrional, cousa de uma legua da barra, ha um castellinho de pouca força.

A 31 era em altura de 20°, e a 5 de Abril na de 19°. A 6 avistou uma vela estrangeira, que foi perseguida e tomada por volta de meio-dia; vinha do Rio de Janeiro com carga de cento e trinta e cinco caixas de assucar. Sabendo pelos prisioneiros que no Rio de Janeiro havia mais dous navios, que estavam de verga d'alto, um com quatrocentas caixas, e o outro com quatrocentas e cincoenta, o almirante determinou estanciar por aqui mais algum tempo. A 8 houve vista de um daquelles navios, a que os nossos deram caça até sobre a noite, que foi quando elle conseguio se escapar. Juntaram-se

(1) Achava-se casualmente nesta occasião no Espirito-Santo Salvador Correa de Sá, a quem seu pai, o governador Martim de Sá mandara á Bahia com duzentos homens e mantimentos, em duas caravellas e quatro canôas remadas por indios. A não ser este inesperado soccorro, é provavel que o capitão Francisco de Aguiar houvesse entregue a cidade ao infrepido Heyne.— (N. do Trad).

outra vez os navios, menos o do almirante e sua chalupa, mas, quando veio ao outro dia, reappareceu a almiranta. Estando todos juntos, menos a chalupa do almirante, a 12 foram em altura de 17° 38', e em distancia da costa, segundo calcularam, vinte e seis leguas; e nada obstante, deram em fundo pedregoso e mui desigual de onze e doze braças, de modo que o almirante fez-se ao largo. Ao outro dia tomou sonda em quarenta braças, e depois em trinta, tudo pedregoso; mas na manhã de 14 o leito do mar aprofundou-se rapidamente; altura tomada ao meio-dia 17° 15'. Ao seguinte dia houve vista outra vez da costa do Brazil em altura de 15 gr. e um terço. Ao outro dia estava em frente de Camamú, e poriou por entrar na Bahia, mas não lhe terçou bem o vento. A 18 amanheceu diante da barra, e quando fazia conta de entral-a de uma só bordada, foz-se-lhe encontradiça a sua chalupa, que, havia muito, andava apartada da frota. Pela gente della soube como a Bahia era em cêrco; pois, na noite passada, a chalupa entrára na bahia, e sendo diante da Villa Velha, perto de um navio hespanhol, que estava de vigia, mandaram que arriassem bandeira, com o que elles, entendendo o perigo em que estavam mettidos, tornaram a sahir. Via-se distinctamente o fuzilar da artilheria, que jogava contra a cidade. Assim que assentou o almirante *mandar o Maarmin* para o sul, para o effeito de procurar por toda a parte a nossa armada, que era esperada, e quanto a elle se manteria nas aguas da Bahia, e baldearia as cargas das tomadias, o que trouxe os nossos occupados até o dia 21. A 25 o almirante navegou direitamente para a Bahia; vio duas caravelas, a que deu caça, mas eram mui veleiras, e uma dellas entrou para avisar os seus. O almirante, estando agora descoberto, e não tendo forças bastantes para buscar inimigo tão poderoso, não teve por avisado permanecer por aqui offerecido a tão grande perigo sem proveito algum, e mais acertado lhe pareceu fazer a derrota de Pernambuco de longo da costa, assim para procurar cuidadosamente os nossos navios, como tambem para sorprender alguns do inimigo. Partio a 26 de Abril, e foi escorrendo a costa. A 3 de Maio era em altura de 8 1/2 gr., e uma hora depois do meio-dia avistou o cabo de Santo Agostinho. Ao outro dia deu fé de um barco portuguez, que não foi alcançado; pois que estava descoberto, resolveu o almirante endireitar para o porto de Pernambuco. Ao outro dia, tomando a costa, achou-a, contra o seu calculo, meia legua ao norte da cidade de Olinda, tendo descahido sobre o arrecife, que ahi ha, e deu volta para o mar. Vio que estavam surtos no poço alguns quarenta navios, mas, segundo lhe constou, havia ordem de não sahir nenhum, antes de haver-se noticia de como correram as cousas na Bahia. Por um pescador, que os nossos apresaram, soube que se recebêra a noticia de ter sido tomada á viva força a cidade de S. Salvador, e mortos todos os nossos. O almirante mui desconcertado com esta nova, e não vendo conjuncção para fazer prêsas em Pernambuco, nem estando bastante provido d'agua para esperar a sahida dos navios, determinou seguir para a ilha de Fernando de Noronha, onde faria provisão d'agua e lenha. A 14 chegou á banda noroeste desta ilha, e aqui surgiu. Quando a avistou, a ilha representava á vista umas sete ou oito ilhazinhas, semelhando uma dellas uma torre alta, de

través com a qual o fundo é mui sujo. A aguada é um tiro de colubrina a leste deste monte, mas é incommodo fazel-a, porque, por respeito do embate do mar, é preciso levar e trazer os barris pelo rôlo das aguas. A ilha demora em altura de 3° 40' á banda do sul; tem muitas cabras, rôlas, varios legumes, e o mar é mui piscoso. Mandou para a terra firme os prisioneiros portuguezes na chalupa, e partio a 23. A 28 de Junho avistou a ilha das Flores. Estanciou muito tempo pelas ilhas dos Açores, e emfim se tornou á Republica no ultimo deste mez de Julho.

Acompanhemos tambem o *Commandeur* Pieter Schouten em sua tornada á Republica. O anno passado o deixámos na ilha de S. Vicente com o seu hyate *Trouwe* e um barco. Desta ilha partio aos 6 dias de Janeiro, e ao seguinte sobre a noite chegou a Granada, e, proseguindo em sua viagem sem deter-se, a 9 tomou porto na ilha Branca. Aqui andou occupado em concertar o seu navio, tomar cabras e seccar-lhes a carne até ao dia 18, porque o tempo chuvoso muito o impeceu. Fez-se então á vela sobre a noite com tempo mui aspero, que se manteve em alguns dias. E porque recciava fazer pouco proveito na terra firme pelo tempo e brevidade do praso, determinou atravessar para Mona, e a foi ver a 21, e ao outro dia nella aportou. Colheu laranjas, e apanhou alguns animaes. A 23, uma hora depois do pôr do sol, fez-se á vela, caminho do noroeste quarta a norte, em demanda do cabo do Engano, que está no remate oriental de Hespanhola. Tres horas antes do romper do sol descahio sobre as terras delgadas, que ficam ao sul do dito cabo. Amanheceu ao oessudoeste com o cabo, que tambem é baixo, e se faz a modo de uma ilhazinha. Navegou obra de dez leguas pela derrota do oesnordeste, apartado da costa cousa de uma legua, e assim encaminhado, foi ter diante de um golpho penetrante, chamado de Samana. Navegou em demanda do cabo Francez ao rumo do noroeste e noroeste quarta a norte obra de sete leguas, e de caminho passou por uma grande bahia. Ao pôr do sol chegou ao cabo, e marcando uma só vela fez o caminho do norte até meia-noite, e depois o do sul até á luz do dia. A 25 passára o cabo; fez força de velas, mantendo-se meia legua apartado de terra; este dia calculou ter avançado dezesseis leguas. A' noite pairou. Ao outro dia, tendo passado o porto da Prata, mandou o seu batel com doze homens acercar-se da costa, para visitar todas as barras, seguindo elle em seu navio. Começou porém a enrijar-se o tempo, e como o batel ficava atrás, esperou-o; neste interim o batel observára sómente um lugar, e nada achára. A 27 o *Commandeur* deu fundo diante de uma bonita bahia, que suppoz ser Isabel, onde havia outr'ora uma cidadezinha; mandou a ella o batel, que tornou sobre a noite com duas cabeças de gado, a que haviam dado caça. Pelos do batel soube que, por trás do recife, que deita a ponta do norte, ha bom ancoradouro em nove e dez braças d'agua, bom fundo, e que ha um formoso rio, que se divide em tres galhos, dous dos quaes foram percorridos por elles, mas não deram fé de barcos nem de gente. Como o vento refrescava, o *Commandeur* adiantou-se mais uma legua, indo ter a um sitio, onde ha uma formosa bahiazinha e alguns ribeiros, mas o batel não pôde entrar pela furia com que o mar arrebentava. Esta bahia deita

um recife, que, em distancia de meia legua de terra, corre duas de longo da costa. A' tardinha vio o Monte Christo, que calculou distar dez leguas da bahia Isabel, e passou a noite surto debaixo de velas. A' seguinte manhã governou para Monte Christo, aonde mandou o batel, e caminhou de longo dos parceis para a ponta occidental da bahia, em que demora o porto Francez; sobrevindo a noite, teve de se pôr á capa. Ao romper do sol vio que fôra impellido ao oeste, e singrou para a ilhazinha Tortuga, onde deu fundo antes de anoitecer. Esta ilha, segundo calculou, fica distante de Monte Christo obra de dezoito leguas; o portò demora pouco mais ou menos no meio della. Vindo de leste, tende-vos um tiro de colubrina apartado de terra, e governae ao longo do recife, que bota muito ao mar; ha alli um passo entre dous baixos, entrai de ló, chegando-vos para o que está a barlavento por quatro e meia braças d'agua, meio tiro de mosquete apartado do ponto, em que as aguas rebentam em flor, onde ha sómente tres e quatro pés, e dai fundo em distancia de um tiro de mosquete de terra em cinco braças. No ultimo de Janeiro juntou-se o batel com elle, o qual de caminho observára todos os sitios, e nada vira. Ao outro dia, pelas tres da madrugada, o *Commandeur* passou-se no batel para o cabo de S. Nicolão, para de caminho visitar os portos e rios; esteve em tres rios grandes, mas não vio barco algum nem gente. Seguia-o o navio, e á tardinha, obra de duas leguas a leste do dito cabo, voltou a bordo com alguns porcos, e navegou toda a noite com pouco vento. Pela manhã tinha o cabo ao lado; governou ao sul quarta a sudeste para a ponta occidental da ilha Guanabo, mas não pôde tomal-a por causa da calmaria.

A 3 estava obra de cinco leguas ao oeste de Guanabo; emfim aportou nesta ilha á banda occidental. Passou-se no batel á terra, mas nada achou, e sobre a noite voltou a bordo. Levou ancora, e governou ao sudoeste quarta a oeste para Vallederis, mas não pôde chegar lá. Pela manhã mandou adiante o batel e a canôa para a bahia, e nella surgio sobre a noite no seu navio. O batel encontrára um barcozinho com tartarugas, cuja gente fugira na canôa para Caymito; para lá foram mandados o barco e o batel que acháram a canôa, mas não a gente, que se havia posto em salvo; a ti levaram a canôa ao navio. O *Commandeur* determinou seguir sem mais delonga para Laguna, e ao outro dia surgio na ilha Guana. A 8 metteu vinte e cinco homens bem armados no barco, e com elles foi ter á ponta de Laguna, que fica obra de cinco leguas a leste da ilha Guana. Ao outro dia desembarcou com vinte homens, e dirigiose ao povoado, que alli teem os hespanhoes; e pelas oito da manhã chegou ás casas, que estão duas leguas dentro do sertão. Os moradores, em sentindo os nossos, se lançaram a monte. O *Commandeur* encontrou trezentos couros e uma porção de cassia; neste mesmo dia mandou para bordo oitenta couros, e cousa de setecentas libras de cassia, o que não foi sem muito trabalho e perigo da nossa gente, pois aquelle sitio distava da costa seguramente trez horas de viagem. A 10 o navio juntou-se com elle; não havia achado cousa alguma em Guana. Depois trabalharam por levar os couros, mas tinham os pés tão pisados, que já não podiam caminhar, e por isso queimaram o resto da courama. A 14 sobre a noite o *Commandeur* se fez á vela para Alcahaya,

onde deu fundo pelas duas da madrugada, obra de cinco leguas ao nordeste quarta a leste de Laguna. Ao outro dia saltou em terra com todos os homens; colheram perto de mil e duzentas libras de cassia. Sobre a noite o *Commandeur* seguio para Boccasin, que está duas leguas mais a leste. Pela manhã a nossa gente se passou á terra, e não achou cassia, que estava toda colhida. Vendo o *Commandeur* que nada mais tinha que fazer alli, resolveu voltar á ilha Tortuga, nella prover-se de agua e lenha, e depois ir-se via da Republica. A 17 deu á vela, e governou ao oesnoroeste e noroeste quarta a oeste para as ilhazinhas delgadas, que demoram apartadas obra de cinco leguas de Boccasin e trez de Alcahaya; passou por ellas antes do meio-dia, pondo-as a bombordo. A' tardinha chegou diante de Hattibonico, junto á bahia de Guanives; á noite tempo mui borrascoso. Pela manhã era diante do golpho de Coryton, e gastou o dia a bordejar até quasi duas leguas do cabo S. Nicolão. Ao outro dia alcançou o remate occidental de Tortuga; e como o tempo estava quasi calmo, á noite singrou para além do porto. A 20 chegou ao porto Francez, cousa de seis leguas a leste de Tortuga, o qual é uma bahia penetrante. Entrando nella haveis de navegar de longo da terra, que fica a estibordo, chegando-vos a ella por sete e oito braças, por amor dos baixos que sahem ao mar, e tendo assim navegado por espaço de uma legua ou mais, até que tenhaes posto a terra alta oriental, ou a ponta da bahia ao norte quarta a nordeste comvosco, navegae então acercado da terra alta, que está a bombordo, e isto por respeito de um baixo, que a ponta baixa occidental deita para a terra alta oriental, e que se avizinha della, no qual baixo ha somente onze ou doze pés; mas passado elle encontrareis sete e oito braças, e surgireis, onde vos parecer. A' noite deu-lhe um norte forte, e teve de arriar vêrgas e mastarcos, o qual tempo manteve-se no dia seguinte, de sorte que só a 22 pôde dar pendor ao seu navio, e tomar uma porção de lenha. Não encontrou agua, nem pôde desembarcar em parte alguma por causa dos *manglares*, que é um genero de arvoredo baixo, que cresce mui basto nas ribas do mar e dos rios, e principalmente nas lagôas. Pela manhã sahiu em demanda de outro porto, que fica duas leguas mais ao oeste, onde deu fundo por trás de uma ilhota. Aqui houve agua de um ribeiro, e partio ao dia seguinte. Caminhou de longo da costa septentrional de Hespanhola e S. João do Porto Rico, e aos 15 dias de Abril chegou á Republica a salvamento.

No livro precedente deixámos contado que a Companhia apparelhára duas armadas, que haviam de partir para a Bahia para o effeito de defender e segurar a cidade de S. Salvador, e bem assim que estas armadas, por não lhes terçarem os ventos, estiveram retidas nos portos da Republica sem se poderem fazer ao mar, delonga que foi parte para desgraças e grandes difficuldades. No ultimo dia de Dezembro do anno passado sahiram alguns navios da armada a cargo do almirante Lam, e elle em pessoa aos 4 dias de Janeiro com o *Hollandtschen Thuyn* e *Haerlem*, e em seguida mais outros. A 27 de Fevereiro largaram tambem alguns da armada do general Boudewijn Hendricksz., e emfim sahiram todos. E porque não encontramos cousa digna de menção antes de se juntarem estas duas armadas, fallaremos della ao diante,

e primeiro daremos conta das que foram expedidas de Hespanha e Portugal para restaurar a cidade de S. Salvador.

O rei de Hespanha, deliberado a mandar a Bahia forças poderosas, ordenou que se fizessem prestes tres armadas em differentes partes dos seus reinos, e elegeu para general dellas, como atrás dissemos, D. Frederico de Toledo (1). A capitania da de Portugal foi dada a D. Emanuel de Menezes, e a do Estreito de Gibraltar a D. Juan Fajardo. As duas armadas do mar Oceano e do Estreito, e a esquadra de Biscaya, que se compunham de trinta e um vasos, entre navios e galiões, uma caravela, tres tartanas e quatro pinaças, partiram de Cadix a 14 de Janeiro deste anno. Levavam estas armadas sete mil e quinhentos homens, entre marinheiros e soldados, divididos estes em tres regimentos, dous de Hespanhoes e um de Italianos, ao mando dos coroneis D. Pedro Osorio, D. Juan de Orelhana e marquez de Torreclusa. A 19 passaram pelas Canarias, e proseguindo em sua derrota deram fundo aos 6 dias de Fevereiro na ilha de Santiago, que é a principal das do Cabo Verde, e nella encontraram a armada portugueza, que alli os estava esperando. Esta armada de Portugal se compunha de vinte e dous navios grossos, e quatorze velas entre barcos e caravelas, e levava quatro mil homens, entre marinheiros e soldados, estes divididos em dous regimentos ás ordens do Antonio Nunnez Barreiro (2), e D. Francisco de Almeida, vice-almirante da mesma armada. Partira ella de Lisboa aos 19 dias de Novembro do anno passado; perdéra um galião na ilha de Maio, donde foram recolhidos somente oitenta homens; apartaram-se de sua conserva tres navios, dos quaes um foi ter a Pernambuco, onde encalhou, os outros dous se juntaram com a armada sobre a barra da Bahia. Assim juntas estas armadas, largaram de Santiago aos 11 dias de Fevereiro, e assim adiantaram-se em sua derrota, que ao dia 18 foram em altura de 5 1/2 gr. á banda do norte; aqui porém calmarias as detiveram até 12 de Março, sem deitarem caminho algum, e soffrendo a companhia calor e muita sède, porque havia pouca agua. Depois foram servidas de um vento favoravel, e procedendo em sua viagem chegaram no ultimo deste mez diante da Bahia, onde entraram aos 4 dias de Abril, segundo dizem os nossos.

Na cidade e nos fortes tinham os nossos passante de dous mil soldados, fóra os negros e Portuguezes, que ficaram entre os nossos, ou se passaram para elles, bem como dezessete navios no porto. D. Frederico de Toledo desembarcou as suas tropas na vizinhança do forte de S. Antonio, onde os nossos haviam desembarcado tambem, quando foram a render a cidade. Elle em pessoa saltou tambem em terra, tendo deixado a capitania dos navios a D. Juan Fajardo, a quem encommendou que defendesse a sahida aos nossos navios, e bem assim a entrada áquelles, que acaso vissem em nossa ajuda. Primeiramente assenhoreou-se do convento de S. Bento, para onde conduzio dous regimentos commandados pelo marquez de Troppani (Cropani), sargento mór de todo o exercito, e com o resto das tropas foi occupar o convento

(1) D. Fradique de Toledo Osorio, marquez de Villa-Nova de Valdeça.—(N. do Trad.)

(2) Antonio Moniz Barreto.—(N. do Trad).

dos Carmelitas. Os nosos lizeram uma sortida contra o convento de S. Bento com qualrocentos homens, e brigaram com tal braveza, que fizeram grande estrago nos Hespanhoes, pois foram mortos o coronel Pedro Osorio, os quatro capitães D. Francisco Manoel de Aquitara (Aguiar), D. Alonso de Gana (de Agana), D. Pedro de Sanstevan (S. Estevão), D. Diego de Espinosa, e muitos soldados, e feridos tres capitães, e muitas outras pessoas. Largaram tambem dous brulotes contra a armada hespanhola, que porém não lhe fizeram damno algum (1). D. Frederico, para melhor apertar os sitiados e impedir as sortidas, fez desembarcar mais mil e quinhentos homens a cargo de D. Juan de Orellana, e deu-lhes um terceiro quartel para as bandas de um sitio chamado das Palmas. No entretanto os quarteis foram traçados e fortificados, tendo D. Frederico mandado buscar vinte e nove peças grossas, já para derribar as obras dos sitiados, e já para fazer damno aos navios, que estavam no porto. Mas, ao passo que o inimigo de fóra ia pondo toda a diligencia em forçar os sitiados a se renderem, no interior da praça eram os chefes não sómente tardos e descuidados no prover das fortificações necessarias á sua defensão, como tambem continuavam a levar vida solta e desregrada, e assim provocavam os soldados a censural-os asperamente e menosprezar as suas ordens, fermento que depois os levou a romperem em um funesto motim. As peças, que o inimigo assestára junto ao convento dos Carmelitas, assim varejaram o nosso principal navio, que foi a pique; as de S. Bento metteram no fundo mais cinco, e damnificaram os outros de modo tal, que poucos podiam fazer-se ao mar, os mais estavam incapazes de se mover. E como estivesse agora o inimigo desassombrado no que respeita á bahia, voltou todos os seus canhões contra a cidade, varejando a de tres lugares,—do convento dos Carmelitas com vinte e tres peças, do convento de S. Bento com oito, e das Palmas com seis; o que tudo porém não era bastante para render á praça, que estava bem provida de munições de bocca e de guerra para sete ou oito semanas, si a nossa gente se tivesse mantido accorde e obediente a seus chefes. Mas os officiaes e particularmente o cabeça delles se houveram de modo tal, que primeiro se fizeram despreziveis, e depois suscitaram o pensamento aos soldados de mudarem de coronel, e elegerem outro, com o que os bons ficaram abatidos, e os máos cusados a se envolverem no que não era de sua competencia, fixando a sua escolha em Hans Ernest Kijf, que o coronel Allert Schouten fizera sargento-mór, e havia procedido bem até então. A animadversão dos soldados contra o coronel Willem Schouten provinha principalmente de que

(1) Ao primeiro movimento dos dous navios (os brulotes), os barcos de vigia hespanhoes, desconhecendo-lhes a intenção, deram rebate que o inimigo buscava evadir-se por mar, e nesta crença toda a armada poz-se ao panno para perseguil-o; a não ter sido isto, talvez tivessem os Hollandezes colhido algum resultado do seu estratagema. Um dos brulotes foi cahir entre dous dos maiores navios, mas já não a tempo de causar-lhes damno; o outro atracou a almiranta, chegando a derreter-lhe o alcatrão, mas os Hespanhoes depressa evitaram o perigo, e fazendo largar um bote, impediram a fuga aos homens do brulote. Alguns morreram queimados, e um, que se lançára ao mar, foi apanhado para lhe amarrarem um pêso aos pés e tornarem a atiral-o ao mar.»—(*Southey*).

elle raras vezes montava a cavallo para andar visitando as obras, e não acudia com as necessarias medidas a outras cousas, que muito importavam; e quando acertava de o fazer, não animava os soldados, antes os offendia com juras e doestos, comquanto elles andassem sobrecarregados de um continuo trabalho. O coronel preferia frequentar os lupanares, ou deixar-se ficar em seu palacio a alambazar-se e emborrachar-se, até que emfim aconteceu ser deposto pelos soldados, prêso em sua casa, e levantado por coronel o dito Kijf. No entretanto o inimigo, informado por alguns transfugas e traidores disfarçados do que ia pela cidade, ia-se aproximando della o mais que podia.

A 28 de Abril, o coronel e outros officiaes com assento no conselho foram avisados que o inimigo mandára um corneta a requerer a entrega da cidade; neste mesmo dia despacharam um tambor tambem com a seguinte carta ou outra semelhante: «Nós o coronel e mais officiaes do conselho desta cidade de S. Salvador, havendo sabido que V. Exc. requeréra um dos nossos tambores para propor negociação, mandamos o portador desta para o fim de saber quaes são as intenções de V. Exc, e fiamos de V. Exc. que, segundo os usos da guerra, nol-o restituirá.» Esta carta, assignada por Kijf, estava datada do dia já mencionado. Sendo presente a D. Frederico, respondeu que «não fizera intimação alguma, mas que si, conforme á pratica dos sitios, tinham os sitiados que lhe fazer algumas propostas, as ouviria cortezmente, e tomal-as-hia em consideração, quando não se oppuzessem ao serviço de Deus e d'El rei.» Com este recado, os sitiados enviaram ao dia seguinte alguns artigos, mediante os quaes fariam entrega da praça. Exigiam estes artigos que S. Exc. lhes concedesse o espaço de tres semanas para concertarem os navios, que lhes restavam, e os proverem do necessario, que seria suprido por S. Exc.; que S. Exc. pozesse á sua disposição pelo menos quatro navios de trezentas toneladas, em os quaes se tornassem á Republica; que podessem sahir da cidade com suas bagagens, fazendas e artilheria, os capitães e soldados com suas armas, bandeiras despregadas, mechas accesas, e bala em bocca; finalmente declaravam que, acceitas estas condições, fariam entrega de D. Francisco de Sarmiento, sua mulher e filhos, e todos os prisioneiros que eram entre elles. A estas propostas respondeu D. Frederico que, tendo respeito ao estado actual dos sitiados, eram de todo em todo desarrazoados; que o exercito de S. Magestade Catholica dominava no mar e em terra; que os sitiantes eram em suas proprias terras, ao passo que os sitiados estavam longe da patria; que S. Magestade tinha alli grande poder de gente, boa parte da qual não havia ainda desembarcado, e os sitiados não tinham que esperar soccorros; que já haviam sido levantados e fortificados quatro quarteis, e trinta e sete peças assestadas contra a cidade; que portanto nem cumpria aos sitiados requererem condições tão vantajosas, nem a elle lh'as conceder; mas, pois queria mostrar a bondade de S. Magestade para com todos, lhes fazia mercê das vidas, e os havia de segurar em sua tornada a Hollanda; que lhes concederia vestidos e os necessarios mantimentos, uma vez que se obrigassem ao pagamento, e dessem caução; que seriam restituidos os prisioneiros de um e outro lado, e particularmente D. Diego Hurtado de Mendoza, que

governava a praça o anno passado, quando foi entrada. Retorquiram os sitiados que não lhes parecia haverem pedido cousa alguma alheia da razão, nem podiam proceder de modo differente; que S. Exc. não devia recusar as condições propostas, mas unicamente o prazo pedido, uma vez que lhes desse navios e mantimentos, sem os obrigar a pagamento algum, que não estavam no proposito de largar praça tão forte e bem provida, sahindo della sem armas e bagagens, e como honrados militares que eram, prefiriam defendel-a até á ultima gota do seu sangue; que D. Diogo Hurtado era em Hollanda, e elles sitiados não podiam impor condições a seus amos, pelo que se contentase D. Frederico com a entrega de Sarmiento. D. Frederico mandou-lhes o seu sargento-mór, que conferenciou com os sitiados, e em seguida concederam estes plenos poderes a Willem Stoop, Hugo Anthonio e Franchois du Chesne, para tratar com D. Frederico. Os artigos em que convieram, são os seguintes: 1º o coronel e membros do conselho entregarão a cidade de S. Salvador a D. Frederico, em proveito de S. Magestade Catholica, no estado em que presentemente se acha, com toda a artilheria, armas, bandeiras e estandartes, munições, viveres, e navios que são no porto, todo o dinheiro, ouro, prata, joias, e mercadorias que se acham na cidade, todos os negros, escravos, cavallos, todos os prisioneiros de qualquer nação e condição, que sejam; outro sim os sitiados não tomarão armas contra o rei de Hespanha, antes de tornarem á Hollanda; 2º D. Frederico concede que o coronel, ministros da Republica, capitães, officiaes, soldados, aprendizes, marinheiros, e mais gente saiam com sua roupa de vestir e dormir; o coronel, capitães e officiaes poderão levar suas bagagens em bolças ou pequenas malas, de outro modo não, e os soldados ás costas em moxilas; 3º D. Frederico lhes dará salvo-conducto para em sua tornada á Republica não soffrerem molestia alguma dos navios hespanhoes, e bem assim viveres para quatro mezes e meio; 4º os sitiados sahirão juntamente da cidade para se recolherem aos navios; 5º D. Frederico encarregará alguns dos seus de revistarem e apalparem os sitiados ao sahirem, afim de que não levem cousa alguma contra o pactuado; 6º entregará ao coronel todos os prisioneiros hollandezes, que estão em seu poder; 7º nenhum dos commandados de D. Frederico fará aggravo aos sitiados, quando sahirem; 8º nos navios serão deixadas todas as cousas necessarias á navegação; 9º embarcados os sitiados, lhes serão dadas as armas necessarias á sua defesa, mas, ao sahirem, não terão arma alguma, salvo os capitães suas espadas. Estes artigos foram ajustados a 30 de Abril no quartel junto ao convento do Carmo. Concluida a negociação, foi entregue uma porta aos Hespanhoes, e na entrada de Maio, foi a cidade evacuada, depois de ter estado quasi um anno em nosso poder (1). Tudo isto se fez de um modo tão singular e precipitado, que já o inimigo era senhor de uma porta, e em força na cidade, e na outra extremidade della não sabiam que se negociára! Sahiram perto de dous mil homens.

(1) No 1º de Maio (com especial satisfação dos Hespanhoes por ser dia de S. Philippe, patrono do seu rei) abriram-se as portas, desfraldando-se os estandartes da Conceição e de

O que temos referido, em sua maior parte colhemos do que os mesmos Hespanhóes teem publicado, porque dos nossos não podemos haver informações exactas, com quanto, tanto que os rendidos se recolheram á Republica, Suas Altas Potencias os Senhores Estados-Geraes mandassem proceder a uma rigorosa indagação. Tão varias e encontradas foram as suas declarações, e as accusações que fizeram uns aos outros, que o que se póde dizer mais seguro é que quasi todos se esqueceram dos seus rigorosos deveres, e sem necessidade e muí vergonhosamente fizeram entrega da praça. Bem sabiam que soccorros deviam esperar da Republica, pois lá chegára seguramente dezesseis dias antes do sitio o hyate *Haese*, cujo capitão fôra portador de cartas, e de viva voz lhes dissera quaes os aprestos que aqui se haviam feito, e que as armadas não tardariam a partir. Havía na cidade viveres bastantes para tres ou quatro mezes, e ainda para mais tempo, si os poupassem, como cumpria, e bem assim polvora e mechas, além de outras munições de guerra. O desleixo foi tamanho e tão escandaloso, que ainda depois da conquista da praça deixaram ficar em alguns navios certas provisões, de que aliás sentiram falta! Em summa, foi um castigo da Providencia sobre aquella turbamulta de impios, que não se preoccupavam com a Divindade, nem com seus preceitos, e para os Directores da Companhia uma efficaz lição, afim de se precatarem melhor para o futuro.

Grandissima foi a perda da Companhia; sobre a de uma praça de tanta monta, e que caro lhe custára, ficou privada de muitos navios e outras cousas. Si porém compararmos o damno soffrido de parte a parte, veremos que o rei de Hespanha restaurou a praça tambem mui caro; conta que não faremos neste lugar, porque damo-nos pressa em terminar esta desagradavel narração, e passarmos á de outras cousas, que posteriormente e em outras partes tiveram lugar.

O general Boudewijn Hendricksz. partio finalmente do Texel na entrada do mez de Março com oito navios, a saber: *Roode Leeuw*, *Ommlandia*, *Meerenblick*, *Blauwe-Leeuw*, *Valck*, *Meulen*, *Gecle-Sonne*, e *Neuw-Nederlandt*. A 4 encontrou na ilha de Wight seu vice-almirante Adriaen Claesz. com os dous hyates *Post-paerdt* e *Duyfken*. A 9 juntou-se tambem com elle o almirante Andries Veron com um navio e um hyate. A 17 partio o general da ilha de Wight com quinze navios, e de Plymouth partiram dezoito da armada do almirante Lam. No ultimo de Abril passaram a linha (pois o general não se

---

Santa Thereza da torre da Cathedral, segundo as ordens expressas do proprio rei. Desembarcou um batel cheio de santos, trazidos provavelmente entre os outros materiaes para supprir o lugar dos que teriam sido derretidos ou mutilados pelos Hollandezes, e os religiosos celebraram a extraordinaria cerimonia de açoutar os pulpitos profanados pelos capellães hereticos! Tambem desenterraram os hereges, que haviam sido sepultados dentro do recinto da cidade, levando-os para terreno não sagrado fôra dos muros. Mostrou-se comtudo algum respeito á memoria de Vandort, como para attenuar a maneira vergonhosa por que depois de morto fôra mutilado. Deixaram que o corpo repouzasse no seu tumulo, nem do monumento lhe tiraram o escudo, a espada, as esporas e o pendão carmezim, emquanto a guarnição hollandeza se demorou na Bahia.»—*Southey*.

quiz deter em parte alguma para chegar quanto antes á Bahia), e depois de muitas calmarias, de uma marcha lenta, e de haver adoecido muita gente, a 23 de maio, sendo em altura de 14° e 20 ou 30', houveram vista da costa do Brazil. Sobre a tarde era o general perto de terra, e á noite fez-se ao largo outra vez. A' manhã de 24 tornou a se aproximar de terra; vio uma vela diante do rio Tinhary (1), que não pôde alcançar, e sobre a noite surgio obra de oito leguas ao sul da Bahia, e tres ao norte de Tinhary, em treze braças, fundo de pedra. Ao seguinte dia, encontrou-se com elle o hyate *Voshen* (que fôra mandado adiante para saber como corriam as cousas na Bahia), cujo capitão deu nova ao general como no dia 9 deste mez tomára um navio vindo de Portugal, carregado de viveres para a armada hespanhola, e a 12 mais outro carregado de vinhos, tambem para provisão da mesma armada, os quaes porém a 15 lhe foram retomados com dezenove ou vinte dos seus, que nelles eram; estivera depois diante da Bahia, onde vira surta uma grande armada de navios hespanhoes, mas não sabia o que ocorrera relativamente á cidade, porque quatro galeões lhe deram caça. O general, confiando que a cidade não se havia rendido, permaneceu no seu anterior proposito de alli accommetter a armada hespanhola; dividio a sua (que então se compunha de trinta e quatro navios) em quatro esquadras, e para que cada navio facilmente conhecesse o seu chefe, o general arvorou o seu pavilhão no mastaréo de joanete grande, o almirante Veron no topo do mastaréo de gavea, o vice-almirante Andries Claesz. no mastaréo de velacho, e o chefe da quarta esquadra na verga de gavea. Mandou adiante um ou dous hyates a observar a disposição do inimigo, e passou ainda esta noite ancorado ao abrigo da ilha de Taparica. A 26 os nossos endireitaram resolutos para a barra da Bahia, indo na frente o general no seu navio, e em seguida os mais na ordem determinada. Mas, por volta de uma hora da tarde, ao montar a ponta da curva, em que demora a cidade, vio o general, muito a seu pesar, que tremolava a bandeira hespanhola no baluarte da cidade de S. Salvador, e que os navios do general e almirante inimigos, e todos os mais navios grossos estavam surtos ao abrigo das baterias; vio tambem varios navios desmastreados cosidos com a praia, e providos de duas bandas de artilheria. Dos navios inimigos já mais de vinte velejavam, retirando-se lentamente para as baterias, suppondo attrahir os nossos, a quem não tinham animo de aggredir nem de esperar. Vendo isto, o general mandou arriar as velas de gavea, e esperou o almirante Veron, com quem houve conselho sobre o que cumpria fazer naquella conjunctura. Ambos houveram que não era acertado melhorarem para dentro da Bahia, pois claro estava que o inimigo se fizera senhor da cidade; estava a praia coberta de gente (os rendidos), e havia na ensciada que a terra faz, muitos barcos de vivandeiros com as suas tendas. Assim pois nossa armada fez por sahir ao mar, navegando por um só rumo. O general hespanhol a acompanhou com trinta e sete ou trinta e oito dos seus navios mais grossos. O nosso general, depois de caminhar uma legua ao sul, sentio que a maré

(1) Parece que deve ser ilha de Tinharé. »—(N. do Trad.

enchente apanhava os seus navios para os baixos, que demoram á banda occidental da bahia, o que forçou os nossos a desferrarem as velas grandes. Tendo assim passado estes baixos, o nosso general deu volta sahindo ao encontro do inimigo, mas este virou tambem de bordo em demanda da cidade. Um dos seus galiões deu nos baixos, desarvorou-se o seu mastro grande, saltou o leme, que ficou mui damnificado. A maré tambem puxava os nossos navios, que assim navegavam, para os ditos baixos, pelo que deitaram ancoras ao mar, tendo as velas soltas, e a costa a sotavento, o que não foi sem grande perigo; mas sobrevindo logo depois a maré-vazante, os nossos deram de novo á vela, sem haverem soffrido damno. Sobre a noite poderam ver que a maior parte dos navios inimigos ainda velejavam, cruzando em volta e perto das baterias. E com quanto os navios inimigos fossem mais de cincoenta, os nossos seriam contentes de vel-os sahirem ao mar, para os poder acommetter; mas parece que o inimigo não fazia tenção de vir ás mãos com os nossos, si o não fossem buscar.

O general deu fundo, mas, como surgira perto de costa a sotavento, pela madrugada na conjunctura da maré vasante deu á vela, e caminhou ao sul franco até ao dia. Ao meio-dia não estava longe da ponta do morro de S. Paulo, aonde mandou quatro hyates para verem si era possivel entrar alli a armada, si havia surgidouro capaz, bem como si podia obter refrescos, que andavam mui necessitados delles os doentes. De volta, a gente destes hyates lhe disse que o surgidouro tinha capacidade para onze ou doze navios, mas não para toda a armada, e que os navios podiam entrar á vontade, sahir porém era mais difficil, porque, uma vez mettidos dentro no porto, eram como em um covo. Depois do meio-dia o general deu volta, e caminhou ao norte franco até sahir-lhe o parcel de Santo Antonio; tornou a virar de bordo, e caminhou ao sul. A' seguinte manhã estava outra vez acercado da ponta do morro de S. Paulo, pois á noite não botára caminho algum; fez força de velas, mas o mar estava cavado, e parecia impossivel alongar-se da costa; fez-se na volta do nordeste sem emmarar-se, e esteve a cruzar perto da bahia, onde o inimigo facilmente podia ver a nossa armada. Começava esta a sentir falta d'agua; muitos adoeceram, alguns morreram. Tendo assim velejado o dia inteiro, sobre a noite o general era cousa de duas leguas acima da ponta de Santo Antonio e tornou a caminhar ao sul. Ao outro dia saltou com elle uma tormenta com muita negridão do tempo, o vento soprava ás lufadas, uma atrás das outras, mas por volta de meio-dia começou o tempo a acalmar. O general fez o signal de juntar-se em seu bordo o conselho geral. O vento era travessão sobre a costa, e não se podendo servir delle, deixou-se caminhar ao sul franco, e depois deu volta, e caminhou ao rumo do nordeste. Ao outro dia tornou a navegar pela derrota do sul, e á noite pela de leste, com tempo mui borrascoso. A 2 de Junho tomou um barco da carreira com carga de farinha de fromento e mandioca, procedente de Pernambuco, por cujos tripolantes soube que a nossa gente, havia algumas semanas, tinha entregue vergonhosamente a cidade de S. Salvador. A 5 o vento começou a alargar-se um pouco mais, com que o general pôde deitar caminho pela derrota do

lesnordeste. A 7 não era longe da costa, diante do rio de S. Francisco. Ao outro dia tornou a dar-lhe um tempo mui forte, e como pairava diante do dito rio, onde saiem ao mar baixos e parceis, não correu pequeno risco. Esta tormenta durou um ou dous dias, e era para receiar andar a armada assim a discorrer sobre costa a sotavento.

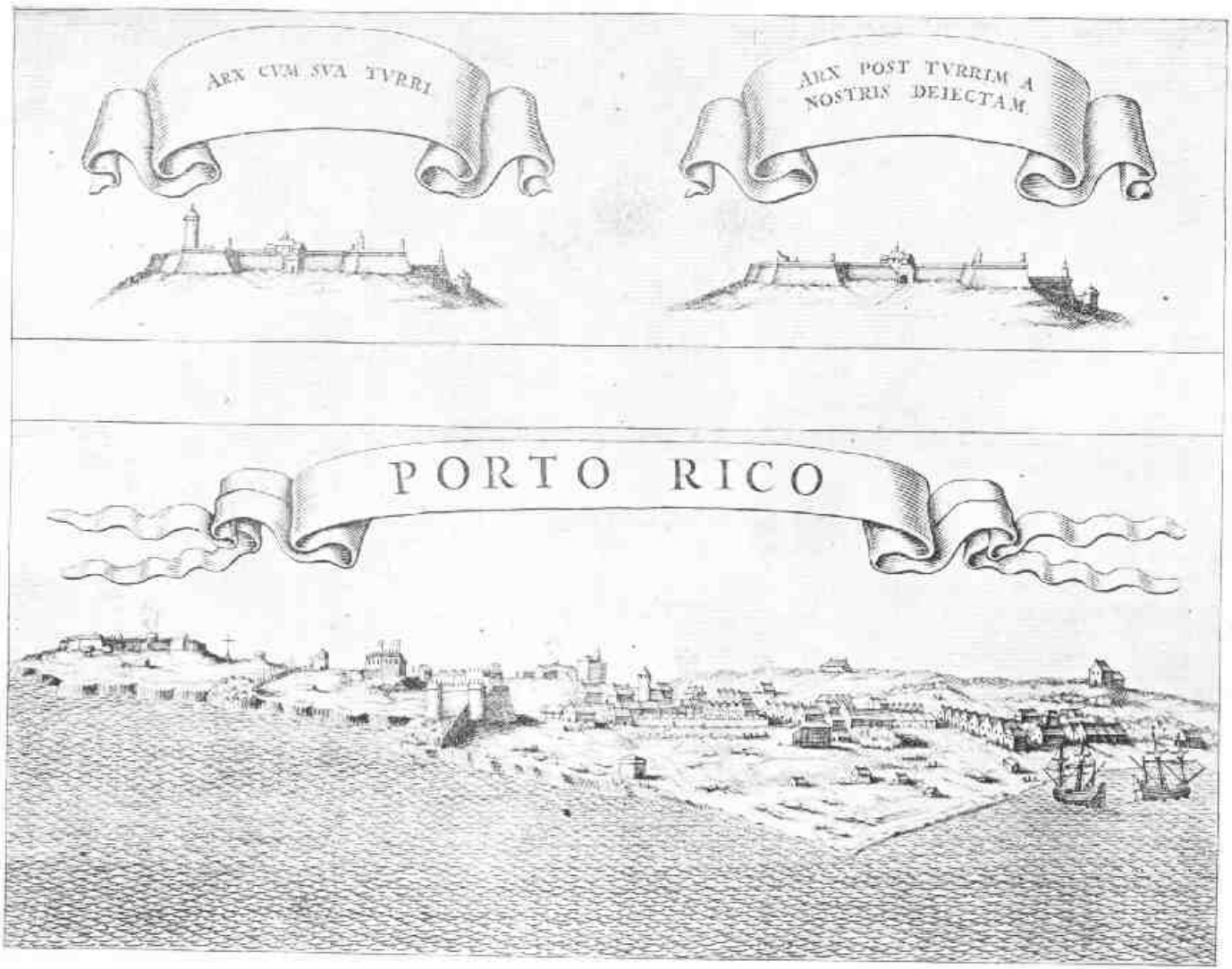
Privada a companhia de refrescos, como havia muito o estava, diariamente morria muita gente, e tal era o numero dos doentes em alguns navios, que não se podiam marear as velas. A' manhã do dia 16 era a armada em través com o cabo de Santo Agostinho. O general mandou o *Goude Sonne* para Pernambuco a ver como as cousas por lá iam, e si podia sorprender algum navio inimigo. Ao seguinte dia era a armada de través com a ilha de Tamarica; correu ao longo da costa, e surgio á noite. Ao outro dia tornou a dar á vela, indo surgir uma legua a barlavento do rio Parahyba, onde o general resolveu fazer entrar os navios mais boiantes. O *Goude Sonne* tornou a juntar-se com elle: no dia 17 déra caça a um pequeno barco até adiante do Recife de Pernambuco, onde vira surtos alguns trinta navios, os mais delles pequenos, sómente dous ou tres grossos com os mastaréos arriados. A 19, posto não fizesse muito bom tempo, o almirante Veron no navio do capitão Banker, com mais um ou dous, que demandavam pouca agua, e acompanhado de alguns soldados, seguio para o rio Parahyba, mas, chegando diante delle, o seu navio deu em secco, e os outros, que ainda estavam de fóra, em vendo isto, deitaram ancoras ao mar em cinco braças, perto de costa a sotavento, mas em bom fundo. Immediatamente o almirante Veron mandou uma chalupa sondar o rio, a qual não encontrou mais de quatro, cinco e seis pés d'agua. O forte de Cabo Belo atirou contra os nossos navios, mas os seus tiros não acertaram. Por causa do tempo forte que fazia, não foi possivel sahir o navio este dia. Ao outro dia tempo mui rijo e chuvoso com que ainda não poderam fazer cousa alguma. O general, entendendo que com navios tão pesados não se podia deter sobre costa a sotavento, determinou seguir com elles para a bahia da Traição, que fica cinco leguas ao norte da Parahyba. Ao outro dia, por volta do meio-dia, os mais navios se juntaram com elle.

Esta bahia está situada na altura de 6 gr. e um terço á banda do sul, uma grande legua ao norte do rio Mamanguape, do qual se lançam uns arrecifes até diante de dita bahia. Nestes arrecifes ha tres abertas, por onde se entra na bahia: entre a extremidade septentrional delles e a praia ha um parcel, por ambos os lados do qual se passa, quer entrando, quer sahindo, e póde-se surgir tanto avante como se queira, mas adiante é melhor, porque, em se entrando algum tanto, encontra-se fundo agudo, e aguas pouco profundas. A terceira barra é no remate septentrional por entre os mesmos arrecifes, mas só dá passagem a navios pequenos e hyates; as outras entradas dão passagem a navios grossos; e tem seis, sete e oito braças d'agua. Estes arrecifes de prêa-mar ficam alagados, mas de baixa-mar se descobrem, e servem de anteparo aos navios, que surgem dentro na bahia, porque nelles arrebenta o mar. Em terra encontram-se sómente algumas matas e uma grande lagôa, que tem de largo um quarto de legua, e prolonga-se por espaço de duas entre

a praia e terras grossas. Havia á margem desta lagôa um pequeno povoado, onde tinham os Portuguezes uma capella. O capitão Stapels seguio para lá com uma escolta, e não encontrou os Portuguezes, pois haviam fugido, mas os indigenas, que se deixaram ficar, e o trataram mui amigavelmente; encontrou tambem em uma casa trinta caixas de assucar. Em os dous dias seguintes levantou-se uma trincheira em terra, e no terceiro barracas para os doentes. Os indigenas, que moravam nas terras adjacentes, vieram ter com os nossos, e lhes offereceram seus serviços contra os Portuguezes, cujo jugo suportavam mal soffridos. A 25 o capitão Boshuysen teve ordem de fazer uma entrada no sertão com sessenta soldados e alguns marinheiros, em procura de refrescos para os doentes, sendo-lhe muito encommendado que não offendesse os indigenas, nossos amigos. Este capitão tornou a 19, trazendo uma Portugueza, quatro cavallos, e cousa de cem laranjas; vira muitos animaes, mas, por estarem muito internados, não os pôde trazer. Ao outro dia foram desembarcados todos os doentes. Na entrada de Julho o capitão Swart foi mandado com cento e cincoenta soldados, e o vice-almirante Jan van Dijcke com igual numero de marinheiros a uma excursão em dez bateis e esquifes, acompanhados de cincoenta indigenas armados de arcos e setas. Esta gente voltou a 4 com quatro animaes mortos e alguns cocos; haviam encontrado junto do rio Mamanguape trez bandeiras de Portuguezes, e não se portou muito bem nesta occasião o capitão Swart, pois se não foram os outros officiaes, que se houveram melhor, e não acudira o vice-almirante, a nossa gente houvera recebido grande damno. Tiveram os nossos trez mortos e alguns feridos, mas levaram á melhor e puzeram os Portuguezes em fugida. Os indigenas tomaram uma das bandeiras delles, a qual fizeram immediatamente em pedaços.

A 5 o capitão Boshuysen foi de novo mandado com doze bateis e esquifes, em que iam cento e sessenta soldados, uma porção de marinheiros e indigenas, ao dito rio para remontal-o um pouco mais. Voltou a 8, tendo subido o rio Mamanguape, segundo seu calculo, algumas sete ou oito leguas; encontrára algumas casas de Portuguezes, mas não vira gente, a não ser talvez para o fim do rio, conforme sua supposição, uma partida de Portuguezes, que, notando que a nossa gente desembarcava, se poz em salvo, sem ousar esperar o inimigo, abandonando a sua bagagem. Desta entrada trouxeram *dezesete rezes*. Ao outro dia pela manhã o capitão Stapels tornou a subir o mesmo rio com doze bateis, voltando estes trez dias depois com sete rezes; quanto ao capitão veio por terra com sua gente, e chegou a 13 no quartel, sem ter encontrado inimigos. A 19 o capitão Vzeel com uma partida de soldados e indigenas fez uma entrada, caminho do Rio Grande; encontrou um engenho com algumas trezentas caixas de assucar, e mui numeroso gado, mas não pôde trazer este nem aquellas, *por ter de fazer um longo caminho por mattas* bastas, bem como durante duas ou trez horas por agua. Chegou ao quartel a 23 sem trazer cousa alguma, salvo os indigenas que trouxeram limões para os doentes.

Entrou agora em deliberação um negocio grave—o que cumpria fazer


ARX CVM SVA TVRRI
ARX POST TVRRIM A NOSTRIS DEIECTAM
PORTO RICO

ulteriormente. Mui embaraçado se achava o general, pois para tentar presentemente alguma interpresa contra o inimigo, não tinha ordem expressa da Assembléa dos 19, nem, quando a tivesse, tinha escolhido para começar um lugar muito accommodado, (não se sabia então quaes as vantagens e capacidade do lugar), e no peito trazia guardados outros designios; por outro lado abandonar os indigenas, que se deram muita pressa em se lançar com elle, e por fazerem conta que as nossas aqui permaneceriam, já haviam praticado tantas hostilidades contra os portuguezes, era duro e estranhavel. Todavia foi este o voto que emfim venceu, isto é, que era preferivel pôr por obra outras facções, que em algum modo lhe foram encommendadas, e reservar, para tirar proveito dellas em outra occasião, as boas disposições que aqui encontraram, e quanto aos indigenas, commetter a elles mesmos o guardarem-se o melhor que podessem. Os indigenas, sabendo que os nossos estavam deliberados a partir, ficaram tambem mui perplexos, pois previam qual a sorte que os aguardava, por ser certissimo que os portuguezes os haviam de castigar e tomar emenda delles; muitos trabalharam com os nossos que os levassem, mas, como não havia para isto bastantes provisões, sómente poucos foram acceitos, e força foi que a mór parte delles se lançasse a monte.

Reembarcada a nossa gente, sahiram todos os navios na entrada do mez de Agosto, e porque não seguiram todos o mesmo caminho, tornaram a surgir fóra da bahia em quinze braças. O general Boudewyn Hendricksz. escolheu para navegar de conserva comsigo dezoito velas, entre navios e hyates, a saber: *Roode Leeuw*, *Witte Leeuw*, *Leyden*, *Blauwe Leeuw*, *Gulde Valck*, *Nieuw-Nederlandt*, *Hoope van Oordrecht*, *Goele Sonne*, *Kleyne Tyger*, *Utrecht*, *Hoorn*, *Medenblick*, *Gulde Molen*, *Vlissingen*, *West-Cappel*, *Goude Sonne*, e os navios fretados *Koninginne Hester* e *Jonas*. Passar-se-hiam á Africa com o almirante Veron doze navios; os mais ou seguiriam de rota batida para a Republica, ou andariam ás presas por esses mares. Separaram-se uns dos outros a 4, e seguio cada qual o seu destino. Antes porém de dar razão do que fizeram uns e outros, occupar-nos-hemos brevemente com o *Vosken*, que ficou nas costas do Brazil.

A 26 de Julho tomou em altura de 12° a banda do sul um naviozinho com carga de vinhos, partido da ilha da Madeira em demanda de Angola; nelle foram postos sete dos nossos. A 11 de Setembro tomou outro naviozinho, procedente de Pernambuco, em altura de 13° ao sul do tropico de Cancer, e nelle foram postos nove homens, posto que a companha se compuzesse sómente de trinta e seis. Finalmente a 26 tomou mais um navio, procedente da Bahia, com carga de assucar e tabaco, em altura de 28° á banda do norte, e nelle foram postos oito homens. O de Pernambuco, cuja carga foi baldeada, continha trinta e trez caixas de assucar, cinco rolos de tabaco, couros e mercadorias; o da Bahia, que trouxeram a Zelandia, continha trezentas e cincoenta e oito caixas de assucar, dezoito e meia caixas de tabaco, duzentos e nove couros, seis colubrinas, e munições de guerra.

Agora acompanharemos o general Boudewyn Hendricksz. em sua viagem. Aos 5 dias de Agosto abandonou essas funestas costas do Brazil, onde

deixava enterrados perto de setecentos dos seus. A 14 mandou para a Republica o hyate *Tortel-Duyfken*, para o effeito de dar nova do que passara até então. A 29 do mesmo mez, sendo chegado ás ilhas Caraibas, descahio sobre Bekia ou ilha das Aves entre Granada e S. Vicente. Sobre a noite de 30 deu fundo em S. Vicente, e aqui poz toda a diligencia em haver refrescos para os doentes, que ainda eram bastante numerosos, e para mais facilmente havel-os, devidio os navios por trez differentes bahias, seis em cada uma, pois assim os selvagens seriam menos esquivos em vir a bordo. Assás refrescada a companha nesta ilha e nas visinhas, o general foz-se á vela aos 10 dias de Setembro com vento norte fresco, pela derrota do oeste; mas saltou com elle uma tormenta tão grossa, que o seu navio houvera sossobrado, e vio-se necessitado a cortar o mastro grande e lançal-o ao mar. Os outros navios não soffreram menos, alguns perderam tambem os mastros, e abriram agua tão grossa ao ponto de afundirem, e apartaram-se todos uns dos outros. Esta tormenta durou seguramente 24 horas, o vento rodeou todos os rumos, mas não soprou sempre com a mesma furia, e quando esteve mais calmo foi no meio deste tempo. A' manhã de 11 o general achou-se quasi só, mas sobre a tarde juntou-se com o navio *Leyden*, *Jonghe Tyger* e *Nieuw-Nederlandt*; os outros estavam juntos primeiramente em numero de treze, e depois de dez. A 12 o general aviston a ilha Dominica, e passados alguns dias de calmaria podre, quando veio a 19, chegou á ilha da Virgem Gorda, onde encontrou trez navios seus. Aproveitou a occasião para mandar dar uma vista á ilha, e observar si tinha alguma salina; mas não encontraram nenhuma, e sim um porto mui capaz para dar pendor aos navios, e surgir tão accommodado como se póde desejar. A 22 o general determinou navegar para oeste por essas ilhas, para o effeito de procurar e juntar os outros navios, que ainda andavam desgarrados; mas ao outro dia foram com elle mais sete, de sorte que tinha presentemente em sua conserva todos os navios, o *Gecle Sonne*, *Goude Sonne*, um navio fretado, e o *Vlissinghen*. Este pensava o general que acinte se havia apartado da armada, mas é de crer que sossobrára naquella tempestade, pois nunca mais se houve nova delle. Os capitães dos outros navios, que, como fica atraz, eram juntos em numero de dez, houveram conselho a 14 a bordo do *Blaeuwe Leeuw*, e porque um dos do conselho secreto disse que deviam esperar o general no remate oriental da ilha de S. Juan de Porto Rico, resolveram seguir para lá.

Ao outro dia o general não estava longe de Porto-Rico, onde trazia o intento, pelo que se apercebeu para o seguinte dia navegar direitamente para o dito porto com sua frota. A 25 o general, indo na frente em seu navio, seguido dos outros na ordem determinada, endireitou para a barra, mas mal chegou ao alcance da artilheria do castello, entrou o inimigo a jogar temerosamente os seus canhões contra elle. O general salvou-os com galhardia, e entrou no porto com perda de quatro homens e alguns feridos, e depois os mais navios recebendo pequeno damno. Este arrojo, este feito atrevido nunca marinheiro de nação alguma (a não ser Sir Francis

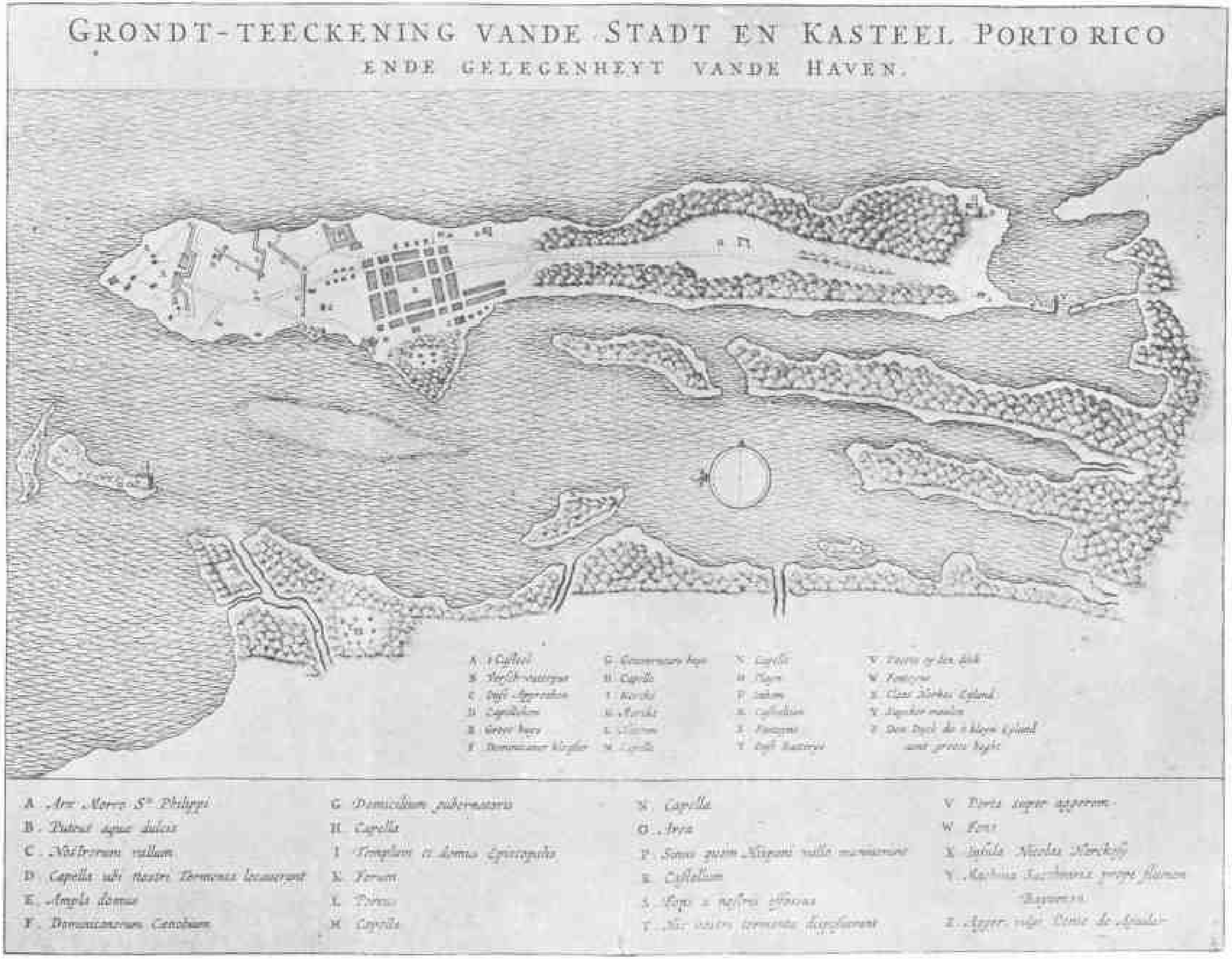
Draeck (1), posto o fizesse com muito damno) ousou tentar, porque a bocca do porto é estreita, e nella tem o inimigo um forte castello provido de muitas peças.

Entrados no porto, trabalharam todos á porfia por ir ter diante da cidade, mas os impeceram os baixos de modo tal que somente alguns poucos navios o conseguiram, e por isso não poderam os nossos salir em terra este dia o que veio muito a ponto aos habitantes, pois tiveram o espaço de um dia e uma noite para pôr-se em salvo e esconder o melhor de seus bens. A disposição do porto e da cidade, bem como do castello, entende-se bem examinando os mappas juntos. Ao seguinte dia, os nossos navios, que estavam surtos diante da cidade, entraram a atirar contra ella, e só por volta das nove horas da manhã é que o general sahio em terra, acompanhado de setecentos ou oitocentos homens, entre soldados e marinheiros. Em ordem de batalha, com as fileiras cerradas, foram os nossos entrando a cidade até o mercado, não encontrando gente nem resistencia em parte alguma A bandeira do Principe foi hasteada na plata-forma da casa do governador, sita á borda d'agua da banda occidental da cidade: depois seguiram os nossos do mercado para a igreja grande, onde logo lançaram por terra as imagens e outras decorações. Ao cahir da noite foram as companhias divididas, e cada uma alojada em sitio particular, e occupados com fortes guardas todos os lugares que o inimigo podia accommetter.

Ao capitão Molckman foi confiada a guarda principal junto de uma pequena torre, onde havia um crucifixo; esta torrezinha levantava-se em uma eminencia ou teso, que os hespanhoes chamam morro de S. Philippe, diante do castello grande, onde se mettêra o governador D. Juan de Haro com os seus soldados. Ao outro dia o general, para impedir que os soldados se embriagassem, mandou vasar os barris de vinho, e lançar pregão que os ebrios seriam punidos rigorosamente, no que procedeu como capitão avisado, pois a embriaguez da tropa tem feito perder muitas vezes occasiões mui favoraveis, e proporcionado ao inimigo grandes vantagens, e melhor é vasar os barris que dar lugar a que a tropa se embebede. O general mandou buscar quatro peças para bombardear o castello, e levantar um parapeito para se resguardar dos tiros de mosquete do inimigo. A ilhazinha, em que demora a cidade, está apartada da ilha grande de uma parte pelo porto, e da

(1) O valente cavalleiro Francisco Drac accommetteu esta cidade (de Porto-Rico) no anno de CIDXCX, mas embalde, pois, tendo entrado no porto com muitos barcos e chalupas, e incendiado os navios do inimigo, que estavam surtos, todavia não pôde tomar a cidade, e se partio depois de haver perdido quarenta ou cincoenta dos seus. E o illustre conde de Cumbric no anno de CIDXCII, tendo desembarcado seus soldados na praia da ilha grande, e conduzido-os por um caminho mui arduo até á ponte, tomou ao primeiro assalto os castellos que guardam este paço, e entrou sem grande perigo na cidade, que achou quasi deserta; e depois de oito dias de cêrco, tomou por composição a fortaleza, que domina a bocca do porto. Resolveu deter-se aqui, para onde traria uma colonia de inglezes, mas, como perdera quatrocentos dos seus, arrebatados em pouco tempo por varias enfermidades, mudou de resolução, e se partio, deixando a cidade quasi inteira, levando copiosos despojos, e as maiores peças, setenta pelo menos, segundo dizem os inglezes. (*Historia do Novo-Mundo.—J. de Laet.*)

outra por um canal, onde havia um forte reducto para guardar a ponte, que dá passagem da ilha pequena para a grande; o general, querendo assenhorear-se da ponte e do reducto, e tolher a passagem deste lado, mandou para lá duas companhias. Estas companhias encontraram o reducto e a ponte abandonados dos Hespanhoes, e no reducto quatro peças; desfizeram parte da ponte, e occupados o reducto e o passo com alguns soldados, de modo que o inimigo não podesse passar do outro lado senão por agua; voltaram á cidade ao outro dia. Foi pelo lugar, de que acabamos de fallar, que penetrou o conde de Cumberland, quando tomou esta praça de Porto-Rico. O general entendeu conveniente cercar o castello grande de um lado por terra e do outro por agua, para o effeito de impedir por meio dos seus bateis, tanto quanto fosse possivel, a passagem por agua, pois soube por alguns prisioneiros que havia no castello poucas provisões de bocca e de guerra. Ao romper do dia os nossos tinham levantado uma bateria com seis peças, bem como uma comprida trincheira transversal, defendida com guardas. Entraram pois a atirar contra o castello, fogo que foi correspondido por este. O general mandou tambem occupar uma torre, que havia em uma ilha sita ao oeste da entrada do porto, a qual torre guardava a bocca do rio Bayamon, onde não se podia entrar nem delle sahir durante o dia. Viu ao mar uma vela estrangeira, que pretendia entrar, mas, entendendo que havia perigo, ficou de fóra; o general mandou sahir Jan Jaspersz de Laet, capitão do *Goude Sonne*, com o hyate *West-cappel*, assim para dar caça a dita vela, como para impedir que por mar levassem provisões ao castello. A 29 fez-se vivo fogo contra o castello, e mandou o general abrir aproches afim de acercar-se delle, sendo commettida a obra ao captião Thyene. Ao outro dia, mandou requerer a entrega do castello, ao que o governador deu uma resposta ridicula. Em vista disto começaram a abrir os aproches, fez-se uma trincheira direita de obra de duzentos e quarenta passos, e depois uma transversal de alguns cento e dez, ainda que não havia gente para guarnecer tão grandes obras; as duas ultimas foram guardadas pelo capitão Jean Stapele com sua companhia. No 1º de Outubro o general poz a cargo de varios commissarios os viveres e as munições. Ao outro dia ainda trabalharam os nossos assás nos aproches. Por traz do castello e preso a elle estava um barco, protegido pela sua artilheria, os nossos corajosamente o foram buscar em bateis, e isto fizeram sem perda de gente; suspeitaram porem que este barco mettêra provisões no castello. O capitão Stapele, que, como fica atraz, guardava as trincheiras, tendo comsigo somente trinta e seis homens válidos e capazes de fazer o serviço, foi accommettido de improviso pelo inimigo, que viera pela praia, e ainda que este foi rechaçado, todavia morreram seis dos nossos, e foram feridos sete, dos quaes depois morreram trez; isto aconteceu a 4 de Outubro. E como uma desgraça raras vezes vem desacompanhada, succedeu mais que o capitão de *Nieuw-Nederlandt*, tendo sido encarregado de levar viveres, uma hora antes do romper do dia, ao fortim junto da ponte, em uma chalupa bem provida de pedreiros e mosquetes, houve-se com tanto descuido, por estar ebrio, que o inimigo em uma canôa o sorprehendeu, e matou todos os seus homens,


GRONDT-TEECKENING VANDE STADT EN KASTEEL PORTO RICO
ENDE GELEGENHEYT VANDE HAVEN.
A . Arx Morro S.t Philippi
C . Nostrorum vallum
D . Capella ubi nostri Tormenta locaverunt
F . Dominicanorum Cœnobium
G . Domicilium gubernatoris
H . Capella
I . Templum et domus Episcopalis
K . Forum
M . Capella
N . Capella
R . Castellum
V . Porta super aggerem
W . Fons

excepto trez que escaparam a nado, comquanto dos navios á ponte não houvesse mais de uma hora de viagem a remos. A 5 um barco do inimigo foi se metter debaixo da artilheria do castello, por não o terem os nossos podido impedir. Um batel tripolado, que, contra as ordens do general, atravessára do fortim junto da ponte ao outro lado do inimigo, foi sorprehendido por este, e morta toda a nossa gente, menos um homem que fugio a nado. Com quanto os capitães, já fazendo fogo, já guarnecendo as obras, e montando guarda, não se poupassem ao trabalho, todavia não era possivel continuar a abrirem aproches pela pouca gente que havia, e mais faltavam engenheiros capazes, mestres de obra, mineiros, sem o qual pessoal não se póde bem acabar um cêrco desta ordem. Os do castello fizeram outra sortida, mataram o capitão Vseel e dez soldados, e feriram outros tantos. A' seguinte noite e durante toda ella o inimigo trouxe os nossos em alarma, dando ora n'um ponto, ora em outro. O general, querendo tolher que não levassem provisões ao castello, fez tripolar dous bateis, e os mandou para a bocca do porto. A 7 os nossos houveram um hespanhol, que andava no matto; o canhão jogou bravamente contra o forte, e abateu uma das torres delle, e danmificou bastante o parapeito. Ao outro dia o general em pessoa, com tres bateis bem guarnecidos de gente, foi ter á ponte, e destruiu cinco canoas do inimigo, sem o encontrar. No mesmo dia os nossos deitaram por terra certa torrezinha do castello, donde o inimigo fazia grande damno com mosquetes e arcabuzes de forquilha. A 9 o general tornou a sahir com alguns bateis, e destruiu mais cinco canoas do inimigo. A' noite o vice-almirante e o fiscal entraram pelo rio Bayamon, e incendiaram quatro ou cinco casas, cuja gente havia fugido. Ao outro dia nada occorreu digno de menção, a não ser que o general em pessoa foi observar de mais perto o castello pelo lado do mar. A 11 entrou tambem no rio Bayamon igualmente para observal-o, e mandou que trez capitães sahissem ao mar. O dia 15 foi de preces. E porque houve noticia que o inimigo, por descuido da nossa gente, sorprendêra e tomára um batel diante do rio Bayamon, mandou o general para lá sete bateis, a saber: quatro com oitenta homens para o dito rio, onde sendo elles chegados, o inimigo, que em numero de cincoenta tinha a vantagem de atirar de dentro da matta, assim os salvou, que tiveram de retroceder com perda de onze homens, e oito ou nove feridos; e os outros tres bateis para rodearem por fóra em demanda de uma outra bocca do dito rio, que encontraram obstruida, pois o leito levantara-se bem trez pés, quando alguns dias antes se havia notado que havia seguramente seis pés d'agua, com que mal poderam os nossos fazer passar um ligeiro batelzinho, e por não toparem os outros, que já se haviam retirado, tiveram de retroceder. Ao seguinte dia o general mandou dois bateis ao fortim do rio Bayamon, estes bateis encontraram o fortim cercado pelos Hespanhoes, e como nada obstante desembarcasse ousadamente a gente de um delles, o inimigo tomou o batel, e matou os homens, menos um, que apezar de gravemente ferido, refugiou-se no outro batel. O inimigo arrasou o fortim. Assim que, a pouco e pouco se ia este refazendo de bateis e chalupas, ao passo que os nossos cada vez

ficavam mais desfalleeidos delles, e por isso ao outro dia o general teve de acudir com providencias para que o inimigo não lhe fizesse por mar algum damno.

Entendendo então que suas forças eram mui diminutas para entrar o castello á viva força, tanto mais quanto não apparecia o navio *Enchhuysen*, que continha soldados e muitas munições de guerra, e que com a perda de tantos bateis o inimigo dispunha agora de pequenas embarcações, com que d'ora em vante mui difficil seria impedir que da ilha levassem provisões ao castello, e emfim que os governadores Hespanhoes das praças vizinhas poriam todo o seu cuidado em acudir aos sitiados, ao passo que elle não podia esperar soccorros da Republica senão muito tarde, quando entretanto soffriam as suas tropas perdas diarias, pareceu-lhe prudente mudar de proposito em tempo, e abandonar a praça, em quanto o podia fazer com honra e sem perdas consideraveis. Quando veio pois ao dia 19, mandou embarcar algumas fazendas, e particularmente duas peças de bronze tomadas ao inimigo. A 21 mandou *uma carta ao governador do castello*, em que lhe perguntava si queria resgatar a cidade, e livral-a de completa ruina, ao que respondeu elle que «havia na ilha pedras e madeira bastante para reedifical-a, e que fazia tenção de haver barato a nossa frota.» Neste dia foi embarcado tudo o mais, de modo que só a tropa ficou em terra, a qual a 22 abalou em boa ordem para se recolher aos navios, como se recolheu depois de haver posto fogo a todos os angulos da cidade. Ao seguinte dia queimaram os navios do inimigo, que estavam varados na praia. Ao partirem da cidade, não lhes fez o inimigo empecilho algum, comquanto a partida tivesse lugar dia claro; mas, tanto que os Hespanhoes tornaram a ella, levantaram uma bateria na ponta da cidade, e a 24 começaram a jogar o canhão contra os nossos navios, fazendo nelles algum estrago, o que forçou os nossos a levarem os seus navios á toa um pedaço. Mas ao seguinte dia o inimigo assentou a sua artilheria em outro sitio, e forçou os nossos a levarem mais para deante os navios. A 26 entrou um navio hespanhol, e deu fundo ao abrigo da artilheria inimiga, pelo que os nossos não poderam ir buscal-o. Ao outro dia o general mandou que os pilotos fossem sondar e balisar a barra, e isto feito, ficou tudo prestes para a partida; o vento porém o não servio, e deteve a armada no porto. Para neste entretanto trazer a sua gente occupada, o general fez uma entrada no lado opposto ao da cidade, mas não encontrou ninguem. Na entrada de Novembro era o vento léste, e ao meio-dia sudeste, vento feito, de sorte que o general fez o signal de levar ancoras e dar á vela. A vice-almiranta, que ia na frente, encalhou; o general ordenou que os navios alugados sahissem. Ao outro dia, como foi posta a nado a vice-almiranta, toda a armada, depois do meio-dia, deu á vela com vento leste quasi ponteiro, e sahio com excepção do navio *Medenblick*, que veio a encalhar. Todos os navios estavam tão maltratados do canhão inimigo, que, sendo ao mar, metteram o leme a sotavento para tomar as aguas, e reparar os mastros, vergas e enxarcias; o navio do general recebera treze tiros, já debaixo d'agua, já ao lume della, um dos quaes lhe levára onze pés da precinta, e não foi pequeno o trabalho, que teve, para tapar

os rombos. Inquieto, como estava, por amor do navio *Medenblick*, mandou que o capitão Bancker e um outro com cinco bateis lhe dessem toda a ajuda e assistencia. Ao outro dia o outro navio foi posto a nado, mas por descuido, torvação e tambem reluctancia de alguns da tripolação, logo tornou a encalhar. O hyate *Porto-Rico* (nome que deram ao barco tomado), de que o inimigo já se havia assenhorcado, e os tripolantes fugido para o *Medenblick*, foi retomado e levado para fóra do porto. Neste interim ia o inimigo varejando o navio *Medenblick*; de sua gente já alguns queriam entregal-o, mas outros o impediram, deliberados a esperar até ao ultimo momento. O general, vendo que deste modo os navios de sua armada facilmente se apartariam uns dos outros, assentou seguir para o remate occidental da ilha, onde os juntaria e concertaria; ordenou pois ao sota-almirante que com mais tres navios (o *Goude Sonne*, *Meulen* e *Jonghe Tijger*) se mantivessem diante da barra de vigia ao *Medenblick*, e esperasse por elle até que ou se safasse, ou ficasse de todo destruido, e com os mais se foi devagarinho de longo da costa ao rumo do oesnoroeste.

A 7 surgio em uma formosa bahia, onde havia bom ancoradouro, diante de um bonito rio de agua doce. Ao seguinte dia mandou á terra um prisioneiro portuguez para convidar a terem trato com os nossos os Hespanhoes, que moravam naquellas cercanias, e ver si obtinha delles refrescos. Só a 10 recebeu o general resposta segura, que foi quando veio a bordo um Hespanhol com uma carta, em que os moradores cortezmente se desculpavam, dizendo que não podiam assentar trato com os nossos, e que se quizessemos haver refrescos, os procurassemos por nossa conta e risco. Neste entretanto em cada navio se procurava reparar o damno soffrido. A 12 se juntaram com a armada os outros navios, que com o sota-almirante ficaram diante de Porto-Rico: haviam abandonado o *Medenblick*, cuja gente fugira na chalupa, sem encravar-lhe a artilheria, nem destruil-o, do que foram causa alguns cabeças de motim, que por isso foram depois castigados. Estes navios trouxeram um outro pequeno dos Hespanhoes, mui valeiro. O hyate *West-cappel*, a 8 deste mez, fóra traz elle em uma bahiazinha ou pequeno porto (que chamam *Sierra-Gorda*), mas não se pode acercar delle por causa da arrebentação; juntando-se este hyate a 10 com aquelles navios, que estavam de vigia ao *Medenblick* diante de Porto Rico e acertaram de passar por alli, e vendo que ainda alli estava o naviozinho hespanhol, ajudados da chalupa grande e de alguns bateis o levaram para fóra. Estava vazio, continha apenas duas peçazinhas de bronze, e dous morteiros do mesmo metal; era um barco de aviso, procedente de S. Domingo, nome que lhe deram por esta circumstancia. Depois que a sua gente andára diariamente occupada em fazer aguada e prover os navios, o general, quando veio ao dia 18, mandou para S. Domingo cinco navios, a saber, o do vice-almirante Adriaen Claesz., o *Vatch*, o *Geele Sonne*, o o *Goude Sonne*, e o hyate *West-cappel*, para o effeito de vigiar um galeão, que soubera por algumas cartas encontradas no naviozinho ultimamente tomado estar alli de verga d'alto e ricamente carregado. Depois disto ainda estiveram os nossos occupados em repartir os despojos, que se achavam na capitanea,

pelos outros navios, e em fazer algumas entradas para haver refresco de animaes e fructas. Tendo tomado carga os navios fretados *Koninginne Hester* e *Jonas*, o general mandou-os via da Republica, onde só chegaram a 13 de Março do anno seguinte na Zelandia e no Texel. A carga de um e de outro foi a seguinte. O *Koninginne Hester* trouxe doze pequenos saccos, cada um com duzentas piastras; outro com prata em pedaços, pesando pouco mais de trez libras e dez onças, uma cruz de prata com o peso de pouco mais de uma libra, cincoenta e uma caixas de assucar, quarenta lastos pouco mais ou menos de gengibre, cincoenta e dous couros, vinte e trez caixas de tabaco, nove sinos grandes e pequenos, seis escudellas de cobre, seis caixas e um barrilzinho com quartillos hespanhoes, e uma porção de outras obras de cobre. O *Jonas* trouxe dous mil duzentos e oitenta e cinco couros de Porto-Rico, cento e onze caixas de estanho com gengibre da mesma cidade, quatro caixas duplas de assucar, dezoito colubrinas de ferro, cento e trinta peças de ferro, um barrilzinho de aço, duas caixas de estanho com insenso, dez saquinhos, cada um com duzentas piastras.

A 20 a armada levou ancoras, e partio, e ao outro dia passou pela ilha de *Mona*. Na entrada de *Dezembro* estava o general junto da ponta oriental da ilha Hespanhola. A 9 o vice-almirante com os mais navios juntou-se com a armada: a 14 havia partido da bahia, que demora no remate occidental de Porto-Rico, e a 22 estava oito leguas abaixo do porto de S. Domingo, e quatro acima de Ocoa, atraz de uma ponta baixa, onde encontrou bom ancoradouro. Aqui o *Goude Sonne* tomou de madrugada um barco procedente do rio da Hacha, cujos tripolantes fugiram para terra com o melhor de suas fazendas, e somente acharam no barco trezentos e vinte e sete couros, e obra de dez lastos de sal. A 23 o vice-almirante mandou o hyate *West-cappel* a S. Domingo para observar que navios estavam no porto. Ao outro dia viu o vice-almirante outro barco, mas não o pôde alcançar. Voltou o hyate *West-cappel*, e assegurou a sua gente que não vira navio algum no porto de S. Domingo, pelo que resolveu o vice-almirante ir se ao dito porto com os navios de sua conserva. A 27 de Novembro, com o *Goude Sonne* e sua prêsa foi diante de S. Domingo, e avançou tanto como o porto, de modo que podia mandar as suas balas bem dentro delle. Deu fogo ás suas duas peças de prôa, e responderam-lhe os da cidade com dous tiros. Vio então um galeão surto no porto, e mais trez naviozinhos, e entendendo que nada podia fazer alli, caminhou bordejando de longo da ilha Hespanhola para Saona, onde o general lhe ordenara que o fosse esperar. Em Saona fez algumas entradas para caçar animaes, mas não apanhou nenhum.

A 13 de Dezembro toda a armada se fez á vela, e porfiaram os navios por adiantar-se bordejando para leste; e depois de gastos quinze ou dezesseis dias em caminhar obra de dez leguas pela dita derrota, as perderam em vinte e quatro horas, e assim sobre a noite de 30 não estavam longe de Mona. Como houvesse dous navios, que faziam muita agua, e o general visse que não podia remontar-se navegando de longo da costa meridional de Porto-Rico, determinou voltar ao remate occidental de Porto-Rico, e depois tentar si

obteria melhor resultado navegando ao longo da costa septentrional da mesma ilha. Surgio na bahia de S. Francisco, sita ao remate occidental da dita ilha, em altura de 18° 11' á banda do norte; ha nesta bahia uma aguada muito commoda. Deixaremos agora tomar pouso o general Boudewijn Hendricksz., e passaremos a fazer relação do que os nossos praticaram em outras partes.

O almirante Andries Veron despedio-se a 4 dias de Agosto do general Boudewijn Hendricksz., e se foi pela derrota do nordeste quarta a leste com vento lessudeste, esperando segurar a ilha Fernando de Noronha, donde depois faria o caminho do sul. Mas a 11, tendo passado a linha, começou a reinar a dysinteria entre a companha, e vendo o almirante que os ventos do sudeste lhe impediam navegar pela derrota do sul, e por isso conjecturando que longa seria a viagem, primeiro que tocasse em algum lugar ao sul em que podesse refrescar, se determinou a seguir para a costa d'Africa, e refrescar em Serra Leôa, onde de feito tomou porto a 26 dias deste mez de Agosto. Encontrou neste porto o almirante Jan Dircksz. Lam com o navio *Hollandtschen-Thuyn, Oragnie-Boom* de Dordrecht, e *Neptunus* de Der-Veere; navios que, havia dous mezes, alli estavam surtos, e cuja companha fôra molestada por muitas doenças e outras contrariedades. Obteve permissão do rei Frambore, mediante algumas pequenas dadivas, para colher tantas laranjas e limões como houvesse necessidade, bem como para caçar passaros e animaes, que andassem ás soltas, com a condição porém de não tocarem os nossos nos fructos de terra, que comprariam aos subditos do dito rei por preços razoaveis. Esta condição foi guardada, e assim veio a companha a restabelecer-se mui depressa. Estando pois agora refrescada a nossa gente, e tudo apparelhado para tornar á sua viagem, o capitão do *Post-paerdt* teve ordem a 16 de Setembro de seguir diante para a costa de Guiné, afim de informar ao general da costa como era chegada aquella armada. A 25 de Setembro toda a armada levantou ancoras, e sendo fóra do porto, o capitão do *Post-paerdt* se despedio, e partio, mas apartou-se inteiramente de sua derrota.

O *Post-paerdt* a 2 de Outubro chegou ao cabo Mesurado. A 5, sendo na altura do cabo das Palmas, onde havia de aproximar-se da costa, para em seguida a ir levando por mão, emmarou-se pela teima do capitão, que não quiz dar credito ao piloto. A 11, havendo vista de terra, surgio, e ao outro dia estava ancorado diante de Day, obra de quatro ou cinco leguas abaixo de Acraa (Acará), e de trinta abaixo de Morrea (Murea), e como não pudesse d'aqui subir bordejando, a 25 foi ter ao rio Gabão, e na entrada de Novembro ao cabo Lopo Gonsalves, e depois de muito divagar, juntou-se com a armada no dito rio Gahão a 4 de Janeiro do anno seguinte. Tornemos agora á armada.

Esta, como fica atraz, se fizera á vela de Serra Leôa a 25 de Setembro com quinze velas, entre navios e hyates, e trabalhou por tomar quanto antes a costa de Guiné, onde se poria por obra a interpresa contra o castello da Mina (S. Jorge da Mina). Antes porem de entrarmos nesta relação, de passada mencionaremos o que encontrámos nos papeis dos nossos de um certo animal, que tiveram em seu navio, e é numeroso em terra. Era tal que mais parecia gente que bicho, pois tinha mãos, pés e calcanhares, olhos e orelhas,

como os homens, fumava com a nossa gente, e quando o offendiam, gritava e choramigava, qual criança. Os habitantes daquellas partes creem que as almas dos seus defuntos habitam nelles. Lembramo-nos de ter visto um destes animaes aqui na Republica: era femea, e tinha regras, como as mulheres.

A 9 de Outubro era a armada na costa dos Grãos, entre o rio de S. Paulo e o do Junco, em altura de 5 gr., e meio á banda do norte, e assentou-se em mandar um hyate á costa de Guiné, afim de avisar o governador Adriaen Jacobsz., da vinda delles, e dizer-lhe que tinham por melhor surgir diante de Commendo, e ahi desembarcar. A 21 *eram todos os navios* diante de Commany, onde souberam pelo vice-almirante Jan van Dijck, que alli chegára cinco dias antes, que o general da costa Arendt Jacobsz. estava para as bandas de Acra, e não se tornaria antes de trez ou quatro dias. O almirante e os officiaes do seu conselho não entenderam conveniente dar mais espaço ao inimigo, e pois determinaram desembarcar a sua gente ao seguinte dia; e para que as cousas corressem em ordem, com antecedencia foi a tropa dividida do seguinte modo: a vanguarda, batalha e retaguarda, compor-se-hia cada uma de tres companhias de soldados e uma de marinheiros. A vanguarda teria por capitão Jacob Surmondt, a cujas ordens iriam o capitão Reyndert Panne-Koeck, o tenente Voet, e o capitão do navio Evert Hendricksz. Crouger, cada um com uma companhia, (mas Crouger, como tinha que fazer outra cousa, foi substituido por Pieter Jacobsz. Hoogher-wal). A batalha seria commandada pelo capitão Pieter Martensz. Houw-man, e ás suas ordens marchariam o capitão Jan Baptista de Genber, senhor de Bassevelde, Salomon Boshuysen, e o sota-almirante Hillebrandt Jansz. Commandaria a retaguarda o capitão Direk Reinback, e sujeitos a elle iriam os capitães Jacob Pompen, Hendrick Lambertsz., Valck e Vijbrandt Heres. Finalmente Jan Quirijnsz., capitão do *Sphera-Mundi* de Dordrechet, estaria ás ordens do mestre de campo com uma companhia de marinheiros. Hans Campen commandava a artilheria, Adriaen Bollaert os bateis, Hans Philipsz. Grijf os gastadores, e a Willem Cuningam e Anthonis del Court foram confiados os viveres. Teve o commando em chefe o almirante Andries Veron, como mestre de campo.

A 22 o almirante Lam com o fiscal passou-se á terra para assegurar aos habitantes do pequeno Commany, que nada tinham que receiar dos nossos, pois que a facção era contra o castello da Mina. Os habitantes mostraram-se bem dispostos para com os nossos, e avisaram que a nossa tropa teria de fazer uma jornada de bem tres leguas, e não encontraria do caminho agua doce, e bem assim que o rei do grão Commany levaria a mal, si os nossos, sem sciencia delle, desembarcassem, e tentassem alguma interpresa contra os Portuguezes. Voltaram pois o almirante e o fiscal aos navios. Mandaram recado aos do forte Nassauw que faziam tenção de pôr em effeito a facção ao outro dia; mas, como os do forte aconselharam e rogaram que esperassem a vinda do general da costa, porque a sua presença era mui necessaria, pela muita autoridade que tinha com os reis de Fetuy, Sabou e Comanny, cujas boas graças muito faziam ao caso, ficou tudo adiado até á vinda do dito general

Este chegou a 24 com dous navios, *Goede Fortuyn* e *Mauritius*, e depois que vira e louvára a ordem, em que fôra disposta a tropa, offereceu-se com uma companhia, que trouxera, para marchar com o almirante Veron, e, sem que inveja houvesse, fazer o serviço da Companhia. Assim que, ficou assentado que ao outro dia se começasse a interpresa. Quatro navios, a saber, *Haerlem*, *Sphera Mundi*, *Oragnie-Boom* e *Omlandia* tiveram ordem de ir surgir diante do castello da Mina e perto delle, e os hyates *Oudevaer*, *t'Zeepaerdt* e *Arnmuyden* diante da aldeia, onde sabia-se haver uma bateria, para o effeito de fazerem damno no inimigo e trazerem-no entretido, e assim poder a tropa caminhar sem impedimento algum. A chalupa grande, que levava agua, pás, machados e outras cousas necessarias, teve ordem de navegar terra á terra, afim de que, si a tropa precisasse de alguma cousa, se podesse prover nella commodamente.

A 25 desembarcaram em Terra Pequena alguns mil e duzentos homens entre soldados e marinheiros, afóra cento e cinconta negros que o general trouxera tambem. Caminharam até ao meio dia pouco mais ou menos, avizinhando-se do castello da Mina até uma legua de distancia, e aqui descançaram duas horas, por estarem fatigados e pela muita calma que fazia. Depois tornaram a abalar, e approximaram-se do castello até ao alcance da artilheria delle; e sendo vistos do inimigo, atirou-lhes este quatro ou cinco tiros, que porém não fizeram estrago. Em vista disto os nossos acamparam em uma planicie atraz de certo monte pequeno, perto do castello, fazendo tenção de levantarem trincheiras durante a noite, e assim approximarem-se do forte. Tanto que os nossos foram chegados, o almirante Andries Veron mandou alguns dos seus soldados mais ligeiros explorarem o campo, e o mesmo fez o general Arendt Jacobsz., que enviou a sua companhia ao lugar, onde suspeitava fizesse o inimigo alguma sortida, e pol-a a cargo do tenente Hans Philipsz. Grijf. Mas, emquanto o almirante e o general e mais chefes subiam aquelle montezinho para bem observar o castello, os soldados, que estavam sequiosos e mui affrontados, em sua maior parte largaram as armas, e puzeram-se uns a procurar água, outros a fumar, deitando-se no chão o geral delles, tão despreoccupados e desassombrados, como si não se tivessem de guardar de inimigo algum, ou ninguem, tendo respeito ás suas forças, os podesse offender; não tardou muito porém que sahisse o caso mui differente do que cuidavam. Tanto que os principaes officiaes chegaram ao alto daquelle teso ou pequeno monte, os negros, que seriam em numero de duzentos deram sobre elles mui lestos e inopinadamente; querendo fugir ao perigo os ditos officiaes desceram a grão pressa para chamar os seus ás armas e pol-os em ordem. Mas os soldados, como atraz se disse, andavam espalhados, e haviam deposto as armas: acudiram em tropel e mui desordenadamente em procura dellas, e foram accommettidos pelos negros, que, como homens barbaros e furiosos que eram, fizeram nelles grande matança. O almirante Veron e o capitão Surmondt, depois de se defenderem bravamente por muito tempo, foram talhados a golpes. O pasmo da nossa gente foi tamanho, a debandada tão geral, que o caso é quasi inaudito, e para dizer a verdade, foi um notavel

castigo de Deus: delles lançaram-se muitos ao mar, e afogaram-se, outros, que eram a maior parte, lançaram de si as armas, e não cuidaram siquer em resistir, de maneira que foram degollados, como gallinhas; pois, como os Portuguezes haviam promettido premio por cada cabeça, que lhes levassem os selvagens, estes se entretiveram em cortal-as. Escolhiam porém dentre os nossos os que estavam melhor trajados, para o effeito de esbulhal-os, do que se causou pouparem a vida a muitos pela demora que esta rapina requeria, que, a não ser isto, eram taes a confusão e o panico dos nossos, que o ferro dos negros facilmente teria dado cabo de todos. Ficaram no campo, sem contar os que se afogaram, trezentos e cincoenta soldados e sessenta e seis marinheiros afóra vinte e cinco dos que trouxera o general Arendt Jacobsz; ao todo quatrocentos e quarenta e um homens. O general, já não podendo mais correr nem caminhar, foi levado do campo pelos seus negros, e assim se esquivou áquella carnificina, e ainda esta noite chegou a Commany com o resto da tropa, que pudera fugir. E muito a ponto veio o general a este lugar, que si não viera, correriam os nossos grão risco de ser assassinados até ao ultimo pelos mesmos negros, entre os quaes procuraram guarida, pela indole destes barbaros, que lançam-se com os vencedores, e cahem sobre os vencidos sem fazer distincções. Morreram todos os capitães militares, menos Hendricksz Jacobsz. Valck, Jacob Pompen, Pieter Jacobsz. Hoogher-wal e Wibrandt Heres, capitães de navio, tambem empregados como militares; morreram tambem a mór parte dos officiaes inferiores, cujos nomes omittiremos por brevidade. Esta desastrosa e grão matança passou-se com tal rapidez, que parece incrivel, pois começou pouco antes do pôr do sol, e ainda era dia e já estava quasi findal

Os quatro navios, que atraz mencionamos, foram por-se perto do castello, contra o qual fizeram um fogo vivo, mas pouco proveitoso, porque o castello é da sua mesma natureza muito forte, edificado, como está, sobre uma rocha, em que foi cavada a metade das suas muralhas, sendo o resto levantado com pedras grandes e mui duras. Tem quatro bastiões, dous dos quaes varrem o mar, e os outros dous defendem o lado da terra. A' banda occidental ha um pequeno monte soberbo sobre o castello, chamado Santiago por respeito de certa capella, que alli fôra primeiramente edificada. A povoação fica embaixo na fralda deste montezinho, e alonga-se tanto do castello, que um tiro de mosquete mal alcança-lhe o remate, e tem á banda occidental uma muralha que a ampara. O mar faz do castello e suas obras exteriores quasi uma ilha. Ha tambem á banda oriental uma angra, onde costumam ter algumas galeras, e onde sempre abrigam as suas pequenas embarcações. Os nossos navios pouco damno fizeram no castello, mas tambem pouco receberam delle, pois tiveram sómente um ou dous mortos. A 26 levantaram ancoras para ir surgir junto de Commany, e recolheram nos navios os que acaso escaparam, comquanto os fugitivos e os que salvaram-se a nado fizessem crer que todo o exercito havia sido feito em postas. Sobre a noite recebeu-se uma carta do general Arendt Jacobsz., em que podia-lhes se approximassem para acolher os que se salvaram. Para lá seguiram sem

detença o *Dolphijn* e tres hyates, que tornaram a 27, conduzindo alguns seiscentos homens, com que ficaram os navios bem providos de gente, pois anteriormente por falta de braços mal podiam fazer serviço.

A 29 o general Adriaen Jacobsz. se passou a Commany, assim para presentear o rei e agradecer-lhe o seu favor, como e principalmente para movel-o a hostilisar os nossos inimigos. O rei fingiu tomar a peito as nossas cousas e querer debellar os Portuguezes, pois estes negros são bastante espertos para procurarem tirar partido de tudo; e pedio que todos os nossos navios se fossem contra o castello e a povoação, e os varejassem de balas sem cessar, pois fazia conta, dizia elle, que os negros ao serviço e mando dos Portuguezes desertariam delles, e então poderiam ser facilmente cortados pelo ferro delle rei e dos seus. Os nossos o acreditaram, e, ao passo que o general seguia para Moree, para o effeito de carear os reis de Fetuy e Sabou, o almirante fez-se á vela a 5 de Novembro, e chegou á vista do castello, perto do qual surgiu em uma meia lua ao oeste delle. Em chegando, deu alguns tiros contra o castello, os quaes foram por este correspondidos. Em os dias 6 e 7 salvaram-se bastante de um e outro lado, recebendo os nossos maior damno; mas o almirante não podendo entender que proveito lhe vinha de estar a atirar contra uma praça forte, assentou de se alargar e pôr-se fóra do alcance da artilheria inimiga. No entretanto chegou uma canoa de Moree com cartas do general; dizia este que o inimigo estava bem fortificado no monte de Santiago, que pouco fundamento fazia em que o rei de Fetuy pactuasse comnosco, e hostilisasse os Portuguezes, e o mais que delle esperava era que ficasse quedo entre os dous contendores, comquanto fôra avisado havia o rei recebido alguns presentes (cousa que tem toda a influencia no animo destes negros) para o effeito de se haver em apparencia como nosso amigo, e secretamente como nosso inimigo, e fazer-nos pela sorrelfa todo o damno e ainda que elle general não desconfiasse que o rei nos fosse hostil, todavia este trato com os Portuguezes devia ser tomado em toda a consideração. O almirante e os seus não sabiam o que lhes cumpria fazer, e houveram conselho sobre o caso; o rei (1) porem persistio em que não se continuasse no bombardeio. Emfim a 14, tendo o general sabido ao certo que o rei se mancommunára com os Portuguezes, e havendo por isso que nada mais restava aos nossos que fazer alli, determinou seguir com os seus navios e juntar-se com os outros, para assentar-se no que se faria ulteriormente.

Isto feito, o almirante Lam foi ter com os navios diante do forte Nassauw. A 20 a guarnição deste forte refez-se de gente, pois ficára mui desfallecida por causa daquelle combate infeliz. Depois que a companha se refrescou, o almirante partio a 29 com a armada, fazendo tenção de tomar a ilha do Principe. A 12 de Dezembro porém vio que a havia escorrido, e resolveu navegar terra á terra até á linha, e então empregar todos os esforços por segurar a dita ilha. Ao meio dia de 14 avistou a ilha Corisco a leste quarta a sudeste comsigo, era então em altura de 45' á banda do norte. A 16, como ainda não

(1) Deve ser *o almirante*.—(N. do Trad).

tivesse tomado a mesma ilha, surgio diante do rio de Angre. Depois do meio-dia tornou a fazer-se á vela com vento de terra, e á tardinha chegou á dita ilha, e surgio meia legua da praia em oito braças e meia, fundo de boa tença. Aqui se deteve a fazer aguada até ao dia 22, quando tornou a fazer-se á vela; não póde porém avançar para a sul pelas aguas que corriam tesas ao norte. A 23 surgio diante do rio Gabão, onde entrou ao outro dia. A 25 subio pelo rio acima cousa de tres leguas até diante da ilha do rei. Mimoseou este com alguns presentes de pouco valor para obter sua amizade. Aqui ficou surto durante o resto deste anno, occupada a sua gente em limpar os navios e fazer aguada; e pois aqui o deixaremos, e no anno seguinte terminaremos a narração dos seus feitos depois que houvermos escripto das nossas outras armadas.

Este anno foi mui infeliz para a Companhia, pois quasi por toda a parte a fortuna se mostrou adversa ás suas armas: perdeu a cidade de S. Salvador, pouco fez a armada do general Boudwijn Hendricksz., a facção contra o castello da Mina falhou desastrosamente. Deus porém reservava-lhe para diante maiores successos como a seu tempo contaremos.

FIM DO SEGUNDO LIVRO

SUMMARIO DO TERCEIRO LIVRO

Continuação da viagem da frota a cargo do general Boudewijn Hendricksz. Entra na bahia de S. Francisco onde faz aguada, e uma entra pela terra sem topar o inimigo, que neste interim accommette um dos nossos bateis. Os nossos queimam algumas casas, e levam comsigo algumas cabeças de gado. A frota torna a partir, e vai ter a Dominica; observa as visinhas ilhas Caraibas, e segue para a ilha Margarita. O general toma o castello sito nesta ilha com grande perigo de sua pessoa. Tenta outro commettimento mais adiante na mesma ilha, mas mal póde tomar terra. Um naviozinho hespanhol apresado. A frota surge em Cubagua; os nossos esbulham a ilha, e queimam as cabanas. Feição da costa septentrional da ilha Margarita. O general segue para o porto de Mochina, dá-lhe o nome de porto Mauricio. Dá uma vista ao castello de Ponte de Araya. Disposição do porto Mauricio. E' aprehendido um navio novo. *Os hespanhoes destroem suas proprias casas e sementeiras; sorprendem alguns dos nossos, e não os querem commutar pelos seus compatriotas prisioneiros.* A frota navega para Santa Fé, onde se provê d'agua. Passa por Commanagot e outras ilhas, e aporta em Bonayre. Aqui os nossos apanham alguns carneiros, e encontram uma grande pilha de madeira vermelha, que embarcam. E' apresada uma galera hespanhola com carga de tabaco e algumas mercadorias de preço. A frota chega á ilha Vaca, e depois ao cabo Tiburon; surge no remate occidental da Jamaica. Disposição do lado septentrional desta ilha. E' tomada uma *piragua* hespanhola. Feito do capitão Banckert: briga com quatro navios hespanhoes, dos quaes toma um, e destroe dous: eram de S. Domingo, e continham uma custosa carga. O capitão surge em Saona, e torna a se juntar com o general. Junta-se tambem com este o *Commandeur* Hendrick Lucifer. Partem juntamente os navios do porto Negrillo; passam pelos Caymões, e avistam a ilha de Pinos. Tomam um naviozinho hespanhol novo, mas em lastro; foi artilhado e guarnecido. A frota chega diante do Rio dos Porcos, e depois diante da Corôa. E' tomado um barco da pesca das tartarugas, de cuja gente obtem o general algumas noticias. Vai ter ao porto de Cabanas. Disposição dos portos daquellas partes. A frota entra no porto de Cabanas, onde é encontrado um navio recentemente construido. Os nossos fazem uma entrada, apanham alguns animaes, e queimam um sitio. E' tomado um pequeno barco com tartarugas. O navio novo é queimado, depois de esbulhado do que nos podia servir. Outro naviozinho tomado diante de Havana com carga de madeira: é tambem queimado. A frota larga do porto de Cabana, e chega diante de Havana. E' tomado um naviozinho procedente de Campeche. O

general adoece e morre. Motim na frota, que se torna via da Republica. A frota a cargo do almirante Pieter Pietersz. Heyn apparelhada pelas Canarias. Numero dos navios e tripolação. O hyate *Vos*, mandado adiante, refresca nas illhas. Atravessa para a terra firme; chega ao cabo Caldera. Por descuido perdem-se seis homens na ilha Coche. Volta a Saona para esperar o almirante. Partida do almirante. Chega á ilha Barbadas, e navega por entre as ilhas Caraibas. Chega a Saona e encontra o *Vos*. Dá-se pressa em seguir para o cabo de S. Anton. Alguns sitios da costa septentrional da Jamaica. A frota nas cercanias do cabo Corrientes. Toma um naviozinho procedente de Honduras. Paira por alli. O *Vos* toma um naviozinho com trez mil couros etc., e o *Arendt* outro com 1067. Pelos prisioneiros sabe-se a morte do general e volta da sua frota. O almirante permanece nas aguas do cabo de S. Anton. E' tomado um naviozinho de Nova Hespanha com carga de farinha e bolacha; sabe-se que partira a armada de Nova Hespanha. A frota segue para as Tortugas. Chega ao cabo da Florida. Avista a armada Hespanhola composta de obra de quarenta navios. O almirante não a ousa accommetter, e busca a costa da Florida para tomar agua. E' tomado um naviozinho com mercadorias de pouco valor. O almirante resolve fazer-se na volta da costa d'Africa. A 2 de Novembro chega á ilha Corvo, e depois acerca-se da ilha Terceira. Despacha o *Arendt* para a Republica. Descahe sobre a costa d'Africa ao norte de cabo Verde, e entra em Serra Leôa. Viagem de Thomas Sickes para o Brazil. Junto a Gran Canaria toma um naviozinho portuguez, que vai ao fundo. Chega ás ilhas do cabo Verde. Avista a costa do Brazil nas paragens dos Ilheus. Soçobra um naviozinho portuguez. O *Commandeur* entra no rio das Goitas; cruza nas aguas da Bahia. Dá na praia com um naviozinho portuguez, e toma uma caravella com carga de vinho, bem como um navio com quinhentas e cincoenta caixas de assucar. Juntam-se com elle cinco navios da Companhia, e espalham-se pelas costas do Brazil. O *Windt-Hondt* toma um navio com mercadorias, e segue com elle para as ilhas Caraibas. Thomas Sickes toma um naviozinho com cento e oitenta e quatro caixas de assucar, e manda-o para a Republica. Refresca em Serra Leôa. Descahe sobre o cabo de Lopo Gonsalves. Torna á ilha Fernando de Noronha, e d'ahi á costa do Brazil. Toma um barco com assucar. Encontra uma grande frota portugueza, e incolume aparte-se della. Volta á Republica. Navegação dos hyates *David* e *Sparwer*. Chegam á ilha Santa Anilla ou S. Milan. A sua viagem é baldada. O Almirante, depois de muito divagar sobre a costa d'Africa, se torna á Republica. Fim e resultado da expedição do almirante Laro.

LIVRO TERCEIRO

1626

O anno passado deixamos o general Boudewijn Hendricksz. junto de Mona, deliberado a entrar na bahia de S. Francisco, que fica no remate occidental da ilha de S. Juan de Porto Rico. Quando veio aos 2 dias do mez de Janeiro deste anno, deu fundo com os navios de sua conserva diante do rio, onde pretendia fazer aguada. Neste mesmo dia mandou que desembarcassem duzentos homens, entre soldados e marinheiros, em uma formosa e grande bahia arenosa, e deu tambem suas ordens para o concerto dos navios. Para proteger os carregadores d'agua foi posto diante do rio o *Goude Sonne*. Ao seguinte dia os nossos entraram pela terra, mas não encontraram casas nem gente, e sobre a noite sobreveio um aguaceiro que os forçou a acampar em um monte, onde divididos em quatro partidas pernoitaram ao relento. O capitão do *Goude Sonne*, que estava em terra com trinta homens para vigiar os Hespanhoes, foi em auxilio dos bateis, que por fazerem agua grossa mal se podiam manter boiantes. Neste entretanto os Hespanhoes, que andavam escondidos nas adjacencias, sobre a noite sorprenderam no rio um dos nossos bateis, e mataram doze dos nossos homens, escapando tres a nado. A gente que pousára no monte, ao dia 4 tornou á sua viagem, e foi ter a uma casa rodeada de cabanas e curraes para gado. Mataram e comeram alguns porcos, e em partindo d'alli puzeram fogo ás habitações, e levaram uma porção de porcos e dous cavallos carregados de couros. Ao outro dia os nossos seguiram para o porto de S. Francisco no hyate *West-cappel*, *S. Domingo* (nome dado ao naviozinho tomado) e a chalupa grande, fazendo tenção de desembarcarem em dito porto e entrarem pelo sertão; mas, sendo alli chegados, encontraram tão pouca agua, que os bateis não poderam tomar terra. Viram cincoenta ou sessenta Hespanhoes a cavallo, que tangiam o gado para o sertão. Voltou pois a nossa gente aos navios sem haver feito cousa alguma. O general mandou

desembarcar mais gente para guardar os bateis, que faziam aguada, e informou-se dos mantimentos, que havia nos navios, para por elles regular seus planos ulteriores, pois não se queria tornar á Republica sem primeiro haver feito alguma cousa de monta. A 8 passou-se em pessoa á terra com muita gente, pretendendo fazer mais uma entrada, mas choveu tão copiosamente, que não teve ensejo de fazer cousa alguma. Por esta mesma causa e pelo embate do mar nos navios, tambem nestes nada se pôde fazer. Ao seguinte dia os nossos tornaram a sahir em terra; roçaram uma porção de matto, assim para melhor descortinar o sitio, como para descobrir e impedir as ciladas do inimigo, que dias antes ferira sete ou oito dos nossos, atirando de dentro do basto matto, onde não era visto. A 30 os nossos entraram um pedaço pela terra, mas nada mais fizeram senão trazer um grande numero de laranjas para refresco da companha. Estando ao presente os navios concertados e bem providos de agua e lenha, d'alli partiram aos 16 dias.

Diligenciou o general remontar-se bordejando ao norte da ilha de S. Juan de Porto Rico para ir buscar de novamente as ilhas Caraibas, no que empregou os dias até 10 de Fevereiro. Depois de se haver elevado á altura de 25 gr. e meio, foi descendo a pouco e pouco até que no dito dia veio tomar terra na altura de Dominica. Discorreu por costa a sotavento, o que não foi sem grande perigo, mas sobre a noite conseguiu montar a ponta occidental da mesma ilha, e lançou ancora ao mar. Mandou dar uma vista a toda a costa da ilha; os nossos, montada a ponta do norte, encontraram á banda noroeste uma grande bahia arenosa, mas sem ancoradouro, pois não poderam tomar sonda em distancia de um tiro de mosquete da praia. Estavam surtos os navios á banda occidental ao lado de um riozinho, onde facilmente fariam aguada. Arredada d'alli obra de meia legua fica uma aldeia dos selvagens, que habitam esta ilha: é gente má, de quem vos não deveis fiar de modo algum. Diante do rio é mui escarpado, mas ao sul e norte delle ha bom ancoradouro em cinco, seis, sete e oito brasas d'agua, fundo de areia. O general mandou tambem alguns navios darem uma vista ás ilhas vizinhas, e observarem si nellas havia alguma cousa que fazer. O vice-almirante em pessoa partio para Guadelupe com o *Nieuw-Nederlandt* e *S. Domingo* e o hyate *Westcappel* para Matinino. Estando a armada surta em Dominica, desfechou uma temerosa tempestade com trovões e raios. A' tardinha de 17 o general fez-se á vela, e á seguinte manhã era de través com a ilha Matinino, e por volta de meio dia tinha Santa Luzia a lessudeste comsigo. A 20 ficava-lhe ao lado Granada; deitou caminho pela derrota do susudoeste com vento nordeste, até que ao outro dia houve vista da terra firme. Depois do meio dia estava ao cabo das Tres Pontas; aqui o general deu suas ordens e signaes a cada navio. Colheram as velas e deixaram singrar os navios ao norte até que findou o quarto da prima, e então governaram com pouco panno ao oeste quarta a noroeste e oesnoroeste. Pelas nove da manhã de 22, houveram vista da ilha Margarita, para onde todos emproaram. O vice-almirante, chegando diante da bahia, onde se levanta o castello, endireitou para ella com sete navios; o general, cujo designio era seguir para o norte, acompanhou-o, porque a gente

de desembarque, que havia, se achava nos navios que ainda eram comsigo. Surgiram os navios á banda oriental do castello, e desembarcou a nossa gente em uma bahiazinha arenosa. Os Hespanhoes, como não contavam que os nossos saltassem em terra neste sitio, se haviam fortemente entrincheirado na bahia. Os do castello corriam em desordem para um e outro lado, como gente sorprendida, o que vendo o general accommetteu o castello com um troço dos seus pela parte que olha para a terra, onde não havia artilheria. Mas este rasgo de bravura houvera succedido mal ao illustre cabo, pois apenas chegára com quinze ou dezesseis homens ao alto do castello, cortou-lho o inimigo a retirada, e assim se viram os nossos necessitados a se defender com todo o esforço. Morreram alguns nove dos mais valentes, e foram muitos feridos, entre outros os dous capitães Van Urck e Molekman. O mallogro desta facção fôra certo, si não acudiram pelo general os capitães Stapel e Estienne, pois, dando fé delles, os Hespanhoes recuaram, e os nossos assenhorearam-se da porta, onde o general em pessoa arvorou a bandeira. Alguns dos Hespanhoes foram mortos a ferro, mas o geral delles saltaram das muralhas, e escaparam fugindo; e assim se fizeram os nossos senhores do castello. Soube o general por um prisioneiro e um negro que se passára para os nossos, que o caminho que do castello vai ter ao povoado, onde moram quasi todos os Hespanhoes, com antecedencia e por toda a parte havia sido tomado com trincheiras, e obstruido em muitas partes com aquelles arbustos mui picantes que nesta ilha, bem como na terra firme, fazem a maior fortaleza de varias povoações, por ser quasi impossivel abrir caminho por entre elles; soube tambem que as mulheres se puzeram em fugida com os seus melhores moveis. No castello foram encontradas tres peças de bronze e cinco de ferro, que o general ao seguinte dia mandou levar aos navios. Foram empregados dous dias em demolir o castello e incendiar as casas depois do que os nossos se recolheram aos navios e partiram a 27.

O general mandou dous navios e uma chalupa rodearem a ilha pelo norte, e observarem a feição della. Outros dous navios e um hyate atravessaram para a terra firme, e os mais ficaram de longo da costa meridional da ilha o porto della até á distancia de obra de duas leguas para o oeste do porto, em que a armada estivera. Aqui fica o lugar, que os navios da terra firme costumam frequentar. A tenção do almirante era fazer tambem um salto neste sitio, mas por respeito dos baixos e baixia da praia, não se poderam approximar os navios grossos, quanto era necessario para que sua artilheria alcançasse a terra. O hyate *S. Domingo* approximou-se tanto que seu leme saltou, mas safou-se sem maior damno. Todos os navios deram fundo. A' noite approximaram-se um pouco mais, e ainda assim os tiros não poderam alcançar a praia. Nada obstante, quando vieram ao outro dia, os soldados passaram-se ao hyate *S. Domingo*, e delle aos melhores bateis, em que se diligenciou tomar a praia; mas, tanto que os bateis se acercaram della, começou o inimigo a fazer vivo fogo com seus arcabuzes de gancho assim das trincheiras, que alli haviam levantado, como de dentro do basto matto (que vinha até a praia), sem que os mosquetes com que atiravam os nossos das chalupas, ou as

peçasinhas do hyate o podessem offender. Nos bateis foi morto um homem e outro ferido gravemente. O general vendo que nenhuma vantagem levaria ao inimigo, deu um tiro de canhão, signal para voltarem os bateis, e recolhida a bordo a sua gente, os navios levaram ancoras e partiram.

Logo depois disto encontrou-se com o general o capitão Banckert, que fôra mandado a uma excursão no hyate *West-cappel*: topára um naviozinho hespanhol com obra de mil arrobas de peixe salgado. Os navios foram surgir juntamente ao remate occidental da ilha Cubagua. O general com alguns bateis bem tripolados, passou-se á terra, onde nada achou a não ser cabanas de pescadores, e nellas algum peixe, que levou comsigo, depois de pôr fogo ás cabanas. Os dous navios, que elle mandára rodear a ilha Margarita pelo norte, encontraram na costa septentrional bom ancoradouro em toda a parte, quer perto quer longe de terra, como se queira surgir; e indo para oeste, montada a ponta do norte, veem-se mui bellas bahiazinhas de areia, onde ha pequenas cabanas de Indios. Ha tambem em dita ilha uma grande enseiada, que se estende quanto a vista póde alcançar, e a terra, que a circumda, é baixa; mas, passada esta enseiada torna-se ella a fazer-se grossa. Da ponta do sul sahe uma baixia, onde ha somente tres ou quatro braças d'agua, e diante della ha uma aldeia, cujas casas são feitas de terra. Tudo isto foi observado em dous ou tres dias, bem como a disposição de toda a costa septentrional da ilha, depois do que tornaram estes navios a se juntar com a frota. Juntos todos os navios e bem observada a ilha de Cubagua, della partio a frota aos 4 dias de Março. O general deitou caminho por junto da ponta e assim por diante em demanda do porto de Muchina, que demora cinco ou seis leguas ao oeste de Cumana. A este porto deram os nossos o nome de Mauricio. A fusta, o *Goude Sonne* e um hyate tiveram ordem de ir tomar na pequena salina vinte e cinco ou trinta lastos de sal, que o general soubera estarem na praia. O navio *Leyden* e o hyate *S. Domingo* navegaram de longo da costa para dar uma vista ao castello, que demora junto da salina grande da ponta de Araya, e observar si havia alli alguma cousa que fazer. Sendo chegados nas cercanias do castello, este fez fogo contra os navios, mas não segundo o numero dos canhões que diziam haver nelle, o que deu aos nossos a suspeita de não estar bem provido de polvora. Estiveram tambem diante da pequena salina; passaram-se á terra um troço de soldados e marinheiros; encontraram uma porção de peixe sêcco, que levaram para os navios, alem de vinte lastos de sal, que alli estava em monte. Neste entretanto o general, proseguindo em sua viagem, cahiu em calmaria, e em pessoa metteu-se em um batel, e foi reconhecer o porto, onde antes de anoutecer ainda entraram os navios. Achou o porto em seu interior tão largo e capaz, que bem podiam surgir dentro delle todos os navios da Hollanda, e sem ancoras nem proizes, pois se pode entrar tanto por elle, que não se venha a ver o mar nem apparencia delle. Sendo chegado ao lugar, onde tencionava surgir com os seus navios, avistou ao lado opposto um navio, que a chalupa e os bateis foram buscar: não havia nelle senão cabos fixos e de laborar e duas colubrinas, não se encontraram vergas, nem velas, nem munição alguma de guerra. Ao

seguinte dia os bateis entraram mais para dentro do porto, e foram ter a um lugar, onde havia algumas casinhas; acharam alli muitas laranjas, milho e outros refrescos. O general ordenou aos capitães que dessem querena e limpassem os navios, que por navegarem muito tempo, andavam mui sujos. Os Hespanhoes, sabendo da vinda dos nossos, foram ter áquellas casinhas e as queimaram, bem como o milho que ainda havia nellas, de modo que, quando os nossos a 7 tornaram a ellas para tomar o que lhes conviesse encontraram tudo queimado e destruido. O general ia de quando em quando aos navios que estavam surtos junto da ponta. Dentro do porto procuraram os nossos agua doce por toda a parte, mas a não acharam, o que é um grande senão para este excellente sitio. Assim, limpos todos os navios, e providos de lenha e lastro, quando vieram a 23, por volta de meia noite, começaram a sahir, e sendo manhã eram fóra da barra, e alli surgiram.

Neste entretanto os Hespanhoes do castello grande junto da salina mataram dous soldados e agarraram seis, dos navios que estavam á carga de sal na pequena salina, quando se achavam elles em terra descuidados e entretidos em pescar; e sem duvida teria o inimigo tomado tambem o bafel, si não acudissem bravamente os dos navios, jogando os seus canhões contra elle. Ao outro dia todos os navios trabalharam por juntar-se com os que estavam junto da ponta, o que porém só conseguiram a 25. O general, avisado da prisão de alguns dos seus, empregou todos os meios por libertal-os; mandou recado ao governador do castello, propondo-lhe a commutação dos seus por muito maior numero de prisioneiros hespanhoes, mas o governador não attendeu a cousa alguma, pretextando ordens em contrario do seu amo de mandar todos os prisioneiros para Hespanha. A 28 o hyate Porto-Rico foi despachado para a Republica, para trazer cartas e dar razão do que passára até ao presente, e o general seguio com sua frota para Santa Fé, a cuja vista chegou uma hora depois do pôr do sol.

Aqui foram immediatamente desembarcados todos os soldados para guardar a gente que fazia aguada; e a fizeram com tal promptidão, que em dous dias ficaram os navios assás supplidos d'agua. A agua deste lugar é boa, e facil de buscar no lado meridional da bahia diante de um riozinho d'agua doce; mas como este sitio dista somente cinco leguas da ponta de Araya, e fica perto de Comena, não ha fazer aguada nelle senão á mão armada. Apanharam algumas cabras nas ilhazinhas, que demoram diante da costa da terra firme, isto é aos 2 dias do mez de Abril, que foi quando a frota se fez á vela. Depois do meio dia com a brisa ou ventos de leste deitou caminho pela derrota do oeste, e sendo fora das ilhazinhas singrou, e á noite orçou para não escorrer Commanegot. O capitão Banckert teve ordem de fazer a travessa de Hispaniola com o navio *Jonghe Tijger*, a fusta e o *Nieuw-Nederlandt*, para ver si podia apresar alguns navios hespanhoes. Sobre a noite do seguinte dia a frota chegou diante de Commanegot; o general mandou adiante um hyate que navegasse de longo da costa para ver si em alguma parte estavam surtos navios inimigos. O general, tendo mandado a todos os navios cartas fechadas, por onde se governariam, caso succedesse apartarem-se uns dos outros,

escarpada; á ponta ossudoeste, chamada Negrilho, encontrou porto, em que se pode surgir abrigado da brisa e dar querena a um navio. O capitão do *Goude Sonne*, Jan Jarpersz. de Laet, tendo investigado todos os recantos da ilha, encontrou á sombra de terra uma grande *piragua*, como chamam as pequenas embarcações dos indios, abandonada dos seus tripolantes, que haviam fugido; nella encontrou setenta e seis couros, cincoenta pequenos vasos com sebo, e vinte porcos salgados. A 7 encontraram o capitão Banckert com a fusta, o qual como atrás se disse, foi expedido da frota na entrada de Abril. A 9 de Abril descalhiram sobre a costa de S. Juan de Porto Rico na altura da ilha de Mona. Ao romper do dia 10 avistaram quatro velas, a que logo deram caça. As ditas velas, dando fé dos nossos, viraram em roda; sem embargo disto, antes do meio-dia, os nossos acercaram-se dellas, e entraram a atirar contra o navio maior, vice-almiranta daquella flotilha, em cujo mastaréo de velacho estava arvorada a bandeira do rei de Hespanha. Mantinha-se a barlavento dos outros de sua companha, com a vela grande desferrada. Duas ou tres vezes prolongaram-se com a vice-almiranta inimiga os nossos navios, atirando-lhe com os seus canhões e mosquetes, fogo por ella correspondido. Neste entretanto deixaram-se ficar atraz dous dos navios inimigos, o *Tijger* abordou um delles e o rendeu; delle retiraram vinte e trez homens, que foram encerrados no paiol das amarras, e puzeram-lhe guarnição de gente nossa, bem como o *Nieuw-Nederlandt* junto delle para vigial-o. O *Commandeur* Banckert seguio os outros, e acercou-se de um navio com quatorze peças, que ficára atraz; varias vezes tentou abordal-o, mas não o conseguio porque o navio inimigo se esquivava guinando. Este labutar o trouxe occupado até á noite, perseguio o navio hespanhol até á costa, fazendo-lhe fogo sem cessar; por volta de meia-noite o abordou e rendeu, mas os hespanhoes, com excepção de sete ou oito se pozeram em salvo em terra. Esta caça fez o *Commandeur* aproximar-se tanto da costa, que teve de lançar ancora e rebocar ao mar o seu navio. O navio tomado que se havia approximado mais da costa, encalhou, pendeu sobre o lado, e assim ficou. Isto passou-se obra de doze leguas acima de S. Domingo. A 11 os nossos viram o outro naviozinho hespanhol surto á sombra de terra; seguio para lá o batel, os nossos não encontrando ninguem o trouxeram. Foram ter tambem dous bateis ao navio encalhado, e tornaram mui carregados de tabaco e couros; este mesmo dia ainda lá foram ter uma vez, e ao outro duas; e porque o dito naviozinho estava mui pendido com a pôpa contra a costa, não poderam tirar-lhe as peças, e resolveram pôr-lhe fogo. O *Commandeur* seguio para Saona, onde chegou a 13, e encontrou o *Nieuw-Nederlandt* com a nova de haver sossobrado o navio rendido. Ao outro dia o *Commandeur* deu-se pressa em seguir para S. Domingo em procura do galeão, mas foi trabalho perdido, pelo que proseguio em sua viagem para Jamaica. Os navios hespanhoes de que temos fallado, eram os que estavam á carga, quando os nossos observaram o porto de S. Domingo, como atraz se disse; o maior era um galeão, que se escapou á força de velas, e como se soube pelos prisioneiros, estava carregado de vinte e quatro mil couros, muito gengibre e outros generos; do que encalhou pouca cousa se

tirou, e no que levaram ao porto Negrilho, e alli descarregaram, acharam-se trez mil e seiscentos couros, cousa de vinte e cinco lastos de gengibre, e uma porção de madeira vermelha. A 9 de Maio o capitão Hendrick Lucifer juntou-se tambem com a frota.

Providos algum tanto os navios no porto Negrilho, e esmados os viveres e bebidas que havia em cada um, quando veio a 15, partio a frota e se foi pela derrota do noroeste e nornoroeste. A 17 o general vio a ilha do grão Cayman, que é mui baixa, e cujo lado oriental é mui sujo; emprocu para lá, e rodeou-a pelo sul. A frota navegou todo o dia até ao pôr do sol, e era seguramente meia-noite primeiro que alguns navios aportassem. Surgio a frota em uma grande bahia arenosa á banda occidental, em doze e treze braças d'agua. A nossa gente apanhou nella muitas tartarugas e crocodillos, cujo nome trazem estas ilhazinhas. Partio a frota pela derrota do noroeste. Cahio em muitas calmarias, e as aguas a tiraram assás para oeste, com que, sem haver vista de terra, a 13 foi em altura de 21° 48'; ao outro dia observaram-se as terras altas da ilha de Pinos que era a lessudeste com os nossos navios. Alli deram caça a um naviozinho, que estava entre os Caios (assim se chamam as ilhotas de areia mui numerosas, que demoram diante da ilha de Cuba); e como nenhum dos hyates ousasse seguir o naviozinho por entre aquellas ilhotas, cujas aguas são pouco profundas, acompanhou-o Galeyn van Stapels com duas chalupas até á costa da ilha de Cuba, e o tomou, tendo os tripolantes fugido para terra. Era um naviozinho novo, e estava em lastre; poz-se-lhe guarnição, e por capitão o filho de Lucifer; isto succedeu na entrada de Junho. Ao outro dia era a frota de través com o cabo de Corrientes, que na ponta sudoeste é mui sujo. Ao noroeste do mesmo cabo ha uma grande enseiada, onde se pode surgir abrigado dos ventos do leste e sul. Ponde o cabo ao sudoeste comvosco, e como virdes bom fundo, surgí. Nesta enseiada encontra-se agua doce em um poço. A 5 o general houve vista das terras altas do rio de Porcos, e pois já havia passado o cabo de Santo Antonio, bem como os Orgãos. Pairou nesta paragem e pouco caminhou para leste, pelo tempo estar bonançoso e tirarem as aguas para oeste. O general mandou lançar pregão em todos os navios, declarando que, pois achava-se a frota em uma paragem, onde com ó adjutorio divino esperava fazer proveitosa sua viagem, ninguem, em sendo tomado algum navio, se desse pressa em abrir caixas e volumes, primeiro que elle desse as suas ordens, e caso tal succedesse, o damno seria lançado á conta do capitão do navio, cuja gente commettesse o delicto, e os delinquentes rigorosamente castigados. Sobre a tarde tornou a ver os Orgãos, e emmarou-se, mas depois deu volta para terra. A 8 vio a Coróa. Ao outro dia os hyates tomaram um barcozinho hespanhol com tres homens e sessenta ou setenta tartarugas; pelos tripulantes soube-se que nem os navios de Honduras, nem a armada de Nova-Hespanha eram chegados a Havana, mas que alli se esperava chegassem em breve. Aqui ficou a frota retida alguns dias, sem deitar muito caminho; notou-se que as aguas tiravam ainda para oeste, e tanto mais tesas eram quanto mais chegado á costa; querendo pois ir para leste, haveis de evitar a terra, e

navegar pelo meio do canal em altura de 23 gr. e meio. A 13 era a frota junto do porto de Cabanas. Mencionaremos aqui de passagem o que encontramos escripto no diario de Jan Jaspersz. de Laet dos portos e surgidouros, que ha nestas partes da ilha de Cuba, passado o cabo de Santo Antão, os quaes são os seguintes: primeiramente encontrareis o rio dos Porcos, obra de vinte leguas a leste do dito cabo; depois a bahia Honda, cinco leguas a leste do rio de Porcos, nella surge-se por traz de um arrecife em quatro, cinco, seis e mais braças d'agua, como se queira; segue-se tres leguas a leste da bahia Honda o porto de Cabanas, e trez leguas mais para leste o porto Marien, os quaes trez portos são bons para navios grossos de quinhentos e seiscentos toneis, mas Cabanas e Marien são os principaes. Tres leguas a leste de Marien ha o porto chamado Baracoa, que só serve para barcos e navios poquenos; segue-se Havana, distante trez leguas de Baracoa; oito a leste de Havana ha o porto chamado de Arcoco, que serve para navios de tamanho arrezoado, e seis leguas a leste deste fica a bahia de Matanças.

A 14 o general entrou no porto de Cabanas com cinco bateis bem tripolados, e encontrou em uma ilhazinha pegada com a terra um navio havia pouco construido, que estava quasi de todo prompto com sua mastreação, estais e massame, do porte pouco mais ou menos de cem lastos, e na ilha muitas taboas, aprestos para outro navio e instrumentos de carpinteiro, bem como alguns mantimentos. Entraram todos os navios neste porto. A dita ilhazinha foi occupada por uma bôa força; ha nella tal abundancia de mosquitos, e são tão crueis em suas ferroadas, que não ha descançar durante a noite. A 16 o general sahio em terra com alguns setecentos homens á banda oriental da bahia; encontrou um caminho trilhado, mas assim estreito que não podiam caminhar emparelhados mais de dous homens. Tendo caminhado uma hora, e passado por um regato de uma bonita agua corrente, foi ter a um *curraí* (lugar onde se guarda o gado), e não encontrou os moradores, que, avisados pelos cães, se puzeram em salvo. Os nossos houveram aqui ás mãos cincoenta porcos, oito novilhos cevados e muito toucinho defumado, e bem assim vinte mil laranjas, alguns mil limões, bananas e outros refrescos. Depois de descançarem um pouco e deitarem fogo ao lugar, se tornaram a pôr a caminho com o seu esbulho, mas foram molestados por tão fortes aguaceiros, que passaram trabalhos por muito tempo, primeiro que fossem ter aos bateis. Neste entretanto o capitão do *Goude Sonne* sahira ao mar em sua chalupa em demanda de uma vela, que vira ao largo, e a trouxe: era um barcozinho com cinco hespanhoes, e cento e vinte tartarugas vivas. O general mandou esbulhar o navio novo, de que fallámos, de sua mastreação e tudo o mais que podia ser utilisado, e em seguida pôr-lhe fogo. A 17 foi levado ao porto mais um naviozinho hespanhol, que o *Nieuw-Nederlandt* e *Lucifer* tomaram diante de Havana, carregado sómente de peças arqueadas e outras madeiras para construção de navio; tambem foi queimado. O *Draeck* e *Westcappel* tiveram ordem de sahir para cruzar, e não longe de Havana tomaram um barco vindo de Campeche, que não continha digno de mensão senão mil e duzentas gallinhas, uma caixa com cochonilha, cem piastras e alguns volumes

com sapatos e quinquilharias; estavam nelle vinte Hespanhoes. Tiraram os generos e os tripolantes e puzeram fogo ao barco. Pelos prisioneiros nada souberam da armada que se esperava. Durante todo este tempo andaram os nossos mui occupados em procurar agua; encontraram um formoso arroio, cujas aguas não eram de todo doces, mas força foi contentarem-se com ellas em falta de melhores. O general, deliberado a sahir, mandou sondar a barra, e por duas canôas, por entre as quaes passassem os navios; estes sahiram a 18 sem soffrer damno algum. Fóra da barra encontrou quatro dos hyates, os quaes pela manhã haviam tomado mais um barcozinho hespanhol carregado de tartarugas. As aguas corriam ao presente para leste, com que sobre a tarde a frota foi ter diante de Havana e tão perto della, que se podiam ver facilmente os navios surtos no porto. Os hyates acercaram-se tanto do castello de S. Christovão, que deste fizeram fogo contra elles. Segundo asseveram os Hespanhoes, este castello, que se levanta na ponta oriental da barra, monta alguns sessenta canhões, e igual numero o outro, que lhe é fronteiro e se levanta mais baixo, o que não é crivel; todavia comprehende-se que os navios, que quizerem forçar a entrada, correrão grão perigo. Ao outro dia era a frota um pouco a este de Havana. O general ordenou que por aqui se conservassem dous ou trez hyates, e mandou outros tantos para oeste, que estanciariam até ao porto Marien e mais longe, para andar de vigia aos navios que viessem de mar em fóra, e elle em pessoa seguio com os seus navios grossos e alguns hyates, e passou por dante dos castellos, cada um dos quaes o salvou com tiros. Parece que os Hespanhoes receiavam que a nossa frota entrasse no porto, pois puzeram sete navios e alguns barcos uns atraz dos outros defronte da barra. Como a frota estava ao presente acercada de terra, foram colhidas as velas, e mareando as velas de ré, singrou com prôa ao norte. Ao outro dia tornou a acercar-se da barra; e assim esteve a pairar por alli, com bom tempo. Assim estanciando a frota, a 25 as chalupas do *Draech* e *West-cappel* tomaram um naviozinho hespanhol, procedente de Campeche, com carga de sal, milho, peixe, algumas poucas mercadorias, dinheiro, e algumas mil e duzentas gallinhas; levava tambem oito passageiros, era tripolado por doze marinheiros, por quem souberam que nem em Campeche nem na Nova Hespanha havia noticia da nossa armada.

A 26 começou o general a sentir-se incommodado, ao seguinte dia ardia em febre; e como esta se mantivesse, tendo elle dado as suas ordens sobre as cousas da frota desde o começo de sua molestia, quando veio aos 2 dias de Julho, descançou no repouso eterno, deixando nome de chefe avisado e de bravo e intrepido marinheiro. O geral dos seus choraram o seu passamento. Morte foi esta muito nociva á Companhia: como a frota estava assás desfallecida de viveres, e especialmente alguns navios, que já anteriormente tiveram de supprir com os mantimentos de outros, desde muito andava a companha pouco desejosa de permanecer no mar por mais tempo, mas continha essas suas más disposições pelo respeito que impunha o general. Tanto que este morreu, e que segundo sua vontade o pavilhão do almirante foi levantado pelo vice-almirante Adriaen Claesz., e passou a vice almirante o

sota-almirante Cornelis Claesz. Melckmeyt, acabaram-se aquelle respeito e predominio, e primeiro em um navio e depois em outro entrou a companha a amotinar-se. E comquanto o almirante avisadamente mandasse tomar nota das provisões, que havia em cada navio, para o effeito de repartil-as igualmente por todos, não consentio a gente de alguns que delles se retirassem mantimentos, e fossem destribuidos com os que estavam desfallecidos, e fizeram força aos seus officiaes, de modo que o almirante, querendo acautellar futuras desordens e desastres, se vio necessitado a tornar com a frota para a Republica; e de feito partio caminho della, depois de se haver provido d'agua na bahia de Matanças, onde se detove até ao dia 12 deste mez. A maior parte dos navios chegaram aqui por fins de Agosto. Esta inopportuna retirada da frota do general Boudewijn Hendricksz. das aguas de Havana não sómente foi parte para que a Companhia recebesse esta formosa armada assás falta de esbulhos e mui estragada, senão tambem para que perdesse a conjunctura mais azada, que jamais teve, de fazer damno ao inimigo, como passamos a contar.

No começo deste anno a Companhia havia apparelhado uma luzida frota para o effeito de reforçar e auxiliar a do general, e deu a capitania della ao bravo Pieter Pietersz. Heyn, de quem já havia sido bem servida. Os navios aprestados pela Camara de Amsterdam foram os seguintes: o navio *Amsterdam*, almiranta, trezentos lastos, oito peças de bronze e trinta e duas de ferro, cento e quarenta marinheiros, sessenta e quatro soldados; o navio *Hollandia*, trezentos lastos, seis peças de bronze e vinte e quatro de ferro, cento e trinta e quatro marinheiros, quarenta e quatro soldados, capitão Jan Jansz. Zuyl; o navio *Geldria*, trezentos lastos, seis peças de bronze e vinte e oito de ferro, cento e trinta marinheiros, cincoenta soldados, capitão Jan Kartensz.; o navio *Zutphen*, cento e setenta lastos, quatro peças de bronze e vinte e quatro de ferro, cento e onze marinheiros, e quarenta e quatro soldados, capitão Pieter Gerritsz. Roodt; *Pinas*, cem lastos, dezoito colubrinas, sessenta e seis homens, capitão Laurens Simonsz. van Grals; o hyatezinho *Rave* (Corvo), quinze lastos, cinco colubrinas, quatorze marinheiros, capitão Willem Joosten; *Sparwer* (Gavião), quinze lastos, quatro colubrinas, dezenove homens, capitão Jan Conraedsz. A Camara de Zelandia armou o navio *Walcheren*, duzentos e oitenta lastos, duas peças de bronze e vinte e oito de ferro, cento e cincoenta marinheiros, vinte e cinco soldados, na qual iria Cornelis Cornelisz. Oole, como vice-almirante; *Arendt* (Aguia), oitenta lastos, doze colubrinas, sessenta homens, capitão Claes Pietersz. Wittebaerdt. A Camara de Mosa concorreu com os seguintes: o navio *Neptunus*, duzentos e trinta lastos, vinte colubrinas, cento e sete marinheiros, trinta e sete soldados, em o qual iria o sota-almirante Pieter Stroffelsz. van Eycken; o hyate *David*, sessenta lastos, quartoze colubrinas, cincoenta e oito homens, capitão Thomas Cornelisz. Condé. A Camara do districto do Norte aprestou o *Oragnien-Boom* de Enchuysen, trezentos lastos, quatro peças de bronze, de vinte e quatro libras de bala, e vinte e nove de ferro, cento e cincoenta e dous homens, capitão Gerrit Jansz. Eisens. A Camara de Groninga

apreston o navio *Goude Leeuwe* (Leão de ouro), duzentos e cincoenta lastos, duas peças de bronze e vinte e seis de ferro, cento e dezenove marinheiros, e setenta e um soldados, capitão Hendrick Best; o hyate *Vos*, setenta lastos, dezesseis colubrinas, oitenta homens, capitão Jan de Braem. Compunha-se pois esta frota de nove navios grossos e cinco hyates, o que não era uma grande força naval para por si só pôr em effeito a empreza a que particularmente foi mandada, mas junta com a do general Boudewijn Hendricksz., que andava no mar, seria em estado de poder fazer rosto a toda a armada de Hespanha.

O hyate *Vos* foi mandado diante a 11 de Abril para procurar a armada do general, e avisal-o como est'outra seguiria brevemente. Faremos primeiro breve relação da viagem deste hyate. O mez de Abril estava quasi findo primeiro que o *Vos*, pelos tempos contrarios, transpuzesse o canal; porem depois teve tal avanço, que, sendo a 27 de Abril ainda junto do cabo Lisard, a 28 de Maio havia vista da ilha Dominica, uma das Caraibas. Como reinavam enfermidades entre a tripolação, o capitão deu fundo em dita ilha para haver refrescos dos selvagens, como houve no primeiro dia, ainda que poucos; mas no segundo dia mostraram elles sua má indole, ferindo trez dos nossos homens, e maior damno houveram feito, si a nossa gente não desse sobre elles com os seus mosquetes. A 30, passando por Guadalupe, o capitão veio á falla com dous navios francezes, que em Matinino e Santa Luzia perderam alguns vinte homens, sorprendidos e mortos pelos selvagens; sirva isto de escarmento para que tratem com muito resguardo essa canalha selvagem e má, e não saiam em terra senão bem armadas, e sendo em terra, andem de sobre-aviso. Passou depois o capitão por Nieves e S. Christovão, e na altura desta ilha soube por um pirata francez que o general estivera, dous mezes atraz, na ilha de S. Vicente, o que não era verdade. A 2 de Junho chegou á banda meridional da ilha de Santa Cruz, mas, por respeito dos parceis e penhascos, que demoram ao longo de toda esta parte de dita ilha, não póde achar porto algum. Daqui foi ter a Saona, e não encontrando nesta ilha nenhum signal da frota, nem agua, de que andava necessitado, mui penosamente andou a bordejar para traz em demanda de Mona. Esteve no remate occidental de Porto Rico, onde houve uma pouca d'agua, bem como em Mona, e resolveu atravessar para a terra firme a ver si colhia alguma noticia da frota. A 19 de Junho partio de Mona. A 23 avistou a ilha das Aves, e deu as velas para a terra firme, e ainda á tardinha deste mesmo dia foi perto della, obra de seis ou sete leguas ao oeste de Caracas, onde avistou terras mui altas e talhadas a pique, e montes cujos picos atravessavam as nuvens. Trabalhou por deitar caminho para leste bordejando; mandou á terra uma chalupa bem armada; os seus tripolantes encontraram um rio, por onde entraram um pedaço, e viram que elle tem de largo na bocca bem um tiro de colubrina; demora cousa de seis leguas ao oeste de Caracas. A 25 era o capitão á carão de Caracas; avistou seis navios, que estavam surtos ao abrigo do forte. Como cahio em calmaria, se vio obrigado a dar fundo em cincoenta braças, que si o não fizera, seria impellido até ao alcance da

artilheria do forte. Neste entretanto appareceu um navio hespanhol vindo de leste, que se foi metter debaixo do forte, porquanto os nossos, pela calmaria, não poderam dar á vela. A 28 foi o capitão junto do cabo Caldera. A 3 de Julho houve vista da ilha Margarita. Ao outro dia chegou diante do forte, que demora a cavalleiro da grã-salina atraz da ponta de Araya. Os do castello, conhecendo os nossos, deram trez tiros de peça, que não attingiram o hyate. A 5 deu fundo na extremidade occidental da ilha Coche, sahindo gente em terra para procurar agua; não a acharam, nem viram pessoa alguma, mas sómente muitas cabras. Ao outro dia tornando os nossos a desembarcar para caçar cabras, e se fiando em não terem visto gente na vespera, descuidaram-se, e foram sorprendidos por doze ou treze hespanhoes e selvagens, que nos mataram seis e feriram gravemente trez. A 9 partio o capitão, e governou para o remate oriental de Margarita afim de haver novas da frota. Ao outro dia, não tendo sabido cousa alguma, se foi pela derrota do oeste. A 12 surgio á banda septentrional da ilha Tortuga, onde encontrou bom ancoradouro com quatro, cinco, seis e oito braças d'agua, e ainda mais, como se quizer. Aqui encontrou agua cavando poços; partio a 14, e navegou pela derrota do nornoroeste em demanda de Saona. A 18 foi sobre ella, e surgio para esperar a frota do almirante Pieter Pietersz. Heyn, que da outra nenhuma noticia segura havia obtido até então. A frota do almirante Heyn chegou poucos dias depois, como vamos a narrar.

O almirante Pieter Pietersz. Heyn sahio com sua frota dos portos da Hollanda e Zelandia aos 11 e 21 dias do mez de Maio. Sendo esta menos mal servida pelo tempo e pelo vento, aos 4 dias de Julho era chegada á altura de 14° 30' á banda do norte, e alli dividio-a o almirante em quatro esquadras: na primeira achava-se o mesmo almirante com os navios *Amsterdam*, *Oranguien-Boom*, *Pinas*, e os hyates *Sparwer* e *Rave*; a segunda compunha-se dos navios *Zutphen*, *Geldria*, e do hyate *David*; a terceira dos navios *Walcheren*, *Hollandia* e do hyate *Arendt*; a quarta dos navios *Neptunus* e *Goude Leeuwe*. Deu-lhes o almirante as necessarias instrucções e cartas de signaes, pelas quaes se haviam de governar. A 6 era a armada junto da ilha Barbadas, e costeou-a pelo sul; o *Sparwer* teve ordem de levar por mão as costas da ilha, a ver si nella estavam surtos alguns navios. Este hyate navegou tão chegado á terra, que os nossos poderam ver gente na praia; observaram ser a ilha arrezoadamente grossa e montuosa, coberta de arvoredo e mato; lançaram o prumo varias vezes, mas não poderam tomar fundo. Ao meio-dia era a frota em altura de 12° 13' e continuou sua viagem pela derrota do noroeste e nornoroeste. A' seguinte manhã houve vista de Matinino, que é terra mui grossa com mui altos medões, com que em partes se emparelham as nuvens, e o mais coberto de arvoredo; era a altura 14° 40'. Navegou de longo da terra, que se arruma ao sul quarta a sudeste e tambem a leste; pegado com ella ha um farilhão grande em fórma de pão. O almirante mandou o *Sparwer* dar vista á ilha; este hyate não encontrou bom ancoradouro, era tudo fundo penhascoso e mui escarpado, pois tomou sonda de vinte, trinta, quinze, e tambem seis braças, e no comprimento de um navio grosso perdeu o fundo. Ao romper do dia 8 o

almirante avistou a ilha Dominica, terra assás grossa; costeou-a, e ao meio-dia surgio á banda occidental della. Nesta ilha poucos refrescos se podem haver, sómente algumas fructas; encontraram nella uma arvore com folhas quasi redondas, que dá fructos semelhantes á uva verde, cujo sumo notaram ser mui util aos doentes de escorbuto. A maior commodidade que esta ilha offerece, é um formoso rio, onde se póde fazer facilmente aguada: os nossos entraram por elle em bateis, e encheram os barris. O porto, em que se surge, fica um pouco ao norte deste rio, e tem bom ancoradouro com dez e mais braças; fica quasi no meio da ilha. O almirante mandou tambem dar vista ao lado septentrional della, e alli encontraram uma bahia grande, mas sem ancoradouro, pois obra de um tiro de mosquete da praia não poderam tomar fundo. A 11 o *Zutphen* e *Pinas* tiveram ordem de seguir para Guadalupe, onde esperariam a frota. Estes navios navegaram por barlavento das quatro ilhazinhas, que são chamadas dos Santos, pela derrota do norte quarta a noroeste, e avistaram a barlavento uma ilha rasa, que suppuzeram ser Marigalante. Ao outro dia deram fundo em Guadalupe em vinte e cinco braças, fundo de areia. Os bateis tomaram terra, mas os nossos não viram pessoa alguma, e só no dia seguinte é que appareceram alguns selvagens, de quem houveram alguns refrescos. Vendo os selvagens que eram bem tratados dos nossos, por volta do meio-dia appareceram em numero muito maior; esta gente é formosa, e anda inteiramente nua. Os nossos encontraram uma canôa na floresta, a qual tinha algumas sete braças de comprido e uma de largo, e não obstante estas dimensões fôra cavada em uma arvore. A' tarde de 14 juntaram-se com elles o almirante e os seus navios. Para que podesse tornar quanto antes á sua viagem, mandou o almirante todos os commissarios dos navios fazerem em ordem trato de refrescos com os selvagens. Queixaram-se porém estes de que poucos refrescos tinham, por alli haverem ultimamente estado, diziam elles, os Francezes e Inglezes de S. Christovão, que pozeram fogo a todas as hortas e cabanas, e certamente foi esta a causa de andarem estes selvagens tão esquivos e medrosos dos estrangeiros. Ao outro dia tornou a frota a dar á vela, e caminhou ao rumo do noroeste, e a 17 estava acercada de S. Christovão. De Guadalupe a Monserrate contam-se obra de onze leguas pela derrota do nornoroeste, de Monserrate a Nieves cinco leguas pela derrota do noroeste quarta a norte, e de Nieves á ponta septentrional de S. Christovão seis leguas pela derrota do noroeste quarta a norte. A 17 a frota chegou depois do meio-dia junto á ponta noroeste de S. Christovão, e ainda póde avistar Nieves, bem como S. Eustaquio e Sabá; e proseguindo em sua derrota de longo das Virgens (que são muitas ilhazinhas intercortadas a leste da ilha de S. Juan de Porto-Rico) e da costa da dita ilha de Porto-Rico, a 21 foi ver Mona, onde ao outro dia deu fundo. O almirante não se deteve muito tempo nesta ilha, partio a 23, e navegou ora ao oeste franco, ora ao oessudoeste, e tambem ao oeste quarta a noroeste, pelo proposito em que estava de ter-se tão fóra da vista de terra quanto possivel fosse, para que os Hespanhoes não dessem logo fé de sua frota, e os navios inimigos assim avisados não se deixassem ficar nos portos. Ao outro dia juntou-se com a armada o

hyate *Vos*, cujo capitão, comparecendo a bordo da almiranta, referio que, segundo a ordem que recebera, havia procurado e indagado do general por toda a parte, mas que até então nem o topára, nem colhera nova segura delle, ficando assim o almirante duvidoso sobre o que lhe cumpria fazer, mas, para em todo o caso segurar o general, assentou de ir-se sem detença pela derrota do oeste.

Proseguindo em sua viagem de longo da costa meridional de Hispaniola, sem tomar terra em parte alguma, a 28 foi ver Navaza, que é uma ilhazinha baixa e fresca de arvoredo; tinha ao meio-dia a altura de 18° 2'. No fim deste mez mandou que os navios andassem algum tanto espalhados, para melhor vigiarem os navios contrarios, e que se tornassem a juntar aos 2 dias de Agosto nas paragens das ilhas Caymões. O hyate *Vos*, que anteriormente fôra mandado a percorrer as costas septentrionaes da ilha Jamaica, a 29 chegou junto do remate nordeste de dita ilha; á noite o capitão colheu as velas, e se deixou fluctuar; largou de novo o panno pela manhã, isto para que não passasse sitio algum sem o observar. Ao outro dia o capitão vio uma abra, que lhe pareceu ser um rio; este, segundo seu calculo, demora obra de trez leguas ao oeste da ponta nordeste. Mandou para lá uma chalupa, cuja gente observou que na entrada tem sómente trez e quatro pés d'agua; não viram pessoa alguma, mas uma porção de gado ás soltas. Sobre a noite deste dia era o *Vos* distanciado quatorze leguas da ponta nordeste. Ao seguinte dia o capitão encontrou uma bahia, onde se mettem alguns ribeiros, que, comquanto mui estreitos, não lhe pareceram todavia improprios para entrarem por elles navios levados a tôa, mormente um, cujas aguas são soffrivelmente doces, e parecem vir muito do interior da terra; vio muitos porcos, mas nenhum homem. Na entrada de Agosto continuou sua viagem de longo da costa: esteve em trez bahiazinhas, mas nellas, assim como nos sitios anteriores, só encontrou o deserto. Ao outro dia, tendo percorrido o resto da costa até ao remate noroeste, sem ter encontrado cousa digna de menção, se fez na volta dos Caymões, onde a 3 se juntou de novamente toda a frota. A 4 foram despedidos os hyates *Sparwer* e *David* em demanda da *ilha Verde*, que demoravia pelos 15 gr. e meio.

A frota seguio de longo dos Caymões. A 7 o almirante houve vista da ilha de Pinos, sita sobre a costa meridional da de Cuba. Ao outro dia o cabo Corrientes era ao noroeste quarta ao oeste comsigo em distancia de oito ou nove leguas. O almirante mandou içar uma flammula ao mastaréo de velacho, signal aos navios para se limparem o melhor que podessem, por estar mui bom o tempo. Tendo navegado na ante-manhã de 9 sete ou oito leguas pela derrota do noroeste quarta a este, estava a frota acercada das terras delgadas do dito Cabo, e o tinha ao norte quarta a nordeste, e por não ser vista de terra, navegou ao rumo do sudoeste. Ao seguinte dia avistou uma vela estrangeira, a que logo deu caça; foi tomada a dita vela pelo vice-almirante, e a 11 levada á frota: era um hyatezinho hespanhol com carga de duzentos e trinta couros e obra de oito mil libras de salsaparrilha, vinha do golpho de Honduras, e demandava Havana. Os prisioneiros deram nova que dous

outros navios ricamente carregados sahiram com elles de Honduras, e que a armada da Terra Firme não tardaria a vir. Ao meio-dia de 13 era a altura 23° 27'; notaram que as aguas tiravam fortemente a frota para o norte. Ao outro dia a frota permaneceu quasi na mesma altura. A 15 avançou um pouco para o sul; ao meio-dia era a altura 23° 34', ou, segundo o calculo de outros, 18'. Tomaram sonda de vinte e quatro braças e depois de dezesseis, fundo sujo de pedras, que suppuzeram ser o baixo do cabo de Santo Antonio. Avistaram duas velas estrangeiras, uma das quaes foi tomada pelo hyate *Vos*, vinha de Campeche com carga de sal e peixe; a outra desappareceu antes que os nossos se acercassem della. A gente do naviozinho tomado disse que a frota estava sobre os baixos do cabo Catoche, pois ha ao norte de dito cabo uma grande baixia, onde se pesca muito peixe. Em distancia de sete leguas da costa ha sómente oito braças (com navios grossos não convém que vades muito além desta distancia), e a pouco e pouco o mar se vai aprofundando desde as oito até as dez, quinze, vinte, trinta, quarenta braças, e então vos achareis alongado da costa seguramente quinze leguas. E como a frota estava agora na paragem, em que devia esperar os navios inimigos, a todos os capitães ordenou o almirante que envergassem o velame novo. Aos seguintes dias botou o mais do caminho pela derrota de leste, e manteve-se quasi sempre na altura de 22 gr. ora 40, ora 30 minutos. A 21 era junto do cabo de Santo Antonio. O hyate *Vos*, mandado a tomar sonda dos baixos, metteu-se muito em terra por quatro e cinco braças; era tudo esparcelado com areia branca entre os parceis. A frota emmarou-se por não ser vista do inimigo. A 24 o hyate *Vos* houve vista de uma vela estrangeira, que vinha direitamente contra elle, mas, entendendo o perigo, deu volta; os nossos logo a alcançaram e tomaram. Era um naviozindo hespanhol com carga de obra de trez mil couros, uma porção de sebo e o mais sal; vinha de Bayamo, lugar situado na costa meridional de Cuba; e por ser assás veleiro, foram postos nelle um piloto e oito homens do hyate *Vos*. A 27 foram vistas duas duas velas estrangeiras mettidas em terra, os nossos se enviaram a ella, e por cahirem em calmaria, a chalupa do *Arendt* tomou uma, e a outra se escapou, porque estava mui perto de terra e foi servida de uma aragem. Era a frota ao norte do cabo de S. Anton sobre uma baixia, em que havia sómente cinco braças d'agua, a qual é grande, e se estende de longo da costa até ao rio dos Perros; ao ser tomada é inclinada, e quando se avança algum tanto para o norte penhascosa, pelo que cumpre que se ande com bôa vigia; não é bom tomar esta restinga com navios grossos, pois em uma prumada sondam-se vinte braças, em outra dez, e logo depois cinco. A vela tomada era um barcozinho com carga de mil e sessenta e sete couros, uma pouca de carne secca e sébo. Os seus tripolantes deram nova ao almirante que o general Boudewijn Hendricksz. fallecera na altura de Havana, e sua frota se tornára via da Republica pelo estreito de Bahama, com que houve o almirante por excusado andar d'ora em vante á procura do general. Os generos deste barco, bem como os das mais prêsas, foram quasi todos baldeados para os navios *Hollandia*, *Geldria* e *Pinas*,. Em os seguintes dias a frota ainda se deteve nas cercanias do cabo Santo Antonio

e sete e oito leguas mais para o norte delle. As terras de Cuba se representavam feitas em lombas, mas não mui grossas. No fim deste mez por tarde descahio sobre a frota um naviozinho inimigo, que foi apprehendido pelo *Goude Leeuw* na altura de 22 gr. e meio; vinha de Nova-Hespanha com carga de bolacha e farinha, uma pouca de salsaparrilha, quarenta e oito couros, curtidos e não curtidos, uma caixa com mercadorias, cento e sessenta e uma piastras, alguma prata lavrada e joias de ouro. Soube-se pelos seus tripolantes que a armada de Nova-Hespanha havia partido cousa de um mez atraz do porto de S. Juan de Ulua para Havana, pelo que era de crer que já então fosse chegada a este ultimo porto. Na entrada de Setembro a frota ainda se manteve nas paragens do dito cabo. O naviozinho tomado foi descarregado, e, esbulhado de tudo o que podia servir, largaram o casco ás ondas. Vendo o almirante que era escusado deter-se no cabo, e fazendo conta que as armadas já então haviam de se achar em Havana, se deliberou a seguir para as Tortugas a ver si podia haver ás mãos alguns navios retardados. A 2 de Setembro a frota deu ás velas caminho do norte; ao meio-dia era em altura pouco mais ou menos de 23°. A 4 altura de 24° 30', e ao outro dia, como fizesse bom tempo, ordenou o almirante que se limpassem os navios o melhor que podessem. Começou a frota a tomar o fundo das Tortugas em cincoenta braças, e governou então ao rumo de leste. A 6 sonda de trinta e duas braças. Ao seguinte dia altura de 24° 40', sonda de dezeseis braças; as Tortugas eram em distancia de legua e meia leste oeste com a frota. Esta navegou cinco ou seis leguas pela derrota do sudoeste, e depois obra de onze leguas pela do sudeste quarta a sul, com que ao meio-dia de 8 foi outra vez em altura de 23° 58'. A 9 amanheceu sobre o cabo da Florida em nove braças, terra delgada com praias de areia branca; estava este cabo ao norte da frota. Esta deu volta para o sul, pelo mar se fazer repentinamente raso, perdendo muitas vezes vinte braças d'agua em a distancia de um tiro de colubrina. Por volta de meio-dia o almirante avistou primeiramente seis ou sete velas, e cada vez mais, chegando por fim a contar mais de quarenta. Mandou içar a bandeira do Principe no mastro e na pópa, e o mesmo fizeram os mais navios; por estar a barlavento da armada contraria, afastou-se até que debaixo podesse ver distinctamente e contar os navios hespanhoes. O almirante, mettido o leme a sotavento, convocou a seu bordo o conselho secreto, e posto o caso em consulta, não houveram por acertado accommetter com tão poucos navios aquelle poder de náos, pelo que soltaram-se as velas, e logo a nossa frota perdeu a vista da armada hespanhola. Si acaso a frota do general Boudwijn Hendricksz. alli se achasse junta com a do almirante, fôra esta a conjunctura mais azada, que em muitos annos se deparou, de fazer damno ao inimigo, mas Deus não foi servido de o permittir. O almirante teve não somente de deixar passar incolume a armada hespanhola, como nem sequer pôde acompanhal-a para apprehender algum navio, que se deixasse ficar atraz, por faltar-lhe a agua necessaria para tão longa viagem; e pois deu-se pressa em procurar onde fizesse aguada.

Ao meio dia de dez era a sua frota em altura de 25° 12'; olhando para traz, ainda se podiam ver os navios hespanhoes a sotavento. Ao outro dia era sobre

a costa da Florida, terra chã, coberta de arvoredo, com formosas praias de areia branca, mas não se póde tomar sonda. A costa corre geralmente norte sul; notaram que uma corrente tesa os tirava para o norte. A frota fez-se ao largo, e navegou como duas leguas ao sudeste quarta sul, e ao romper do dia procurou fazer-se de novo á terra. A 12 andou a bordejar de longo da costa da Florida; acudiram trez canôas com selvagens á volta dos navios. Estes selvagens são de medonho aspecto, por trazerem o corpo e a face tintos de muitos generos de côres, e mais andam nús, cobertas unicamente as vergonhas com um trançadozinho feito do entrecasco de arvores, tendo uma cauda por traz, de que pende um froco. Para commutar não tinham elles mais que certa gommá sem valor. Era a frota em altura de 28°, e ancorou em dez e onze braças, fundo de areia, apartada cousa de legua e meia da costa. Ao outro dia o almirante houve vista de uma vela estrangeira, que já tinha sido vista no dia anterior; foram os nossos traz ella, mas cahiram em calmaria, pelo que mandou o almirante que os bateis e chalupas fossem rebocar o hyate *Vos*, e o levassem ao encontro da dita vela. O capitão do *Vos* se foi a ella com a sua chalupa e a do almirante bem armadas. Neste entretanto sobreveio um vento galerno, com que os nossos se acercaram facilmente da vela, e isto vendo os Hespanhoes deram com ella em secco, e fugiram para terra com suas armas e o melhor de suas mercadorias; assim, apenas encontraram os nossos no naviozinho algumas especiarias, quasi tudo o mais eram folhas de sené, que não foram recolhidas por estarem muito molhadas, e porque os capitães não tinham conhecimento desta mercadoria. Este naviozinho demandava Havana, e levava dez libras de ambar amarello, como se soube pelas cartas encontradas nelle. A 14 tornou a frota a dar á vela, e governou ao sul. Foram mandadas duas chalupas á terra a ver si havia agua; os Floridenses indicaram aos nossos que se fossem mais ao sul, onde encontrariam uma passagem; para lá seguiram incontinente, e surgiram em seis e sete braças, fundo de conchas. Alguns moradores da terra vieram em suas canôas a bordo dos navios; eram de estatura alta, e estavam nús com as vergonhas cobertas com um trançadozinho. Pareciam ser mui simples, mas mostraram-se mui trapaceiros em suas commutações, posto não levassem aos navios mais que uma pouca de ouro e ambar amarello; eram uns pescadores que asssistiam naquella costa, mui alambazados no comer e insaciaveis de pão. Foi mandado á terra um troço dos nossos para segurar de todo o accommettimento os carregadores d'agua, por não se fiarem dos selvagens. Abriram em terra alguns poços, onde logo acudiu agua; mas o transportal-a é alli mui perigoso, e custou a vida a alguns homens, que se afogaram, bem como alguns esquifes, que o mar fez em pedaços, por quebrar com furia na praia. Observaram os nossos que esta passagem ou canal demora em 27° 30', ou segundo outros em 28° exactos. Tendo assim feito aguada, o almirante levantou-se com sua frota aos 22 dias de Setembro, e navegou pela derrota de leste e leste quarta a nordeste.

O almirante, assim desviado do seu principal intento, e tendo os navios cheios de viveres e outras provisões, que, alem das suas, havia levado muitas

para a outra frota), não podia soffrer em seu coração tornar-se á Republica com as mãos vazias; se deliberou pois a empregar todos os seus esforços por avançar para leste, e ir refrescar na costa d'Africa, donde depois se passaria á do Brazil para andar ás prêsas. Longa e mui penosa lhe sahio esta viagem; muitas vezes sentio-se anojado e quasi desanimado pelo rigor do tempo e lhe não terçarem os ventos que o fizeram descahir até 40° á banda do norte e passar muitos perigos; emfim, depois de muito divagar, quando veio aos 2 dias de Novembro, houve vista da ilha do Corvo, e ao outro dia da ilha das Flores, com que ficaram mui admirados os pilotos, que pelos seus pontos se suppunham alongados dellas algumas cento e setenta leguas uns mais, outros menos. Ao seguinte dia passou a frota entre as ilhas do Pico e S. Jorge, e no outro dia foi na paragem da ilha Terceira. A 5 estava acercada do remate occidental de S. Miguel, e alli se deteve alguns dias para ser despachado para a Republica o hyate *Avendt*, em que viriam os couros e outras fazendas tomadas; este hyate, achando-se prestes no dia 10, partio de rota batida para o seu destino, e a 15 de Dezembro chegou a Zelandia. Trouxe á Republica quatro mil duzentos e trinta e oito couros, cento e duas caixas de estanho, dez caixas redondas, mil duzentas e oitenta e duas libras de salsaparrilha, e mais algumas joias de ouro e prata lavrada. A 12 a frota foi servida de um bello vento nornordeste, e a 16 de Novembro tornou a avistar Porto Santo e Madeira. Havia na frota muitos doentes por causa da longa e trabalhosa viagem, que tiveram; fazia-se pois necessario tomar um porto em que a companha refrescasse. Deram os nossos uma vista a Selvagem, e acharam que não a podiam tomar. A frota a 22 passou por Tenerife, e emfim foi ver terras d'Africa ao norte de cabo Verde em altura de 15° 30'. Ao outro dia passou pelo cabo Verde, e sobre a tarde surgiu diante de Refrisco. Urgia que alli tocasse, pois havia um numero tão crescido de doentes nos navios, que alguns mal podiam ser mareados; morreram tambem muitos homens. Neste lugar poucos refrescos se podiam obter, alguns animaezinhos e cousas semelhantes; assim o almirante, depois de prover-se de uma pouca d'agua, quando veio a 24, partio para Serra Leoa, onde o encontraremos no começo do anno seguinte.

O anno passado a Companhia despachou pela Camara de Amsterdam para as costas do Brazil o capitão Thomas Sickes com o navio *Gulden Dolphijn*, cento e trinta lastos, trinta colubrinas, e cem marinheiros, e o hyate *Bruyn-Visch*, sessenta lastos, nove colubrinas, e quarenta marinheiros, capitão Joaquim Gijsen, que partiram do Texel aos 18 dias de Dezembro do anno passado. A 18 de Janeiro foi o *Commandeur* Thomas Sickes junto da ilha Lançarote, uma das Canarias, e ao outro dia junto da Grã-Canaria. A 20 rendeu um naviozinho portuguez chamado *Nossa Senhora do Rosario*, do porte de oitenta lastos, provido de seis colubrinas, o qual vinha de Port a Port em demanda de Tenerife com trinta homens e carga de arcos, aduellas, muitos viveres e algumas mercadorias. Como este navio durante quarenta e oito horas se havia batido com um turco nas paragens de Barles, abrira agua tão grossa que, trabalhando duas bombas dia e noite, mal se podia manter boiante, e a

24 foi ao fundo, sendo os seus tripolantes recolhidos nos nossos navios. A 29 fizeram-se encontradiços com o *Commandeur* o *Leeuwinne* de Zelandia, que se destinava ao Amazonas, o *Windt-Hondt*, capitão Direk Simonsz., e o *Trouwe* de Middelburg, capitão Hendrick Worst. A 4 de Fevereiro estavam todos em Tenerife, onde procuraram dar desembarque aos prisioneiros Portuguezes, mas a chalupa do *Leeuwinne* virou na arrebentação, e a sua gente foi presa em terra. Em os seguintes dias foram ellos trocados pelos prisioneiros portuguezes. A 6 partiram os navios caminho das ilhas do cabo Verde, e a 13 apartaram-se da conserva do *Commandeur* Sickes o *Windt-Hondt* e o *Trouwe*. Pela tarde de 15 o *Commandeur* houve vista das ilhas do Sal, e ao outro dia deu fundo em S. Vicente. Aqui encontrou um navio hespanhol queimado até *ao lume d'agua*, e delle tirou muita lenha. A 24 despedio-se o *Leeuwinne* para continuar sua derrota. O *Commandeur* Sickes, depois de refrescar-se assás nesta ilha, de haver tomado mais de trezentas cabras, e feito boa provisão d'agua e lenha, partio aos 9 dias de Março, e passou a *equinocial* aos 22. Na entrada de Abril era em em altura de 14º 15' á banda do sul, e ao outro dia envergou o velame novo. A 4 houve vista de terras do Brazil nas paragens dos Ilheos, e sobre a tarde avistou uma vela estrangeira, de que logo se acercou, ordenando-lhe que se rendesse; os Portuguezes pela torvação em que estavam, abandonaram o leme, vindo o navio a descahir directamente contra a prôa do nosso; e como o mar estava picado, não houve modo de se desatracarem, e foi a pique o navio contrario com cincoenta e oito negros, que eram ainda nelle, sendo recolhidos pelos nossos os Portuguezes e noventa negros. Este navio vinha dé Angola, e demandava a Bahia. A 5 era o *Commandeur* a carão do morro de S. Paulo, e por alli pairou; e como se quizesse desembaraçar quanto antes dos Portuguezes e negros, seguio para o rio das Contas, onde ancorou a 11. Neste rio foram desembarcados os Portuguezes e os negros, e os nossos fizeram provisão d'agua. Este rio das Contas, segundo observou o piloto, demora em altura de 14º 20'; tem commodidade para navios e hyates fazerem aguada, pois de baixa-mar tem quatorze ou quinze pés d'agua; de modo que um hyate pode entrar por elle e surgir, e assim segurar os bateis, que vierem do mar a tomar agua; quanto aos navios grossos, ficarão de fóra algum tanto largo da costa em quinze e dezesseis braças de bom fundo. Fica este rio cousa de trez leguas ao sul de Camamú, e outras tantas ao norte de Ilhéos. Para achal-o commodamente, acercai-vos tanto da costa que possais ver um homem na praia, e mandai então um batel navegar de longo della. Este rio em seu aspecto é uma quebrada ou abertura grande; da banda do sul ha trez ou quatro casas em um monte alto, e da do norte ha tambem duas ou trez na praia. A 13 partio dahi o *Commandeur* caminho da Bahia, em cujas paragens se manteve quatro ou cinco leguas largo da costa. A 20 encontraram-se com elle o *Windt-Hondt* e o *Trouwe*, que, como atraz fica, apartaram-se do *Commandeur* em S. Vicente. Chegados estes navios a 22 de Fevereiro em Serra Leoa, ahi refrescaram, vindo a partir a 18 de Março, e a 17 de Abril foram sobre a costa do Brazil na altura do morro de S. Paulo. O *Commandeur* resolveu entrar com elles na Bahia, como entrou, mas

vendo que onze navios alli estavam ao abrigo dos castellos, não achou prudente tentar cousa alguma ou deter-se por mais tempo. Deu volta para o sul, e encontrou o *Dolphijn*, com o qual foi ter ao rio das Contas para se bem prover d'agua, por andarem mui faltos della os hyates. D'aqui partio a 27, e no outro dia foi outra vez nas paragens da Bahia, e andou pairando fóra da vista de terra. Na entrada de Maio era em altura de 9° 17'. Ao outro dia houve vista de uma vela; e deu-lhe caça sem detença; os Portuguezes, dando fé dos nossos, correram contra a costa e como acalmasse o tempo foram tripolados os nossos bateis, e se enviaram á dita vela, e, sendo junto della, a encontraram encalhada e abandonada dos seus tripolantes, mas pelo embate e arrebentação do mar a não poderam safar. Depois de tirarem alguns pequenos vasos com oleo e pannos, os nosso abriram um grande buraco quadrado, por onde se precipitou a agua, e se fez a dita vela em pedaços. A 4 foi o *Commandeur* nas paragens do cabo de Santo Agostinho, e ao outro dia diante de Pernambuco. Pela tarde vio uma vela diante de si, a que logo deu caça; por noite, depois de quatro ou cinco relogios do quarto de modorra, o *Windt-Hondt* foi com ella e com alguns tiros a rendeu. Ao pôrem os do *Windt-Hondt* o seu batel ao mar, os Portuguezes largaram o panno com tenção de se escapar, mas atravessou-se-lhes diante o hyate *Trouwe*, e a tomou. Era uma caravella procedente da ilha da Madeira, e demandava Pernambuco; continha cento e oitenta pipas de vinho, e por estar mui carregada os nossos vasaram algumas sessenta pipas. Metteram nella vinte e quatro homens, tirados de todos os navios. O *Commandeur* a conservou em sua companhia e por vezes tirou della algumas pipas. Achando-se algum tanto impellido para o norte, a 9 caminhou para o sul afim de ir ter diante de Pernambuco. Ao meio-dia do outro dia foi em altura de 6° 40'. Neste dia se juntou com elle o *Windt-Hondt*. A 12 houve vista de uma vela, os nossos foram traz ella com empenho, e depois de uma curta briga a renderam; era um navio procedente de Pernambuco com carga de quinhentas e cincoenta caixas de assucar, e alguns couros seccos. O capitão do *Windt Hondt* poz nella dezesete dos seus homens, e a mandou para a Republica. O *Commandeur* Sickes a 17 tornou a ser diante de Pernambuco, e deu fundo trez leguas ao sul do porto. Pairou por alli; a 19 juntaram-se com elle o *Windt-Hondt* e os outros hyates. A 21, logo que foi manhã, avistou cinco velas, que de mar em fóra vinham contra elle, e suppondo ser o bispo, que os Portuguezes esperavam todos os dias de Portugal, levou ancora e se apercebeu para o combate, mas, em se acercando dellas, vio serem navios da Companhia, a saber, o *Leeuw* de Zelandia, capitão Jacob Bartsz., *Stadt en-Landen* de Groninga, capitão Hendrick Cornelisz. Reus, o *Bruyn-Visch*, capitão Joachim Gijsen, o *Brack* de Zelandia, capitão Jacob Adriaensz. Tant, com uma prêsa, que elle fizera, carregada de farinha e algumas poucas mercadorias. Esta presa havia sido tripolada e artilhada com duas colubrinas. O *Windt-Hondt*, o *Trouwe* e o *Brack* foram mandados a S. Aleixo para desembarcar os prisioneiros portuguezes. A 24 avistaram os nossos uma vela que perseguiram; approximaram-se della, mas, como cahiram em bonança, não poderam os navios proseguir, e lançaram-se os bateis ao mar; refrescou porém

o vento, e o navio encalhou no cabo de Santo Agostinho, não ousando os nossos ir ter junto delle, porque os Portuguezes se apresentaram em grande numero na praia. Ao outro dia o *Commandeur* deu fundo diante de Pernambuco, e a 26 foram com elle os hyates: haviam estes dado desembarque aos Portuguezes e trouxeram uma carta dos da terra, em que fingiam querer resgatar o barco carregado de vinho e outro carregado de farinha, pelo que o *Brack* e o *Trouwe* tiveram ordem de se approximar do arrecife para esperar a gente de terra. A' noite de 28 para 29 vieram de terra trez canôas bem tripoladas, e abordando o navio do vice-*Commandeur* lançaram dous fogos de artificio na popa e um no grande *tuft* (?), os quaes começaram a queimar, mas os nossos, dando logo fé delles, apagaram o incendio. O *Windt-Hondt* teve ordem de ir buscar os hyates, e a 2 de Junho se juntaram com a frota. Assentou-se em que a prêsa com carga de vinho fosse descarregada e queimada, e que seguissem para as aguas da Bahia o *Leeuw*, o *Trouwe*, o *Brack* e a tomadia deste, pairando dous ao sul e dous ao norte da barra, com ordem de se terem por alli até a entrada de Julho, em que dariam volta para Pernambuco. Nas aguas deste, perto do cabo de Santo Agostinho ficariam o *Dolphijn* e o *Windt-Hondt*; o navio *Stadt en Landen* com o *Bruyn-Visch* estacionaria trez ou quatro leguas ao norte do porto de Pernambuco. A todos estes navios foi dado regimento de esperarem uns pelos outros na ilha de Fernando de Noronha durante um mez, caso não se encontrassem nas paragens de Pernambuco findo aquelle praso. A 3 partiram, seguindo cada qual para o seu destino. Desde o dia 3 até 6 o *Dolphijn* e o *Windt-Hondt* andaram a cerrar o vento para se irem ao lugar determinado, pois o vento soprava rijo do sudoeste e lessudeste; cahiram sobre os 5 gr. e 14 min.; a 10 porem começaram a avançar algum tanto, e a 13 foram ver o cabo de Santo Agostinho, donde seguiram para a ilha de Santo Aleixo para haverem legumes para a tripolação, pois havia no *Dolphijn* muitos doentes de escorbuto. E como o *Commandeur* Sickes poucos legumes alli obtivesse para refresco de sua gente, assentou seguir com o *Dolphijn* para a ilha Fernando de Noronha, ficando o *Windt-Hondt* a cruzar nas paragens do cabo.

O *Windt-Hondt*, alli estanciando, a 22 por tarde houve vista de uma vela, de que se acercou ao outro dia pela manhã, e tomou-a perto do porto de Pernambuco e a carão delle. A dita vela carregava todo o genero de mercadorias embalada; ia de Portugal para Pernambuco. O *Windt-Hondt* fez-se um pedaço ao largo com ella, e as aguas o puxaram tanto para o norte, que a 29 se achou diante do Rio Grande; o capitão, não deparando sitio accommodado para dar desembarque aos prisioneiros, resolveu seguir com sua tomadia para as ilhas Caraibas, por lhe parecer que para o sul não poderia botar caminho. A 20 de Julho foi na altura de S. Vicente, e por não poder tomar o porto, deu as velas em demanda de Granada, onde foi surgir, e se proveu de lastro, agua e lenha com perda de dous homens, que foram sorprendidos e mortos pelos selvagens. Não se achava o capitão no verdadeiro porto, e teve de caminhar mais um pouco para tomal-o, e nelle houve muitos refrescos. A 29 tornou a partir. Desembarcou os seus prisioneiros na ilha Margarita, e

atravessou para Porto-Rico, junto da qual ilha chegou a 10 de Agosto. Proseguindo em sua viagem, passou entre esta ilha e a de Hispaniola, e a 6 de Outubro chegou á Republica com sua presa. Nesta foram encontrados cinco mil quinhentos e cincoenta e trez panninhos de algodão, quatro mil trezentos e noventa e trez listrados, dez peças de tafetás colorido, sessenta e trez pannos de lã grossos, e vinte barrilzinhos com bugias.

O *Commandeur* Thomas Sickes chegou á ilha Fernando de Noronha a 26 de Junho, e nella se restabeleceu bem depressa a sua gente. Deteve-se ahi até ao ultimo dia de Julho, e como se lhe não fizesse encontradiço nenhum dos navios, resolveu ir-se de novo á costa do Brazil, e, tendo deixado em terra cartas de aviso, levantou ferro na entrada de Agosto. A 4 foi na altura de 5° 40'; vio os baixos de S. Roque, e fez-se na volta de leste. Ao outro dia amanheceu perto delle uma vela; immediatamente largou todo o panno, e se foi traz ella; sobre a tarde acercou-se de dita vela, e tomou-a. Era um naviozinho portuguez do porte de cincoenta lastos, que ia do Rio de Janeiro para a ilha Terceira, com carga de cento e oitenta e quatro caixas de assucar, algum tabaco e doces; chamava-se *Nossa Senhora de Stricles*. O *Commandeur* poz nelle um capitão, um piloto e oito dos seus melhores homens, e mandou-o com sua carga via da Republica, depois de haver tirado vinte caixas, pois estava mui carregado e sem espaço na coberta. Este naviozinho apartou-se delle a 8. Ao outro dia o *Dolphijn* se achou por descuido sobre os baixos de S. Roque; o *Commandeur*, tendo tomado sonda sómente de sete braças, deu volta immediatamente para o norte, e por fortuna safou-se. Os ventos, mantendo-se no quadrante do sul e soprando rijo, não lhe permittiram seguir para a costa do Brazil; resolveu pois navegar para Serra Leôa, onde proveria o seu navio e refrescaria a companha, e de feito para lá seguiu a 5 de Setembro.

A 8 houve vista de terra, e suppoz estar diante do rio de Serra Leôa, e sendo salteado de um pé de vento com negridão de tempo, entrou nelle, e sendo dentro vio que era em Sarbara, que demora obra de sete ou oito leguas ao sul de Serra Leôa; e pois partio ao outro dia, e a 11 foi em Serra Leôa, onde surgio. Aqui refrescou até ao dia 4 de Outubro, quando partio, vindo a passar a linha aos 27 do mesmo mez. Ao seguinte dia houve vista da ilha de S. Matheus, e a 30 do cabo de Lopo Gonsalves, o que era contra os calculos dos pilotos, tanto haviam as aguas puxado o *Dolphijn* para leste; e no ultimo dia do mez alli deu fundo para prover-se d'agua. Tornou a partir a 5 de Novembro, e diligenciou fazer-se na volta do Brazil. A 11 vio outra vez S. Matheus. A 22 foi em altura 3° 50', e governou ao oeste franco para tomar a ilha de Fernando de Noronha. Ventou muito do sul, com que a 30 foi ver a dita ilha, e aportou nella; mas, pela furia com que quebrava o mar, não pôde a sua gente sahir em terra antes do dia 5. Bem provido d'agua e limpo o navio, o *Commandeur* tornou a 9 á sua viagem. A 11 houve vista da terra firme do Brazil em altura de 6° 36'. A 13 foi em altura de 7°, e ao outro dia amanheceu com duas velas, uma a barlavento de través com elle, e outra atraz; deu caça a esta, que estava mais á mão, mas sobreveio a noite, primeiro que fosse

com ella, e por estar tão mettido em terra que tomou sonda somente de cinco braças, e se temer de parceis encobertos, deu volta para o norte. A' manhã de 15 vio outras duas velas, uma adiante e outra a sotavento de través comsigo; deu caça immediatamente a esta. Como a vela estava chegada á terra e acabava de soltar o panno, e caminhou primeiramente um pedaço ao norte, o *Commandeur* a deixou ir, e içou bandeira portugueza, o que vendo o inimigo, e fazendo conta ser o *Dolphijn* navio portuguez, approximou-se bastante delle, mas, entrando em duvida, deu volta, e poz prôa á costa. O *Commandeur* deu primeiramente quatro tiros, e logo mandou a ella a chalupa com quatorze homens; vendo os Portuguezes que se não podiam escapar, metteram o navio por entre os parceis, e deram com elle sobre um banco pegado á terra, e se puzeram em fugida em *numero de trinta e quatro. Faziam tenção* de metter no fundo o seu navio, mas os nossos foram logo com elles: saltavam de um lado, quando os nossos entraram pelo outro. A nossa gente assenhoreou-se do barco, e o levou d'alli, e por estar mui carregado, foram tiradas sobre a tarde dez caixas de assucar, e ao outro dia dezenove. O dito barco foi tripolado por dezenove homens. Ao meio-dia tornou o *Commandeur* a avistar outra vela, e mandou a ella o barco ultimamente tomado; este brigou com o navio inimigo, que, por estar *melhor* artilhado e *defender-se bravamente*, bem como por não poder chegar-se a elle o navio grosso, se escapou depois de algumas horas de luta. Dos nossos foram feridos trez, pelo que o *Commandeur* poz mais gente no barco, prefazendo o numero de vinte e dous homens. Ao meio-dia de 18 foi em altura de 8 gr. e meio. Ao dia seguinte deu fundo ao lado do porto de Pernambuco em quinze braças, fóra da vista de terra. A 21 fez-se á vela e governou ao sul com vento lesnordeste. Logo depois avistou uma frota de vinte e dous navios, que *ia diante de si caminho do sul*; o *Commandeur* cerrou o vento para bem reconhecer a frota, e approximando-se della por volta do meio-dia (pois a frota dera volta para vir ao seu encontro), vio que eram navios portuguezes, entre os quaes havia treze ou quatorze com velas redondas, e alguns assás grossos, nomeadamente a almiranta, vice-almiranta e sota-almiranta, que lhe pareceu terem duas bandas de artilheria; os mais eram caravelas, e uma dellas bastante grossa. Todos os navios estavam pouco mettidos n'agua, o que fez crer ao *Commandeur* que não continham senão muitos soldados. A caravela pretendeu tomar-nos o barco, mas o *Dolphijn* atirou-lhe trez vezes, e ella retrocedeu. Os nossos fizeram tambem fogo contra o vice-almiranta, que igualmente os salvou; mas, havendo o *Commandeur* que naquelles navios não faria prêsa, deu volta, e afastou-se da frota fazendo força de vela. A frota acompanhou-o, mas, pois nenhum dos seus navios grossos podiam alcançar os nossos, e os pequenos não ousavam approximar-se, sobre a tarde abandonou o *Commandeur* e seguio para o norte. O barco tomada foi descarregado; encontram-se nelle sessenta e sete e meia caixas de assucar, o mais era farinha, de que os nossos tomaram a porção que lhes era necessaria, e esbulhado o barco de tudo o mais, pozeram-lhe fogo. Isto succedeu em altura de 9°. Limparam um pouco o navio. O *Commandeur* caminhou um pouco mais para o norte, fazendo tenção de pairar

ainda por algum tempo nas aguas de Pernambuco. A 28 vio uma vela diante, que vinha contra si; fez immediatamente força de vela para alcançal-a, mas ella, vendo os nossos, virou de bordo para o sul, e pouco depois para o norte, tendo-se juntado com outro navio. Vinham pois ambos contra o *Commandeur*, que, entendendo serem navios de guerra mandados em sua perseguição, não teve por avisado expor o seu navio e tripolação, tanto mais quanto, por estar o mar cavado, não se podia utilisar da sua banda inferior; deu ás velas caminho do norte para afastar-se dos ditos navios. A pouco e pouco o foram as aguas levando para o norte, e assim não tendo ensejo de caminhar para o sul, se foi via da Republica no começo do anno de 27, e, depois de haver passado muitas tormentas e contrariedades, aqui chegou aos 22 dias do Março.

Advertimos atraz que os dous hyates *David* e *Sparwer* foram enviados a procurar certa ilha; escreveremos alguma cousa das suas aventuras. Separaram-se da frota a 4 de Agosto, obra de duas leguas ao sul do pequeno Cayman, e navegaram pela derrota do susudoeste. Ao outro dia foram em altura de 17° 48', e a 6 na de 16° 50'. Este dia caminharam geralmente ao rumo do sul e sul quarta a sudeste. Ao seguinte dia tomaram sobre a noite sonda de 20 braças, e viraram quasi todos os relogios. Ao meio-dia altura de 16° 11'; muita calmaria. Ao meio-dia de 9 altura de 15° 40'; no quarto de modorra tomaram sonda de treze e quatorze braças. Ao seguinte dia caminharam ao sudoeste e sudoeste quarta a sul; depois do meio-dia perderam o fundo; sobre a noite 15' de altura; no quarto de prima fundo pelo menos de dez braças, mas no quarto d'alva fundo de oito e sete, pelo que pairaram até ao romper do dia. A 11 navegaram ao rumo do sudoeste e oessudoeste com boa carreira, e não tiveram fundo de menos de quatorze braças. Ao outro dia tiveram um só fundo; surgiram sobre a noite em quinze braças, fundo de areia. A 13 caminharam pela derrota do sudoeste quarta a oeste; tomaram sonda de cinco braças; depois do meio-dia avistaram terra ao sudeste quarta a leste com elles; emproaram para a costa. Viram uma ponta escarpada e terra chã; á noitinha surgiram em dez braças, fundo de areia. Ao outro dia o *Sparwer* acercou-se da ponta; viram uma angra, e o mais terra igual, coberta de arvoredo, lançada ao sudoeste quarta a oeste. De longo da terra, nove, oito, sete e seis braças, fundo de boa tença. Em distancia de uma legua da banda noroeste do rio, viram uma bahia, bem como fumo dos selvagens. Esse rio pareceu-lhes ter de largo mais de uma legua, e em frente delle ha um baixo, que tem somente 9 pés d'agua. As suas aguas rompem o mar bem legua e meia, e são esbranquiçadas como o Ye diante de Amsterdan. A ponta noroeste sahe mais ao mar que a sudeste; navegando avante, a ponta sudeste se vos põe atraz do noroeste, e fecha o rio. Surgiram á noite em sete braças, fundo de boa tença; e aqui se detiveram pelo rigor do tempo até o dia 16, que foi quando seguiram de longo da costa occidental em procura da bahia de Carthago. Viram primeiramente o mencionado rio; as terras altas de Santa Cruz apresentaram-se soberbas sobre terras baixas; do lado lessudeste ha uma serra, como uma sella, outra mais ao oeste com trez pontas, a maior e mais

comprida fica ainda mais para oeste. Como vós as tiverdes posto ao sul e sul quarta a sudeste obra de cinco leguas comvosco, seguem-se dous montes mais baixos, que parecem demorar no mar, mas, em vos approximando, vereis que se prendem á terra firme, e aquelle rio estará entre sudoeste e sul comvosco. E como fordes em distancia de uma legua da praia, começa a se abrir uma grande bahia, em cuja bocca está um farilhão redondo; navegando ao nornoroeste, a bahia se abre de todo, mas, depois que virdes mais trez parceis pequenos que nella ha, torna a se fechar. Suppuzeram ser a bahia de Carthago. A' tardinha ferraram as velas de gavea; altura de 15° e 30'; á meia-noite perderam o fundo. Ao seguinte dia deitaram caminho primeiramente ao norte quarta a noroeste, e depois ao sul quarta a sudoeste; altura 15° 20'. A 18 navegaram para a costa ao rumo do sussuoeste; encontraram de novo fundo, e surgiram á noitinha sobre a costa em vinte e seis braças. A 19 surgiram junto daquelle rio, onde entraram em um batel bem tripolado mas não encontraram pessoa alguma. Ao outro dia, proseguindo em sua viagem, foram em altura de 15° 50', e surgiram em vinte braças, fundo de areia. A 21 caminharam ao rumo de leste, e sobre a noite houveram vista de algumas ilhotas rasas, onde havia muitos passaros; deram fundo em vinte braças. A 22 navegaram ao sul e sul quarta a sudeste; depois do meio-dia deram volta para o nordeste, e surgiram em vinte e seis braças de firme tença. Ao outro dia navegaram a lessudeste e sudeste quarta a leste; foram salteados de tão fortes travados, que quasi sossobraram; sobre a noite surgiram em vinte e duas braças, fundo igual ao outro. Navegando ora ao rumo de susudeste, ora ao de nornordeste, foram ver aos 25 dias terra mui baixa, e surgiram em treze braças, fundo de areia; passaram-se á terra, mas não colheram noticia alguma. Levaram ancoras, e caminharam ao susudeste; pela tarde avistaram terra, e surgiram em vinte e uma braças, fundo de boa tença. A dita terra parecia umas ilhotas ainda não marcadas nas cartas. Ao outro dia caminharam a leste e leste quarta a sudeste, e tendo-se acercado de terra até quatro braças, deram volta. A terra é toda penhascosa com quebradas. Ao meio-dia viraram de bordo para lessudeste em demanda de terra, á tardinha afastaram-se della, e á noite surgiram em 25 braças, fundo de areia. A 27 diligenciaram montar aquella terra com quebradas, e, tendo-a montado, andaram alguns dias occupados em demandar de novo terra; permaneceram na altura de 15 até 16 gr. e 26 min. A 2 de Setembro tornaram a ver a terra firme, e surgiram em nove braças, fundo de boa tença. Ao outro dia foi a bordo uma canôa com selvagens, que indicaram aos nossos um rio, que ficava para oeste, mas o vento não permittio que lá fossem ter. Sobre a noite deram fundo diante de um rio em distancia de uma pequena legua da costa. Os selvagens chamam este rio *Calashi*, e é o mesmo junto do qual estiveram anteriormente. A 4 entraram nelle, e compraram refrescos aos selvagens. Estes são mui vergonhosos; trazem as partes pudendas cuidadosamente cobertas, e não deixam ver as mulheres; não traziam comsigo arma alguma. Aqui se deliveram os nossos até ao dia 10, e tomaram bastante agua, com que ficaram providos della para bem seis semanas. Partiram, e trabalharam por se

remontar, mas as aguas os impelliram mais para baixo. A 14 passaram por um rio, cujas aguas rompiam o mar pelo espaço de bem duas leguas e meia, e eram salobras; achavam-se em altura de 15° 11'. Ao outro dia navegaram ao sul e sul quarta a sudeste de longo da costa; depois do meio-dia viram algumas cabanazinhas em terra; encontraram alli selvagens, que os receberam com amizade, e os convidaram a sahir em terra; os nossos porém tornaram para bordo dos hyates, para onde levaram os selvagens varias fructas e uma tartaruga tão grande, que a tripolação comeu della bem dous dias. Sobre a noite surgiram em duas braças, fundo de areia, em altura de 14 gr. e meio. Em os seguintes dias caminharam geralmente ao norte e ao nornoroeste, mas pouco avançaram por respeito da calmaria. A 18 surgiram junto da bahia (segundo suppuzeram) do cabo de Graçias a Dios, em altura de 15° 12'; aqui fizeram agua e lenha até 22. Caminharam de novo ao rumo de lesnordeste. A 23 depararam uma ilha, e a tomaram; encontraram uma escudella verde de Hespanha em terra no meio desta ilha, e numerosos fragmentos de pequenos vasos; em torno de dita ilha havia tubarões aos milhares, pelo que deram-lhe o nome de ilha dos Tubarões. Ao outro dia, como não podessem montar esta ilha, deitaram caminho pela derrota do sul, e sobre a noite surgiram em dezoito braças, fundo de areia. Pairaram por alli. Na entrada de Outubro houveram vista da ilha de Santa Anila, ou, como outros a chamam, S. Milan, e ao outro dia surgiram na ponta sudoeste della em dez braças; altura de 16° 31', que é muito differente daquella em que se encontrava anteriormente esta ilha notada nas cartas. Esta ilha não é mui alta, está coberta de arvoredo; bota algumas arcias ou restingas em forma de cauda; aquella ponta tem um parcel, que sahe ao sul. O porto é optimo; si estiverdes surtos em treze braças, nenhum dos ventos, que cursam nessa costa, vos estorvará, e podereis fazer-vos sempre ao largo. Sobre a noite os hyates se fizeram á vela, seguindo a derrota de oeste e sudoeste quarta a sul. A 7 attingiram a altura de 17° 40', e ao outro dia voltaram a de 16° 12'; no quarto de prima tomaram sonda de vinte e trez braças, fundo de areia, e surgiram. A 9 era a altura de 15° 50', e surgiram em trinta e nove braças, fundo de boa tença. Ao outro dia achavam-se em altura de 15° 31', e surgiram em vinte braças, fundo de firme tença. A 11 avistaram a terra firme, e á tardinha foram sobre a costa a carão do rio Cataski, e surgiram em dez braças, fundo de firme tença. Aqui estiveram retidos até ao dia 18, quando partiram. A 19 avistaram as serras de Santa Cruz, e deram volta para o mar; a 20 surgiram ao lado do cabo Cameron, segundo sua supposição, em dez braças, fundo de barro, e alli se detiveram até ao dia 26. Fizeram aguada com grande perigo, pelo tempo borrascoso que fazia. Partiram navegando de longo da costa ao rumo de oeste e oeste quarta a noroeste. A 27 passaram o cabo Cameron, e á tardinha avistaram as terras grossas do cabo de Honduras. Ao outro dia amanheceram com a ilha Guanaxa á vista, e no quarto de prima a tomaram, e surgiram em dez braças, fundo de areia. Os de terra fizeram á noite muitos fogos; os nossos chamaram por elles, mas não quizeram ir a bordo, e subiram um monte com os seus fogos, onde os trouxeram accesos toda a noite. Os nossos, ao

outro dia, vogaram para terra nos bateis, fallaram com os Hespanhoes, mas como estes não quizessem ir a bordo, nem os nossos ousassem saltar em terra, os hyates tornaram a partir. Navegaram pela derrota do norte e nordeste; a 30 foram em altura de 18º 44', e na entrada de Novembro na de 19º 54'. Ao meio-dia de 4 avistaram terra a lesnordeste comsigo, era o cabo de Corrientes na ilha de Cuba; altura de 21 gr. e meio; caminharam então ao noroeste e nornoroeste até á luz do dia. E assim foram dar sem o saber e por sua inexperiencia no estreito de Bahama, e depois de passarem grão perigo sobre a costa da Florida e Nieuw-Nederlandt, chegaram á Republica no ultimo dia do mez de Fevereiro do anno seguinte.

Não quizemos omittir esta viagem, porque faz conhecidos alguns sitios de boa disposição das regiões e ilhazinhas vizinhas de Honduras; e nunca nos demos tanto ao trabalho de procurar agulha em palheiro. Metteu-se em cabeça ao bom homem Ackersloot que havia por ahi algures certa ilha verde e abundante de ouro, e com esta illusão andou seduzindo a tanta gente, que *enfim obteve fossem mandados aquelles hyates em procura de dita ilha*, mas baldados foram o tempo e dinheiro gastos! E' sempre nocivo despender capitaes por cousas incertas, e deixar-se a razão dominar da cobiça, mormente quando faz fundamento em dados tão pouco seguros.

Acompanhemos agora á Republica o almirante Lam, que o anno passado deixámos no rio Gabão. Aos 5 dias de Janeiro deste anno levanton ferro, fazendo tenção de buscar o cabo de Lopo Gonçalves; a 7 passou a linha, e a 11 achava-se a carão do rio Olibatte. Avistou o cabo de Lopo Gonçalves ao oeste quarta a sudoeste comsigo, e nelle aportou depois de meio-dia. Os negros foram a bordo, e queixaram-se do aggravo feito ás suas mulheres e damno ás suas fazendas pelos tripolantes de dous navios das Indias Orientaes, que ahi se detiveram algum templo, e declararam aos nossos que, si tal fizessem, elles se haviam de precatar, pelo que o almirante mandou lançar pregão em todos os navios, prohibindo á sua gente a pratica de actos semelhantes áquelles, sob pena de rigorosos castigos. A 16 juntaram-se com o almirante os hyates *Tonijn* e *Bruyn-Wisch*, que tinham feito trato em Benin. O almirante se deteve alli até á entrada de Fevereiro, adoecendo muita gente em todos os navios; e depois de refrescada a companha e providos d'agua os navios, partio com a frota, fazendo tenção de tomar a ilha do Anno Bom, por causa dos seus doentes, mas bem depressa vio que as aguas, correndo tesas ao norte, impelliam os navios para traz, de modo que teve de voltar para o cabo, onde deu fundo a 8. E comquanto notasse que as aguas continuavam a correr fortemente para o norte, e que portanto era pouco provavel poder avançar para o sul navegando ao longo da costa, todavia tornou a levantar-se com sua frota aos 24 dias. A 26 avistou o rio de Santa Catharina. E porque o seu tempo estava mui adiantado, na entrada de Maio resolveu atravessar para a costa do Brazil, a ver si nas aguas de Pernambuco faria prêsas. A 7 avistou a terra firme de Angola, e se fez na volta de oeste. Antes do meio-dia de 15 houve vista da ilha de Anno Bom, que estava diante de si, e tomou o porto costumado na ponta septentrional della. Mediante uma dadiva, obteve licença do

governador para commutar refrescos. Esta ilha é mui alta, e abundante de laranjas, limões, bananas, cocos e outras fructas. O povo que a habita, é mui forte, de estatura elevada e corpos enxutos, e entretanto deixa-se governar de um portuguez, como si foram crianças. D'aqui partio a 22, e muito levé que fazer primeiro que perdesse a vista de dita ilha. Só a 27 de Abril foi a frota servida do desejado vento sudeste, e era então em altura de 4 gr. e meio á banda do sul. O almirante mandou dous hyates diante para avisal-o, tanto que houvessem vista de terra, como houveram a 21, ainda que, segundo o calculo dos pilotos, estivesse a frota bem cem leguas arredada da costa. Com duzentas e oitenta braças de linha não poderam tomar sonda naquella paragem. Ao outro dia avistou-se o cabo de Santo Agostinho; mas o almirante, não havendo por avisado aproximar-se mais, resolven fazer-se na volta das ilhas dos Açores. No ultimo de Maio houve vista da ilha das Flores cousa de duas leguas a leste comsigo, e como nos navios começassem a sentir falta de certas cousas necessarias, não lhe pareceu dever deter-se mais tempo por alli, e pois deu volta para a Republica, onde chegou aos 20 dias de Junho.

FIM DO TERCEIRO LIVRO

SUMMARIO DO QUARTO LIVRO

Continuação da viagem do almirante Pieter Pietersz. Heyn. E' tomado um navio, que da Madeira se dirigia á Bahia. O almirante chega ás costas do Brazil. Entra na Bahia, e rende vinte e dous navios. O seu navio encalha em um banco, e perde-se. Vôa o navio *Oraguie-Boom* de Enchuysen. Os despojos são mandados para a Republica. São tomados mais dous ou trez navios com negros, que, por não serem uteis aos nossos, são desembarcados em Taperica. A frota parte da Bahia. E' tomado um navio com 190 caixas de assucar, procedente do Rio de Janeiro. Os nossos navios se espalham por aquellas paragens. Entram no rio do Espirito-Santo, onde obtem refrescos. E' tomado um navio de Lisboa com carga de vinho. Disposição do rio. A frota retira-se delle. O almirante a divide, e segue com sua esquadra para a Bahia. Aqui são saqueiados e queimados dous navios inimigos. Alguns Portuguezes são aprisionados, e por elles tem o almirante noticia de que cinco ou seis navios carregados se achavam surtos em um rio; entram os nossos em dous hyates por esse rio, onde primeiramente só encontram um navio vasio. Os bateis descobrem os navios. O almirante em pessoa vai ter com elles, e assenhoreia-se de um navio, em que o inimigo perde seguramente cento e cincoenta homens. Toma mais dous navios com oitocentas e cincoenta caixas de assucar. Esses navios são levados para fóra, mas um tomba e rebenta-se. O inimigo impede a retirada, afundindo um navio e postando mosqueteiros por traz de um parapeito. Os nossos queimam na baixa-mar o navio afundido. O almirante resguarda os seus navios e bateis com couros, e faz sahir os navios e hyates por meio de ancoretes, sem soffrerem damno. O inimigo perde no todo quatrocentos homens. Os navios tomados são descarregados. Os outros navios se juntam com o almirante. Parte este da Bahia, e vai ter á ilha de Fernando de Noronha. Como se ha de tomar esta ilha, largando das costas do Brazil. O almirante torna á Republica, tendo de caminho tomado um navio procedente de Pernambuco com carga de assucar, tabaco e páo-brazil. Viagem de Hendrick Jacobsz., que parte da Zelandia. Chega ao rio das Amazonas, e depois entra no Wiapoco, onde desembarca alguns colonos. Narração do que succedeu a alguns colonos no rio das Amazonas e Wiapoco. O almirante H. Jacobsz. parte do Wiapoco, e vai ter a S. Vicente, Granada, ilha Branca, Orchila e bahia Honda; disposição destes lugares. Juntam-se com o almirante o *Kater* e *Bruyn-Wisch*. Donde e quando partiram estes hyates. Tomam um barco portuguez com escravos, e o deixam seguir viagem. Disposição das ilhas Tabago e S. Vicente. Tocam em Santa Luzia, Matinino, Dominica, Guadalupe, Marigalante, Desejada, Antigua, S.

Christovão, S. Martinho e Barbada; tornam a S. Vicente, e tentam entrar em Maracaybo. Tomam uma galera com vinhos. Chegam a Aruba, e diante do Rio da Hacha. Queimam um naviozinho hespanhol. Tendo-se juntado com os hyates da Zelandia, atravessam para a ilha Hispaniola. Chegam ao cabo Tiburon. Seguem para os Caymões. Ancoram junto do cabo Corrientes. Tomam uma galera procedente de Nova-Hespanha. Avistam dous navios grossos hespanhoes; abordam-nos, e tomam o *vice-admirante*, que vinha de Honduras. Voltam com o seu esbulho para a republica. O hyate *Bruyn-Wisch* toma um barco; segue para as aguas das Tortugas: chega diante de Havana. Situação deste porto. Navega ao longo da Florida para Nieuw-Nederlandt, e chega á Republica. Feitos de Direk Simonsz. van Uytgeest. Partida do *Kalmoen* e *Windt-Hondt*. Este junta-se com Dyrck Simonsz.; toma um navio procedente de Lisboa. Cruzam junto do cabo de Santo Agostinho. Junta-se com elles o *Eenhoorn*, e seguem para a Bahia. Os outros dous hyates tomam um navio com negros. Dão na costa com dous barcos, e tomam mais outro, bem como um naviozinho com vinhos. Chegam á ilha de Fernando de Noronha. Tornam á costa do Brazil. Tomam um navio com quatrocentas caixas de assucar, e segue com elle para a Republica o *Windt Hondt*. O *Otter* toma dous navios com carga de assucar.

LIVRO QUARTO

1627

O almirante Pieter Pietrsz. Heyn, que deixámos o anno passado em Serra Leôa, tendo a sua gente sufficientemente refrescada, reparados os navios e abastecidos das necessarias provisões d'agua e lenha, partio com sua frota aos 19 dias do mez de Janeiro deste anno, e trabalhou por atravessar a linha e ir ter á costa do Brazil. Na entrada do mez de Fevereiro foi em altura de 5º 24' á banda do norte; pela tarde vio adiante uma vela, que sobre a noite foi alcançada e tomada pelos hyates: era um navio que da ilha da Madeira seguia viagem para a Bahia de Todos os Santos com carga de cento e cincoenta pipas de vinho, algumas caixas com baêtas, sarjas, telas e outras mercadorias. O vinho e fazendas foram distribuidos pelos navios, e esbulhada a prêsa quanto foi possivel, puzeram-lhe fogo, sendo a sua tripolação baldeada para a frota. Esta, retida pelas calmarias, só a 15 conseguio atravessar a linha; depois porém levou melhor carreira, vindo a achar-se em altura de 13º 20' de lat. sul aos 25 dias do dito mez de Fevereiro. E porque era o designio do almirante seguir directamente para a Bahia e nella entrar, determinou a ordem que levariam os navios ao entrarem, e mandou a cada um dos capitães suas instrucções por escripto, pelas quaes se haviam de governar. Ao outro dia a frota governou ao rumo de oeste com bom tempo e vento leste; era a altura 13º 6'. Na entrada do mez de Março caminhou ao oeste quarta a noroeste, e não houve vista de terra, ainda que se notasse nos calculos dos pilotos, baseados em seus pontos, uma differença pelo menos de setenta leguas, e de bem cento e trinta, segundo o de alguns, o que occasiona muitas vezes grandes desacertos na estimação das longitudes. Pela manhã avistou-se uma vela, que foi tomada depois do meio dia; transportava trezentos e sessenta negros, e ia de Angola para a Bahia. Sobre a noite avistaram terras vizinhas á Bahia. O almirante fazia tenção de entrar nella ao seguinte dia e sorprender os navios

inimigos, mas, por causa da bonança, teve de surgir ésta noite diante da barra. Por volta do meio-dia de 3 a frota levou ancoras, e impellida de um vento fresco endireitou para a bahia, e emboccou por ella, sendo assim vista e descoberta pelo inimigo, que havia cosido seus navios (em numero de trinta pouco mais ou menos) o mais que póde com a bateria disposta n'agua e a cidade de S. Salvador.

Velejava o almirante na frente, e sendo chegado acima dos navios contrarios correu para o meio delles, e lançou ferro entre a almiranta e vice-almiranta portuguezas, contra as quaes fez vivo fogo. Seguiram-no o *Geldria* e o *Hollandia*, que por igual deitaram ancoras ao mar; os mais navios grossos porém, que tambem haviam recebido ordem de avançar, ficaram um pouco atraz, e assim quasi que sómente aquelles trez forçaram o inimigo a pedir quartel e render os seus navios. Como o pavoroso estrondo da artilheria não deixava bem ouvir, succedeu que a vice-almiranta portugueza, cuja gente havia muito estava a pedir quartel, foi tão varada de balas que se afundio. Debaixo dos tiros dos navios e baterias da cidade foram todos os nossos bateis guarnecidos de marinheiros e mosqueteiros: com admiravel presteza abordam estes bateis os navios contrarios, cuja tripolação é expellida, e levados os mesmos navios para longe da praia e das baterias. Os mais dos soldados inimigos lançam-se dos navios ao mar, e se salvam a nado. Apezar da furia com que jogava a artilheria grossa de todos os fortes, e das balas de mosquete que saraivavam sobre os bateis, a nossa gente se houve em tudo com tanta diligencia e bravura, que em menos de trez horas alcançámos completa victoria. Os vinte e dous navios, que os nossos foram buscar ás barbas do inimigo, foram retirados com maior damno delle que nosso, comquanto fosse mui vantajosa a posição dos contrarios, e não constasse a nossa frota de mais de oito navios grossos e quatro hyates. Como tivessem assim retirado os navios portuguezes, porfiaram os nossos por se alongar da costa e se pôr fóra do alcance da artilheria inimiga, mas succedêu encalharem em um banco a almiranta e o *Geldria*; este safou-se á noite, mas a almiranta ficou encalhada. Da cidade e todos os fortes fizeram vivo fogo contra a almiranta, e assim a varejaram as balas que já não parecia navio. Ao outro dia o almirante passou-se ao navio *Geldria*, e fez que este e os mais navios grossos se aproximassem outra vez, ordenando-lhes que atirassem sem cessar para o effeito de assim divertirem algum tanto as balas inimigas do seu navio, pois não havia elle perdido ainda a esperança de o salvar. Em se aproximando os nossos navios, começou uma furiosa canhonada, que não deixava ver nem ouvir, offendendo-se bravamente os contendores de parte a parte; só o navio *Geldria* recebeu alguns sessenta tiros. Neste entretanto valeram-se os nossos de todos os meios para safar a não almiranta, mas foram baldadas todas as diligencias, pois sobrevcio a conjunctura da maré vasante. Durante aquelle temeroso fogo, ou fosse por negligencia e falta de cautella, ou por outra causa, saltou aos ares o *Oragnie-Boom* de Enchuijsen com alguns sessenta e cinco homens, doze ou quatorze dos quaes foram recolhidos, mas horrorosamente offendidos das chammas. O almirante, havendo agora que era

impossivel pôr a nado o seu navio, que já muito gente fôra morta a seu bordo, encravou-lhe a artilheria grossa, e levando o que pôde, poz-lhe fogo e o abandonou; passou-se para o navio *Walcheren*, que era a vice-almiranta da frota. Apezar de ter sido crespa e duradoura a briga, das pessoas principaes do nosso lado só morreu Jan Christiaensz., capitão do *Geldria*; uma bala de mosquete varou o braço esquerdo do almirante, e um estilhaço feriu-o na cana da perna; o vice-almirante foi ferido por uma bala de mosquete debaixo das falsas costellas; em toda a frota morreram quarenta ou cincoenta homens.

Os navios tomados foram postos no meio da frota fôra do alcance da artilheria inimiga, e as suas cargas baldeadas para dous delles que eram os maiores, isto é, para o que fôra vice-almiranta portugueza, navio de Stralsund do porte de trezentos lastos, artilhado com dezoito pequenos canhões de metal fundido, e para um navio hamburguez do porte de trezentos e cincoenta lastos, armado com dezesseis colubrinas. Embarcaram os generos destinados á Republica nos seguintes navios: no navio *S. Pedro* de Stralsund mil cento e doze caixas de assucar, trinta e duas caixas, dezesseis pipas, e duas barricas *(oxhoofden)* de tabaco, mil cento e vinte e cinco couros, vinte e um saccos de algodão, além de algumas joias de ouro, prata lavrada, e seiscentas e sessenta e trez piastras; no navio *Hope* seiscentas e quarenta e quatro caixas de assucar, vinte e trez caixas, uma pipa e uma barrica de tabaco, alguns couros, e uma porção de pão santo; no navio *Nossa Senhora da Victoria* quatrocentas e oito caixas de assucar, uma porção de tabaco e pão-santo; no *Swart-Leeuw* quatrocentas e cincoenta caixas de assucar, e algumas de tabaco. Estes navios chegaram a salvamento á Republica no mez de Julho.

Foi este feito um dos mais heroicos que o almirante Pieter Pietersz. Heyn praticou em serviço da Companhia das Indias Occidentaes, e seu bom exito foi parte para que a Companhia, mui enfraquecida com os damnos e revezes passados, começasse a respirar, e viesse a cobrar as forças; mas não se pagou sómente disto o almirante, como vamos contar.

A 9 de Março pelo fim da tarde teve ordem de sahir Pieter Stoffelsz., capitão do *Neptunus* e sota-almirante da frota, com o *Vos*, *Sparwer*, *Rave*, e um barco mui veleiro tomado aos Hespanhoes, para cruzar diante da Bahia de vigia aos navios, que de mar em fóra a viessem demandar, pois bem via o almirante que o inimigo faria por avisar os navios que buscassem terra. Ao seguinte dia mandou o almirante perguntar ao Governador si queria resgatar os negros apresados, mas o governador não os quiz, e deu uma resposta mui arrogante. A 11 tomaram os nossos mais um navio, que, sem dar com o perigo, entrou na Bahia; vinha de Angola carregando negros. Embaraçado o almirante com tantos negros, pois não os podia empregar em cousa alguma util, fel-os metter todos em um navio, e mandou desembarcal-os na ilha, que está em rosto da Bahia. O *Pinas* tambem foi mandado sahir para cruzar algumas leguas ao sul da Bahia, sendo encommendado a seu capitão que se tornasse ao cabo de oito dias. A 14 entrou mais um pequeno navio com negros, mas como os de seu bordo entendessem o perigo em que se metteram, se foram refugiar em uma enseiadazinha que fica debaixo do forte de Santo Antonio, onde os

nossos os não incommodaram por não darem valor algum ao dito naviozinho. Estiveram occupados em baldear as cargas dos navios portuguezes para os nossos, e em esbulhar e queimar os navios vazios, isto até o dia 27 deste mez de Março, que foi quando os quatro navios de que acima se fallou, foram despachados para a Republica a cargo do sota almirante Cornelis Dircksz. Bostevaer. A Gerrit Jansz. Elger, capitão que fôra de navio voado *Oraynie Boom*, deu o almirante um outro navio para commandar. No ultimo dia de Março toda a frota se fez á vela, e sahio da Bahia de Todos os Santos. Compunha-se então das seguintes velas: *Hollandia*, em que se achava o almirante, *Walcheren* que levava o vice-almirante, *Neptunus* com o sota-almirante, *Gelderlandt*, *Zutphen*, *Goude-Leeuw*, *Pinas*, ao todo sete navios, e os hyates *Amsterdam*, *Oraynie Boom*, *David*, *Vos*, *Rave*, *Arendt*, *Sparwér* e um barco com duas velas ré. Mantinham companhia com a frota alguns navios tomados, que o almirante converteu ao seu uso.

Pela tarde surgio a frota ao lado do castello de Santo Antonio, e caminhou depois ao sul. Na entrada do mez de Abril tinha perto o morro de S. Paulo. Seguio pela derrota do susudoeste e sudoeste perlongando a costa, mas algum tanto largo della, por vinte braças d'agua, fundo de firme tença. Ao outro dia acercou-se de uma ilhota, que jaz bastante apartada de terra, e surgio á sombra della em nove braças. Ao seguinte dia foram ter a ella os bateis, cujos tripolantes cavaram alguns poços, que deram bôa agua doce. Esta ilhota não tem mais de meia legua em redondo, e apenas offerece uma pouca de salsa do mar *(Zee-Peterselie)*; rodeam-na alfaques, em que o mar quebra com força; demora aos 13° 52'. Deram-lhe os nossos o nome de *Paschavandt* (Vespera de Paschoa). Aqui se deteve a frota para tomar agua e lenha até 12 de Abril, dia em que se fez á vela, e deitou caminho pela derrota do sudeste e susudeste até o dia 18. Achava-se então em altura de 19° á banda do sul, e, segundo calculo, acima dos afamados baixos dos Abrolhos; era o tempo rigoroso. Ao outro dia ventou do sudeste, e fez-se a frota na volta de oeste, e attingio ao meio-dia a altura de 19° 10'. A 25 foi em altura de 24°. A' seguinte manhã avistaram terra ao longe, a qual se fazia mui alta, e, segundo calcularam, demorava entre o cabo Frio e a ponta do Rio de Janeiro. Viram logo depois duas velas, que estavam a barlavento da frota, e como era o vento escasso, mandou o almirante que sahissem os bateis a lhes dar caça; mas andando nesta occupados os bateis e chalupas, refrescou bastante o vento, pelo que tiveram de tornar aos navios. Enviou-se então aos navios contrarios o barco com as duas velas ré, e tomou um delles; mas encontraram os nossos sómente cento e noventa e uma caixas de assucar das duzentas e noventa e uma que o navio apresado carregava, pois as mais deitaram-nas ao mar os de seu bordo. Vinha do Rio de Janeiro, e pelos prisioneiros se informou o almirante do estado desta praça, isto é, que desde que começara a guerra por essas costas, se achava bastante provida de gente, e que no porto havia sómente um navio carregado, e outro que chegára ultimamente de Portugal; e pois não pareceu acertado ao almirante expor seus navios e sua gente a tamanho perigo, qual o que era de esperar, si entrasse naquelle

porto, além de que os tempos rigorosos, que encontrára, haviam espalhado os seus navios; estes porém se tornaram a juntar no dia 28. Ao outro dia o almirante mandou a todos os capitães de navio suas ordens por escripto, isto é, que como fossem quatorze ou quinze leguas largo de terra, se apartassem uns dos outros, mas de modo que podessem avistar os navios, e que então pairassem, a ver se tornavam a descobrir a outra vela que desapparecera no dia 26, pois pela tripolação da que fôra tomada, sabia que sahira do Rio de Janeiro, e carregava seguramente quatrocentas caixas de assucar; mas esta diligencia foi em vão, e subindo a pouco e pouco os navios, no ultimo dia do mez de Abril achou-se a frota perto do cabo Frio, que lhe ficava ao norte quarta a nordeste em distancia de cinco leguas pouco mais ou menos. Ao outro dia houveram vista da ilha de Santa Anna, que distava da frota obra de nove leguas; ao meio-dia altura de 23° 36'. A 5 de Maio altura de 20° 53'; achava-se a frota bastante afastada de terra, que á vista se representava tambem mui grossa. Depois de haver o almirante reunido na capitanea o conselho secreto, a quem communicou o seu designio, governou a frota ao rumo do ocssudoeste, atravessando para a costa para o effeito de entrar no rio do Espirito-Santo, onde buscaria refrescos para a companha. Ao romper do seguinte dia, não estava a frota longe do dito rio, e poderam os nossos avistar o convento de Nossa Senhora da Penha; mas como estavam em calma, e o vento saltava de um para outro ponto do horisonte, com que a frota mais perdia que cobrava caminho, lançou esta á noite ancoras ao mar, ficando surta em vinte e uma braças. De manhã não estava alongada do rio, mas este ainda não se havia aberto. Passou-se o almirante ao hyate *Vos*, e com os mais hyates pequenos seguio adiante para bem reconhecer o rio, ficando os navios a barlavento, os quaes, quando o almirante fez o signal, que foi um tiro, seguiram para o dito rio, e nelle entraram, deixando os hyates a estibordo. O navio do almirante, bem como outros, bateu no fundo, mas não houve perigo, porque o rio, que corre fazendo sinuosidades, dentro é morto. Ao outro dia melhoraram os navios um *pouco mais para dentro do porto*, podendo assim verem os nossos a povoação e o fortim adjacente, e alli surgiram. O *Goude-Leeuw* e o *Vos* entraram ainda mais pelo rio acima, como si fossem tentar algum commettimento contra a povoação; mas tal não era a tenção do almirante, que simplesmente queria trazer o inimigo entretido lá em cima, emquanto os nossos desembarcavam em um valle, onde abundavam os limoeiros e larangeiras. Mandou o almirante que colhessem boa porção dos frutos destas arvores. Como era perigoso fazerem aguada na terra firme por causa dos selvagens, que disparavam suas setas de dentro do matto, cavaram os nossos poços nas ilhetas que ha neste rio, e com a agua delles encheram seus barris, que estavam vasios. No dia 18 os da povoação largaram contra a frota algumas balças de fogo, feitas de ramos e chamiços, mas não receberam os navios nenhum detrimento dellas, pois os nossos as apagaram facilmente. Este mesmo dia demandou a barra uma caravela, procedente de Lisboa, com carregamento de setenta pipas de vinho e alguns fardos, e cahio em nosso poder. Veio muito a ponto esta tomadia; as pipas de vinho e

fazendas foram distribuidas pelos navios. Como a caravela era boa e forte, o almirante a conservou, e metteu gente nella. Foram os hyates providos por cinco mezes de mantimentos tirados dos navios grossos. Tendo o almirante feito tudo o que aqui tencionava fazer, a 29 mandou pôr em terra todos os seus prisioneiros portuguezes, e sahio do rio com sua frota, e se foi pela derrota do nordeste quarta a leste, servido do vento sudeste.

Querendo entrar neste rio, attendei ás seguintes indicações. Do lado meridional da bahia vereis trez ilhetas, que semelham parceis grandes, não mui altos, e pol-as-heis a bombordo, e navegareis ao longo dellas; na mais occidental vereis trez pedras, que parecem gabiões; passadas estas ilhetas, governareis ao noroeste quarta a oeste, e então dareis fé de um baixo, sobre o qual o mar se alteia muito, e passareis avante, deixando este baixo a estibordo; tendo avançado algum tanto, logo vereis a abertura do rio, que se prolonga para oeste; vereis tambem na bocca do rio alguns parceis, dos quaes um ou mais se acham sempre descobertos e á vista acima d'agua; estes parceis estão arredados cousa de meio tiro de mosquete da ponta do sul, navegareis por junto delles, isto é, tomando-os pelo norte, e quanto mais perto navegardes, maior fundo encontrareis; passados os parceis, governareis para a margem meridional, e não tendes de que vos temer, que em qualquer parte o fundo é de boa tença, e não encontrareis profundidade menor de trez braças e meia. Neste rio a lua ao rumo do nordeste e sudoeste occasiona marés vivas.

No ultimo dia do mez de Março dividio o almirante a sua frota em trez esquadras: a primeira compunha-se dos hyates *Oragnie-Boom*, *Arendt* e *Sparwer*, a qual foi posta a cargo do vice-almirante e enviada ao rio da Prata; a segunda compunha-se do *Goude Leeuw*, hyate *Ruse* e da caravela tomada diante do Espirito-Santo, e foi mandada cruzar diante do Rio de Janeiro; a terceira, cujo chefe era o mesmo almirante, contava os navios *Geldria*, *Zutphen*, *Pinas*, *Neptunus*, e os hyates *Vos*, *Amsterdam*, *David* e o barco com as duas velas ré. Este se fez na volta do norte, e de noite passou pelos Abrolhos por vinte e seis braças d'agua. A 9 de Junho, tendo avistado terra ao norte da bahia de Todos os Santos, deu volta e caminhou ao sul. Ao outro dia estava á carão da mesma bahia, e nella entrou, navegando um pedaço além da cidade: em rosto desta poucos navios havia, sómente os que o almirante alli deixara da outra vez. Passou além do forte sito em Tapagipe, e como visse surtos dous navios do inimigo, deu fundo, e ordenou que fossem ao seu navio todos os bateis bem tripolados. Vogaram estes em seguida para os navios contrarios, que estavam encalhados na praia; os nossos os saqueiaram, e lhes puzeram fogo, e a despeito do inimigo foram buscar em terra algumas taboas, e as levaram aos navios. Como o almirante muito desejava haver novas de terra, mandou que os hyates *Vos* e *Amsterdam* juntamente com o barco fossem vigiar as pequenas embarcações, que passavam de um para outro lado; estes hyates, tendo-se adiantado algum tanto, impelliram contra a praia um dos taes barcozinhos, cujos tripolantes fugiram para terra antes que a nossa chalupa chegasse junto da prêsa, da qual recolheram os nossos dez ou doze rolos de tabaco, mas não assim seis ou sete caixas de assucar, que carregava, não só

por não terem instrumento algum para este effeito, senão tambem por acudir gente á praia. O nosso barcozinho tomou outro, em que se achavam alguns Portuguezes e negros, que sobre a noite foram levados a bordo da almiranta. Muito a ponto foram apresentados estes prisioneiros ao almirante, pois soube por elles que cinco ou seis navios carregados estavam um pouco mais acima no rio mettidos em uma angra (*Kreecke*), e logo ordenou que os hyates *Amsterdam* e *Dacid* com todos os bateis subissem o rio, e investigassem quanto possivel fosse aquella pequena angra. Justamente no começo do rio encontraram os dous hyates um navio grosso, mas estava vasio e sem os seus tripolantes que o haviam abandonado; os nossos o esbulharam e o deixaram alli ficar. Tendo os dos bateis e fragata (*Fregatte*) subido o rio mais uma meia legua, descobriram os navios dos Portuguezes; estavam estes occupados em toal-os para cima para o effeito de os esconder á nossa gente. Em se aproximando os nossos, entraram os inimigos a fazer vivo fogo de artilheria e mosquetes de ditos navios, pelo que não ousaram os nossos abordal-os nem delles se acercar, e voltaram aos navios para contar ao almirante o que haviam achado. Ao outro dia ordenou o almirante que o *Pinas*, o hyate *Vos* e a fragata com uma porção de bateis bem tripolados tornassem a subir o rio. Sendo chegados os nossos onde os bateis deixaram na vespera os navios contrarios, já os não encontraram, pois os inimigos, empregando todas as suas forças, conseguiram leval-os para cima. Foram os nossos traz os navios contrarios, e depois do meio-dia os do barco e bateis se acercaram delles. Tornaram os Portuguezes a atirar furiosamente de ditos navios, particularmente da sua vice-almiranta, com mosquetes e artilheria carregada de metralha, pois, informado o Governador da Bahia dos intentos do almirante, mandára para alli cento e cincoenta soldados ao mando do capitão Padilha, o mesmo que assassinara o mui nobre e bravo senhor van Dorth. Esta gente defendeu-se bravamente, e tal resistencia oppoz dos navios, que os nossos não ousaram abordal-os, e sem duvida teriam voltado costas sem haver feito cousa alguma, si o almirante Pieter Pietersz. Hoyn, que passára ao hyate *Vos* e se juntára com elles, os não impellisse quasi á força contra os Portuguezes; deram pois os nossos sobre estes com tal furia e pressa, que se fizeram senhores do navio, e mataram quantos nelle eram, menos dous ou trez grumetes. Calcularam em cento e cincoenta homens a perda do inimigo; nós perdemos sómente doze ou treze. Como isto vissem os Portuguezes dos outros navios, se lançaram os mais delles ao rio, procurando assim salvar as vidas, pelo que apoderaram-se os nossos de mais dous navios, a saber, da almiranta delles, que guardava quatrocentas e cincoenta caixas de assucar e uma porção de tabaco, e de uma caravela grande carregada de quatrocentas caixas de assucar e algumas de tabaco. A vice-almiranta continha todo o genero de mercadorias em fardos, pois havia chegado recentemente de Portugal. Mais acima na mesma angra achavam-se mais dous ou trez navios; a angra porém já era alli tão estreita, que se podiam arrancar de um e outro lado as folhas das arvores, que se levantavam nas margens, e como, além disso, as aguas cresciam em dito lugar com a enchente seguramente duas braças, succedia ficarem os navios quasi

em sêcco de maré vasia. Entendeu pois o almirante que acertado era retirar ao presente os navios tomados, empreza que bem via ter suas difficuldades, porquanto os nossos haviam remontado a angra, segundo o seu calculo, cousa de quatro leguas, e a mesma angra corria dando voltas e fazendo muitos seios: demais que, sendo o inimigo senhor dos lugares adjacentes, era de receiar que empecesse os nossos quanto podesse. Ao outro dia (13 de Junho), estando a nossa gente occupada em toar os navios, aconteceu por infelicidade adernar a caravela e arrebentar-se, de modo que nada poderam salvar. Ao seguinte dia mandou o almirante que descessem alguns bateis para observar que obras fizera o inimigo, durante a estada delle almirante na angra: os destes bateis, sendo chegados abaixo da entrada, notaram que o inimigo mettera no fundo o navio, que os nossos esbulharam e largaram no dia 11, com o que estorvaram bastante a sahida; mas este empecilho podia ser removido, queimando-se o dito navio na baixa-mar. Levantára mais o inimigo um parapeito junto a um monte e á borda d'agua, por traz do qual postára mosqueteiros em não pequeno numero, fazendo conta que deste modo tolheria a sahida aos nossos, pois tinham de passar por junto de dito parapeito. Informado o almirante destas occurrencias, se foi sem detença ao navio afundido, e por ser na baixa-mar mandou pôr-lhe fogo em dous ou trez lugares. No entretanto ia atirando vivamente contra os nossos o inimigo, que se achava postado por traz daquelle montezinho, sendo correspondido pelo fogo dos nossos falconetes de bronze postos nos bateis, de modo que poderam os nossos voltar acima sem grande perda. Tanto que tornou o almirante aos seus hyates e navios tomados, ordenou que lhe levassem todos os couros, que encontrados fossem nos navios apresados para o effeito de forrar estes, bem como os hyates e particularmente os bateis, e assim segural-os das balas de mosquete do inimigo, pois, como o vento era contrario, e o rio estreito e de poucas aguas, impossivel era sahirem os navios a não ser por meio de ancoretes de espiar, que os bateis levariam adiante. Bem máo aspecto tinha este negocio, e dava tractos ao juizo, mas o almirante não era medroso, nem homem a quem faltassem expedientes, ou que deixasse de fazer as cousas com bravura nas occasiões difficeis, quando mil outros houveram estacado perplexos. No entretanto o Governador da Bahia, juntamente com muitos officiaes principaes, todos os soldados e muitos paisanos da cidade que sabiam manejar o mosquete, se viera postar atraz daquelle parapeito, firmemente persuadido de que alli lhe cahiriam na armadilha o nosso almirante e seus navios, e que nelle vingaria os passados e ainda recentes damnos e gravames, que lhe causára o mesmo almirante. Achando-se ao presente dispostas todas as cousas, e bem forrados de couros os bateis do lado que offenderiam os tiros do inimigo, e collocadas algumas peças na ponte do hyate *Vos* (igualmente resguardado com couros) para poderem atirar convenientemente contra o parapeito, ordenou o almirante que os dous navios tomados, bem como o barco que estava tambem cheio de assucar, despejassem o rio. A 15 chegaram á bocca do rio,; e comquanto o inimigo fizesse do parapeito, por junto do qual tinham os nossos de passar, um continuo e bem nutrido fogo contra os bateis, que rebocavam os navios, foram

estes, mesmo ás barbas dos contrarios, e em que muito lhes pezasse, safos e retirados para fóra do rio sem receber detrimento, por se prenderem nos couros e resaltarem as balas de mosquete. Este expediente foi um bello achado devido certamente ao engenho do bravo lobo do mar Pieter Pietersz. Heyn. Elle mesmo ficou ainda esta noite no rio com o hyate *Vos*, que juntamente com o navio *Pinas* dera em secco de maré cheia; mas, como esta vasava, se empregaram os nossos a noite toda em alijar o lastro, e a seguinte manhã, na conjunctura da enchente, safaram-se sem damno, sahiram do rio, e se juntaram com a frota. A 18 de Junho todos os navios se afastaram, e foram surgir defronte da cidade de S. Salvador fóra do alcance da artilheria inimiga. Soube-se por dous transfugas que naquelles dias o inimigo perdera no rio pouco menos de quatrocentos homens, uns afogados e outros mortos pelos nossos. Permaneceu pois a nossa frota, a despeito do inimigo, surta na bahia, occupando-se os nossos em descarregar os navios tomados e baldear os generos e mercadorias para os seus. A 22 juntou-se á frota o hyate *Tijger*, que com outros hyates fôra expedido da Republica para cruzar nas costas do Brazil. A' noite dous navios portuguezes foram ter diante da cidade, sem serem sentidos dos nossos. A 2 de Julho entraram o navio *Son* e o hyate *Post-paerdt* com um batel, os quaes partiram da Zelandia ao mando do *Commandeur* Joost Banckert: haviam cruzado algum tempo diante do Rio de Janeiro. A 4 entrou o hyate *Eenhoorn*, que havia cruzado diante de Pernambuco. A 9 se tornaram a incorporar com a frota o *Goude-Leeuw* e a caravela, que, não estando em estado de ser levada á Republica, tiraram-lhe quanto podia servir, e a desmantelaram. A 13 chegou ainda aquelle porto o hyate *Hare*. A 14 toda a frota largou da Bahia, depois de soltos todos os prisioneiros portuguezes; vento sul e sussudeste. O *Commandeur* Banckert ficou na costa com alguns hyates.

A 27 a frota lançou ferro na ilha Fernão Noronha em dezeseis e dezesete braças, fundo de areia. Esta ilha demora aos 3° 34' á banda do sul, apartada cousa de setenta leguas da costa do Brazil. Querendo tomal-a partindo de dita costa, caminhae ao nordeste por amor das correntes, e ide então buscal-a em sua altura. Quando se chega a avistal-a, á vista se representa como uma torre ou vela, porque tem um pico ou monte escarpado, que se deixa ver primeiro que qualquer outra terra. Em vos chegando mais á ilha, vereis outro monte ao oeste do anterior, que tambem não semelha mal ao longe uma igreja com sua torre; depois avistareis mais trez colinas, e emfim toda a mais terra. O remate nordeste se faz em quatro ou cinco ilhotas, arredadas entre si, ora mais ora menos de um tiro de arcabuz; por entre ellas porém não podem passar navios por serem as aguas pouco profundas. Da banda oriental sahe um recife, que entra dous terços de legua pelo mar, sobre o qual este cresce e ferve, por ser formado o dito recife de pedras sobre-aguadas. Querendo aportar nesta ilha, lhe dareis volta por leste, e sendo pela banda do noroeste, governareis ao norte até vos pôr a leste daquella penha em forma de torre em distancia de um tiro de colubrina, e lançareis então ferro em dezeseis ou dezesete braças, fundo de areia, a obra de um tiro de canhão da praia, pois mais

perto della o fundo é sujo, e roe os cabos. Na terra fronteira ao surgidouro ha boa agua fresca, que deriva das montanhas, particularmente nos mezes chuvosos de Abril a Setembro, si bem que a mesma agua, pela natureza do solo, tenha sabor algum tanto salitroso. Nas aguas daquellas ilhotas fracturadas abundam os pargos e outros peixes; ha cópia de passaros marinhos e rôlas; encontram-se tambem bódes e cabras, que os Hespanhoes introduziram na ilha. Aqui refez-se a frota: apanharam os nossos algumas cabras, e encheram d'agua os seus barris. A 8 de Agosto se tornaram a juntar á frota a vice-almiranta, o *Oragnie-Boom* e o *Arendt*, que haviam cruzado diante do Rio da Prata, mas não fizeram prêsa alguma, e como passaram muitas tormentas e tempestades, separaram-se muitas vezes uns dos outros, e não tornaram mais a ver o hyate *Sparwer*. A 11 levantou-se o almirante com sua frota, que recolheu-se prazenteira á patria no ultimo dia de Outubro; os vasos que então a compunham, eram o *Hollandia*, *Geldria*, *Zulphen*, *Pinas*, *Race* de Amsterdam, *Neptunus* da Camara do Mosa, *Goude-Leeuw* e o hyate *Vos* da Camara de Groninga. A 15 de Agosto, em altura de 35º á banda do sul, tomaram mais um pequeno navio procedente de Pernambuco com carga de assucar, tabaco e madeira da mesma capitania. A 21, estando a frota em calmaria, tiraram deste naviozinho oitenta caixas de assucar e uma porção de tabaco, e continuando a descarregal-o, ficou de todo vasio no dia 26.

Até ao presente temos dado razão do que fizeram as nossas frotas e navios, que foram despachados o anno passado; passamos agora a escrever d'aquelles que partiram este anno de 1627. Começaremos pelos trez navios que a Camara de Zelandia armou, os quaes são: *Ter-Vere* do porte de noventa lastos, artilhado com quatorze colubrinas e seis pedreiros, tripolado por setenta e trez marinheiros, tendo por almirante e capitão Hendrick Jacobsz. Lucifer, valente lobo do mar; *Leeuwinne* (Leôa), com lastos, quatorze colubrinas e seis pedreiros, sessenta e nove marinheiros, capitão Jan Pietersz. tambem vice-almirante desta flotilha; e o *Vlieghenden Draeck* (Dragão Alado), quarenta e cinco lastos, oito colubrinas, e seis pedreiros, e quarenta e dous homens, capitão Galeyn van Stapels. Estes navios partiram de Flessinga a 22 de Janeiro do corrente anno de 27, e adiantaram-se tanto que, tendo passado pelas Canarias e navegado de longo da costa d'Africa, a 3 de Março houveram vista das terras baixas do cabo do Norte do afamado rio das Amazonas. Como aquellas regiões estavam no forte do inverno, foram incommodados por muitas chuvas e ventos. Ao outro dia escorreram a costa pela derrota do nornoroeste debaixo de chuva e forte trovoada, de modo que ora avistavam terra, ora perdiam a vista della. A 5 fundearam em quatro braças d'agua, a obra de duas leguas de Comaribo. Ao seguinte dia seguiram para o rio Wiapoco, onde estava o almirante incumbido de desembarcar alguns colonos. A 7 surgiram diante de Caribote em trez braças, e de maré vasia encalharam os navios. E porque os selvagens, que moravam nas vizinhanças, não viessem a bordo, mandaram duas chalupas a Comaribo para transportarem aos navios alguns delles, que guiassem os nossos aos mais moradores; de feito ao outro dia trouxeram dous. Tornando a subir o rio nas chalupas, chegaram os

nossos á noite a um lugar chamado pelos selvagens Wacogenive, onde havia sómente duas casinhas. Notaram os nossos que com sua chegada andavam os selvagens esquivos, mas a razão dessa esquivança não a poderam saber. Ao outro dia observaram o sitio, e como o acharam mui accommodado para os colonos que por alli tinham de assentar, no dia 10 começaram a tirar dos navios e transportar para terra os haveres delles. Os selvagens, que andavam amedrontados, puzeram-se em fugida, e só a 13 souberam os nossos a causa desse procedimento por um negro, que veio ter com elles, e lhes contou que do rio das Amazonas vieram em um barco e duas chalupas alguns christãos, que ahi assistiram durante um mez, mas depois, se tendo espalhado por quatro lugares, foram acommettidos de improviso pelos selvagens, que os mataram a todos com excepção de trez, um dos quaes se achava em Comaribo, e os outros dous mais acima no mesmo rio Wiapoco. Assim inteirados os nossos destes acontecimentos, puzeram a bom recado trez selvagens e uma mulher, que estavam a bordo, e mandaram buscar o Hollandez a Comaribo, ameaçando de matar os selvagens prisioneiros, caso não lhes fosse apresentado aquelle homem. Ao outro dia trouxeram a bordo o Hollandez; como porém estava este quasi esquecido (cousa singular) de sua lingua materna, poucas informações poderam colher delle; e pois mandaram buscar os outros dous, que só a 17 chegaram a bordo. Um delles chamado Jan Hendricksz. referio todas as particularidades daquella matança, isto é, que, dezoito mezes atraz, sobrevindo grande numero de Hespanhoes ou Portuguezes, deram de improviso sobre a colonia assentada no rio das Amazonas (1) sob a direcção do capitão Oudaen. Este, tendo-se defendido valentemente durante metade do dia, refugiou-se em seu barco com perda de sete ou oito homens, e seguio para o esteiro em que assistiam os Inglezes para commutar mantimentos com os colonos; tendo desembarcado entre os Inglezes o capitão com onze ou doze homens, os inimigos entraram em suas canôas no mesmo esteiro ou angra, e atacaram e mataram assim os Neerlandezes como os Inglezes. Ao outro dia o tenente Pieter de Bruyn, sabendo do occorrido, fugio no barco com quarenta e seis homens, que restavam, para o rio Wiapoco, e aqui tomára pouso suppondo estar em segurança; mas, dous ou trez dias depois, foi varado de uma bala pelo sargento Matruyt, e os colonos espalharam-se por quatro lugares. No entretanto os selvagens, tendo-se promettido desembaraçar desses hospedes, os procuraram debaixo da capa da amizade, offerecendo-lhes a beberagem que chamam *Pernau*, e os tendo embebedado inteiramente, cahiram em grande grita sobre elles, e os mataram barbaramente com machados e facões, afóra unicamente os trez que os mesmos selvagens apresentaram aos nossos. Posto que esta feia acção estivesse desafiando um severo castigo, todavia, como tencionava a Companhia ahi assentar e manter uma colonia, tiveram os nossos por mais avisado transigir com os moradores daquelles lugares, que se mostravam mui pesarosos do seu máo procedimento, e promettiam ser leaes d'alli em vante com os Hollandezes, e não

(1) Vide Laet—*Historia do Novo Mundo*—pag. 573.

mais offendel-os. Assim que fundou-se uma colonia sob o governo e direcção do capitão Jan van Ryen, doze leguas acima de Comaribo, oito de Caribote, e cousa de quatro de Apotery, no dito sitio Wacogenive, cujo solo pareceu bom aos nossos, menos coberto de arvoredo, e tambem menos paludoso que o de Apotery. O fortim havia de ser levantado em um terreno elevado algumas oito braças acima da margem do rio, de modo a poder estorvar que chalupas subissem por elle.

A 19 de Março os trez navios se fizeram á vela do rio Wiapoco. A 25 houveram vista da ilha Barbados, e ao outro dia aportaram em S. Vicente em uma bahia chamada de Santo Antonio, menos a almiranta, que escorreu dita ilha; e por isso tanto que ajustaram os quartos da chalupa grande e a lançaram ao mar, partiram na entrada de Abril em demanda da ilha Granada. Ao seguinte dia encontraram nesta bahia a almiranta, e surgiram todos os navios juntamente; aqui puzeram igualmente n'agua a chalupa grande da almiranta. Commutados alguns refrescos com os selvagens, tornaram a partir no dia 7. Pelas dez horas da seguinte manhã avistaram as ilhotas Testigos. Ao meio-dia de 9 aportaram na ilha Branca, na qual apanharam trezentas cabras. Partiram no dia 11, e ao outro dia deram fundo na ilha Orchila, e se passaram á terra em procura de orchil, como lhes tinha sido encommendado, mas não encontraram grande quantidade desta planta, e o pouco que acharam existia sómente nas encostas de alguns montes; não levaram mais de barril e meio para servir de amostra. Esta ilha é esteril, suas terras baixas ficam quasi inundadas de maré cheia; ao que parece, as cabras se apascentam de orchil, pois que pouco mais ha que comer. Providas as chalupas de mantimentos e agua para trez semanas, partiram os navios no dia 16. Ao meio-dia de 17 avistaram a ilha Coração, e ao pôr do sol a ilha Aruba; e pois capearam durante a noite debaixo das velas grandes. Pela tarde de 18 avistaram os Monges, e ao outro dia mandaram uma chalupa a uma destas ilhas a ver se havia bom ancoradouro; neste entretanto capearam os navios entre os mesmos Monges e o cabo de Coquibocoa, que se prende á terra firme. E depois de se terem entendido, sendo designado o Cabo de la Vela para nelle se tornarem a juntar, partio o *Leeuwinne* em busca do dito cabo, e surgiram os mais em vinte e oito braças, cousa de legua e meia da praia, pois que em menor distancia não encontraram bom ancoradouro para navios; por alli ficaram a cruzar. A 24 deram caça a uma vela extranha, mas esta desappareceu. A 26 fundearam junto da almiranta, oito leguas abaixo de Coquibocoa, em uma bahia mui capaz chamada Bahia Honda. Como o hyate *Vlieghenden Draeck* se acercasse algum tanto mais de terra, a 28 veio ter a elle uma canôa com indios contendo alguns peixes e seis gallinhas. Ao outro dia acudiram outras canoas em maior numero, por cuja gente se soube que havia em terra uma bella salina, bem como dez Hespanhoes. Esta Bahia Honda demora entre Coquibocoa e o Cabo de la Vela; tem bom surgidouro com cinco, seis e sete braças d'agua. Dos selvagens, que moram em suas vizinhanças, se podem obter, havendo cautela, bons refrescos. E' gente mui robusta e atrevida, trazem as barbas compridas e aneis de cobre nas orelhas. No ultimo dia de Abril

partiram os nossos desta bahia, e fizeram por subir em demanda do cabo de Coquibocoa. A 3 de Maio o *Leeuwinne*, que estava algum tanto mais amarrado, vio que a almiranta dava caça a uma pequena embarcação, e acercando-se della reconheceu ser uma chalupa ingleza, que apartára-se do seu navio, perto de Caraques, onde deixára de apresar um navio hespanhol; mui felizes foram os tripolantes de dita chalupa, os quaes eram em numero de trinta e duas pessoas, em encontrarem os nossos, pois estavam sem mantimentos, e receberam da almiranta cento e sessenta libras de bolacha, trinta e duas de bacalhão sêcco, oito pedaços de carne e agua. A' manhã de 4, tendo-se chegado á costa, encontraram os hyates *Kater* e *Bruyn-Visch*, ambos da Camara de Amsterdam, de cuja navegação daremos razão em primeiro lugar, para melhor narrar depois o que uns e outros fizeram.

A 13 de Janeiro deste anno de 1627 partiram do Texel os hyates *Otter* (capitão Direk Simonsz. van Uytgeest), e *Kater* (capitão Joachem Gijsz.), cada um delles do porte de noventa lastos, e artilhado com quartoze colubrinas, tripolado o primeiro por cincoenta e nove marinheiros, e o segundo por cincoenta e dous, e mais o hyate *Bruyn-Visch*, sessenta lastos, nove colubrinas, trinta e sete homens, capitão Jan Reyersz. Swart. Tinham quasi o mesmo destino estes trez hyates. Mantiveram companhia até á entrada do mez de Fevereiro, que foi quando o *Kater* apartou-se dos outros aos 23 gr. de altura da banda do norte. Acompanhemol-o primeiramente em sua viagem.

A 4 de Fevereiro houve vista seu capitão da ilha de Santo Antonio, uma das do Cabo-Verde, e d'alli deitou caminho pela derrota do oessudoeste em demanda da costa da America até o dia 17, quando foi em altura de 6º 20', e tomou sonda de vinte braças, sem porém avistar terra, porque são tão pouco profundas as aguas daquellas paragens da costa continental, que bem quinze leguas largo de terra se acha fundo. Ao outro dia navegou pelo rumo do oeste quarta a noroeste em busca da ilha Tabago, que foi vista no dia 20 ao oeste com o *Kater*, em altura de 11º 6'. Chegando ao remate oriental desta ilha, deram os nossos fé de uma vela, que era um barco portuguez com duas velas ré; o perseguiram e tomaram. A' noite andou á capa o hyate. Ao outro dia fundeou com o barco em uma bahia capaz da ilha Tabago. No barco tomado encontraram apenas alguns rolos de tabaco, continha porém cento e cincoenta escravos; tomaram os nossos o tabaco, e deixaram o barco seguir viagem com sua gente. A 24 partio o *Kater*, e perlongou o lado septentrional da ilha para bem observal-o, e viram os nossos que havia trez sitios accommodados para fazer aguada: um delles se acha no remate oriental, e é a sua maior enseiada ou bahia, onde se póde surgir em quinze braças, e tomar agua mui fresca. Obra de uma boa legua mais para oeste ha cinco farilhões da praia cousa de meia legua, póde-se passar entre elles e a praia, e sendo no espaço intermedio se vê uma grande bahia que faz a ilha, onde desagua um ribeiro d'agua doce; aqui pescam-se muitos peixes, e se póde surgir em oito ou dez braças diante da bahia. Um pouco mais para oeste ha outra bahia grande, onde desembocam dous ribeiros d'agua fresca; é pouco profunda, e se póde surgir em oito, sete e tambem seis braças. Da extremidade occidental sahe

ao mar um largo recife, que corre ao norte. Esta ilha Tabago é de facil conhecença: tem ao remate de leste dous ilhotes rodeados de muitos parceis, os quaes não distam muito da terra da ilha; esta, desde o mesmo remate até quasi o seu meio, é alta, e faz-se depois mais baixa; verdeja com os seus arvoredos. Cousa de duas horas antes do pôr do sol, largou o hyate do remate occidental desta ilha, e caminhando pela derrota do noroeste quarta a norte, ao cabo de dous quartos achou-se perto da ilha Granada com grande admiração dos nossos, que não contavam vingar tanto caminho em tão pouco tempo; e por aqui se vê que foi o hyate levado por uma forte corrente, o que se deve tomar em toda a consideração, para que se não vá dar contra alguma dessas ilhas. A' manhã de 25 do mez de Fevereiro, surgio o *Kater* do lado occidental desta ilha Granada, e não encontraram os nossos nenhum dos outros hyates nem cartas delles; aqui permaneceram até 5 de Março para fazerem aguada e refazerem, e em o dia mencionado largou o hyate, e bordejou para tomar a ilha de S. Vicente. Chegou a esta ilha a 8, e encontrou o hyate *Bruyn-Visch*; aqui se detiveram ambos alguns dias. Esta ilha de S. Vicente é fertil e populosa; os seus habitantes tingem-se de certa côr vermelha; inclinam-se aos Neerlandezes, e são grandes inimigos dos Hespanhoes. Dá a ilha bôas fructas e tambem tabaco. Pela parte do oeste e sul faz bellas bahias, em que se póde surgir e fazer aguada. A 12 os hyates se fizeram á vela em demanda da ilha de Santa Luzia, a cujo remate occidental chegaram sobre a noite de 14. Nesta ilha encontraram uma bahia, onde se póde haver agua doce. E porque não permittio a calmaria que fundeassem os hyates á sombra das terras altas, mandaram que fosse a chalupa dar vista á ilha. Sendo em terra, não encontraram os da chalupa gente nem casas, e observaram, consoante com as informações que haviam dado aos nossos os habitantes da ilha de S. Vicente, que esta de Santa Luzia é arida e esteril, e não póde alimentar população alguma. Partiram os hyates da ilha de Santa Luzia, e a 15 chegaram a de Matinino, onde encontraram os nossos uma bahia grande e tão penetrante, que nella se póde surgir sem avistar o mar, e de aguas tão tranquillas que os navios podem ser querenados commodamente. Na ilha crescem arvores proprias para mastros e mastaréos; obtem-se aqui facilmente agua doce; não encontraram os nossos pessoa alguma. D'aqui partiram a 18, e sobre a noite chegaram á ilha Dominica, e fundearam da banda occidental perto de um sitio accommodado para aguada. Esta ilha Dominica é habitada do gentio, e offerece refrescos, quando é tempo delles. Communicaram os selvagens aos nossos que no mar junto de terra havia duas peças de ferro, e os nossos as retiraram por estarem em bom estado. A 20 tornaram a partir os hyates, e ao outro dia surgiram á extremidade occidental de Guadelupe. Os selvagens, que alli asistiam, estavam tão esquivos, que, em desembarcando os nossos, fugiram de suas cabanas, e não quizeram voltar a ellas. Tomada uma porção d'agua, se fizeram á vela os hyates a 13, e bordejaram em demanda de Marigalante, que alcançaram sobre a noite. Não encontraram os nossos bahia accommodada em que surgissem os hyates, e mais notaram que o gentio da ilha não era de boa indole, pois, sendo numeroso, quiz persuadir que assim não era.

Tornando a partir, a 26 chegaram á ilha Desejada, e como não encontraram ancoradouro capaz, seguiram para a ilha Antigua, onde deram fundo ao outro dia em uma bella bahia. Esta ilha, da parte do sul e pelo seu meio pouco mais ou menos, faz duas bellas bahias, pegadas uma á outra; em terra não viram os nossos pessoa alguma, nem encontraram agua doce. E' mui arida. A 20 partiram, e ao outro dia chegaram á ilha de S. Christovão, onde encontraram Inglezes e tambem Francezes, que alli tinham feito assento. Na entrada de Abril partiram de S. Christovão, e ao outro dia lançaram ferro na de S. Martin; no meio da terra desta ilha encontraram os nossos uma salina mui grande, mas que então não tinha sal, e mais duas pequenas pela parte do sul. A 4 deram volta á ilha por leste, e passaram por entre a mesma ilha e a de Anguilla, que observaram ser igualmente esteril; trabalharam por tomar a ilha Sombreiro, mas, além de ser a navegação perigosa por causa das areias e parceis, encontraram constrastes nos ventos e aguas, de sorte que tiveram de retroceder. Deram volta á ilha de S. Martin por oeste para irem procurar a ilha Barbada, como lhes fôra encommendado. Chegaram á ella no dia 6: é mui baixa, e bota alguns recifes, do lado do sul tem uma baixa que se estende ao longe, e o fundo é mui desigual. Esta ilha é tambem arida, e não offerece refresco algum. Ao outro dia partiram os hyates para a ilha de S. Vicente, onde fundearam a 10; aqui encontraram os nossos uma carta dos hyates de Zelandia, e em virtude della seguiriam para a ilha Granada, suppondo ahi encontral-os; mas, sendo nesta ilha a 12, souberam pelos selvagens que aquelles hyates haviam partido trez dias antes, e por isso não se quizeram deter, e no dia 14 chegaram á ilha Branca. Esta ilha Branca é tambem bastante esteril, encontra-se sómente a espaços algum guaiaco ou arvore do páo santo, tem porém numerosas cabras. Ao meio-dia de 16 descahiram sobre a ilha Tortuga, e rodeando-a por leste, observaram a salina, em que então não havia sal; proseguindo em sua viagem pelo sul da ilha, foram fundear á extremidade occidental della, contando achar agua, o que assim não aconteceu. No dia 18 governaram para a terra firme, e este mesmo dia a avistaram; foram-na costeando em demanda do cabo Caldera. Ao outro dia, sendo de Caraques obra de sete leguas, tomaram um pequeno barco hespanhol, mas o largaram por estar em lastro. Escorrendo a costa, chegaram a 24 a Maracaybo, e fundearam na bocca do lago da banda oriental; não ousaram navegar este dia para diante por encontrarem aguas pouco profundas. Ao outro dia se fizeram á vela, indo a chalupa adiante para tomar sonda, mas tiveram de fundear por causa de um vento forte. A 26, vindo a entrar uma fragata hespanhola servida de um vento fresco, e vendo-a os nossos, levantaram ancoras, e foram traz ella; os Hespanhoes fundearam a barlavento perto de terra, para onde se dirigiram em seu batel levando quanto poderam, de sorte que os nossos não encontraram na galera senão vinte vasos com azeite e trezentos frascos com vinho, em que fizeram prêsa, bem como em tudo o mais que lhes podia ser de algum prestimo, e deixaram singrar a embarcação, depois de lhe deitarem fogo. Na entrada de Maio adiantaram-se até uma ilha, que jaz no meio do lago; como porém não achassem

prudente melhorar para dentro delle, pois não conheciam bem aquellas paragens, tornaram a sahir. Ao outro dia chegaram á ilha Aruba, mas não lhes pareceu acertado desembarcarem por verem em terra alguns cavalleiros.

A 4 encontraram os hyates zelandezes (de que acima fallamos), os quaes estavam cruzando nas paragens do cabo de Coquibocoa, e os deixando alli seguiram para o cabo de la Vela, isto por haverem combinado os capitães dos hyates *Kater* e *Bruyn-Visch* com os dos hyates zelandezes que estes, segundo as suas instrucções, ficassem entre os dous cabos de Coquibocoa e de la Vela, ao passo que aquelles iriam cruzar entre o cabo de la Vela e Santa Martha, devendo juntarem-se todos a 2 ou 3 de Junho neste ultimo, e caso não se encontrassem, se passassem á ilha Vacca. Ao outro dia, tendo chegado o *Kater* e *Bruyn-Visch* junto do cabo de la Vela, proseguiram em sua viagem ao longo da costa. Avistaram os nossos algumas sete velas pequenas, que lhes pareceu estarem occupadas na pesca das perolas; não poderam porém os hyates chegar-se a ellas assim por causa da grande baixia como por sobrevir a noite. A 7 foram diante da pequena cidade do Rio de la Hacha, situada á borda do mar, e defendida por um fortim; póde-se chegar tanto a ella que a alcance um tiro de colubrina, mas não em navios grossos. Os Hespanhoes dispararam cinco tiros contra os nossos, servindo-se sempre da mesma peça, o que deu a entender que não dispunham de outra. Encontramos notado nos papeis dos nossos que esta praça é aformoseada por muitas e bonitas casas e armazens; que demora na praia dez ou doze leguas abaixo do cabo de la Vela; que, para não escorrel-a, se attenderá ao seguinte: partindo do dito cabo, e perlongando a costa, se irá ver na face da ponta um comoro de areia vermelha e assás alto. Póde-se desembarcar commodamente da banda oriental desta praça por toda a extensão da bahia em uma praia rasa e arenosa, sem correr o perigo de levar os navios diante da cidade; póde-se igualmente sahir em terra pela parte de oeste, e depois entrar na praça por traz sem receber damno do fortim. Outr'ora, quando florescia a pesca das perolas, esta cidade tinha mais importancia que ao presente, pois o numero das ostras de perolas vai actualmente em grande decrescimento, ou antes tem sido ella estragada pela muita ambição dos Hespanhoes. Bordejando para se remontarem ao cabo de la Vela, os hyates chegaram a elle no dia 10 de Maio, e ahi encontraram surto um pequeno navio hespanhol abandonado dos seus tripolantes e quasi cheio d'agua; carregára milho, e fôra saqueado pelos Inglezes; os nossos ainda encontraram nelle duas boas ancoras e pedaços de céra, que tomaram, e depois lhe puzeram fogo. Fallaram com os selvagens da terra, que se mostravam inimigos dos Hespanhoes, indicaram aos nossos uma salina, em que havia sal mui branco, mas pouco consistente. Aqui se juntaram o *Kater* e *Bruyn-Visch* com os hyates zelandezes. Estes haviam encontrado um navio portuguez, procedente de S. Thomé, com duzentos e vinte cinco negros; mas, estando o navio de agua aberta, e não sabendo os nossos que fazer dos negros, tomaram vinte e dous dos mais robustos e o mais que lhes podia servir, e largaram o barco com os

outros. Assim juntos os hyates, convieram os seus capitães em bordejarem em demanda de Maracaybo, e de feito andaram bordejando desde 14 até 24; mas, como não conseguiram passar além do cabo Coquibocoa, resolveram seguir para a ilha Hispaniola. A 26 estavam a leste da ilha Vacca apartados della obra de doze leguas; ao outro dia aportaram entre esta paquena ilha e Hispaniola. Achavam-se pois reunidos o *Kater*, *Bruyn-Visch* da Camara de Amsterdam, *Ter-Veere*, *Leeuwinne* e *Vlieghenden-Draech* da Zelandia.

A 8 de Junho partiram para o cabo Tiburon, que fica no remate occidental da ilha Hispaniola; ao outro dia fundearam em uma bahia, que demora a leste delle em distancia de obra de meia legua. Nesta bahia despejam suas aguas frescas dous ou trez ribeiros. Em terra encontram-se algumas laranjas. A 10 se tornaram a fazer á vela; dos hyates trez escorreram a costa meridional da ilha Jamaica, e os outros a costa do sul da ilha de Cuba. A 16 de Junho se tornaram a juntar nas aguas do pequeno Caimão; ao outro dia surgiram ao remate occidental dos Caimões. A' noite apanharam os nossos em terra quantas tartarugas quizeram, porque nesta quadra costumam estes animaes pôr seus ovos na praia. A 18 partiram para a ilha de Pinos, em cujo remate occidental fizeram aguada; a 25 fundearam junto do cabo de Corrientes. Ao outro dia seguiram o *Kater*, *Ter-Veere* e *Leeuwinne* para o cabo de S. Anton, e durante a noite capearam com uma vela pequena. A 27 avistaram uma vela, mas por causa da calmaria não se poderam chegar á ella. A 29 foi vista outra vez a mesma vela; a chalupa se enviou a ella, e tomou-a. Era uma fragata procedente de Nova-Hespanha com carga de farinha de trigo, vinte e seis fardos de seda, mais dez pacotes de seda branca e preta, e algumas miudezas, o que tudo os nossos apprehenderam; conservaram tambem a galera. Ao outro dia avistaram as terras altas de Cuba na altura do Ilio de Porcos; por aqui pairaram até 8 de Julho, quando ao romper do dia houveram vista de duas velas, que estavam a sotavento dos hyates. Fizeram os nossos força de vela por alcançal-as, e chegando mais perto viram que eram dous navios grossos hespanhoes. Os dous hyates *Kater* e *Ter-Veere* se aperceberam para o combate, e como sahissem ao encontro dos navios inimigos, entraram a atirar vigorosamente de parte a parte. Não ousaram porém os nossos abordar os navios contrarios, porque o *Leeuwinne*, em que se achava o almirante, ainda não se havia aproximado, e estava a barlavento com a vela do mezena sobre o mastro. Afastaram-se os dous hyates, e o *Ter-Veere* atirou para o *Leeuwinne*, em signal de que se aproximasse. Aproximou-se emfim o *Leeuwinne*, disparou suas peças contra os navios hespanhoes, e retirou-se por diante delles; os outros dous hyates tambem avançaram passando por junto do *Leeuwinne*, empregaram os seus tiros nos navios contrarios, e recuaram para serem de novo carregadas as peças. O *Leeuwinne* se enviou outra vez aos Hespanhoes, e tendo atirado retrocedeu, e passou pelos dous hyates; estes deram volta, e atiraram mais uma vez contra o inimigo. Como porém succedeu ficar o *Leeuwinne* muito alongado, e ignorando os capitães do *Kater* e *Ter-Veere* o que lhe acontecera, tambem mudaram de bordo. Puzeram n'agua a chalupa do *Ter-Veere*, a qual vogou para o *Leeuwinne*, levando tambem o

capitão do *Kater*. A bordo do *Leeuwinne* foram os capitães accordes em que se abordasse a almiranta hespanhola, sendo o *Leeuwinne*, o primeiro na investida, o *Kater* o segundo, e o *Ter-Veere* o terceiro, resolução que tomaram por lhes parecer que com tiros não renderiam os contrarios. E como, em quanto estavam os capitães assim occupados singraram os hyates, vindo a ficar distanciados um grande espaço dos navios inimigos e a sota-vento delles, os da almiranta hespanhola, entendendo que os nossos se achavam amedrontados, deram um tiro afastando-se, e içaram uma flammula á verga da mezena. Fizeram os nossos toda a diligencia por se travarem outra vez, mas, em se aproximando, viram que não podiam alcançar a almiranta, como desejavam, porque era mais veleira que a vice-almiranta; e pois abordaram esta, o *Leeuwinne* por barlavento e os outros dous hyates por sotavento. Vendo isto a almiranta hespanhola, que se achava a barlavento, aproximou-se e abordou o *Leeuwinne*, que assim ficou entre os dous navios hespanhoes, resultando d'aqui tão temeroso bombardeio que se não podia ver nem ouvir. Tanto que se dissipou um pouco a fumaça, vontade tiveram os nossos de entrar os navios contrarios, mas não o poderam fazer, porque os navios hespanhoes eram mais alterosos que os nossos, e de cima delles manejavam os inimigos furiosamente as suas lanças, com que tomou o caso um feio aspecto. Valeram-se porém os nossos de suas granadas, e as arrojaram entre os inimigos, que não mais souberam aonde se haviam de metter. Resultou atear-se o fogo na vice-almiranta hespanhola, mas nem por isso deixaram os nossos de entral-a; mataram a maior parte dos hespanhoes, e trabalharam por abafar o fogo. Depois apartaram-se uns dos outros sempre combatendo. A almiranta hespanhola fez por se escapar, e como os hyates receberam tanto detrimento das balas do inimigo que não podiam mais lutar, não perseguiram o dito navio, e se contentaram os nossos com a vice-almiranta que lhes ficára nas mãos. Seguiram com ella para o canal de Bahama; na costa da Florida tiraram della algumas caixas de anil, e mandaram para Havana na fragata os hespanhoes que restavam. O navio tomado era um dos que vinham de Honduras; trazia o riquissimo carregamento de mil quatrocentas e quatro caixas de anil de Guatemala, quatro mil duzentos e oitenta couros, e trinta e dous vasos com balsamo. A 5 de Setembro recolheram-se os nossos á Republica com este esbulho.

O capitão do hyate *Bruyn-Visch*, que a 24 ficára no cabo Corrientes, mandou a chalupa á ilha de Pinos. Voltou esta na entrada do mez de Julho, trazendo um barco tomado nos Cayos, o qual continha oitenta e dous couros curtidos, e cento e noventa e quatro não curtidos, e seis caixas de estanho com tabaco Menoc. A 4 do mesmo mez seguio o *Bruyn-Visch* para as Tortugas, que só a 22 foram vistas, suppondo os nossos a principio que eram velas, por causa das arvores, que alli ha, mui distanciadas, e por assim dizer rasas com o mar. Observaram que demoram estas pequenas ilhas na altura de 24º 28'. Ao outro dia a calmaria fez derivar o hyate até as aguas dos Martyres, onde o abordou uma canôa com selvagens. Eram homens de estatura elevada e bem proporcionados de membros; traziam as vergonhas cobertas com uma

tanga feita do entrecasco de arvores, e as barbas compridas sem bigodes; pareciam ser intelligentes, e mais urbanos que os Caraibas. A 26 foi o hyate diante de Havana; por alguns prisioneiros hespanhoes souberam os nossos que o castello grande era guardado de ordinario por cento e cincoenta homens, e montava perto de cem peças, que estavam a cargo de mais de quarenta artilheiros experimentados; que no segundo, que fica da banda occidental, se achavam cem soldados, oitenta peças e trinta artilheiros; no terceiro igual numero de soldados, setenta peças e vinte artilheiros; na cidade contavam-se pouco mais ou menos trez mil vizinhos, que em caso de necessidade serviam tambem de soldados, e em toda a ilha, entre homens, mulheres, meninos, negros, algumas sessenta mil pessoas, pela maior parte desarmadas e mui espalhadas pela terra. Seguio finalmente o *Bruyn-Visch* costeando a Florida para a Nova-Neerlandia, e a 29 de Agosto fundeou na bocca do Rio do Norte. D'aqui partio no ultimo dia de Setembro, e chegou ao Texel a 25 de Outubro.

A traz se disse que Direk Simonsz. van Cytgeest partira a 13 de Janeiro de conserva com o *Kater* e *Bruyn-Visch*, e que estes hyates se haviam apartado delle. Antes de dar conta da viagem deste capitão, accrescentaremos que a 27 de Dezembro do anno passado largaram do Texel os hyates *Eenhoorn* (Unicornio), oitenta lastos, dez colubrinas e seis pedreiros, quarenta e quatro marinheiros, capitão Joost Jansz., e *Windt-Hondt*, oitenta lastos, dez colubrinas e seis pedreiros, quarenta e seis marinheiros, capitão Claes Hendriksz. O *Otter* e o *Windt-Hondt* chegaram a 4 de Fevereiro á ilha de Santo Antonio, uma das do cabo Verde, e sobre a noite surgiram em S. Vicente; d'aqui partiram a 19 para as costas do Brazil. A 7 de Março, na altura de 3º pouco mais ou menos, houveram vista de duas velas, uma das quaes foi tomada pelo *Windt-Hondt*. Vinha de Lisboa com carga de farinha, sal e vinho, e transportava entre outras pessoas trinta frades, que se destinaram a Pernambuco. A 12 de Março atravessaram a linha, e a 22 foram ver a costa do Brazil em altura de 8º 11'; ficaram a pairar entre o cabo de Santo Agostinho e o porto de Pernambuco. A 28 juntou-se o hyate *Eenhoorn* com o *Otter*, e a 30 o *Windt-Hondt* juntamente com sua presa, e surgiram todos ao cabo de Santo Agostinho em vinte e uma braças. No começo de Abril seguio o *Eenhoorn* para a Bahia, e os outros dous ficaram a cruzar n'aquella paragem. A 11 encontraram-se com elle os quatro navios que foram tomados, como dissemos, pelo almirante Pieter Pietersz. Heyn, os quaes seguiam viagem para a Republica. A 15 surgiram os hyates á vista do porto de Pernambuco; poderam pois os nossos avistar os navios, que estavam fundeados em dito porto, sendo que dous estavam carregados e os mais, alguns doze, ainda vasios. A 17 tomaram um navio, que vinha de Angola com seiscentos negros, mas esta tomadia não nos foi de proveito algum, porque os de Pernambuco não quizeram resgatar os negros. A 23 surgiram por traz da ilha de Santo Aleixo, e limparam os hyates. A 25 partiram, e a 28 tornaram a surgir diante de Pernambuco; cruzaram naquellas cercanias. A 6 de Maio foram outra vez diante do porto, e viram que nelle se achavam surtos de vêrga d'alto nove navios carregados, que

aguardavam as proximas marés d'aguas vivas *(springh-tijdt)* para se fazerem ao mar. Ao outro dia a chalupa deu á costa com dous barcos. A 9 amararam-se algum tanto o *Otter* e *Windt-Hondt* afim de se porem fóra da vista de terra, e não tolherem a sahida aos navios. A 13 singraram um pouco para o norte. Ao outro dia, sendo em altura de 7° 51', surgiram em trinta e duas braças, fundo de areia; depois acercaram-se mais da costa, e fundearam em vinte e cinco braças, fundo ainda de areia. A 19, como era chegada a conjunctura das marés vivas, levantaram ferro, e se fizeram ao largo. A 20 tornaram a surgir diante do porto de Pernambuco; viram que havia no Pogo trez navios, que estavam de verga d'alto. Cruzaram até 27, dia em que apresaram um barco, que demandava a ilha de Santo Aleixo para carregar assucar; continha sómente sal e ferro. Ao outro dia desembarcaram os tripolantes em Santo Aleixo. A 29 tomaram, a carão de Pernambuco, um pequeno navio com carregamento de vinho; os tripolantes foram levados á terra no batel. Como o dito naviozinho não nos era proveitoso, depois que baldearam o ferro e tudo o que podia servir, puzeram-lhe fogo ao outro dia. A 3 de Junho assentaram de seguir para a ilha de Fernão de Noronha, onde se refariam. A 8 chegaram á dita ilha; aportaram, e encontraram o hyate *Eenhoorn*. Aqui refrescaram; fizeram aguada e lenha até 25, dia em que tornaram a partir. Diligenciaram voltar ás costas do Brazil. A 28 avistaram o continente pela altura de 7° á banda sul. Ao outro dia acharam-se entre Itamaracá e a Parahyba, e por ahi pairaram. A' noite deram fé de uma vela a barlavento dos hyates em distancia de obra de meia legua; deram-lhe caça, e a tomaram antes do romper do dia. Carregava quatrocentas caixas de assucar, porção de páo brazil e tabaco. Amararam-se um pouco com esta prêsa. Na entrada de Julho trabalharam por avançar para o sul, e sobre a noite estavam ao remate septentrional da ilha de Itamaracá; aqui surgiram em oito braças o *Otter*, *Windt-Hondt* e o navio tomado. Ao outro dia vogaram no batel para o rio de Goyanna a ver se ahi podiam dar desembarque aos Portuguezes; acharam na bocca do rio quatorze pés d'agua, e bem trez braças um tiro de mosquete para dentro delle. Encontraram um batel, que apprehenderam; deram desembarque aos Portuguezes. A 3 fizeram-se ao largo. O *Windt-Hondt* e o navio tomado se foram via da Republica; o *Otter* amarou-se algum tanto para se pôr fóra da vista de terra. A principio descahio um tanto para o norte, achando-se a 7 em altura de 5° 50'; mas amarando-se a pouco e pouco recebeu o vento mais de leste, e avançou outra vez para o sul. Dizem com effeito os homens praticos que, por aquella altura, largo de terra obra de cincoenta leguas, cursa o vento ordinariamente de leste, e que quanto mais vos chegardes á terra, mais se faz elle sul. A 11 achou-se o *Otter* novamente aos 9 gr. 11 min.; andou pairando entre 8 e 9 gr. e alguns min.. A 22 encontrou-se com o almirante Pieter Pietersz. Heyn, que seguia viagem com seus dezenove navios e um barco; continuou a cruzar até 27, e então se fazendo em outro bordo, governou ao nornoroeste para tornar a surdir abaixo de Pernambuco por occasião das proximas marés vivas, e por ahi andou a cruzar. E como corriam as aguas fortemente ao norte, foi descahindo para menor latitude, mas com virar de bordo tornou a adiantar-se para

o sul, e assim depois de se haver elevado á altura de 3° 27' de lat. norte, foi ver a 12 de Agosto o continente perto de Itamaracá. A' seguinte manhã avistaram os nossos um navio portuguez, e logo depois outro; abordaram um delles, em que metteram vinte homens, e fizeram força de vela para alcançar o outro, como alcançaram e tomaram pela tarde. Singraram então para se juntar com o primeiro navio tomado, e o encontraram ás 11 horas da noite. Estes dous navios tomados estavam carregados de assucar. Tendo assim feito tão bòa prêsa, a 14 de Agosto determinou o capitão Dirck Symonsz. fazer-se na volta da Republica. O vento nordeste deteve-o alguns dias. A 19 de Setembro uma tempestade apartou do *Otter* os dous navios tomados na altura de pouco mais de 39°. A 24 os nossos avistaram a ilha das Flores, e ao outro dia chegaram a do Fayal, onde deram desembarque a trinta e seis homens entre Portuguezes e negros. A 8 de Outubro avistaram o cabo Lizard, e ao outro dia entraram em Falmouth. A 13 se juntou com os nossos neste porto um dos navios tomados. A 24 se recolheram ao Texel.

FIM DO QUARTO LIVRO

«YÑERRE», O «STAMMVATER» DOS INDIOS MAYNAS

Esboço ethnologico-linguistico

DE

RODOLPHO R. SCHULLER

DO «MUSEU-GOELDI» (PARAENSE), PARÁ, BRASIL

«YÑERRE», O «STAMMVATER» DOS INDIOS MAYNAS

(ESBOÇO ETHNOLOGICO-LINGUISTICO)

O «Ynforme» (1) do jesuita P. Francisco de Figueroa constitue seguramente uma das fontes mais exactas e ao mesmo tempo mais detalhadas quanto ao estado de cultura dos indios e ás linguas indigenas da «Provincia» historica de Maynas, onde ao começar o seculo XVII os missionarios do Collegio de Quito iniciaram a sua obra civilisadora.

Figueroa nasceu na cidade de Popayan, situada no então Reino da Nova-Granada. Fez seus estudos no seminario de Quito. Terminados estes entrou na Companhia. Pelos annos de 1638 o encontramos no Collegio de Cuenca, com seu condiscipulo o P. Christovão d'Acuña, mais tarde celebre pela sua viagem com o Capitão *Pedro Teixeira* pelos rios Napo e Marañon, aguas abaixo. E passada a furia da sublevação geral dos indomitos Maynas, Figueroa apparece nas Missões do Alto-Marañon, ou Tunguragua (2).

O fim tragico daquelle grande homem, victima da perfidia dos indios Cocama na bocca no rio Aipena, affluente meridional do Marañon, é sufficientemente conhecido pelas relações dos chronistas posteriores da mesma companhia.

A minuciosa descripção, que do paiz dos Maynas e das suas povoações indigenas nos deixara aquelle infatigavel missionario, é relativamente pouco conhecida dos circulos americanistas, não obstante conter copiosos

(1) «Relación de las Misiones de la Compañía de Jesús en el País de los Maynas» in «Colecc. de libros y docum.», etc, Madrid, 1904.

(2) *Tungurumaŋá* chamam-no os *Huambiças* e outros.

materiaes ethnologicos e valiosissimas indicações acerca das linguas dos differentes clans ou tribus, que os Jesuitas iam pouco a pouco descobrindo e reduzindo ao gremio da Igreja.

E' uma especie de «Relatorio» em que o auctor traça habilmente as origens daquellas missões; descreve os habitantes de cada reducção, as suas linguas nativas, os seus usos e costumes mais notaveis, indicando tambem meios adequados para a conservação das fundações então já existentes, assim como para novas conquistas e reducções das numerosas tribus, que ainda gentilicas moravam nas selvas agrestes daquelle dilatado paiz.

A redacção desse escripto merece-nos especial attenção por se ter feito numa época, em que o quadro ethnologico dos Maynas, não perturbado por influencias extranhas, ostentava ainda o cunho do « primitivo ».

Figueroa não narra senão estrictamente aquillo que viu, ou sobre que existiam documentos fidedignos nos archivos de S. Borja. A linguagem singela, mas terminante, do missionario, que não se perde lastimosamente em milhares de circumstancias alheias ao assumpto de que trata, como o fez mais tarde o seu irmão de habito o Padre Chantre y Herrera, é prova segura do alto valor do «Yнforme», documento eminentemente official, porque foi redigido de ordem do Superior das Missões o P. Hernando Cabero, a quem é dirigido.

Sob muitos pontos de vista, mas principalmente no tocante ao estado cultural e ás linguas dos Indios do Alto-Marañon e seus collateraes, a obra de Figueroa, fóra de toda discussão, é superior ás «Noticias Authénticas» do italiano *P. Paulo Maroni* (1), S. J., e ás «Historias» dos PP. *Chantre y Herrera* (2), *Veigl* (3), e outros.

Assim, por exemplo, Figueroa nos transmitte uma curta lenda cosmogonica dos indios Maynas, a qual, apesar do seu diminuto valor ethnologico pela fórma em que a redigio o missionario, em compensação, tem certa importancia para o estudo das linguas indigenas.

A lenda em questão é como se segue:

«Todas las naciones que hasta aora se han tratado tienen conocimiento de Dios y vocablo con que en cada idioma lo nombran, llamándolo también *Nuestro Padre* y *Nuestro Abuelo*. Y dicen que crió el cielo, la terra,

(1) Publicadas por D. Marcos Jiménez de la Espada, in «Boletin de la Sociedad Geográfica de Madrid», tomo XXVI e ss.

(2) «Historia de las Misiones de la Compañía de Jesús en el Marañón Español (1637—1767).» Madrid, 1901.

(3) «Gründliche Nachrichten über die Verfassung der Landschaft von Maynas», etc. Nürnberg, 1785, publ. por *J. Chr. von Murr*, cf. «Journal Kunstgeschichte.»

Ha tambem uma edição latina.

hombres y demas cosas, y que criando las comidas para sus hijos, que son los hombres, se fué al cielo. Esto dicen ya de una, ya de otra manera, mezclando varios herrores. Confiessan que está en el cielo, y tambien dicen que en la tierra (1). Pero no le dan culto ninguno, como debieran, en reconocimiento de que es Criador, ni le inbocan para cosa, ni para jurar, ni saben qué cosa es juramento. No reparan en señalar vno ó muchos dioses: á éste en un rio, á otros en varias partes. Quando vinieron los primeros Padres, decian los *maynas* que traian un Dios muy brabo que los avia de destruir, y lo tenian escondido en la despensa del Governador. Decian tambien en su gentilidad que antiguamente, bajando un Dios por el Marañon y subiendo otro de abajo por él, para comunicarse abrieron el Pongo. En este Pongo, en una peña alta y tajada que ocasiona vno de los passos más peligrosos que tiene, y lo llaman *Mansariche*, por los papagayuelos de esse nombre que en ella se crian, decian estaba en lo alto de ella el Yñerre (es el nombre con que los maynas llaman á Dios), en una cueba, donde tenia por muger á un culebrón grande de los que nombran *Madre del agua*, á donde fueron tres indios de sus antepassados por verle, y avia tantos murciélagos en la cueba que aquella noche mataron á los dos. El que quedó vivo les trajo la noticia de las medicinas con que se curan, que se las enseñó esse *Yñerre*» (2).

Infelizmente muito pouco se sabe da lingua dos indios Maynas. E aquelle «Pater Noster», que anda impresso na obra de *Hervás*, composto provavelmente na segunda metade do seculo XVIII, nada contém que nos explique approximadamente a verdadeira significação da palavra Yñerre; nem nenhuma segurança offerece quanto á affinidade dos Maynas, cujo idioma foi incluido na familia «Cahuapana», agrupamento linguistico recentemente estabelecido por dous sabios francezes (3).

O valor scientifico daquella succinta lenda cosmogonica consiste, para mim, unicamente na fórma em que nella se refere a posição do Demiurgos em relação á tribu mesma: o *Demiurgos* e o «Stammvater» *(avoengo)* são identicos.

Esta «Weltanschauung» é um rasgo bastante commum nas philosophias primitivas e, como tal, nada de particular teria nos indios Maynas, se essa idéa daquella «Urverwandtschaft», dos vinculos de parentesco com o «Creador do Mundo», não se manifestasse tão claramente até no nome mesmo do heroe da tribu.

Yñerre é evidentemente uma palavra, que em idioma Mayna exprime

(1) A parallela seria o *Quenaushivé* e *Anatívá* dos Carayá.

(2) *Figueroa*, ob. cit., pp. 234 e 235.

(3) *Beuchat* et *P. Rivet*, «La famille linguistique Cahuapana» in «Zeitschrift für Ethnologie» Berlin, 1909.

certo grão de parentesco e, presumivelmente, significa tanto como «Nosso Pae» ou «Nosso Avô» (Rei do céo — Creador do Mundo — Luz (arriba, em cima), Sol — Deus).

Só assim deve ser interpretado o texto do nosso missionario.

E esta opinião fica plenamente comprovada pelas comparações criticas de exemplos de conceitos analogos, provenientes de outros idiomas indigenas das regiões centraes e septentrionaes da America do Sul.

Henry Bolingbroke (1) refere que na lingua dos *Caribbees* do rio Demerara *Yeneneri* significa: «my wife» (minha mulher).

Yñuru era o nome posto pelos indios *Roamaynas* (2) á fracção dos Zapas, que segundo o mesmo Figueroa, eram parcialidades ou povoações d'uma mesma nação; e que falavam uma mesma lingua.

Inyeri dizem os chronistas se chamavam os *Allouagues* independentes nas serranias das pequenas Antilhas.

Manetenery, *Jubery*, *Cugenery* são nomes de clans Pano-aruáques, descriptos pelo inglez Chandless.

O *Padre Alemany* traz no seu Vocabulario Piro « *Rere* », palavra que em idioma Simirinchi significa: *Pae*.

Tuyuneiri, *Arazairi*, Huachi-*pairi*, *Siriniri*, etc., são nomes de tribus aruáque-caribes das regiões do Alto-Madre de Dios.

Carecem de fundamento, pois, as duvidas do *Sr. Erland Nordenskiöld* (3) pelo que respeita ao nome de *Baguajairi*, applicado por *Stiglich* aos Pano-aruáques do rio Tambopata.

Atziri, «nós» «os homens» se chamam á si mesmos os Campa-Machigangas do Grão-Pajonal (Perú-Oriental).

Bakaïrié o nome dos caribes centraes, visitados pelo *Dr. v. d. Steinen*, em 1884.

Capistrano de Abreu chama-os *Baca-eri* ou *Bacayéri*, denominação tão exacta como aquella referida pelo sabio allemão.

Tiwéri, em idioma dos Bakaïrí, equivale á « seus netos » (delles).

Schomburgk menciona uma fracção caribe de nome *Tiverighotto*.

Nakoeri representa um poder luminoso « *Luz-Deus* », explica Capistrano de Abreu (4) nos seus estudos acerca do Bacayéri.

---

(1) « A Voyage to the Demerary, containing a statistical account of the Settlements there, and of those on the Essequebo, the Berbice, and other contiguous rivers of Guyana » — London, s. d. (1807). cf. p. 146, breve glossario da lingua *Caribe*.

(2) *Roa*-nahua são Pano-aruáque. E os Pia-*roa* não têm affinidade, segundo alguns americanistas.

(3) Cf. « Ymer », 3, Stockholm, 1905.

(4) « Revista Brazileira » III. Epoca. Tomo IV, « Os Bacaerys », 43-50; 234-243. Rio de Janeiro, 1895 *cf.* p. 238.

E, finalmente *Kxéri* se chama o «Stammesheld», heroe da tribu («creador» mas não avoengo ou «Stammvater»), dos Bakayéri.

V. d. Steinen, porem, ao tratar do *k* inicial da «Grundsprache» (caribe) opina que a palavra *Kxéri*, cuja concordancia com as palavras, que nos idiomas nu-aruáques significam «lua», sorprehende fosse voz extranha (1) tambem sob o ponto de vista puramente phonetico.

Nesta occasião parece-me muito necessario advertir que esse mesmo sabio allemão tambem affirma, que o *caribe* nada tem que ver com as linguas *nu-aruáques* (2).

Naturalmente não se deve esquecer que *v. d. Steinen* intentava então demonstrar a insustentabilidade da theoria de *v. Martius*, chamada «Guck» — intento mallogrado, porque essas tribus reunidas sob o titulo de «Guck» ou «Coco», não obstante o pouco feliz principio observado por *v. Martius* na formação do grupo linguistico, constituem, porém, uma unidade homogenea tanto linguistica como tambem ethnologica (3).

Uma objecção, que no caso dado, talvez, podesse fazer-me *v. d. Steinen*, seria esse pretenso valor secundario das palavras que exprime parentesco; porque vozes desta natureza, segundo o criterio do sabio allemão, «alcançam uma circulação muito vasta e são frequentemente adoptadas por tribus, que entre si têm contacto, mas não parentesco».

Esta é, por assim dizer, a condição de existencia dos dous grupos linguisticos: o caribe e o nu-aruáque, estabelecidos por *v. d. Steinen*, cujas theorias, como vou agora comproval-o até á evidencia, requerem urgentemente uma meticulosa revisão.

(1) Em *Callinago* existe a palavra *ixéiri*, com que nomeiam uma divindade benigna. Esta palavra pertence á lingua dos homens.

(2) Cf. 1886.

(3) Naturalmente não o seriam, se nos guiassemos por *Ehrenreich* que crê «charakteristisch ist fur die Karaiben die Hängematte aus Baumwolle und die Sitte, Arm und Bein oberhalb der Ellbogen, unterhalb des Kniegelenks mit straff angezogenen Baumwollbändern einzuschnüren, so dass das Fleisch hervorquillt.» etc. etc. cf. Braunschweig, 1904.

QUADRO DAS LINGUAS COMPARADAS

	Pronunciação:	*Autor:*	*Anno:*
Arwaccas Shebaios Yaios	hollandeza.	de Laet.	1633, 1640.
Galibi	franceza	Boyer.	1654.
»	»	Pelleprat.	1655.
Caribe	»	Rochefort.	1658.
Galibi	»	Biet.	1664.
Caraibe (Ilhas)	»	Breton.	1665, 1666.
Caryri	»	Bernardo de Nantes.	1709.
Galibi	»	M. D. L. S.	1763.
»	»	Prudhomme.	An VI.
Antis Guaná Piro Tecuna Oregones Peba Jquito Yagua Mayoruna, dom. » fera. Pano Carajá Antis	»	Castelnau.	1850.
Piro Cunibo Roucouyenne Apalaï Carijona Trios Emérillons Tama Piapoco Caouiri	»	Marcoy.	1867, 1869.
Barè Baniwa Puinavi Piaroa Guahiba Otomaca Yaroura Guaraouna Cariniaca	»	Crevaux.	1882.
Galibi Arrouaque	»	Sagot.	1882.

Maquiritari	franc.	Chaffanjon.	1889.
Ouayana	»	Coudreau.	1892.
Aparaï			
Juruna			
Arara	»	Coudreau.	1897.
Carayá			
Kiriri	italian.	Mamiani.	1699.
Tamanaco	»	Gilij.	1783.
Maypure			
Zaparo	»	Osculati.	1850, 1854.
Saliva	hespan.	Lubian (Gilij).	1783.
Mossa	»	Jraisós »	1783.
Moxo	»	Orbigny (Jraisós).	1839.
Paresi	»	Bossi.	1863.
Vaniva			
Yavitera	»	Montolieu.	1877 (1882).
Barré			
Goajiro	»	Celedon.	1878.
Campa	»	Wiener.	1880.
Moja			
Baure			
Guaná	»	Cardús.	1886.
Machiganga			
Paunaca			
Huachipairi			
Motilon	» (?)	Isaaks.	1887.
Cumanagoto		Tauste.	
Chayma	»	Tapia.	1888.
Core		Yangues.	
Palenque		R. Blanco.	
Moxo	»	Marban.	1894 (1702).
Pacaguara	»	Armentia.	1898.
Guaná	»	Aguirre.	1898 (1793).
Panáo	hespan.	Marqués.	1903.
Sipibo	»	Palias (v. d. Steinen).	1904.
Shipibo	»	Alemany.	1906.
Piro	»	»	1906.
Cahuapana	»	Beuchat e P. Rivet.	1909.
Yaruro	»	Oramas.	1910.
Arawack	allemá.	Quandt.	1808 (1807?)
Accawai			
Arecuna			
Arawaak			
Caribisi			
Guianau			
Macusi			
Mawakwa	»	Schomburgk.	1848.
Maiongkong			
Pianoghotto			
Tiverighotto			
Taruma			
Wapissiana			
Wapityan			
Warau			

Waiyamara	allemã.	Schomburgk.	1848.
Woyawai			
Araquaju			
Muras			
Tecuna			
Catoquina			
Coretú			
Cayriri			
Sabuja			
Pimenteira			
Manao			
Marauha			
Macusi			
Paravilhana		(Spix).	
Uirina (*Natterer*)	»		1863.
Bare		Martius.	1867.
Cariay			
Araicú			
Canamaré			
Maxuruna			
Culino			
Uainumá			
Jumana			
Jacuna (*Natt.*)			
Passé			
Cauixana			
Mariaté			
Jurí			
Jaúna			
Jaûna-vo, ou Caripuna	»	Keller-Leuzinger.	1874.
Arawak (H.)	»	Herrnhuter.	1882.
Catoquinarú	»	Bach.	1898.
Jaminaua	»	Reich e Stegelmann.	1903.
Caxinaua			
Javapery	»	Payer.	1906.
Arawack			
Accaway	ingleza.	Hilhouse.	1832.
Caribisce			
Warow			
Caribe (Honduras).	»	Galindo.	1833.
Arawak	»	Bernau.	1847.
Parexi	»	Chandless.	1862.
Pammary			
Hypurina	»	Chandless.	1866.
Manetery			
Canawary			
Arauá	»	Chandless.	1869.
Pacaguara	»	Heath.	1883.
Caribe	»	Laughton.	1901, 1902.
Carifuna			
Chané, ou	portugueza.	Escragnolle-Taunay.	1868.
Guaná			
Bonari	»	Souza.	1874.

Layana Quiniquinau Palmella Baure	portugueza.		Fonseca.	1880-1881.
Crichaná Ipurocoto Macuchy	»		Barboza Rodrigues.	1885.
Carayá	»		Socrates.	1893.
Aruán	»		Ferreira Penna.	1894.
Tocano Uanana Tatu Tapyia Urubu » Dessana Pira Tapyia Patzóka » Uanyua Cobéua Bakaïrí Kustenaú	» (?)		Stradelli.	1910.
Manitsauá Yuruna	transcripç. phon.		v. d. Steinen.	1886.
Bakaïrí Nahuquá Mehinakú Kustenaú	»	»	» » »	1892.
Waurá Yaulapiti Kamayura Trumaí Paressí	»	»	» » »	1894.
Caraya (E.)	»	»	Ehrenreich.	1894.
Apiaká	»	»	»	1895.
Bacaery	»	»	Capistrano de Abreu.	1895.
Tambopata-Guarayo Yamiaca Atsahuaca	»	»	Nordenskiöld.	1905.
Makú	»	»	Koch-Grünberg.	1906.
Ouitoto	»	»	» »	1906.
Hiánakoto-Umauá Baré Baniwa Yavitéro Uarekéna Karútana Katapolítani Siusí Tariána Yukúna Tukano Uaiana Tuyúka	»	»	» »	1910.

Bará Uaiána Uásöna Buhágana Tsöla Erúlia Desâna Yupúa Yahúna Kobéua Kueretú	transcripç.	phon.	Koch-Grünberg.	1910.
Miránya Makú I. » II. » III.	»	»	»	»	1910.
Chipaya Curuahé	»	»	Snethlage.	1910.
Caxinawá	»	»	Capistr. de Abreu.	1911. (1)

(1) Amuéscha e Campa (*Atşiri*) pronunc. allemá, por falta de typos convencionaes.

QUADRO SYNOPTICO DOS GRUPOS LINGUISTICOS

(segundo as classificações mais modernas)

I. TUPI-GUARANÍ:

1. Chipaya.
2. Curuahé.
3. Emërillons.
4. Juruna.
5. Kamayura.
6. Manitsauá.
7. Trio.
8. Yuruna.

II. NU-ARUÁQUE:

(segundo v. d. Steinen, Ehrenreich e Koch-Grünberg)

1. Antis.
2. Araicú.
3. Arauá.
4. Arawaak.
5. Arawack.
6. Arawak.
7. Aroan.
8. Arrouaque.
9. Aruac.
10. Arwaccas.
11. Baniva.
12. Baniwa.
13. Baré.
14. Barré.
15. Barres.
16. Campas.
17. Canamaré.
18. Canamirim
19. Cariay.
20. Caribe, Honduras.
21. Caribe das Antilhas.
22. Cauixaná.
23. Catauixí.
24. Chané (ses) [1].
25. Chontaquiro.
26. Guaná (Terenó).
27. Guaná (Equiniquináo)
28. Guaná (Echoiadi).
29. Guaná (Layana).
30. Guianao.
31. Guinau. (cf. Quiniquináu).
32. Goagiro.
33. Hypurina.
34. Ipurina.
35. Jabaana.
36. Jucuna.
37. Jumana. (Chumano-Pebas).
38. Kanawari.
39. Karútana.
40. Katapolítani.
41. Katiana.
42. Katoquina.
43. (Catuquinarú).
44. Kustenaú ou Kustenábu.
45. Layana.
46. Machiganga (Campas)
47. Manáo.
48. Manetenery.
49. Maliapé.
50. Marauha.
51. Mariaté.
52. Mawakwa.
53. Maypure.
54. Mehinakú.
55. Moja.
56. Mossa (Musus ?).
57. Moxo.
58. Nahuquá (Yanakukúa).
59. Pammary.
60. Pareni.
61. Paresi.
62. Paressí.
63. Parexi.
64. Passé.
65. Paunaco (*Schuller*).
66. Piapoco.
67. Piro.
68. Quiniquinau.
69. Simirinchi.
70. Siusí.
71. Tariana.
72. Taruma.
73. Tereno.
74. Uainambeu.
75. Uainumá
76. Uarekéna.
77. Uirina.
78. Vaniva.
79. Wapissiana.
80. Waurá.
81. Yamamadi.
82. Yaulapiti.
83. Yavitera.
84. Yavitéro.
85. Yukúna.

(1) Quanto aos *Mataco-Mataguayo*, do Grão-Chaco, vej a-se meu trabalho: «Sobre el orijen de los Charrúas». Santiago de Chile, 1906, cf. «Anales de la Universidad de Chile», 1906.

III. CARIBE:

(segundo os mesmos autores)

1. Accaway.
2. Accawoio.
3. Apalaí.
4. Aparaï.
5. Apiaká.
6. Aracajú.
7. Araquajú.
8. Arara.
9. Arecuna ou Arikuna.
10. Assawanu.
11. Bacaery.
12. Bakaïrí.
13. Callinago.
14. Caraïbe.
15. Carabisce.
16. Caribisi.
17. Carijona.
18. Cariniaca.
19. Cassipagoto.
20. Cawiri ou Caouiri.
21. Cores.
22. Corpokery (*Schuller*).
23. Crichaná
24. Cumanagoto.
25. Chayma.
26. Eremissana (*Schuller*).
27. Harrístyn(a).
28. Hianákoto-Umáua.
29. Jarykuna ou Arikuna.
30. Javapery.
31. Ipurucoto.
32. Galibi.
33. Macusi.
34. Macuchy.
35. Maiongkong.
36. Makusi.
37. Maquiritari.
38. Motilon.
39. Muchikery (*Schuller*).
40. Ouayana.
41. Palenque.
42. Palicour (*Schuller*).
43. Palmella.
44. Paragoto.
45. Paravilhana.
46. Pariagoto.
47. Paunare ou Bonari.
48. Pianoghotto.
49. Pimenteira.
50. Quiriquiri.
51. Roucouyenne.
52. Saliwanu.
53. Shebaios.
54. Tamanaco.
55. Tiverighotto.
56. Waiyamara.
57. Wapityan (*cf.* Wapishana).
58. Woyawai.
59. Yoios (Yaos).
60. Yaricuna (Arecuna).
61. Yauaperi.

IV. BETÓYE:

(segundo Ehrenreich, Koch-Grünberg e Stradelli)

1. Barú.
2. Buhágana.
3. Cobéua.
4. Desána.
5. Dessana.
6. Erúlia.
7. Kobéua.
8. Kueretú.
9. Patzòka.
10. Pira Tapyia.
11. Taina (Ehrenreich).
12. Tatu Tapyia.
13. Tocano.
14. Tsöla.
15. Tukáno.
16. Tuyúka.
17. Uaíana.
18. Uaikana.
19. Uanana.
20. Uantyua.
21. Uásöna.
22. Urubu Tapyia.
23. Yahuna (cf. *Jauanavé*).
24. Yupúa.
25. Pioye.
26. Correguaye (Ehrenreich).
27. Macaguaye (Ehrenreich).
28. Umáua.

V. PANO:

(segundo v. d. Steinen, e outros)

1. Aguanagua.
2. Amahuaca.
3. Atsahuaca.
4. Barbudos-Mayoruna.
5. Binauahua.
6. Buninahua,
7. Busquipani, [4] ou Capanagua.
8. Caxibo, Casivo, ou Comava [2].
9. Caliseca, Cayiseca (Caschibo).
10. Capanaua, ou Capanáo [5].
11. Capuibo, elan Pacaguara.
12. Carapacho (Panatagua).
13. Caripuna. Pácaguara.
14. Chamicuro [3].
15. Chacaya.
16. Chai («cunhados»).
17. Comavo (=Caxivo).
18. Culino (=Curino do *P. Acuña*).
19. Cunibo (Hunibo).
20. Diabu.
21. Jsunagua.
22. Huachipairi.
23. Jaminaua.
24. Jaûna-vo (=Caripuna-Pacaguara).
25. Jawa-bu [3] (Yahua-bu).
26. Jina-bu.
27. Kaschinaua, ou *Caxinauá* [6].
28. Mananagua.
29. Manamabobo.
30. Mapanis [7].
31. Maparina, ou *Panipa* [8].
32. Maspo.
33. Manahua, ou Manáo [9].
34. Mayoruna, Maxuruna.
35. Pacaguara.
36. Pacanaua.
37. Pano, ou Panáo.
38. Pelados (do Huallaga).
39. Pichabo, Pitsobu, Pichobo.
40. Puchanahua [10].
41. Puinagua, ou *Otentotes (sic)* [11].
42. Remos.
43. Shanindaua.
44. Sensis, su Chinchibo [12].
45. Sétebos, ou Cheteo, etc.
46. Sipibo, Chipaeos, etc.
47. Sinabu, Senabu, Caripuna.
48. Siriniri.
49. Soboibo, Soboyobo.
50. Tambopata-Guarayo.
51. Yamiaca [13].
52. Viabu [5] e outros [14].

---

(1) «Carta» do *P. Bestard*, publ. pelo *Dr. V. M. Maúrtua*, «Alegato Peruano».
(2) Seg. «Gramática» Ms. do *P. B. Marqués*, O. M.
(3) Assim os clama *Capistrano de Abreu*.
(4) «Carta» de *Bestard*, l. c., «moram entre Ucayali e Huallaga».
(5) «Not. Autênticas».
(6) Usavam do mesmo idioma que os *Aguano-Aguaruna*, cf. meu trabalho «Las lenguas indígenas de la Cuenca del Amazonas», etc.
(7) *Yawahu* «o que nos chamamos *Diabos*», cf. *Hermanter* «Arawak», in «Bibl. Linguist. Américaine», VIII. Paris, 1882.
(8) cf. *Macanipas*.
» *Maca*, tribu Jivaro.
» *Maca-guaca (guaje)*, tribu Butóye.
» *Baniba* } tribu Aruáque.
» *Vaniva* }
(9) Os *Manáo* são tambem aruáque. *Semarioni* Ms. cit., menciona os *Camando* do R. Negro.
(10) Em *Puchana*, perto da cidade de Iquitos (Marañón), moravam antigamente os indios *Iquito*, cujo idioma é aruáque-caribe, ou pano-aruáque, que é o mesmo.
(11) cf. «Carta» Bestard.
Existe ainda uma ilha no Rio Ucayali, chamada *Puinahua*.
(12) Isto me disse o seringueiro peruano *Arévalo*, muito perito em lingua *Shipibo*. *Bestard* (ou *Cavallo*) menciona tres tracções, citas: *Rumubú*, *Yuubú* e *Cascas*. O seu idioma é muito parecido com a dos Remos, de *Chuniya* (*Chunulla*).
(13) *Yami-aca*, ou *Chami*-aca.
cf. *Chami*-curo.
» *Yami*-naua.
» *Chami*-nagua.
(14) Comavo e *Roa-nagua* occupavam o Rio Pangoa.
cf. *Roa*-mayna.

VI. FAMILIA LINGUISTICA CAHUAPANA:

(segundo Beuchat e P. Rivet (1)

1. Cahuapana.
2. Cutinana (2).
3. Cingacuchusca, ou *Ytucalli* (3).
4. Lama, ou Lamista (4).
5. Imaschahuas, ou *Yagua (Yahua)* (5) e outros, que não nos interessam por agora.

VII. FAMILIA LINGUISTICA ZAPARO:

(segundo os mesmos autores)

1. Zaparo.
2. *Aguaruno* (Aguano).
3. Encabellados (6) das chronicas.

VIII. TAPUYA-GE:

(segundo v. d. Steinen)

1. Caravá (7) (segundo *Ehrenreich*, fazem elles um grupo á parte).

---

(1) «Zeitschrift für Ethnologie», 41 Jahrg. Berlin, 1909.

(2) *Figueroa*, p. 187, refere que «algunas (das linguas de Maynas) se han hallado, que són algo comunes, como la de los *Aguanos*, que es comun con los *Cutinanas* y *Maparinas*».

Mas os *Aguano* se chamam tambem *Aguaruno*, e fallam um idioma identico ao dos Zaparo-Jivaro.

E os *Maparina-Panipa* são *Pano*, cf. «Dicc. Sipibo», *v. d. Steinen*.

(3) Os *Itucalli* são tambem Jivaro.

(4) Igualmente Zaparo.

(5) O idioma *Yagua* (cf. Castelnau) é dialecto Pano-aruáque.

(6) Os Senhores Beuchat e P. Rivet edificam e destróem ao mesmo tempo.

(7) No meu trabalho: «A Couvade», cf. «Boletim do Museu Goeldi (Paraense)» Belem do Pará, 1910, acceitei ainda essa classificação. Investigações ulteriores convenceram-me, porem, de que se trata d'um idioma genuinamente caribe-aruáque.

IX. DUVIDOSA AFFINIDADE:

(segundo v. d. Steinen e P. Ehrenreich)

1. Trumaí [1].
2. Peba [2].
3. Tecuna.
4. Iquito.
5. Yagua [3].
6. Oregones [4].
7. Múra [5].
8. Yameo [6].
9. Juri [7].
10. Miránya [8].
11. Tama [8].
12. Makú.
13. Ouitoto Káimö.
14. Yarura ou Sarura.
15. Saliva.
16. Otomaco.
17. Piaroa.
18. Guaraouno ou Warrau [9].
19. Puinavi.
20. Guahiba.
21. Kiriri ou Caryris [10].
22. Sabuja [10].
23. Amage [11] (Lorenzo), e outras.

Devido á falta de signaes convencionaes, a transcripção phonetica de certas palavras indigenas soffreu ligeiras modificações nas comparações criticas, que se seguem.

---

(1) *V. d. Steinen* «talvez aparentados com as tribus do Chaco Argentino»; «elementos extranhos entre as tribus do Rio Xingú» *cf.* «Bakaïri—Spr.», 60.— *Ehrenreich*, 1904, «*allophylas*», designação adoptada tambem pelo *Sr. Roquette Pinto* «Etnographia Indigena do Brasil». Rio de Janeiro, 1905.

(2) *Peba* ou *Péua* cf. *Co-béua*.

(3) *Yagua* ou *Yahua* -*Yava* ou *Zava* cf. *Zavapery*.

(4) Nome collectivo.—«Oregones» eram tambem os Incas do Cuzco.

(5) O seu idioma é muito distincto da lingua geral, Mss. do *Dr. A. Rodrigues Ferreira*, Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

(6) *Yameo* do Rio Huallaga não conheço; mas sim do Rio Tigre e do Yanari ou Yavari (Javari).

(7) Cf. *Ehrenreich*, 1904, p. 56.

(8) A lingua Tama fallam os Correguaje e Macaguaje, de modo que seriam *Betóye*. Mas são tambem Zaparo e Caribe.

(9) São evidentemente aruáque-caribe, e de maneira nenhuma *allophylos*, como erroneamente suppõe *Ehrenreich*, 1904, p. 51.

(10) Tribus aruáque-caribe.

O nome *Sabuya (já)* faz lembrar aquelles outros de *Poya* e *Yavipujas* do Rio Negro e do Rio Mayca.

(11) *Amage* escreve *Amich*, o catalão. São os *Amaixa* ou *Amaya* do Rio Pozuzu hoje conhecidos por *Amuéya* ou *Amuéscha*, indios aruáque.

Arawak (H.): WAK (suffix.) «os que são da mesma nação».
cf. *Mawakwa*, tribu Caribe, citada por Schomburgk.
cf. *Arawak (waccas)—Arhuac—Arrouaque—Allouagues* (os *Inyeri* das Antilhas).
Guaná (1793): *ne-wá (vá)*, sobrinho, irmão menor.
Caripuna ou Jaûnavo: *wakö*, filho.

» » » : *jussa-wakö*, filha.
cf. *makö*, «mori» Jaûnavo.
» naia makö «mortuus est».
Jaûnavo: *wakö-pünska*, criança.
» : *cariba-tschikö*, homem branco, estrangeiro.
Pano: *vaqué*, criança.
Culino: *eyun-paky*, filha.
Caxinawá: *bakö*, rapaz, criança, filho.
Sipibo: *baque*, rapazinho, filho.
» : *baquenquì*, sogro da mulher.
» : *baquensana*, sogra » »
Kobéua: *pak-umö*, compadre.
» : *pak-umo*, comadre.
» : *pákö*, pae, tio (irmão do pae).
» : *páko*, mãe, tia (irmã do pae).
Uasöna: *pâkö*, pae.
» : *pâko*, mãe.
Yahuna: *yi-pâkï*, meu pae.
» : *yi-pâko*, minha mãe.
Tukáno: *paxkö*, pae.
» : *paxko*, mãe.
Uaíkana: *to-paxkïro*, pae.
» : *paxkōro*, mãe.
Tuyúka: *paxkö*, pae.
» : *paxko*, mãe.
Uaíana: *yé-pakö*, meu pae.
» : *pako*, mãe.
Tocano: *paké-ro*, avô.
Cayriri: *baeké*, filha do irmão.
Pimenteira: *accöh*, irmão.
Guahiba: *acoué*, primo.
cf. *Akuä*, nome proprio dos Chavante e Cherente.
Tatu Tapyia: *a-uakè*, forasteiro, homem branco.

Bakaïrí: Ewáki, a tia dos irmãos gemeos: *Keri e Kami.*
cf. *iwáka,* nome da india Cayabi "Luisa", *v. d. Steinen,* «Bak. Spr.», p. 54.
» *Kxara-wáko,* nome do avô do indio *Bakaïrí* «Antonio», *ibid.* p. 55.
» *Kxara-möke,* nome do cacique da aldeia II do rio Kulischu, *ibid.,* 55.

Sipibo: *baquensama,* paes da mulher.
Cunibo: *baquensama,* » » »
Sipibo: *baquenna*[1]*nete,* «matrix».
» : *baquená,* ella deu á luz.
» : *baqueni,* dar á luz.

(1) Comparem-se: Sipibo: *quenna,* assento, cadeira.
Amuéscha: *kōnár,* «podex».
» : *kenár,* cauda de passaro.
Arawak (H.): *ubucü,* nadegas.
» » : *kámulukkün,* «pedere».

Crichana : *e-pachy*, irmão da mulher.
Ipurucoto : *ipachy*, irmã » »
» : *pele-pachy*, irmão da mulher.
» : *ina-pachy (pagé)*, irmã do homem.
Macuchy : *to-pachy*, irmã da mulher.
Catoquina: *paich-ghita* «avus».
Cumanagoto: *payche*, sobrinha, nóra.
Chayma : *paché*, nóra.
Caríb. das Ilhas: *i-bàche*, sobrinha.
Macuchy : *inobe-pachy*, irmão da mulher.
cf. *oby*, esposo Catoquina.
Catoquina: *opazi-nya*, filha.
» : *ghu-batzi*, filho.
Uanana: *batcy*, sogro.
Desána: *maxi(g)e*, criança.
Catoquina: *aina-patzi*, moça.
» : *u-pasi-nielo*, criança.
Kobéua : *bādyŏ*, meu pae.
Yukúna: *pa-áyu*, pae.
Tariána: *pāyu*, »
Cayriri : *padzu*, »
» : *payé*, *patruus*.
cf. *payé* «Bruxo» «Curandeiro» Trumaí, etc. etc.
» *ātsch*, etc. etc. mãe Amuéscha, etc. etc.
Juruna: *itou-passé*, padrasto.
cf. *Passé*, nome de uma tribu aruáque.
» *wáse*, *iwáse*, sobrinha Bakaïrí.
Ouayana: *i-pahé*, sobrinho, sobrinha.
Bará: *uï-má(g)e*, criança.
Erúlia: *uï-ma(g)e*, »
Tecuna: *te-mahe*, mãe.
cf. nomes de clans term. em *ye*, *je*, *he*, *ve (we-wä-pi-pi-hï)*.
Amuéscha: *átsch* (fem.) mãe.

Amuéscha: *pāschisch*, vulva.
Sipibo: *páchi*, ovo.
» : *bachi* (1), ovo.
Caxinawá: *bati*, »
» : *bati*, saia.
Baure : *batxi-coke*, mamma.
Campa: *opātzi*, »
Tamanaco : *mat-pasché-icare*, «ab ubere depellere».

» : *mat-pasché-uatcari*, desmammar.
cf. *tapa*, *notztáp* «fornicare» «fornicatio» Amuéscha.

Piro: *pat-enata*, «pudenda». fem.
Jaûnavo: *vatsché*, ovo.
Sipibo : *maxi*, gemma de ovo.
Juruna : *o-padyá*, peito.

Cayriri: *batth-hüh*, estrella.
Sabuja : *bat-hüh*, »

Pammary: *massi-cú*, lua.
Arauá: *massi-cu*, »
Carayá (E.): *washi-do*, estrella cadente.
Baure (Cardús): *vaji-se*, estrella.
» (Fonseca): *pahi-po*, cinza.

Arauá: *mahí*, sol.

Uaínuma: *ynâro-s-ache*, Sp., membr. fem.

---

(1) Cf. Sipibo: *bachi*, toldo para dormir.
» : *bachi chupa*, lenço.
» : *bachi rexo*, clara de ovo.
» : *bachi púzi*, ovo podre.
Piro: *panchi*, casa.
Amuéscha: *bakūh*, casa.
Arawak: *bahü*, »
Jumana: *pana*, »
Barré: *pany*, »
Cumanagoto : *pata*, *patar*, casa.
Roncouyenne: *pacolo*, »
» : *pati*, aldeia.
Trios: *pacolo*, casa.
Pimenteira: *panatsche*, casa.
Carib. das Ilhas: *ibàtou*, meu vizinho.

Trumaí: *ayé-i*,avô.
» : *axe-at*, irmã menor.
Juruna : *a-aye*, avó.
Miránya: *ko-adyé*. mulher.
cf. *kua-ahö*, criança Miránya.
Tukano : *buxi-yagö*, criança.

Amuéscha: *atschinn*, «nós», os Amuéscha.
» : *atschiñór*, homem da tribu.
Ouayana: *t-achi*, irmã.
Yavitera : *n-achi*, avózinha.
Roucouyenne: *t-achi*, irmã.
Sipibo: *n-achi*, tia, sogra.
Arawak: *dèbétir-achi*, amigo.
Piapoco: *achi-jari*, homem.
Quiniquináo: *hion-aghy*, filho.
Pammary: *adji-ú*, irmão.
Campa: *n-achi-notomi*, meu filho.
Juruna: *Achi-pa*, indio Arara (Caribe).
cf. *Achi-paya*, *Huachi-pa-iri*.
Kustenaú : *attschi*, avó.
Mehinakú: *atschiru*, avó.
Mossa: *acci-ane*, homem.

Cayriri: *j-ats-ammuh*, «cognatus».
Campa: *atʒ*, homem.
Paressí: *d-aʒ-a*, irmã menor.
Arawaak: *heada-aʒa*, moça.
Campa : *atʒ-iri*, homens «nós»,os Campa.
Trumaí: *atsi-u*, mãe.
» : *ats-ets*, avó.
Paressí : *aʒö*, *adeʒö*, irmão maior.
Waurá : *atsi-ru*, avó.
Uainuma : *attsi-u*, tio.
Karútana: *átsi-nari*, homem.
Katapolítani: *átsi-nali*, »
Siusí: *atsi-nali*, »
Tariána : *átsi-a*, »
Yavitéro : *ket-áthi*, criança.
Yaulapiti: *yumoly-atsu*, moço, menino.

Paressí: *nutakul-ase*, «scrotum».
Jaunavo: *vatsché*, ovo.
Baure: *áce*, «scrotum».

Uaíkana: *axsé*, sol, cf. lua.
Guaná: *c-átche*, sol.
Paunaca, Moxos: *s-ache*, sol.
Mossa: *s-ácce*, »
Buhágana: *yamig-age*, lua.
Erúlia: *yami-agö*, »
Yupúa: *yamim-age-aue*, lua.
cf. *aue*, *abe*, *dube*, *ive*, *iwä*, etc.
Sipibo: *b-achi*, ovo.
Caxinawá: *b-axi*, »
Car. das Ilhas: *k-átchi*, sol.
Marauha: *k-atchi*, »
Canamirim: *y-atschi*, lua.
Carayá (E.): *ko-adschi*, arco-iris.
Buhágana: *omak-ayi*, sol.
Pimenteira: *atschü-rüguenga*, meio-dia.

Uainuma: *nu-s-ache*, Sp. «testiculi».

Arawak (H.): *k-atsi*, lua.

Iquito: *asschi*, chuva, nuvens.
» : *ch-ashi*, lua.

Yaulapiti : *tineru-tsu*, moça, menina.
Siusí : *p-átsu*, pae.
Cayriri : *p-adẓu*, »
Sabuja : *p-adẓu*, »
Siusí : *n-atsu*, mãe.
Vaniva : *n-adjo*, »
Catoquina : *n-ayu*, »
Tariána : *n-ayu*, »
Yukúna : *p-áyu*, pae.
Tariána : *p-áyu*, »
Kobéua : *b-ádyö*, »
cf. nomes de clans em *yu* (?), *yo*, *jo*, *so* (1).
Trumaí : *axos axus*, criança.
Sipibo : *y-aya*, tia, irmã do pae.
Aparaï : *aya*, mãe.
» : *áya-(a)na*, indio Roucouyenne.
Maypure : *c-aja-rrachini*, homem.

Juruna : *idi-assé*, madrasta.
Bakaïrí : *w-áse*)
i-w-áse) sobrinha.
Juruna : *ou-assé*, tia.
» : *Itoup-assé*, padrasto.
Uarekéna : *asi-nali*, homem.
Yukúna : *asi-e*, »
Piapoco : *kir-asi*, criança.
» *asi-eri*, homem.

» : *kir-asi-ou*, menina.

(1) O « Lautwandel » seria pois : *y, j, s.*
Assim vêmos : *Pariyó, Parijó, Parisú.*
Yamunda, Jamunda, Ssamunda (P. Fritz),
Yuri (es), Juri (es), *Zuri* (es).

Zaparo: *c-aci-ckua*, lua.

Yahúna: *aiyaga*, sol.
» : *yamigkaiyagá*, lua.

Juruna: *op-adyá*, peito.

Campa: *c-asi-ri*, lua.
Manitsauá: *h-aᵑ (i)*, fogo.
Chipaya: *ashiú* »
» : *b-ashi-k-ada*, selva, matto.
Yuruna: *ko-adü*, sol.
Juruna: *c-achi-mboué*, céo.
Carayá (E.): *w-ashi-do*, estrella cadente.
Manetenery: *c-ashi*, fogo.
Juruna: *achi*, sol.
» : *ca-achi*, selva, matto.
Yuruna: *m-ashi-pa*, raio.
» : *k-ashi-mia*, céo.
cf. *yanamia*, sol, Iquito.
Mawakwa: *tschi-k-asi*, fogo.
Galibi (Prudh.): *assi-mberi*, calor.
» » : *assi-mbéi*, quente.
Yavitéro: *k-áthi*, lenha, fogo.
Pammary: *c-assi-ri*, sol.
Manetenery: *c-assi-ri*, lua.
cf. *cachiri*, «masato», bebida fermentada dos indios.
Baniwa: *ashi-da*, lua.
cf. «meio dia» Pimenteira.

Culino : *tai-yu*, irmã.
Maxuruna : *tschutschu*, irmã.
Pimenteira : *juju*, pae.
Arawack (H.) : *uju*, mãe.
» » : *uju hútti*, parente (homem).
» » : *uju hutti*, » (mulher).
» » : *ujurd-átu*, irmã do homem.
» » : *itti-ju*, irmã da mulher,
plural : *itti-ju-muti*.
» » : *uhu kitu*, irmã menor da mulher.
» » : *uhu kiti*, irmão menor do homem.
Waurá : *uyú*, irmão menor.
Mehinakú : *uyú*, » »
Trumaí : *in-oxu*, filha.
Bakaïrí : *yóɣu*, teu tio.
» : *kɣúɣu*, tio (matruus).
» : *kxú-ɣo*, meu tio.
cf. *ɣut*, homem, Makú I.
» *te-uté*, criança, » »

Arawak (H.) : *t-uhu*, este (fem. et neutr.)
Bakaïrí : *tsóɣu* / *isógu* irmão da mãe.
Cayriri : *ibi-chó*, homem, *persona*.
Sabuja : *poitzu*, pae.
Carayá : *weh-idschu*, gemeos.
cf. *ayu*, *padzu*, etc.
» (F.) : *idschó*, gente.
Cayriri : *dzó*, filho do irmão.
» : *dzo- dze*, irmã maior.
Araicú : *an-zu*, mãe.
Arawak (H.) : *maba-uju*, abelha, mãe do mel.
cf. *uane-imu* «abelha» pae do mel, Tamanaco.
Arawak (H.) : *Páletti-ju*, indios caribe.
» » : *Nip-uju*, » »
» » : *Akuli-ju*, antropophagos do R. Correntyn.
Cp.
Ai-yó.
Amana-yó, cf. *Amana-veni*, canal do R. Guaviare.
Anavi-yó, (1) cf. *Anavilhana* (1), tribu Caribe.
Arapi-yó.

(1) Yó equivale á *lhana*, *yana*, *ana*, *chana* (*ɣana*).

Juri; *tschu toobi*, umbigo.
» : *tschu-tschu*, membr. masc.
» : *su-uke*, » »
Maxuruna: *schu-y*, » »
cf. *soo pahla*, membr. fem., Passé.
Arawack(H.): *ûkk-uju*, umbigo.
» » : *nákk-uju-ittime* cordão umbilical «Nabelschnur».
cf. *itti* «pae» «irmão da mãe».
» » : *ittime hü*, «o tecido em que carregam as suas crianças».
» » : *kadukkun*, no regaço ou «ter nos braços» «levar nos braços».
» » : *kadukkussianuu* criança de collo «Schoosskinder» «Armkinder».
» » : *udúkkuhu*, regaço («Schooss»).
» » : *idi-ju*, peitos fem.
» » : *budiju*, *tidiju* bico do seio, «Brustwarze, fem.».
cf. «umbigo» Pimenteira.
Caripuna: *puschú*, barriga.
Culino: *buby*, »
Piro: *chuchu* (1), leite (da mulher).
» : *chuch-ja*, »
» : *pshuchu-geri*, mammar.
» : *chuchu-penegieri*, dar de mammar.

Roucouyenne: *sousou* «mamelle».
» : *sousou*, leite.

Caripuna: *tʒitʒô*, membr. fem.

---

(1) *Lenz* «Dicc. Etimológicos, etc., n° 459, traz a voz *chuchu*, «palabra que en Chile es la denominacion mas popular para las partes sexuales de la mujer».
Derivados são *chuchinga*, *chuchéta*, e *chuchón*.
Lenz não indica a que thesouro linguistico possa pertencer essa palavra. Cita, porem, o que a respeito conta *Oviedo* I, 608 (lib. XXIX, cap. X): «En cierto tiempo producen las ostias de las perlas un cierto humor rojo ó sanguineo en tanta abundancia que tiñen el agua y la turban en la misma color; por lo cual algunos dicen que *les viene el mensirio*, como á las mugeres su costumbre, cuando dicen que tienen su camisa» (cf. De las pesquerias de perles de Cubagua).
Vêja-se o que diz *Pedro Ciega de Leon* (cf. *Lenz*, l. c., Gagini, supplemento, voz *chucheca*): «Por la costa (Panamá) junto á las casas de la ciudad, hallan entre la arena unas almejas muy menudas que llaman *chuchas*».

Arara-ca-ju (z), cf. *Arara*, tribu Caribe.
Carapa-jó, cf. *Carapacho*, Pano do Huallaga.
Carnapi-jô,
Guara-ju (z),
Guiri-yô,
Iri-yó,
Juara-jó,
Juri-jó, cf. *Juri*, tribu Aruáque.
Maraca-jó,
Marayô, *Marajó*, *cf. Marañó* (1).
Pa-yô, *Pari-yô*, *Pari-jó* (só).
cf. *pari-ro*, Bakaïrí.
Pora-yó, *Quaqua-yó*, cf. *Quacua*, Carib.
Tapa-yó Topajóz, *Tava-juju*,
Tocu-ju (ses), *Tocu-yu* (z).

Arara : *Macaba-yó*, nome d'uma india Arara, citada por Coudreau.
cf. *Macapa*, *Macaba*, Caribe da Guyana.

Sipibo : *cucu*, sobrinho.
» : *cuca*, tio, irmão da mulher.
Cayriri : *tai-koh*, pae.
Sabuja : *mi-ukoh*, rapaz, menino.
cf. *cuccu*, Kiriri, Sabuja, etc.
» *kucku*, Pimenteira, etc.
Saliva : *coco*, homem.
Campa : *kóki*, cunhado.
Cariniaca : *tschoqui*, menino, filhinho.
Juri (W.) : *tschoucú*, homem.
Kucretú : *láko*, mulher.
Ipucuroto : *yaco*, parente.
cf. *Chaco-bo*, tribu Pacaguara-Pano.
» *accöh* «irmão» Pimenteira.
Guahiba : *acou-é*, prima.
Warow : *daa-koo-ey*, irmã.
Carayá (Cast.) : *awkeu*, mulher, em geral.
Tukáno : *yeepu-nahô*, minha mulher.
Vaniva : *n-aco*, tia.
Piapoco : *nanaï-ma-nacao*, mulher jovem.
Saliva : *gnacu (ñacu)*, mulher.
Cp. *Tama-nacu*, tribu caribe. cf. Tama (1).

(1) O mesmo « Lautwandel» offerece a palavra *Jamunda*.
Nh- amunda
Y-amunda
(Z) Ss-amunda

(1) A lingua *Tama*, segundo o *doutor Julio Crevaux*, «parlée par les indigènes du Rio agua (cf cagua «agua» «rio», Saliva) affluent de gauche du Yapura, les indiens *Correnajes* et les indiens *Macaguajes*, cf. t. VIII da « Bibl. Ling. Amér. », p. 52.

Motilon : *güi-cho*, sol.

Arawak (H.): *naz-uku*, *nymphae*.
cf *nu-ku* membr. fem., Culino.

Saliva : *mumeseche-cocco*, sol.

Tecuna : *yahü*, sol.
Maxuruna : *kuü*, membr. fem.

Mehinakú : *nia-püku*, «vellum».
Pimenteira : *pü-ɨʒe*(1) *maung*, membr. masc.
Culino : *nu-ku*, membr. fem.

(1) Comp. Waurá : *nu-peʒe*, penis.
Kustennú : *nu-pei*, »
Meliiu. : *nu-pei*, »
Apiaká : *en-pen*, »

Cp. *Mehi-nakú*, tribu arúaque.
» *Cari-niaco (ñaco)*.
» *Cali-nago (nacu)*.
» *Pau-naco*.

Urubu Tapyia: *kamaóe*, gente, homens.
Cayriri: *yae-ké*, filha da irmã.
» : *nhi-ké* «avus».
» : *hig-gäh*, mãe.
» : *te-ké* «nepos».
» : *iranda-êh*, compadre, amigo.
» : *ren-ghé*, esposo.
» : *paiden-hé*, «patruus».
» : *pa-yé*, «patruus».
Sabuja: *hikea-eh* (1) mãe.
Pimenteira: *tschiaun-gäh*, «avunculus».
Sabuja: *pu-ccöeh*, irmã.
Cayriri: *by-ké*, irmã menor.
Culino: *ain bekü*, moça.
Curuahé: *bé-ki*, criança.
» : *bé-ki-tipit*, rapaz.
Cumanagoto: *pe-que*, rapaz, menino.
Carayá (E.): *hana-kö*, mulher, em geral.
Campa: *hanane-ki*, criança.
» : *imára-netána-ki*, joven.
» : *irawenta-ki*, menino (a).
Crichana: *ichocori-quy*, criança de peito.
Ipuruc.: *chiquiriquiri-quy*, » » »
Macuchy: *mure-mure-quy*, » » »
Crich.: *ipoti-quy*, mulher casada.
Cumanagoto: *yacono*, amigo.
Chayma: *yacono*, »
Cariniaca: *yacono*, cacique.
» : *yacouno*, irmão.
Galibi: *iakona*, inimigo.
Palmella: *pakone*, pae.
Palmella: *ena-cone*, mãe.

(1) Cf. *aek* «cacique» Trumai.

Tocano: *Koa-makẽm*, Deus.
Tecuna: *ae-makü*, raio.
» : *taua makü*, lua.

Arawak (H.): *aehae*, urina.
» : *aehaeke*, bexiga.
» : *taehaeke*, »
» : *aeke* «Futteral» recipiente, vestido, roupa.
» : *kae-keti*, estar vestido.
cf. *eréttitin* «casar com uma mulher».

éti(1) «pudenda», fem. cf. Kustenaú.
p-eti, (1) «casa» Guaná (1793).
cf. *kulelia-itti*, «uma criança recem-nascida» Arawak (H.).

Caribi (shi): *chijumo-còn*, «Il nostro gran Padre», segundo *Gumilla* e *Gilij*.

Yaruro: *Ande-cono-mé* «Dio del cielo».
cf. *n-ande* «alma» Tamanaco.
» : *Juái-cono-mé* «Dio delle selve».
cf. *Juai* «fogo» Culino.

(1) Vejam-se: Bakairí: *y-éti*, minha casa.
iti, ou *d'ojti*, tua casa.
iti, *éti*, sua casa (delle).
Makusi: *enête*, casa. Mossa: *p-éti*, casa.
Paravilhana: *evóde*, casa. Araicú: *pey*, casa.
» : *evódo dalu*, membr. fem.
Gilibi: *batti-bippo*, colcha de cama.
Sipibo: *b-achi*, toldo para dormir.
Caxinawá: *b-axi*, ovo.
» : *bati*, saia.
Roucouyenne: *pati*, aldeia.
Cayriri: *baté*, casa.

cf. *ina, ena,* «mãe» dos Aruáque, etc.
Galibi : *yacouno*, amigo.
» : *accone*, homem da mesma tribu.
Arara : *oukone*, homem.
Roucouy. : *acon*, primo, irmão.
» : *con-ico*, tio.
Macuchy : *uararo-con*, irmão da mulher.
Ipuruc. : *ita-con*, » » »
Macuchy : *yungkung*, pae.
cf. *Ma-iongkong*, indios caribe, citados por Schomburgk e outros.

Galibi (Prdh.) : *yon*, pae.
Vaniva : *ion-a*, cunhada.
cf. *Cari-(Cali-)jona*, tribu caribe.

Apiaká : *oñ-mä*, pae.
» : *om-ro*, homem.

Anuéscha : *ño(n)-pür*, meu pae, diz o homem.
Cayriri : *bur-án*, irmão.
cf. *hurang pany* «ancião» Cayriri.
» : *îgniaklü-bürüh*, irmã.
Bakaïrí : *yo-pürü*, tia, irmã do pae.
Mehin. : *uta-püri*, irmão maior.
Waurá : *uta(ita)-püri*, irmão maior.
Yaulap. : *ita-püri*, » »
cf. *itacon*, «irmão da mulher» Ipurucoto.
Cumanogoto : *piry*, irmão menor.
Hypurina : *na-biri*, moça.
Cp. nomes de clans, como :
Yaula-piri.
Gua-piri.
(*Yavapery*) *Zava-piri.*
» *Motimere-biri*, cacique Bakaïrí.
Macuchy : *uiry*, moça.
cf. *Ca-ouiri*, tribu caribe.
Chayma : *pir*, irmão menor, neto.
Caouiri : *béri*, velho (homem).
Piapoco : *noubéri*, meu irmão.

Yaruro: *Dabu-cono-mé*, Deus da terra.
cf. *tappu* «pedra» Pimenteira.
» *taupou* » Galibi.
» : *ciri-cono-mé*, Deus dos campos.

» : *Vi-cono-mé*, Deus da agua e dos rios.

cf. *hui* «chuva» Sipibo.
Galibi: *cono-po*, chuva.
» : *aconabo*, »
Guaraouno: *naho*, »
Nahuquá: *kono-oho*, *kxó-óvo* »
Motilon: *kuna-siase*, agua.
» : *kuna*, lua.
Bonari: *kuno-bá*, chuva.
Apiaká: *koñ-pó*, »
» : *kampono*, nuvens.
Mossa: *tichi-po*, chuva.
Roucouy.: *copo*, »
Galibi: *cono-merou*, trovão.
Carib.: *cono-boui*, chuva (1).
Amuéscha: *ño (n)-púr*, (hom.) Sol, senhor do céo.
Layana: *por-águi*, estrella.
Baniva: *pé-por-swa*, dia.
» : *pé-pur-hi*, »
Catoquina: *ptierá*, membr. fem.

Cumanagoto: *ye-piri*, fructa, flor.
» : *che-piry*, espiga.
Baikaïrí: *saxupa-bûri*, bosque (Busch).

Galibi: *e-peri*, fruta.
cf. *e-peru*, Cumanag.

(1) Vejam-se: «chuva» *Apalai, Accawoy, Carinaco, etc. etc.*

cf. *irluberlib* «criança».
Piapoco: *asiéri-béri*, ancião.
cf. *Yava-pery*, tribu caribe.
Yahua-pery, » »
Cooshe-bery, indios Caribe do rio *Casssipurough*, de Lact, 1633.
Baure: *ni-pere*, meu irmão.

Vaniva: *üiro-bo*, moço, joven.
Baniva (Crev.): *ouiro-bero*, criança.
cf. *Piro*, tambem chamados *Simirinchi*.
Baniwa: *uru-bélo*, criança.
Aroan: *hero-dáydey*, filho, filha.
Piapoco: *nanaï-bérou*, anciã.
Waraù: *ni-buru*, meu marido.
Mehin.: *nuta-püro*, irmã maior.
Galibi: *pourou-né*, filha, moça.
Warow: *nee-booroo*, homem.
cf. *I-puru-coto*, tribu Caribe.
» «old» *Puru-goto*, citados por Schomburgk.
» *Purú-purú*, (1) indios exinctos (2) do rio Purús, Chandless.
Arawak (H.): *k-ulè* (1), criança (de ambos os sexos).
Roucouy.: *c-oulè*, amigo.
Hiánakoto-Umáua (2): *m-úle*, criança.
Piro (3): *m-ule*, parente, familia, clan, tribu.
» : *nu-m-ule-ne!*, meus irmãos!
Sabuja: *gib-uléh*, irmão.
» : *gini-uleh*, filho.
Carayá (Coudr.): *ouer-oulé-can*, rapazinho.
Pimenteira: *m-ulö-rü*, criança.
Galibi: *m-oule-ké* (4), rapazinho.
Arawak(H.): *kabbi-uli*, plural de *kabbi-ulti* «pater familiæ» dono de casa.
Uitoto Káïmö: *úlue*, criança.

---

(1) Arawak: *kule-liaëtti* «uma criança recem-nascida».
cf. *éti*, pudenda fem., casa, etc. etc.

(2) Indicar-se-á simplesmente «Hiánakoto».

(3) Quando não tenha nenhuma outra indicação, refere-se ao vocabulario Piro do P. Fray Agustin M. Alemany, Lima, 1905.

(4) «*Moléque*, nome que davam ao negrinho no tempo da escravidão. Era injuria applical-o aos negrinhos livres». *Fig.* «pessoa de maus sentimentos, de procedimentos baixos, dignos de um escravinho sem educação, nem moralidade. *Visconde de Beaurepaire-Rohan* «Dicciomario de Vocabulos Brazileiros» pp. 95 e 96. Rio de Janeiro, 1889 (sahiu tambem n'uma revista).

Eduardo de Faria. «Novo Dicc.» vol III (1852), «é termo da lingua *Bunda* e *Congo*, nas quaes *moleké* siguifica «rapaz» e *moleka* rapariga». cf. *Candido de Figueredo* «Novo

cf. *je-pèru*, Tamanaco.
» *ile-peru*, »
» *te-beru*, Crich., Macuchy
» *ete-beru*, Ipuruc.

Maxuruna : *nitschum-puru*, umbigo.
Cayriri : *byro*, ventre.
Pimenteira : *müblurü*, collo.
Sipibo : *puru*, ventre, interior e exterior.

Saliva : *puri, purú*, Ser supremo.
cf. *Purrú naminare*.
Orinochesi : *Purú*, diabo.
Antigos Maypure : *Purù-na* (1), «Senhor de tudo», em vez de *ununá*, Gilij (2).
Cayriri : *purú*, flor.

Sabuja : *ni-u(r)-leh*, membr. masc.
Ouayana : *icie-oule*, leite da mulher.
Arawak (H.) : *rúr-uli*, excremento.
» » : *kad-ulli-n* «ter raizes» (mandioca, Cass.)
» » : *ud-úlli*, raizes do Cassabi (mandioca).
» » : *katti úb-ule*, lua nova.
Arawaak : *amad ooley*, vento.
Arawak (H.) : *awad-ulli*, »
Arara : *iroum-oulé*, trovão.

Kustenaú : *neh-ulu*, «scrotum».

Dicc. da Lingua Portugueza», II, p. 143, Lisboa. 1859.—*Bernardo Maria Cannecattim*, «Diccionario da Lingua Bunda ou Angolense», etc., p. 521. Lisboa. 1804.

Braz da Costa Rubim traz outra accepção da palavra *molegue*, cf. «Vocabulario Brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza». Rio de Janeiro, Imp. Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito Impressor da Casa Imperial — 1853

Seja como fôr, não deixa de ser summamente curioso, que duas palavras em duas linguas tão distintas concordem conceitualmente e phoneticamente.

(1) Comparem-se: Peba : *yuna*, Diabo.
Tecuna : *tu una*, homens.
Culino : *uü-yuna*, rapaz.
Carip-una = «hombres acuáticos», *Martius*.

(2) T. III, p. 6, *Purrú-naminare*, «a mi sembra che sia un composto della voce *minhri* «padrone», cf. *ali, ari, j-ari* «Homem» etc. etc.

cf. *kxúle-kxule*, o tataravô do Bakaïrí «Antonio» cf. v.d. *Steinen* «Bak. Spr.», p. 56.
Arawak (H.): *ülli-kintu*, neta.
Juruna: *ad-ouli-o*, velho, ancião.
cf. *C-uli-n-o*, tribu Pano-aruáque.

l=r (1)

Carayá (E.): *nadi-úre*, prima.
Ipuruc.: *m-ure*, moça.
Macuchy: *m-ure-m-ure-quy*, criança de peito.
Tamanaco: *m-ure*, mocinha.
Caribisce: *w-oorey*, mulher.
Palmella: *pi-ur-x-ure*, rapaz,
Bonari: *ua-uri*, mulher.
cf. *Baure, Mayp-ure, C-uri-no, Maure.*
Aroan: *batê-ure-eysale*, Cacique, *Tuchána (Tubichá, guaraní).*
Arawak (H.): *uri-bitti*, cunhado.
» » : *uri-hittiti*, genro do homem.
Ouayana: *m-ouré-mé*, joven (homem).
Pimenteira: *n-uri*, joven, rapaz.
Galibi (Prdh.): *im-ourou-tigami*, filho natural.
Taman.: *em-ourou*, filho.
Carayá (Coudr.): *Oer-ourou*, mocinha.
Galibi: *oum-oro*, rapazinho.
Arara: *ouro*, amigo.
Crich.: *um-uru*, sobrinho.
Nahuquá: *um-uru, m-uru*, filho.
Caribisce: *yem-ooroh*, moça.
Aparaï: *m-ourou-m-ourou*, criança, filho.

Apiaká: *urañ-mo*, criança de peito.
cf. *mu* «avunculus» Catoquina.
Ouayana: *oli*, mulher.
Roucouy.: *oli*, »
» : *oli-psic*, filha.
Galibi (S.): *oly* femea.
» » : *ou-oli*, mocinha.
Peba: *com-oley*, homem.
Roucouy.: *yapot-oly*, chefe de todo o paiz.
Galibi: *yapot-oly*, homem de posição elevada.
» : *Pot-oli Manaye*, Capitão-General.

(1) Transformação do som *l* em *r* nas palavras que se seguem.

Yaulap. : *nuk-ulu,* «scrotum».
Crichana : *im-ulu,* ovo.
Jumana : *nuh-m-ullu,* ventre.
cf. *mourou* « filho» Galibi.
Carib. : *i-oulou-ca* (1), Deus.
Pimenteira : *nu-llu,* lua.

l=r

Coretú : *nu-ur-üri,* membr. masc.
Yaulap. : *nuk-uri,* «scrotum».
Juruna : *sim-oure,* umbigo.
Ouayana: *m-oure-m-oure*, criança de peito (leite ?).
Sabuja : *niu(r)leh,* membr. masc.
Galibi (Biet) : *c-ouri-ta,* dia.
» (Prdh.) : *ic-ouri-ta* «grande sol» = meio dia.
Paressí : *ʒ-uri*, estrella.
Baniwa : *nam-ouri* } sol.
ham-ouri }
Cariniaco : *c-ouri-ta*, luz.
Piapoco : *ca-ouri,* vento.
Cariniaco: *c-ore-re*, lua.
cf. *kurota* «meio-dia» Bakaïrí.
Apiaká : *aini-m-uru*, ventre.
cf. *p-uru* «ventre» Sipibo.
m=p.
Catoquina : *tschuru-taghmy,* umbigo.
Bakaïrí ; *im-óru*, ovo.
cf. *byro* «ventre» Cayriri.
Arawak (H.) : *múr-m-uru-m* (2), não estar maduro (= novo = joven).
Pimenteira : *m-öru-ru,* trovão.
Galibi : *huëi-ourou*, aurora.
Maypure: *urru-pu*, estrella.
Arawak (H.) : *kâti ukúrrubu*, lua cheia.
Nahuquá : *öλ*, «pudenda» fem.
Quiniquinau: *oli-ana*, pud. fem.
Apiaká : *oli-no*, » »
Juri : *tim-oli*, membr. masc.
Amuéscha : *nech-kóλ*, sperma.
cf. *ot-oli*, «carne» Galibi.

---

(1) Comparem-se : Roucouyenne : *yoloc*, diabo
Kueretú : *nó(e)m-ólo-kéri*, céo.
Galibi : *yolocan*, diabo.
(2) Cp. *mur-muru makên* «estar velho» (=estar maduro).
Uamana (Strad.) : *Kod-makên*, Deus (=o velho—avô).

Piro: *nemots-olee*, amigo, companheiro, sendo da mesma tribu.
Hiánakoto: *y-öle*, homem.
cf. *Katap-oli-tani*, tribu Betóye.
Yaulap.: *yum-ol(u)yetsu*, rapaz.
Amuéscha: χοχό, avô.
Juruna: *Int-ol-ao*, nomes com que os Juruna designam os indios *Suyá*.

l=r

Macuchy: *t-ori*, sogra.
Carayá (E.): *t-ori*, forasteiro, estrangeiro.
» » : *wari-oré* (hom.), filho, criança.
» » : *wari-k-oré* (mulh.), » »
» » : *wari-oré-thã*, mulher casada, assim chamada pelo homem.
» » : *wari-oréthehai*, sogra.
» » : *wari-k-oré-töbö*, homem casado assim chamado pela mulher.
Yavitera } : *n-ori*, meu cunhado.
Vaniva }
Cariniaco: *on-ori*, mulher.
Paressí : *k-ori*, irmã maior.
cf. *Panacori*, *Corre-guaye*.
Accaway: *wabot-orey*, anciã.
Campa : *notómi tɻ-óri*, tia.
Carayá (Coud.): *nari-oré*, filho.
» (S.): *naderi-oré*, irmão.
Makusi: *inasarong-w-ohri*, mulher joven.
» : *w-ohri*, mulher.
Galibi : *am-ore*, tu !
Melinakú: *irɻ-örɻo*, irmã menor.
Yaulap.: *irtsch-öri*, primo, irmão menor.
» : *irɻ-örɻo*, irmã menor.
» : *óri-nau*, homem.
Goajiro: *najö-yör* (i), virgem.
Amuéscha: *tschoĩ-ñór* (i), filha.
» : *nach-ko-ñór*, avó, mãe do homem (pae).
Apiaká: *ix-ele*, moça.
Guaná (1793): *ati-elé*, avó.
» » : *l-elé-c*, irmão maior.
Carib.: *ou-elle*, mulher.
Arara : *im-eli-no*, filho.

Antis : *m-ole-caiteri*, raio.
Aroan : *(bocháca)-néuron-oele*, temporal.

l=r

Palmella : *ohri*, membr. fem.
Nahuquá : *itau-ir-öri* » »
Arara : *ori* (1), «matrix».
Nahuquá : *uv-ori*, penis.
» : *uv-öri*, »
» : *uir-öri* (fem.), «pudenda» fem.
Juri : *yam-ory*, membr. masc.
Passé : *sip-ohry*, umbigo.
cf. *puru* «ventre» Sipibo.
» *nitschum-puru* «umbigo» Maxuruna.
» *utävuru*, «ventre» «barriga» Nahuquá, (Yanumakapü).
Makusi : *h-ori*, diabo.
Catoquina : *tamak-ori*, deus.
Pebas : *euré-euré*, nuvens.

Bakaïrí : *kχ-iλéλ*, penis.
Makusi : *m-elé um-elé*, membr. fem.
Bakaïrí : *eli*, *elli*, vulva.
Quiniquináo : *h-ele-rode*, membr. masc.
Galibi (Prdh.) : *manat-elé*, leite (da mulher).

(1) Cp. Baure: *pori*, casa.

Carib.: *ouk-éli*, *ouek-elli* } homem.
Arawak (H.): *w-elli-kinti*, neto, bisneto.

Galibi: *in-elé*, elle.
» *in-elé-malé*, elle mesmo.

l=r

Piro: *c-ere*, ancião.
» : *not-eri*, meu filho.
» : *mt-ere*, criança de peito.
» : *in-eri*, homem.
cf. *Ipeti(i)neri*, capibara-homens, nome (1) que os Piro -Chontaquiro applicam aos Amahuaca-Pano do Rio Tamaya.
» : *caminichi-eri*, inimigo.
» : *pan-eri*, *jan-eri* } esposo.
» : *ñopoclicl-eri*, sobrinho.
» : *nigimati-eri*, sogro.
» : *numecan-eri*, genro.
Bakaïrí: *iw-éri*, seus netos (delles).
cf. *iwä*, *iri*, *iwéχ*, *kχiχeχ*, etc. Bakaïrí.
Nahuquá: *eri-náu*, homem.
Palmella: *an-ere*, filho.
Aroan : *heré-ute*, pae.
Piapoco : *camarik-éri*, bruxo.
cf. *camang-ári (káre)* «diabo» «bruxo» Campa.
Macuchy: *main-eri-py*, joven.
» : *n-ery*, mulher.

Barekéna: *nan-ili*, pae.
Galibi: *oqu-ily*, homem.
Arouaque: *wadi-ili*, »
Arawak (H.): *wad-ili*, »
» » : *ili*, *suffix.*: «um tal» (ein solcher).

(1) *Olivier Ordinaire* traduz erroneamente «ronsocos» (=capibara, *hydrochoerus capybara*) v. d. *Steinen*, «Dicc. Sipibo», p. 31.
Sobre os indios do Rio Ucayali, Mr. *Ordinaire* é uma fonte em extremo suspeita.

Piro: *rottolog-ele*, trovão.
Arouaque: *awad-eli*, vento.
Warow: *ab-eyle-b-eyleh*, raio.
Baniwa: *am-éré-ro*, raio.
Arouaque: *koulé-éli*, fumaça.

l=r

Bakaïrí: *kχil-éri* «penis».
Crichana: *m-eré*, membr. masc.
Cariniaco: *ararok-eri* «penis».
Nahuquá: *itau-ir-öri* «pudenda» fem.
cf. *öλ*
Piro: *pshuchug-eri*, mammar.
» : *chuchupenegi-eri*, dar de mammar.

Carayá (S.): *Jèére-éré*, diabo.
Peba: *malay-erre*, trovão.
» : *euré-euré*, nuvens.
Mossa: *emár-ere*, raio.
cf. *emet-ile*, Bakaïrí.
» *bo-ili*, Arawak.
Uarekéna, Katapol, Karútana, Yavitéro, Suisí: *kéri*, lua.
Ouayana: *pon-ili*, umbigo.
cf. *kχiλé* «penis» Bakaïrí.
Bakaïrí: *ew-ile* (1), *ew-ile* fructa de arvore.
» : *emet-ile*, dia

(1) Cp. Piapoco: «ovos».

Tamanaco: *jamg-ili*, filha.

l=r

Bakaïrí: *iri*, primo da mulher.
Cp. nomes de clans, como:
Caou-iri, *Cayr-iri*.
Kir-iri, *Alz-iri*.
Quiri-yana, *Baguaja-eri*.
(Crichaná) *Inv-eri*.
Maqu-iri-tari, *Huachipa-iri*, *Tuyune-iri*.

Manáo : *ne-y-ery*, irmão.
cf. *Inyeri*, nome dos *Allouague*-Aruáque independentes nas Ilhas Antilhas.
Piro : *r-ère*, seu pae, (delle).
Bakaïrí : *Bakay-éri*, segundo os apontamentos mss. de *João Capistrano de Abreu* (1).
Baure : *nix-ere*, filho.
» : *nip-ère*, irmã.
cf. *piri*, *peri*, *püri*, *pürü*, *puru*.
» : *niper-eure*, irmão.
Bonari : *uqu-eré*, homem.
Yaulap. : *eri-na*, »
Mehin. : *eri-náu*, »
Kust. : *nis-ere*, primo, irmão menor.
Piapoco: *asi-éri*, homem.
cf. *Manetenery*, *Manecynery*, *Cujigenery*, *Chandless*.
Goajiro : *j-ier*, mulher.

(1) Os *Mss.* conservam-se ainda inéditos na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Arawak (H.): *bo-ili*, bom dia!
Piro: *emerict-ili*, verão.
Arawak (H.): *mauk-illi*, céo estrellado. (Sternhimmel)
Hiánakoto: *d(z) ili-kö*, estrella.
Apalaï: *ch-ili-coto*. »

l=r

Aparaï: *emanat-iri*, mamma.
cf. «mammar» Piro.
«dar de mammar» Piro.
Atoraï: *Wim-iri*, Deus.
Piapoco: *macouch-iri* «Orion».
Carayá (Coud.): *iri*, meio-dia.
Yaulap.: *sacc-ére-i*, dia.
Baure: *arek-êre*, estrella.
Mayna: *Yñerre*, Deus.
Piro: *tz-ere*, *c-eri*, lua.
Jucuna: *pu-eri* (1), »
Piapoco: *éri*, *eéri*, céo, sol.
» : *éri*, *éri-api*, dia.
cf. *ary*, Marauha.

Apiaká: *w-erik* páo para fazer fogo por meio de fricção.

Carib. Schomb.: *x-eri-k*, planeta.
Kustenaú: *k-eri*, lua.
Crichana: *it-eri-ca*, fumaça.
Ipurucoto: *it-ere-caqui*, estrella.
Macusi: *s-eri-ko* |
Caribisce: *s-eri-ka* | »
Arawak: *s-eri-gu* |
Piro: *rettolog-eri*, trovão.
Miránya: *mökére-koa*, estrella.
Wapityan: *tegh-erre*, fogo.
Jukúna: *k-éri*, sol.
Kueretú: *hè (e) ki-ere*, lenha para queimar.
« : *nö(e)mölo-k-eri*, céo.
Antis: *stitin-eri*, noite
Paressí: *sim-ére*, fumaça.

---

(1) Cp. Curuahé: *poschó*, céo. Apalai: *popoula chichi*, sol.
Yarura: *puino*, pleiades; *pou-bene*, lua.
Trumaí: *pupu*, arco-iris. Baure: *pahi-po*, cinza.
Mayoruna: *hi-bui*, arvore. Pammary: *boi-ri*, estrella.
Amuéscha: *púingatz* Arawak: *boi-li*, bom dia!
» : *tzachpúin*. Galibi: *caupo*, céo.
Bakairi: *pelupa (o)*, cinza. Bonari: *ca-bù*, ar.
Betóye: *muhi-pu*, sol, lua. Roucouy.: *capo*, chuva.

Ouayana: *ok-iri*, homem.
» : *pana-kiri* } os hollandezes.
» : *pana-duiri* }
Carijona: *qu-ire*, homem.
Trios. : *su-ire*, »
Huachipairi: *kua-iri* }
» : *qu-iri* } »
Campa: *atʒ-iri*, homem «nós» (os Campa).
Crich. : *ack-iry*, moça.
Chontaquiro: *t-iri*, criança.
Siusí: *n-iri*, »
Carijona : *inc-hir*, filha.
Karútana : *nun-iri*, pae.
Katapol. : *són-iri*, »
Piapoco : *kour-iri*, negro (homem preto).
» : *ouacou-iri*, tio.
Macuchy : *ui-ry*,
cf. *piri, peri, püri, pürü, puru*.

Mu-chikeri, indios que viviam nas margens do Lago Parime, cf. mappa de Sanson (1), 1656.

Piro: *gi-ero*, avó.
cf. *Chontaquiro*, chamados tambem *Piro* ou *Simirinche*.
Piro: *numaquinag-ero*, cunhada.
» : *sichumt-eru*, moça.
» : *ñoparecl-eru*, sobrinha.
» : *nigimag-iru*, sogra.
Uaíkana : *topaox-iru*, pae.
Apalaï : *eru-toua*, homem.
Aroan : *hero-dádey*, filha, filho.
» : *heroe-yto*, mae.
Paressí : *o-hiro*, criança de peito, menino.
: *o-hiro mogosö*, moça.
Yaulap. : *nat-iro*, avó.
Mehin. : *atsch-iru*, »
Waurá : *ats-iru*, »

(1) «Atlas» que acompanha a Memoria publ. pelo Sr. *Barão do Rio Branco*.

Antis : *kilact-eri*, dia.
Pammary : *bo-iri*, estrella.
Machiganga : *cass-iri*, lua.
Manetenery : *cass-iri*, »
Piro : *catag-iri*, estrella.
Antis : *cas-iai*, lua.
Yaios 1633: *ch-irica*, estrella.

Arara : *t-iri*, estrella.
Apiaká : *t'iri-ñ*, »
Moja : *ar-iri-gui*, estrella.
cf. *tschiri-muka*, estrella Bakaïrí.
Old-Purugoto: *iri-ka*, «Archernon.»
Mawakwa : *k-ir-su*, lua.
Vapityan : *kei-irrh*, »
Atoraï : *kei-irhe*, »
Karutana : *hiw-iri*, estrella.
Chontaquiro : *s-iri*, »
Hypurina : *s-iri*, lua.
Golibi : *s-iri-cco*, estrella.
Taman : *c-iri'cco*, »
Cumanag. : *ch-ir-ke*, »
Mac. / Crich. / Jpuruc. : *ch-iri-quy*, »
Antis / Campa : *impok-iro*

Cumanag. : *ep-eru*, fructa.
Taman. : *jep-èru*, »
» : *itep-èru*, »
Crich. / Macuchy : *teb-ere*, »
Ipuruc. : *eteb-éru*, »

Mehin. : *ten-eru*, mulher.
Kusten. : *tin-eru*, »
« : *niz-eru*, irmã.
Waurá : *rz-eru*, irmã menor
» : *tin-eru-tái*, moça.
Paressí : *nakelu*, tia.

Arawak (H.): *elonti*, criança.
» » *elonin*, pequeno.
» » *elunchy*, rapaz.

Arawak (H.) : *watt-inti*, irmão do homem.
» » : *üllik-intu*, neta.
» » : *uuh-intu* filha da irmã do homem.
» » : *ada-ünti*, irmão da mãe.
» » : *ue-intu*, irmã do homem.
Roucouy. : *inchi-ri*, filha.
Campa : *simir-inchi*, os indios Piro.
Arawaak : *dada-hinchi*, tio.
» : *daoo-enchi*, primo.
» : *daalek-enchi*, neto.
cf. *mou-lek-é*, rapazinho.
Canamirim: *maghaluchine*, marido.
» *sait-yune*, mulher.
Culino: *eyun-paky*, filha.
Sipibo : *chichi*, mãe, avó.
Maxuruna : *tschi-rabo*, mulher.

Maxuruna : *pakuschuzü*, criança.
Cayriri : *ingniut-züzü*, filha.

Trumaí: *at-elo*, sol (1).
Bakaïrí: *y-elo*, raio, trovão.
Paressí: *one-tar-elu-ga*, chuva.
Yumana (Sa.): *p-elú*, raio.
Jarura: *mem-elú*, diabo.
Bakaïrí: *iw-élu*, cataracta.
(*elu-eru*—ruido, barulho?)
cf. *m-eru* «trovão» Cumanagoto.
» *toni-merou*, «trovão» Yaios (1633).
Piro: *rett-olo-gera*, raio.
Carib. Honduras: *w-ello*, sol.
Bakaïrí: *nuna-iw-élo*, lua crescente.

Chontaquiro: *mapu-inchi*, Deus.
Tama: *insi*, sol.
Quinau: *yuw-inti*, estrella.
Campa: *inti* (fem.) sol.
Machig: *qui-enti*, »
Chontaquiro: *inti-ti*, (2).

Machig: *chinchi*, fogo.
Culino: *y-untchi* (3), diabo.
Culibo: *t-unchi*, »
Maxuruna: *tsch-onsin* »
Amuéscha: *intschi (fem.)* sol.
Piro: *caj-unchy*, bruxo.
» *sam-enchy*, diabo.

Canamirim / Canam-are: *nala-chitschi*, membr. fem.
cf. *chuchu*, etc. Piro; umbigo, Arawack, etc.

Cayriri: *ʒutʒsche-pot-litaklüh*, raio.

(1) Cp. Bakaïrí: *men-olo*, «ar.» cf. *enó* «em cima» Amuéscha.
Jumana: *sóman-lu*, sol. *énu* «trovão» Piapoco.
(2) Cp. Aparaï: *tantchiato*, meio dia.
Amuéscha: *int-schato*, arvore, lenha, madeira.
(3) A parallela do *yunchi*, ou *tiunchi* do Rio Ucayali, é o *Yaci-yatiaré* dos Paraguayos

Cayiiri : *kütsi*, mulher.
Sabuja : *iniut-kütsih*, filha.
Guaná : *ove-notji*, mulher velha.

Amuéscha : *notsch*, irmão da mulher.
Paressí : *n-oshi*, neto.
Mehin : *oyi*, irmão menor.
Paressi : *n-oshitmarini*, primo, irmão menor.
Pimenteira : *g-otsi-ong*, filha.
cf. *Maiong-kong*, filha.
Maypure : *tume-i-ochi*, moça.
Arouaque : *toi-outchi*, cacique.
Roucouy, Apalaï, Trios Emerillons : *tam-ouch*, »
Culino : *utschy*, irmão.
Waurá : *batuhuzi*, avô.
Arouaque : *damado-kotchi*, sogro.
Taman : *occiu*, mãe.
Arauaque : *dadoo-kootchi*, avô.
Trumaí : *in-oxu*, filha.
Sipibo : *tita-usi*, bisavô.
» *huchi*, irmão maiôr.
» *Huchi papa*, avô, pae da mãe.
Bakaïrí : *i-se-rape*(1), cunhado da mulher.
Amuéscha : *n-essé*, irmão.
» : *no-essé*, »
» : *n-essér*, »
Caouiri : *s-ise*, mulher.
Bakaïrí : *i-se*, *i-he* « mater (ejus) ».
Warow : *h-ese-nga*, primo.
cf. *naatoosenga*, «neto» Warow.
» *esate(ati-atti-adí)* «mulher» Motilon.

(1) Comp. Bakaïri : *sé-ko* mãe, mamã, *v. d. Steinen.*
» : *a (ó)-he, ice, tihé*, segundo *Capistrano de Abreu*, Mss.
» : *tsé-go, v. d. Steinen.*
» : *ti-xé-ho, Cap. de Abreu.*
» : *tsé-ko, v. d. St.*
» : *i-sé, i-he* « minha mãe ou «a mãe delle» (eius) *v. d. St.*
» : *aí(ó)-he*, tua mãe.
» : *íi-he*, sua mãe (delle).
cf. *he, ve, je, gé (ve - we - wã - vi - wi - bi - pí)* etc.
Carua-hé. *die ve (ovo)*, Piapoco.
Betó-ve. *i-we(wã)* neto, Bakaïri.
Corre-gua-je *amabi*, neto, Guaná, etc. etc.
Apinagé, Caya-bi, Cenabú (Cenapu-Sinabo), etc. etc.

Cayriri: *tsi*, lenha, arvore.
» : *utschih*, *uche*, sol.
» : *letiẓeh*, matto.
Sipibo : *pu-xi*, membr. masc.
Araicú : *nü-chy*, » fem.
Uaínuma : *nu-schy*, » masc.
Pimenteira : *pütẓe maung*, membr. fem.
Culino : *notschy kuby*, umbigo.
Sipibo : *s-uchi*, peito.
Piapoco : *mac-outchi-(i)ri*, Orion.
Tama : *païc-ouchi*, lua.
Pano : *naïbouch*, céo.
Sipibo : *naïb-uchi-qui* (1), céo; talvez «no céo».

Culino : *oschy* (*oẓü*), lua.
Jaûnavo: *ursche* (2), »
Cayriri : *utschih*, *uche* } sol.
Sabuja : *utschèh* »
Sipibo : *use*, lua.
Ipuruc : *uci*, »
Macuchy : *uci*, »

Paressí : *nu-se*, «penis».
cf. *acce* «scrotum» Baure.
Maranha : *ni-sy*, membr. fem.
Araicú : *nü-schy*, » »
Maxuruna : *schuy*, » »
Arawack (H.): *iwi-ssi*, «penis, scrotum».
» » : *issìnihi* (3), «penis».
Canána : *se* (4), sol, lua.
Bakaïrí : *se*, arvore, lenha.
Yupúa : *ueẋ-sé* (5), céo.

(1) *naïcu*, céo baixo, ou seja «tecto» «Zimmerdecke»; *v. d. Steinen* traduz «céo claro» (Himmel, wolkenlos).
(2) cf. *amorci* dos Aricâque.
(3) Cp. *d-ésse*, Arawak (H.)
» *b-ésse*, »
» *l-ésse*, »
(4) Cp. *aẋ-se*, Caixana.
(5) Cp. *oné-oné*, sol; Galibi.
ouí-oué, lenha para queimar.
ouéi avia lactea» Guayana,
we, sol. Macusi,
ue-rho, sol, Makú II.
ue rame, estrella, Makú II.
jeje, arvore, Pimenteira.

Cumanagoto: *yecher*, cunhada.
Pimenteira: *tschäh*, homem.
Cayriri: *renghé*, marido.
» : *higgäh*, mãe.
» : *payé* (1) } «patruus».
» : *paidenhè* }
Pimenteira: *boingje*, irmã.
» : *tschiaungäh* «avus».
Sabuja: *hikgá-eh*, mãe.
Cayriri: *iranda-ẽh*, compadre «socius».
Bakaïrí: *i-we* } meu neto!
» : *i-wä* }
Arawak (H.): *ti-be*, ella, (*illa*). (sie, es).
Cp. *Tiwerighotto*, tribu caribe, cit. por *Schomburgk*.
» *tiwéri* «ihre Enkel» *v. d. Steinen*.
» *Tivitiva* «languages», segundo *Keymis* (2).
Cayriri: *ibi-chó*, homem, «pessoa».
Guahiba: *pi-haoua*, mulher.
Sipibo: *pi-cha*, sobrinho, sobrinha.
Ipuruc.: *pi-chá*, madrasta.
Cp. *Pichabo-Pitsabo*, tribu Pano-aruáque.
Cumanag.: *pi-chi*, irmã menor.
Cp. *chip-pi* «irmã maior», Sipibo.
Chipibo, *Schipibo*, *Shipibo*, *Sipibo*, *Xipibo* (3), tribu Pano-aruáque.
Piapoco: *ouca-pi*, irmã.
Guaṇa (1793): *ama-bi*, neto.
Arawa: *a-bi*, pae.
Nahuquá: *á-pi-tsi*, avô.
» : *a-pi-tsi*, avó.
Jaúna: *a-pi-gi* } pae.
a-pitsi }

(1) Cp. *payé* «bruxo» dos Aruáque-caribe

(2) *Rivers*, 1 Arrowary (great) — *Nations*, Arwaos, Pararweas, Charibes — *Townes*, *Captain*. 1 «These are enemies of the *Jaos*, their money is of white and greene stones. The speak Tivitivas language: so likewise doe the nation of the *Arricarys*», etc.
cf. «A Relation of the second Voyage to Guiana», etc. London, 1596.

(3) «Irmãs maiores» (?) escreve *v. d. Steinen*, «Dicc. Sipibo», p. 25.
Porque não? A mim, ao menos, me parece esta a mais logica tradução da palavra *Chipibo*.

Layana: *hat-xè*, sol.
Baure : *vaji-se*, estrella.
Palmella: *we-she*, campo.
Peba : *ri-esé*, céo.
Bonari: *ata-quicê*, luz.
» : *qui-cê*, lua.
Peba: *co-ale-sche*, yuca (mandioca)
Carayá (S.): *daê-hê*, membr. fem.
Cayriri : *ʒaha-hë*, » »
» : *hé*, intestinos.

Carayá (E.): *kenaushi-vé*.

» » : *anati-wä*.

» (S.): *quinau-xi-úe*, Deos.
Jaûnavo : *tʒitʒô*, membr. fem.
Taruma : *pi-wa*, lua.
Ipuruc. : *ja-picha*, casar (-se).
Macuchy: *ja-pichaia*, »
cf. *chai*, cunhado, Sipibo.

Sipibo : *s-abi*, virilha (Schamleiste).
Crichana: *tu-awi*, membr. masc.
Campa: *otʒ-áwi*, vulva.
notʒ-tschitem-bi, «fornicare».
Crich. : *j-api-chin*, «vellum».
» : *j-api-chiquy*, casar-(se).

Kustenaú: *eʒot-a-pi*, irmão maior.
Trumaí: *a-pi-ne*, » »
» *a-pi-si*, » menor.
cf. *Wa-pi-ssiana* / *Wapityan* } tribus caribe *Schonburgk*.
Pimenteira: *a-pün-gniangnäh*, marido.
Juruna: *aim-bi*, irmã.
» : *ou-aim-bi*, irmã! chama o irmão á sua irmã (*Coudreau*).
» : *ouan-bi-i*, Indios mansos.
cf. *Gali-bi*, *Caya-pi*.
Cari-bi, *Caji-bi*.
Oyam-pi, *Yanumaká-pü* (1) (Nahuquá).
Galibi (Prdh.): *si-bi-ou*, criança, rapazinho.
Sipibo, Cunibo: *chip-pi*, irmã maior.
Guahibo: *pe-bi*, homem.
Cayriri : *nim-bi*, neto.
Pammary: *bi-y'*, pae.
Myrámya : *koaɪ-pi*, »
Galibi (Biet): *bibi*, mãe, avó.
Caribisce : *pee-peh*, anciã.
Accaway : *pee-peh*, avó.
Carimiaco: *pi-pe*, »
Bakaïrí : *mena-pe*, cunhada.
Maypure : *n-ape*, pae.
Paressí : *abe*, *abebe*, avó.
Trumaí : *va-ue*, irmão da mãe.
Kamayura: *a-ue*, *a-pe*, » » »
Barekéna : *kil-a-pe*, criança.
Karútana : *m-á-peni*, »
Katapol. : *Yeni-pe*, »
Tariána : *Yana-pe*, »
Carayá (E.) : *warate-be*, genro.
» » : *waθ-abe-θäre*, primo.
» » : *waθ-abé*, masc. avô.
» » : *waθ-ahé*, fem. »
» » : *warikoritö-bö*, marido.
» » : *topi-θe-be*, estrangeiro, sendo preto, negro.
Cp. nomes de clans, como: *Acca-way*, *Curua-hé*.
Java-hé (cf. Java-pery)
Java-yé, *Caraya-hi*

(1) Cp. *Sina-bo*, tribu Pano, Cardús.
Cena-bu, indios, seg. os doc. de Cuyabá, *v. d. Steinen*.
Cena-pü «homem» Yuruna.
Sena-pou » Juruna.
Sana-pü » , rapaz, Chipaya. cf. *sana-pi* «mulheres» Cahuapana.

Guahiba : *mac-abi*, sol.
cf. *temoui-maca*, «raio», Pano.
Kobèua : *aui-yá*, sol, cf. lua.
Maypure : *chej-api*, lua.
Baniwa : *atã-(a)bi*, arvore.
Curuahé : *taibi*, matto (arvores).

Carayá (E.): *ouanam-be*, casar(-se).

Sipibo : *s-ebi*, partes gen. masc.
Arawak (H.): *k-ime-jun* (1) «eine indianische Weiberschürze» (para cobrir as partes pud.)
Arawak (H.): *t-ime-re*, «penis».
» » : *d-ewe-re-inissi*, «cuniculi».
» » : *d-ewe-raake*, minhas calças.
» » : *i-wé-ra*, «penis».
» » : *i-wé-raka* «ein Indianerlappen», um pedaço de panno para cobrir as part. pud.

Piapoco : *ie-vé*, ovo.
Taruma : *die-vé*, »

Desána : *a-bé*, sol, lua.
Yupúa : *a-wé*, *a-ué* sol, lua.
Tamanaco: *c-ave*, em cima.
Palmella : *c-ape*, céo.
Yaios (1633): *ken ape*, chuva.
cf. *ken-aushivé*, Carayá (E.)
kin-au, Yagua.
Cariniaco : *c-ave-raça*, estrella.

(1) Cp. «ovo» «saia» Caxinawá, Sipibo, etc.
» «casa» «estar vestido» dos demais Aruáque.
» «calças» Arawak (H.)
» Bakairí: *kyn-éun*, excremento (Koth).

Turuma-hí (cf. *Trumai*)
Malia-pé (cf. Mariaté)
Ama-ge (*Amuéscha-ya*)
Apina-gé, Pio-ye.
Woyaway, etc.

Crichaná : *yacó-bi*, cunhado.
Cp. *Chaco-bo*, tribu Pano-aruáque.
Catoquina : *oby*, marido.
Macuchy : *imeno-by*, nora.
Ipuruc : *caraino-by*, »
Crich : *curaino-by*, »
cf. *Okxor-óby*, «nome indigena da India Joaquina» p. 53 "Bak. Spr." *v. d. Steinen.*
Pammary: *ima-ina-uy*, moça.
Bakaïrí : *á-wi-ʒato*, virgem.
Guaná (1793): *eha-wi*, primo.
Cp. *Puina-vi* (1)
» *Y-avi-tera*
Arawak (H.): *bibe*, tu.
» » : *hibe*, vos.
» » : *hebé*, avó.
» » : *ne-bé*, elles (*illi*—sic).
Bakaïri : *i-wé-ti* } esposa.
i-wi-ti }
cp. *Pál-etti*, indios caribe, citados pelos *Herrnhuter*.

Arawak (H.) : *der-étti*, meu marido.
» » : *ir-eti*, homem solteiro.
» » : *kule-lia-étti*, criança nascida ha pouco.
cf. *ule, ure, oli, ori, ore* dos Caribe.
Siusí : *yénep-eti*, criança.
Jpuruc. : *up-ety*, marido.
Carijona : *ch-iti*, criança.
Aroaque : *da-iti*, criança, rapaz.
cf. *Yaulap-iti*, indios aruáque do Xingú.
Au-iti, tribu Nahuaquá do Rio Kuruene.
Aw-iti, indios Auetö do Rio Kulisehu.

(1) «Bibliothèque Linguistique Amér., VIII, p. 275, *Puinaba (Puina-vi)*. «Rio Inirida, habitado por los *Puina-bos*, y algunas familias de esta tribu en San Fernando de Atabapo y en el *Guaviare (Guavi-are)*». Nota do *Sr. F. Montolieu*.
Codaʒzi chama-lhes *Guapuina-bo* (s).

Culino : *bu-by*, ventre, barriga.
Arawak (H.) : *iwi*, fructa de arvore.
» » : *iwissi*, «scrotum, penis, cuniculi».
cf. *ewile*, *ewili*, fructa de arvore, Baikaïrí.

Arawak (H.): *t-ewi-ssiri*, «junge Hittapfel» (ramos com que tecem suas redes de dormir).
Paressí : *ihi-ve* (1), flor.
Passé : *se-auy*, «testiculi».

Arawak (H.): *meh-ébbe-n*, (2) não estar maduro (=não estar velho).
Kustenaú : *éti*, «pudenda» fem.
Layana : *zeh-édi*, » »
Waurá : *piur-eti*, » »
» : *eti-nabu*, » »
Carayá (S.): *eti*, nadegás.
Arawak (H.): *awu-ettin*, «prostituir».
Tamanaco : *pog-èti* (3), intestinos.
Piro : *ig-eti*, carne.
Arawak (H.) *man-etti-n*, «não ter homem» (marido).
Caruahé : *u-édi*, «Iniam Wurzel», mas talvez signifique só «raiz».

Pimenteira : *ingqu-itü*, umbigo.
cf. Nabelschnur, Arawak (H.)
Carayá (E.) *itü*, membr. masc.

---

(1) Cp. Hiánakoto : *weh*, sol.
Makusi : *yeh*, arvore.
Pimenteira e Taman. : *jeje*, lenha.
Ouayana : *ouéi*, via lactea.
Woyaway : *we-tta*, fogo, etc.
(2) Cf. «estar velho» (= maduro).
(3) Cp. Bacairi: *kχ-éti*, *kχ-ét*, *kχ-äti*, *y-éti* } «excrementos».

Bakairí : *ite*, irmã menor.
Arawak (H.) *hebb-eti*, ancião.
» » : *itti*, pae, irmão da mãe, e do pae.
» » : *itti-l-atu*, irmã maior da mulher.
» » : *itti-ti*, genro da mulher.
» » : *ad-itti*, filho.

Taino : *Buhiti*, (1), bruxo, feiticeiro, agoureiro.
Bonari: *u-puit-en*, esposa.
Cari. (Ilhas): *te-bouit-é*, a primeira mulher.
Galibi : *poët-é*, } marido.
» (Bi.) : *pouit-imé*, }
Sabuja : *poit-ʒuh*, pae.
Arara : *i-puit*, minha mulher.
» : *éin-poui*, joven.
Cumanag.: *pouit*, marido.
Carib. (J.): *ti-bouit*, »
Chayma: *u-puet*, »
Cumanag.: *huit*, esposa.
Jaûnavo: *pui*, irmã.
» : *no-pui*, meu irmão.
Sipibo : *puí*, irmão maior, menor, da mulher.
Cp. *Pui-nabu* (2), *Puí-nahua* (2), *Pui-navi*, *Ca-pui-bo*, sub-tribu dos Pacaguara.
» : *bue-ne*, marido.
» : *hua-pue*, madrasta.
» : *bue-ne-papa*, avô.
» : *bue-bo*, homem (*vir*).
» : *bue-nedʒa*, cunhado da mulher.
» : *bue-nui*, casar (-se).
cf. *be-nui*, Sipibo.
» : *bue-numa*, viuva.
» : *rabué-bâu*, gemeos.
» : *ʒa-bué*, cunhada.
» : *a-hui*, esposa.
» : *hued-ʒe*, irmão, irmã.

» : *mue-gai*, rapariga (prostituta?).

(1) «...que seruiam de Aurispices o Agoreros o Adeuinos». fol. XLV, Coronica de las Indias, etc. por G. H. Obiedo (y Valdés). 1547. Formosissimo exemplar que pertencia á bibliotheca do *Dr. von Martius* e que agora se acha na do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro.

(2) A tradicção de Indios-excrementos, ou seja «gente muito suja» é seguramente falsa.

Crichana : *ip-ete-pim*, solteiro.
Mehin : *ite*, «pudenda» fem.
Arawak (H.) : *itte-hi*, intestinos.
» » : *itti-há*, excremento.

Pimenteira : *titti*, sol.
Apiaká } : *titi*, sol.
Arara }
Curuahé : *ká-idi* (1), sol.
» : *idi-k*, luz.
Baré : *idi-ki*, lenha.
Amuescha : *tatz-ti*, raio.
» : *tati*, galho de arvore.
Campa : *kar-éti*, trovão.
» : *huin-éti*, lua.
Antis : *quita-huit-i*, dia.
Sipibo : *huistiti*, cada anno.
Cayriri : *tub-buih*, Deus.

Puinavi : *he-boet*, lua.
Jaraura : *boé*, Jupiter (planeta).

Jaulapiti : *uu-puhi*, «penis».
Cumanag. : *em-boy*, ovo.

Uitoto K. : *p(f)-öui*, lua.
Carib. : *iarsa-pouè*, noite.
cf. *isapüa*, boa noite! Vaniva.
Oauayana : *pouip-pouip*, raio.
Jaroura : *buino*, Pleiades.
Carib. : *con-boui*, chuva.
cf. *hui*, chuva, Sipibo.
Cayriri : *bui-gnicoh*, calor.
Sabuja : *bui-cobehüh*, »
» : *caja-bluih*, dia.

Campa : *noschi-witi*, membr. masc.
Oregones : *huit-sara*, lua.
Makú III. : *uid-n* »
Uainuma : *no-hui*, membr. masc.
Yavitéro : *ui-ne*, estrella.

(1) Cp. Antis : *inquiti*, céo.
» : *assiti*,
» : *kisiti*. »
» : *echitimiqui*, noite.
Chontaquiro : *intiti*, sol.

Sipibo: *mué-tai*, rapariga.
» : *mué-rati*, querido, amante, namorado.

Sipibo: *ani-bu*, os maiores. ascendentes.
cf. *ai-bo*, mulher.
cai-bo, familia, parentela.
hi-bô, *hibo*, amo, patrão, proprietario, homem.
bue-bo, homem.
cf. nomes de clans, como:

Coma-vo	*Cassi-vo*,	*Caxibo*,	*Shipi-bo*,
Cuni-bo,	*Sete-bo*,	*Picha-bo*,	*Soboi-bo*,
Chaco-bo,	*Cenabu*.	*Yuna-bu*,	*Jaûna-vo*,
Dia-bu,	*Sensi-bo*	(=*chinchi-bo*),	*Ronu-bu*,
Kustená-bu,	*Viabu*,	*Puina-bo*,	*Guahi-bo*.

Yuruna: *cena*(1)-*pü*, homem.
Juruna: *sena-pou*, »
cf. *Sena-bo(s)*, indios mencionados nos doc. de Cuyabá, cf. *v. d. Steinen*, 1894.
Sinabu(s), tribu Pano-aruáque, citada por Cardús.

Chipaya: *Sana-pú*, rapaz, homem.
cf. *ʒan*, Chayma.
Cahuapana: *sana-pi*, mulheres.
» : *pi*, suffix. de plural, corresponde ao *bo*, *bu* dos Panos.
Carayá (E.): *anñ-bu*, homem.
» (I.): *aà-bu*, »
Sabuja: *gi-bu-leh*, irmão.
cf. *ule*, *ure*.
Cayriri: *po-po*, irmão maior.
Accaway: *waa-poh*, tia.
Pimenteira: *wara-buh*, ancião.
Apiaká: *añ-po*, anciã, sogra.
» : *ok-po*, feiticeiro.
Apalai: *na-po*, mulher.

(1) cf *ina*, *ena* «Weib» etc., Guahibo e demais carib.-arnaque.

Carayá (S.) : *ud-é*, hoje.
» (E.): *udi-ibä*, dia.
Yaulap: *eny-uit-söka*, temporal.
Aroan : *hoeth*, lua.
Baniva : *ouit-si*, vento.
Jaúna : *wui-po*, trovão.
Paressí : *t-uita*, 5° phase da lua.
Sabuja : *mue-lih*, umbigo.
Culino : *nu-kebu*, Deus (=gente no céo=bemaventurado).

Mossa : *nucciánebo*, alma.

Manáo : *nu-püia*, membr. fem.
Galibi : *imom-bo*, ovo.
Macuchy : *icem-bo*, parir.
Sipibo : *pu-xi*, membr. masc.
Culino : *bu-by*, ventre.
Arawak (H.): *tadde-bu-ina*, { «matrix», «uterus».
» » *adde-bü-ina*, abdomen, barriga.

Cariniaco : *ouem-bo*, ventre.
Galibi (Bi.): *ouim-bo*, »
Carib : *huem-bo*, »
Puinavi : *oum-popo*, »
Sipibo : *buui* (1), excremento.
Cunivo : *búi* »
Sipibo : *hubu-sco*, «scrotum».
Jumana : *sa-pu-(po)*, membr. fem.
Chrichana : *te-po*, luz (2).
Yupua : *yá-bu*, arvore.
Yahúna : *ya-púa*, »
Peba : *au-pou*, lenha.

---

(1) Cp. *puhuiqui*, *puhui*, *puui* } excremento. cf. *tahui* «Gall».
pucu-ani, estomago, Sipibo.
puccu-ani, » Cunivo,
(2) cf. «das Licht der Welt erblicken» (=geboren werden).

Warow: *no-bo* (1), avô.
cf. *woboto*, rapaz, Warow.
Caribisce: *see-woh*, irmão.
Cayriri: *u-wo*, marido da irmã.

Amuéscha: *ap-puá*, pae do homem.
Juruna: *mam-bua*, filha.
» *aboue-ari-pina*, meu filhos.
Tecuna: *bua-poan*, criança.
cf. *yu-púa*, tribu Betóye.
Iquito: *i-wuan*, homem.
cf. *baba-ehua*, sogro, Sipibo.

(1) Cp. Yavitera: *nafo*, avô.
» *fanise*, casa. Vaniva: *panisi*, caza:
Aroan: *fayny*, »
Manáo: *po-eany*, tua casa.
Lauwándel, *p* = *f*.

Siusí : *tedze-búka(o)*, lenha.
cf. *tschiri-múka* (1), estrella, Bakaïrí.

b=m

Yuruna : *muni(m)-bua*, estrella.
Amuéscha : *po-ppnén*, mez.
Trumaí : *pu-pu*, arco-iris.
Yaroura : *bou-pene*, lua.
Juruna : *cachim-boué*, céo.
Jucúna : *pu-erí*, lua.
Apalaï : *poupoula chichi*, sol.
Saliva : *sipò-di*, estrella.
Waurá : *i-pu-kén*, Oeste.
cf. *kén*, quente, Carayá (E.).
kin-au, fogo, Yagua.
» *i-pu-tuke*, Leste.
Macuchy : *ue-po-tessa*, fumaça.
Mehinakú : *ka-pu-he*, estrella.
» : *ala-pü*, cinza.
Amuéscha : *púi-ngatz*, cinza.
» : *tzach-púin*, braza.
Nahuquá : *ka-pu-ra*, etc, meio dia.
Tecuna : *ho-mu-n*, luz.
Apalaï : *moi-no*, bom dia.
Waurá : *mu-kayale*, (2), dia.
Cayriri : *be-wô*, arvore.
» : *nhe-wô*, Diabo.
cf *Jawa-hü*, Arawak (H.).
Catoquina : *tsach-pùa* membr. masc.
Manáo : *nu-püia*, » »
Yuruna : *muni(m)-buá*, estrella.
Vaniva : *iasa-püa*, boa noite.
Yamiaca : *puari*, sol.
Pacaguara : *huari*, »
Jaûnavo : *baari*, »
Caxinawá : *bari*, »

---

(1) cf. *ana-muck* «cinzas» Zaparo.
(2) Cp. Waurá : *muti-waka*, noite.
Pano : *te-mouí-maca*, raio.
» t *te-mouí*, trovão.
Oregones : *mou-na*, »
Encabellados : *mu-mu*, »
» : *mu-mu-gi*, está trovejando.
Tukáno : *mu-hi-pu*, sol, lua.
Uaiana : *mu-hi-pue*, » »
Bara, Tsola, Tuyúka : *mu-hi-pu*, » »
Uasona : *mu-hi-pö*
Frúlia *mu hi-hu*, sol.

Amuéscha : *ñu-pua-pár*, meu pae.
Tamanaco : *par*, sobrinho.
Chayma : *par*, »
Cumanag. : *par*, »
Bakaïrí : *pari-ʒo* (1), irmão maior.
Piro : *ño-pare-cleru*, minha sobrinha.
cf. *Kʒupare*, nome de tataravô do Bakaïrí Antonio.

r=l

Piro : *ño-pali-cleri*, meu sobrinho.
Carib (J). *i-bàli*, sobrinho.
Tamanaco : *a-pali-che*, homem.
cf. *Pali-cour (kʒura)*, tribu caribe das Guyanas.
Kobéua : *páli-mö*, irmão da mãe.
» : *páli-mo*, irmã da mãe.
» : *p-áli-mo*, irmão da mãe.
» : *p-áli-mo*, irmã da mãe.
Karutana : *átsin-ali*, homem.
Siusí : *átsi-ali*, »
Yavitéro : *th-ali-aihemi*, mulher.
Cp. *Sali-va*, tribu caribe, *Gilij* e outros.
Sali-wanu, » » *Herrmuhter*.
Carib. (J). *ib-àli*, sobrinho.
Taman : *ip-àli-chè*, homem.
Piro : *janeri im-ali*, homem e mulher; marido e esposa.
Katapol : *átsin-ali*, homem.

(1) Cp. *Par essi(ishi)*, *Parechi*, *Paricura*.
Pari-yó, *Pari-goto*, *Pari-muro(s)*.
Pari-jó, *Bari-goto*.
Pari-só *Barina-goto*, cf. *Uarina*.

Sipibo : *bari*, sol.
Piapoco : *maca*(1)*-bari*, Pleïades.
Crichana : *te-paré*, lua.
Juruna : *canam-bari*, cometa.
Culino : *waari*, sol.
Canawary : *wari*, »
Quinau : *ke-wari*, lua.
Pano : *vari*, sol.
Arawak (H.) *waru-bussi*, Orion.
Taruma : *pi wa*, lua.
Bonari : *maica*(1)*-paá*, ceo.
Tatu Tapyia : *paá-ro*, fogo.
Carayá (E.): *bá(o)ra hóá*, cruzeiro do sul.
cf. *por-águi*, estrella, Layana.
Atorai : *wu-an*, chuva.
Baniva : *par-ouman*, cruzeiro do sul.
Cauixana : *no-pahare* } umbigo.
no-pahre }

r=l

Catoquina : *wahlyá*, lua.
w=h=b=p
Cauixana : *maahly*, sol, Spix.
m=p

Trumaí : *ali*, «pudenda», fem.
Arara : *ali-nega*, testiculos,
Bakaïri : *kxiwekx-al*, } umbigo.
kxiwek-ali, }
Paravilhana: *övöde-d-alü*, membr. masc.
Piro : *camchirunalc-ali*, conceber.

Aroan : *bab-al* } Tanga (Weiberchürze).
: *bab-ale* }

Arawak (H.): *m-ali*, uma estrella grande.

(1) Cp. Tecuna : *tahai-makai* ceo.
» : *tahuai-makai*, lua.
» : *takai*, sol.

Galibi : *ot-ali*, filha.
Guaná (1793) : *yt-ali*, avô.
Galibi (Bi.) : *ou-ali*, criança, mocinha.
Barekéna : *asin-ali*, homem.
Layana : *áli-voano*, criança, filha.
Guaná (Cast) : *ali-vohanon*, filha,
» » : *c-ali-itiko*, criança.
» » : *c-alei-houno*, filho.
Cp. *K-ali-pina* vulgo, «Cariben» Herrnhuter.
C-ali-na um Caribe.
C-alli-nago (=ñaco) } Caribe.
G-alibi }
Am-ali-vaca, Ser supremo dos Tamanaco.
Atanuma-g-ále, filha do *Kamushini* dos indios Bakaïrí.
Piro : *ñop-ali-cleru*, meu sobrinho.
Cp. *P-ali-cour(a) (kxura?)*.
P-alé-kxo, nome da mais antiga aldeia dos Bakayéri, *v. d. Steinen*.
'Pakur-ali, aldeia Bakaïrí, *R. Kurisehu*.
M-aliape, = Mariapé, tribu Nahuquá ou *Janakukúa*, Capistrano de Abreu.
Paressí : *tihan-ali*, feiticeiro.
Caribe : *banou-ale*, amigo.
cf. *banaré*, *panarini*, Pano, etc.
Arawak (H.) : *adda-ali-n*, carpinteiro = homem que lavra madeira.
Waurá : *ts-alai*, primo, irmão menor.
Aroan : *batêure cys-ále*, cacique (Tucháua).
Piro : *hu-ale*, aquelle, esse.
» : *hu-ale-p gi-ale*, elle só.
cf. *amánlle*, tu, Caribe (J).

l=r

Iquito : *may-ari*, criança.
Aroan : *y-ahry*, homem.
Vaniva : *i-ari-aa*, primo.
cf. *Jarykuna* (1) = *Arecuna*, tribu caribe citada por *Schomburgk*,
Piapoco : *achij-ari*, homem.

(1) Segundo o missionario benedictino *P. Beda Coppert*, o verdadeiro nome desses indios é *Jári kuna*. Os materiaes linguisticos do infatigavel missionario estão em via de impressão. Traição dos idiomas *Makushi* e *Yaricuna*.

cf. *m-ali-dálte*, começo das seccas.
«O nome provem do astro *Mali*», explica o missionario Herrnhuter.

Baré : *uin-ali*, estrella.
Baniwa : *uimin-ali*, »
Piro : *canipgi-ali*, vento forte.
Aroan: *ôhác-ál*, vento.
» : *(bocháca) ôhác-ál*, temporal.

Aroan : *áryc-ál*, calor.
cf. *ary* «dia» Marauha.
Arara : *atoum-ali*, raio.
Carib. (J.) : *coulitáni-ali*, raio.
Arawak (H.): *acoollia c-ally*, trovão.
Arawak (H.): *akurrak-alli*, »
Mehin.: *muyak-ale*, dia.
Cauixana : *ma-ahly*, sol.
cf. *ba-ari* (1) dos Pano-aruáque.
Quiniquináo : *alli-ghêra*, sol.
Marauha : *uali-auan*, lua.
Arawak (H.): *hadd(a)-ali*, sol.
Shebaios (1633) : *at(a)-aly*, arvore.
Goajiro : *k-ali*, sol.
Arawack (H.) : *k-álli*, Cassave, Mandioca (Yuca).

l=r

Bakaïrí : *kxiwekx-ári*, umbigo.
Palmella : *j-ari*, membr. masculino.
Jpuruc. : *it-ari-parai* (2), dar á luz.

Pimenteira : *gico-ari-ng*, membr. masc.

(1) Lautwandel: *m*=*p*.
l=*r*.
(2) Cp. Bakaïrí : *s-ári*, *s-aλ*, folha (arvore).
Cumanag.: *y-are-ter*, folha.
Tamanac.: *it-aré-ri*
Galibi: *sarombo*,
cf. *imombo* «voz Galibi.

Piro : *cai-ari*, amo, dono, patrão.
Yaulap. : *h-ari*, filho.
Paressí : *h-ari-ti*, cacique.
» : *h-ari*, filho.
» : *ota-h-ari-ti*, bruxo, curandeiro.
Machiganga : *cer-ari*, homem.
Antis : *sir-ari*, »
cf. *Seséri-ári*, nome do pae do indio Bakaïrí «Antonio».
Macuchy : *m-aré*, rapazinho.
cf. *Woi-maré*, tribu Paressí.
Vaniva : *mem-ari*, indio, em geral(?).
Baniva : *mam-ari*, » » »
cf. *Pamm-ary*, *Cau-mari=Cahu-mare* (1).
Cana-w-ari, tribus Pano-aruáque.
A-wa-ari, nome indigena do Bakaïri «Antonio.»

Baré : *inyak-ari*, mãe.
Carayá (E.): *matok-are*, ancião.
Caouiri : *aniric-áre*, pae.
Carayá (Coud.) : *matouk-are*, ancião.
Cariniaco : *c-ari-na*, amigo.
cf. *C-ari-na* (ñaco), Caripuna.
C-ari-jona, *C-ari-ay*, *C-ari-bi*.
C-ari-bisce.
Bocanag-ari, cacique Taino (Haïti), citado por Oviedo, edição de 1547.
Juruna : *ari-pacopa*, recem-nascido.
Yaulapiti : *ari-na*, criança.
cf. *Arina-goto*, chamados tambem *Parina-(Barina-*, *Várina-goto)*, tribu caribe.

(1) Cp. «Informe» do *P. Zárate, S. J.*, que anda impresso na obra do *P. Francisco Figueroa.*

Apiaká : *i-mañ-are* (1), peitos da mulher.
cf. *banaré*, amigo, Galibi, etc.
Cauixana : *no-páhare*, } umbigo.
no-p-ahre, }
Tecuna : *sauz-are* «testiculi».
Bakairi : *áun-áre*, vida.
» : *tun-áre*, sua vida (delle).
cf. *Paitunare*.

Piapoco : *sa-vari*, espirito malefico.
Caribi (ishi): *Am-ari-vacá*=*Am-ali-vaca*, Gilij.

Campa : *kamang-ari*, Diabo.
Manáo : *mau-ary*, Deus.
Cariay : *mau-ary*, »
Tamanaco: *inaman-ari*, Creador (Gilij).
» : *Jucum-are*, outra divindade.
» : *Japitu-àri*, Deus da mandioca.
» : *Purúnaminàre*, cf. *minare* «padrone».
Paitun-are (2), demonio das aguas.

Carib. Schomb.: *Wauy-ari-yutto*, nome d'uma das estrellas do *Orion*.
Baniwa : *iou-ari*, trovão.
Marauha: *ary*, dia.

(1) Devo chamar a attenção sobre a cerimonia de «adopção» em uso entre certas tribus do Caucaso, e que consiste em certa mulher da respectiva tribu dar de mammar um pouco ao pretendente.

O dito allemão «Milchbruder» relaciona-se com esse costume.

(2) *Ehrenreich* «Mythen, p. 63 *Flutmythe*...» aber kommt auch am Amazonas in loser Verbindung mit der Sage vom Wasserdamon *Paitunare* vor und ist ferner als selbständige Sage bei den Karayá, die sie wahrscheinlich den Tupi entlehnten, von mir nachgewiesen:

Eu creio, porem, que a lenda dos Carayá se approxima mais da dos Tamanaco. *Gilij*, III, p. 10 «Tamanachi dicono: *Apotonomò uoccil-jàve nono nuomùine tuna-guacà temgiare*; cioè, ne tempi antichi de' nostri vecchi si sommerse nell'acqua tutta la terra». «In quel tempo», «i nostri vecchi, ripigliaron essi, dimoravano nelle terre vicine al fiume *Cucci-vèro*, e le due persone (ma no ne raccontano i loro nomi) salvatesi dall'innondazione restarono in un monte detto *Tamanacu* il quale trovasi alla sue rive».

Tamanaco é tambem nome de um cacique Carayá, segundo *Kissenberth*. E os nomes de rios terminados em *bero* constituem uma nomenclatura geographica muito caracteristica do *habitat* dos Carayá, Betóye, Tamanaco. etc.

Cp. Carayá : *bero*, rio.
Pimenteira : *æru-ang*, lagoa.

Veja-se meu trabalho, «Las lenguas indígenas de la Cuenca del Amazonas y del Orinoco». Rio de Janeiro, 1910.

Ari-ma(o)to, cacique Bakayeri, muito odiado por ser máo, cf. lendas bak. de *v. d. Steinen*.
Arino, rio e indios, bacia do R. Tapajóz.

Baré : *andet-ari*, criança.
cf. *Tari-ana*, tribu aruáque.
Arawaak : *da-arey*, (minha) tia.
Cayriri : *tschib-ari-nang*, rapaz.
Bakaïrí : *p-ari-ro*, irmão maior.
cf. *P-ari-yó-(jó—só)*, *Pari-cura*(1) *(kxúra?) P-are-ni*, *P-arè-chi*, (Gilij), *P-are-(i)ssi*.
Carayá (E.): *wir-are*, filha, maiorzinha.
» » : *wán-are*, irmão maior.
cf. *banaré*, amigo, Galibi.
(*w*=*b*)
Bakaïrí : *iw-ári*, irmão maior.
» : *w-ari-góru*, teu irmão.
Maypure : *nau-ari*, amigo.
Baré : *héin-ari*, homem.
cf. *Manari(es)*, tribu caribe da Guyana.
Manari(es), tribu citada pelo primeiro descobridor (2) do Rio *Manu*, cabeceira do Rio Madre de Dios, em 1567.
Tamanaco : *am-arè*, tu.
Mehinakú : *nutukak-alo*, irmã.
Waurá : *nioup-alo*, filha.

---

(1) Provinciam appellant indigenae *Mariatamóal*. Regio autem ab eius fluminis oriente *Camomorus* dicit: ab occidente *Paricora*», cf. P Martyris Angli Mediolanensis opera Legatio Babylonica Oceani Decas, Poemata Epigrammata Cum Previlegio.
(*Colophon*:) Impressum Hispali cum summa diligencia per Jacobum corumberger alemanú, Anno Millessimo quingentessimo XI mense vero Aprili.
Tanto *Maria-tamóal* como *Paricora* são nomes genuinamente caribe-aruáque, cf. meu trabalho precit.
O *Sr. Dr. Goeldi* quanto á palavra *Paricúra*, diz que «é de facil explicação... por meio do Tupí !! *Credat !*
Da obra de P. Martyr se imprimiram antes da edição de 1551:

uma	latina.	Acalá,	1516.
»	alem.	s. l.	1520.
»	lat.	Basilea.	1521.
»	»	Amberes	1526.
»	»	Basilea,	1530.
»	franc.	Paris,	1532.
»	lat.	Basilea,	1533.
»	ital.	Venetia,	1534.
»	lat.	Paris,	1536.

Alem d'estas, sahiu uma ed. lat. em Colonia, 1574; em 1612 appareceu a primeira edição completa em inglez (reedit. em 1628), etc.
Outras edições conserva o *Dr. José Carlos Rodrigues* na sua bibliotheca particular.
(2) «Los opataries y *manaries*...estas provincias y todo el magno (*Manu*) abaxo hasta el *paitite*...» cf. «Relación de la Jornada y Descubr. del Rio Manu» etc., p. 50, Sevilla, 1899. Foi reproduzida pelo *Dr. V. M. Maúrtua*.
...diré de algunas más principales que son desde los dichos *Manaries*, los Sanguiguaris, *Motilones*, Capirucos, Yscaicinga, Chipanigua, Pamaynos, Capanigna (cf.. *Capanáo-nahua*), etc, em «Relacion» del *P. Fray Gregório de Bolívar*, tomo VIII, p. 221 do «Alegato Peruano» publ. pelo *Dr. Victor M. Maurtua*. Madrid, 1906.

Baniwa : *uimin-ari*, estrella.
» : *ouiouin-ari*, »
Piapoco: *tschat-ari*, um demonio.
» : *oumaou-ari*, » »
Piapoco: *sav-ari* (1), Demonio.

Carib. : *timoin-alou*, sangue.

(1) Cp. Bakairí : *saw-ari*, «Wickelbär» (*Cercoleptes caudivolvulus*), de que procedem a réde d'algodão e o fumo magico dos Bakairí « *v. d. Steinen*» Bak. Spr., p. 58.
Mákusi : *yaw-ari*, o mesmo animal.
Piapoco : *saou-ari*, algodão,
» : *saw-ari*, Demonio, Diabo, etc,
Arawak (H.) : *yaw-ahu*, Diabo.

Cf. *Pari-yó—Pari-só*. *Yamundá—Ssamundá*.
Y(J)-uri-es—Z-uri(es). *Yurimagua—Surimagua*.
(*r*=*l*) *Solimões*.
Arawack (H.): *yaw-ahu*, Diabo.
Maraúha : *m-apu* »
«Lautwandel : *u*=*m*
h=*p*
Cf. *Quenaushiwã—Maliapé*.
muhi-pu —*muh-ku*, sol, lua, Betóye.
ka-pu —*ka-hu*, Carib., Yuruna.
ca-pu —*ka-ho*, Tamanaco, Carijona, etc.

Yaulap. : *nirʒ(tsch)up-alo*, filha.
Trumaí : » *vaɪ-lo*, moça.
Bakaïri : *kano-alo*, nome indigena da mulher do Cacique Bak. «Reginaldo».

l=r

Karútana : *in-aru*, mulher.
Kaʒapol. } *in-aru*, »
Siusí }
Tariána }
Yukúna : *ina-n-áru*, »
Cp. *Parima-arú* } nomes de mulheres *Curuahé*.
Komaik-arú }
Um-arú }
Campa : *n-aro-apa*, Padre Nosso.
» : *noss-áro*, avó.
Cp. *Catoquin-arú*, tribu Pano-aruáque (1).
Aro-an, ou *Aro-anáu-inta*, povo, gente (os Aroan), escreve *Ferreira Penna* (2).
Maypure : *ina*, mãe.
Guahibo : *ina, ena*, mãe.
Cp. *Uir-ina*, tribu aruáque. cf «Glossaria.
Urar-ina, tribu que fallava o mesmo idioma que seus parentes, os *Itucale-Jivaro* (3)
Hypurina, Pano-aruáde *Chandless*.
Mapar-ina, ou *Panipa* (4) seg. o *P. Figueroa*.
Cuchiqu-ina, se chamavão os parentes do Mayoruna-Pano.
cf. *Cuxiabatay*, nome Pano d'um afl. do Grão Paro.

---

(1) «Notes on the visit of Dr. Bach to the Catoquinarú Indians» By *Colonel G. E. Church*, in «Journal of the Royal Geogr. Society». XII. 63-67. London, 1868.-cf. *Daniel G. Brinton*, «On two unclassified recent vocabularies from South America», in «Proceedings of the American Philos. Society» XXXVII. 321-323. Philadelphia, 1898.

(2) Os missionarios de Santo Antonio escrevem sempre *Aroá*.

Cp. «Vocabulario da lingua Aroá», pelo *Fray Matheus de Jesus Maria*, Ms. de 170 pp., *Valle Cabral*, n. 229.

«Arte da lingua Aroá», pelo mesmo. Ms. de 152 pp., *Valle Cabral*, 232.

«Confessionarios (tres) nas linguas dos Maranhõ, *Aroá* e Araçajús», pelo *Fr. Joaquim da Conceição*, cf. *Valle Cabral*, 234.

«Explicação breve dos mysterios mais essenciaes de nossa sancta fé, em a lingua Aroá», pelo mesmo, *Valle Cabral*, 235.

«Arte para os que principião a aprender a lingua dos Aroá, Ms. in-12°; e «Confessionario da lingua Aroá», Ms. in-4, pelo mesmo, *Valle Cabral*, 236 e 237.

«Arte da lingua dos Arcás». Ms., pelo *Fr. B. de Sancto Antonio*, *Valle Cabral*, 242.

(3) *P. Francisco de Figueroa* «Relación», 259.— *Chantre y Herrera* «Historia».

São os *Cingacuchusca* da familia *Cahuapana* dos senhores *Beuchat* e *Dr. P. Rivet* cf. «Zeitschrift für Ethnologie». 41. Jahrg. , V, 616—634. Berlin, 1909.

(4) Os *Bani-va*, *Vani-va* são aruáque. *Zau-paniwa* chama-se o filho da *Mero* na lenda Bakaïri

Os *Panipa-Maparina* fallavão uma lingua semelhante á dos *Aguano-Aguaruna*, que são Zaparo ou Jivaro.

Para o *Dr. v. d. Steinen*, *Maparina* é «Pano».

Jumana : *ʒim(a)-alou*, sol.
Carib(I.): *ioü-allou*, temporal.
Aroan : *uécorom-alo*, Deus.
Kobéua : *kau-alo*, céo.

l—r

Coretú : *jan-arö*, membr. fem.
Zaparo : *ʒam-aro*, Diabo.
Uainuma: *ynaro-saché*, membr. fem.
cf. *acce* «scrotum» Baure.

Jaûnavo: *ina*, membr. fem.
Baré : *tünahy*, » »

cf. *Cuchi-vero (bero)*, nome Pano-aruáque do Rio Purús, cf. o Rio *Cucci-vero* dos Tamanaco, e o Rio (ou Furo) *Kuébero*, e outros dos Carayá.

Baré : *h-iná-dati*, mulher.
Bakairí : *ina-ruto*, irmã.
Piapoco : *ina-naï*, mulher.
Barekéna : *ina-utámi*, »
Guaná (1793.): *hay-yena*, moço, joven.
» » : *sa-éna*, mulher.
» » : *enna-mea*, cunhada.
» » : *chan-enâ*, companheiro, amigo.
» » : *enna- name*, parente.
» » : *ʒawe-no-ena*, anciã, mulher velha.
cf. *gawe*, muito Campa. Ms. Schuller.
Baré : *hé-ina-ri*, homem.
Baniva / Yavitero : *éna-mi*, »
Baure / Layana : *ʒeh-éna*, mulher casada.
Palmella : *èna-cone*, mãe.
Chayma : *u-yena-chuto*, irmã.
Bakaïrí : *kïena-ruto* / *yena-ruto* »

Cp. nomes de clans (1) como:
Ku-ena *Cuev-ena* *Vari-k-ena* (2)
Cub-ena, *Malliv-ena* *Bare-k-éna*.
Biaku-ena *Cabuku-ena* *Uare-k-éna* (3)
Ter-ena, fracção dos Guaná (Matto Grosso).
Ethel-ena, » » »
Uas-öna, » » Betóye.

Catoquina : *ainá*, mulher.
Chipaya : *ain*, nome de homens.
Curuahé : *ai*, mãe.
Galibi : *ai*, mãe, avó.
» : *heu-ay*, irmão.
» : *ens-ayn*, irmão maior.
Sipibo : *ai*, *ai-bo*, mulher.
» : *h-ai-uedza*, cunhada do homem.

(1) Citados pelo *P. J. Semartoni*, S. J. em «Noticias do Rio Negro dadas pelo *P. Ignacio Sammartoni* (sic)» Ms. inedito in-4 de 99 ff.-Autographo existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro («Sequentes Noticias do Rio Negro sic, ut hic sunt, conscriptas a P. Ignatio Semartoni accepi»).

Este codice, do seculo XVIII, constitue um documento de alta importancia para o conhecimento das tribus indigenas daquella parte noroeste do Brasil. Sahirá opportunamente nas «Memorias do Museu Goeldi (Paraense)».

(2) Cp. nomes de tribus terminados em *quina* cf. *Quiniquinão*, *Guináu*, etc. etc.

(3) Assim os chama *Koch-Grünberg* «Zwei Jahre unter den Indianern». Berlin, 1910.

Tatu Tapyia: *kenã*, avô (o velho).

Bakaïrí : *Kil-ain-oróika*, ser malquerente; cf. as lendas Bak.

cf. *kil-ain-o-kxûro*, gente má (elende Bande).

Carib. (J): *Kil-ain-o*, Deus.

Sipibo : *c-ai-bo*, familia, clan, tribu.
Makú I : *ái*, mulher.
» II : *aéi*, »
Tamanaco : *ai-cà*, »
» : *χencu-ai*, velho, ancião.
Tecuna : *ni-ai*, mulher.
Culino : *ai-ni-yarur*, mãe.
Catoquina : *aina-pàiχi*, moça.
Pimenteira : *ni-ai-ngja*, mãe.
Piapoco : *nan-ai*, *inan-ai*, mulher.
Layana : *aron-ai*, moça.
Sipibo : *ch-ai*, cunhado.
cf. *Chay-ma*, tribu caribe.
Paressí : *n-ai-ka*, mãe da esposa.
Caripuna : *k-ai*, mãe.
Guaná (1793) : *pay-ay-ti*, homem (moço), joven.
Carayá (Coudr.) : *s-âin-andouc* (1), anciã.
cf. *andoua*, homem, Otomaca.
Carayá (E.) : *wariore ge-hai*, sogra.
Mchinaku : *t-ai*, criança.
» : *nu-t-ai*, filho.
Kustenaú : *nu-t ái*, criança (meu filho).
Waurá : *nu-t-ái*, *t-ái*, criança.
» : *cnira t-ái*, rapazinho.
» : *tineru t-ái*, mocinha.
Kamayura : *auv-ái*, rapaz.
Barré : *t-ái-ni*, preto, homem negro.
Curualié : *t-am*, homem, em geral.
cf. *T-ain-o*, indigenas de Haití.
Arawak (H.) : *dai* (hom.), eu.
» » : *daü* (mulh.), eu.
Carayá (E.) : *n-adi*, mãe.
» » : *n-adi-ua*, avó.
» » : *n-adi-ure*, prima.
Trumaí : *it-adi*, rapaz.
Guaná (1793) : *atti*, irmão menor.
Quiniquináo : *ate*, neto.
Yaulap. : *nu kun-ati*, irmã (2).
Arawak (H.) : *ah-ati*, companheiro.
» » : *lah-ati*, seu patricio, etc.
Arouaque : *até-ité*, mãe.

---

(1) Não me parece acertada a comparação de *annèu* «homem» Carayá, com a palavra *andoua* «homem» Otomaca. *Ehrenreich* «Materialien.» l.

(2) *V. d. Steinen* explica. «apontando para o umbigo» auf den Nabel zeigend : cf. umbigo, cordão umbilical, regaço (collo) dos Arawak (H.).

Manitsauá: *hu-ati* «vulva».
Arawak (H.): *k-atte-nan* «menstrua».
cf. lua, mez.
Juruna : *sip-adi-a*, seios.
Tamanaco : *c-atti*, gordura, sebo.
Bakaïrí : *kɪɛɪr-ádi*, »
» : *ir-áti*, »
cf. *kɪp-ádi*, nadegas, Bakaïrí.

Guaná (1793): *acab-attu*, alma.

Arawak (H.) : *atte-te*, mãe.
Guaná (1793) : *atte-lé* (1), avó.
Aroan : *kuray-adei*, rapaz, moça.
» : *hero-d-ay-day*, filho, filha.
Carayá (S.) : *n-adê*, mãe.
cf. *dee*, filha, Carayá (E.).
oee-ran (hom.) irmã, Carayá (E.).
deidé, irmã, Yavitera.
deidè, irmã, Vaniva.
Warow : *daak-atey*, tia.
Arawak : *daac-atey*, mulher velha, anciã.
Motilon : *es-ate*, mulher.
Arawak : (H.) : *ittebó-ati*, padrasto, irmão do pae.
Carayá (E) : *war-ate-be*, genro.

Warow : *n-atu*, avó.
Hypurina : *n-atu*, mãe,
Arawak : *d-attou*, *d-ato*, } minha filha.
Yaulap. : *atú*, *ato*, avô.
Arawak (H.) : *ittil-átu*, *üttil-átu* } irmã maior.
cf. *Waúoj-adu*, ou tambem *Waúo-jana*, indios do Rio Demerara, segundo os Herrnhuter.
Tecuna : *y-atu*, homem.
» *an-atu*, pae.
Kustenaú : *atú*, avô.
Mehinakú : *ato*, »
Amuéscha : *n-at-to*, meu avô.

(1) Uma fracção dos Guaná chama-se *Echoal-adi*.

Curuahé : *u-adi* } lua.
» : *p-adi* }
» : *adi-rava*, estrella.
» : *m-adi-rara* (1), céo.
Sabuja : *b-athüh*, estrella.
Cayriri : *b-atthhüh*, »
Arawak (H.) : *pp-adi-kiltin*, deslumbra «es blendet ihn».
» » : *amapp-adi-n*, deslumbrar.
Chipaya : *kuar-adé*, sol.
Manitsauá : *hay-adi*, »
» : *m-adi-gaü*, lua.
cf. *kahú*, dia, Yuruna.
kzau, céo, Bakaïrí.
Yuruna : *kxo-adú*, sol.
» : *m-audi-gá*, lua.
Juruna : *cou-adé*, sol.
Sabuja : *kaj-ade*, noite.
Mossa } *j-atti*, »
Maypure }
Manáo : *ghüg-aty*, fogo.
Arawak (H.) : *k-atti*, lua.
Carib. Honduras : *h-ati*, lua.
Paressí : *enud-ati*, chuva (filho do ceo [=em cima]).
Barré : *ada-j-ati*, «Bejuco».
Carayá (E.) : *wa-atü* «pudenda», fem.
Tecuna : *hoc-atü-ü*, membr. fem.

Uirina : *l-adi*, ventre.
cf. gordura, Bakaïrí, Tamanaco, etc.

Baniva : *ato-rotari*, Pleiades.
Iquito : *tre-ato*, raio.

(1) Bonari : *darará*, trovão.
Arnan : *tara-ynâle*, »
Apalaí : *tarara*, »
Oregones : *huist-ara*, lua.
Cayriri : *ara-kie*, *ara-utscheh*, *céo*.
Yagua : *huat-ara*, trovão.
Uanana (Strad.) : *izpiott-ara*, «Pleiades».

Carayá(E): *m-ato-kare*, ancião.
Paressi : *ato*, avô.
Piro : *n-ato*, sogra.
Warow : *n-atu-senga*, neto.
Galibi (S.): *péén-ato-mena*, homem velho.
cf. *Ato-raï*. indios caribe.
Atu-re, indios aruaque, grupo *Achagua*.

Bakayéri : *umúto*, parente (talvez gente da tribu).

» : *inutu*, avó.
Catoquina : *yut-y*, irmão.
Cayriri : *in-gniut-ʒüʒü*, filha.
Sabuja : *i-niut-kutsih*, »
Cayriri : *nhu*, criança.
Carijona : *et-outou*, inimigo.
Galibi : *t-ôtô*, »
Trios : *t-oto*, »
Roucouyenne : *t-oto*, »
Galibi : *it-oto*, »
Tamanaco : *it-oto*, homem.
Paressi : *ät-öto*, avô.
Nahuquá : *utotu*, *utoto*, homem.
Cp. *Ouit-oto*, *Huit-oto*, indios Caribes do «Devil's Paradise» ou Rio Putumayo (1).
cf. *puit*, *huit*, dos Aruaque-caribe.
Crichana : *iah-oto*, avós.
Cp. *yaou*, tio, Galibi.
Arouaque: *outtou*, minha filha.
Arawak(H.): *uttu*, filha.
» » : *b-uttu batti*, viuvo.
» » : *b-uttu-battü*, viuva.
cf. *bati*, ovo, saia, Caxinavá.
bati, cama, etc. Galibi.
» (H.): *ak-üttü-hü*, avó.

(1) «A British-owned Congo» (*Mr. Hardenburg*) in «Truth» n. 1.708. London Sept, 22, 1909. cf. os ns 1.709, 1.710 e 1.711.
Sobre os indios do Rio Putumayo veja-se: «The Indians of the Putumayo, upper Amazon» in «Man» Sept. 1910.
A obra do inditoso explorador francez *Mr. Robouchon*, que por encargo dos Srs. Arana Hermanos, dominadores absolutos do Rio Putumayo, deu á publicidade o Consul peruano em Manáos, Sr. Rey de Castro, contem dados muito interessantes sobre os indios *Huitoto*.

Cariniaco : *ou-ato*) fogo.
vasto)
Carib. : *ou-attou*, »
Galibi (S.): *ou-ato*, »
Trios (1): *m-ato*, »
Caribisi : *w-ato*, »
Accawai: *w-atu*, »
Waiyamara : *w-ato*, »
Maiongkong : *w-atto*, »
Pianoghotto : *m-atto* (2), fogo.
cf. *ouapoti*, *apoto* e as demais combinações com *poto* *bodto*, arvore, lenha, madeira, etc. etc.
Passè : *schi-niut-ula*, ventre.
Galibi (S.): *mon-oto*, mulher pejada.

Mariaté : *ghôdo*, outro.
Sabuja : *niu(r)heh*, membr. masc.
cf. *ure*, *úle*,
Galibi : *oto-li*, carne.
Bakaïrí : *p-oto*, »
cf. *potschitz*, carne, Amuéya.

Arawak (H.) : *eme-udum*, parir.
cf. *yeme*, mulher, Apiaká, Múra.
» (H.) : *eme-udu-tu*, mulher no acto de parto.

---

(1) *Drios*, uma irmã dos *Pianoghotto* escreve *Rob. H. Schomburgk*.
(2) Vejam-se : *adi—uadi — padi madi*.
ato—onato— wato—matto.
hati
ha-yati, ka-jade, jatti, kati, kχoadti.

Arawak (H.): *uttu-maku,* indios Caribe, seg. os Herrnhuter.
cp. *Oto-maco,* » » do Rio Orinoco.
cf. *Makú, Makú-shi.*
» (H.): *Sai-mak(u)-úttu,* indios Carib., seg. os Herrnhuter.
Arawak: *daac-ootuh,* minha avó.
Cariniaco: *ap-oto,* rapazinho.
Warow: *nob-oto,* »
Layana: *ôtu,* avô.
Galibi: *outo-boné,* morador, habitante.
Bakaïrí: *oto, tsch-oto,* amo, dono.
Chayama: *yur-uto*, *unot*, *not* } avó.
Tamanaco: *not,* »
Cumanag.: *n-oto,* »
Kamayura: *utu,* »
Apalaï: *er-autou-a,* homem.
Bakaïrí: *Arim-oto,* cacique Bakaïrí, odiado por muito ruim, cf. «lenda», *V. d. Steinen.*
Cp. nomes de clans, como:
Pianogh-oto, Barinag-oto
Ipuruc-oto, Cassipag-oto
Hianak-oto Cumanag-oto
Tiverig-oto,
Parag-oto (1)
Aroan: *heré-ute,* pae.
Carib (J.): *in-outi,* avó.
Accaway: *yey-n-outey,* irmã.
Sipibo: *yun-ute*, *yun-uti* } escravo.
Arawack (H.): *iré-nuti,* mulher solteira.
» » : *d-atti-lai-nuti,* minha irmã maior.
» » : *ittiju-nuti,* Plural de *ittiju.*
» » : *adukutti,* avô.
Piro: *t-ote,* »
Layana: *otê,* avó.
Campa: *n-oti,* meu sobrinho.
Makú I: *te-uté,* criança.
cf. *xut,* homem Makú I.
ino-xu, criança, Trumaí.

---

(1) *Gueldi* «Excavações», etc., p. 34 «Memorias do Museu Paraense», I, Pará, 1900, enganou-se, profundamente ao transcrever o que reza o mappa anonymo de 1560, reproduzido pelo Sr. *Barão de Rio Branco* «Atlas», Paris, Lahure, cf. «Cartas de Indias». Madrid, 1877.

Sabuja : *m-uttuh*, ventre, barriga.

Cayriri : *m-uttuh*, ventre.

Nahuquá : *ok-oto*, arco-iris.
Apalaï : *chili-coto*, estrella.
Yaroura : *yaï-c-oto*, «Orion».
Guahiba : *is-oto*, fogo, raio.
Sipibo : *b-odto* (1), madeira, em geral.
Aparaï : *ap-oto*, fogo.

Piro : *i-ote-ne*, seios.
Carijona : *i-oti*, carne, caça.
Roucouyenne : *i-oti*, carne.
Carib. : *i-outti*, »
Culino : *ounob-oti*, trovão.
Layana : *hunohób-ote*, »

(1) *Tarap-oto* (*Vriartea ventricosa Mart.*), madeira de construcção em Mayuas.

Tamanaco: *p-uti*, mulher casada.
Paressi: *d-ute-hiro*, criança, criança de peito.
cf. *piro(püro)* Lautwandel *p=h*.
Aparaï: *po-ito*, rapazinho.
Aroan: *heroé-yto*, mulher.
Galibi: *p-ito*, criança.
cf. *ue-bid*, criança. Makú III.
Arawak (H.): *uetillátu*, irmã mais velha da mulher.
» » : *ir-étu*, mulher solteira.
Arouaque: *heb-eto* } mulher velha.
ebb-etou }
Arawak (H.): *hab-ettou*, velha, anciã.
» » : *uhu-k-itu*, irmã mais moça da mulher.
Cp. *Iqu-ito*, tribu Pano-aruáque.
» (H.): *Pál-éttu*, feminino de *Palétti*.
Cp. *Palettiju*, tribu caribe.
Hypurina: *s-etú*, mulher.
Cp. *Kuer-etú* } nome de indios *Betóye*.
Cor-etu }
Arawack (H.): *s-etú-r-unti*, mocinha.
Baure: *eto-no*, moça.
Cp. *B-etó-ye*, nome de indios que para mim pertencem ao grupo linguistico (aruaque-caribe) *Paro-Beni*, cf. meu trabalho na «Rev. Americana» Rio de Janeiro, 1911.
Betó (1), nome muito frequente de indios infieis do Andaqui (Picunchy).
Roucouyenne: *pe-ïto*, guerreiro.
Paressi: *ne-ʒan-ito* } mulher.
ni-ʒan-ito }
cf. *sana*, mulher (velha) Crichana.
chan, mãe, Galibi.
Chana-(ses) (Guaná), eram vassallos dos *Mbayá-Guaycurú* já no tempo de *Ullrich Schmiedel* (2).
Tecuna: *hoet-üta*, rapaz.
cf. *poet*, *puit* dos Caribe.
p=h
Melinakú: *üta-püri*, irmão mais velho.
» *n-utä-püro*, irmã mais velha.

(1) Em outro trabalho especial tratarei por extenso da onomatologia Betoye-Andaqui, segundo «Las Listas de las gentes que se hallan en las Missiones del Andaquí etc. etc.»
(2) «Viaje al Rio de la Plata» (1535—1555). Edição da Junta de Historia y Numismatica Americana». Buenos Ayres, 1903.—*D. Felix de Azara*, Geografia Fisica y Esférica de las Provincias del Paraguay» etc, Msc. 1790, publicado pelo *Dr. Rodolpho R. Schuller* in «Anales del Museo Nacional de Montevideo», Secc. Hist. Filosóf. Tom I, cf. p. 385 e ss. — Montevideo, 1904.

Maypure : *cam-óti*, anno.

Nahuquá : *uvi-nyot-ito*, «scrotum.»
Campa : *nomo-gu-ito*, umbigo.
Nahuquá : *uvón-ito* »

Pimenteira : *ing-qu-itü*, umbigo.

Uanana : *yapit-xoá* (1), estrella.

Araicú : *neke-uta*, membr. fem.
Nahuquá : *utä-vuru*, ventre.
cf.
Nahuquá : *uvon-ita*, umbigo.

(1) Das mesmas fontes procedem palavras, como : *Macóa*, *Barbacóa* etc, etc.
Barbacóa cf. *Lenz* «Dicc. Etimológico», n. 68 «Armazon de ramas, plataforma sujetada por postes?» Parece que é voz de Haiti. cf. *Oviedo* «Hist. General». I. 266.
Barbacóa pertence, sem duvida nenhuma, ao thesouro linguistico *caribe-aruaque*.
Briton «Amer. Races», pp. 189—200, traz um «Barbacóa-Stock» de que fazem parte, entre outras, as linguas dos *Cayapa* e *Colorados*. cf. meu trabalho in «Rev. Americana».

Waurá : *uta-puri*, irmão mais velho.
Yaulap. : *ita-püri*, » »
Sipibo : *jot-ota*, desvirginada.
cf. *jotoa*, donzella, virgem.
Bakaïri : *invóta*, amigo.
Cumanag. : *pic-ota*, mocinha.
cf. *pek-óto*, mulher, Bakayèri.
» *paika*, irmã, Paravilhana.
» *peque*, rapaz, Cumanagoto.
» *uaka*, irmã, Galibi.
» *wak*, todos de uma mesma nação (=irmãos).
cf. Herrnhuter «Arawak.»
» *bakö*, filho, rapaz, Caxinavá.
» *vaqué*, criança, Pano.
Aparai : *arout-oua*, homem.
Piapoco : *oua-couiri*, tio.
» : *caya-beri-noua-pitsa* (1) = amigo.
» : *nou-at-oua*, minha mãe.
cf. as vozes terminadas ou combinadas com *ato*, *atou*, etc.
Apalaí : *erout-oua*, homem.
cf. *oto*, *uttu*.
Otomaca : *ond-oua*, mulher.
» : *and-oua*, homem.
cf. *sain-andou-c*, Carayá (Coudreau).
Guahiba : *piha-oua*, mulher.
» : *oua*, irmã.
Kustenaú : *húa-uá*, irmão da mãe.
Waurá : *uá*, » » »
Yaulapiti : *ua*, *né-ua* » » »
Paressí : *ba-ua*, *ba-va*, pae.
Accaway : *sayo-wa*, irmão.
cf. *Ca-yo-wa*, nome d'uma tribu tupí, *Castelnau*.
Manits-a-uá » » » tupí (?) do Rio Xingú *v. d. Steinen*, 1886.
Ara-uá, tribu Pano aruáque, *Chandless*.
Marauha, » » » »
baba, dos Sipibo.
Arauá : *wa-i-dau-á*, mulher.
Nahuquá : *itau*, mulher. cf. moça.
Vaniva : *no-somi-au*, minha mulher.
Ouáyana : *elam-naou*, irmão mais moço.
Waurá : *amu-nao*, cacique.

(1) O que haverá ouvido o nosso informante? Cp. *peri—beri*, dos Caribe.
pit—picha, dos » , Pano etc.

Sipibo : *joto-qui*, desvirginar.
Guahiba : *is-ota*, sol.

Otomaca : *noua*, sol, fogo.

Uirina : *m-aua*, raio.

Trumaí : *yau-tau*, «scrotum.»

Peba : *rene-náu*, luz.
Aroan : *cake-náu*, nuvem.

Kustenaú: *amu-nao*, cacique.
Mehin : *amo-nao*, »
Accaway : *we-uow*, homem.
Yaulap. : *ori-nau*, »
Mehin. : *eri-nau*, »
Yaulap. : *ti-nau*, mulher
Aroan : *dro-a-nau-intá*, povo, gente, (=os Aroans = nós = nossa gente).

Cp. nomes de clans como:
Kuste-naú, (ou *Kustenábu*) *war-du*,
Ma-náo, *Cama-náo* (cf. *par*, Chayma.)
Quiniqui-nau, *Equiniqui-náu*, seg. *Azara*.
Qui-nau, *Nahu-* (*Nau-*) *quá* (1), *Maha-náu*.
Capara-nàu, *Capanáo* (em vez de *Capanahua*, ou *Capanabu*, traz o auctor das «Noticias Autenticas»).
Panáo(2) ou *Panabu*, *Waú-ojana*, ou *Waú-ojadu*.

Baré : *bia-kaü*, mãe.
cf. *mia*, mãe, Pammary.
(*b*=*m*)
Bakaïrí : *pia-tsche*, feiticeiro.
cf. *piáye* dos demais Caribe-aruáque.
Sipibo : *pia*, sobrinho, sobrinha, do irmão do pae.

cf. nomes de clans:
Pia-roa, *Pia-noghotto*.
Pia-poco, *A-pia-ká*.
Bakaïrí: *tikxau*, filho da irmã.
Carayá (S.): *au-qui*, moça.
Waurá: *en-yau*, homem.
Curuahé: *aó*, mulher, moça.
Trumaí : *vau-e*, irmão da mãe.
» : *vat-lo*, moça.
Nahuquá: *áu-va*, irmão do pae.
Baniva : *ne-yaou-a*, homem.

Cp. *Jauna*, *Jahuna*, tribu Betóye.
Jaúnabo(=*Caripuna*) tribu Pano aruáque.

Juruna : *aou-in*, homem branco.
Guahib: *pi-haou-a*, mulher.
Vaniva : *ne-iaoü-a*, »
Mehin : *haukâ*, criança.
Guaraounou: *m-auka tira*, mocinha.

---

(1) *Capistrano de Abreu* traz *Iana* — (*Yana*—) *kukú a* cf. *cucu* «sobrinho» Sipibo, Caxinawá; *kuku*, *cuccuh*, Kiriri, Cayriri, Subuja, etc. etc.
cf. *chan*, *jane*, *ana*, *sane*, dos Caribe-aruáque.,
O nome apontado por *Capistrano de Abreu* parece ser mais exacto.
(2) Cp. *nanau* «a grande irmã» (irmã mais velha), Makusi.

Carayá (S.) : *qué-nau*, amanhã.
» » : *qué-náu*, lá (em cima?).
» » : *Qui-nau-xiú* } Deus.
Qui-náu-sevé }
» (E.): *kénau*, hontem.
cf. *ken*, quente, Carayá (E).
» (E.): *Qui-nau-shivé*, Senhor dos céos (1).

Yagua : *ki-nau*, fogo.
Uirina : *ue-quená*, lua.
cf. *oué-oué*, sol, Caribe.
Guaraouno : *naho*, chuva.

Baure: *piacá*, membr. masc.
Manitsauá: *hua-biá*, «penis.»
» : *hui-biá*, «scrotum.»

Jaúna : *ta-pia*, estrella.
Baniva: *pia*, lua.

Ipurucoto: *yau-qui*, membr. masc.
Mariaté : *ne-yáu*, femea.
Carayá (S.) : *arãu-ène*, «concubare.»
Uainuma: *he-kuhu*, Sp. membr. fem.

Bakayéri: *hxáu*, céo.
Arawak (H.): *jau-ali*, arco-iris.
Juruna : *kahu*, dia.
Baure : *cau-riana*, céo.
Curuahé: *káhü put put*, vento.
Paressi : *kaho-la*, vento.
Carijona: *kaho*, céo.
Kobéua : *kan-álo*, céo.

(1) Desempenha seguramente um papel importante nas lendas cosmogonicas e theogonicas dos Carayá.

Bonari : *u-au-ri*, mulher.
Juruna : *into-lao*, Suyá, indio Suyá.
Yaulap.: *amu-lao*, cacique.
Barekéna : *in-aul-ámi*, mulher.
Aroan : *mada-yaul*, moça.
cf. *Yaul-apiti*, tribu aruaque do Xingú.
Juruna : *tschâu*, cacique.
Galibi (Boy): *yaou*, tia, tio.
cf. *yao (s)*, *Yaios* indios Caribe, *de Laet* (1633).
Carib. (J.) : *iao*, tio.
Accaway : *yaa-hooh*, tio.
Caribisi : *yaawooh*, »
Chayma : *yaour*, sogro.
» *ʒaur*, (1) tio.

Motilon : *aur*, eu.
Caribe : *Jura*, dono, amo, escreve o chronista *Oviedo*, em lingua de Castilla del Oro.
Bakaïrí: *kxura*, gente, povo, nós todos.
Bakayéri: *kxúrura*, » » » *Capistrano de Abreu*.
Apiaká : *ura-ñmo* criança de peito.
Aroan : *k-ura-ge*, moço, joven
» *k-urya-dei*, rapaz, mocinha.
Cayriri : *in-gniura-ng*, filho.
Cp. *Kama-yura*; *v. d. Steinen* crê fossem Tupi.
Carayá (S.: *ɓeo-diura*, masc. filho já grande
» » *ɓiko-diura*, fem. » » »
» » *na-diüra*, avó.
» » *wa-haura* irmã do pae.
Cp. *Waurá*, tribu aruaque R. Xingú.
» (S.) *oura-rio* rapazinho (filho).
» » *italqué-ura*, gente branca.
» (E.) *wai ɓora* masc., irmã menor da mulher.
» » *wana-rura*, irmão da mãe.
Culino : *aini yarur*, mãe.
Cp. *Yarura*, *Jarura*, *Zarura*, *(Sarura)*, tribu caribe (2) *—M-úra*, Caribe do Rio Tapajoz.
Bakaïrí: *ura*, eu.
cf. *Pari-cura*, *P. Martyr*, ob. cit *(Pali-cour)*.

---

(1) Cp. Tecuna: *sau-enoene*, irmão.
» : *saü-egan*, irmã.

(2) «Arte Vocabulario y Catecismo de la Lingua *Sarura ó Yarura*» por el *P. Francisco del Olmo*, S. J., *de la Vinaza* «Bibliografia Española», etc.
Outra vez esse interessante «Lautwandel» de *y=s*.
cf. *Yamunda —Ssamundá*, escreve o *P. Samuel Fritz*, cf. reproducção facs. no «Altas» do *Sr. Barão do Rio Branco*.

Trumaí : *kavi-xu*, nuvem, chuva.
Nahuquá : *u-kahu-rutile*, noite.
» : *kavü, kxavu*, céo.
Arawak (H.): *mauk-illi*, firmamento.
» » : *mauti*, a manhã.
Yukúna : *resauá*, céo.
» : *hatü-aná*, lenha.
Pimenteira : *gungl-âu-ngabu* (1), manhã.
Makú I. : *b(e)haú*, fogo.
Hianakoto : *káhu*, céo.
Tamanaco : *cave*, em cima.
cf. *cape*, céo, Palmellas.

Tecuna : *sau-ʒare*, «testiculi».
» : *sau-ene*, «cognatus».

Sipibo : *hub-ura*, collo da madre.

Arawak (H): *idi-úra*, *dídi-uru*, *dijura* } leite de mulher.
Cp. *idiju*, seios, peito (fem.)
budiju, mamma (fem.)
Maranha : *a-kuhr*, «membr.» fem.

Yagua : *here-joura*, nuvens.
Otomaca : *oura*, lua.
Piaroa : *oua-youra*, Orion.
» : *oc-oura*, fogo.
cf. *kur-ota*, meio dia, Bakaïrí.
cour-ita, luz, Cariniaco.
i-cour-ita, grande sol, Galibi.
Carayá (Cou.) : *takén-ena-bora*, casamento.
cf. *ena, ina*, mãe, Guahibo, etc.

(1) Cp. *capu, cabou*, céo, etc. dos Caribe.

Macuchy: *u-paunaré*, amigo.
Cp. *Bonari*, (tambem *Banari*), tribu Caribe.
Pimenteira: *panari-ni*, amigo, companheiro.
Galibi: *banaré*, amigo.
Apalaï: *banaré*, »
Aparaï: *i-paanari*, »
Roucouyenne: *paouanare*, amigo.
Carayá (E.): *wánare*, irmão mais velho.
Tamanaco: *panarì*, amigo.
Maypure: *nu-nauàrì*, (meu) amigo.
Carayá (S.): *uaré-bone*, amigo.
Cp. *Baré*, *Barré*, *Uare*, *Vari* (*Pari* -*Mari*).
Baré, *Uare-kéna* } tribus Aruá-que.
Yuruna: *opanana*, tio.
» : *paraou*, joven.
Huachipairi: *apan*, pae.
Yuruna: *oupan*, »
Ipuruc.: *upane*, sobrinha.
Sipibo: *ep-pa*, tio.
Galibi: *panien*, *banien* } irmão.
Piro: *pani*, cunhado.
Cp. *Baniwa* (*ya*), *Vaniva*, tribu Aruáque.
Pani-pa ou *Maparina*, tribu Pano-aruáque.
cf. *Zau-pániwa*, *Zau-panyña*, filho da *Mero*, solteiro (2).
Amuéya: *nu-pañ-ír*, meu cunhado.
Piro: *pan-eri*, homem casado.
» : *pan-endu*, esposa, mulher.
» : *ẽ-apa*, tia.
Yuruna: *u-pa*, irmão.
Cariniaco: *banou-alé*, compadre, amigo.
Sipibo: *pano*, parteira (3).
Carayá (E.): *wano-mañ*, irmã mais velha da mulher.
Cp. *Sali-wanu* (4), *Assa-wanu* (5) } Caribe, cit. por *Hermhuter*.
Arawak (H): *ab-banu*, outros, estrangeiros—os que não são *Lukkunu* ou Arawak.

(1) «Se faire *banaré* des Indiens» lê-se com muita frequencia nas obras de autores francezes sobre as Guyannas.
(2) «Bakaïri-Sprache», p. 58.
(3) «A comadre» («die Frau Gevatterin» dos Allemães).
(4) Cp. *Saliva*, tribu caribe, *Gilij*, *Caulin*, *Herrás*, *Rivero*, etc. etc.
(5) *Assapana* chama-se o rio, affl. do Orenoco inferior, cf. as cartas da segunda metade do seculo XVI, «Atlas» do *Snr. Barão de Rio Branco*.

Tamanaco: *Ina-manari*, Creador (*Gilij*).
cf. *Manari*. de Maldonado, 1567.
Arara : *manari*, collo, regaço.
Yuruna: *inamá*, seios.
Iuruna : *s-ina-ma*, seios.
Bakairí : *a(o)-manari*, teu peito.
Cummanagoto: *y-pana-piar*, seio.
Apiaká : *i-mañare*, seio.
Nahuquá: *u-vana-tö*λ, bico do peito (masc.)
» : *itau ana-tö*λ, » » » (fem.)
Mehinakú } *nu-pana tako*, peito.
Kustenábu }
Waurá : *nu-pana-taku*, meu peito.
Cariniaco: *manaté*, mamma.
Macuchy : *maná*, peito.
Ipurucoto: *i-manaté* »
Galibi: *manaty* (1), mamma.
Maquiritari: *i-manate*, »
Carib (J.) : *ibana-tiri* »
Aparai: *é-mana-tiri*, »
Yuruna: *matiou*, parto.
Palmella: *e-mate*, peito.
Manitsauá: *nu-amalá*, bico do peito.
Chipaya : *n-amá*, peito.
Carayá (E.): *wa-hukanatä*, seio.

Bakaïrí : *pana*, bico do peito.
» *pa(o)na*, leite.
Carayá (E.): *wa-nô*, «penis» (masc.)
» (S.): *wanon*, »
Cp. *wa-beno*, umbigo (masc.) Carayá (E.).
i-beno, » (fem.) » »
ambu-no «penis» do homem (fem.).

(1) *Fray Gaspar de Carvajal* (1540) já menciona o *Manaty* (*Manatus americanus*).
O nome indigena do «Peixe-boi» demonstra claramente que o tal «peixe» dos colonos é um mammifero. cf. «Descobrimiento», etc. p. 21.

Sipibo: *banu-ma,* rapaz (mais provavel é que signifique «homem—não», ainda não é homem).

Catoquina: *hurang-pany*, ancião, homem velho.
Tecuna: *pána,* moça.
Cp. *Pana-corí*, clan dos *Gaye*.
Pana-tagua, indios do Huallaga-superior.
Cahua-pana, tribu Pano-aruáque (Maynas).

Sipibo: *s-ama*, paes.
Iuruna: *ama*, avô.
Yuruna: *ama*, gente.
Kamayura: *h-ama*, mãe.
(*s*=*h*)
Mehin. } *ama*, mãe.
Nahuquá }
Waimare (Paressí): *ama,* mãe.
Shebaios (1633): *h-amma* »
Bakaïrí: *p-ama,* cunhado do homem.
cf. *Pamma-ry,* Pano-aruáque do Purus.
Guaná: *ama-bi*, neto.
Guaraunu: *ib-ama,* mulher.
Tamanaco: *j-am-gili,* filha.
Guaná (1793): *amm-ene*, criança.
» » : *en(a)-ama-ve,* parente (meu).
Cp. *yämä*, mãe, Apiaká
jäma-isäh, mulher, Múra.
cf. *ishe*, mãe, Bakaïrí.
Roucouyenne: *ama-yem*, gemeos.

Cp. nomes de clans como:
T-ama,=Correguaye e Macaguaje do Rio *Caguo* (1), segundo o *Dr. J. Crevaux*.
T'-ama-naco, indios Caribe.
J-ama-ri }
J-ama-madi } tribus Pano-aruáque.
Ama-huaca }

(1) Cp. Saliva: *cagùa*, agua, rio.

oli-no, «pudenda» fem.
Parivilhana: *elòvönö*, ventre.
Makusi: *kaivono*, estrella da tarde.

Mchinakú: *pana*, folha (arvore).
Kustenáu: *pana*, » »
Waurá: *pana*, » »
Yaulap: *pana*, » »
Chipaya: *ashápà* (1), galho, (arvore).
» *pasopă*, folha, »
Amuéscha: *aspán*, » »
Sipibo: *paná* (2), palmito.
Cunibo: *s-amà*, «matrix».
Sipibo: *baquens-ama*, «matrix».
» : *s-ama*, parentesco de sangue.
Chipaya: *n-amá*, seio.
Yuruna: *in-amá*, »
Iuruna: *sin(a)-amá*, seio.
Manitsauá: *ama-tá*, »
Tecuna: *hyabos-ama*, casar-se.

Tamanaco: *j-ama-nerì*, crear (*Gilij*).
» : *Ama-nenè*, Creador do mundo (*Gilij*).

Cp. *Ama-livaca*, dos Tamanaco.
Ama-ruaca » Paréchi.
Ama-rivaca » Caribi (si).
Catòquina: *t-ama-koré*, Deus.
Puinavi: *i-ama*, sol.
Paressí: *k-amá-i*, sol.
Goajiro: *k-ama-i*, tempo, anno.
Zaparo: *ç-ama-ro*, Diabo.
Campo: *k-ama-ngari* »
Piapoco: *c-ama-rikéri* (3), feiticeiro.
Cobéua: *c-ama-npora* / *c-ama-npola* } meio dia.
Mchinakú: *k-ama-tiriçüka*, » »
Campa: *k-ama-kö*, morto.

(1) Cf. *kidyáp*, «tolda do bote» (folhas).
ahiapá, «Palmstroh» (folhas) Yuruna.
(2) Vejam-se: *s-ári*, *s-a*] «folha» dos Caribe: filha (ou filho).
Folhas da arvore:—Filhos da arvore
(3) Cp. Carib. *(J.) ama-oti* «ermitão» «sabio» (bruxo, naturalmente).

Ch-ama, designação geral applicada aos indios do Ucayali, como: *Sipibo*, *Cunibo*, *Chinchibo*, etc. etc.

Arouaque: *d-ama*, eu, meu.
Bakaïri: *àma*, tu.
Chayma: *amna*, nós.
Tamanaco: *ama-rè*, tu.
Carib. (J.): *amá-nlle* (1), tu.
Arauá: *ami*, mãe.
Yukúna: *ámi*, »
Ouayana: *c-ami*, rapazinho, irmão menor.
Yavitéra: *c-ame-ïa*, povo, gente.
Yavitéro: *en-ámi*, homem.
Baniva: *en-ami*, »
» : *noro-ami*, pae.
Baniva: *nosoro-ami*, mãe.
Vaniva: *en-ami*, homem.
Yavitera: *en-ami*, »
Cariniaco: *onot-ame*, mulher pejada.
cf. *monoto*, » »
Miránya: *cah-áme*, homem.
Piro: *m-ami-quine*, amigo, companheiro.
Uarekéna: *inaul-ami*, criança.
Galibi: *tig-ami*, filhinho, rapazinho.
» : *dig-ami*, irmão menor.
Galibi: *inourou tigami*, filho espurio.
Cp. *Yami-nahua* (2), tribu Pano-aruáque.
Chami-curo, tribu Pano-Aguaruno.

---

(1) *Ll* parece ser aquelle som singular, descripto por *Quandt*: «ausserdem haben sie einen, ihnen ganz eigenen consonanten zwischen *l* und *r*, den man sehr schwer nachsprechen kann», p. 28 «Nachricht von Surinam», etc. Görlitz, 1807.
O mesmo diz *Breton* dos Caribe das Ilhas. «Grammaire», pag. 12: «en prononçant *l' l*, cela fait qu'il semble qu'ils en prononcent deux, particulierement quand ils disent *amanlle*.»
O Goajiro tem um *r* especial e caracteristico das linguas caribe, cf. «Grammatica», etc. de la lingua Goajira» etc. Paris, 1878.
Koch-Grünberg, «rollendes polnisches *l*...!» *Schuller*, λ=*l*, cf. Amuéya.
(2) *Yami-nahua*, traduzem alguns por «Machado-gente (homens-indios)», cf. Dicc. Sipibo» v. *d. Steinen*.
A mesma interpretação dão dous indios *Caxinauá* dos quaes o *Dr. Capistrano de Abreu*, obteve os materiaes do idioma *Caxinawá*.
Não obstante autoridades tão respeitaveis, aquella traducção não me parece ser a mais logica.

Canamirim: } *nu-s-áme*, «membr.» masc.
Canamare: }
Apiaká: *ami-muru*, ventre.
Sipibo: *n-ami*, carne.

Guaná (1793): *van-ami* (1), Deus.
Yavitera: *ame-d-ami*, Diabo.
Bakaïrí: *kx-ame*, irmão gemeo de *Kxéri*.

Kustenau: *k-ami*, sol.
Mchin. }
Yaulap. } *k-ame*, sol.
Waurá }
Guahibo: *ou-ame-to*, sol.
» *ho-ami-to*, lua.
Makú I: *t-amé*, estrella.
Baniva: *amé-réro*, raio.
Cariniaco: *ami-ya*, vento.
Iquito: *yan-ami-a*, sol.
Zaparo: *an-ami-sciocka*, fogo.
Baré: *gh-amé-ny*, lenha, arvore.
» : *c-ami-ni*, » »
Uitoto K.: *amé-na*, arvore,
Makú II: *uer-amé*, estrella.
Tukano: *pexk-áme(e)*, fogo.
Bará (2): *pexk-áme*, »

(1) Cp. *vann-oguée*, céo.
van-oqui, em cima.

(2) Vejam-se tambem «Grupo Betóye» *Koch Grunberg*, ob. cit, II, «fogo» «lua» etc. dos demais idiomas Betóye. E. Steadell: «Grupo de linguas Tucano». Rio de Janeiro, 1910.

Pammary : *g-amú*, mulher.
Guaraounu: *c-amou-ishi*, primo.
Bákaïrí : *it-ámu* } avô.
it-ámo }
Warow : *ed-amoo*, homem velho.
Guáraouno : *ir-amou*, » »
Bonarí : *t-amu-nhã*, avô.
Bakaïrí : *it-amu-mo*, sogro.
Carib. (J.): *it-amou-lou*, avô.
Yaulap. : *amu-lao*, cacique.
Galibi : *t-amou-ssi*, ancião.
Roucouy. }
Apalai } *t-amou-chi*, cacique.
Trios }
Emérillons }
Ouayana : *t-amou-chimé*, ancião.
Galibi : *t-amou-cou*, O velho do céo.
Mehin. }
Kustenaú } *amu-nao*, cacique.
Waurá }
Paressí : *amu-le*, »
Galibi (Prdh.): *B-amou*, primo.
Bakaïrí : *ir-amú-to* } criança.
r-amu-to, }
» : *inyu-amu-to*, » de peito.
Cayriri : *jats-ammuh*, «cognatus».
Sabuja : *jats-ammuh*, »
Amuèscha : *y-amú-tz* »
Yavitera : *y-amu-zi*, indio Caribe.
Pimenteira: *mutschi-amú*, moça.
Chipaya : *m(u)ám(u)á*, criança pequena.
Catoquina: *mu*, «avunculus».

Cumanagoto : *amou-re*, tu.
Roucouyenne : *amou*, um outro.
Chayma : *amu-ere*, tu.
Mossa : *amo-jo*, menino (*Gilij*).
» : *amo-jo-esenoro*, menina (*Gilij*).
Cp. *Mojo* (*Moxo-Mojo-Mosso*), tribu Aruáque.
Bakaïrí: *w-amo-ko*, cunhado do homem.
Macuchy : *amo-co*, avô.
Ouayana, Roucouy. : *t-amo*, homem velho.
Accaway: *t-amoh*, avô.
Guahibo : *t-amo-ho*, ancião.

Bakaïrí : *hɪ-ámu*, scrotum.
» : *kɪamu-shini*, o mais velho de todos os ascendentes, que mora no céo.
Maquiritari : *gh-amu*, sol.
Mawakwa : *k-amu*, »
Woyawai : *k-amu*, »
Barré : *c-amu*, »
» *g-amu*, *gh-amu*, sol.
Iucuna : *c-amú*, *k-amú*, »
Karutana : *k-ámu-i*, sol.
» *g-ámu-i*, »
Siusí, Katapol : *g-ámu-i*, sol.
Galibi (Prdh.) : *t-amou-in-cabou*, Deus.
Baniwa : *c-amu-i*, sol.
Uainouma : *c-amu-i* / *g-amu-hi* } sol.
Baniva : *amó-shi*, »
Amuéscha : *amó-ss*, fumaça.
Cariay : *gh-amu-y*, sol.
Mariaté : *g-amu-y*, »
Uainumbeu : *c-amu-i*, »
Manao : *g-amu-y*, »
Piapoco : *c-amu-i*, anno.
Guinau : *k-amu-hu*, sol.
Galibi : *t-amou-in*, calor.
Baniva : *n-amou-ri*, sol.
» : *h-amou-ri*, »
» : *amo-rci*, »
Paressí : *c-amó-si*, »
Yavitera : *k-amó-ji*, »
Amuéscha : *a-amó-r(sch)*, lua.
Baniwa : *amou-siami*, verão.
Arauá : *amo-a-hüa*, estrella.
Canamïrim : *amü-ena*, lenha, arvore.
Calibi : *nem-amou-i*, Aurora.

Huachipairi : *c-amu-ri*, Yuca (mandioca doce).
Tamanaco : *jolochi-amo*, Diabo.
Cummanag. : *yboroquiamo*, Demonio.
cf. *yoroquian*, diabo, Chayma.

Galibi (Biet) : *em-amo-ry*, Aurora.
» (Prdh.) : *iem-amou-i*, »
Wapityan : *k-amo*, sol.

cf. *amojo*, criança, Mossa.
(Lautw.: *h—j.*)
Cariniaco: *t-am-poco*, homem velho.
Accaw.: *t-am-poco*, » »
cf. *Pia-poco.*
Caribisi: *ta-am-coh*, avô.
Galibi (S.): *at-am-poo*, ancião.
cf. *Alambou* (res), indios da «Provincia dos Encabellados», mencionados pelo *P. Maroni* (1).
Palmella: *t-amo-ate*, velho.
Ipuruc.: *it-amó*, avós.
» : *ut-amo-n*, sogro.
» : *ti-amo-n*, rapariga.
Crichana: *ti-amo-n*, »
Galibi (Bo.): *t-amo-n*, escravo.
Cumanag.: *amo*, teu pae.
Guara-unú: *ir-amo*, velho.
Galibi: *t-amo-r*, bisavô.
Cariniaco: *amo-ré*, tu.
Galibi: *amo-ré*, »
Roucouy.: *amo-ré* | »
amo-lé |
Makusi: *h-amo-re*, tu.
Bakaïrí: *p-ima*, cacique.
Paressí: *ʒu-ima*, rapaz.
Campa: *ima-ranetánaki*, rapaz.
Guaraouno: *l-ima*, pae.
Huitoto: *ó-ima*, homem.
Guaná: *yma*, homem, marido.
Juri: *imá*, irmão.
Mossa: *n-ima*, marido, homem.
Arara: *yma-noé*, companheiro.
Pammary: *imá-inauy*, moça.
Piro: *nig-ima-giru*, sogra.
» : *nig-ima-tieri*, sogro.
cf. *Cha-yma*, tribu Caribe.

Antis: *ochu-ema*, marido.
Tecuna: *t-ema-he*, mãe.

(1) «Noticias Authenticas», etc. etc.

Wapissiana : *k-amo*, sol.
Atorai : *k-amo-i*, »
Uarekéna : *k-amo-i*, »
Barré : *g-amo-ho*, »
Piaroa : *i-amo-he*, trovão.
Zapara : *i-amcu-etacka*, raio
Vaniva : *at-amo-rchy*, sol.
» (Cr.) : *amo-r-ci*, »

Guahiba : *amo-he*, trovão.
Uirina : *c-amo-ê*, sol.

Makusi : *Makunaima*, Deus.
cf. *Roraima* de *Im. Thurn*.
» : *etzin-s-ima*, raio.
Maypure : *eno-ima*, »
Tecuna : *haha-imakai* }
» : *a-ema-kü*, } »
Guaná (1793): *vat-ima*, Diabo.
Roucouyenne : *ema-mory*, (Aurora) madrugada.

Jumana (Sampaio): *s-ima*, sol.
» (Spix.): *z-ima-lo*, »
» (Martius) : *s-öma-nlu*, sol.
Pimenteira : *s-ima-thonschong*, estrella.
Guahibo : *ema* (1), chuva.
Galibi (S.) : *nou-éma-i*, parir.
cf. *neu-main*, Carib.
Manáo : *yuk-üma*, «membr.» fem.
Tecuna : *zaper-ema* » masc.
Piro : *ima-ne*, corpo.

(1) Cp. Guahiba : *ema*, emboccadura do rio.
Arawak (H.) : *ema-nâm*, o mesmo.
» » : *uima* » »

Arara: *y-émé*, mãe.
Apiaká: *y-ämä*, »
Layana: *m-eme-m*, mãe.
Uarekéna: *m-éme*, »
Caribisi: *meh*, rapaz.
Apiaká: *oñ-mä*, pae.
Tamanaco: *jecc-eme*, homem.
» : *pongh-eme*, o hespanhol.
Ouayana: *mour-émé*, moço, joven.
» : *y-em-cire*, moça.
Roucouy: *ama-yem*, gemeos.
Arawak (H.): *eme-riti*, viuvez.
Múra: *yäma-isäh*, mulher.
cp. *tshäh*, homem, Pimenteira.
tschäho, » »
Bonari: *u-emi*, avó.
Amuéscha: *tsch-emi-r*, filha.
Yavitéro: *ʒalinaïh-emi*, mulher.
Tatu Tapyia: *m-éém*, tio.

Bakaïrí: *imé-ri*, filho.
Miránya: *ts-ime-ne*, criança.
cf. *Imi-hilä*, nome d'um clan Miránya.
Jahúna: *imi-liha*, homem.
Arara: *ime-lino*, filho.
Campa: *oh-ime*, marido.
Galibi: *apouit-ime*, mulher.
Yaios (1633): *ymmer*, mãe.
Cumanag.: *ymrer* / *imrer* »
cf. *imeripüri*, Bakaïrí.
Macuchy: *ime-noby*, nora
Kobéua: *hipal-imö*, irmão da mãe.
» : *pal-imo*, irmã » »
cf. *Kä-imö*, nome dos indios Huitoto, Japurá.
Amuéscha: *emu-ar*, criança de peito.
Paressí: *emu-iti*, estrangeiro.
Tamanaco: *imù curu*, seus filhinhos (*Gilij*).
» : *uäne-imu*, pae do mel—abelha.
cf. «mãe do mel -abelha», Arawak (H.).
Accaway: *y-emoo-ricoh*, moça.

Canamirim : *n-emá*, ventre.
Arawak (H.) : *emë-dun*, parir.
» » : *emë uku tatú*, parteira.
Arouaque : *t-eme-uda*, ella pare.
» : *t-eme-ioda*, parir.
Cp. *jotota*, donzella violada, Sipibo.
ma-ostota, mulher solteira pejada, Sipibo.

Carib (J.) : *h-eem*, ovo.
Tamanaco : *ligno-ch-eme*, casada.
» : *uata-ch-emne*, morto.

Taino : *c-emi*, Deus (Diabo).
Cobéua : *h-emé-nike*, Deus.
Bakaïrí : *eme-tile*, dia.
cf. *boili*, bom dia, Arawak (H.).
Peba : *r-eme-lane*, lua.
Galibi (Bo.) : *er-eme*, á tal hora.
Cumanagoto : *t-emme-pche* } levantar cedo.
hu-emme-piaze }
Piro : *s-ime-chi*, «membr» masc.
Arara : *ime-léne*, parto.
Arawak (H.) : *itt-ime-hü*, o tecido em que carregam os filhos.

» » : *itt-ime*, cordão umbilical.

Yaios (1633) : *ton-ime-rou*, trovão.
Crichana : *imu-in*, «scrotum».
» }
Ipuruc. } *je-imu-im*, «sperma».
Macuchy }
Aparaï : *imou-m-courou*, alimento (para as crianças de peito ?).
Ipuruc. : *imo*, ovo.
Carijana : *imo*, »
Galibi : *h-imo*, »

Caribísi : *y-emoo-roh*, moça.

Layana : *oma-hé*, rapaz.
Yagua : *c-oma-i*, homem.
Amuéscha : *ness-óma*, minha família; meu clan.
Yaulap. } *yat-oma*, curandeiro, bruxo.
Kustenaú } *yat-oma*, curandeiro, bruxo.
Mehin. } *yat-oma*, curandeiro, bruxo.
Carayá (E.) : *yad-ôma* (fem.), moça.
» (S.) : *idia* (1)*-d-ôma*, mulher solteira.
Cp. *C-oma-bo* (=Caschibo), tribu Pano-aruáque.
Pimenteira : *uma*, irmão.
Arawak (H.) : *uma-dukurti*, sogro do homem e da mulher.
Cp. *Tar-uma*
Tar-uma-hé (hi) } tribus Caribe.
cf. *Trumai*
» *K-uma-ija*, tribu Carib., menc. por *Herrnh.*
» *K-uma-(a) na-goto*, tribu Caribe.
Zapara : *iti-uma*, moça.
Curuahé : *Uma-épo*, nome d'uma mulher.
cf. *Uain-uma*, tribu aruáque.
Juruna : *in-ouma*, comadre.
» : *ouma*, amigo.
» : *namit-ouma*, inimigos.
» : *p-ouma-na*, viuvà.
» : *itazain-ouma*, sobrinha.
Cp. *J-uma-no (s)*, tribu aruáque.
Ch-uma-no (s), tribu Pano-aruáque.
Umá-(a) ua, Hiánakoto, tribu Caribe.
Tuyúka : *uénae*, criança.
Bará, Erúlia : *eúma(g)e*, »
Uaíana : *uimae*, »
Tsöla : *uimà-ga*, »
Waurá : *yat-uma*, curandeiro, bruxo.
Chaymta : *yum*, pae.
Cumanag. : *youaman*, pae.
Carib. (J.) : *ioùma-i*, »
Bakaïrí : *i-yume*, »
Yupúa : *n-umi*, mãe.

---

(1) Chipaya : *sidyá*, mulher. Juruna : *idia*, mulher.
» : *diá, dyá*, mal. Yuruna : *dyá*, mãe.
» : *sydia saua-u*, mocinha Catoquina : *nya*, mamma.

Bakaïrí : *imó-ru* (1), ovo.
Cayriri : *imũ-tʃi*, *mu* } raiz (de arvore).
Crichana : *imu*, mandioca.
Yagua : *id-oma*, sol.
Huitoto K.: *hit-óma*, »

Caribe : *ne-uma-in*, parir.
Manáo : *yk-üma*, «membr.» fem.
Panáo : *s-uma*, seios.
» : *s-uma enne*, leite de mulher.
Jaúnavo: *sr-uma*, mamma.
» : *schr-uma*, leite.
Culino : *tsch-uma*, mamma.
Sabuja : *g-uma moneh*, leite.

Juri : *n-ouma*, lua.
Carib. (J.): *non-um*, »
Araicú : *gh-uma*, »
Carib. Honduras: *murug-uma*, estrella.
Sipibo : *huich-ouma*, nuvens.
Cp. *par-uma-n*, Cruzeiro do Sul.

Baniva : *par-uma-n*, Cruzeiro do Sul.

Saliva : *n-ume-sèche*, céo.

(1) Roucouyenne : *imo-n*, ovo.
Galibi (Bo.) : *imo-nbo*, *imo-mbo*, ovo.
Apiaká : *imu*, ovo.
» : *imo-re-pun*, peito.

Carib : *youmi-é* } pae.
rouime }
Culino : *uûmy*, filho.
Vaniva : *hen-umi*, homem.
Arara : *p-aumi-e*, mulher.
Piapoco : *as-oume-tza*, criança.
Yaios (1633.) : *c-omi*, filha.
Vaniva : *nos-omi-au*, mulher.
Apiaká : *p-omí-ä*, »
Crichana } *t-omi-ny*, pae.
Ipurucoto }
Macuchy }
Galibi : *ouapot-omé*, homem de elevada posição.
Bakaïrí : *ome-óto*, o bruxo ruim.
» : *ome-ʒóto*, dono do veneno magico.
Nahuquá : *ome*, curandeiro, bruxo.
Yavitero : *nóth-omi*(1), mãe.

Uaikana }
Bará } *ömö'*, homem.
Uaiana }
Yupúa }
Erulia } *ö'mö*, homem.
Uasöna }
Buhagana : *ö'mö(e)*, homem.
Tsola : *k-ö'mö*, »
Vesána : *ömö-(g)ö'* } »
ömö' }
Cumanagoto : *umo*, meu pae.
Macuchy : *umu*, sobrinho.
Catoquina : *mu*, «avunculus.»
Kobéua : *pák-umö*, compadre, etc.
» : *pák-umo*, comadre, etc.
Arawak (H.) : *umü-kuttü*, sogra do homem e da mulher.

Tatu Tapyia : *umú*, irmão.
Apiaká : *moní*, rapaz.
Pimenteira : *muni-úng*, filho.
Cp. filha, Pimenteira.
» *Maiongkong*, indios Caribe, *Schomburgk*.

(1) Cp. «mulher» das linguas do grupo «Betoyes» *Koch-Grünberg*, *E. Stradelli*, ob. cit.

Campa : *notχ-ómi*, mamma.
Uainuma : *nockooht-omi* (M.) } umbigo.
paghot-omy (Sp.) }

Aparaï : *cour-oumou*, Deus.

Pimenteira : *ongkũ-omu*, farinha de mandioca.
cf. *imu*, mandioca, Crichana.

Galibi (Prdh.) : *mounay*, «matrix».
Crichana : *mune*, «vulva».
Makusi : *moné*, «membr.» fem.
Macuchy : *ite-mum*, mamma.
Sabuja : *guma-moneh*, leite.
Pimenteira : *jangmunũ*, ventre.
Tecuna : *ho-mun*, luz.
Mossa : *mai-mona*, Deus.

Barré : *ande-tari*, criança.
Carayá (Coud.) : *na-andi*, mãe.
» » : *ch-andé-nondo*, cacique.
» (E.) : *ish-ande-nodô* (masc.), cacique.
» (Coud.) : *babou'oudoun-andé*, homem.
Cp. *udu, uttu*, Arawak.
oto, outtou, Carib.
idudu, indio Carib., Honduras.
itoto, inimigo, Galibi.
Piro : *r-endo*, sua mãe (delle).
» : *pan-endu*, esposa.
Carayá (E.) : *ǿän-andu* (1), anciã.

Otomaca : *andou-a*, homem.
Carayá (Coud.) : *saïn-andou-c*, anciã, mulher velha.
cf. *t-ain*, homem, Curuahé.
Vaniva : *t-ani*, criança, rapaz.
Ouayana : *pit-ani*, rapazinho.
Roucouy. : *pit-ani*, criança.
Trios : *pit-ani*, »
Galibi : *pit-ani*, criança de peito, filhinho, rapazinho.
cf. *ué-bid*, criança, Makú III.
piti-anheu, » Bonarï.
pit, irmã menor, Chayma.
Guaraouno : *d-ani*, mãe.
Guahibo : *h-any*, irmão.
Manáo : *not-any*, meu filho.
Cp. *Katápolit-ani*, tribu Aruáque.
Maypure : *nu-ani*, minha filha, meu filho.
» : *nu-ani-tu*, minha esposa.

(1) Este era o exemplo para comparar com a palavra «homem» do Otomaca; mas não *ann-bu*...

Mossa: *anu-mo*, céo.
Oregones: *mouna*, trovão.
Zaparo: *munγ-iu*, Diabo.
Yarouro: *Ande-conomé*, O Deus do Céo *(Gilij)*.
Guaná (Card.): *m-andi-era*, Deus.
Tamanaco: *ande*, alma.
Juruna: *m-andé-ga*, céo.
Chipaya: *m-anté-ka*, »
Hypurina: *atoc-anti*, »
Pimenteira: *gru-andi*, raio.
Arara: *c-andi-pé*, estrella.
Juruna: *cam-andé-ou*, noite.

Carayá (E.): *ah-añdo* (1), lua.
Amuéscha: *th-antó* (2), estrella.
Carayá (Coud.): *an-andou*, lua.
» » : *andou*, estrella.

Jumana (Sp.): *no-aneh*, «membr.» masc.
Passé: *tschyu-any*, » »
Sipibo: *s-ani*, «vellum».
Campa: *og-ane*, pejada.

Cayriri: *anhi*, alma.
Baure: *hane*, céo.
Yaruro: *Ju-anè*, Diabo.

---

(1) Cp. Gobéua (Sur.): *camanro*, céo.
Tocana » : *yanhcoãn*, estrella.
Uanama » : *anhã*, Venus.
Yarura : *dõ*, sol.
» (Oramas): *tõj*, páo.
Carayá (E.): *io*,
(2) Outros individuos do Rio Apurucayuhi pronunciavam: *r-antó*.

BIBLIOGRAPHIA [1]

I.—LINGUISTIÇA. [2]

1633.—*Laet*, Joannes de: «Novus Orbis seu descriptionis Indiæ Occidentalis Libri XVIII». Lugd. Batav. apud Elzevirios, A°. 1633.

A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro possue as 4 edições da obra de Laet.

1625, edição hollandeza
1630, » »
1633, » latina.
1640, » franceza.

1654.—*Boyer*, Pavl: «Dictionnaire de la langue Galibienne».

«Véritable Relation de Tovt ce qvi s'est fait et passé au voyage que Monsieur de Bretigny fit à l'Amérique Occidentale». A Paris, Chez Pierre Rocolet, etc. MDCLIV cf. chapitre XXIII, 393—433.

1655.—*Pelleprat*, P. Pierre: «Relation des Missions des R. P. de la Compagnie de Jésus dans les Isles et dans la Terre ferme de l'Amérique méridionale. Avec une introduction à la Langue des Galibis, sauvages de la Terre ferme de l'Amérique méridionale». Paris, Cramoisy, 1655.

1658.—[*Rochefort* ?]: «Histoire Naturelle et Morale des Isles Antilles de l'Amérique, etc.; avec un Vocabulaire Caraïbe». Rotterdam, 1658.

cf. *Rochefort*: «Histoire des Antilles», etc. Rotterdam, 1665.—Lyon, 1667.—Rotterdam, 1681.

London, 1666.

Frankfurt am Mayn, 1666, 1668

Edição hollandeza de 1662

1664.—Biet: «Voyage de la France equinoxiale en l'isle de Cayenne, entrepris par les François en l'année de M. DC. LII. Avec vn Dictionnaire de la Langue du mesme Païs». Par Mᵉ. Antoine Biet, Prestre Curé de St. Geneviéve de Senlis, Superieur des Prestres qui ont passé dans le Païs».

A Paris, Chez François Clovzier, M. DC. L. XIV.

1664.—*Breton*: «Petit Catechisme ov Sommaire des Trois Premieres parties

---

(1) A Bibliographia das linguas do grupo *Paro-Beni* sahirá opportunamente nas «Memorias do Museu Goeldi (Paraense).»

(2) Os titulos com um * não os poude consultar o autor.

de la Doctrine Chrestienne». Traduit du François, en la langue des Caraibes Insulaires, par le R. P. Raymond Breton, Sous—Prieur du Couuent des Freres Prescheurs de Blainuille. A Avxerre Par Gilles Bovqvet, Imprimeur ordinaire du Roy. M. D. C. L. XIV.

Cf. Tomo III da «Collect. Linguist. Américaine, Paris, 1877.

1665.—*Breton*: «Dictionaire Caraibe François, Meslé de quantité de Remarques historiques pour l'esclaircissement de la Langue.» Composé par le R. P. Raymond Breton, Religieux de l'ordre des Freres Prescheurs, & l'vn des premiers Missionnaires Apostoliques en l'Isle de la Gardeloupe & autres circonuoisines de l'Amerique.

A Avxerre. Par Gillet Bovqvet, Imprimeur ordinaire du Roy. M. DC. L XV.

Bello exemplar da Bibliotheca do Ministerio das Relações Exteriores, Rio de Janeiro.

Reimpresso pelo *Dr. J. Platzmann*, em Leipzig, 1892.

1666.—*Breton*: «Dictionaire François—Caraibe, Composé par le R. P. Raymond Breton, Religieux de l'ordre des Freres Prescheurs, & l'un des quatre premiers François Missionnaires Apostoliques en l'Isle de la Gardeloupe, & autres circonuoisines de l'Amerique.

A Avxerre. Par Gilles Bovqvet, Imprimeur ordinaire du Roy M. DC. LXVI.

Conserva-se um exemplar deste livro, hoje raro, na Bibliotheca do Ministerio das Relações Exteriores, Rio de Janeiro.

Pertencia á Bibliotheca Particular do *Sr. Barão do Rio Branco*.

Reimpresso pelo *Dr. J. Platzmann* em Leipzig, 1900.

1666.—*Rochefort*, M. de: «The History of the Caribby Islands, with a Caribbian Vocabulary Rendered into English by John Davis, of Kidwelly. London, printed for Thomas Dring and John Starkey, 1666.

1667—*Breton:* «Grammaire Caraibe Compossée par le R. P. Raymond Breton, Religieux de l'Ordre des freres Prescheurs, & l'un des quatre premiers Missionnaires Apostoliques en l'Isle de la Gardeloupe & autres circonuoisines de l'Amerique.

A Avxerre. Par Gilles Bovqvet, Imprimeur ordinaire du Roy M. D. C. LXVII.

Cf. Tomo III da «Collect. Linguistique Américaine» 1877.

1671.—*Tertre*, R. P. Jean Baptiste du: Histoire Générale des Isles habitées par les François, enrichie de cartes et de figures, par le..., de l'Ordre des ff. prescheurs.

Paris, 1671.

1680.———Arte y Bocabvlario de la Lengva de los indios Chaymas, Cvmanagotos, Cores, Parïas, y otros diversos de la Provincia de

Cvmana, ó Nveva Andalvcia. Com vn tratado a lo vltimo de lo Doctrina Christiana, y Catecismo de los Misterios de nvestra Santa Fé, traducido de Castellano en la dicha Lengua Indiana.

Compvesto, y Sacado a Lvz por el Reuerendo Padre Fray Francisco de Tauste, etc. etc. En Madrid, M. DC. LXXX.

Publ. de novo pelo *Dr. Platzmann*, Leipzig, 1888.

1683—*Blanco* Mathias Rviz, : Manval para catekizar, y administrar los Santos Sacramentos á las Indios, que habitan en la Provincia de la nueua Andaluzia, y nueua Barcelona, y San Cristoval de los Cumanagotos» (en lengua indigena). Por el P. fr..... de la observancia de San Francisco. En Burgos. Por Juan de de Viar. Año de 1683 (cf. *Civezza* «Saggio» etc. Prato,, 1879.)

1698—*Mamiani*: «Cathecismo da dotrina christãa na lingua brazilica da nação Kiriri, composto pelo p. Luiz Vincencio Mamiani, da Companhia de Jesus, Missionario da provincia do Brazil.

Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade. Com todas as licenças necessarias. Anno de 1698.

Este livro é hoje rarisssimo.

1699.—*Mamiani:* «Arte de grammatica da Lingua Brasilica da nauaçam (*sic*) Kiriri composto Pelo P. Luiz Vincencio Mamiani, Da Companhia de Jesu, Missionario nas Aldeas da dita Nação. Lisboa, na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Mag. Anno de 1699. Com todas as licencas necessarias.

Rarissimo exemplar da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

1699.—*Anonymo:* «Arte y Vocabulario de la lengua morocosi» Compuesto por vn Padre de la Compañia de Jesvs, Missionero de las Provincias de los Moxos. Dedicado á la Serenissima Reyna de los Angeles, siempre Virgen Maria, Patrona de estas Missiones. En Madrid. Ano de 1699.

Cf. de la Viñaza, n. 244.

Para a critica veja-se: «Bibliografía de la lengua Mapuche ó Araucana» por *R. R. Schuller*. Santiago de Chile 1907.

1709—*Bernardo* de Nantes: «Katecismo indico da lingua kariris, accrescentado de varias praticas doutrinaes & moraes, adaptadas ao genio e capacidade dos indios do Brasil», pelo padre fr. Bernardo de Nantes, capuchinho, pregador, e missionario apostolico; offerecido ao muy alto, e muy poderoso rey de Portugal dom João V. s. n. que Deos guarde.

Lisboa, na Officina de Valentim da Costa Deslandes, impressor de sua magestade, 1709.

Publ. de novo pelo *Dr. Platzmann*, Leipzig, 1896.

★1763.—*Préfontaine*., M. de: „ Maison rustique à l'usage des habitans de la partie de la France équinoxiale connue sous le nom de Cayenne, par..... ancien habitant, chevalier de l'ordre de Saint-Louis, commandant de la partie Nord de la Guyane. Paris, 1763.

Reproduzido nos «Glossaria» de *von Martius*.

★ *s. a.*— ✝ Doctrina Cristiana, y Catecismo, para la mas breve enseñanza de los indios de la nacion Chayma. Compuestos por los padres misioneros fray Francisco de la Puente, fr. Joachin de Alquezar, y Fr. Estevan de Arizala. s. l. 4°.—16 pp.

Zaragoza: Bibliotheca do *conde de la Viñaza*, cf. ob. cit. (seculo XVIII).

1783.—*Gilij*, Felipe Salvator: «Gaggio di Storia Americana o sia Storia Naturale Civile e Sacra de regni e della provincia spagnuole di Terra -ferma nell'America meridionale». Descritta dall'abate... Tomo III, Roma, 1783.

★ 1784.—*Hervás*, Lorenzo; «Catalogo delle lingue conosciute e notizia della loro affinitá e diversitá» Cesena, 1784.

Cf. «Idea dell' Universo, che contiene la storia della vita dell' uomo, elementi cosmografici viaggio estatico al mundo planetario e storia della terra » 21 vols. Cesena, 1778—87. (cf. vols. XVIII, XIX e XX).

★ 1785.——— « Origine, formazione, meccanismo, ed armonia degl' idiomi.»

Opera dell'abbate... Cesena, per Gregorio Biasini, 1785.

(Faz parte da «Idea dell'Universo» *ibid*).

★ 1787.——— «Vocabulario Poligloto, con prolegomeni sopra più CL lingue dove sono delle scoperte nuove, ed utili all'antica storia dell'uman genere, etc... Opera dell'abbate... Cesena, per Gregorio Biasini, 1787.

(Faz parte da «Idea dell'Universo»).

★ 1787.——— « Saggio pratico delle lingue con prolegomoni, e una raccolta di orazioni Dominicale in piú di trecento lingue, e dialetti, con cui si dimostra l'infusione del primo idioma dell'uman genere, e la confusione delle lingue in esso poi succeduta», etc. Opera dell' abbate... Cesena, per Gregorio Biasini, 1787.

(Faz parte da «Idea dell' Universo).

1796.—*Prudhomme*, Louis: Voyage à la Guiane et a Cayenne, fait en 1789 et Années suivantes»; etc. etc. «Suivi d'un Vocabulaire Français et Galibi des Noms, Verbes et Adjectifs les plus usités dans notre Langue, comparée a celle des Indiens de la Guiane, pour se faire entendre relativement aux objets les plus necessaires aux besoins de la vie».

Par *L... M... B...*, Armateur, A Paris; Chez l'éditeur, Rue des Marais n. 20 F. G. An VI de la Republique.

★ 1797—*Smith Barton*, B... «New Views of the Origin of the Tribes and Nations of America». Philadelphia, 1797.

A segunda edição, augmentada; *ibid*; 1798.

1800.—*Hervás*, Lorenzo... (y Panduro): «Catalogo de las lenguas de las naciones conocidas» etc. Tomo I. Madrid 1800.

★ 1805.—*Marcel*, J. J.: «Oratio dominica in CL lingue versa», Parisiis, Typis Imperialibus, 1805.

★ 1806.—*Oratio* Dominica in CLV Linguas versa et exoticis characteribus plerumque expressa. Parmae, typis Bodonianis, 1806.

Obra dedicada ao principe Eugenio Napoleão. (*M. de Sacy*).

1805—1817—*Adelung Vater*. « Mithridates oder allgemeine Sprachenkunde mit dem Vater Unser als Sprachprobe in beynahe 500 Sprachen und Mundarten». Berlin, 1806—1817.

★ 1807 (1808?).—*Quandt*, C.: «Nachricht von Suriname und seinen Einwohnern, sonderlich den Arawaken, Waraunen und Karaiben: und von der Sprache der Arawaken, von den Gewächsen und Thieren des Landes und Geschäften der dortigen Missionarien» Goerlitz (s. a) 1807 (1808?).

1826.—*Balbi*, Adrien: «Atlas Ethnographique du Globe», Paris, Rey et Gravier, 1826.

1832.—*Hilhouse*, William: «Notice of the Indians settled in the Interior of British Guiana», in « Journal of the Royal Geogr. Society» Volume, the Second, London, MDCCCXXXII.

cf. «Notices sur les Indiens vivant dans la Guyane Anglaise» in «Annales des Voyages», I, 1835.

cf. Montgomery Martin, Bristish Colonial Library, «History of the West-Indies», Vol. II. London, 1844.

1833.—*Galindo*, Juan: «Notice of the Caribs in Central America». Communic. by Colonel don... Trugillo, 1833.

«Journal of the Royal Geogr. Society», III, London, 1833.

1839.—*Orbigny*, Alcide d': « L'homme Américain». Paris, Pitois—Levrault et Cie. 1839.

1844.—*Heuvel*, F. A. van: «El Dorado» New-York, J. Winchester, 1844.

★ 1847.—*Henderson*, A.: Araidatiu Tumuran-segung Madeju karabagungte lau». Edinburgh, 1847. (ex-*de Goeje*).

1847.—*Bernau*: Missionary Labours in British Guiana: with remarks on the Manners, Customs, and Superstitions Rites of the Aborigines» By the Rev. J. H Bernau. London: John Farquhar Shaw, 1847 «Lord's Prayer in the Arawak. Luke XV, 11 to the End (cf. Bd. II, Schomburgk «Reisen»).

★ 1848.—*Schomburgk*, R. H: «Remarks to accompany a comparative vocabulary of 18 languages and dialects of Indian tribes inhabiting Guiana»—London, 1848, 20 pp. (raro).

1848.—*Schomburgk*, Richard: Reisen in Britisch Guiana» Bd. II. Leipzig, 1848.

★ 1848.—*Schomburgk*, Sir Robert: «Guinau Vocabulary, and affinity of words in the Guinau with other languages and dialects in America» in «Contributions to the Philological Ethnography of South America».

Cf. Proceedings of the Philological Society», III, 208-237. London, 1848.

★ 1849.—*Schomburgk* Sir Robert: Comparative of eighteen words of twelve dialects of the Caribi-Tamanakan stock» (Vocabularies of 18 languages and dialects of Indian tribes inhabiting Guyana) in «Report of the eighteenth meeting of the British Association for the advancement of science, held at Swansea, in August, 1848.» London, John Murray, 1849.

1850.—*Schomburgk*, Sir Robert: «A Vocabulary of the Marongkong language» in «Proceedings of the Philological Society», IV, 217-223. London, 1850.

1850.—*Castelnau*, Francis de: «Expédition dans les parties centrales de l'Amérique do Sud. 1843-1847».—Tome V. «Histoire du Voyage». Paris, 1850.

1852.—*Mamiani—Gabelentz*: «Grammatik der Kiriri-Sprache». Aus dem Portugiesischen des P. Mamiani übersetzt von H. C. von der Gabelentz.

Leipzig, F. A. Brockhaus, 1852.

1852.—*Brett* (1), W. H.: «The Indian tribes of Guiana: their conditions and habits». By the Rev...

New York, Rob. Carter and Brothers, 1852.

Cf. o *mesmo*: London, Belland Daldy, 1868.

Cf. «The First part of Genesis andt he Gospel of St. Mathew, with supplementary extracts from the other Gospels». London (s. a.).

1853.—*Wallace*: Alfred Russel: «A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the tribes, and observations on the climat, geology, and natural history of the Amazon valley». London, Reeve and C° 1853.

Nova edição feita em 1889.

★ 1854.—*Albis*, Manuel Maria, «Los Indios del Andaqui» Memorias de un

(1) Dr. Goeje cita um Msc: «Vocabulary of the Acawoyo language» em poder da familia Brett, residente em Loughborough, Inglaterra.

viajero, publicadas por José Maria Vergara i Vergara y Euvaristo Delgada. Popayan, 1854.

Cf. «Bulletin of the American Ethnological Society». Vol. I.

1854.—*Osculati*, Gaetano: Brevi cenni sull'idioma Zaparo» in «Esplorazione delle regione equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazzoni» II edizione, etc. Milano, 1854.

A 1ª edição sahiu em 1850.

* 1855—*Tocke*, H. C. «Jets over Arrowakken en hume taal» in «West-Indie; Bijdragen tot de bevorderning van het kennis der Nederlandsch West-Indische kolonien» Vol. I., Haarlem, 1855.

1862—*Chandless*, William: «Notes on the rivers Arinos, Juruna, and Tapajoz» in «Journal of the Royal Geograph. Society» XXXII, 268 ff. London, 1862.

1863.—*Bossi*, Bartolomé: «Viage pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyabá etc. Paris, 1863.

1866—*Chandless*, William: «Ascent of the river Purus» in «Journal of the Royal Geogr. Soc.», XXXVI, 86-118. London, 1866.

1867.—*Martius*, Dr. Carl Fridrich Ph. von: Wörtersammlung Brasilianischer Sprachen.—Glossaria linguarum Brasiliensium», Leipizg, 1867.

Editada primitivamente em Erlangen no anno de 1863.

1868.—*Escragnolle Taunay*, Alfredo d': «Scenas de viagem. Exploração entre os rios Taquari e Aquidauana no districto de Miranda.» Memoria descriptiva. Rio de Janeiro, Typ. Americana, 1868. («Vocabulario da lingua Guaná ou Chané, pp, 131—148).

Cf. «Rev. Trim. Inst. Hist. e Geogr. Brazileiro» XXXVIII, 2ª parte, 143—162, Rio de Janeiro, 1875.

Cf. «Novo Mundo» Periodico illustrado, etc New-York, Vol. IV, pp. 146—147. 1873—74.

* 1868.—*Teza*, E... «Saggi inediti di lingue americane» Appunti bibliografiche, in «Annali della Università Toscana» X. Parte prima. Scienze Nool.

Pisa, Nistri, 1868 (pp. 117—143).

1869.—*Chandless*, W.: «Notes of a journey up the river Juruá» in «Journal of the Royal Geogr. Society», XXXIX, London, 1869.

Cf. «Relatorio da Agricultura», Rio de Janeiro, 1869 (?).

1869.—*Marcoy* (1), Paul: «Voyage à travers l'Amérique du Sud, de l'Océan Pacifique à l'Océan Atlantique». Paris, Hachette & Cie 1869.

Cf. a edição ingleza.

(1) O «Catalogo da Exposição de Historia do Brazil»—I, nº 1274, registra uma obra publicada em Paris, 1867 («Tour du Monde»)—«Annaes da Bibliotheca Nacional. Vol. IX. Rio de Janeiro, 1881.

1869.—*Moutinho*, Joaquim Ferreira: «Noticia sobre a provincia de Matto Grosso». S. Paulo, Typ. de Henrique Schroeder, 1869.

1870.—*Oratio* Dominica in CCL linguas versa et CLXXX characterum formis, vel nostratibus vel peregrinis expressa. Curante Petro Marietti, typographei S. Concilii de Propaganda Fide. Romæ, 1870.

1871.—*Appun*, C. F.: «Unter den Tropen». Iena, 1871.

1871.—*Brinton*, Daniel G.: «The Arawak language of Guyana». Philadelphia, 1871.

1874.—*Souza*, Conego Francisco Bernardino de: «Commissão do Madeira. Pará e Amazonas». Rio de Janeiro, 1874.

1874.—*Keller—Leuzinger*, Franz: «Vom Amazonas und Madeira, Skizzen und Beschreibungen aus dem Tagebuche einer Explorationsreise». Stuttgart, 1874.

Cf. «The Amazon and Madeira-rivers». London, Chapman and Hall, 1874.

1875-1877.—*Montolieu*: «Noticias y vocabularios sobre las naciones de los Barré, en el Casiquiare, San Carlos, Baria y sus afluentes, y sobre los Vanivas, en las regiones del Guainia», publ. en «La Opinion Nacional» de Caracas, años 1875 y 1877, por el Sr. Montolieu, gobernador del territorio venezolano de «Amazonas» (*seg. de la Vinaza*).

O Dr. Crevaux, entretanto, indica o jornal chamado «El Tiempo» Julho, 10, 11 e 12, de 1877, nos em que se acham publ. os Vocabularios «Baniva» «Yavitera» e «Barre». *cf.* Tomo VIII, da «Bibliothèque Linguist. Amér.», p. 274 e ss.

1877.—*Mamiami-Ramiz Galvão*: «Arte de grammatica da lingua brazilica da nação Kiriri composta pelo p. Luiz Vincencio Mamiani.

Segunda edição, publ. a expensas da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, Typ. Central de Brown & Evaristo, 1877.

1878.—*Longerke*, G. von: «Palabras del dialecto de los indios del Opone. Palabras indias dictadas por un indio de la tribu de Carare» in Zeitschr. f. Ethnologie», X, Berlin, 1878.

187*.—*Celedon-Uricoechea*: «Gramatica, Catecismo i vocabulario de la lengua Goajira por Rafael Celedon. Con introduccion i su apéndice por Ezequiel Uricoechea. Paris, 1878.

E' o tomo V da «Collect. Linguist. Américaine»

1879.—*Adam*, Lucien: «Du parler des hommes et du parler des femmes dans la langue caraïbe» Paris, 1879.

1880.—*Wiener*, Charles: «Pérou et Bolivie». Récit de voyage suivi d'études archéologiques et ethnographiques et de notes sur l'écriture et les langues des populations indiennes. Paris, Hachette et Cie., 1880.

1880—1881.— *Fonseca*, Dr. João Severiano da: «Viagem ao redor do Brasil» 1875—1878» 2 vols.
Rio de Janeiro, 1880—1881.

1882.—*Müller*, Dr. Friedrich: «Der Grundriss der Sprachwissenschaft.» Wien—1882—1885.

★ *Crevaux*, Dr. Jules: «Langues des Indiens de la Guyane Française. Folheto de 52 pp. (s. l.) (s. a).

1882.—*Crevaux*, (J.), *Sagot* (P.), *Adam*, (Q.): «Grammaires et vocabulaires Roucouyenne, Arrouaque, Piapoco et d'autres langues de la région des Guyanes». Paris, 1882.
(«Bibliothèque Linguist. Américaine», VIII).

1883—*Heath*, Edwin R.: «Dialects of Bolivian indians gathered during three years in the Department of Beni in Bolivia.
«The Kansas City Review» April, 1883.
Contem 52 palavras do idioma Pano-aruáque, chamado Pacaguara.

885.—*Simons*, F. A. A. «An exploration of the Goajiro Peninsula, U. S. of Colombia» in «Journal of the Royal Geogr. Soc». VII, 781—796. London, 1885.

1885—*Barbosa Rodrigues*, João: (Rio Jauapery.)—Pacificação dos Crichanás» Rio de Janeiro, 1885.

1886.—*Steinen*, Karl von den «Durch Zentral-Brasilien» Leipzig, 1886.

1886.—*Cardús*, R. P. Fr. José: Las Misiones Franciscanas entre los Infieles de Bolivia», etc. etc. Barcelona, 1886.

★ 1886.—*Melgarejo*, Dr. Sixto: «Vocabulario de la lengua Guahibo» in «Resúmen de las actas de la Academia Venezolana leído en la junta pública de 27 de Oct. de 1886.
São 72 palavras do dito idioma.

1886.—*Hartman*,, Jorge S.: «Indianerstämme von Venezuela» in «Origin. Mittheilung. aus der Ethnolog. Abtheil der Königl. Museen zu Berlin». Berlin, 1886.

★ 1887—(van) *Coll.* C.: Sanimee Karetaale Kalienja Kapoewa itooriko-mé» Gulpen, 1887. (ex. de Goeje).

1887.— *Isaacs* (-Ernst): «Estúdio sobre las tribus indígenas del Magdalena, antes Provincia de Santamarta». Por Jorge Isaacs (mit-geteilt und mit vergleich. Bemerkungen versehen von A. Ernest) in «Zeitschrift für Ethnologie» XIX, 376-378. Berlin, 1887.

1888.—*Yangues*, M. de: «Principios y reglas de la lengua Cummanagota (1683). Edicion facsimilar.»
Leipzig, 1888.

1888.—*Tauste*, P. Fr. Francisco de...: «Arte Bocabulario Doctrina

christiana y catecismo de la lengua de Cumana». Compuestos por el R... Publicados de nuevo par Julio Platzmann, Edicion facsimilar.—Leipzig, B. G. Teubner, 1888.

Cf. o titulo de 1680.

1888.— *Tapia*, Fr. Diego de: «Confessonario mas breve en lengua Cumanagota», por... Publicado de nuevo por Julio Platzmann.

Edicion facsimilar. Leipzig, B. G. Teubner. 1888.

1888.—*Blanco*, Fr. Matias Ruiz: «Arte y tesoro de la lengua Cumanagota,» por...

Publicado de nuevo por Julio Platzmann. Edicion facsimilar.—Leipzig, B. G. Teubner, 1888.

1888.—*Tapia*, Fr. Diego de: «Confessonario mas lato en lengua Cumanagota» por... Publicado de nuevo por Julio Platzmann. Edicion facsimilar. Leipzig, B. G. Teubner. 1888.

1889.—*Grasserie*, Raoul de la: «De la famille linguistique Pano». Paris, 1889, cf. Congr. Internat. des Américanistes, Berlin, 1888.—Berlin, 1890.

1889.—*Chaffanjon*, J.: «L'Orenoque, et le Caura». Paris, 1889.

1890.—*Marcano*, Dr. G.: «Ethnographie précolombienne du Vénézuela. Paris, 1890 (1891?).

1890.—*Adam*, Lucien, et Charles *Leclerc*. «Arte de la lengua de los indios Antis ó Campas. Varias preguntas, advertencias i Doctrina Christiana conforme al manuscrito original hallado en la ciudad de Tol(o). Por Ch. Leclerc, con un vocabulario metodico i una introducción comparativa por L. Adam». Paris, 1890.

(Faz parte da «Collection Linguist. Amér. Tomo XIII).

1891.—*Toro*, Firmin: «Vocabulario Achagua» mitgeteilt von A. Ernst, in «Zeitschrift für Ethnologie», Berlin, 1891.

1892.—*Adam*, Lucien: La langue Roucouyenne», in «Congr. Internat. des Américanistes». Compte-Rendu. 8ème Sess. Paris, 1892, pp. 612-614.

1892.—*Grasserie*, Raoul de la: «Esquisse d'une grammaire et vocabulaire Baniva» in «Compte-Rendu de la 8ème Sess. (Congr. Int. des Amér.) Tenue à Paris, en 1892, pp. 616—641. Paris, 1892.

1892.—*Coudreau*, Henri: «Vocabulaires méthodiques des langues Ouayana, Aparaï, Oyampi, E'mérillons», in «Bibliothèque Linguistique Américaine, T. XV. Paris, 1892.

1892. *Steinen*, Karl von den: [Zweite Schingú-Expedition 1887—88].

«Die Bakaïrí-Sprache». Wörterverzeichnis, Sätze, Sagen, Grammatik. Mit Beiträgen zu einer Lautlehre der karaïbischen Grundsprache». Leipzig, 1892.

1893.—*Adam*, Lucien: «Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille caribe». Paris, 1893.
E' o tomo XVII da «Bibliothèque Linguistique Américaine»

1893.—*Socrates*, Eduardo Arthur: «Vocabularios indigenas organisados por... Tenente de Artilheria», in «Rev. Trim. do Instituto Hist. Geog. Brazileiro», Tomo LV. p. II., 87—90. Rio de Janeiro, 1893.

1894.—*Marban*, P. Pedro: «Arte de la lengua Moxa con su vocabulario y Cathecismo compuesto por el... publicado de nuevo por *Julio Platzmann*. Edicion fascimilar. Leipzig. H. G. Teubner. 1894.

* A «Editio princeps» foi publ. em 1702, e não em 1701, como se suppõe geralmente (cf. a «Licencia do Proposito», 25 de Dezembro de 1701).

1894.—*Ferreira Penna*, Domingo Soares: «Algumas palavras da lingua dos Aruans». in «Archivos do Muzeu Nacional do Rio de Janeiro». Vol. IV. Rio de Janeiro, 1894.

Cf. «Revista da Sociedade de Estudos Paraenses». T. I. — Facs. I e II. Belem, Impresso na typ. do Diario Official.—1894.

1894.—*Steinen*, Karl von den: «Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens». Berlin, 1894.

1894.—*Ehrenreich*, Dr. Paul: (Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens). I «Die Sprache der Caraya (Goyaz)». Sonder-Abdr. aus Zeitschr. für Ethnologie 1894. Berlin, 1894.

1895.—*Capistrano de Abreu*, Dr. João: «Os Bacaerys» (um esboço grammatical) in «Revista Brazileira.» Serie III. Primeiro anno. Tomo terceiro, pp. 209-228. Rio de Janeiro.—1895.

1895. ———: «Os Bacaerys» II. in «Revista Brazileira» IV, pp. 43-50, e pp. 234-243. Rio de Janeiro, 1895.

1895.—*Ehrenreich*, Dr. Paul: (Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens). V. «Die Sprache der Apiaká (Pará). Sonder-Abdr. aus Zeitschr f. Ethnologie 1895. Berlin, 1895.

1897.—*Coudreau*, Henri: «Voyage au Xingú. 30 mai 1896—26 octobre 1896» Paris, 1897.

1897. ———: «Voyage au Tocantins-Araguaya 31 décembre 1896—23 mai 1897.—Paris, 1897.

1897.—*Ehrenreich*, Paul: «Vokabulare von Purús-Stämmen» in «Zeitschrift für Ethnologie» Berlin, 1897.

1898.—*Brinton*, Daniel G.: «On two unclassified recent vocabularies from South America» in «Proceedings of the American Philosophical Society». Vol. XXXVII, 321-323. Philadelphia, 1898.

* 1898.—*Brett*, W. H.: «Simple questions on the historical parts of the Holy

Bible for the instruction of the Acawoio Indians at the Missions in Guiana, The Lord's Prayer, Apostle's Creed, etc. London, 1898.

cf. o mesmo: «Questions on the Apostle's Creed with other simple instruction, for the Caribi Indians at the Missions in Guiana». London (s. a.).

* 1898.—*Numa Rat*, J.: «The Carib language as now spoken in Dominica, West-Indies» in «Journal of the Anthropological Institute of Great-Brit. and Ireland.» London, 1898.

1898.—*Armentia*, Fr. Nicolás (O. M.): «Vocabulario del idioma Schipibo, del Ucayali, que es el mismo que el Pacaguara del Beni y del Madre de Dios. Este es un dialecto de la lengua Pana, que es la lengua general del Huallaga, del Ucayali y de sus afluentes».

«Boletim de la Sociedad Geogr. de La Paz», Tomo I., Año I, N° 1, pp. 43-91. La Paz, 1898.

1898.—*Aguirre*, Juan Francisco: «Diario del Capitán de Fragata... en la demarcación de límites de España y Portugal en la América Meridional», etc. etc., publ. por *Don Enrique Pena*, in «Boletín del Instituto Geográfico Argentino». Tomo XIX, 464-510. Buenos Aires, 1898.

1898.—*Bach—Church*: «Notes on the visit of Dr. Bach to the Catuquinarú Indians». By Colonel G. E. Church.

«Journal of the Royal Geogr. Society», XII, pp. 63-67. London, 1898.

1900.—*Quandt*, Chr.: «Nachricht von der Arawackischen Sprache» Herausg. v. J. Platzmann, Leipzig, 1900.

1901.—*Sampaio*, Theodoro: «O Tupí na geographia nacional» São Paulo, 1901. (publ. na «Revista do Instituto Hist. e Geogr. de S. Paulo»).

* 1901.—*Cordero*, L.: «Estudios de lingüística americana». Carta a un distinguido americanista francés. Cuenca, 1901, Imprenta, librería del autor.

1901.—*Laughton*, J. F: «Uganu buiditi kaysi St. Mark (The Gospel according to St. Mark in Carib-Uganu buiditi kaysi St. Mark Lidan Garifuna). London, 1901.

1902.—*Laughton*, J. F: «Uganu Buidi-ti kisi St. John (The Gospel according to St. John in Carib-Uganu buiditi kiysi St. John Lidan Garifuna (1)). London, 1902.

1903.—*Marqués*: «Vocabulario de los idiomas indicos (*sic*) conocidos por Cunibos y Panáo ó Sétebos». Trabajado por el R. P. Fr. Buenaventura Marqués, Predicador apostólico, obsequiado por Dr. José

(1) *Garifuna* cf. *Caripuna* (Lautwandel *g*=*f*).

María de Cordova y Urrutia (1848) in «La Gaceta Cientifica», Lima, 1903.

Cf. o Msc. respectivo.

1903.—*Reich* (Alfred) und Felix Slégelmann: «Bei den Indianern des Urubamba und des Envira» in «Globus» LXXXIII, 9. Braunschweig, 1903.

1904.—*Steinen*, Karl von den: «Diccionario Sipibo». Abdruck der Handschrift eines Franziskaners mit Beiträgen zur Kenntnis der Pano-Stämme am Ucayali. Berlin, 1904.

1905.—*Adam*, Lucien: «Grammaire de l'Accaway» in «Journal de la Société des Américanistes de Paris».—N. S. Paris, 1905.

1905.—*Nordenskiold*, Erland: «Beiträge zur Kenntnis einiger Indianerstämme des Rio Madre de Dios-gebietes.» in «Ymer», 1905, H. 3. Stockholm.

1906.—*Koch* (-Grünberg), Theodor: «Die Makú» in «Anthropos». Bd. I (Salzburg)—Wien, 1906.

1906.———: «Les indiens Quitotos» in «Journal de la Société des Américanistes de Paris». N. S., III. Paris, 1906.

1906.—*Adam* (1), Lucien: «Le Caraïbe du Honduras et le Caraïbe des Isles,» in Amerikanisten Kongress. 14. Tagung.—Stuttgart, 1906.

1906.—*Alemany*, Fr. Agustín (María): «Castellano-Piro.—Vocabulario de bolsillo» Lima, 1906.

1906.———: «Castellano-Shipibo.—Vocabulario de bolsillo (con «Elementos de gramática por el mismo autor»). Lima, Typ. del Colegio Apostolico de P. F. del Perú.—1906.

1906.—*Payer*, Richard: «Reisen im Javapery-Gebiet» in «Dr. Petermann's Mitteilungen». Bd. 52. Gotha, 1906.

1907.—*Tavera-Acosta*, B.: «En el Sur» (Dialectos Indígenas de Venezuela). Ciudad de Bolívar, 1907.

1907.—*Chamberlain*, Alex. F.: «South American linguistic stocks» in «Congrès Internat. des Américanistes» XVe. Sess. Quebec. Vol. II, 187-204. 1907.

*1908.—*Arvelo*, M. M.: «Sobre etnografía del territorio Amazonas de Venezuela». Ciudad de Bolívar, 1908.

1908.—*Koch* (-Grünberg), Theodor: «Die Hianakoto—Umáua» in «Anthropos» III, Wien-Mödling, 1908.

1908.—*Hübner*—Koch (Grünberg): «Die Makuschi und Wapischána» in «Zeitschrift für Ethnologie». Berlin, 1908.

(1) *K. W. Hiersemann* apresentou um Msc. intitulado: «Le Caraïbe du Honduras comparé au Caraïbe des îles». cf. «Katalog» N. 555.

* 1908.—*Hestermann*, P. Ferd.: (S. V. D.) «Die Pano-Sprachen und ihre Beziehungen» in «Internationalen Amerikanisten Congress». Wien, 1908. II. H. 645-650.

1909.—*Beuchat* et *Dr. P. Rivet*: «La famille linguistique Cahuapana», in «Zeitschrift für Ethnologie». 41 Jahrg., H. V., 616-634. Berlin, 1909.

1909.—*Oramas*, Luis R.: «Contribución al estudio de la lengua Yaruro» in «Anales de la Universidad Central de Venezuela». Año X — Tomo X.—Numero 1. Caracas. Typ. Universal, 1909.

1910.—*Goeje*, C. H. de: Etudes Linguistiques Caraïbes», in «Verhandelingen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam». N. R., Deel X, n. 3. Amsterdam, Januari 1910

1910.—*Koch* (-Grünberg), Dr. Theodor: «Zwei Jahre unter den Indianern». Bd. II. Berlin, 1910.

1910.—*Stradelli* E.: «Pequenos Vocabularios.—Grupo de linguas Tocana. Contribuição para o estudo das linguas indigenas» in «Relatorio Geral, VI, da III. Reunião do Congresso Scientifico Latino-Americano». Rio de Janeiro, 1910.

1910.—*Snethlage*, Dra. Emilia: «Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahé» in «Zeitschrift für Ethnologie», 42. Jahrg., 3 u. 4. Berlin, 1910 publ. e annot. pelo Dr. Koch-Grünberg.

1910-1911.—*Schuller*, Rodolfo R.: «Las lenguas indigenas de la cuenca del Amazonas y del Orinoco» na «Revista Americana» do *Dr. Araujo Jorge*, Rio de Janeiro, 1910-1911.

1911.—*Capistrano de Abreu*, João: «Ratxá hunikui, a lingua dos Kaxinawás do rio Moreno». Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1911.

II. LEXICOGRAPHIA SULAMERICANA.

1845.—*Oviedo y Valdés*, Gonzalo Fernandez: «Historia general y natural de las Indias». Tomo IV. Madrid, 1845. (edit. por don José Amador de los Ríos).

1853.—*Costa Rubim*, Braz da: «Vocabulario Brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza», por... Rio de Janeiro. Emp. Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito (*sic*) Impressor da Casa Imperial.—1853. in-8° 1 f. + 80 pp. num.

—Cf. «Vocabulos indigenas e outros introduzidos no uso vulgar», in «A Luz», I (1872), pp. 154-155, 161-162, 170-171, 231, 238-39. Rio de Janeiro, 1872, cp. «Rev. Trim.» XLV, p. II., 263-390, Rio de Janeiro, 1880.

* 1856.—*Holton*, Isaac F.: «New Granada: Twenty months in the Andes (Glossary of words in use in New Granada). New York, 1856 (cf. pp. 569-573).

1856.—*Pereira*, (Coruja), Antonio Alvares: «Collecção de vocabulos e frases usadas na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul no Brazil.» London, Trübner e Comp.) 1856.

Cf. Rev. Trim. Inst. Hist. e Geog. Brasileiro» XV. Rio de Janeiro, 1852.

Cf. «Collecção de vocabulos e phrases usadas na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul». Publ. na livraria de Domingos José Gomes Brandão, Typ. Commercial de Regadas. («Folhinha Riograndense para o anno de 1862» (1).

1864.—*Pereira*, (Coruja) Antonio Alvares: Colleção de vocabulos e frases usadas na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul no Brazil». Rio de Janeiro, na Typ. Moderna de H. Gueffier, 1861

1883.—*Verissimo*, José: «A linguagem popular Amazonica» in «Revista Amazonica» n.2, 48—57; n 3, 86—93, etc. etc. Pará, 1883.

1887.—*Nogueira*, Paulino: «Vocabulario indigena em uso na Provincia do Ceará com explicações etymologicas», etc. in «Revista Trimensal do Instituto do Ceará». I. Ceará, 1887. Typ. Commercial.

1889.—*Beaurepaire-Rohan*, Tenente Coronel Visconde de: «Diccionario de vocabulos brazileiros», pelo... Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1889. 8°. — XVII + 147 pp. a duas column.

cf. «Gazeta Litteraria», n°s. 1—6, 8, 10 e 13. Rio de Janeiro, 1883—1884.

1898.—*Romaguera Corrêa*, Dr. J.: «Vocabulario Sul-Rio-Grandense», pelo... Pelotas- Porto Alegre. Officina da Livraria Universal—Pelotas., 1898.

1904.—*Lenz*, Dr. Rodolfo: «Diccionario etimolójico de las voces chilenas derivadas de lenguas indijenas americanas» Publicado como annexo aos «Anales de la Universidad de Chile», Imprenta Cervantes, Bandera. 50—1904.

1906.—*Chermont de Miranda*, Vicente: «Glossario paraense ou collecção de vocabulos peculiares á Amazonia e especialmente á ilha do Marajó». Pará, 1906.

III. OBRAS GERAES. (2)

1537.—*Ouiedo*: «Coronica de las Indias. La hystoria general de las Indias agora nueuamente impressa corregida y emendada. 1547. Y con la conquista del Peru.

(Primera parte de la hystoria natural y general de las Indias).

(1) *De la Vinaza*, traz 1762 (!).

(2) Nesta secção vão incluidos tambem os mappas, etc. consultados.

La qual escriuio por mandado de la Cesarea y Catholicas magestades el capitan Gonçalo Hernandez de Ouiedo y valdes, etc. etc.

Lo qual todo fue etc., se acabo y jmprimio en la muy noble Ciudad de Salamanca en casa de Juan de Junta a dos dias del Mes de Mayo Año de mil y quinientos & quarenta & siete Anos.+

Exemplar do «Instituto Historico e Geographico Brazileiro». Rio de Janeiro.

Esta edição, fazia parte da bibliotheca particular de *von Martius*, disse-me o erudito bibliothecario daquelle Instituto, o *Sr. Dr. José Vieira Fazenda*,

1595.—*Keymis*: «A Relation of the second voyage to Guiana. Performed and written, in the year 1596. By Lawrence Keymis Gent. Imprinted at London by Thomas Dawson, dwelling at the three Cranes in the Vintree, and are there to be sold. 1596.

Segundo as indicações do Senhor *Barão do Rio Branco* «Defeza Brazileira».

1603.—*Harcovrt*,: A relation of the voyage to Gviana. Describing the climat, scituation, fertilitie, prouisions, and commodities of that Country, etc.

Performed by Robert Harcovrt of Stanton Harcovrt Esquire. At London. Printed by John Beale, for W. Welby, and are to be sold at his shop in Pauls Churchyard at the signe of the Swan. 1603.

Segundo as citações do Senhor *Barão de Rio Branco*, cf. «Defeza dos direitos do Brazil».

1616.—*Abbeville*: « Histoire de la mission des peres capvcins en l'Isle de Maragnan et terres circonuoissines ov est traicte des singularitez admirables et moeurs merveilleuses des Indiens habitans de ce pais. Auec des missiues et aduis qui ont esté enuoyez de nouue.au Par Le R. P. Claude d'Abbeuille, etc.» A Paris, Hvby, 1614.

1624.—*Silueira*; Relação Svmaria / das Covsas do Maranhão./ Escrita pello Capitão Symão Estacio da Sylveira./ Dirigida aos pobres deste Reyno de Portugal./

Em Lisboa em 7 de Março de 1624.

Exemplar unico, existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro «Coll. Barbosa Machado».

1641.—*Acuña*: «Nvevo / Descvbrimiento / del gran Rio de las / Amazonas / Por el Padre Chrstoval (*sic*) / de Acuña, Religioso de la Compañia de / Jesus, y Calificador de la Suprema / General Inquisicion. / Al Qval FVE, Y se hizo por orden / de su Magestad, el año de 1639./ Por la Provincia de Qvito / en los Reynos del Perù./ Al Excelentissimo

Señor Conde/ Duque de Oliuares./ (Vinheta.) [(Filete)] Con licencia; En Madrid, en la Imprensa del Reyno, año de 1641.

Bello exemplar existente na «Colleção do *Abbade Diogo Barbosa Machado*, que se conserva na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

1646.—*Dudley:* Dell' Arcano del Mare, Di D. Roberto Dvdleo Dvca di Nortvmbria, e Conte di Warvick, Libri sei; etc etc. Al Serenissimo Fernando Secondo, Gran Dvca di Toscana suo Signore. In Firenze, Nella Stamperia de Francesco Onofri 1646. Con licenza dè SS. Superiori. In-folio.

Exemplar que pertencia ao *Snr. Barão do Rio Branco*. Conserva-se agora na Bibliotheca do Ministerio de Relações Exteriores, Rio de Janeiro

1690.—*Blanco*: Conversion de Piritv de indios Comanagotos, Palenques, y otros. Svs principios, y incrementos, etc. Sacalas nvevamente a lvz el P. Fr. Mathias Rviz Blanco, de la O. de N. P. S. Franc°. En Madrid: Por Juan Garcia Infançon. Año 1690.

Reimpresso na «Collecc. de libros raros ó curiosos que tratan de América». Tomo VII. Madrid, 1892.

1698.—*Froger*: «Relation d'un voyage fait en 1695, 1696 et 1697 aux Cotes d' Afrique, Détroit de Magellan, Bresil, Cayenne et Isles Antilles, par une scadre des Vaisseaux du Roi, commandée par M. de Gennes. Fait par le Sieur Froger, Ingenieur volontaire; etc.

Paris 1698.
2ª. edição franc. Paris, 1699.
3ª. » » Amsterdam, 1699.
Uma ingleza, London, 1698.

1741.—*Cassani*, P. J. (S. J.): Historia de la provincia de la Compañía de Jesus del nuevo Reyno de Granada en la America, descripcion y relacion exacta de sus gloriosas missiones en el Reyno, Llanos, Meta, y Rio Orinoco», etc. Madrid, 1741.

Fol. — XIV + 618 pp.

1745.—*Gumilla*: El Orinoco ilustrado y defendido, Historia natural, Civil y Geografica de este gran Rio» etc. Escrita por el Padre Joseph Gumilla, de la Compañia de Jesus. En Madrid. Año M. DCC. XLV.

Cf. a edição feita pelo P. *Ignacio Obregón*, Barcelona, M.DCCL XXXXI.

1745—*Condamine*, M. de la: «Relation abregée d'un voyage fait daus l'intérieur de l'Amérique Méridionale. Depuis la côte de la Mer du Sud, jusqu'aux côtes du Brésil et de la Guyane, en descendant la riviére des Amazones» etc. etc. A Paris, chez la Veuve Pissot, 1745.

Cf. a edição ingleza, London, 1747.

1779.—*Caulin:* «Historia Corographica Natural y Evangelica de la Nueva Andalucia Provincias de Cumaná, Guayana y Vertientes del Rio Orinoco,» etc. Por el M. R. P. Fr. Antonio Caulin, etc. etc., año de 1779 (Madrid).

Existe uma reimpressão feita em Carácas.

1791.—*Gumilla:* «Historia Natural, Civil e Geografica de las Naciones situadas en las riveras del rio Orinoco.» etc.. Su autor el Padre Joseph Gumilla, etc. Barcelona, MDCCLXXXXI.

1791.—*Éder*, Fr. X. (S. J.): «Descriptio provinciæ Moxitarum in regno Peruano, quam e scriptis posthumis digessit, adnotat. ill. Ab. et Consil. Reg. Mako. Cum mappa geogr. et 7 Tabulis aen. Budae, 1791.

cf. «Descripción de la provincia de los Mojos en el Reino del Perú» Trad. del latín por el P. Fr. N. Armentia, La Paz, 1888.

Tomo III da «Biblioteca Boliviana de Geografia é Historia».

★ 1807.—*Bolingbroke*, Henry: A Voyage to the Demerary containing a statistical account of the Settlements there», etc. London, s. a.

1818.—*Humboldt*, A von (und *A. Bompland*): «Reise in die Aequinoctial Gegenden des Neuen Cotinents» Stuttgart und Tubingen, 1818.

cf. as edições francezas, de 1799—1841; 1816—1831.

1825.—*Sampaio*, Francisco Xavier Ribeiro de: «Diario da viagem que em visita, e correcção das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez o ouvidor, e intendente geral da mesma... no anno de 1774 e 1775. Lisboa, Na Typographia da Academia de 1825.

Foi reproduzido na «Rev. Trimensal», I, Rio de Janeiro, 1839.

1840—*Coddazzi*: Atlas Fisico y Politico de la República de Venezuela», Caracas, 1840.

1850.—*Sampaio*, Francisco Xavier Ribeiro de: «Relação geographica-historica do Rio Branco da America Portugueza» in «Revista Trim. do Inst. Hist. e Geogr. Brazileiro». Tomo XIII, Rio de Janeiro, 1850.

IIª. Edição, Rio de Janeiro, 1872.

1852.—*Silva Araujo e Amazonas*, (Lourenço de): «Diccionario Topographico, Historico, Descriptivo da Comarca do Alto-Amazonas», por ..., Capitão-Tenente da Armada. Recife, Typographia Commercial de Meira Henriques, Rua do Collegio, n. 20 1852.

in—12°—363 pp.num. + I f. de «Errata»

Opusculo hoje summamente raro. E' um dócumento preciosissimo no tocante aos Indios do Amazonas. Utilisou-o tambem *Martius* para a redacção do parte «Ethnographie» da sua obra.

1852.—*Mosquera*, Tomaso C. de: «Memoria sobre la Geografia Fisica y

Política de la Nueva Granada» Nueva York, imprenta de J. W. Benedict, 1852.

Existe tambem uma versão ingleza.

1853.—*Cricq*, M. de Saint: «Las Indiens Cunibos» in «Bull. de Société de Géogr. de Paris», 1853.

1854.—*Amich*, P. Fr. Joseph: Compendio historico de los trabajos, fatigas, sudores y muertes que los missioneros de la seráfica religión han padecido por la conversion de las almas de los gentiles en las montañas de los Andes». Paris, 1854.

1857.—*Silva Araujo Amazonas*, Lourenço da: «Simá.» Romance historico do Alto-Amazonas. Pernambuco, Typ. de F. C. de Lemos e Silva, 1857—in—4°.

1863.—*Couto de Magalhães*, Dr. José Vieira: «Viagem ao rio Araguaya» etc. Goyaz, Typ. Provincial, 1863.

cf. *General Couto de Magalhães:*

« Primeira Viagem ao Araguaya. Escripta e publicada em 1863» S. Paulo — Typ. do «Federalista» 1889.

1864.—*Yves d'Evreux:* «Voyage dans le nord du Brésil, fait durant les années 1613 et 1614, publié d'après l'exemplaire unique conservé à la Bibliothèque Impériale de Paris, avec une introduction et notes par *Ferd. Denis*, Paris (Leipzig), 1864.

Sahira em 1615, «A Paris, François Huby» onde se imprimiu tambem a obra de *Abbeville.*

1864.—*Marques*, Cesar Augusto: «Apontamentos para o Diccionario historico e geographico, topographico e estadistico da provincia do Maranhão». Maranhão, Typ. de Frias 1864.

1873.—*Souza*, Conego Francisco Bernardino de: «Lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas». Pará. — 1873.

1874.—*Wilkens* de Mattos, João: « Diccionario topographico do departamento de Loreto na republica do Perú». Pará, Typ. do Commercio do Pará, 1874.

1876.—*Pereira do Lago*, Antonio Florencio: «Relatorio dos estudos da commissão exploradora dos rios Tocantins e Araguaya» apresentado pelo major do corpo de estado maior de 1ª classe... Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1876.

★ 1878.—*Maurel*, Dr. E.: «Étude anthropologique et ethnographique sur les Indiens Galibis» in «Bull. et Mémoires de la Société d'Anthropol». Communicat. faite à 2 de Mai 1878.

★ 1878.—*Im Thurn*, E. F.: «Tables of indian languages of British Guiana» Georgetown, 1878. (ex-*de Goeje*).

1880.—*Moraes Jardim*, Joaquim Rodrigues de: «O rio Araguaya.—Relatorio

de sua exploração pelo Major de Engenheiros... precedido de um resumo historico sobre sua navegação pelo Tenente Coronel de Engenharia Jeronimo R. de Moraes Jardim, e seguido de um estudo sobre os indios que habitam suas margens pelo D. Aristides de Souza Spinola, presidente de Goyaz». — Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1880.

1882.—«*Revista* da Exposição Anthropologica Brazileira», Rio de Janeiro 1882.

* 1882.—[van] *Koolwijk*, A. J.: «De Indianen Caraïben van het eiland Aruba» in «Tijdschr. van het Aardrijkskundig Genootschap». Amsterdam, 1882 (ex — *de Goeje*.).

1883.—*Im Thurn*, E. F.: Among the indians of Guiana». London, 1883.

1883.—*Rivero*, P. Juan (S. J.): Historia de las missiones de los llanos de Casanare, Meta, etc. Escrita el año de 1736 y publicada en Bogotá el año de 1883.

1883.—*Level*, A. Andrés: Nomenclator de Venezuela contentivo de su censo en orden alfabético». Caracas, Imp. «La Opinion Nacional», 1883.

1883.—*Crevaux*, Dr. Jules: «Voyages dans l'Amérique du Sud». Paris, 1883.

1883.—*Rokling*, A. A.: «Contra os Jauaperys» in «Revista Amazonica», nº. 3, 98—107; nº 4, 124—128. Pará, 1883.

1883.—*Lucìòli*: «Informazioni del Cav. Lucìòli su alcune regione dell' Amazzoni».

«Boll. della Soc. Geogr. Ital.» Serie II, vol. VIII, Nov. 1883. Fasc. II e 12. Roma, 1883.

1884.—*Lucìòli* —Colini: «Gli Indiani dell' Alto Amazzoni». (Notizie de Bartolomeo Lucìòli racolte ed ordinate dal dott. G. A. Colini).

«Boll. della Soc. Geogr. Italiana». Serie II, vol. IX, Luglio 1884. fasc. 7 e 9, Roma, 1884.

1886.—*Simsom*, Alfred: «Travels in the wieds of Ecuador and the exploration of the Putumayo River». London. Sampson Low & Co. 1886.

1887.—*Ernst*, A.: «Ethnographische Mittheilungen aus Venezuela» in «Vehandl der Berliner Antrhopol. Gesellsch.». — «Zeitschrift für Ethnologie». Berlin, 1887.

1888.—*Brigido*, J.: «Apontamentos para a historia do Cariri (chronica do sul do Ceará)». Edição reproduzida do «Diario de Pernambuco» de 1861. Typ. da Gazeta do Norte, 1888.

1888.—*Martin* (de Nantes): Histoire de la mission du P... Capucin de la Provincie de Bretagne chez les Cariris Tribu sauvage du Brésil 1671 — 1688». Réimpression éxécutée par les soins du R. P. Apollinaire Valence réligieux du même ordre. Rome, Archives Générales de l'Ordre des Capucins, Place Barberini, 1888.

* 1888 (?).—*Maurel*, Dr. E.: «Quelques mots sur les Peaux-Rouges de la Guyane, leur utilisation, leur avenir».

cf. «Société de Géographie de Toulouse» séance 17 Décembre 1888 (?).

* 1889.—*Maurel*, Dr. E.: «Ethnographie des Galibis». Conférence, Soc. de Géogr. de Toulouse, 4 Février, 1889.

1889.—*Espada*, Márco Jimenez de la: «Viage del Capitàn Pedro Teixeira aguas arriba del rio de las Amazonas (1638-1639)». Madrid, Imprenta de Fortanet, 1889.

Cf. «Bolet. de la Sociedad. Geográfica de Madrid, 1889.

1889.—*Anonymo*, (P. P. Maroni?): «Noticias auténticas del famoso rio Marañon y misión apostolica de la Compañía de Jesus de la Provincia de Quito en los dilatados bosques de dicho rio». Escríbiolas por los años de 1738 un Missionero de la misma Compañía. Madrid, 1889

cf. «Bol. de la Sociedad Geográfica de Madrid». Tomo XXVI e ss.

1890.—*Grupe y Thode*, G.: «Ueber den Rio Blanco and die anwohnenden Indianer» in «Globus» Bd. 57. Braunschweig, 1890.

1891.—*Ehrenreich*, Dr. Paul: «Die Eintheilung und Verbreitung der Volkerstämme Brasiliens nach dem gegenwartigen Stande unserer Kenntnisse» in «Dr. Petermann's Mittheil» Bd. 37, 81—89, 114—124. Gotha, 1891.

1891.—*Stradelli*, Enrico: «Catalogo da collecção ethnographica proveniente do Rio Uaupés e Affluentes» Pará.—Typ. de Tavares Cardoso & C^{a}.— 1891. (de 8 pp. in-8.)

1891.—*Brinton*, Daniel G.: «The American race»: etc. New York, 1891.

1891.—*Ehrenreich*, Dr. P.: «Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens», Von...

I.—«Die Karayástämme am Rio Araguaya (Goyaz).

II.—«Ueber einige Völker am Rio Purús» (Amazonas).

Cf. «Veröffentlich. aus d. Kgl. Museum f. Volkerk.», Bd. II, Berlin, 1891.

1892.—*Ehrenreich*, Dr. Paul: «Stromfahrten», in «Globus», Braunschweig.

* 1893.—*Urquhart*, D. R.: «Among the Campas Indians of Peru» By... in «Scottisch Geogr. Magazine», 9, pp. 348.-359 (1893).

1893.—*Candelier*, H.: «Le Rio Hacha et les Indiens Goajires» par...Paris, Firmin—Didot á Cie. 1893.

1893.—*Hartsinck*, J. J.: «The Indians of Guiana», Translated from the Dutch of... in «Timehri» 7,4—74. in «Georgetown (?), 1893,

1894.—*Dolbiy Tylor*, Charles: «The river Napo» in «Geographical Journal» etc. Vol. III, 476—484. London, 1894.

1894.—*Carvajal*—Medina: «El descubrimiento del Rio de las Amazonas, según la Relacion del P. Fr. Gaspar de Carvajal.» Sevilla, 1894.

1895.—*Froidevaux*, Henri: «Explorations françaises à l'interieur de la Guyane pendant le second quart du XVIIIe siècle (1720—1742)». —Paris Imprimerie Nationale, MDCCCXCV.

* 1897.—*Perez Triana*, S.: De Bogotá al Atlantico por la via de los rios Meta, Vichada, y Orinoco». Paris, 1897.

1897.—*Toro*, E.: «Por las Selvas de Guayana» Caracas, 1897.

1897.—*Sapper*, Carl: «Mittelamerikanische Caraïben» in «Archives Internat. d'Ethnographie,» X, Leiden, 1897.

1898.—*Goeldi*, Dr. Emilio Augusto: O estado actual dos conhecimentos sobre os indios do Brazil».

«Boletim do Museu Paraense» Vol. II, n. 4. Pará (Brasil): 1898.

1899.—*Alvarez Maldonado* — Ulloa: «Relación de la Jornada y Descubrimiento del Rio Manu (hoy Madre de Dios), por Juan Alvarez Maldonado». Publícala Luiz Ulloa, Sevilla, 1899.

Reimpressa pelo *Dr Victor M. Maúrtua* no «Alegato del Perú».

1900.—*Goeldi*, Dr. Emilio Augusto: «Excavações Archeologicas em 1895 executados pelo Museu Paraense no Littoral da Guyana Brazileira entre o Oyapock e Amazonas», in «Memorias do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia». Pará — 1900. (Reimpresso Para, 1905).

1901—*Tavera-Acosta*, B.: «Memorias del Amazonas». Ciudad de Bolívar, 1901.

1901.—*Chantre y Herrera*, P. José.: «Historia de las Missiones de la Compañía de Jesús en el Marañón Español (1637—1767)». Madrid, 1901.

1903.—(van) *Coll*, C.: «Gegevens over Land en Volk van Suriname» in «Bijdr. t. d. Taal-, Land-en Volkenkunde van Ned.-Indie. 7de volgr., 1e deel, 1903.

1903.—«*Vias* del Pacifico al Madre de Dios», Publicación de la Junta de vias fluviales. Lima, 1903.

1903.—*Gallais*, Estevão de: «Uma catechese entre os Indios do Araguaya» S. Paulo, 1903.

1904.—*Figueroa*, P. Francisco de (S. J.): «Relación de las Missiones de la Compañia de Jesús en el país de los Maynas» in «Colecc. de los libros y doc. refer. á la historia de América». Tomo I. Madrid, 1904.

1904.—*Combe*, Ernesto de la: «El Istmo de Fitzcarrald». Informe del Jefe de la Comisión Exploradora, Coronel... Publicación de la Junta de vias fluviales. Lima, 1904.

1904.—*Ehrenreich*, Dr. Paul: «Die Ethnographie Südamerikas im Beginn des XX. Jahrh. unter besond. Berücksicht. der Naturvolker», in «Archiv. für Antropologie» N. F., Bd. III, H. 1. Braunschweig, 1904.

1905.—*Ehrenreich,* Dr. Paul: «Die Mythen und Legenden der Südamerikanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen Nordamerikas und der alten Welt» Supplement. «Zeitschrift für Ethnologie». 37 Yahrg. Berlin, Verlag von A. Asher & C°. 1905.

* 1905.—*Tavera-Acosta,* B.: «Anales de Guayana». Ciudad de Bolívar, 1905.

1906.—*Goeje,* C. H. de: «Bijdrage tot de ethnographie der Surinaamsche Indianen» in «Archives Internationales d'Ethnographie». Tome XVII, Supplement. Leide, 1906.

1906.—*Tavera-Acosta,* B.: «Rio Negro». Ciudad de Bolívar, 1906.

* 1907.—(van) *Coll,* C.: «Journal de Surinam», 8 Sept, 1907. Paramaribo (cf. *de Goeje*).

1907.—*Triana,* Miguel: «Por el Sur de Colombia», Paris, s. a. (1907).

1908.—*Königswald,* Gustav von: «Die Carajá-Indianer», in «Globus», XCIV, n° 14 pp. 217—233; n°. 15 pp. 232—238. Braunschweig, 1908.

1910.—*Betendorf,* João Felippe: «Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus do Estado da Maranhão». Pelo Padre... in «Revista Trim. do Inst. Hist. e Geogr. Brazileiro» Tomo LXXII, parte I. Rio de Janeiro. 1910.

Nordenskiöld, Erland: «Meine Reise in Bolivia 1908—1909», in «Globus», XCVII, n°. 14. Braunschweig, 1910.

* 1910.—*Hardenburg,* «The Indians of the Putumayo, Upper Amazon» in «Man», September 1910, (ex—«Globus).

IV. MANUSCRIPTOS.

* (XVIII) s. a.—*Ximenez,* Fray F.: «Arte de la lengua Caribe».

Conserva-se este Ms., que pertenceu a Humboldt, na Real Bibliotheca Publica, em Berlim.

(XVIII) s. a.—*Semartoni,* Ignatio: «Sequentes Notitias de Rio Negro sic, ut hic sunt, conscriptas a P... accepi.

Ms. in—4°. de 99 pp. Autogr. existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Sahirá commentado e annotado nas «Memorias do Museu Goeldi (—Paraense)».

* Anonymo.—«Arte de la lengua Kiriri, por el *P. Manoel Joaquim Uriarte.*

cf. *Chantre y Herrera,* p. 413.

«*de la Viñaza,* n°.1067, Doctrina y Vocabulario en la lengua del Napo [1], por el *P. Manuel Joaquim Uriarte,* S. J.

(1) *Chantre y Herrera,* refere-se á uns indios *Tiriri* do Rio Napo. Serão os mesmos

★ s. a.—(van) *Coll*, C.: «Quelques notes grammaticales sur la langue caraïbe» (ex *de Goeje*).

★ *Anonymo*: «Vocabulario de la Lengua Passa ó Setaba» (1). in—8º (1795).

1800.—*Marqués*, Fr. B.: «Vocabulario de la Lengua Cuníba,, escrito por el P. Fr. Buenav.ra Marqués Pred App.co en Vcayali, alias Manóa, del castellano al cuníbo», etc. etc.

Manóa y Desiembre 25 de 1800 (2).

Msc. autographo, Bibliotheca Nacional de Lima (em parte publ.).

1800(?).—*Marqués*, P. Fr. Buenaventura, O. M.

«Fragmentos del Arte Idioma Conivo, Setevo, Sipibo y Casivo ó Comavo, que hablan los indios asi llamados, que residen á las margenes del famoso Rio Paro alias Ucayali y de sus tributarios Manoa, Cuxiabatay, Pisqui, Aguaytia y Pachitea».

Msc. autógrapho inedito, existente na Bibliotheca Nacional de Lima (cop. *Schuller*). Está no prelo.

★ 1844.—*Brett*, W. H: «Vocabulary, of the Caribisce language, extract from Genesis», etc. 1844.

Em poder da familia Brett, em Loughborough, Inglaterra (cf. v. *Goeje*).

★ 1853.—*Browne*, J. A.: «Vocabulaire caraïbe de St Vincent.» 1853.

Em poder da familia Brett, Loughborough, Inglaterra (cf. *de Goeje*).

1890.—*Capistrano de Abreu*, João: Msc. *Bakaery* (textos e vocabularios) Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

★ 1907.—*Goeje*, C. H. de: «Vocabulaire Arrouague» Albina, 1907. (cf. *de Goeje*, 1910).

1908.—*Schuller*, Rodolfo R.: «Contribución al estudio de la lengua de los indios Campa—Atziri del Gran Pajonal y del Rio Apurimac» (Vocabulario y frases).

1908.—*Schuller*,(3) Rodolfo R.: «Die Sprache der Amuéscha-Indianer» (Perú).

V. OBRAS BIBLIOGRAPHICAS

1847.—*Vater*, Johann Severin: «Litteratur der Grammatiken, Lexika und Wörtersammlungen aller Sprachen der Erde». 2. Auflage. Von B. Jülg. Berlin, 1847.

---

(1) *Ludewig*, p. 162, se equivocou evidentemente ao transcrever este titulo.

E' «Vocabulario de la Lengua *Pana* ó *Séteba*» Msc, que segundo informações que obtive, existe no Museu Britannico.

(2) A copia de Londres traz: «San Antonio de Canchahuaya, en Ucayali y Diz.re 26 de 1800» cf. *de la Viñaza*,

(3) «Breve contribución para el conocimiento de las lenguas del grupo Nu-aruáque» no «Anthropos», 1911, Vien-Modling.

1858.—*Ludewig-Turner:* «The Literature of American Aboriginal Languages» By Hermann E. Ludewig. With Additions and Corrections by Professor WM. W. Turner.—Trübner, London: MDCCCLVIII.

1880.—*Valle Cabral*, Alfredo do: «Bibliographia da Lingua Tupi ou Guaraní chamada tambem Lingua geral do Brazil». — Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1880.

cf. «Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro». Vol. VIII.

1881—1882.—«Catalogo da Exposição de Historia do Brazil» Tomo I, II, e III (Supplemento ao Catalogo).

cf. «Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro», vol. IX 1880—1881.

1892.—*Viñaza*, conde de la: «Bibliografía Española de las lenguas indigenas de la America del Sur». Madrid, 1892.

MEMORIA

Sobre o Estado Actual da Capitania de Minas Geraes

POR

JOZÉ ELOI OTTONI

MEMORIA

Sobre o estado actual da Capitn.ª do Minas Geraes

POR

JOZÉ ELOI OTTONI

ESTANDO EM LISBOA NO ANNO DE 1798.

O Paiz de Minas-Geraes (1) hé huma daquellas Capitn.as que formão o grande Contin.e do Brazil, da qual podemos dizer que a natureza liberalm.e confára os thezoiros da abundancia; não tanto por haver ali criado o oiro, o diamante, a crizolita e outras pedras preciozas, como pela fertilid.e do terreno, que larga e profuzam.e produz, alem dos generos da primeira necessidade todos os mais, que podem fazer consideravel o objecto do nosso Commercio, como são as canas do assucar, o caffé, a baunilha, o cacau, a coxonilha, o tabaco e o algudão (2). Este paiz, que em poucos annos podia elevar-se a hum ponto de grandeza superior a todas as outras Regioens do Contin.e pelo aumento da sua população, p.la affluencia dos Reais direitos, e ainde mesmo p.las vantagens da mineração, (3) longe de preencher as esperanças do nosso Portugal, caminha apressadamente para a sua ultima ruina; huma vez que a extracção do oiro (único objecto da industria daquelles povos), tem chegado á tal ponto de difficuld.e, que excede as forças dos Mineiros, e redunda em

detrimento do Estado. Eu vou provar esta asserção, produzindo factos, cuja illação naturalmente se deduz por legitima consequencia.

O oiro, esta producção da natureza, que huma vez creada e removida do seo centro jámais se reproduz, para ser extrahido da superficie da terra, ou seja nos montes, ou á margem de rios, ou ainda mesmo no álveo de pequenos regatos, exige dos Mineiros pequena dispeza pela facilid.ᵉ com que se extrahe nos seos pr.ᵉᵉ descobrimentos; porem logo que esta porção se extrahio, e que a experiencia foi conduzindo os Mineiros á necessidade de profundar as catas (4), de pôr cerco á rios caudalozos, e de minar os montes, gradativam.ᵉ forão tão bem crescendo o trabalho e a dispeza, não só p.ᵒ difficuld.ᵉ da mineração, como p.ᵒ necessario consumo que se faz do ferro e aço; generos, que vão da Europa, e que alem de pagarem direitos nas Alfandegas, pagão tãobem o Quinto, e carretos excessivos pela difficuldade da sua importação. Mas apezar de ser grande a dispeza, que se faz em ferro e aço, não hé comtudo este artigo tão consideravel, que por si só destrúa e arruine os interesses da mineração: a necessidade de escravos, que sendo capazes de todo o trabalho, se comprão a cento e sincoenta mil reis e á mais cada hum, esta he sem duvida a origem dos maiores obstaculos, que os Mineiros tem de vencer; porque como mortais, estão os escravos sugeitos á velhice, á doença e á morte; e esta muitas vezes se accelera ou debaixo das ruínas de huma cata profunda, ou no cerco dos rios, que huma improvista cheia ou outro algum incid.ᵉ arrombara. (5) Este damno se faz tão sensivel, que no decurso de poucos annos se vem a perder fábricas inteiras, ainda as de maior escravatura: e os pequenos lucros, que por esta cauza se tirão da mineração, em vez de a fomentarem de novo se consomem todos no Juizo da Superintendencia, ou defendendo o privilegio concedido pelo Snr. Rei D. José aos Mineiros de trinta escravos, ou apôiando a ambição de terras e agoas mineraes; únicos bens, que restão aos pobres Mineiros, conservados por meio de Litigios que em sim.ᵉˢ factos se fazem eternos. E como os Mineiros se vem opprimidos,

recorrem aos meios que tem; devastão as terras que, havendo forças sufficientes, devião ser lavradas á talho aberto, e fazem correr os entulhos sobre canais, que ainda podião ser uteis. Deste modo as terras de mineração em poucos annos se tornão inuteis; e os Mineiros succumbem aos mizeraveis effeitos da indigencia. Quem não vê que estas cauzas diametralm.^e se oppoem aos lucros da mineração? E que os seos effeitos recahem sobre as vantagens da Coroa? A proseguir este méthodo, jamais se poderão perencher as cem arrobas do Quinto; e aquella Colonia, em vez de erguer-se florente, se tornará gravoza ao Estado. Alguns Politicos se tem lembrado, q. os meios mais efficazes de destruir todos este oppostos serião as associaçoens feitas por auctorid.^e publica, o proseguim.^to das frotas p.^a o commercio, o cunho de moeda provincial naquelle paiz, e sobre tudo o valor do oiro a mil e quinhentos por oitava. Porem eu direi sobre cada hum destes artigos o que me parece mais conforme a razão. Hé certo que as associaçoens, aumentando as forças dos Mineiros, aumentão tãobem os progressos da mineração som.^e por alguns annos; pois este meio não serve mais que de paliar os effeitos do damno, sem que jámais possa extinguir-lhe a sua cauza formal; porque lavradas á talho aberto as terras, e extrahida aquella porção de oiro, que hé compativel com as forças humanas, infallivelmente virão os povos a recahir na sua pr.^a disgraça, de nenhum modo podendo ser perennes os lucros da mineração. Comtudo eu não abuso das associaçoens; no decurso desta memoria farei dellas a devida applicação.

O proseguim.^to das frotas de nenhum modo deve ser admittido; porque alem de se oppor á activid.^e favorece á indolencia de que aquelles povos por uma cauza fizica são susceptiveis; e os effeitos que os fautores desta opinião presuppõem são inteiram.^e imaginarios. Se o termo periodico das frotas (seg.^do elles dizem) dava tempo aos Mineiros para acabarem perfeitamente os serviços (6) e acudirem com o pagamento dos creditos vencidos á Praça do Rio de Janeiro, hé porque a mineração não havia ainda

chegado á aquelle ponto de difficuld.ª que só com o decurso do tempo se deve desenvolver.

E se os Commerciantes daquella Praça prezentemente vexão e opprimem os Negociadores das Minas, hé em razão do Luxo que se tem introduzido no Rio de Janeiro vindo a ser cauza da oppreção e vexame a restricção do tempo que o mesmo Luxo tem feito inseparavel dos Contractos. (7). Finalmente se as frotas ainda hoje existissem (o que de algum modo vemos pela necessidade do Comboi) nem por isso seria mais vantajoza a soma do Quinto; o que realm.ª tem acontecido, salvo, se contrapezarmos a remessa de dous ou tres annos com aquella que anteriorm.ª se fazia de hum só.

Quanto ao cunho de moeda provincial, estabelecida naquelle paiz, hé este sem duvida hum grande socorro ás necessidades do publico; porem não hé com tudo bast.ª para aumentar os direitos da Coroa. Eu bem vejo que o Commercio cresce, e q. cresce igualmente a população, girando moeda que exista. Porem como nas Minas não pode o Commercio adquirir aquella força activa, que promove os interesses do Estado, pela difficuld.ª da importação dos generos extranhos, e por não se promoverem os meios da exportação dos proprios generos; segue-se, que não havendo alguma troca de generos por outros generos, ou se hão de pagar a dinheiro os generos importados, ou há de parar o Commercio, que seg.do os generos do paiz pode vir a ser de grande utilidade ao nosso Portugal; não só por fornecer abastecimento ás fabricas nacionaes, como principalm.ª por aumentar o superfluo de huma Nação, que protegendo o Commercio do Brazil, pode ser independente de todas as outras, para obter e firmar com segurança os meios da sua prosperidade (8). O valor do oiro a mil e quinhentos por oitava faz huma grande vantagem nos trez tustoens, que accrescem; porem como hé precizo compençar a falta, que Sua Mag.ª vem a perceber deste modo, eu não estou pela opinião dos que abrassão a força de hum imposto removido de hum genero p.a outro genero; porque sendo os individuos os mesmos, sugeitos a huma impozição sempre a mesma, segue-se que

da mesma cauza hão de proceder sempre os mesmos effeitos: pois se o Mineiro percebe mais tres tustoens em cada oitava de oiro, esta mesma vantagem faz que subão de preço os generos importados; e por consequencia estão os Mineiros no mesmo estado de abattim.to por não haver na Capitania hum só genero, q. possa suster a força de hum imposto ainda o mais leve emquanto não se crearem no Brazil alguns ramos do mecanismo e da industria. Eis aqui a origem da abundancia, a protectora das artes, a mãen do provido trabalho, a industria... eis aqui som.e quem pode assegurar a independencia das naçoens. Hé tão evidente a força desta questão, que não preciza ser demonstrada. Vamos porem acudir á decadencia de Minas Gerais.

Os unicos meios mais poderozos de restabelecer e animar a população daquelle paiz, e ainda mesmo de fomentar o objecto da mineração, consistem som.e, em se promoverem a Agricultura e o Commercio, removendo-se toda a difficuld.e da importação dos generos extranhos, e facilitando-se por consequencia a exportação dos proprios generos. Emquanto estes meios não forem desenvolvidos, debalde se applicarão outros, que possão aumentar os lucros da mineração. E S. Mag.e pode vir a tirar as cem arrobas de Quinto, assim como a perceber outras vantagens talvez maiores, se os povos puderem sacudir o vexame, que os opprime, removida toda aquella difficuld.e. O que se pode conseguir de dois modos. O pr.o hé abrindo-se estradas francas que cortem directam.e á L'Este de V.a R.a, do Serro do frio, e de Minas Novas; as quais segundo a Latitude daquellas Villas podem abbreviar a maior parte da distancia que vai da Capitania aos Portos do mar. Os caminhos por onde se faz o trafico daquelles povos foram abertos por tal direcção, que a longitude de sincoenta ou quando muito secenta legoas se extende a cem, cento e sincoenta, e duzentas legoas. E feita a sua direcção por pessoa que tenha a necessaria intelligencia não deve exceder, como já disse, a viagem de secenta legoas. De V. R.a se deve procurar o Porto mais commodo nos Campos dos Ouctacazes. Do Serro do frio na Capitania do Espirito Santo e de Minas Novas em huma

das duas Villas que ficão ao Sul da Bahia ou Porto Seguro ou a V.ª de S. Matheus.

O segundo hé abrindo-se a navegação de dois rios, os maiores que há na Capitania e que facilmente se podem fazer navegaveis, o Rio de S. Fr.co e o Rio dôce que por diversos brassos entrão por toda a Capitania, como eu vou demonstrar. Pelo Rio S.to Antonio se vae ter á Comarca do Serro do frio. Pelo rio *Parassicaba* á Comarca *do Sabará*. E p.lo *Guarapiranga* se atravessa o Termo de Marianna, e se vai ter á Comarca do Rio das mortes. Todos estes são brassos do Rio dôce. Pelo rio da prata se vai ter á Pracatu. Pelo rio das velhas á V.ª do *Sabará* e á visinhança de Vª. Rica. Pelo rio *Paraupéba* se entra pelas Comarcas de Vª Rª e de S. João d' El Rei. E pelo *Pará* se atravessa o Termo de S. Jozé e se vai ter a Pitanguî. Todos estes são brassos do Rio de S. Fr.co. Alem destes há tãobem outros rios, que podem servír para o Commercio interior; vem a ser, o rio das mortes que banha as duas Villas de S. João d'El Rei e S. Jozé. O *Sapucahî* que hé hum brasso do rio grande e rega huma grande extenção da campanha do rio verde. O mesmo rio verde que atravessa o paiz a quem dá o nome. O rio grande que banha a *Joruoca*. Finalmente há tãobem o rio da pomba que entra pela Capitania e forma hum brasso do Rio *Paraïba*. Os transportes de huns para outros brassos se podem fazer por hum pequeno tranzito por terra, isto hé, quanto ao Comercio interior; que para o exterior eu sou de parecer que as exportaçoens se devão fazer pelo Rio dôce por ser este o mais vizinho ao mar. Pelo Rio de S. Francisco se devem exportar os generos de que abundão as suas margens, situação que merece o nome de paraizo terrestre; porque sendo em p.es tão dilatadas as suas planices, que a vista vai cançada topar no horisonte, todas ellas, bem como as do Nilo, depois de regadas pela grossa cheia que annualmente as inunda, produzem copiozamente não só os generos necessarios para a vida do homem como tãobem aquelles, que podem aumentar o seo superfluo, e fazer a felicidade de huma grande extenção de terreno, que apezar da sua fecundidade se acha ainda quazi èrmo e inculto.

Bordado de pequenas collinas que se levantão no meio da planice, e aonde as inundaçoens jamais chegão; cobertos os campos de huma especie de grama viçoza; matizados os seos recintos de arbustos sempre verdejantes, vestidos sempre de flores e fructo; offerece todo aquelle paiz o quadro mais bello, que a natureza produzio á beneficio da humanidade (*) Esta pintura nada tem de poetica. Aquí não brilha outra coiza que um raio da Verdade. Eu não falo das margens que bordão as duas Capitanias de Pernambuco e Bahia; estas mesmas podem ser vantajozas. Por hora eu discorro som.^e sobre a grande extenção de terreno, que o Rio de S. Francisco banha na Capitania de Minas Gerais. A navegação destes dois Rios se pode conseguir com facilid.^e athé a sua embocadura no mar. No Rio de S. Francisco só ha que vencer a grande cachoeira chamada de Paulo Affonço; o que se pode conseguir desviando-se o Rio por hum dos dois lados: e no Rio dôce são tão pequenas as difficuld.^es, que nenhuma dellas merece ser nomeiada. P.^a se costeiar o Commercio dever-se-há uzar das canôas de voga: huma só aloja mais carga do que podem levar vinte bestas; o preço d'estas, sendo arreiadas e promptas chega necessariam.^e á dispeza de oito centos mil reis; e o valor d'aquella não excede a de cem mil reis. Hé tão pequena a differença como a de hum para oito, alem de ser mais consideravel o risco de vinte bestas do q. aquelle que corre huma canôa. Facilitados deste modo os meios da exportação, segue-se infallivelm.^e, que os generos importados hão de descer do preço em que estão por duas razoens: pr.^a, porque a sua importação hé mais facil, e por consequ.^a menos dispendioza: seg.^da, porque havendo generos de exportação, o seu lucro vem a compençar, e talvez com vantagem, o abattim.^to do preço dos generos importados. O que tudo conduz p.^a o aum.^to da Mineração; pois antes da apuração do oiro, que nos grandes serviços som.^e se faz depois de hum anno e mais de trabalho, vão os Min.^ros cobrindo as suas dispezas com os generos da Lavoira, sendo p.^a este fim deputada aquella porção de escravos que for necessaria.

Deste modo he que podem vir a ser úteis as associaçoens,

feitas por aucthorid.ᵉ publica, comtanto que o seó plano seja formado por aquellas normas que prescrevem a equidade e a razão. Porem como talvez se me opponha que o Mineiro não pode ser ao mesmo tempo Lavrador e Mineiro eu vou explanar a materia, destruindo a impugnação deste modo. As associaçoens exigem som.ᵉ hum Administrador, cuja escolha deve ser feita com circumspecção e prudencia. Sendo assim, n'huma corporação, por exemplo, de sincoenta interessados, hum só vem a fazer os off.ᵒˢ de Mineiro, e os quarenta e nove se podem empregar em diversos ramos da industria.

E quando o Mineiro seja tão poderozo de escravos, que sem o recurso da associação por si só possa minerar, não há difficuld.ᵉ que se lhe opponha p.ª repartir as suas forças entre dous ramos oppostos, Agricultura e mineração; pois apezar de se destruirem mutuam.ᵉ um ao outro, este obstaculo comtudo só podería existir n'hum Paiz que fosse limitado; o que não acontece nas Minas, aonde hé tal a extenção do terreno que ainda os nossos quartos netos não chegarão á habitalo. Alem de que toda a força da mineração as mais das vezes se faz ou na p.ᵉ mais escabroza e discalvada dos montes, ou na cama dos rios, e quando entre por terras de cultura, não põem o Mineiro na necessidade de indemnizar-se.

Si bem que a ser outro o ponto de vista do nosso Ministerio, eu me exforçara a explanar as grandes vantagens, que sómente a Agricultura pode produzir naquelle paiz. E para provar a m.ª asserção não me seria preciso traçar hum plano de vantagens futuras, nem cançar a ideia com o projecto de hum calculo, que só com o decurso dos tempos produz o rezultado de observaçoens exactas. Bastaria voltar-me p.ª o Reinado feliz, doS.ʳ D. Manoel. Epoca venturoza! Quando dentro do nosso Portugal se mantinhão independentes quatro milhoens de habitantes! Hoje... que magoa! nem as minas do oiro nem as minas dos diamantes, podem fazer subzistir sem o soccorro extrangeiro huma população que não chega a tres milhoens de habitantes! Donde se deve concluir, que infelizm.ᵉ para o nosso Portugal se descobrirão as Minas (¹⁰⁰);

pois que nos fizerão disprezar as verdadeiras riquezas da Agricultura p.ª corrermos cançados apóz hum fantasma de riquezas imaginarias. Porem supponhamos que hé util o proseguimento da mineração, vamos desenvolver outra difficuld.ª que se lhe oppoem e vem a ser as Demandas.

Aquellas, que versão sobre a sustentação do privilegio dos Mineiros, ficão destruidas, huma vez que tenhão extracção e consumo os generos da Lavoira; porque facilitados os meios da exportação, cresce infallivelm.ª a Agricultura e cessam por consequ.ª o vexame de credores importunos, e a cavilloza ambição com que naquelle paiz apôia os seus interesses sobre a ruina dos Mineiros a turba iniqua de escrivaens, meirinhos e Letrados. Mas como deste modo não fica ainda extincto o capricho (affecto domin.ª que preoccupa a maior parte daquelles povos) hé precizo desviar-lhe o recurso pelo modo possivel. As controversias que se levantão no Juizo da Superitendencia sobre terras e agoas mineraes, engrossão tão altos volumes que os filhos muitas vezes não chegão a ver sentenciadas á final aquellas Acçoens, que forão propostas por seos pais. Pelo que eu penço que seria m.^to bem concebida huma Lei, pela qual S. Mag.ª determine que todo os Letigios desta natureza devão ser decididos summariam.ª por huma Junta de Mineiros, prezididos pelo Superitend.ª respectivo. Isto por duas razoens; pr.ª, porque estes homens são os que sabem de facto sobre aquellas materias; segunda, porque toda a demora de cauzas pertencentes á terras e agoas mineraes redunda em detrimento grave dos Mineiros e por consequencia conduz m.^to p.ª a falta do Quinto. Porem como hé um ponto de evidencia, que nem toda a formação da terra fornece abundancia de oiro (11) que compence o trabalho e a dispeza da mineração, hé precizo vencermos outra difficuldade que ainda nos resta, e talvez de mais consequencia.

O descobrimento das Minas foi p.^la maior p.ª obra dos Paulistas (12) que nutridos da mais estupida indolencia vivião de côrso, preferindo os incommodos de huma existencia precaria á honra do trabalho e ás vantagens da industria. A conquista dos

Indios animava o objecto de descoberta, saciando a ferocid.ᵉ dos conquistadores com a servidão dos seos sim.ᵉˢ Deste modo os Paulistas formavão bandeiras (13) e intrando pelo centro do continente se abarracavão á margem de rios, ou ainda m.ᵐᵒ de pequenos regatos, que ainda não lavrados fornecessem abundancia de oiro extrahido sem difficuld.ᵉ ou dispendio. O rumor destas associaçoens se espalhava; os povos concorrião; e em pouco tempo se organizavão os membros de huma pequena Sociedade. Eis aqui o pr.º estabelecimento da Capitania de Minas Gerais. A surpreza deste projecto á primeira vista deve mover a sensibilid.ᵉ dos animos, inculcando talvez os grandes obstaculos que tem de vencer quem entra por um paiz incognito, coberto de huma matta espessa e habitado som.ᵉ de incolas ferozes e barbaros. Porem os nossos bons Descobridores possuião a arte de curar bem a pelle, sem se entregarem ao mais pequeno incommodo da derrota. Os infelices Indios conquistados erão outros tantos battedores que precedião abrindo caminho, por onde tranquillam.ᵉ passasse o estupido e insensivel Campião conduzido n'huma rede aos hombros dos seus sim.ᵉˢ, cuja infeliz sorte proseguiria ainda mais tempo, se lhes não acudisse a sempre memoravel, indelevel e humana piedade do S.ᵒʳ Rey D. Jozé de feliz e eterna memoria. Estes descobrimentos ainda que informes, forão comtudo de m.ᵗᵃ vantagem para o uso da mineração; e á proporção que cessarão forão cessando tão bem os progressos da extracção do Oiro. Portanto eu seria de accordo, que se animassem os Bandeiristas excitando-se o projecto de novos Descobrim.ᵗᵒˢ por meios de graças, privilegios e indultos concedidos aquelles que inflamados de hum zelo Patriotico entrarem p.ᵃˢ matta geral não com o espirito de conquista, sim como hóspedes sensiveis e humanos, que encarando som.ᵉ o objecto da Socied.ᵉ vão libertar diversas Tribus errantes do infame jugo da estupidez e da inercia. Daqui podem rezultar duas grandes vantagens: a primeira hé o estabelecimento de novas Sociedades, que sendo animadas por diverso modo do que athéqui se tem praticado, (14) podem ao mesmo tempo dilatar a Igreja e utilizar ao Estado dando de

livre vontade a Deos o que he de Deos, ao Cezar o que he do Cezar. A segunda he descobrirse oiro e pedras preciozas talvez em mais abundancia do que se tem discuberto, segundo a direcção de alguns roteiros, que ha dos primeiros Descobridores. A dar-se-lhes credito, as maiores preciozidades ainda estão por se descobrir. Mas ainda m.^mo por hum argumento de analogia devemos suppor que dentro da matta se podem fazer descobrim.^tos yantajozos e úteis; do que há alguma evidencia, segundo as noticias que os mesmos Indios nos tem transmittido. Eu pudéra descrever factos veridicos que contestão e provão as grandes vantagens que os descubrim.^tos, tem produzido nas Minas se me não occorresse o que acabamos de ver sobre a scena dos nossos dias; o grande diamante que há pouco se deo á manifesto foi justam.^e effeito de huma bandeira.

Finalmente os Indios referem, e os que tem chegado ás suas Aldeias attestão que em toda a matta da Capitania de Minas Geraes he tal a fertilid.^e do terreno, que a maior p.^te dos nossos generos espontaneam.^e produzem sem mais cultura do que hum próvido effeito da sabia natureza, que prevendo talvez a inercia dos Indios conserva á beneficio da humanid.^e a raiz e a sem.^e, que depozitadas na terra vem a seo tempo a produzir na propria estação. Que incomparaveis riquezas nos promette a Agricultura naquelle paiz! Este manancial da humana prosperid.^e he a baze mais solida sobre a qual se firma com segurança a planta dos Estados florentes. E como a Agricultura hé somente quem fornece á Industria a materia necessaria p.^a a sua mam-d'obra, he preciso deliberarmos sobre a cultura daquelles generos que aumentão a massa do superfluo que he a alma do Commercio.

Os Lavradores devem ser obr.^as a promover, cada hum seg.^do as suas forças a plantação do caffé, baunilha, cacau, anil e coxonilha (15) pois hé tal a negligencia a respeito destes generos, que a sua producção actual não cobre o necessar.^o consummo. Ainda que esta obr.^am ao principio pareça vexame, comtudo se deve proseguir a obrigallos debaixo de certas penas; porque o lucro que ao depois hão de ir percebendo os convencerá

pouco a pouco da utilid.ᵉ que podem tirar, e com o decurso do tempo virão a entregar-se voluntariam.ᵉ á sua cultura. Esta ordem debalde será encarregada aos Corregedores e ás Cameras. Estas como annualm.ᵉ se renovão, caprixão dentro do seo tempo em se conservar n'huma perfeita armonia com os Lavradores do paiz, por serem todos mutuam.ᵉ ou Am.ᵒˢ ou Parentes ou Vizinhos e por esta razão as Leis Municipaes jamais ali se observão. Aquelles sendo ao mesmo tempo Corregedores, Ouvidores, Provedores de Capellas e Reziduos, Superintend.ᵉˢ, Juizes da Coroa, e há tal comarca aonde são athé Intendentes do oiro, revestidos de tanta aucthorid.ᵉ eu não sei como possão perencher a administração da Justiça (15). Portanto eu sou de parecer, que p.ª boa ordem da Agricultura se devão crear sinco Inspectores munidos da aucthorid.ᵉ necessaria. Hum em toda a Com.ᶜᵃ do Serro do frio, outro na do Sabará, o terceᵒ na de V.ª Rica, o quarto na de S. João del Rei, e o quinto em Pracatû e S. Romão que se devem dismembrar da Comarca do Sabará, não só p.ᵃ sua longitude como principalm.ᵉ porque só estes dois lugares podem fomentar em grande p.ᵉ o commercio do paiz. Estes Inspectores devem obrar de concerto huns com os outros, conservando-se sempre n'huma perfeita intelligencia, pelo Correio. Do que podem rezultar duas grandes vantagens: pr.ª, dos progressos que cada hum fizer na sua Repart.ᵃᵐ, se podem desenvolver, ou certos obstaculos, que se devão reparar, ou alguns conhecimentos uteis que dependem da practica e que só por experiencia se adquirem: segunda, como há certos generos cujo producção he som.ᵉ vantajoza em tal e tal terreno, pode acontecer que este genero fomente o Commercio desta Comarca, aquelle o de outra e assim os mais.

Estabelecida esta ordem e vencidos os obstaculos acima propostos, o que tudo se pode conseguir facilitando-se os meios de exportação pelos dois modos ja referidos; crescerão de tal modo os progressos da mineração animados pˡᵃˢ vantagens da Agricultura e Commercio, que em poucos annos se perceberá hum aumento consideravel na população do paiz; e os diversos ramos das Finanças (17) brotarão com vantagem; pois que a

população donde pende o aumento de todos os redditos, perfeitam.ª se enlaça com os progressos da Agricultura por hum vinculo da mais estreita união (18). Virá S. Mag.de a perceber não som.e as cem arrobas do Quinto, como tãobem maiores vantagens do contracto dos diamantes (19); porque remidos os Povos da oppressão que os abatte, cessa infalivelm.e o extravio do oiro em pó e diamantes pl.os razoens que eu vou ponderar. 1.ª Nas circumstancias em que as Minas se achão, os povos recorrem aos unicos meios, que tem, p.ª haverem-hum pequeno lucro, que com gr.de risco se tira daquelle extravio: o que não pode acontecer, facilitados os meios da exportação dos generos, em que elles podem perceber o mesmo lucro e sem risco. 2.ª Qualquer que seja o lucro dos dois generos extraviados, livrem.e eu posso affirmar que deverhaver maior lucro nos generos da agricultura sendo esta promovida, e igualm.e excitada pelo Commercio 3ª. A causa formal do extravio que gira naquelle paiz não he outra que a falta de Industria; huma vez que esta se promova segue-se que o oiro extrahido se emprega nos generos de importação, necessarios para o consumo dos povos; e o Commercio o reemprega nos generos de exportação, d'onde pode tirar maior lucro: o que não acontece, havendo falta de generos. Portanto o Commercio rezerva, e occulta (20) o que pode de oiro em pó, p.ª depois perceber algum lucro nos portos do mar; e por esta m.ma razão o emprega tãobem em diamantes. O que tudo cessa, querendo S. Mag. servir-se dos meios que acabo de propor á beneficio da Industria; pois esta (jamais deicharei de o repetir) he som.e quem pode fazer com que se percebão grandes vantagens daquelle paiz. Eu não digo que se lhe permittão o uzo de todas as Fabricas, nem todos os generos de manufacturas; porem não acho razão, por que se-lhe neguem aquelles ramos da Industria, que por negligencia compramos ás Naçoens extranhas, e que de algum modo esgotão o sangue do Estado, como são o ferro (21) o aço, o salitre, e o cobre com aquelles generos, que ainda fazem mais sensivel o damno, e vem a ser,o linho, a carne, a pesca e o pão (22); generos que podiam vir do Brazil e fazer de algum modo

a felicidade da Nação, retendo no giro do commercio interior huma grande porção de dinheiro em espécie. Finalm.te para o restabelecimento da Capitania de Minas Geraes só me resta lembrar que a não se lhe applicarem os meios da Industria, veremos com dôr diminuir consideravelm.e a população cada dia; o que ja se experimenta em muitos lugares, que se achão quazi dezertos, por lhe haverem faltado os meios da mineração.

Amigo da Humanid.e e inflamado de hum zelo patriotico, não cesso de lamentar o desfallecimento e a ruina de hum paiz fertil e rico, que podendo ser útil aos seos habitantes e vantajozo ao Estado, illude a esperança deste e enerva as forças daquelles.

ANNOTAÇOENS

(1) A descripção fizica e mathematica da Capitania de Minas Geraes pertence a hum Discurso Politico, que eu tenho traçado sobre os costumes daquelle paiz. Consultarei os meus Amigos com imparcialidade sobre a sua correcção, logo que a ultima lima produzir aquelle gráo de perfeição, de que he susceptivel o meo pequeno talento. (2) O anil pode ser igualm.e um objecto consideravel da Agricultura, naq.le paiz. (3) A mineração pode vir a ser m.to mais vantajoza permittindo-se tãobem a do salitre do cobre, e de outros mineraes de que abunda a Capitan.a (4) Fosso profundo, que muitas vezes excede a altura de oitenta palmos (5) Por qualquer destas cauzas, tem havido occaziocns em que morrem mais de cem pessoas entre escravos e administradores. (6) Por este vocabulo se exprimem as fabricas de mineração. (7) Esta cauza não existe no Termo de Minas-Novas, donde a maior p.e dos Negociantes fazem o seu trafico p.o a Bahia; em razão de não ter feito ainda o Luxo maiores progressos naq.la Cidade. (8) Le Brésil suffiiroit seul pour assurer la prosperité dune nation dont le gouvernement protege le Commerce. Interêt des Nations de l'Europe, tom 1 chap 4. (9) Ali há novidades duas vezes no anno; e os meloens, balancias, e uvas, assim como outras fructas sylvestres, produzem todo o anno; com a differença som.e de ser a sua producção mais ou menos

copioza seg.do a propria estação. (10) Vid. Montesq. Esprit des loix, liv. 21 art. 18. Vid. Labat Voyage aux isles de l'Ameriq. tom 3 pag 323 Vid Le comte d'Albon, Discours Politiq. & tom pag. (11) Signaes prévios por onde o Mineiro decide da mineracão. (12) Assim se denominão os Povos da Capitania de S. Paulo. (13) Por esta fraze ainda hoje se exprimem as associaçoens, que se fazem para descobrir oiro ou pedras preciozas (14) Se este meu zelo Patriotico merecer alguma attenção eu aprezentarei com gosto huma Memoria circumstanciada igualm.e dos abuzos e erros, com q. se tem procedido á Converção e ao Estabelecimento dos Indios; assim como dos meios que podem fazer a felicidade daquellas Tribus e o aumento do Estado. (15) A necessid.e como que tem obr.o aos povos a promover a cultura das cannas de assucar e do tabaco. Quando ao algudão, direi largam.e o que intendo no Artigo das Minas Novas, Comarca do Serro do frio. (16) Que gemidos, que ais retumbão p.la extenção das Comarcas, aonde a cubiça de esfaimados Rendeiros atropella e confunde a bôa ordem da Socied.e produzindo a discordia no seio das Familias, e esgotando cruelm.e o sangue da pobreza! Tal he a funebre scena, em que eu pudera descrever o caracter iniquo dos insaciaveis Dizimeiros; se esta cauza não involvesse outros principios que vão ter a sua origem na respectiva Junta da Real Fazenda. (17) A proporção do aumento que tiver a população, devem crescer igualm.e, os redditos do Real Contracto das entradas, e dos Dizimos. E tãobem deve crescer o Subsidio Litterario, huma vez que p.a a sua arrecadação se mude de methodo; pois do actual tem rezultado, que os professores prezentem.e padêção o retardam.to de mais de tres annos dos Ordenados vencidos; e a Mocid.e daquelle paiz padeça igualm.e a falta de educação moral e civil; pois alguns professores, tendo debalde recorrido á respectiva Junta passárão á esta Côrte, aonde se achão requerendo ha quaze dois annos: e outros dezamparárão de todo as suas Cadeiras por não terem absolutam.e meios de subsistencia. (18). — L'Agriculture et la population sont etroitement liecs ensemble. La Morale de la Raison. Sect. 2 pag.

155. (19) Eu trato especificam.e da Com.ca do Serro do frio; e então apresento um plano sobre o Real Contracto dos diam.tes; que a ser admittido, tenho toda a evidencia p.a pençar que S. Mag.de pode vir a tirar m.to maiores vantagens daquellas terras, que se comprehendem na Demarc.am dos diam.tes, do que os lucros que actualm.e percebe. (20) Os povos são obr.os a apresentar o oiro em pó, p.a se lhe tirar o Quinto, e correr em barra depois de fundido; e não o devem reter, senão com o pezo de 20 oitavas p.a baixo. Porem esta ordem jamais poderá conseguir huma prompta e efficaz execução, huma vez que não gira outra moeda senão oiro em pó ou em barra; e o Commercio se exforça a subtrahir-se da quebra que soffre qualquer parcella de oiro fundido, em razão das partes heterogeneas que imperceptivelm.e se lhe communicão, e que só depois de calcinadas com o azougue se depurão no fogo; humas vezes naturalm.e extrahida com o oiro, p.la gr.de combinação que há entre huns e outros metais; porem outras vezes compostas p.lo fradulento artificio de certos Monopolistas, que apezar de todas as prevenções, fazem passar misturadam.e e em confuzo huma grande porção de oiro falço com aquelle que he natural e ingênuo. (21) As providencias que por hora se tem dado á respeito do ferro não devem produzir o effeito dezejado; porque o methodo do novo imposto que haja de compençar os direitos por falta da importação daquelle genero de nenhum modo pode existir com vantagem dos Minr.os em razão do abattim.to a que tem chegado as forças da Capitn.a. Q.to a mim a compensação dos direitos se deve fazer por meio de hum imposto que carregue sobre o m.mo genero. (22) O que fica dito, a respeito do ferro se deve tãobem intender a respeito do Sal. E o Rio de S. Fr.co pode então vir a ser m.to mais util p.los grandes interesses da pesca.

A BIBLIOTHECA NACIONAL EM 1907

RELATORIO

QUE AO

SR. DR. AUGUSTO TAVARES DE LYRA

MINISTRO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES

apresentou em 15 de Fevereiro de 1908

O DIRECTOR

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva

Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1908

Sr. Ministro

CUMPRE-ME submetter á vossa apreciação o relatorio dos trabalhos effectuados nesta Bibliotheca e do movimento que nella occorreu durante o anno de 1907.

PESSOAL

Relativamente ás condições do pessoal nada accrescentarei ao que consta dos relatorios anteriores, pois permanecem as mesmas, dellas resultando constantes obstaculos á boa execução dos serviços a cargo da Bibliotheca.

No desempenho da incumbencia que por esse Ministerio me foi commettida em Aviso de 4 de Fevereiro de visitar na Europa e nos Estados Unidos as principaes bibliothecas publicas e contractar o fornecimento de material para o novo edificio, deixei o exercicio de meu cargo a 20 de Março para o reassumir a 3 de Novembro. Substituiu-me durante esse periodo, conforme resolvestes em Aviso de 11 de Março, o chefe da 3ª secção, Dr. Aurelio Lopes de Sousa, que se houve com o criterio e a competencia que eram de esperar.

Durante o mesmo periodo esteve a referida secção sob a chefia do respectivo 1º official, João Gomes do Rego.

A 2ª secção conservou-se por todo o anno sob a direcção do 1º official por haverdes prorogado em Aviso de 4 de Janeiro

a auctorisação concedida ao respectivo chefe para servir em commissão no Ministerio das Relações Exteriores.

Por estar igualmente servindo em repartição differente, o Internato do Gymnasio Nacional, continuou afastado da Bibliotheca até 1 de Agosto o 1º official Eduardo Vidal, cuja substituição recommendastes. Designado por esta Directoria, para o substituir, o amanuense Alfredo Borges Monteiro e approvada essa designação, foi elle considerado em commissão de 27 de Agosto a 28 de Outubro, quando o dispensastes de continuar por não serem necessarios os seus serviços.

Desde 1 de Fevereiro tem estado em goso de licença o amanuense Alipio Napoleão Serpa Filho, a quem foram concedidos 90 dias de licença, prorogados da primeira vez por igual tempo e da segunda vez por seis mezes.

O serviço do jury reclamou a presença de dous dos 2os officiaes e dous dos amanuenses e o de qualificação da guarda nacional a do porteiro.

Dos auxiliares interinos nomeados em 1907, Lafayette de Moura (port. de 9 de Fevereiro) e Olympio Fructuoso de Brito (port. de 4 de Abril) só o primeiro se conservou em exercicio até o fim do anno, tendo cessado as funcções do segundo a 3 de Novembro.

Para preencher interinamente os claros a que as ausencias mais prolongadas deram logar, fizeram-se, de accordo com o regulamento, diversas designações, alem das que foram apontadas, dentro do pessoal do quadro e por escala, d'ahi resultando a necessidade de serem admittidos os dous auxiliares interinos acima e de serem conservados os que serviram no anno anterior e são Augusto Martins Barreto e Paulo Copertino do Amaral.

DIREITOS AUCTORAES

Effectuaram-se 65 registros para garantia dos direitos de auctor e receberam os numeros de ordem 802 a 866.

Desses registros 30 correspondem a obras didaticas, scientificas e litterarias, 4 a publicações periodicas, 25 a composições musicaes e 6 a trabalhos de esculptura, desenho e photogravura. Pelos proprios auctores foram requeridos 32 e pelos editores 33 registros.

Tendo-se suscitado a questão de saber si pode ser admittida a prova da data da publicação em desaccordo com a declaração expressa no frontispicio do livro a registrar, resolveu esse Ministerio em Aviso n. 2050 de 17 de Setembro que semelhante prova só é admissivel no caso de omissão da indicação bibliographica, hypothese prevista no art. 1 § 1, das Instrucções de 11 de Junho de 1901.

SERVIÇO DE PERMUTAÇÕES

Para occorrer ao serviço de permutações internacionaes foram adquiridas durante o anno 85 publicações em numero desigual de exemplares, elevando-se o numero total de volumes a 7588, tendo sido compradas 12 d'essas publicações em 1209 volumes e recebidas por doação ou procedentes de estabelecimentos officiaes 73 em 6379 volumes.

As seguintes publicações d'entre as adquiridas por compra vieram em maior numero de exemplares :

—Almanaque brasileiro Garnier para os annos de 1905-1907. Rio. S. d. 3 vols.

—Commissão de estudos da estrada de ferro do Madeira e Mamoré Impressões de viagem. Rio. 1885.

—Dante Alighieri. Divina comedia. Inferno. Purgatorio. Traducção brasileira de J. P. Xavier Pinheiro. Rio. 1907. 2 vols.

—Kosmos. 10 nos differentes de 1904-1907.

—Silva Mafra. Exposição... sobre a questão de limites do Estado de Santa Catharina com o Estado do Paraná. Rio. 1901.

—Timon. Estadistas e parlamentares. 3ª Serie:. Cons.º Franklin Doria. Rio. 1885.

Devo tambem mencionar a obra seguinte da qual apenas se adquiriram 5 exemplares:

—Il Brasile e gli italiani. Pubblicazione del Fanfulla. Firenze. S. d.

As demais procederam dos Ministerios da Justiça, Fazenda, Industria e Relações Exteriores, Repartição da Carta Maritima, Imprensa Nacional, Jardim Botanico, Secretaria da Camara dos Deputados, Secretaria do Senado Federal, Governo do Estado do Amazonas e do deposito de publicações de que dispõe a Bibliotheca.

Seria para desejar que de todas as publicações officiaes ou auxiliadas pelo Governo Federal fosse reservado um certo numero de exemplares com destino ao serviço de permutações internacionaes, que não visa somente o enriquecimento da Bibliotheca Nacional, pois não ha exigencia de compensação immediata, mas aproveita incontestavelmente como uma obra de propaganda brasileira no estrangeiro e representa a execução de uma convenção internacional que está em vigor.

Accrescentaram-se os seguintes estabelecimentos estrangeiros ao numero dos que recebem publicações brasileiras:

—The Kyoto Imperial University. Kyoto.
—Bibliothèque de l'Université. Aix-en-Provence.
—Yale University Library. New-Haven. Conn.
—University of Michigan. Ann Arbor. Mich.
—Norwich University. The Military College of the State of Vermont. Northfield, Vt.
—Oficina Central de Estatistica del Ecuador. Quito.
—Real Bibliotheca da Ajuda. Lisboa.
—Carnegie Institution. Washington.

Aproveitando os bons officios do Consul geral do Brasil em Liverpool, Sr. João Carlos da Fonseca Pereira Pinto, que se promptificou a facilitar, no que diz respeito ás colonias inglezas, o serviço de permutações internacionaes a cargo da Bibliotheca, fez esta Directoria remetter por seu intermedio todos os pacotes destinados áquellas colonias.

Para os demais paizes com que se acham estabelecidas relações de permuta foram utilisados os mesmos intermediarios do anno anterior ou fizeram-se remessas directas.

Duas foram as remessas effectuadas em 1907 e constaram de 53 publicações em 5342 volumes, sendo expedidas 48 caixas e 531 pacotes, dos quaes 448 foram enviados pelo correio, directamente.

As 48 caixas foram endereçadas a:

—*Smithsonian Institution*, de Washington.	9	caixas
—*Ministère de l'Instruction Publique et des Baux Arts*, de Pariz.	6	»
—*Inspecção Geral das Bibliothecas e Archivos*, de Lisboa.	5	»
—*Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele*, de Roma.	4	»
—*William Wesley & Son*, de Londres.	4	»
—*Service Belge des Échanges Internationaux*, de Bruxellas.	3	»
—*Consulado Geral do Brasil* em Liverpool.	3	»
—*Karl W. Hiersemann*, de Leipzig.	2	»
—*Bibliothèque Fédérale*, de Berna.	2	»
—*K. K. Statistische Central Commission*, de Vienna.	2	»
—*Biblioteca Nacional*, de Santiago do Chile.	2	»
—*Oficina de Deposito, Reparto y Canje Internacional de Publicaciones*, de Montevideo.	2	»
—*Biblioteca Nacional*, de Buenos Ayres.	2	»
—*Biblioteca de la Universidad Nacional*, de la Plata.	2	»
	48	

Os 83 pacotes que não seguiram pelo correio foram enviados por intermedio das Legações da Bolivia e Paraguay e dos Consulados da Hespanha, Hollanda, Russia e Perú.

Nos numeros acima estão incluidos 352 pacotes recebidos do Museu Nacional, 15 do Instituto do Ceará e 1 da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, todos com destino indicado.

Alem desses foram recebidos da Sociedade Scientifica de S. Paulo 235 pacotes, dos quaes 220 para o estrangeiro e 15 para o paiz, tendo sido entregues estes e reservados aquelles para a primeira remessa de 1908.

Receberam-se do estrangeiro 34 caixas e 11 pacotes maiores, achando-se ahi contidos, alem dos que eram destinados á Bibliotheca, 859 pacotes menores endereçados a diversos institutos e pessoas da Capital e dos Estados. Procediam da *Smithsonian Institution* 24 caixas, do *Service Belge* 5, da *Bibliothèque Fédérale*, de Berna, 2, do *Ministère de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts*, de Pariz, 1, da *Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele* 1, de *Karl W. Hiersemann* 1 e da *Sociedad Cientifica «Antonio Alzate»*, do Mexico, 11 pacotes.

Chegaram com pequena avaria sete caixas procedentes da *Smithsonian Institution*, transportadas pelo vapor «Zamora» que se incendiou neste porto.

A 94 bibliothecas brasileiras foram enviadas 44 publicações em 735 volumes acondicionados em 131 pacotes que seguiram pelo correio.

Foram incluidas na lista de remessa as seguintes:

—Bibliotheca do Centro Commercial. Rio de Janeiro.
— » Popular Quiteriense. S.ta Quiteria. Minas Geraes.
— » Napoleão Reys. Setubinha. » »
— » da Loja Capitular Luz do S. Francisco. Penedo.
— » da Sociedade Beneficente dos Empregados no Commercio. Rio de Janeiro.

1.ª SECÇÃO

A acquisição effectuada durante o anno constou de 2740 obras em 3632 volumes (incluidos os opusculos e os volumes completos de periodicos) e 151 cartas geographicas, assim discriminadas as procedencias:

Compra	512	obras	em	1050	volumes			
Doação	944	»	»	1062	»	1	cart.	geog.
Contribuição legal . .	387	»	»	482	»	2	»	»
Permuta internacional .	849	»	»	990	»	148	»	»
Permuta nacional . .	48	»	»	48	»			
	2740			3632		151		

Nada cedeu a secção para effectuar as acquisições attribuidas á permuta, que ou não teve compensação immediata ou se fez por publicações em deposito.

Foram 601 as publicações periodicas recebidas, das quaes 287 nacionaes e 314 estrangeiras, sendo das nacionaes 153 por doação e 134 por contribuição legal e das estrangeiras 111 por compra, 44 por doação e 159 por permuta internacional.

Do numero dos periodicos assignados foram supprimidos tres, tendo-se accrescentado:

—Boletin de la Libreria. Madrid.
—North American Review. Nova York.
—Revue de la Photographie. Pariz.

Acquisições principaes:

Compra:

—H. Albrecht. Trattato pratico di igiene industriale. Traduzione con note del dottor Camillo Terni. Milano. S. d.

—L'année biologique. 1895-1901. Paris. 1895-1903. 6 v.

L. Archinti, F. Malaguzzi & A. Melani. L'architettura nella storia e nella pratica. Milano. S. d. 9 v.

—Balagny. Campagne de l'empereur Napoléon en Espagne. 1808-1809. Paris. 1902-07. 5 v.

—A. Baudoin. Guide pratique de droit usuel. Bordeaux. 1889.

—G. Bizzozero. Manuale de microscopia clinica. 5ª ed. Milano. 1901.

—E. Brissaud, A. Pinard et P. Reclus. Pratique médico-chirurgicale. Paris. 1907. 6 v.

—G. Cerboni. Enciclopedia di amministrazione, industria e commercio. Milano. S. d. 5 v.

—F. Ciccaglione. Manuale di storia del diritto italiano. Milano. S. d. 2 v.

—C. Claus. Manuale di zoologia. Milano. S. d. 2 v.

—B. Daydon Jackson. Guide to the literature of botany. London. 1881.

—E. Duclaux. Traité de microbiologie. Paris. 1898-901. 4 v.

—Encyclopaedia britannica. The new volumes. The 10th ed. XXV-XXXV. London. 1902-03. 11 v.

—The federal and state constitutions, colonial charters and other organic laws of the United States. Washington. 1878. 2 v.

—G. Ferrero. Grandezza e decadenza di Roma. Milano. 1904-07. 4 v.

—A. de Gubernatis. Dictionnaire international des écrivains du monde latin. Rome. 1905.

—H. Helmolt. Weltgeschichte. Leipzig und Wien. 1889-1903. 9 v.

—H. Johnston. The living races of mankind. London. S. d. 2 v.

—Jean de Lery. Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique. La Rochelle. 1578.

—C. F. Merwein. A arte de voar á maneira dos passaros. Lisboa. 1812.

—W. Meyer-Lübke. Grammaire des langues romanes. Paris. 1890-1906. 4 v.

—Joaquim Nabuco. Pensées détachées et souvenirs. Paris. 1906.

—Pandectes belges. Bruxelles. 1878-1907. 88 v.

—E. Perrier. Traité de zoologie. Paris. 1897. 2 v.

—Rendu & Bénard. Repertoire alphabetique de droit usuel. Paris. 1895. 2 v.

—Th. Roosevelt. The winning of the west. New York & London. 1905. 1906. 4 v.

—F. Rostagno. Contabilitá di stato. Milano. S. d. 4 v.

—G. A. Scartazzini. La divina commedia di Dante Alighieri riveduta nel testo e commentata. 2ª ed. Leipzig. 1875-1900. 4 v.

—W. Spalteholtz. Atlante manuale di anatomia umana. Ed. italiana per cura del dottór Romeo Fusari. Milano. S. d. 3 v.

—J. Wiesner. Elementi di botanica scientifica. Trad. italiana dal prof. R. F. Solla. Milano. S. d. 3 v.

Doação :

Dos respectivos auctores :

—Almeida Nogueira. A academia de São Paulo. Tradições e reminiscencias. S. Paulo. 1907.

—Alfredo de Carvalho. Estudos pernambucanos. Recife. 1907.

—Comte H. de Charencey. Sur les idiomes de la famille Chichimeque. S. l. n. d.

—J. Coelho Gomes Ribeiro. A capital federal e a constituição da Republica. S. Paulo. 1907.

—P. A. Ducas. Les finances brésiliennes. Paris. 1907.

—J. Feliciano. A revolução franceza. S. Paulo. 1906.

—Padre R. M. Galanti. Compendio de historia do Brazil. I-IV. São Paulo. 1896-1905. 4 v.

———Compendio de historia universal. São Paulo. 1903.

———Compendio de grammatica ingleza. 3ª ed. S. Paulo. 1904.

—Joaquim V. González. Escritos y opiniones en derecho constitucional, judicial, minero é internacional. Buenos Aires. 1907. 2 v.

——— ———Universidades y colegios. Conferencias, discursos y actos de gobierno. Buenos Aires. 1907.

—Gaspar Guimarães. A sciencia humana e o problema da vida Manáos. 1907.

—E. Hussak. O palladio e a platina no Brasil. Ouro Preto. S. d.

—L. Orrego Luco. Episodios nacionales de la independencia de Chile. 1810. Santiago de Chile. 1905.

—L. Pereira da Silva. Estudos de sociologia criminal. Pernambuco. 1906.

—Pinheiro Guimarães. O ensino publico. Rio de Janeiro. 1907.

—J. G. Pino Roca. Establecimiento de la imprenta en Guayaquil. Guayaquil. 1906.

—E. Poirier. La mejor diplomacia. Santiago de Chile. 1906.

—G. de Quesada. Arbitration in latin America. Rotterdam. 1907.

—J. Ramos Coelho. O primeiro marquez de Niza. Noticias. Lisboa. 1903.

—R. R. Schuller. Pequeño catecismo castellano-indio (araucano). Santiago de Chile. 1907.

—Nelson de Senna. Bacia do rio Doce. Descripção dos municipios de Peçanha e Caratinga. Bello Horizonte. 1905.

———Notas e chronicas. Paginas da historia religiosa do Brasil. S. Paulo. 1907.

—A. de Sousa Pinto. A doutrina de Drago. Recife. 1907.

—Damasceno Vieira. Memorias historicas brazileiras. (1500—1837). Bahia. 1903. 2 v.

Contribuição legal:

De Francisco Alves & Cª:

—Olavo Bilac e Coelho Netto. Educação moral e civica. Cantos patrios. Rio. 1906.

—Arthur R. Cardoso. Resumo de chimica geral inorganica e organica. Rio. 1906.

—Euclydes da Cunha. Perú versus Bolivia. Rio. 1907.

—Julia Lopes de Almeida. Historias da nossa terra. Rio. 1907.

—Sylvio Romero e João Ribeiro. Compendio de historia da literatura brasileira. Rio. 1906.

—José Verissimo. A educação nacional. 2ª. ed. Rio. 1906.

De H. Garnier.

—Coelho Netto. Theatro. Neve ao sol. Peça em 4 actos. A muralha. Peça em 4 actos. Rio. S. d.

—J. M. Goulart de Andrade. Poesias. 1900-1905. Rio. 1907.

—Thomaz Lopes. Historias da vida e da morte. Rio. S. d.

—Mello Moraes Filho. Historia e costumes. Rio. S. d.

—Medeiros e Albuquerque. Contos escolhidos. Rio. 1907.

—José Tavares Bastos. As attribuições do promotor publico na Republica. Rio. 1906.

Da Imprensa Nacional.

—Dr. Pecegueiro do Amaral. Elementos de chimica inorganica. Rio. 1907.

De Laemmert & C.

—John C. Branner. Geologia elementar. Rio. 1906.

—Victor Godinho e Adolpho Lindenberg. Norte do Brasil. Atravez do Amazonas, do Pará e do Maranhão. Rio. 1906.

—Visconde de Porto Seguro. (F. A. de Varnhagen). Historia geral do Brasil. 3ª. ed. revista por C. de Abreu (1º. fasciculo). Rio. 1907.

Da Typ. do Jornal do Commercio.

—Enéas Galvão. Dualidade da justiça no Districto Federal. Rio. 1907.

—Jacques Ourique. O Amazonas e o Acre. Rio. 1907.

—Raymundo Pereira da Silva. O problema do norte. Rio. 1907.

—J. C. Rodrigues. Catalogo annotado dos livros sobre o Brasil e de alguns autographos e manuscriptos. Parte I. Descobrimento da America. Brasil colonial. 1492-1822. Rio. 1907.

Da Typ. Leuzinger.

—Julio Costa. Algebra pratica elementar. Rio. 1907.

—Luiz Edmundo. Poesias. 1896-1907. Rio. 1907.

—Almirante Arthur Jaceguay. De aspirante a almirante. 1860-1902. Rio. 1907.

Permuta internacional:

Da «Biblioteca Nacional» de Assumpção:

—Juan Silvano Godoi. Monografias historicas. 1.ª serie. 2ª. ed. Buenos Aires. 1893.

———— Ultimas operaciones de guerra del jeneral José Eduvigis Diaz, vencedor de Curupatic. Buenos Aires. 1897.

Da «Biblioteca Nacional» de Buenos Ayres:

—J. R. Fernandez. Antecedentes sobre enseñanza secundaria y normal en la Republica Argentina. Buenos Aires. 1903.

—H. Miatello. Manual de horticultura. Santa Fé. 1901.

Da «Biblioteca Nacional» de Managua:

—Trabajo historico de los emprestitos fiscales de Nicaragua. 1851-1905. Managua. 1906.

—A. Vivas. Zelaya y la obra. Granada. 1902.

Da «Biblioteca Nacional» de Santiago do Chile:

—J. Perez Canto. Economical progress of the Republic of Chile. Santiago do Chile (1906).

—R. R. Schuller. Sobre el origen de los Charrua. Santiago de Chile. 1906.

———Comienzo de arte en las selvas virgines. Noticia bibliografica. Santiago de Chile. 1907.

———Novus orbis. De A. Montanus o de Dapper? (Santiago de Chile). S. d.

—B. Vicuña Subercaseaux. Los congresos pan-americanos. Santiago de Chile. 1906.

Da «Library of Congress» de Washington:

—Report of the librarian of congress and report of the superintendent of the library building and grounds. June. 1906. Washington. 1906.

—House documents. Washington. 1904-06. 67 v.
—Senate documents. Washington. 1904-06. 92 v.

O trabalho de catalogação effectuado pelo pessoal da 1.ª secção limitou-se a 1954 cartões para o catalogo alphabetico, correspondentes a 812 obras em 867 volumes, e a 18 cartas geographicas.

Pelos auxiliares extraordinarios foram extrahidos 4289 cartões que correspondem a 1796 obras em 1801 volumes pertencentes á collecção Theresa Christina.

A procura e escolha de brochuras e numeros de periodicos para se completarem volumes ou de volumes para se completarem obras, o arrolamento dos livros a serem encadernados e outros trabalhos que se fizeram necessarios á boa disposição dessa collecção foram tambem confiados aos mesmos auxiliares.

Encadernaram-se ou reencadernaram-se para a secção 3835 volumes, dos quaes 1527 são pertencentes á collecção Theresa Christina, contados os que haviam sido remettidos á officina em 1906 e foram restituidos encadernados em 1907. Fizeram-se 75 remessas, inclusive 36 provenientes daquella collecção, tendo ficado na officina 1521 volumes, dos quaes 720 da referida collecção, que não puderam ser promptificados em 1907.

As salas de consulta da 1ª secção foram procuradas durante o anno por 40142 leitores que consultaram 43660 obras em 58325 volumes, afóra 18691 impressos avulsos.

O numero dos dias uteis tendo sido de 270 ou mais 10 do que em 1906, a media diaria de leitores foi de 148,6 e a de consultas de 230,9, contra 138,6 e 209,6 naquelle anno.

Feita a distincção por trimestres, a consulta foi a seguinte:

1º	trimestre	7065	leitores,	7697	obras	em	10355	volumes;	3534	avulsos
2º	»	10791	»	11299	»	»	15055	»	5079	»
3º	»	12586	»	13626	»	»	18176	»	5685	»
4º	»	9700	»	11038	»	»	14739	»	4393	»
		40142	»	43660	»	»	58325	»	18691	»

A consulta em domicilio continuou limitada a casos especiaes. A 5 pessoas e ao Ministerio das Relações Exteriores (ao todo 19 consultantes contados em dias differentes) se emprestaram durante o anno 20 obras em 28 volumes, das quaes 12 em igual numero de volumes foram restituidas até o fim do anno.

Foram igualmente restituidas 10 obras em 21 volumes que haviam sido retiradas em 1902 e 1906, assim como foi substituida 1 obra em 2 volumes emprestada desde 1898.

Deixaram de ser fornecidas aos consultantes que as solicitaram 4225 obras que a Bibliotheca não possuia, 1607 que estavam sendo consultadas por outros e 1423 que estavam sendo encadernadas, não se achavam catalogadas, não foram encontradas na occasião por erro de indicação no boletim ou por deslocadas, etc.

Eis a discriminação da consulta effectuada em 1907 por materias e por linguas:

CLASSES	NA BIBLIOTHECA			EM DOMICILIO	
	OBRAS	VOLS.	AVULSOS	OBRAS	VOLS.
Annuarios e revistas	1374	2169	4989		
Artes e Industrias	356	382	23		
Bellas Artes	240	357	95		
Bibliographia	104	177	18		
Cartas geographicas	194	198	67		
Chorographia do Brasil	415	532		3	3
Direito, Legislação e Jurisprudencia	5171	7872	11	1	1
Economia Politica	363	489	11		
Encyclopedia e Polygraphia	2349	3426			
Geographia	469	530	4		
Historia	1791	2673	30	3	7
Historia do Brasil	913	1206	6	7	11
Instrucção e Educação	61	70	21		
Jornaes	1970	2753	13189	4	4
Litteratura	8935	11839			
Litteratura Brasileira	4429	5140			
Philologia e Linguistica	1745	2021			
Philosophia	1159	1480	77		
Politica e Administração	611	933	1	2	2
Religião	220	304			
Sciencias mathematicas	1921	2283			
Sciencias medicas	5317	7344	141		
Sciencias naturaes	3234	4120	16		
	43639	58298	18691	20	28
LINGUAS					
Allemão	187	250	198		
Arabico	4	5			
Esperanto	1	1			
Francez	12309	16189	1990	6	9
Grego	49	68			
Hebraico	3	3			
Hespanhol	505	685	462	1	2
Hollandez	186	219			
Inglez	913	1292	544	2	3
Italiano	572	817	415		
Latim	504	666			
Linguas africanas	2	2			
Polaco	1	1			
Portuguez	28288	38075	15097	11	15
Russo	2	3			
Tupy-guarany	22	23			
	43639	58298	18691	20	28

2.ª SECÇÃO

Foram adquiridos por compra 1020 documentos, 27 desenhos annexos a documentos, 48 planos e 10 cartas geographicas, por doação 26 documentos e 6 outros foram remettidos da Directoria.

Ha a accrescentar 23 documentos da collecção Theresa Christina transferidos para a 2.ª secção e 31 obras impressas em 37 volumes, sendo por compra 4 em 4 vols. por doação 6 em 10 vols. por permuta internacional 9 em 9 vols., e remettidas da Directoria 12 em 14 vols.

A todas essas acquisições que foram lançadas no livro respectivo corresponderam 227 bilhetes de registro.

A' officina de encadernação fez a secção cinco remessas que constaram de 114 codices, a reencadernar, 7 cartas geographicas a entelar e 40 volumes de obras impressas a encadernar. Foram todos restituidos, á excepção de 27 codices, 1 carta geographica e 16 volumes impressos que haviam sido remettidos em Dezembro. Foram igualmente restituidos pela officina os codices e cartas que haviam ficado de 1906.

A carimbação fez-se em todas as aquisições effectuadas durante o anno e começou a fazer-se nos manuscriptos encadernados já existentes.

Extrahiram-se 152 bilhetes de catalogo correspondentes a outras tantas cartas geographicas.

Ficou terminada a copia do documento n. 5730 do catalogo da Exposição de Historia do Brasil.

Foi organisado o indice summario das consultas do Conselho de Estado existentes nesta Bibliotheca e no archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Frequentaram a secção 170 leitores e 46 visitantes. Os primeiros consultaram 43520 documentos, 224 cartas geographicas e 9 obras impressas em 11 volumes. Foi o seguinte o movimento por trimestres:

1º	trimestre	42	leitores,	11358	docs.,	3	cart. geog.,	6	obras em	6	vols.
2º	»	17	»	6475	»	219	»	3	»	5	»
3º	»	58	»	13117	»						
4º	»	53	»	12570	»	2	»				
		170		43520		224		9		11	

Distinguindo por assumptos, teremos:

DOCUMENTOS

Brasil em geral	27477
Ceará	5778
Pernambuco	4872
Bahia	1766
Genealogia	1111
Piauhy	690
Espirito Santo	479
Goyaz	451
Maranhão e Pará	416
Portugal	242
Ethnographia	108
Santa Catharina	106
Varias industrias	19
Viagens	11
Mineração	4
S. Paulo	4
	43514

Transporte	43514
Poesia	3
Rio de Janeiro	2
Matto Grosso	1
	43502

CARTAS GEOGRAPHICAS

Brasil e Portugal	192
Rios	25
Rio de Janeiro	3
Matto Grosso	2
Minas Geraes	2
	224

IMPRESSOS

Bibliographia	6 obras em 6 vols.
Historia	3 » » 5 »

Quanto ás linguas, ha apenas um dos documentos escripto em hespanhol, sendo todos os mais em portuguez.

Por esse Ministerio foram mandadas durante o anno tres auctorisações para extracção de copias e foram assim copiados 47 documentos e 1 carta geographica.

Fez-se ao Ministerio das Relações Exteriores o emprestimo de uma obra manuscripta em 2 volumes, que ainda não foi restituida, do mesmo modo que o não foram muitas outras emprestadas nos annos anteriores.

3.ª SECÇÃO

ESTAMPAS

Adquiriram-se 1012 estampas, das quaes 100 são avulsas e 912 formam 17 collecções. Por compra entraram 803, por

doação 188, por contribuição legal 2 e foram remettidas pela Directoria 19. Referem-se a assumptos brasileiros 276 das peças adquiridas.

Distinguindo-se os processos, acham-se:

Gravuras a buril	45
Aguas fortes	120
Xylographias	14
Lithographias	372
Phototypias	124
Photogravuras	274
Photographias	3
Aguadas	3
Pennejados	3
Desenhos a lapis	44
Impressos e carimbos	10
	1012

O acervo da secção está assim elevado a 109998 peças iconographicas.

Deve ser destacada d'entre as doações a que fizeram Francisco Alves & C.ª de uma collecção de 43 desenhos originaes, a lapis, de Raul Pompeia, que serviram para illustrar a 2.ª edição do «Atheneu».

Merecem menção d'entre as acquisições por compra as duas seguintes:

—Costumes historiques des XII, XIII, XIV et XV siècles... dessinés et gravés par Paul Mercuri, avec un texte historique et descriptif par Camille Bonnard. Nouvelle édition soigneusement révisée. Paris. 1860-1861. 3 v.

—Costumes historiques des XVI, XVII et XVIII siècles, dessinés par É. Lechevallier-Chevinard, gravés par A. Didier, L. Flameng. F. Languillermie, etc, avec un texte historique et descriptif par Georges Duplessis... Paris. 1867. 2 v.

Quanto a obras de consulta, fez-se acquisição de 18 em 33 volumes, sendo por compra 6 em 9 volumes, por doação 9 em

21 volumes e por permuta internacional 3 obras em igual numero de volumes.

O trabalho de conservação consistiu na limpeza das estampas avulsas e em collecções. Foram a encadernar 34 volumes, que até o fim do anno não haviam sido restituidos pela officina.

A catalogação não foi alem de 182 bilhetes para o catalogo de gravadores, 131 para o de assumptos e 253 cartões para o catalogo geral de artistas.

Os consultantes que procuraram o gabinete das estampas foram 79 e os visitantes 35. Aos primeiros foram fornecidas 8314 peças.

Ao Ministerio das Relações Esteriores foi emprestada 1 obra em 1 volume pertencente á bibliotheca especial da secção e ainda não foi restituida.

NUMISMATICA

Fez-se acquisição de 286 peças numismaticas, sendo 6 de ouro, 1 de ouro e esmalte, 49 de prata, 8 de prata dourada, 39 de cobre, 1 de cobre dourado, 4 de cobre prateado, 2 de nickel, 13 de estanho, 2 de metal amarello, 1 de madeira e 160 de papel.

São referentes ao Brasil 207 dessas peças.

Deram entrada por compra 250, por doação 22, por contribuição legal 1 e por permuta nacional 13.

Agrupando-as por especies, teremos:

Medalhas commemorativas e de homenagem	111
Ensaio de medalha	1
Condecorações	4
Jeton	1
Moedas	7
Ensaio de moeda	1
Vale metallico	1
Cedulas	47
Vales em papel	75
Apolices, obrigações, etc.	38
	286

Deduzindo-se 11 medalhas tiradas das duplicatas e cedidas em permuta e accrescentando-se as 286 peças adquiridas em 1907, verifica-se que o acervo do gabinete de numismatica monta a 27268 peças.

Acquisições principaes:

Por compra:

—Medalha commemorativa da redempção do Ceará, 25 de Março de 1884. Sociedade Abolicionista Cearense do Rio de Janeiro. Ouro.

—Medalha commemorativa do levantamento da estatua do General Osorio, marquez do Herval, no Rio de Janeiro em 1894. Bronze.

—Bilhete de permuta do ouro em pó (Reaes Casas da Fundição do Ouro da Capitania de Minas Geraes. Hum vintem de ouro. Trinta e sete reis e meio).

—Cedulas do Thesouro Nacional de 100$ e 200$ da 1ª. estampa, 50$ e 100$ da 4ª. estampa e 100$ da 6ª. estampa.

—Cedula de 500$ do Banco Commercial e Agricola. Com o carimbo do Banco do Brasil.

Por doação:

Da Santa Casa de Misericordia do Pará:

—Medalha commemorativa do primeiro anniversario da morte de D. Frei Caetano Brandão, que foi sexto bispo do Pará. 1805—1905. Modulo pequeno. Cobre prateado.

Foram adquiridas para a bibliotheca especial de numismatica 28 obras em 40 volumes, sendo por compra 6 em 10 volumes e por doação 22 em 30 volumes.

Á officina de encadernação remetteu o gabinete de numismatica 25 obras a encadernar em 18 volumes, que por terem sido recebidas em Dezembro não foram devolvidas em 1907.

Quanto á frequencia de consultantes, ha a distinguir 35 que examinaram 2967 peças numismaticas, 7 aos quaes se forneceram 24 obras especiaes de numismatica e 4 a cujo exame se offereceram 8167 peças philatelicas.

Os visitantes foram em numero de 38.

OFFICINAS

Continuaram a funccionar a Officina de Artes Graphicas e a de Encadernação mantidas pela Bibliotheca desde alguns annos.

Está prestes a sahir do prelo o volume XXVIII dos «Annaes» da Bibliotheca.

Alem desse trabalho a officina executou todos os demais que foram necessarios ao serviço das secções, permutações internacionaes, direitos auctoraes e expediente ordinario da secretaria.

Na Officina de Encadernação foram encadernados ou reencadernados 4010 volumes, enteladas 15 cartas e executados muitos outros trabalhos menores, como a collocação de ilhós nos cartões de catalogo, a fabricação de enveloppes, de capas para miscellaneas, de blocos com boletins para consulta, etc.

INFORMAÇÕES DIVERSAS

CONTRIBUIÇÃO LEGAL

Depois de voltar novamente ao Senado o projecto apresentado á Camara dos Deputados em 1901, relativo á contribuição, em favor da Bibliotheca Nacional, de um exemplar de todos os trabalhos graphicos executados no paiz, foi afinal tranformado no Decreto n. 1825 de 20 de Dezembro de 1907.

Está assim attendida uma das principaes necessidades da Bibliotheca, que até agora se viu privada da maior parte das publicações que appareciam nos Estados e não podia portanto encarregar-se da organisação de um boletim de bibliographia brasileira.

Aguardo que sejam expedidas as providencias complementares que facilitem a remessa pelo correio, fornecendo ao mesmo tempo aos remettentes a prova de haverem cumprido o preceito legal.

PUBLICAÇÕES EM DEPOSITO

Receberam-se 103 exemplares, como de costume, de cada um dos fasciculos 129 e 130 da *Flora Brasiliensis* de Martius, com os quaes ficou terminada a publicação d'essa importantissima obra e que ficam na Bibliotheca á disposição do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas.

Do *Sertum Palmarum Brasiliensium*, que se acha á disposição do Ministerio a vosso cargo, foram durante o anno entregues 3 exemplares, conforme auctorisastes.

Importou em 588000 o producto da venda de publicações em 1907.

HISPANIC SOCIETY OF AMERICA

Conforme communicação de 12 de Julho do Secretario da *Hispanic Society of America* de Nova York, foi a Bibliotheca considerada como membro honorario daquella douta associação, que se dedica ao estudo da historia e da litteratura da peninsula iberica e dos paizes da America latina.

EXPOSIÇÃO DE PERIODICOS

A exposição bibliographica, cuja realisação propuz a esse Ministerio em relatorio apresentado a 15 de Fevereiro de 1906 e que por não terem sido fornecidos os meios necessarios não poderá realisar-se, comprehendia a imprensa periodica que vae agora ser objecto da exposição promovida pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Na impossibilidade de levar a effeito a ideia suggerida, nem por isso era licito á Bibliotheca Nacional deixar de prestar o seu concurso á obra projectada, comtanto que a sahida dos jornaes e revistas não tivesse logar senão nas proximidades da abertura da Exposição para não prejudicar por muito tempo o serviço da

consulta. Attendendo á informação desta Directoria, resolvestes auctorisal-a em Aviso de 14 de Novembro a permittir que a Bibliotheca tome parte na projectada exposição.

DR. TEIXEIRA DE MELLO

Falleceu a 10 de Abril o Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, Director aposentado desta Bibliotheca, onde por longo tempo e dedicadamente exerceu a sua intelligente actividade. Espirito superiormente cultivado, tinha o amor ao livro e accentuado gosto pela bibliographia. Privado por enfermo de continuar á frente d'este estabelecimento, foi aposentado por decreto de 24 de Março de 1900, tendo deixado o exercicio a 23 de Abril do mesmo anno. Fora nomeado director por decreto de 30 de Setembro de 1895, começando a exercer o cargo a 18 de Outubro. Até então era chefe da secção de impressos, tendo sido antes da de manuscriptos, cargo para o qual havia sido nomeado por decreto de 24 de Março de 1876.

EDIFICIO

Prosegue a construcção do grande edificio destinado á Bibliotheca Nacional, não se podendo precisar a epoca em que ficará concluido. E' de suppor porem que até o fim de 1908 possa isso acontecer. Até lá irão crescendo as difficuldades que resultam da falta de espaço, pois não convem dar-lhes remedio definitivo, uma vez que a Bibliotheca terá de deixar em um futuro proximo o edificio actual.

COMMISSÃO NA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS

Em relatorio especial darei conta do modo por que desempenhei a commissão de que me encarregastes em Aviso de 4 de Fevereiro de 1907. Occupei-me principalmente em visitar bibliothecas publicas para estudar a sua organisação, em percorrer os catalogos de manuscriptos dessas bibliothecas e de alguns

archivos para extrahir a relação dos que se referissem ao Brasil, em examinar as estantes e dispositivos em uso nas bibliothecas, em visitar fabricas d'esse material para solicitar propostas e em fazer acquisição de alguns manuscriptos, impressos, estampas, cartas geographicas e medalhas, tudo de conformidade com as Instrucções que acompanharam o citado Aviso.

São estas as informações que me cumpria prestar-vos relativamente ao anno de 1907.

Saude e fraternidade. — Ao Sr. Dr. Augusto Tavares de Lyra, Ministro da Justiça e Negocios Interiores.

O Director

Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva

INDICE DAS REPRODUCÇÕES

Retrato de Joannes de Laet . . . . . Pags. 4—5

Pagina de titulo da edição hollandeza . . . . . 28—29

Baya de Todos os Santos . . . . . 44—45

S. Salvador. . . . . 48—49

Porto Rico . . . . . 96—97

Grondt-teeckening vande Stadt en Kasteel Porto Rico ende Gelegen heyt vande Haven . . . . . 100—101